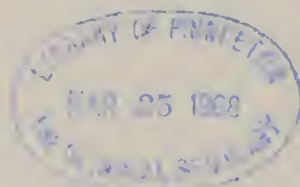
HISTÓRIA
DOS
BATISTAS DO BRASIL

De 1907
até 1935

Por ANTONIO N. DE MESQUITA

II VOLUME

HISTÓRIA DOS BATISTAS DO BRASIL

História dos Batistas do Brasil

de 1907 até 1935

POR

ANTÔNIO N. DE MESQUITA

DOUTOR EM TEOLOGIA

Lente de Introdução à Bíblia e Sociologia no Seminário do Sul do Brasil e ex-prof. de Hebraico e Velho Testamento no Seminário do Norte do Brasil

Êste livro foi escrito e publicado sob a direção do Departamento de Estatística e História da Casa Publicadora Batista do Rio de Janeiro

VOLUME II

1962

CASA PUBLICADORA BATISTA

Rua Paulo Fernandes, 24 (Praça da Bandeira)

Caixa 320 — Rio de Janeiro

II VOLUME

1907 — 1935

PRIMEIRO PERÍODO: Organização, 1907 — 1909

SEGUNDO PERÍODO: Expansão, 1910 — 1925

TERCEIRO PERÍODO: Consolidação, 1926 — 1935

HISTÓRIA DOS BATISTAS DO BRASIL

ÍNDICE GERAL

Capítulo VI

UNIÃO GERAL DAS SENHORAS NO BRASIL

PARTE II

MISSÃO DO NORTE — DO AMAZONAS Â BAHIA

Capítulo VII

PELO EXTREMO NORTE

Capítulo VIII

MISSÃO PERNAMBUCANA

Capítulo IX

MISSÃO BAIANA

PARTE III

MISSÃO DO SUL — DE VITÓRIA AO RIO GRANDE DO SUL

Capítulo X

MISSÃO DE VITÓRIA

Capítulo XI

MISSÃO CAMPISTA

Capítulo XVI

OUTROS TRABALHOS COOPERATIVOS

PARTE II

MISSÃO DO NORTE — DO AMAZONAS
Ã BAHIA

Capítulo XVII

CAMPO AMAZONENSE

Capítulo XVIII

CAMPO PERNAMBUCANO — 1910-1922

Capítulo XIX

CAMPO BAIANO

PARTE III

MISSÃO DO SUL — DE VITÓRIA AO RIO GRANDE DO SUL

Capítulo XX

CAMPO VITORIENSE

Capítulo XXI

CAMPO FLUMINENSE

Capítulo XXII

CAMPO DO RIO DE JANEIRO

Capítulo XXIII

CAMPO MINEIRO

Capítulo XXIV

CAMPO PAULISTANO

Capítulo XXV

POR OUTROS CAMPOS

TERCEIRO PERÍODO — CONSOLIDAÇÃO

PARTE I

Capítulo XXVI

CONSOLIDAÇÃO DO TRABALHO EDUCATIVO

Capítulo XXVII

CONSOLIDAÇÃO DO TRABALHO MISSIONÁRIO

Capítulo XXVIII

OUTRAS JUNTAS DA CONVENÇÃO

PARTE II

PELO VASTO NORTE

Capítulo XXIX

CAMPO AMAZONENSE

Capítulo XXX

AO REDOR DO LEÃO DO NORTE

PARTE III

POR TODO O SUL

Capítulo XXXI

REVENDO CAMPOS FELIZES

Capítulo XXXII

PELO CORAÇÃO DO BRASIL

RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO

Capítulo XXXIII

RESUMO GERAL — 1907 - 1935

Capítulo XXXIV

APÊNDICE

UMA PALAVRA

O trabalho que ora é pôsto na mão do povo não é, e nem podia ser, uma História dos Batistas, tais e tantas são as limitações que o autor teve de enfrentar. "Alguns Apontamentos para a História dos Batistas" seria um título mais consentâneo com a natureza do trabalho feito.

Quando fui honrado com o convite da Junta de Escolas Dominicais e Mocidade para escrever a História dos Batistas do período de 1907-1935; nem sequer sonhava com as surprêsas e dificuldades que em breve iria encontrar. Depois de alguma relutância, aceitei a tarefa, para em breve descobrir que o campo a percorrer e o vulto das atividades a estudar demandavam elementos de que não dispunha, tais como tempo bastante para viajar por alguns centros onde se encontram bons arquivos históricos do trabalho, para não falar das minhas próprias limitações. Descobri também que os documentos à mão, mesmo relativamente pobres, levariam a obra muito além dos limites recomendados pela Comissão incumbida de superintender a confecção da História. Não é segrêdo que o trabalho batista no Brasil representa um acervo de atividades compreendidas em evangelismo, educação, filantropia, patrimoniais, etc., que não pode ser visto em um esbôço como o que aí vai, especialmente tomando-se em conta que o período a estudar representa, como verão os leitores, a época de desdobramento do trabalho e o seu espraiamento por todos os estados da federação brasileira. Qualquer uma das várias atividades batistas daria substancial compêndio histórico. Assim, foi com grande dificuldade que tive de ver ficar de fora uma infinidade de boas informações que todos gostariam de ler e apreciar. Não seria exagêro afirmar que os cortes feitos no manuscrito depois de pronto compreendiam aproximadamente outro tanto do que ora é publicado. A razão de ser de tais cortes e reduções deve ser levada à conta do preço do trabalho, pois que pouco adiantaria publicar uma obra inacessível à bôlsa do povo.

A disposição da matéria é outra coisa que merece uma explicação. A princípio pensava que seria melhor descrever cada uma das atividades evangélicas através dos 29 anos que êste Período compreende. Descrever o evangelismo em todos os campos, depois educação teológica e literária, filantropia, etc.

Convenci-me de que, sendo os vários períodos tão diversos, um histórico assim pecaria contra a evolução histórica do trabalho e daria a impressão de que o que se fazia em 1906 obedecia ao mesmo critério do que se fazia em 1935. Decidi-me, portanto, pelo princípio de que cada época tem os seus métodos e circunstâncias próprias, que uma apreciação tanto do trabalho como das circunstâncias em que êle se desenvolveu, consultavam mais cientìficamente o estudo contemplado. Adotei, pois, a norma de descrever tôdas as atividades dentro de cada ciclo ou época. O período que vai de 1907-1909 é o do estabelecimento das bases cooperativas em tôrno da Convenção Batista Brasileira, organizada em 1907. De 1910-1925 é o de desenvolvimento do programa esboçado por efeito da citada Convenção. De 1926-1935 deu-se a cristalização ou consolidação de tôda a grandiosa obra batista no Brasil. Êste método pode merecer algumas críticas e eu não me sentirei molestado com elas, mas indiscutìvelmente é o que melhor se acomoda à nossa situação.

Entre as muitas faltas e lacunas que o leitor observará, apraz-me consignar aqui algumas. O trabalho batista é relativamente nôvo. Pouco mais de meia geração. Muitas das atividades dêste trabalho foram desenvolvidas por irmãos que ainda vivem. Não se poderia esperar que em tudo êles fôssem exímios e perfeitos. Houve muitos senões. Fazer uma análise anatômica de tudo que se fêz, certo ou errado, seria ofender irmãos que fizeram o melhor que puderam, nas circunstâncias em que se encontraram. Outros heróis que já tombaram estão ainda quentes em nossa memória e ninguém gostaria que se metesse o bisturi nas suas atividades. Seria uma profanação. Tanto isto é certo que alguns irmãos mais piedosos gostariam que eu escrevesse uma espécie de romance histórico batista. Vê-se daí que é cedo para escrever a história do trabalho no Brasil com uma amplitude perfeita. Sei que alguns dos meus leitores não me desculparão por estas limitações, mas tenham paciência até que êles mesmos, ou outros, possam usar estas notas e oferecerem ao povo batista uma História completa.

Há de certamente haver muitas falhas de ordem cronológica e histórica. As fontes de informação que pude consultar não foram muito pródigas na elucidação de certos fatos. Vali-me especialmente das coleções d'*O Jornal Batista* que examinei página por página, os relatórios publicados pela Junta de Richmond, documentos vários que se encontram no arquivo da História na Casa Publicadora e uma ou outra informação que irmãos bondosos ofereceram. Entretanto, as muitas deficiências do trabalho foram atenuadas pela contribuição que deram os membros da Comissão de História, corrigin-

do e melhorando o trabalho apresentado. Além disso, todos os campos tiveram oportunidade, por alguns de seus mais destacados líderes, de ler e criticar o trabalho, corrigindo e melhorando a parte que compreendia o trabalho do mesmo campo. Ainda, diversos irmãos leram o manuscrito, na sua inteireza oferecendo críticas e sugestões que sempre foram aceitas irrestritamente. Alguns campos ofereceram mesmo o histórico que diz respeito ao trabalho local. Alguns dos missionários mais em dia com o movimento histórico também leram o manuscrito e tiveram oportunidade de oferecer a sua contribuição ao melhoramento do trabalho. Assim, posso dizer que alguma valia que o trabalho tenha, deve ser posta à conta de todos êstes colaboradores; as falhas, senões e imperfeições sejam postos à minha conta. Nunca tive a pretensão de ser historiador, e muito menos historiador do trabalho batista. O que aí vai é a minha insignificante contribuição à compilação de dados preciosos das atividades pioneiras dos batistas no Brasil.

Rio, abril de 1940.

O AUTOR

Seção I

Primeiro Período — Organização

1907 — 1909

CAPÍTULO I

ÉPOCAS DAS GRANDES INICIATIVAS

Preliminares

O ano de 1907 abre um nôvo ciclo nas atividades batistas no Brasil.

Os primeiros vinte e cinco anos de atividades tinham consistido em espalhar a boa semente, fundar campos missionários, desbravar a selva, para depois se organizar todo êste trabalho em 1907. Em verdade, tinham passado os tempos "em que ninguém queria saber de nós", na linguagem do Dr. W. B. Bagby, em que de experiência em experiência se procurava acertar o rumo ao futuro. Tinham sido os dias pioneiros em que destemor se requeria, muita abnegação e altruísmo eram necessários, para entrar numa cidade, num Estado, e levar ao povo uma nova de que nunca tinha ouvido falar.

Essa situação não estava de todo mudada no começo dêsse período. Êramos ainda poucos, nossas igrejas estavam muito espalhadas, não tínhamos um Ministério educado e respeitável no meio católico, não tínhamos templos majestosos. Todavia, vista a situação daqui em diante, no seu conjunto, muito mudados estavam os tempos e as coisas.

A situação é diferente daqui em diante, não tanto pela natureza das atividades, que, do ponto de vista do evangelho, poucas mudanças podem oferecer, mas especialmente pelas novas atividades encaixadas em nosso programa evangélico, trazidas pelas organizações estaduais e gerais. Na maior parte dos campos missionários daquela época, ou missões como eram chamados, já havia organizações vazadas nos moldes das nossas convenções atuais, mas faltava-lhes a amplitude do programa das de hoje, limitando-se aos problemas locais. Faltava, por sua vez, uma convenção geral que norteasse o trabalho educativo e evangelístico dentro e fora do país. Faltava um programa que consubstanciasse todos os outros programas, que reu-

nisse tôdas as aspirações esparsas, que materializasse, enfim, os sonhos antigos de educação, evangelismo e missões, em que todos cooperassem e se sentissem incluídos. Essa realização veio com a Convenção Batista Brasileira que, com o seu vasto programa missionário, educativo e cooperativo, fundiu todos os planos das várias missões, tanto no que concernia à educação do Ministério, como a Missões domésticas e Estrangeiras. Prendeu, aliançou orgânica e cooperativamente os batistas espalhados por êsses nove milhões de quilômetros quadrados, de modo tal que as distâncias não concorriam para que se sentissem sós, isolados, como viviam até aqui, no dizer dos próprios missionários. Temos, pois, de convir, que de 1907 em diante, abre-se para os batistas uma nova era.

Esta presunção não é tanto do autor, pois que ela foi perfilhada pelos próprios dirigentes do trabalho daqueles tempos. Mesmo antes de 1907, quando se esboçavam no horizonte os grandes planos que vieram à realidade neste ano, e outros que nasceriam naturalmente das próprias condições do trabalho já desenvolvido, os porta-vozes batistas reconheciam que era chegado o tempo de dar ao trabalho outro rumo. Escrevendo à sua Junta, dizia Deter, em 1906: "Êste ano tem sido para nós um ano de transição de govêrno estrangeiro para govêrno doméstico." ([1])

Reno, escrevendo num jornal de Vitória sôbre a Convenção, dizia: "...As diversas escolas uniram-se num sistema uniforme... e cifram-se os batistas em mais de 5.000." ([2]) "Lembro-me, agora", dizia Bagby, num discurso proferido em Recife, numa de nossas Convenções, "da primeira Convenção Batista Brasileira, em 1907, no antigo prédio do Aljube." Na primeira noite da reunião, quando vi que tudo estava literalmente cheio, a grande sala, as portas e janelas, o pátio ao redor do prédio, reconheci a grande diferença entre aquêles dias e o princípio do nosso trabalho naquela cidade. Eu dizia ao meu companheiro: "Taylor, vê como tudo está cheio, como o povo vem ver o nosso trabalho. Oh! Taylor, que maravilha!" ([3])

Bastaria, pois, a organização da Convenção Batista Brasileira para marcar uma época e certamente foi o principal acontecimento. Com ela ficou organizado o trabalho denominacional de Educação, Missões, Mocidade, Publicações, etc. Por outro lado, ela levou as organizações existentes a se adapta-

---

(1) **FOREIGN MISSION BOARD REPORT, 1906. Referir-se-á à distribuição de responsabilidades com o aumento das contribuições das igrejas e conseqüentemente sustento e direção nacionais.**
(2) **«O Jornal Batista», junho de 1907.**
(3) **«Correio Doutrinal», janeiro, 29, 1926.**

rem à nova situação; e os lugares onde não havia organização estadual logo sentiram a necessidade dela, como no E. do Rio e Bahia. Foi o arregimentar das nossas fôrças para um grande movimento geral, a reunião dos muitos elementos espalhados por todo o Brasil. Foi a criação da denominação no país, que, ao lado de outras, havia de tomar o lugar glorioso no grande concêrto evangélico no Brasil.

Isto pôsto, podemos começar o nosso estudo da Segunda Parte da História dos Batistas no Brasil, estudo empolgante e inspirador.

Começaremos o estudo por períodos. O primeiro de 1907-1909, será o de organização. Foi nêle que se processou a organização do programa missionário e educativo esboçado pela Convenção na Bahia. O segundo, de 1910-1925, assiste ao desenvolvimento do nosso programa elaborado anteriormente. É o Período de Expansão tanto em Missões como em Educação. (4) Neste período também os vários campos ou Missões foram reunidos em duas Missões, uma no norte, do Amazonas à Bahia, outra no sul, de Vitória ao R. G. do Sul. Neste período a denominação desenvolveu-se com a formação do Ministério, a multiplicação das igrejas e maior liderança nativa. O terceiro e último período, de 1926-1935, é o período da maturidade. Começou por definir bem as relações entre a denominação e a Junta de Richmond. Estas relações sempre tinham sido cordiais e não sabemos que houvesse dificuldades sérias no trabalho em relação a esta Junta, mas o desenvolvimento que se tinha processado durante o longo período de cooperação pediria naturalmente que fôssem definidos os deveres cooperativos da Convenção Batista Brasileira e a Junta de Richmond. Foi isso o que se deu com as Bases de Cooperação votadas em 1925 e depois em 1936, de que daremos breve apreciação no lugar próprio.

---

(4) Na I Parte da História dos Batistas, o Dr. A. R. Crabtree usou esta mesma expressão para designar uma época de grande desenvolvimento. Não nos parece fora de propósito repetir a frase quando se trata de estudar o trabalho nos anos de 1910-1925.

CAPÍTULO II

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

A organização da Convenção Batista Brasileira foi um grande acontecimento na vida dos batistas do Brasil. Vinte e cinco anos eram passados desde que os batistas tinham fincado a primeira estaca de sua tenda no Brasil. De um ao outro extremo da grande terra "do Cruzeiro do Sul", tinham êles feito "ouvir o som do evangelho". Igrejas e convenções por tôda a parte, colégios e seminários na Bahia, Pernambuco e São Paulo estavam semeando as luzes da instrução. Convenções locais ou regionais iam surgindo por todos os recantos do país. Todavia, os batistas continuavam muito separados, sem uma organização de caráter geral, de maneira que unisse todos os esforços regionais em tôrno de um programa comum.

Certo dia estava o missionário A.B. Deter em casa de W. E. Entzminger e, depois do café brasileiro, disse Entzminger: "Deter, nós precisamos organizar uma convenção de missionários. Estamos separados, sós, sem contato uns com os outros. Precisamos de uma convenção que traga todos os missionários a certo lugar e ali ao mesmo tempo que passaremos horas felizes na troca de idéias sôbre o trabalho batista também recordaremos a vida em nossa terra." "Apoiado", disse Deter, "mas não uma convenção de missionários, e sim de batistas. Os batistas brasileiros devem ser convidados a tomar parte." ([1]) Entzminger, o grande batalhador e doutrinador da denominação batista no Brasil, não podia ver o interêsse que os brasileiros tomariam numa emprêsa destas. Êles nada sabiam de convenções gerais, não tinham dinheiro para viajar... seria muito difícil uma convenção de batistas. Adoeceu Entzminger de grave enfermidade, retirando-se para sua terra, e Deter foi chamado a tomar o seu lugar como diretor da Casa Publicadora. Neste serviço, Deter levou adiante a idéia de uma convenção de batistas brasileiros. Indo à Bahia, lá se encontrou com Salomão que tinha vindo de Pernambuco. Um dia, êle, Deter, Z. C. Taylor e Salomão trocaram idéias sôbre o trabalho em geral e o seu grande futuro, quando de repente Taylor sai-se com esta tirada: "Salomão, precisamos organizar uma convenção de batistas brasileiros." "Apoiado", respondeu êle. Deter, que já tinha tido idêntica idéia, ajuntou: "Muito bem. Precisamos unir-nos."

(1) **Nesta ou noutra ocasião chegou a haver uma reunião convocada com êste fim na casa de Entzminger, mas foi dissolvida sem que se chegasse a acôrdo quanto à forma da convenção.**

Estava lançada a idéia de uma convenção batista brasileira que haveria de unir os batistas de todos os estados em tôrno de uma só bandeira cooperativa, como estavam unidos em tôrno de uma bandeira doutrinária. Bagby, de S. Paulo, já tinha trocado idéias com Salomão sôbre o mesmo assunto, de modo que os grandes centros batistas estavam de acôrdo, pela voz de seus líderes. Salomão, Deter e Bagby constituíram-se automàticamente em comissão de propaganda e programa. Era preciso obter a adesão de outros elementos. Soren, pastor da Primeira Igreja do Rio, foi logo consultado, mas não concordou. Êle mantinha as opiniões de Entzminger, de que a convenção deveria ser de missionários. Deter escreveu e telegrafou a vários pastôres e missionários, pedindo a êstes que se comunicassem com Soren para que êste se aliasse ao movimento. Um dia, vindo à Casa Publicadora, disse a Deter: "Estou convencido que devo ir à Bahia à convenção. Tenho recebido tantas cartas e telegramas que não é possível resistir mais." "Muito bem, Soren", disse Deter, "vamos à Bahia."

Daí em diante a campanha recrudesceu de modo que de um a outro extremo do Brasil êste era o assunto do dia. "O Jornal Batista" foi pôsto a serviço da campanha e cada dia aumentava mais o número dos entusiastas. Restava, é certo, o problema das distâncias e a falta de meios monetários, mas... De fato seria mais fácil fazer uma viagem à França do que vir um homem de Manaus à Bahia. Os meios de transporte eram muito mais rudimentares, vagarosos, e os recursos muito minguados. Isto mesmo tinha protelado e afastado a idéia de uma convenção de todos os batistas. Mas o mais difícil estava vencido, que era obter unanimidade de vistas entre os mentores principais dos batistas. Pouco a pouco começavam a chegar as adesões dos obreiros mais distantes. Nelson, o apóstolo amazonense, prometia vir. Outros que não viriam, davam fôrça à idéia. Salomão não descansava no seu esfôrço a favor da convenção. Para animar, começou logo a falar-se em missões estrangeiras aos portuguêses, chilenos e africanos, ao mesmo tempo que se esboçava um extenso programa educativo para todo o Brasil. "As bodas de Prata" dos batistas seriam celebradas com o lançamento de um programa empolgante. Os missionários amiudaram os seus encontros para estudarem as bases do trabalho a serem lançadas e dentro de pouco foi-se chegando à unanimidade, tornando-se realidade pela fôrça dos elementos naturais, o que não tinha sido possível conseguir pela simples boa vontade dos líderes.

O lugar da reunião não sofreu muito debate, porque lògicamente a Bahia estava indicada para tal. Centro do trabalho batista no país, centro da vida clerical também, convinha le-

var ali a palavra viva dos crentes e aluir um pouco a velha montanha dos preconceitos e ultramontanismo. Iriam, pois, à Bahia. Outros problemas exigiam meticuloso estudo. Missões e educação teriam de assambarcar tôdas as preocupações. Os batistas tinham diversos colégios e várias escolas de teologia, mas não tinham nada pròpriamente que compreendesse os batistas em geral. Não tinham centros de atividade denominacional. Estavam muito espalhados e todo o trabalho estava fracionado. Teria, portanto, de haver um deslocamento de trabalhadores e trabalhos, para ajustar a causa geral à nova situação a criar-se. Para chegar a êste resultado realizam-se reuniões no Rio, Pernambuco e noutros lugares para que ao chegarem à Bahia não houvesse óbices sérios a vencer.

Próximo a junho de 1907 circulavam as notícias dos dias da partida e os prenúncios eram bons. Nelson desceu o Amazonas, trazendo tôda boa vontade dos poucos batistas daquele vale sem fim. Sua passagem custou... Cr$ 400,00. De passagem por Pernambuco arrastou diversos outros missionários e sempre descendo veio trazendo consigo muitos batistas ao longo da costa. Do Rio de Janeiro e Estados limítrofes partia luzidia comitiva pelo histórico "Alagoas". (2) A velha Bahia parece que nunca tinha sentido tanta vida e tanto sonho, idealismo e coragem.

A 22 de junho no antigo prédio do Aljube, na histórica cidade da Bahia, às 15 horas, era feita a chamada dos mensageiros, respondendo 43 representantes de 39 igrejas e organizações batistas.

Não sendo possível fazer a eleição na primeira sessão, funcionou provisòriamente como tal uma diretoria eleita por aclamação a qual dirigiria os trabalhos até que fôsse votada a Constituição. Na terceira sessão após ser votada a Constituição em caráter provisório até à Convenção seguinte, procedeu-se a eleição, sendo unânimemente aclamados os irmãos que compunham a diretoria provisória: Presidente F. F. Soren, Rio; 1º Vice, Joaquim F. Lessa, E. do Rio; 2º Vice, João Borges da Rocha, Recife; 1º Secretário, T. R. Teixeira, Rio; 2º dito, M. I. Sampaio, Bahia; Tesoureiro, Z. C. Taylor, Bahia. Ao Dr. Afonso Pena, presidente da República, foi passado o seguinte telegrama: "A primeira Convenção Batista Brasileira, comemorando o 25º aniversário da entrada dos primeiros evangelizadores no território nacional, felicita a nação em V. Ex., fazendo votos a Deus pela prosperidade e grandeza do Brasil. (aa) Bagby e Taylor."

---

(2) Veja «J.B.» de junho, 13 e 20, onde se encontra a lista dos mensageiros dos campos do sul.

É impossível, no curto âmbito destas notas, entrar numa apreciação do vulto e da importância das decisões da Convenção. No espírito, ela foi uma nota tonificante de vida e poder no evangelho. Assim, do início até o final foram os trabalhos em contínuo hino de vitória e glória a Deus. O favor com que o público baiano recebeu a Convenção, isto naquela época, também contribuiu, e bastante, para que o entusiasmo subisse de ponto, e os crentes ali reunidos antevissem o grande programa que seria desenrolado anos a fora. Pelas atas que temos, e informações vindas de várias fontes, a Convenção foi honrada com a presença de representantes das classes armadas, do país, altas autoridades civis, institutos de ensino, etc., (3) ao mesmo tempo que o povo em geral saudava com a sua presença a grande companhia batista.

Com êsse admirável espírito e entusiasmo correu a Convenção até o fim. As bases de uma grande denominação ali foram sàbiamente lançadas, pois que, não obstante ligeiras modificações no programa, feitas no correr dos anos, tudo está como naqueles memoráveis dias. A Constituição adotada é a mesma, com ligeiras emendas, que a prudência e experiência mandaram fazer. As organizações geradas na Convenção ainda operam mais ou menos nos mesmos moldes.

Gostaríamos de dar uma resenha de suas reuniões anuais, suas várias diretorias, os principais problemas agitados nestas ocasiões, mas temos de abrir mão dêsse desejo em favor de outros informes, uma vez que a vida da Convenção poderá melhor ser vista através das suas várias juntas.

A primeira junta mencionada nas Atas da Convenção é a de Missões Nacionais ou de evangelização nacional, como às vêzes é chamada. Sua primeira sede foi na cidade de Campos, no Estado do Rio. A segunda junta, pela ordem, é a de Missões Estrangeiras, com sede em Recife. Vem depois a Junta da União da Mocidade Batista, mais tarde ampliada com a função de Escolas Dominicais, com sede na Bahia. A Junta de Educação e Seminário, com sede no Rio também. A Junta da Casa Publicadora, mais tarde absorvida pela de Escolas Dominicais, a Junta de Administração do Seminário que mais tarde foi mudada para Junta do Colégio e Seminário do Rio. Com estas juntas estava de fato bem ajustada a família batista. A estrutura era gigantesca para os poucos obreiros e poucos batistas, mas, como quem sonha com um grande futuro, sonhavam os nossos irmãos na Bahia, em 1907, e da sabedoria de seus sonhos nós pudemos testificar 28 anos depois.

---

(3) Atas da Primeira Convenção, 1907.

PARTE I

CAPÍTULO III

TRABALHO COOPERATIVO DOS BATISTAS

Educação

I — JUNTA DO COLÉGIO E SEMINÁRIO BATISTA DO RIO

Os batistas têm sido os pioneiros em muitas das mais célebres iniciativas do mundo. Na educação, luta pela liberdade de consciência, separação entre a Igreja e o Estado e em muitas outras conquistas da civilização moderna, êles têm contribuído, junto a outros, com uma grande parcela de entusiasmo e abnegação. No Brasil, não poderiam êles seguir outra trilha. Se o "Gigante pela própria natureza" havia de ser evangelizado teria de o ser pelos seus próprios filhos, com a cooperação, já se vê, dos missionários. Os nossos missionários eram bons psicólogos. Sentiram bem cedo que aos brasileiros cabia a tarefa de evangelizar o Brasil e serem os pastôres das igrejas e, para desencargo de tão grandiosa tarefa, só educando os moços que o Espírito Santo estava chamando.

As várias tentativas feitas anteriormente para preparar o ministério, encontraram eco nas discussões convencionais em 1907. O problema da educação, entre os de missões, ocupou notável lugar nas discussões convencionais. Notemos, outrossim, que pouco se falou em colégios pròpriamente ditos, mas em seminário. Certo que chegou a ser recomendado que houvesse colégios regionais em cada centro, [1] mas o tema foi a fundação do Seminário Batista do Rio.

A comissão de Programa da Convenção tinha indicado várias comissões para darem parecer sôbre as diversas fases do trabalho. Entre estas figurava a de Educação, composta dos irmãos Drs. João W. Shepard, W. Canadá, D. L. Hamilton e W. B. Bagby, exatamente os que tinham nos últimos anos estado à frente da educação, menos o Dr. Bagby que se tinha dedicado especialmente à evangelização. A Convenção aceitou esta Comissão. Na sexta sessão convencional o Dr. Shepard deu o parecer da Comissão (infelizmente êste relatório não consta das Atas) sôbre o trabalho teológico e o Seminário, pa-

---

(1) Ata da Convenção, 1907, nº 6.

recer êste que, por proposta do irmão A. B. Deter, foi aprovado, ficando, porém, sujeito às modificações que a Junta de Educação, agora nomeada, lhe quisesse fazer. (2) Canadá leu sua tese: "Sistema Educacional"; o Dr. Shepard leu outra, "Serviço Teológico e Seminário". (3) Na sessão seguinte foi apresentada a lista das novas Juntas da Convenção onde figurava a Junta de Educação e Seminário com sede no Rio de Janeiro, e mais a Administração do Seminário, uma espécie de junta que mais tarde encampou a tarefa da de Educação, ficando esta como junta coordenadora da educação em geral. Faziam parte da Junta de Educação e Seminário os irmãos Drs. João W. Shepard, A. B. Deter, W. B. Bagby, D. L. Hamilton, O. P. Maddox, Z. C. Taylor e W. H. Canadá. Da Administração do Seminário, faziam parte os irmãos: W. B. Bagby, A. B. Deter, Z. C. Taylor, por três anos; Salomão L. Ginsburg, A. L. Dunstan, por dois anos; L. M. Reno, W. H. Canadá, D. F. Crosland, por um ano. Ainda nesta sessão foi proposto pelo irmão A. B. Deter "que o nosso futuro colégio e seminário central seja estabelecido no Rio de Janeiro", e o mesmo irmão ainda propôs que o nome do dito educandário seja: "Colégio e Seminário do Rio". Tudo que se tinha dito na convenção sôbre educação ficou, por proposta do irmão Deter, sob os cuidados da Junta de Educação "para estudo, e resolver o que fôr mais conveniente". (4)

Estava lançada a fase denominacional da educação literária e teológica dos batistas sob os auspícios da Convenção Geral. Longe como nos encontramos daqueles dias, mal podemos sentir o calor daquela e de outras iniciativas em que foi fértil a primeira Convenção Batista Brasileira.

De volta da Convenção, como já tivemos oportunidade de notar, em conexão com outras fases do trabalho cooperativo, o Dr. Shepard lançou mãos à obra. Não voltou a Pernambuco a dirigir o Seminário que lá existia, mas veio para o Rio, conforme fôra assentado.

Não era possível abrir logo a nova instituição. Isso requeria tempo e dinheiro além de estudos acurados da situação, sôbre, onde e como seria aberto o colégio e seminário. Entretanto, o Dr. Shepard não ficou ocioso o resto do ano. Abriu a campanha pelo "O Jornal Batista" com uma série de artigos bem lançados, judiciosos e reveladores de uma nítida visão da realidade batista brasileira para aquêle tempo e para o futuro. Em verdade, a nova instituição, a ser fundada, não

---

(2) Atas de 1907.
(3) Ibid.
(4) Ibid.

contemplava o enfraquecimento das outras já existentes, mas antes uma espécie de cerne ou centro, coordenando e impulsionando colégios pelos outros estados. Da espécie de programa a ser apresentado à Convenção salienta-se: "Estabelecer uma academia e um Seminário Teológico no Rio de Janeiro. Cuidar de fortalecer os colégios nos diversos estados. Obter recursos, tanto de fontes nacionais como estrangeiras, para a fundação de uma grande academia-seminário no Rio de Janeiro. Para fortalecer os colégios nos diversos estados, como também para fundar escolas nas diversas localidades das igrejas." ([5])

Logo de volta da Convenção, publicava o Dr. Shepard no número 38 do ano VII, outubro 17, do "O Jornal Batista", a plataforma do programa de propaganda a favor da nova cruzada. Entre outras coisas publicou: "...O nosso trabalho chegou ao ponto, já o temos dito mais de uma vez, em que ou há de declinar, ou então, para progredir, há de ter um ministério que à sua sólida preparação espiritual alie uma boa e sólida preparação intelectual. Abaixo de Deus, é disso que dependem as igrejas batistas do Brasil. Os moços e môças brasileiros terão de ser os salvadores dos seus conterrâneos. O trabalho dos missionários estrangeiros é apenas preparatório..." ([6]) Os vários artigos que se seguiram a esta introdução merecem uma reedição pela largueza dos conceitos e pelo ideal de que aos pastôres nativos, por excelência, devia caber a tarefa de levar o evangelho a seus patrícios e dirigir as igrejas. Eram dois ideais que valiam por um programa e um seguro êxito: preparar moços e môças e entregar-lhes a direção dos trabalhos das igrejas.

O resto de 1907 passou-se em conjecturas e planos para no início de 1908 ser estabelecida a nova instituição. Vários fatôres entravam nas cogitações do novel educandário: o local, o corpo docente e os meios de sustento. Não possuíam os batistas, naquela época, um palmo de terra onde fundassem a instituição. Estavam como disse João ao coxo, junto à Porta Formosa: — "Não tenho prata nem ouro..." (Atos 3:6). Entretanto tinham a riqueza de João: foi a muita fé no poder daquele que curou o coxo. Assim se foram evaporando os dias até que finalmente se decidiram a alugar uma casa enquanto não pudessem comprar uma ou comprar terreno para a edificarem. Essa casa demorava na Rua Haddock Lôbo, 176. Entretanto, por circunstâncias que não são precisas, o proprietário não cumpriu a a palavra empenhada, e os fundadores da instituição tiveram à última hora de procurar outra casa. "Deus escreveu direi-

(5) «O Jornal Batista» — abril de 1907.
(6) «O Jornal Batista» — outubro de 1907.

to em linhas tortas", dizia o Dr. Shepard no "O Jornal Batista" de 13 de fevereiro de 1908, pois não podendo alugar a primeira, encontraram outra muito melhor na Rua São Francisco Xavier, 3, Largo da Segunda-feira, onde tinha funcionado o Colégio Pedro II, casa que podia acomodar até 300 alunos. De casa não podia estar melhor servido o colégio e seminário, tanto pela largueza como pelo local e, diga-se de passagem, pela história da própria casa.

No dia 5 de março de 1908, aos 30 minutos da tarde, presentes os professôres da casa, diversos ministros, senhoras e cavalheiros, o Dr. Shepard, diretor, iniciou o serviço com o cântico do hino 51 do então Cantor Cristão, depois do que foi feita oração. O Dr. Soren leu um Salmo e a seguir foi dada a palavra ao orador oficial, Dr. Luiz Frederico Carpenter que produziu eloqüente discurso publicado no nº 2, de abril, do "O Jornal Batista". Saudaram o novel colégio vários representantes de igrejas evangélicas, sociedades bíblicas, jornais evangélicos, etc., tudo feito um tanto de afogadilho pela mudança de planos oriundos da mudança de casa. (7) A cerimônia foi destituída de formalidades protocolares, não sendo mesmo publicada a ata da sessão inaugural. De qualquer forma estava inaugurado o "Colégio Batista Americano Brasileiro" cujo programa pretendia ser um padrão para a educação batista em todo o Brasil.

Ao Seminário ficou reservada inauguração solene, em separado. "Aos 15 dias do mês de março, às 7.30 hs. da noite, presentes muitos irmãos e amigos, foi solenemente declarada aberta a sessão pelo diretor, Dr. J. W. Shepard. Depois de algumas palavras, foi convidado o Dr. Francisco de Miranda Pinto para ler uma passagem bíblica e fazer oração. O Dr. Soren fêz o discurso oficial. Outros oradores falaram, explicando, por fim, o Diretor, a natureza do curso a ser oferecido aos estudantes, abrangendo as matérias fundamentais da teologia e línguas originais, assim exposto: Introdução Bíblica, Estudo e Exegese do Nôvo Testamento, Teologia Sistemática e Pastoral, Eclesiologia e as línguas originais." (8) Para começar era um bom curso. Havia na ocasião cinco alunos, mas as esperanças de número considerável afagavam o pensamento dos dirigentes. No princípio não havia mobília, não havia recursos para a comprar, nem mesmo os que haviam sido prometidos na América tinham chegado. O povo haveria de receber a iniciativa reservadamente e com sérias restrições, e sòmente aos poucos seria possível ir cavando no ânimo da população

(7) «O Jornal Batista», de 12 março 1908.
(8) «O Jornal Batista» de 15 março 1908.

carioca o caminho para a grande instituição. Tudo dependia agora de perseverança. O Dr. Shepard mostrava-se extraordinário. O Colégio e Seminário seriam o padrão educativo para o Brasil todo e os batistas que viessem de uma ou outra parte sentir-se-iam orgulhosos de possuir na então Capital da República um educandário modêlo. Seria a instituição padronadora de tôdas as instituições dos batistas no Brasil. "A questão é se queremos uma instituição de primeira magnitude ou um pequeno colégio e ainda um menor seminário. O nosso ideal deve ser uma instituição que possa influenciar a vida do povo brasileiro de norte a sul." (9)

Foi em tôrno dessa bandeira desfraldada que as milícias batistas se alinharam, e os resultados aí os temos hoje no Colégio e Seminário Batista do Rio, Colégio de Vitória, Bahia, Alagoas, São Paulo, para não falarmos dos não menos valiosos educandários em Recife.

O primeiro ano foi como tudo mais, de experiências. No primeiro mês o colégio matriculou 19 alunos e durante o ano mais 12. Urgia agora equiparar o Colégio de modo a que pudesse ganhar o favor que outros na cidade possuíam. A Junta Administrativa fêz um apêlo à Junta de Richmond e esta respondeu, oferecendo 12.000 dólares na condição da "Sociedade Educadora Batista" levantar 3.000. Para aquêle tempo, quando nós olhavamos para as exigências do govêrno em matéria escolar com profundas reservas, e julgávamos os nossos métodos melhores que os oficiais, era arrojado o plano de jungir o colégio às exigências do govêrno; mas o que o Dr. Shepard querida era colocar o seu colégio em pé de igualdade com os outros. A oposição começou logo, por parte de alguns missionários e a equiparação não foi imediatamente conseguida.

Em lugar de equiparar o colégio foi decidido reforçar o corpo docente e fazer outros melhoramentos. O futuro, entretanto, forçou a mudança de opinião e o colégio foi equiparado.

"O Seminário ocupa o primeiro lugar em nosso afeto, e em importância para o futuro da causa", dizia o Dr. Shepard em seu relatório anual à Junta de Richmond, "mas o que o Seminário é, no presente, dependente do colégio quanto à sua eficiência e sustento." (10)

Estavam, pois, lançadas as bases do nosso admirável programa educativo pelo qual uma geração se tem orientado. Por muito que se faça no futuro, nunca êste grande idealismo inicial poderá ser esquecido.

---

(9) Ver artigos em «O Jornal Batista», 1908.
(10) Atas da Convenção Batista do Sul, EE. UU., 1910, pág. 131.

II — COLÉGIO E SEMINÁRIO DO RECIFE

Ao Campo Pernambucano cabe de fato a primazia de haver iniciado, em caráter definitivo, o movimento de educação teológica no Brasil, se bem que mesmo antes e depois, outros movimentos desta natureza tivessem lugar, pois que no E. do Rio, em S. Paulo, na Bahia e mesmo em Maceió, houvera classes teológicas.

Em 1900, dava Salomão Ginsburg, início a uma classe teológica, ajudado por sua espôsa, Dª. Emma Ginsburg. Eram os únicos professôres, e o *curriculum* não podia ir muito além de ligeiras noções de homilética e teologia. Os anos de 1900 e 1901 não assistiram a muito progresso, mas serviram para mostrar que o Norte precisava de tal gênero de trabalho.

No dia 1º de abril de 1902 era solenemente organizado o Seminário, (logo alcunhado pelos pedobatistas, de "o Seminário do mergulho") (ver História dos Batistas em Pernambuco), sendo convidado para diretor o missionário J. E. Hamilton, do Campo Alagoano, que tomou parte na organização, se bem que pouco tempo lhe viesse a dar como diretor, por em breve se mudar para Belém do Pará. O Seminário foi organizado com seis alunos e três professôres. Pouco depois chegava dos EE. UU. o Dr. W. H. Canada que vinha especialmente dedicar-se à educação teológica. A par com os seus trabalhos do Seminário, dirigia também uma pequena escola literária perto da 1ª Igreja. A 25 de julho de 1906 chegava também o Dr. J. W. Shepard especialmente enviado para o Seminário. A instituição estava bem servida, o futuro era promissor.

A verdadeira origem do Colégio Americano Batista de hoje deve-se a umas aulas que o Dr. Canada dirigia num casebre perto da 1ª Igreja. Por efeito da grande controvérsia religiosa, em 1903, na cidade do Recife, converteu-se o Frade Piani que logo se uniu aos missionários e passou a cooperar como professor do colégio. Todavia, a instalação como tudo mais, era pobre e urgia melhorá-la. Um antigo prédio de esquina no aristocrático Bairro de Manguinhos, na Praça do Amorim, foi cobiçado por Canada e Piani, mas até tentar alugá-lo era uma temeridade. Assim mesmo encheram-se de ânimo e alugaram o edifício. Havia pouco de tudo, mas o que mais faltava eram alunos. Canada foi à rua e atraiu quatro meninos que estavam brincando e com êles começaram as aulas. Assim, em 1906, era fundado o Colégio Americano Gilreath, nome que veio a ser mudado mais tarde para Colégio Americano Batista.

Tinham os batistas agora o seu colégio e seminário funcionando em lugares separados e com direção própria.

Infelizmente, as coisas não correram como se esperava. Em setembro de 1906 reuniram-se no Rio os missionários do sul, e Shepard tomou parte na reunião. Foi deliberado que fôsse fundado no Rio "um grande colégio e seminário", e Shepard, de logo, se tornou o grande campeão da nova instituição não voltando mais a Recife. Não sabemos se êle já veio com êste pensamento de sua terra ou não, o que é certo é que bem pouco tempo ficou em Pernambuco. Canada partia em junho dêste ano para o seu país, e o colégio e seminário do Recife ficavam sem direção, pois que Salomão sòzinho não poderia cuidar do campo e das instituições. Para que o colégio não fechasse de todo as portas, foi convidado o missionário inglês, congregacionalista, F. A. Gallimore, para o dirigir até que aparecesse o nôvo diretor. O seminário, porém, tinha de aguardar melhores dias.

O ano de 1907 passa-se neste ambiente de dúvidas sôbre a sorte dos estabelecimentos. Foi nesta emergência que surgiu um homem liberal e culto na pessoa do Dr. Alfredo Freire que, entrando para o corpo docente do colégio, deu nova forma ao trabalho, já ensinando várias matérias, tais como Latim, Português e outras, já influindo com a sua personalidade na vida da instituição e entre os elementos católicos. Passou 1907, tendo sido matriculados 32 alunos.

1908 foi mais benigno para Pernambuco. Em 23 de novembro do ano de 1907 chegara ao Recife o casal H. H. Muirhead. Logo se pôs a estudar a língua para poder assumir a direção do estabelecimento educativo, o que fêz em abril de 1908. Miss Bertha Mills, companheira de viagem do casal Muirhead, dedicou-se ao curso primário a que deu notável impulso. Estava assim bem servido o colégio com os novos e notáveis elementos. Mas o seminário continuava sem diretor, e isso não podia permanecer por muito tempo.

Em 1905 chegara à Bahia D. L. Hamilton que viera substituir seu irmão carnal, morto no Pará, de febre amarela, em 3 de dezembro de 1904. Dirigia nesse tempo uma classe teológica, o saudoso Z. C. Taylor, que de bom grado entregou êste trabalho a Hamilton. Dois anos depois, aí pelos fins de 1907, muda-se Hamilton para Maceió, trazendo consigo a classe que se poderia chamar de seminário ambulante. Em Maceió alugou casa e abriu um colégio, continuando a lecionar algumas matérias aos seminaristas que o acompanharam da Bahia. Em pouco o colégio recebeu uns 50 alunos e tudo indicava um futuro promissor. Muirhead e Salomão combinaram para ir a Maceió e trazerem Hamilton para Recife a fim de êste assumir a direção do seminário. Naturalmente houve um pouco de relutância, mas prometeu vir, e para não fechar o colégio no

meado do ano, pois era mais ou menos abril, declarou vir no fim do ano. No princípio de 1909 deixa Maceió sem mesmo consultar sua Junta, pelo que esta lhe escreveu mais tarde, alegando que nunca era possível saber onde êle se poderia encontrar. Logo que chegou a Recife, assumiu a direção do seminário, ficando recomposta a situação do trabalho e assentadas as bases para o grande surto de progresso dos anos vindouros. O colégio continuou a crescer, tendo matriculado em 1908 uns 77 alunos e em 1909 80 e tantos.

Êsse período começou mal para Pernambuco, como se viu, mas terminou bem. Foi o período de transição. As alterações que se deram daqui em diante foram sempre no sentido de melhorar o trabalho sem que qualquer solução de continuidade ocorresse. Os três missionários entendiam-se admiràvelmente, mesmo porque tinham tarefas perfeitamente definidas. Salomão era inigualável no evangelismo. Hamilton, vagaroso, bom doutrinador, cuidava do pequeno seminário. Muirhead, môço idealista, procurava encaminhar o colégio pela senda em que havia de encontrar os dias mais gloriosos da sua história. É neste ambiente de segurança e promessa que se encerra êste período que podemos chamar de organização do trabalho educativo batista em Pernambuco e quiçá no Brasil inteiro. No próximo período poderemos assistir deslumbrados ao grande surto de progresso que se procedeu em Pernambuco.

III — COLÉGIO AMERICANO EGÍDIO

Como os leitores viram na primeira parte desta obra, o colégio na Bahia foi fundado pelos missionários Z. C. Taylor e espôsa em cooperação com o irmão Egídio Pereira de Almeida. Pouco antes do início das aulas, morreu êste irmão e em homenagem à sua memória foi dado ao colégio o nome de Colégio Americano Egídio. As aulas abriram-se em março de 1898, no prédio da Rua do Colégio, 32, e ficou sob a direção de D. Laura Boston Taylor, até à sua retirada para os EE.UU., sendo depois sucedida neste lugar pelo missionário C. F. Stapp que mudou a sede para a Rua Democrata (Hospício), 47, hoje 45. [11] Mais tarde, com a ida de Stapp para Sergipe, ficou o colégio entregue aos batistas da capital que o reduziram a uma simples escola paroquial anexa à Primeira Igreja, sita na Rua Dr. Seabra. No pastorado do Dr. Adrião Bernardo, na Primeira Igreja, mais tarde, foi dado grande impulso à escola, sendo construído um galpão nos fundos do templo para melhor servir ao fim.

Ao lado do Colégio Americano Egídio funcionou também

(11) Em 1936.

uma classe teológica sob a direção do Dr. Z. C. Taylor, que a entregou ao Dr. D. L. Hamilton mais tarde, cuja classe, como já vimos, se mudou para Maceió quando da mudança dêste missionário para lá.

Foi no pequeno colégio da Bahia onde alguns pregadores do norte começaram os seus estudos para depois se transferirem a Pernambuco a fim de acabarem os estudos. Entre outros, mencionaremos os Drs. Tertuliano Cerqueira, Adrião O. Bernardo, Pastor Felix de Morais, José Felix Pereira e outros. Foi grande o favor de que gozou nos primeiros dias e foram grandes os benefícios que prestou.

IV — SÃO PAULO

O colégio de São Paulo foi fundado para educar meninas, e através dos anos tem mantido êste feitio. D. Ana Bagby continuava como diretora e, em 1907, dedicou a êste serviço a maior parte da sua vida em São Paulo.

Nesse ano matriculou 165 alunos, número admirável para aquêles tempos e circunstâncias. No seu relatório à Junta na América, dizia o irmão Edwards: "Duvido que haja nesta missão qualquer outro trabalho que esteja fazendo mais pela Causa de Cristo que o colégio... Edifícios próprios é o de que nós muito carecemos."

O internato estava a cargo de D. Annie Thomas que procurava inculcar no ânimo das meninas o espírito do evangelho.

Ao lado da escola para meninas pediam os missionários os meios para a fundação de um colégio para rapazes. "A coeducação não dá resultados no Brasil", dizia Edwards, "e assim nós estamos prontos a nos sacrificar, contanto que tenhamos esta escola."

Os anos de 1908 e 1909 não apresentaram qualquer novidade no tocante ao educandário. Sempre boas as palavras sôbre a contribuição que êle prestava ao evangelismo, desfazendo a propaganda e os preconceitos que se tinham armazenado na mente do povo contra os batistas. Continuava o pedido para a fundação do colégio para rapazes uma vez que o atual sòmente podia receber meninos até o curso primário e havia muitos pedidos para rapazes além desta idade.

V — VITÓRIA

A pequena classe literária iniciada no pavimento térreo da residência dos missionários Reno estava abrindo o caminho para a entrada do evangelho em muitos lares. A família Guimarães tinha ajudado muito neste trabalho ùltimamen-

te e, com a sua saída, o irmão Luiz B. de Almeida, de Rio Nôvo, foi convidado para o lugar, do qual também saiu, pouco depois, para reger a escola paroquial da igreja daquela vila. Veio então para o colégio em Vitória a senhorita Zilda Thompson.

O relatório de 1908 registra quatro escolas no Campo, a saber: Rio Nôvo, Cachoeiro, Barra de Itapemirim e Vitória, servindo esta de modêlo. Na de Vitória, além do curso primário, organizou-se anos mais tarde um curso mais complexo, havendo trabalho normal, de obreiros, classes de inglês e Jardim da Infância. Não sabemos dizer quantos alunos havia, o que, aliás, pouco importa, de vez que saibamos que estas escolas iam fazendo o trabalho de sapa para que depois pudessem chegar os evangelistas.

O ano de 1909 não apresenta qualquer alteração senão que outras escolas estavam em plano. A de Vitória ganhava cada vez mais a simpatia do povo e já agora os evangélicos não eram tão mal olhados pelos católicos. Todavia, o grande dia desta como de outras escolas estava reservado para o futuro. Por enquanto, era fazer tudo o que fôsse possível, ter paciência e esperar. Prédios, corpo docente habilitado e outras conquistas chegariam com o tempo.

VI — MACEIÓ

Mencionamos, nesta altura, o pequeno colégio aberto em Maceió em 1908 por D. L. Hamilton sòmente para não deixarmos êste claro sôbre outra iniciativa batista. Viveu pouco, mas viveu um ano, e neste curto espaço de tempo mostrou que se tivesse sido continuado o trabalho teríamos hoje uma obra muito mais vultuosa em Alagoas. A ida do seu diretor para Pernambuco deu fim ao colégio para vir ressurgir mais tarde, quando se radicou na "terra dos marechais".

Deixemos 1909 com a impressão de que os batistas tinham conseguido lançar raízes no solo brasileiro, no tocante ao ensino, como o tinham feito no tocante ao evangelismo. É certo que alguns dos educandários mencionados vieram a sofrer sérias intermitências nos anos futuros, mas a semente lançada havia de frutificar.

CAPÍTULO IV

TRABALHO COOPERATIVO DOS BATISTAS

I — MISSÕES NACIONAIS (COMEÇOS)

Era desejo do autor dar, mesmo em síntese, o trabalho das várias organizações da convenção através dos anos, mas o receio de aumentar demasiado a obra força-o a dar apenas as idéias mestras que têm governado o dito trabalho.

No breve histórico sôbre a convenção vimos que ela primou por ser idealista, atirando-se a um programa que bem caberia a um grupo de batistas contados por muitos milhares e não a um pequeno número de menos de cinco mil. Todavia, foi assim que fizeram e a nós sòmente cabe agradecer-lhes por êsse gênio de esperança e devoção.

A Comissão de Programa da Convenção tinha sugerido várias comissões entre as quais estava a de Missões Nacionais e Evangelização. O presidente consultou a casa se deviam ser aceitas as comissões sugeridas ou nomear outras, prevalecendo o critério da aceitação das já sugeridas. A 24, na sessão da manhã, eram aceitas as ditas comissões, cabendo relatar sôbre Missões Nacionais os irmãos Salomão Ginsburg, Joaquim Lessa, A. B. Deter, E. A. Nelson e E. A. Jackson. A 25 esta comissão dava parecer favorável, dizendo:

> «Temos certeza de que depois do sermão oficial, onde a necessidade de Missões Nacionais foi tão admiràvelmente patenteada; depois da exposição das Memórias e Teses, onde as oportunidades atuais de evangelização pátria foram claramente reveladas, poucos dos mensageiros presentes terão perguntado a si mesmo: Que devemos fazer? Que é que se pode fazer? A resposta a estas perguntas é clara e soa através dos séculos até nós: «Dize aos filhos de Israel que marchem» (Êx. 14:15). Não podemos ficar estacionários. Como denominação temos que avançar, porém avançar com método, em ordem e acima de tudo, unidos.
>
> «Para realizar o alto **desideratum** que nos está proposto, isto é, conquistar o Brasil para Cristo, a comissão apresenta à convenção as sugestões seguintes que devidamente estudadas devem ser adotadas. A organização de uma Junta de Missões Nacionais com sede na Bahia, que, de acôrdo com a convenção, desenvolva a evangelização pátria, tendo para isto os podêres e meios necessários desde já. (1)

Atendendo às recomendações dêste parecer, a Convenção nomeou uma junta de evangelização nacional com sede na

(1) Atas da Convenção, 1907.

cidade de Campos, Estado do Rio, ao invés de na Bahia, como fôra recomendado. Desta Junta faziam parte os irmãos D. F. Crosland, Joaquim Lessa, A. L. Dunstan, Dr. Francisco de Miranda Pinto, L. M. Reno, João Correia Pinto Peixoto e F. F. Soren. Estava, pois, organizada, com tôdas as honras do protocolo, a nossa Junta de Missões Nacionais. Para inaugurar o movimento foi tirada uma coleta que rendeu Cr$ 125,00. Com esta importância, e um caixão de Bíblias que foi oferecido, estava assegurada a campanha de que em grande parte dependia a evangelização do país. Se a Junta não tem feito tudo, tem, pelo menos, pôsto em prática boa soma de energias nessa direção.

Reunida a novel Junta, foi eleito Secretário-Correspondente o irmão J. F. Lessa. O primeiro ano foi, como tudo mais, de ensaios. Não era possível esperar muita atividade. O povo não estava preparado para essas arrancadas. No fim do ano, o secretário fazia um apêlo aos batistas brasileiros, expondo-lhes algumas idéias sôbre os planos que deveriam marcar a vida da Junta logo em seu início. Entre outras palavras dizia:

> «Dos 21 estados de que se compõem o Brasil apenas em 7 ou 8 há trabalho batista. Os nossos irmãos norte-americanos muito têm feito em favor de nosso povo, já mandando-nos missionários abnegados e zelosos, já despendendo anualmente centenas de contos de réis. Cabe-nos, agora, a nós batistas brasileiros, entrar com ousadia na luta já encetada e, de mãos dadas com os nossos denodados missionários, cerrar fileiras contra as trevas em prol dos milhões de almas, algemadas por Satanás...»

O apêlo ecoou na alma batista, porque, não obstante nada de positivo se ter feito no ano convencional, quando a convenção se reuniu pela segunda vez no Rio o entusiasmo era cadente, recomendando:

> I — Que se eleja uma nova Junta Nacional, tendo a mesma ou outra sede.
>
> II — Que a Convenção recomende a essa Junta o início do seu trabalho, auxiliando o já iniciado auspiciosamente no território Federal do Acre pelo irmão Crispiniano Silva, delegado à Convenção Batista de Petrolina (Pernambuco) da Missão Baiana. (2)

A Junta ia, pois, começar pelo extremo norte do Brasil, para começar bem. A Junta tem através dos anos tido várias sedes nos principais centros batistas, desde Pernambuco até São Paulo, tendo finalmente ficado no Rio, onde ainda se encontrava ao serem escritas estas notas. Seus secretários-correspondentes têm sido recrutados entre os elementos mais representativos dos batistas, quer missionários quer brasileiros.

---

(2) Atas da Convenção.

Passada a fase das oscilações a Junta começou mesmo seu trabalho nomeando, segundo tinha sido recomendado pela Convenção, o irmão Crispiniano Silva que já tinha um trabalho bem começado no Acre. Foi consagrado ao ministério, na Bahia, e enviado ao longínquo Acre. Logo que lá chegou organizou a igreja, e a 14 de março de 1909 era dedicado o templo que havia de abrigar a igreja.. Numa notícia tirada do "Estado do Acre", jornal publicado em Sena Madureira, lemos o seguinte:

> «É sempre para nós cumprimento de dever informar o público sôbre qualquer iniciativa útil e de largas conseqüências sôbre o trabalho e espírito.
>
> É sempre motivo de entusiasmo nesta casa, noticiarmos qualquer movimento de progresso em nosso território, referindo-nos a qualquer emprêsa ou doutrinamento que nesse sentido guie o espírito do povo acreano.
>
> Em Parangaba, seringal, sob a direção do Cel. Arnaldo Machado Vieira, há muito que a religião protestante tem seus adeptos fervorosos, tal a faculdade que êsse nosso amigo dá ao seu pessoal, para que cada um siga os ditames da sua consciência.
>
> É por isso que ali os cultos têm franco desenvolvimento, uma vez baseados na ordem, nos sãos princípios. A 14 de março próximo passado Crispiniano Silva instalava um templo, com grande concorrência, efetuando nessa ocasião muitos batismos. O templo está levantado a três dias de distância dos rios Iaco e Acre.»

Notícias animadoras estas! Todavia, sem que saibamos como, a Junta abandonou o trabalho e aquêle bom comêço foi, como tudo o mais que não é cuidado, uma obra gorada.

Abandonado o Acre, a Junta virou as suas vistas para o outro extremo do Brasil, cujos resultados apreciaremos no período seguinte.

II — MISSÕES ESTRANGEIRAS

Trabalho no Chile

Em linhas gerais demos a iniciativa da organização da Junta de Missões Estrangeiras como parte das atividades da Convenção. Reservamos para outro capítulo um breve esbôço do trabalho desta Junta.

Entre as comissões nomeadas pela Comissão de Programa da Convenção constava uma de missões estrangeiras, que depois foi reconhecida pela Convenção, composta dos irmãos: W. B. Bagby, Salomão L. Ginsburg, F. F. Soren e A. L. Dunstan.

A comissão deu parecer do qual extraímos as seguintes palavras:

«O evangelho que nós pregamos é essencialmente uma religião **missionária**. «Ide» é a primeira palavra do grande mandamento de Jesus Cristo, «Ide» é a primeira ordem dada a cada crente em Jesus... A história das missões no mundo é a história do próprio cristianismo. Cremos que o tempo já chegou para os crentes batistas no Brasil iniciarem o movimento para auxiliar a pregar a Cristo além das fronteiras nacionais, em tôda a América e em todo o mundo. Aqui mesmo, na América do Sul, temos muitos países não evangelizados. Em alguns dêles só há uma ou duas pessoas que atualmente pregam o evangelho, e onde o povo jaz na mais profunda ignorância e escuridão do evangelho. Entre êsses se acham a Bolívia, o Peru, o Equador, a Colômbia, a Venezuela e o Chile. Neste último já alguns anos existe o trabalho dos presbiterianos e metodistas. E agora parece que já chegou o dia para os batistas fazerem um trabalho excepcional naquele país.

«Não temos Missão Batista no Chile, porém temos lá 900 batistas crentes batizados! — Aleluia!

«Uma carta recebida há pouco comunica ao relator desta comissão que, apesar de não haver missão batista no país, existe lá a Missão da Aliança, e entre os missionários daquela missão há diversos batistas, que já batizaram uns **900 crentes chilenos**, e muitos dêstes desejam ser organizados em igrejas batistas! Parece que já chegou o tempo, irmãos batistas brasileiros, para enviarmos para o Chile um irmão missionário batista para ajudar na organização de igrejas batistas no Chile, e que peçamos aos batistas dos Estados Unidos, que enviem já para o Chile ao menos dois missionários permanentes para tratar de levar adiante a nossa causa na República Transandina, sempre a melhor amiga do Brasil.

«Recomendamos também que se trate de principiar quanto antes uma missão batista em Portugal. Recomendamos que haja uma Junta de Missões Estrangeiras em Pernambuco.» (3)

Na sexta sessão da Convenção foram eleitas as várias juntas, inclusive a de Missões Estrangeiras, composta dos seguintes irmãos, e com sede em Pernambuco: W. H. Canada, João Borges da Rocha, Salomão L. Ginsburg, Pedro Falcão, José Paulino, Dr. W. B. Bagby e E. A. Nelson.

O Dr. Bagby foi eleito secretário-correspondente e a Junta começou a executar as sugestões recebidas da Convenção mesma, entre outras as seguintes:

«O irmão Eurico A. Nelson propôs, e foi aprovado, que se recomendasse à Junta de Missões Estrangeiras que se mandasse o irmão Bagby ao Chile visitar os batistas que ali há, e ver se aquêle deverá ser ou não o nosso primeiro campo missionário estrangeiro. «O irmão Canada propôs, e foi aprovado, que se recomendasse à mesma Junta de Missões Estrangeiras estudar as possibilidades de abrir trabalho batista em Portugal.» (4)

---

(3) Atas da Convenção, 1907.
(4) Atas da Convenção, 1907.

A nova Junta não perdeu tempo, assentando o programa do trabalho, com essa vasta visão que tem caracterizado os batistas brasileiros, pois que só um grande arrôjo poderia ter levado aquêles irmãos a pensarem em evangelizar tôda a América Latina, Portugal e até mesmo a África. Deu-se início à primeira recomendação acima, indo no princípio do ano seguinte o Dr. Bagby ao Chile visitar o trabalho e ver que probabilidades oferecia. Do seu relatório à segunda convenção reunida, em 1908, no Rio de Janeiro, extraímos alguns dados importantes:

> «No dia 24 de março de 1908 parti do Brasil, embarcando no vapor «Avon» da Mala Real Inglêsa, para Montevidéu e Buenos Aires, em demanda à República Transandina.
>
> «Na sexta-feira, 27, avistamos a bela capital oriental, Montevidéu, cidade bem edificada e progressista, mais ou menos do tamanho de São Paulo. Precisamos urgentemente de estabelecer uma missão batista naquele centro populoso.
>
> «No sábado de madrugada já nos achávamos na colossal cidade platina de Buenos Aires, onde veio ao meu encontro nosso missionário batista, Rev. S. M. Sowell, primeiro missionário batista enviado dos Estados Unidos à Argentina, há quatro anos.
>
> «Na manhã de um belo dia embarquei no Expresso Pacífico para a longa viagem através dos pampas argentinos...
>
> «Lá chegando, encontrei-me com o veterano obreiro na vinha do Senhor, o Rev. W. D. T. Mac Donald, que trabalhava há uns 15 ou 20 anos no Chile, Bolívia e Peru, em prol do evangelho. O irmão Mac Donald durante alguns anos foi o agente da Sociedade Bíblica Britânica, percorrendo grande parte do Chile e da parte costeira das duas Repúblicas do norte. Durante os últimos dez anos está morando e trabalhando no sul do Chile, na zona de Temuco, onde já fundou um bom número de igrejas batistas. Em companhia do irmão Mac Donald fui visitar nossas igrejas daquela região. Tive o prazer de conhecer logo o experimentado e incansável obreiro chileno batizado, sendo êste batismo realizado por um velho batista alemão...
>
> «No domingo, 26 de abril, realizamos uma reunião geral em Cajon, onde representantes de onze igrejas batistas e uns quinhentos ou mais membros resolveram formar-se numa 'União Batista Chilena' (aspas do autor), unindo assim as nossas fôrças na República, e iniciando a União Batista, composta exclusivamente de verdadeiros batistas. Com muito entusiasmo declararam-se firmes e unidos na defesa das doutrinas batistas aceitas por todo o mundo. Apelaram para os batistas brasileiros e norte-americanos, para o seu auxílio na evangelização da pátria chilena...
>
> «Depois de um mês no país, despedi-me dos carinhosos irmãos, e embarquei no expresso para Concepción, importante cidade costeira, com uns cinqüenta mil habitantes... No dia 29 de abril embarquei em Lota, no vapor 'Ouropesa' para a viagem pelo estreito de Magalhães a Montevidéu e Buenos Aires... Passei uma semana em Buenos Aires, conhecendo mais de perto, os irmãos platenses, visitando diversos lugares e pontos da cidade e conversando com os obreiros.

«No domingo falei de noite perante a congregação da Igreja Batista de Lima, onde o Pastor Spite está fazendo uma obra valiosíssima em prol da nossa causa. Na quarta-feira contei aos irmãos da Igreja de Once, a minha experiência no Chile e a grande necessidade de sustentarmos obreiros naquele campo. Os irmãos das duas igrejas buenairenses espontâneamente ofereceram mandar ao Chile o ordenado do Pastor Valdívia para o mês de maio e as igrejas de Rosário e Santa Fé provàvelmente ajudarão nesta obra tão nobre e gloriosa.

«Parti de Buenos Aires no dia 15 de maio e, na têrça-feira de madrugada, enxergamos, através das neblinas, a querida terra brasileira...» (5)

Na mesma convenção de 1908 foi lida uma carta do missionário W. D. T. Mac Donald, comunicando a organização da "União Batista Chilena" e uma resolução da mesma nos seguintes têrmos:

«Resolvido que o presidente seja autorizado a remeter uma expressão dos nossos agradecimentos cordiais aos nossos irmãos batistas no Brasil, pelo seu espontâneo desejo de auxiliar-nos na nossa luta, para manter e propagar os princípios batistas nesta República. Que nos sentimos muito gratos por terem enviado o Rev. Dr. Bagby para nos ajudar a levar a efeito os princípios pelos quais nós temos combatido há anos. Que temos achado nêle um irmão de profunda piedade, de conselhos sábios e firmes, colhidos em muitos anos de experiência. Êle muito se encareceu de todos nós. Louvamos a nosso Deus por causa dêle.» (6)

Nesta mesma convenção foi aceito o relatório dado e votado que se assumisse a responsabilidade do desenvolvimento do trabalho no Chile. Valia a pena. Havia lá, segundo os melhores cálculos, 500 batistas e mais de uma dezena de igrejas. Especialmente convinha ajudar êstes irmãos em virtude de sua abnegação. Os irmãos chilenos tinham pertencido a uma organização interdenominacional, ao que parece, e nela não podiam continuar segundo se depreende de um outro trecho da carta do missionário Mac Donald:

«Nossa separação da 'Aliança' foi unânime, como bem vos poderá informar o vosso delegado. O escritor destas linhas (W. D. T. Mac Donald) há muitos anos trabalha e suplica ao Senhor por uma tal mudança e bastou dar-se o sinal para tudo entrar em ação. É muito raro, quase desconhecido na História Eclesiástica, dar-se uma tal mudança com tanta harmonia e união. Não há dúvida de que temos tido, e ainda teremos, oposição dos obreiros da 'Aliança', porém Aquêle que é por nós é muito mais do que aquêles que são contra nós.» (7)

---

(5) Atas da Convenção de 1908. Os irmãos que desejarem ler por extenso o relatório poderão fazê-lo, munindo-se das atas respectivas. Os trechos que omitimos não são fundamentais à clareza do assunto, e o fizemos por amor ao pouco espaço de que dispomos para tanta matéria.

(6) Atas da Convenção, 1908.

(7) Atas da Convenção, 1908.

Sendo êste o quilate dos batistas chilenos, urgia não os abandonar e isso os crentes batistas brasileiros fizeram até que os puderam ver amparados.

Pelos relatórios das convenções seguintes verifica-se que o trabalho não tinha enfraquecido, ao mesmo tempo que os batistas brasileiros não tinham desanimado com a nova e tremenda responsabilidade. O relatório do segundo ano acusou uma receita de Cr$ 3.394,26 que tinham sido aplicados no sustento parcial dos pastôres Antônio Valdívia e Mac Donald. Os dez tostões *per capita* pedidos na primeira convenção continuaram a figurar em tôdas as recomendações futuras, e, se nem todos atenderam ao apêlo, podemos hoje saber que regularmente a Junta enviava $50.00 pesos (ouro) ou fôsse Cr$ 150,00 mais ou menos, que naqueles bons tempos era dinheiro. Além desta despesa, ajudava-se um estudante chileno no Seminário do Rio com a importância de Cr$ 10,00 mensais.

Isso que aí fica representa, num alto grau, o espírito de amor pelas almas perdidas não só no Brasil como noutras terras. Todavia, não era tudo o de que os chilenos careciam e os batistas brasileiros bem sabiam disso, tanto assim que logo começaram a fazer apelos a outros irmãos batistas noutras terras para que viessem ajudá-los na grande tarefa em que, de coração, se tinham metido. Nas convenções seguintes, esta nota nunca mais deixou de ser sentida e isso teremos de ver quando entrarmos no estudo do período seguinte.

Trabalho em Portugal

Já foi notado que ao mesmo tempo que se viravam os batistas reunidos em Convenção na Bahia, em 1907, para o Chile, contemplavam com o mesmo carinho, o velho Portugal, mãe-pátria. Era uma dívida de gratidão que os batistas desejavam pagar como ninguém mais. De lá tinha vindo a sua civilização, a língua rica e bela, a maior parte do seu sangue e também o seu idealismo e sonho. Por que não mandar a essa gente de "barões assinalados" aquilo que ela não podia ter dado ao Brasil, o evangelho? Certamente. Assim entre as recomendações da comissão sôbre Missões Estrangeiras lá estava: "...que se trate de principiar quanto antes, uma missão batista em Portugal." (8) O ano logo se esgotou e outro principiou e a resolução não tinha tido andamento. Não era fácil. Tanto nativos como missionários lutavam com sérias dificuldades financeiras e uma viagem dessas, junto com a que tinha sido feita ao Chile, e que tinha consumido Cr$ 1.250,00, grande fortuna

(8) Ver Atas, 1909, pág. 36.

para os tempos de antanho, não era fácil. Chegou a segunda convenção e nada tinha sido feito a favor de Portugal. Mas os batistas não desanimaram. Voltaram à carga, e desta feita foi convenção e nada tinha sido feito a favor de Portugal. Mas os detença a Portugal, e a 2 de novembro dêste mesmo ano (1908) chegava a Portugal, pelo "Amazon", o missionário Z. C. Taylor, dirigindo-se logo ao Pôrto onde havia um remanescente grupo de crentes pertencentes ao trabalho do Sr. Young, que por doença se havia retirado para sua terra, Inglaterra. O Dr. Taylor chegou, viu e... organizou a 1ª Igreja Batista do Pôrto no dia 27 de dezembro dêsse mesmo ano, batizando diversos irmãos que estavam prontos para êste passo. Organizou a igreja com 10 membros. [9] Como o missionário não se pudesse deter por muito tempo, a novel igreja convidou como pastor o Sr. Jerônimo Teixeira de Souza, que por pouco tempo estêve à frente do trabalho por se retirar para o Brasil.

Organizada a igreja, voltou ao Brasil o missionário Z. C. Taylor, dando à Junta o relatório dos trabalhos. Esta deu à terceira convenção em 1909 informações animadoras que levaram a comissão ao parecer de recomendar: "Que um representante batista seja enviado a Portugal para trabalhar naquele campo, organizando e doutrinando os crentes batistas ali e levando avante a evangelização daquele país." Entretanto, esta boa recomendação ficou esperando por melhor oportunidade já pela falta de recursos, já de obreiro. O mais que a Junta pôde fazer foi enviar de quando em quando alguma coisa para ajudar nas despesas de aluguel.

Passaram-se alguns anos e nada de real se pôde fazer na "santa terra". Não tinha ainda chegado o dia.

---

(9) Ver Atas, 1909, pág. 36.

CAPíTULO V

TRABALHO COOPERATIVO DOS BATISTAS

I — JUNTA DE EDUCAÇÃO E SOCIEDADE EDUCADORA

Antes mesmo da fundação do colégio e seminário do Rio, outra organização educativa estava em vias de formação — A SOCIEDADE EDUCADORA BATISTA DO BRASIL. Verifica-se daí que em tôrno do problema educativo giravam agora três organizações: Junta Administrativa do Colégio e Seminário, Junta de Educação, ambas nascidas na primeira Convenção Batista Brasileira, na Bahia, e mais a Sociedade Educadora, criação do Dr. J. W. Shepard. A primeira destas juntas, como sabemos, tinha por função precípua dirigir o seminário e o colégio. A segunda visava coordenar a educação dos batistas em geral, como espécie de Superintendência Geral do Ensino Batista. A terceira, de difícil função, pretendia alistar todos os crentes por meio de contribuições mensais a fim de ajudar na educação dos filhos dos crentes, além de outras particularidades do seu programa. (1)

A 30 de janeiro de 1908 publicava *O Jornal Batista* um projeto de Estatutos da dita Sociedade. Pelo que se depreende dêstes Estatutos, visava ela controlar todo o trabalho educativo no Brasil, incorporando as duas juntas de Educação e do Seminário. O art. 2 diz: "A Sociedade tem por fim auxiliar a mocidade digna, e principalmente os moços batistas, a adquirirem uma boa educação e uma instrução sólida." Pelo artigo terceiro entende-se o seu espírito controlador do sistema educativo: "A Sociedade procurará manter um sistema de escolas batistas no Brasil, tratando especialmente da fundação e desenvolvimento de uma grande instituição central que se comporá de uma Academia e um Seminário, situados na capital da República." Ã Sociedade podiam pertencer todos os crentes batistas e contribuírem regularmente. Além da diretoria, pròpriamente dita, teria a Sociedade duas sub-diretorias, a Junta

---

(1) O relatório da Junta de Educação apresentado à terceira Convenção consignava: «(1) Uma academia e seminário no Rio; (2) Colégios correlativos em diversos centros; (3) Escolas primárias e preparatórias em centros menos populosos. «Sòmente as instituições que se conformarem com as condições e exigências dos Estatutos da Sociedade Educadora poderão fazer parte do sistema orgânico.» Ainda sôbre a S.E.B. diz: «Esta organização, que teve sua origem na Convenção de 1908, no Rio, constitui a base do sistema de educação batista no Brasil.»

de Educação e a do Seminário; mais ainda: incluiria representantes da Junta de Missões Estrangeiras e da Junta de Richmond. (2)

Na convenção seguinte (junho de 1908) a Comissão de Parecer da Junta de Educação recomendou:

> «I — A adoção da Sociedade Educadora Batista como parte integrante na nossa Convenção para ser adotada em todos os nossos campos, em tôdas as nossas igrejas e congregações e que a convenção recomende com todo ardor a propaganda desta Sociedade entre os membros de nossas igrejas, para que até ao fim do ano esta Sociedade tenha ao menos 500 sócios contribuintes.» (3)

Logo depois de apresentado o parecer de que damos acima o primeiro parágrafo, foi concedido ao Dr. Shepard, mediante a inversão dos trabalhos, a permissão para fazer o discurso sôbre "A Sociedade Educadora Batista, Seu Caráter e Sua Razão de Ser", e logo depois o mesmo irmão propunha que o presidente da Convenção fôsse o presidente da Sociedade.

Com a aceitação do parecer ficou oficialmente estabelecida mais esta agência educativa dos batistas.

Verifica-se ainda pelo parecer da Comissão da Junta de Educação que era esta que superintendia todo o sistema educativo nesta época, mas também se verifica pelos Estatutos da Sociedade Educadora Batista, art. 6, que tanto a Junta de Educação como a Junta Administrativa do colégio e seminário passariam a ser sub-diretorias da mesma Sociedade.

A Junta de Educação relatou que os colégios de São Paulo, Pernambuco, Maceió e Vitória estavam prosperando ao mesmo tempo que o Colégio do Rio tinha matriculado mais de 30 alunos e o Seminário 6 seminaristas.

Durante o resto do ano de 1908 foi feita grande propaganda a favor da Sociedade Educadora pelo presidente Dr. F. F. Soren, conseguindo-se o arrolamento de vários sócios contribuintes cujos fundos eram aplicados no auxílio a seminaristas. Parece que o povo aceitou a idéia e cooperou com ela. Na Convenção em Recife, 1909, ficou a Sociedade com uma diretoria representativa, espalhada por todo o Brasil, composta de um presidente, oito vice-presidentes, e um secretário-arquivista. Nesta mesma Convenção o secretário-arquivista, Dr. F. de Miranda Pinto, apresentou um relatório em que ficaram perfeitamente delineadas as funções da Sociedade: "A Sociedade é uma organização das organizações já existentes, a saber: A

---

(2) «O Jornal Batista» de 30-janeiro-1908.
(3) Atas da Convenção, 1908, pág. 31.

Junta de Educação, a diretoria do colégio e seminário e comissões locais de diversos centros. Os ramos de sua completa organização, bem como sua relação com a diretoria de Missões Estrangeiras, se mostram pelos estatutos."

Com as poucas linhas que aí ficam, damos por findas as atividades da Junta de Educação e Sociedade Educadora. Poderíamos nos períodos seguintes traçar aqui e ali a sua fraca atuação, procurando reagir contra os elementos que lhe minavam a existência, mas parece que isto será perfeitamente dispensável, uma vez que nenhum papel relevante elas tiveram depois do período em que nasceram.

Folheando as Atas da Convenção Batista Brasileira, encontramos ainda por alguns anos ligeira menção da Sociedade Educadora e da Junta de Educação; mas esta nenhuma influência tinha no trabalho educativo e aquela se limitava a ser recomposta em cada reunião convencional, sem que, todavia, fizesse qualquer coisa apreciável para adiantar o trabalho de Educação. Parece que não havia lugar para a Sociedade Educadora nos moldes em que ela foi idealizada; não se diria o mesmo quanto à Junta de Educação.

II — JUNTA DA CASA PUBLICADORA BATISTA (4)

Primeira Fase

Dos começos dêste trabalho viram os leitores no I Volume. Cabe-nos, nesta altura, apresentar, bem resumidamente, os passos que seguiu esta organização.

Incluímos esta Junta no capítulo sôbre "Junta de Educação e Sociedade Educadora Batista" para não alongar demasiado o número de capítulos, e não porque ela não merecesse, por si, um tratamento à parte. O mesmo faremos com a Junta da Mocidade Batista e Escolas Dominicais. Talvez o agrupamento destas várias atividades num só capítulo lhes dê mais concisão e interêsse.

Em janeiro de 1907 *O Jornal Batista* começou também um período nôvo na sua já longa carreira. Começou a ser publicado com 8 páginas ao preço de Cr$ 8,00 por ano, ao invés de quatro páginas e Cr$ 5,00 a assinatura. O número de igrejas tinha aumentado, e tudo pedia que fôsse ampliado o jornal que as servia.

---

(4) Foi êste o título dado à Junta na 1ª Convenção, mas da 2ª em diante passou a chamar-se Junta de Publicações.

Devido, talvez, à nova fase de vida que se esboçava ou ao impulso que o jornal ia tendo, o então diretor do *O Jornal Batista*, o irmão A. B. Deter, anunciou, a 13 de junho dêsse mesmo ano, uma nova organização, a da Sociedade Publicadora Batista com a seguinte diretoria: presidente, W. B. Bagby; secretário, Dr. F. de Miranda Pinto; tesoureiro, gerente geral e redator do *O Jornal Batista*, A. B. Deter. Vogais, D. F. Crosland, O. P. Maddox e S. L. Ginsburg. Deter retira-se a 7 de julho para sua terra, passando a direção dêste trabalho ao missionário A. L. Dunstan. Foi esta mesma diretoria acrescida do nome de Z. C. Taylor, que constituiu a Junta da Casa Publicadora eleita pela 1ª Convenção Batista Brasileira na Bahia em 22-27 de junho.

A 23 de agôsto do mesmo ano retorna dos Estados Unidos, contra tôdas as espectativas, o irmão W. E. Entzminger, antigo diretor da Casa, que, restabelecido de terrível enfermidade, retoma a direção do trabalho. Como o trabalho da Casa se tivesse desenvolvido grandemente, o nôvo diretor achou por bem dividir as responsabilidades, cabendo a Dunstan a parte comercial e a Entzminger a parte redacional de todos os periódicos, vindo pouco depois, em novembro (de 1907), a recair também a administração no irmão Entzminger com a retirada de Dunstan.

Estas mudanças, alterações e adaptações eram naturais a um trabalho grande com poucos obreiros. Entretanto, 1908 acomodou-se perfeitamente às bases de 1907.

Em junho de 1909, na terceira Convenção Batista Brasileira, realizada em Recife, foi *O Jornal Batista* feito órgão oficial da mesma Convenção, procurando-se torná-lo, de fato, o jornal de todos os batistas, o porta-voz de tôdas as suas atividades. O preço tinha sido baixado para Cr$ 6,00 por ano, tendo em consideração a pobreza dos muitos leitores que o desejavam ler.

Os passos dados pela Casa Publicadora Batista neste período, bem como *O Jornal Batista*, não foram muito largos porque o período foi curto, mas se tomarmos em consideração a época, podemos afirmar que fundas e sólidas raízes dêste trabalho foram lançadas. O período áureo dêste, como dos outros trabalhos, ficou para o próximo período.

As publicações eram, além do *O Jornal Batista*, *O Brasil Evangélico*, jornal nìtidamente evangelístico, as lições dominicais para adultos e para crianças, além de folhetos e o *Cantor Batista*.

III — JUNTA DE ESCOLAS DOMINICAIS

Primeira Fase

O nosso trabalho de publicações para as Escolas Dominicais tinha começado antes dêste período, e já era tal em 1907 a sua vulgarização, que foi julgado necessário criar também uma Junta para dirigir o mesmo trabalho. A dita Junta ficou composta dos seguintes irmãos: O. P. Maddox, D. F. Crosland, T. R. Teixeira, A. L. Dunstan, Dr. J. W. Shepard, Z. C. Taylor e Dr. Francisco de Miranda Pinto. Era uma espécie de Comissão encarregada de planear e elastecer o trabalho de publicações, comissão esta, que, dentro das possibilidades da época, se desobrigou bem do trabalho. Em 1907 eram publicados sob os auspícios desta Junta *O Infantil* e as *Lições Dominicais para Adultos*. Em 1909 veio à luz *O Amigo da Juventude*. Só mais tarde vieram outros trabalhos de publicações de acôrdo com o desenvolvimento dos alunos. Em 1907, havia, segundo a estatística dêsse ano, 117 escolas dominicais com 157 classes. Havia escolas com uma só classe e outras com duas. Não se fazia preciso muita literatura. Releva dizer que nossa literatura preparada pelo irmão Maddox tinha aceitação notável até entre os outros evangélicos.

IV — JUNTA DE MOCIDADE BATISTA

Primeira Fase

O atual movimento da mocidade batista não é bem o iniciado em 1906 pelos saudosos Z. C. Taylor e Salomão Ginsburg. Iniciativa pessoal, vazada mais ou menos nos moldes das U.M.B. da outra América, serviu para ponto de partida de uma grande causa, que é hoje o trabalho das Uniões de Mocidade.

Não era possível esperar que os iniciadores do trabalho previssem tudo que haveria de ocorrer dentro de seus arraiais. Mesmo que tivessem tido essa previsão, seria difícil evitar o que se veio a dar mais tarde, até que com mais experiência e mais elementos foi possível coordenar o trabalho e pô-lo em sólidas e progressivas bases.

A Salomão devemos além da iniciativa dêste movimento a tarefa de o impulsionar nos primeiros anos, com grandes dificuldades e otimismo.

Na primeira convenção reunida na Bahia todo o trabalho então existente recebeu carinhoso tratamento; era de esperar que também o da mocidade fôsse assim tratado. E assim foi. En-

tre outras Juntas, foi criada a Junta da Mocidade Batista que ficou composta dos seguintes irmãos: Z. C. Taylor, Henrique Gonçalves, Salomão Ginsburg, João de Matos, R. E. Pettigrew, Manoel Inácio Sampaio e E. A. Jackson. Salomão foi eleito secretário-correspondente, de vez que era êle quem tinha estado à frente do trabalho anteriormente.

Antes mesmo da Convenção, Ginsburg mantinha uma página do *O Jornal Batista* consagrada aos estudos da mocidade na falta de revistas como as temos atualmente. Êstes escritos respiravam aquêle entusiasmo e calor que eram tão próprios de Salomão. Se pudessem hoje ser reeditados haveríamos de ver que pouco melhor seria possível escrever. Êste serviço aos batistas êle continuou a prestar no resto do ano convencional e com geral aproveitamento. Entretanto, o pouco tempo de que dispunha, pois estava à frente do trabalho evangélico de Pernambuco e estados vizinhos, um pouco de crítica que se fazia ao trabalho, por motivos que nem êle nem outro poderia ser responsável, a falta de instrução da juventude para que se aproveitasse sàbiamente da iniciativa, e os defeitos de origem, pois que estas organizações, se supunham, em muitos casos, inteiramente autônomas, governando-se não raro à revelia da igreja, e muitas vêzes levando suas iniciativas para dentro da mesma igreja, fizeram que o trabalho enfraquecesse e perdesse um pouco do favor que lhe tinha sido dispensado. Assim se passou o resto de 1907 e nos anos seguintes até 1915 a situação melhorou pouco. Em muitos lugares foram mesmo desfeitas as organizações.

Na segunda Convenção Batista Brasileira, reunida no Rio, esta situação teve seu reflexo. No parecer dado sôbre êste trabalho foi recomendado: "(a) A escolha de um secretário geral que possa visitar todos os campos do Brasil. O atual, além de resignar o lugar, absolutamente não aceitará a reeleição porque não pode fazer justiça ao vasto campo de ação que tal cargo exige. (b) Recomendar às igrejas que experimentem introduzir a U.M.B. no seu seio." ([5])

Para o lugar de secretário parece que foi eleito o missionário D. L. Hamilton, mas as muitas ocupações impediram-no de fazer muito mais pela mocidade. Na Convenção de 1909, reunida em Recife, foi pedido que se elegesse uma "pessoa apologista dessa associação para a organização de Uniões nas igrejas". Vê-se, por esta citação, que faltava um homem para o trabalho.

---

(5) Atas da Convenção de 1908.

CAPÍTULO VI

UNIÃO GERAL DAS SENHORAS NO BRASIL (1)

A mensagem do amor de Deus em Jesus Cristo, pregada pelos batistas, há mais de cinqüenta anos, no Brasil, teve acolhimento primeiramente no coração de uma piedosa mulher. O número das que se queriam tornar servas de Deus foi-se aumentando, até que, em 1889, havia um grupo na Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, o qual uniu os seus esforços a favor da Causa de Cristo, e assim foi organizada a primeira Sociedade de Senhoras no Brasil. As notícias alegres e animadoras desta Sociedade foram espalhando-se onde havia trabalho batista, e dentro em poucos anos foram organizadas outras, cá e lá; e, finalmente, no ano de 1903, apareceu uma "florzinha" na Primeira Igreja Batista do Rio — a primeira Sociedade de Crianças.

Não se deu aqui o que na América do Norte se verificou, onde as senhoras crentes, começando a se organizar em sociedades para a propagação do evangelho, foram vigiadas pelos pastôres e diáconos apreensivos, a fim de que elas não fizessem "alguma coisa inconveniente". Não, os irmãos brasileiros, em grande maioria, apoiaram o trabalho das senhoras de tal maneira que as representantes das Sociedades de Senhoras foram reconhecidas na primeira Convenção Batista Brasileira, em 1907. Naquela convenção, entre as muitas comissões que trabalhavam, havia uma sôbre o trabalho de senhoras, a qual deu o seguinte relatório:

> «Irmão Moderador:
>
> O trabalho organizado das senhoras ainda é fraco no Brasil. Temos Sociedades Auxiliadoras de Senhoras em algumas igrejas, umas mais fortes, e outras menos. Torna-se preciso unir nossas fôrças e a Comissão recomenda à Convenção o seguinte:
>
> 1º — Que as igrejas animem a organização das Sociedades de Senhoras em seu seio.
>
> 2º — Que cada Sociedade de Senhoras organizada envie uma ou mais das irmãs à Convenção de 1908 para se organizar uma Sociedade Auxiliadora Nacional de Senhoras, ou uma Sociedade Missionária Nacional de Senhoras. (Assinado) **Emma M. Ginsburg**.»

Encontramos, portanto, as servas dedicadas, reunidas na

---

(1) Êste capítulo foi-nos fornecido (1936), a pedido, por Miss Minnie Landrum, M.D. Secr.-Cor. da União Geral, e publicado na íntegra.

cidade do Rio de Janeiro, em 1908, para levar a efeito a resolução acima mencionada. No princípio a organização nacional, composta de 20 sociedades de senhoras e 5 sociedades de crianças, foi conhecida pelo nome de "União Missionária das Senhoras Batistas no Brasil", porém no ano seguinte o nome foi mudado para União Geral das Sociedades de Senhoras, Auxiliadora da Convenção Batista Brasileira.

Entre as irmãs, que tão fielmente lançaram os alicerces da nossa União, salientam-se as seguintes: D. Graça Entzminger, Annie Thomaz Parker, Isabel Costa, Edelvira Rodrigues, Emma Ginsburg, Sara Freitas Costa, Emma Paranaguá, Elisa Miranda Pinto, Efigênia Maddox, Alice Reno, Jane Soren, Anna Bagby e Isabel Avellar.

O fim que tiveram em vista estas consagradas irmãs está perfeitamente explicado nas bases que estabeleceram para a organização que acabavam de constituir.

Vejamo-lo:

> 1º — Promover a organização de Sociedades de Senhoras em tôdas as igrejas.
> 2º — Formular e pôr em prática os melhores planos para adiantar o reino de Deus na terra, incluindo um estudo especial das doutrinas batistas.

Que propósito podia ser mais nobre?! E lá nos primeiros anos encontramos a pena fecunda de D. Alice Reno preparando uma série de estudos, intitulada "A Mulher". Mais tarde apareceram outras séries pela mesma irmã — "Trabalhadores com Cristo", e "Serviço Real para o Nosso Rei", a última inspirada pelos discursos e escritos da amada serva do Senhor, na América do Norte — Miss Fannie E. S. Heck. Logo nos primeiros anos apareceram também estatutos para as sociedades e dois livrinhos chamados Manuais, pelos quais as irmãs pudessem dirigir hàbilmente o trabalho. Havia folhetos também para distribuição entre as Sociedades das Crianças, escritos, na maior parte, por D. Alice Reno. Desde o princípio, *O Jornal Batista* tem-nos franqueado as suas páginas das quais as irmãs têm tirado muito proveito.

A promessa do Senhor — "Guiar-te-ei com os meus olhos", tem-se cumprido nessas duas décadas, e há sinais de progresso dos quais menciono os seguintes:

Em 1916 falou-se de um jornalzinho para a União Geral e em 1922 saiu o primeiro número da *Revista de Senhoras*. No mesmo ano de 1916 foi apresentado o assunto de reunião das mães e em diversas sociedades de senhoras tem havido estas reuniões. Em 1918 a necessidade de uma organização para as môças se fêz sentir, e poucos anos depois con-

taram-se, entre as organizações da União Geral, diversas sociedades de môças. O abençoado "Dia das Crianças", que tanta alegria tem proporcionado aos pequenos e levantado a causa das Missões, teve o seu início em 1918.

Em 1919 e 1920 houve um período que se podia chamar o de paralisação, e nesta época foi mudado o precioso nome para o de "Junta de Trabalho de Senhoras". O doce nome, entretanto, do princípio, apelou tanto aos sentimentos das irmãs que se tornou a adotar "União Geral de Senhoras do Brasil, Auxiliar à Convenção Batista Brasileira", em 1922.

Mais ou menos nesta época apareceu o Padrão de Excelência das Sociedades de Senhoras, e pouco depois os da Sociedade de Môças e Sociedade de Crianças. Em 1926 houve três coisas que indicaram progresso. Foi impressa a primeira edição do *Manual da União Geral;* adotou-se o plano de observar um mês em cada trimestre como "Época de Oração", fornecendo-se literatura para a mesma; e abriu-se o escritório.

Os corações das irmãs se estenderam aos índios no ano de 1927, quando elas começaram a sustentar uma professôra em Goiás. Mas a causa das Missões Estrangeiras fêz também o seu apêlo, e a União resolveu, em 1928, fazer uma oferta especial ao trabalho em Portugal. Que prazer há em se ir ao campo de trabalho por meio de ofertas!

O ano de 1928 trouxe-nos o vigésimo aniversário, adotamos novos ideais para que aquêle ano nos fôsse de uma maneira especial dedicado ao grande trabalho do Pai bondoso que "nos guia com os seus olhos". Houve muita animação em tôda a parte e esperamos que os resultados estejam longe de nosso alcance e que continuem, durante os anos vindouros, a frutificar para glória do Seu nome.

Atualmente (1936) há um curso da União Geral que abrange "O Manual das Senhoras", "Modos de Ganhar Almas para Cristo", "Crenças Batistas", um estudo bíblico, um estudo missionário e também um estudo devocional. Há grande interêsse no curso e muitas irmãs já receberam os seus diplomas. Êste interêsse patenteia-se também pelo fato de que houve já seis edições do Manual.

As irmãs brasileiras gostam de fazer visitas e escolheram como seu ideal em 1929, "dobrar o número das visitas e conversas evangelísticas feitas durante 1928". Quase foi atingido tão alto ideal, pois vê-se que as visitas de 1928 foram 17.159 e as de 1929, 32.327; enquanto as conversas evangelísticas de 1928 foram de 15.192 a de 1929, 30.337.

Nestes últimos anos a generosa oferta das irmãs do sul dos Estados Unidos tem feito com que houvesse uma abundância de folhetos impressos para a boa orientação do traba-

lho como também para animar as sociedades a empenharem grandes coisas em nome do Senhor. Consigne-se aqui um voto de agradecimento a Deus por esta manifestação de amor fraternal.

No ano de 1931, a União Geral foi convidada pela União de Senhoras Batistas do Sul dos Estados Unidos a observar, juntamente com outros grupos de irmãs em tôda parte do mundo, "O Dia Batista de Oração Mundial". O convite foi muito bem acolhido pelos pastôres em tôda parte do Brasil e anualmente êstes abnegados servos do Senhor têm cooperado de modo a fazer dêsse dia uma ocasião de verdadeiro avivamento espiritual nas igrejas. É um privilégio que as irmãs têm de se unir, ano após ano, com os demais irmãos batistas e envolver o mundo em oração, com os corações transbordantes de alegria e gratidão.

As sociedades de môças, poucas ainda em número mas cheias de fé, coragem e amor, aceitaram em 1932 a responsabilidade de sustentar uma professôra no vasto interior do país. Êste esfôrço tem trazido grande animação às sociedades, e os trabalhos da professôra tão consagrada, D. Marcolina Magalhães, estão sendo muito abençoados por Deus.

O ano de 1933 trouxe o Aniversário de Prata da União Geral, o qual foi observado no mês de junho com um programa especial. Uma parte muito empolgante do programa dessa ocasião foi a "Oferta de Prata". Com verdadeiro amor à causa de missões estrangeiras, cada irmão colocou "em cima da mesa" a sua *prata*, e o resultado, em dinheiro, foi quase de oito mil cruzeiros. Quem pode medir o alcance dêste tão nobre esfôrço das irmãs, que, por meio dessas ofertas, foram além-mar com as "Boas Novas de Salvação"? Portanto, o vigésimo quinto aniversário, condignamente observado, trouxe para a União Geral grandes bênçãos de animação e avivamento.

No princípio do ano de 1934 nasceu a "Corrente de Oração".

Foram impressos cartões de côr lilás com os seguintes dizeres:

«Orai sem cessar» — I Tess. 5:17.

Prezada irmã:

Saudações no Senhor.

Por sugestão duma zelosa secretária estadual, deliberamos organizar entre as senhoras uma corrente de oração para que os batistas no Brasil tenham como ideal fazer tudo para a honra e glória de Cristo. Façamos súplicas diárias em favor de todo o trabalho da Denominação.

A Comissão Central

COMPROMISSO

EU............................ prometo ser um elo desta corrente, orando diàriamente.

Em Jerusalém, a velha profetiza Ana, que esperava a vinda de Jesus, servia a Deus "em jejuns e orações". Sem dúvida, êste *serviço de oração* das irmãs através do Brasil é como o incenso agradável, subindo ao bondoso Pai Celestial.

Levantai irmãs, vossos corações em gratidão a Deus pela Sua direção e auxílio durante êstes 26 anos de existência da União Geral de Senhoras Batistas, que atualmente (1936) consta de 482 sociedades de senhoras, 70 sociedades de moças e 187 sociedades de crianças, com um arrolamento total de cêrca de 12.000 membros.

Certamente *"até aqui nos ajudou o Senhor"*.

NOTA: — Incluímos num só capítulo o histórico desta organização na impossibilidade de lhe darmos um pequeno capítulo em cada período.

PARTE II

Missão do Norte — Do Amazonas à Bahia

CAPÍTULO VII

PELO EXTREMO NORTE

Preâmbulo

Depois de umas poucas palavras explicativas sôbre os motivos que nos levaram a considerar a nossa História de 1907 em diante, como a Segunda Divisão, e o período de 1907-1909 como o primeiro período desta, estudamos, como seria de esperar, em linhas gerais a origem da Convenção Batista Brasileira, e suas Juntas. Os leitores verão que todo o trabalho batista daqui em diante gira em tôrno da Convenção, a não ser naquilo em que está interessado o campo local. Estudando o trabalho por êste prisma, cremos não sòmente representar fielmente a verdadeira situação batista, mas também fazer justiça ao espírito cooperativo de nosso povo que, ao mesmo tempo que desejava ver desenvolvido o trabalho nos respectivos estados, cooperava para ver avançar as grandes causas de ordem geral em que todos estamos empenhados, e que não diziam respeito a um campo qualquer, mas aos supremos interêsses do Reino de Jesus Cristo.

Isto feito, abrangeremos agora, nesta breve síntese, os vários campos estaduais ou regionais e acompanharemos o desdobramento das atividades locais, seja no sentido educativo ou no evangelístico.

I — VALE DO AMAZONAS

A geografia do campo do Vale do Amazonas no comêço dêste período não é muito certa. Aliás, não é certa a geografia de qualquer dos outros campos, uma vez que tanto se dilatavam os seus limites como se encurtavam, quer pelo avanço da propaganda, quer pelo seu desmembramento para dar lugar a novos centros de atividade. Como quer que seja, temos de fixar os limites atuais de nosso campo e acompanhar a sua dilatação ou construção.

O Pará foi o centro da propaganda do evangelho no Amazonas, por parte dos batistas e quiçá de todos os evangélicos. As experiências do grande missionário Eurico Nelson já são

do conhecimento de nossos leitores. Daqui, do Pará, foi o evangelho levado rio acima até Manaus e redondezas onde o encontramos infiltrando-se, selva a dentro, penetrando nos igarapés, braços de rios, por tôda a parte, até às Repúblicas vizinhas. Daqui, rio abaixo até o Maranhão, Piauí e Ceará. Eis os limites dêste campo em 1907.

II — MANAUS

Em 1907, a Igreja de Manaus gozava de um período dos mais brilhantes na sua brilhante história. Almeida Sobrinho, que há tempos vinha dirigindo a Igreja Batista de Santarém, deixou esta cidade para ir tomar conta do trabalho em Manaus, vindo substituí-lo o Pastor Manoel Gomes dos Santos. Nelson que tinha lutado sòzinho, ficou de certo modo aliviado, e teria de ser mesmo aliviado sob pena de sucumbir. Estavam assim as duas principais igrejas do Estado do Amazonas bem superintendidas. Almeida Sobrinho era um trabalhador simpático da velha geração. Bom pregador, bom jeito de catequese, via crescer sempre o seu trabalho com extraordinária rapidez. Infelizmente faltava-lhe o jeito para sustentar o trabalho feito. Assim de 1907 a 1908 o trabalho de Manaus floresceu, mas por dificuldades surgidas, e por ter um outro convite para Belém, deixou a igreja quando muito ela precisava dos seus serviços.

Para o pastorado foi convidado o antigo Prof. Thomaz de Aguiar, sob cujo pastorado calmo e construtivo a igreja se desenvolveu e radicou no solo Baré. Parece que foi neste pastorado que a igreja ganhou alguns dos seus melhores membros, recrutados entre os que de melhor possuía a capital amazonense, elementos êstes que lhe têm valido por um futuro seguro e brilhante. Entre os crentes que por êstes tempos foram ganhos para o evangelho poderíamos mencionar os irmãos Teixeira de Morais, Cardoso Sobrinho, Cel. Antônio Barroso, D. Aurora de Sá e uma falange de outros.

A União da Mocidade distinguia-se naqueles primitivos tempos como uma união modelar, publicando um jornalzinho que servia a um tempo de propagandista e instrutor. O templo, construído num dos pontos mais lindos da capital, era, e é, nas suas linhas sóbrias um monumento de fé e amor dos irmãos batistas. Sem ajuda de fora, puderam erigir uma das melhores casas de culto no Brasil. Quando termina êste período de nossa história continua o trabalho em Manaus a gozar de tôdas as ricas bênçãos divinas. Ao serem escritas estas linhas, ainda se poderia repetir o mesmo conceito. Deus tem compensado ao trabalho em Manaus a falta, que, por vêzes, tem sentido os obreiros.

III — PARÁ

Não poderíamos dizer o que acima ficou dito, sôbre o trabalho no Pará. Acidentada e triste tem sido a sorte da igreja na capital paraense. Quando não tinha pastor sofria o trabalho o desamparo que sempre visita uma igreja sem direção. Quando o tinha, salvo as exceções, sofria muitas vêzes por outros motivos.

Em 1907, estava sem pastor, sendo visitada de quando em quando pelo missionário Nelson. Em 1908, tendo Almeida Sobrinho deixado Manaus, veio ser o pastor. Com a vinda de Almeida Sobrinho a igreja tomou admirável impulso. Alguns dos elementos mais notáveis que a igreja tem tido foram ganhos nesta ocasião. Bom pregador, muito popular, aproveitava tôdas as oportunidades para atrair os indiferentes. Assim continuou o trabalho até princípios de 1910. Tendo ficado viúvo o pastor, e tendo recebido convite da Bahia por intemédio de Salomão, começou a fazer sentir que sairia de Belém. Naturalmente não faltaria um sucessor para um trabalho florescente, e isso aconteceu.

Um antigo membro da igreja, o bem conhecido irmão João Jorge de Oliveira, chegara ao Pará, vindo dos Estados Unidos, onde estivera estudando, justamente nesta época, e apresentava-se como candidato ao pastorado. Todavia, algumas dificuldades surgiram em tôrno do seu nome, criando-se logo partidarismo. Enquanto isto, Almeida Sobrinho tanto dizia que saía como dizia que ficava, deixando em dúvida a própria igreja. Assim formaram-se dois grupos, um em tôrno do atual pastor e outro em tôrno de J. Jorge. Fazia parte da igreja um outro pastor, Jerônimo Teixeira de Souza, ex-pastor da Igreja Batista do Pôrto, Portugal. Como houvesse gente contra J. Jorge e também contra Almeida Sobrinho formou-se um terceiro grupo em tôrno de Jerônimo Teixeira. O jornalzinho da mocidade por nome *Radiante* advogava a candidatura Teixeira contra J. Jorge, e como se o nome fôsse inadequado, batizaram-no com o nome de *Justiça*. Era impossível escolher candidato e era impossível Almeida Sobrinho continuar. Depois de algumas amargas experiências, Almeida Sobrinho saíu para a Bahia, a tomar conta do pastorado da Primeira Igreja, J. Jorge foi para o sul, indo apresentar-se à Convenção Batista Brasileira reunida em Campos (1911) para o trabalho missionário em Portugal, e Teixeira de Souza eleito interinamente, foi pouco depois excluído com o grupo que o apoiara. Ficou a igreja enfraquecida como os crentes dispersos e o ambiente prejudicado. Nesta situação Nelson era a tábua de salvação. Era esta a situação do trabalho no Pará em fins de 1910, aliás um pouco além dos limites dêste período.

IV — CONVENÇÃO DO VALE DO AMAZONAS

Pela única notícia que temos dos trabalhos desta convenção, publicada no *O Jornal Batista* podemos inferir do estado incipiente do trabalho naquela época. Aliás, era êste o estado do trabalho em geral uma vez que agora começavam os batistas a viver a grande vida cooperativa por meio das várias juntas da Convenção. A Convenção, entretanto, reconheceu a vastidão territorial a ser evangelizada e deliberou abrir trabalho na cidade de Castanhal, visitar três vêzes no ano as igrejas do Rio Solimões e consideraram campo de trabalho da Convenção um próspero lugarejo fronteiriço a Manaus.

V — MARANHÃO

A Convenção naturalmente tinha de ser dirigida intelectualmente pelo missionário e todos os outros encargos recairiam também sôbre êle e família. Depois que a Convenção terminou os trabalhos também Nelson pensava ter terminado a carreira. Pensou ir à América, mas receiou a viagem. Assim veio ao Maranhão para aproveitar a melhoria do clima e para estender as estacas do já incomensurável campo missionário. Dizia êle no seu relatório à Junta (1) que, atingindo como pensava (e realizou) o Piauí e Ceará, podia unir o seu campo ao de Jackson, no sul, Bahia, e ao de Salomão, a leste, Pernambuco. Feita assim a ligação entre o Amazonas e Bahia estava todo o norte servido.

Saindo de Belém a 24 de dezembro, chegou a S. Luiz do Maranhão a 26, bastante doente, indo hospedar-se em casa do pastor presbiteriano. Estabelecido na "Atenas Brasileira" era seu desejo não sòmente ver em breve uma igreja, mas também ver estabelecido um colégio que servisse aos estados do norte, e esperava que desta vez não chamasse em vão à sua Junta. O clima era favorável e a vida não era cara.

Logo que pôde, alugou casa e começou a pregar. Quando o Dr. T. B. Ray (2) disse uma vez que para evangelizar a América do Sul bastaria colocar Nelson no pico dos Andes, não andou muito longe da realidade. Grande e possante voz! De pouco servia o barulho feito pelos perseguidores. O Maranhão estava propìciamente preparado para a nova mensagem devido em parte à desilusão do povo com os padres, ao desentendimento das duas igrejas presbiterianas, Independente e Sinodal, e aos batistas livres que ali tinham já um pequeno trabalho. Haveria também dificuldades, mas Nelson não era

---

(1) Foreign Mission Board Report.

(2) Não há muita certeza sôbre quem usou esta frase, mas o maior pêso da evidência recai em Dr. Ray.

homem para correr. A 23 de maio de 1908 êle batizava 9 crentes e com êles organizava a Primeira Igreja Batista do Maranhão. Era mais um campo. Naturalmente Nelson e família e outros membros de Belém entraram na nova organização que escolheu, como pastor, Manoel Gomes dos Santos, que no ano anterior tinha sido convidado ao pastorado da Igreja de Santarém.

A primeira parte do ano de 1908 foi gasta assim; chegando junho, Nelson foi ao Ceará onde já se encontrava desde 27 de maio o irmão Manoel Firmino Alves que ali tinha sido enviado pelo mesmo Nelson a fim de abrir trabalho. Nesta visita Nelson encontrou casa alugada, bancos feitos, e muita gente disposta a ouvir o evangelho. Pregou durante alguns dias e continuou a sua viagem.

VI — NO PIAUÍ

Em setembro (1908) seguira Nelson para o Piauí, estado que estava dentro de sua paróquia. Desta viagem ([3]) temos a mais alentada notícia de tôdas as que conhecemos de Nelson. É que ela foi frutífera e de grandes resultados. Depois de percorrer grande parte do estado, subindo até Floriano e descendo até Camocim, dirigiu-se de nôvo ao Ceará a tomar parte na organização da Primeira Igreja, fato que se verificou no dia 14 de novembro, na Rua Leopoldína, 150, com nove membros, sendo pastor o diácono Firmino Alves. Os planos de há um ano atrás estão sendo materializados. Estavam mais três estados incorporados ao Vale do Amazonas.

Em uma notícia dada por D. Ida Nelson ao *O Jornal Batista*, consta a organização da Igreja de Jeromenha, no Piauí, nesta mesma excursão. Nada mais, porém, se diz quanto à data e outras circunstâncias.

Aproxima-se o fim do ano e a Convenção Amazonense deveria reunir-se em Santarém, o que não se deu por motivos vários. Nelson lá estava. Fêz várias visitas a igrejas, volvendo ao Maranhão, para de nôvo se internar pelo Piauí. Parcas notícias temos desta viagem; apenas sabemos que foi feita.

Êste período finda com uma igreja no Acre sob os auspícios da Junta de Missões Nacionais, sendo o pastor o irmão Crispiniano Silva, duas igrejas no Solimões, uma em Autas Miri, Manaus, Santarém, Pará, Castanhal, Maranhão, Piauí e Ceará. A Convenção parece que morreu em Santarém (1908), e com ela um bom meio de unir tão poucas e tão dispersas fôrças. Os obreiros eram poucos e alguns sem preparo; entretanto entre os leigos havia alguns de magno valor que se revelaram no futuro homens de projeção denominacional.

(3) «O Jornal Batista» (1908).

CAPÍTULO VIII

MISSÃO PERNAMBUCANA

I — PERNAMBUCO

Preâmbulo

Ao estudarmos o trabalho em Pernambuco nesta época, fará bem o leitor voltando a ler as primeiras páginas sôbre êste campo, pela edificação que terá delas, e pela grandeza de espírito que animava os irmãos daqueles dias. Em perseguições especialmente, não sabendo que outro trabalho no Brasil se lhe avantajasse. (1) Mas não foi sòmente nisto que a Missão Pernambucana se notabilizou; o desenvolvimento que o trabalho toma, nos anos seguintes, mau grado a fraca fôrça evangélica e a extensão considerável do mesmo campo, constituem uma página grande de atividades batistas no passado.

Geografia. A Missão Pernambucana estava, como as demais, sujeita à dilatação territorial. Até esta época abrangia Alagoas, Paraíba do Norte e Rio Grande do Norte, tocando ao norte com o campo do Vale do Amazonas, no Ceará, e ao Sul com a Bahia. Se tomarmos em consideração a míngua de obreiros naquela época, concluiremos que eram arrojados para se atirarem à evangelização de tamanho pedaço do território nacional.

Pelos fins de 1907 D. L. Hamilton deixou a Bahia vindo para Maceió, desmembrando-se Alagoas do Campo Pernambucano para se constituir campo à parte. Esta divisão pouco durou, porque mais tarde (1908) voltou a unir-se a Pernambuco com a mudança do missionário Hamilton para o Recife. O restante abrangia os estados acima mencionados. Pernambuco estava dividido em zonas: (a) Recife e subúrbios com três igrejas; (b) Nazaré da Mata; (c) Limoeiro do Norte e (d) o centro com Palmares. Em cada um dêstes centros, um pastor nativo dirigia o trabalho, ficando o Recife a cargo do pastor da Primeira Igreja que era invariàvelmente o missionário. (2) No curto espaço desta notícia não é possível um estudo acurado dos admiráveis movimentos evangelísticos daquele pugilo de obreiros; Salomão à frente, com seus modos peculiares, planos sempre ousados, não parava, e com êle se movia a pequena hoste de obreiros em tôdas as direções.

---

(1) Ver a História dos Batistas em Pernambuco.
(2) «O Jornal Batista» 23-4-1908 e 9-9-1908.

Fôrças evangelísticas. Em princípios de 1907 tudo indicava que a Pernambuco estava fadado um futuro próspero, a julgar pelo número de obreiros. Shepard, Canada, Salomão, cada qual com sua esfera de trabalho, além dos nativos, Eloy Correia, Augusto Santiago, Manoel da Paz, João Borges da Rocha e Manoel (Nino) Cavalcanti. Entretanto, em pouco se deu um fenômeno dispersionista, levando Shepard para o Rio, Canada para a América, ficando Salomão sòzinho. Ainda assim, Pernambuco era pequeno para conter êste homem *interestadual*.

As igrejas e outras instituições viviam dias de verdadeiro heroísmo. A escassez de recursos e de homens, para tão alentada obra, fazia que se dobrassem as atividades. Especialmente levadas pela oposição clerical tinham êles de movimentar-se ou morrer. Era uma luta de vida ou de morte.

"União das Igrejas" — A Convenção Pernambucana, então denominada "União das Igrejas Pernambucanas" ou "União Batista Pernambucana" era, como hoje, o elo de união entre obreiros e igrejas. Em 1907 reuniu-se ela a 28 de março na Igreja de Nazaré. Pela notícia do *O Jornal Batista* (2 de maio de 1907) verifica-se o tamanho do trabalho e o norte que o determinava. A de 1908 reuniu-se em Ilhetas, mas não temos notícias de suas sessões. Em 1909 reuniu-se ela novamente com a Igreja de Nazaré da Mata e nota-se que um sôpro de vida nova anima o trabalho. Os métodos são diferentes, a terminologia cooperativa também, sem que possamos saber a que ou a quem atribuir essa nova seiva. Há um verdadeiro ponto de transição na história do trabalho batista em Pernambuco em 1909.

O que impressiona no trabalho do campo é a divisão de atribuições. Cada qual cuidava de uma fase de trabalho. O seminário, o colégio e o evangelismo tinham os seus respectivos diretores.

Publicações — Junto a tôdas as atividades evangelizadoras, e naquele tempo, especialmente, tudo se usava com êste fito, o jornalzinho, *O Missionário*, desempenhava admirável papel na vida batista. De pequeno formato, podia ser metido num envelope e enviado a qualquer parte. Desde a casa do pobre pião até o palácio do govêrno êle visitava. Resultado: conversões de pessoas da mais alta camada social. Parentes chegados do governador do estado aceitaram o evangelho e uniram-se à Primeira Igreja.

Perseguições — Os anos de mais acesa reação ultramontana foram-se com a saída de Frei Celestino de Pedavoli; no estado, todavia, o morrão da contenda continuava a fumegar,

e de quando em quando explodia novamente a perseguição clerical. O centro de propaganda era a celebérrima Liga Contra o Protestantismo, mas esta mesma estava enfraquecida. O assunto agora não era tanto da alçada dos batistas, mas dos elementos liberais que o tinham desposado galhardamente. A imprensa da terra não dava tréguas aos frades e ao primeiro arrufo clerical saía a campo destemerosamente. *O Jornal de Recife,* órgão de largo conceito, tinha há muito tomado a si a defesa da liberdade religiosa e não os deixava em paz. Para vermos como eram tratados por êste jornal os fâmulos do Vaticano, citamos algumas frases tiradas de um artigo transcrito em nosso órgão denominacional:

> «Frades... comumente ignorantes... Frades habitualmente audazes... Frades... intitulados de pregadores de moral, implantam a corrupção, seduzem e aconselham parricídios e outros crimes horrorosos. Frades... infinitamente hipócritas. Frades excelentemente viciosos, malandros...» (3)

Verdadeira catilinária que ficava regularmente bem a um jornal secular. Na capital estavam êles mudos, mas pelo interior inculto e fanático iam fazendo a carnificina tão de seu feitio. No dia 6 de janeiro de 1908 era morto a facadas um irmão indefeso por questões outras a que não estava alheio o bispo ou padre de Bom Jardim. (4)

Recompondo a situação das fôrças batistas em Pernambuco em fins de 1909, além de meia dúzia de obreiros brasileiros, encontramos D. L. Hamilton diretor da classe teológica, H. H. Muirhead do Colégio Americano Gilreath, Salomão, que tinha trabalhado no estado durante nove anos, muda-se no fim do ano para a Bahia deixando sensível lacuna.

É impossível precisar o tamanho do trabalho geral no fim do período, mas sabemos que se tinha alastrado de modo admirável. O reduto mais difícil no estado tinha sido ganho depois de várias tentativas inúteis. Limoeiro, boa cidade, com grande comércio, tinha de ser ganha para o evangelho. Corria risco quem se atrevesse a tanto, mas havia de realizar-se o feito. Salomão antes de deixar o estado alugou pequena casa, arranjou alguns toscos bancos, e por influência maçônica, que era notável na cidade, conseguiu o teatro para nêle efetuar algumas conferências para começar. O padre soube de tudo e encheu a cidade de cangaceiros para que tirassem a vida ao judeu. Sabedor do ocorrido, valeu-se do secretário do govêrno, seu amigo, e com uma fôrça embalada partiu para Limoeiro.

---

(3) «O Jornal Batista» de 28-3-1907.

(4) «O Jornal Batista» de 6 e 13-1908. Um amigo nos informa que nunca houve bispo nem bispado em Bom Jardim, mas as notícias daquele tempo parece não abrigarem dúvida a êsse respeito.

Em caminho foi ao seu encontro o comandante da guarda para o prevenir de que seria morto dentro do trem antes de chegar à cidade, e por isso ali estava para o guardar, sentando-se ao seu lado.

Sabia-se na cidade que o homem da nova seita não saltaria na estação, e quando o viram descer ao lado do oficial da polícia ficaram estupefatos. Pregou no mesmo dia no teatro sôbre o assunto: "Os Propósitos da Propaganda Evangélica" e depois "Porque Não Me Envergonho do Evangelho de Cristo". O padre, desapontado, assistiu às conferências do lado de fora, esperando aproveitar-se de uma brecha para cumprir o seu malvado desígnio. Após peripécias rocambolescas foi o trabalho estabelecido na cidade e vencido o maior reduto, depois de Bom Jardim, mesmo, onde só muitos anos depois pôde o evangelho penetrar. [5] Daqui em diante, era avançar. Os impecilhos estavam pràticamente removidos, a sementeira estava bem feita e só restava esperar um futuro brilhante para o trabalho em Pernambuco.

Os outros estados, Paraíba e Rio Grande do Norte, eram apenas visitados uma ou outra vez, não havendo até agora nenhum trabalho organizado. Estatística: igrejas, 19; membros de igrejas, 1.048; pastôres, 9.

II — ALAGOAS

Alagoas, "a terra dos marechais", tem sido teatro de algumas das mais acirradas pelejas evangélicas. Um dos primeiros lugares que receberam o evangelho no Brasil, o segundo centro de propaganda, nem sempre foi feliz em "espalhar por tôda a parte" a boa semente. Nos seus primeiros anos teve direção local, vindo depois, como já vimos, a unir-se ao campo pernambucano.

Com a mudança do Dr. D. L. Hamilton, da Bahia para Maceió, como vimos páginas atrás, passou o trabalho alagoano a ter direção local, ainda que por pouco tempo. Esta mudança determinou naturalmente várias outras mudanças no trabalho geral. Os obreiros pernambucanos podiam agora cuidar melhor do seu estado, uma vez que êste estava bem entregue. Um comêço de seminário, que existia na Bahia sob a direção de Hamilton, veio com êle para Maceió, tendo assim os batistas em 1908 três classes teológicas no Brasil: Pernambuco, Maceió e Rio de Janeiro. Hamilton não dispunha de recursos para sustentar os poucos seminaristas que o acompanharam nem muito menos para manter um pequeno colégio

---

(5) História dos Batistas em Pernambuco, pág. 130.

que logo abriu, mas dedicou-se ao ensino particular de inglês e com os proventos dêsse trabalho foi fazendo face aos novos encargos. A Junta na América que parece não foi ouvida quanto à mudança conformou-se com ela e apoiou o ato.

Laborava por êste tempo em Pernambuco o missionário R. E. Petigrew que acabava de se casar com Miss Bertha Mills, também missionária. Foi sôbre êste irmão que recaiu a incumbência de substituir D. L. Hamilton, mudando-se para Maceió, em janeiro de 1909. Sua demora foi curta. Em junho de 1910 deixava Alagoas pelo Paraná, mas depois de ter visto alguns dos mais felizes dias para a causa em Alagoas.

A divisão já referida, por causa da questão maçônica, de 1905 a 1908, teve um feliz epílogo nesta época. Tinha vindo assistir à Convenção Batista Brasileira em Recife, em 1909, o Pastor Almeida Sobrinho da Primeira Igreja do Pará. Homem de rara eloqüência, tendo em Recife arrebatado grandes multidões, tanto nas igrejas como nas praças públicas, foi-lhe sugerido visitar Alagoas e ver o que poderia fazer para sanar a situação existente. Almeida Sobrinho bastante encenador, dramatizador mesmo, não se fêz de rogado. Partiu para Maceió e ali com o auxílio de Petigrew, em cuja casa se hospedou, reuniu uma comissão composta dos dois grupos de batistas, estabelecendo as bases de acôrdo para a fraternização, para serem apresentadas a ambas as partes e que constavam do seguinte: 1 — Suspensão da desfraternidade, reconhecendo como ordenados ou consagrados os pastôres Eutíquio Ramos de Vasconcelos e Manoel Virgínio de Souza; 2 — Reconhecimento mútuo das igrejas existentes; 3 — Escolha de um ponto para reunião das duas igrejas; 4 — Respeitar a consciência das duas igrejas; 5 — Esquecimento de todo o passado.

As bases foram bem recebidas por ambas as partes e dias depois as duas igrejas se reuniram em salas separadas na casa de Petigrew. Depois de aprovadas as atas das sessões anteriores que tratavam da fraternização, cada igreja enviou à outra uma comissão participando o resultado da sessão. A Primeira Igreja (a que tinha ficado fiel à missão) mudou o nome para Igreja Batista do Calvário, e a Igreja Batista Independente tomou o nome de "A Igreja de Cristo Denominada Batista". As igrejas depois de receberem recìprocamente as comissões, vieram ao encontro uma da outra, dando-se as destras de parceria e abraçando-se os pastôres Manoel Virgínio de Souza, Almeida Sobrinho, Eutíquio Ramos de Vasconcelos e Roberto Petigrew. (6)

---

(6) «A Causa Batista em Alagoas», por J. Mein, pág. 32.

As lutas dos últimos quatro anos foram enterradas com um período de trabalho e paz que se alastrou por todo o Estado.

Em 24 de janeiro de 1910 a Igreja de Cristo Denominada Batista revogou a resolução de 29 de novembro de 1905 na qual proibia a admissão de pessoas filiadas a lojas maçônicas, e a 27 do mesmo mês resolveu dissolver-se e unir-se à Igreja Batista do Calvário, "fazendo assim um só corpo nesta cidade para trabalharmos para honra e glória de nosso Senhor Jesus Cristo". Todos os móveis e outros utensílios da igreja foram também entregues à igreja a que se uniram.

A igreja anti-maçônica de Pilar ficou reduzida a três membros e em breve desapareceu. As duas de Penêdo, fundiram-se em dezembro de 1909 e as duas de Rio Largo, por intermédio de Almeida Sobrinho, uniram-se em 23 de janeiro de 1910. Na noite da reconciliação as duas igrejas deixaram as sedes, localizadas na mesma rua e vieram encontrar-se em plena rua, marchando todos juntos cantando em direção ao templo e continuaram em grande regozijo até pela madrugada.

Talvez o período mais agitado da vida evangélica em Alagoas tivesse terminado. A paz foi feita em bases cristãs porque nunca mais se viu o renascimento destas desinteligências.

Com as dificuldades principais removidas, com administração local, tudo indicava que os rumos seriam seguros nos anos seguintes. Para Alagoas o primeiro período da Segunda Divisão da nossa História termina com grande felicidade.

CAPíTULO IX

MISSÃO BAiANA

I — MISSÃO ESTADUAL

Preâmbulo

A *Missão Baiana* nem por ser a mais antiga é a melhor servida de informações. Sua história local está por escrever. O Seminário de Pernambuco chegou a comissionar um de seus estudantes para escrever alguma coisa sôbre ela, aceitando o trabalho como tese de graduação para Mestre em Teologia, mas a Primeira Igreja recusou-se a dar acesso aos livros e atas, matando a tentativa. O muito ou pouco que escreveram os missionários no início do trabalho está perdido, a não ser uma espécie de autobiografia de Z. C. Taylor que muito pouco adianta a êste trabalho pela falta de ordem cronológica. Os primitivos jornais evangélicos como *O Eco da Verdade,* fundado em 1886, e substituído pelo *O Jornal Batista,* em 1900, *A Mensagem,* que viu a luz em 1907 e veio acabar seus felizes dias em 1920, tudo está perdido. Meia dúzia de números esparsos ainda existem, mas muito pouco nos ajudam: outros jornais, *A Verdade* (1893), *A Luz* (1896) perdidos estão. (1)

Os pregadores do tempo não escreviam muito nem pensavam que um dia alguém se interessasse pela sua história. As fontes atuais são *O Jornal Batista,* as Atas da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, o Anuário Batista Brasileiro (T. L. Costa), 1907, e um ou outro jornal esparso.

Geografia. O campo era mais ou menos o que é hoje, com a diferença de que uma parte do estado ao norte fazia parte da Missão de Sta. Rita que por sua vez abrangia parte de Pernambuco e o sul do Piauí. O campo baiano estava sob os cuidados de Z. C. Taylor e Sta. Rita tinha como missionário E. A. Jackson. Deixaremos êste último campo para apreciação posterior.

---

(1) **Depois de uma longa carreira, «A Mensagem» mudou-se para o Recife em 1914 ou 1915, vindo, em 1918, a tornar-se o órgão oficial da Missão Batista do Norte do Brasil tendo grande aceitação. Em 1919 voltou à Bahia sob a direção do missionário M. G. White, até 1920. Neste tempo, por influência de Salomão, diretor da propaganda da Casa Publicadora, foi «A Mensagem» descontinuada a favor do «O Jornal Batista» passando para êste os assinantes daquela. Os arquivos de «A Mensagem» e outras relíquias históricas foram vendidas como papel velho, segundo fomos informados.**

Evangelismo. As informações que temos dão-nos a impressão de intensa atividade evangelística através de todo o estado, atingido Minas e Espírito Santo. Seis das igrejas do campo passaram a pertencer à nova Missão de Vitória (1904) e o Estado de Minas recebeu a visita de Z. C. Taylor que lá passou dois meses.

Não obstante as dificuldades naturais da falta de transportes fáceis, recursos nem sempre muito avantajados, e os problemas intermináveis em que a Missão da Bahia foi assaz fértil, o trabalho desenvolvia-se bem. Um regular número de pregadores brasileiros, (2) alguns colportores e o zêlo dos próprios crentes, faziam com que o trabalho se alastrasse por tôda a parte.

O missionário Z. C. Taylor não possuía um físico robusto. Talvez por constituição própria ou por depauperamento causado pelas contínuas viagens pelo interior, sendo mal alimentado e dormindo mal. Assim, sentia êle que a sua tarefa se avizinhava do fim aí pelo ano de 1909, quando se retirou para sua terra natal.

Por ocasião da Convenção Batista Brasileira em junho de 1907, entrou êle em combinação com Salomão, a êste tempo missionário em Pernambuco, para que o viesse substituir. Achando Salomão conveniente a mudança de lugar e também a necessidade do trabalho baiano, aceitou a incumbência, mudando-se logo que pôde, para a Bahia. Taylor fêz com êle uma longa excursão pelo interior do estado, em 1909, dando *O Jornal Batista* fartas informações sôbre esta viagem.

Devido talvez à sua entrada no campo, foi o trabalho dividido em distritos como já fizera em Pernambuco. (a) A capital e arredores eram o centro, cabendo-lhes também a direção geral dos demais. (b) Sto. Antônio de Jesus, na zona da Estrada de Ferro de Nazaré. (c) Alagoinhas e arredores. (d) Sta. Inês e (e) Canavieiras no litoral. Em cada um dêstes centros havia um pastor que se orientava de comum acôrdo com a sede e procurava espalhar a semente pelas vilas e cidades próximas.

Desta forma parece-nos que estava o trabalho bem organizado e sofrìvelmente bem amparado. Os dois centros — Sta. Rita e S. Salvador — cada qual com o seu missionário e pastôres apresentavam-se bem organizados no fim de 1909 e com boas promessas para o período seguinte.

---

(2) Os pastôres dêste tempo eram: João Izídoro, Sócrates P. Coelho, Alexandre de Freitas, Bernardo Mariano, Firmo de Oliveira, Laurindo Malta, Carlos Edington, João Martins de Almeida — o superintendente da Missão, Z. C. Taylor e T. C. Joyce.

As igrejas, cujo número não é possível precisar no princípio dêste período, estavam animadas. As da capital, Rua do Colégio, Dr. Seabra e do Garcia estavam fazendo regular trabalho não obstante as dificuldades que atravessavam. O Dr. Z. C. Taylor tinha deixado o pastorado da Rua do Colégio, e para o lugar tinha sido convidado o Pastor M. I. Sampaio. Na da Rua Dr. Seabra, estava Thomaz C. Joyce. As diversas igrejas do interior eram servidas pelos consagrados pastôres espalhados pela imensa gleba baiana.

Petigrew, que tinha trabalhado no estado por alguns anos, retirou-se para Pernambuco, onde ficou até 1909 quando se mudou para Maceió, a fim de substituir Hamilton que se mudara para o Recife.

D. L. Hamilton, que desde sua chegada à Bahia, dirigia a antiga classe teológica fundada por Z. C. Taylor, mudou-se para Maceió em 1907 indo consigo a dita classe, sem que saibamos dos motivos que o levaram a procurar a "terra dos marechais".

Estas perdas foram reparadas com a vinda da família C. F. Stapp, em princípios de 1910, e que veio dedicar-se ao Colégio Taylor-Egídio, para não falarmos outra vez da vida de Salomão; Thomaz L. Costa que se retirara há tempos para S. Paulo, voltava à Bahia onde tinha sido um bom auxiliar ao trabalho.

O ano de 1909 teve a assinalá-lo, um notável acontecimento para o trabalho da Bahia.

Vez por outra, tem-se feito menção aos problemas do trabalho, especialmente da capital, entre outros, o problema da divisão da Primeira Igreja que felizmente teve o seu epílogo neste ano.

Thomaz Costa voltava à Bahia, depois de ter estado em S. Paulo e Belém, e, ao chegar, tentou fazer a paz entre as duas primeiras igrejas, convencendo a de Joyce, que morava na Rua Dr. Seabra, a abrir mão do título de Primeira Igreja em favor da de Taylor. Nada conseguindo, aconselhou Taylor a registrar os estatutos da sua igreja juntamente com a ata da organização. Joyce quando viu o registro nos jornais viu perdida sua causa e apressou-se a promover a reconciliação. Pediu a Severo M. Pazo a vir pessoalmente convidar os Taylors para assistirem à sessão em que seria votada a confraternização ao que êles acederam. Estava, pois, feita a pacificação continuando as duas igrejas em paz e harmonia. A da Rua Dr. Seabra tinha crescido e mesmo organizado outros trabalhos, inclusive a Igreja do Garcia, enquanto a Primeira permanecia quase que estacionária.

No período seguinte veremos os outros percalços por que passou a Primeira Igreja e a sua fusão com a da Rua Dr. Seabra, em 1915.

Joyce não sobreviveu muito ao estabelecimento da harmonia, vindo a falecer a 30 de setembro de 1910.

CONVENÇÃO BATISTA BAIANA

A Convenção Estadual custou a surgir. Sendo o campo mais antigo não se compreendia que só em 1909 se esboçasse seu programa de vida cooperativa. As dificuldades da vastidão do campo e a carência de obreiros talvez expliquem esta lacuna, e foi isso mesmo que o missionário mandou dizer à sua Junta. Uma notícia do *O Jornal Batista* de 18 de fevereiro de 1909 diz:

> «**Convenção Estadual.** Por várias vêzes se tem planejado a formação de uma convenção estadual em que se façam representar tôdas as igrejas batistas dêste estado, para que, conhecidos que sejam os elementos de que se dispõem, encontrem-se para, distribuídos com método, melhor tratar-se dos interêsses do Reino de Deus nesta vastíssima zona. Está nomeada uma comissão para, com urgência, pôr em execução êste projeto cujas bases são as seguintes...» (3)

Ainda no *O Jornal Batista* de 10 de junho do mesmo ano (1909) se lê:

> «**Reunião das Igrejas.** Forçado pelas circunstâncias de haver sido marcada para 27 de junho a 3ª Convenção Batista Brasileira em Recife, foi resolvido transferir-se para 8 de julho a reunião das igrejas da Bahia.» (4)

Finalmente nos dias 9, 10, 11 e 12 de julho de 1909 realizou-se a desejada convenção que era chamada "União Batista da Bahia", designação muito em voga naqueles tempos. O número de igrejas que enviaram mensageiros não é preciso, mas esperava-se que 38 se fizessem representar. [5] Temos nesta época convenções no Amazonas, Pernambuco, Bahia, Estado do Rio de Janeiro. O trabalho batista está fortemente organizado para uma vasta obra no futuro.

Publicações — O antigo centro de publicações fundado por Z. C. Taylor continuou a sua obra durante o período que ora estudamos. Não obstante ter cedido o seu lugar ao Rio de Janeiro, em 1900, quando se fundou a Casa Publicadora Batista, continuou, todavia, em pequena escala, a servir às maiores ne-

---

(3) Ver todo o programa da Convenção «J.B.» de 18-2-1909.
(4) Ver outras notícias em conexão com a Convenção, mesmo número do «J.B.»
(5) «O Jornal Batista» de 29-7-1909.

cessidades do estado. Em 1907 apareceu *A Mensagem,* bem feito jornalzinho que supria as informações que *O Jornal Batista* trazia ao campo. Também *O Arauto Cristão* era publicado a êste tempo na Bahia.

A Sra. Taylor dedicava-se ao trabalho do Colégio, e nesta capacidade, preparou alguns livros didáticos em cooperação com o Prof. Dornelas, da Universidade de Coimbra, os quais eram editados em Nova York.

A célebre escritora Arquimínia Barreto, autora do livro "A Mitologia Dupla" escrevia tanto em nossos periódicos como nos jornais seculares, e nestas crônicas não dava tréguas aos padres que por todos os meios desejavam obstar a que os jornais da cidade dessem guarida a seus escritos.

II — SANTA RITA — MISSÃO INTERESTADUAL

A Missão de Sta. Rita mencionada no princípio desta notícia estava aos cuidados do missionário E. A. Jackson e compreendia boa parte da Bahia, Pernambuco e sul do Piauí. Esta missão, segundo os planos de Jackson, tinha por fim a evangelização do interior dos estados mencionados e mais os estados centrais de Mato Grosso e Goiás. Por motivo da saída, mais tarde, do missionário, não foi o plano integralmente realizado.

LIGANDO A BAHIA AO PIAUÍ

Já notamos, quando estudamos o campo amazonense, que era plano de Nelson incluir o Piauí em seu campo e, para isso, fêz algumas viagens ao estado. Certamente êle se ocuparia do norte, enquanto Jackson se ocuparia do sul. Desta forma estava feita a *ligação* do grande Vale do Amazonas com o maior campo litorâneo, que era Pernambuco, e pelo sertão com o campo baiano, abrangendo um território de alguns milhões de quilômetros quadrados.

O trabalho em Corrente, começado pelo Cel. Benjamim Nogueira, estava nesta época bem desenvolvido. No dia 7 de setembro de 1907 foi aberto o colégio local sob os auspícios dêste incansável pioneiro. Estava lançado o alicerce do Instituto Industrial de Corrente que nos últimos anos tem sido uma bênção ao sertão brasileiro, especialmente no norte. Também era plano de Jackson estabelecer um colégio em Petrolina, ou noutro lugar escolhido, que preenchesse a finalidade de um colégio industrial, e com o departamento de teologia para preparar os obreiros do sertão. Neste sentido êle chegou a escrever à Junta nos Estados Unidos dizendo que estava procurando interessar homens de vários estados do Brasil para a fundação

de tal colégio. ([6]) O Instituto Batista Industrial de Corrente está preenchendo esta finalidade, em certa medida.

Do ano de 1908 não temos informações. Em fins de março, Jackson despede-se dos seus irmãos em Corrente, visitando Curimatã onde uma família abastada ofereceu a casa para a pregação. Em Paranaguá, outra família ofereceu uma grande casa e desejava que fôsse aberta uma escola, correndo tôdas as despesas por sua conta, "se os protestantes dessem o professor", sendo que os principais promotores eram o juiz de direito do lugar e um seu irmão. Tremenda perseguição em Sta. Rita, (queima de Bíblias e da mobília do templo) obrigou Jackson a abandonar êsse campo para correr em auxílio do trabalho perseguido. ([7])

---

(6) Foreign Mission Board Report, 1908 e «J.B.» de 24 de junho de 1908.
(7) Foreign Mission Board Report, 1910, pág. 122.

PARTE III

Missão do Sul — De Vitória a Rio Grande do Sul

CAPÍTULO X

MISSÃO DE VITÓRIA

Preâmbulo

Era nosso pensamento incluir o histórico dêste período num só capítulo; por mais que resumíssemos, não foi possível seguir êste plano por ser demasiada a matéria. Assim, demos três pequenos capítulos ao trabalho do norte, um a cada campo, e seguiremos o mesmo plano em relação ao trabalho no sul. Para êsse conceito geográfico valemo-nos não sòmente da geografia pròpriamente dita como da divisão proposta pela Junta Missionária de Richmond, em 1910, considerando da Bahia para o Amazonas a Missão do Norte, e do Espírito Santo até Rio Grande do Sul a Missão do Sul.

Geografia. A geografia do campo vitoriense, como era o caso em muitos outros, era imprecisa nessa época. Na ausência de trabalho organizado em Minas, como, aliás, até nossos dias, uma pequena parte do grande estado, na região limítrofe Espírito Santo e Minas está a cargo da Missão Vitoriense, outra parte estava com o Estado do Rio e ainda outra com a Missão Baiana. Era, portanto, um território vastíssimo para os minguados recursos humanos e monetários de então. O relatório que o missionário Reno enviou à sua Junta em 1907 foi simplesmente desanimador:

> «Um jovem que nos ajudava no Estado de Minas como trabalhador leigo aceitou trabalho secular. O colportor, depois de um bom trabalho mudou-se para o Rio. O irmão Francisco, que tem trabalhado tão fielmente desde os princípios do trabalho aqui, aceitou a direção do trabalho em Minas... e deixou êste Estado sem um simples trabalhador brasileiro.» (1)

Era desencorajadora a situação. Sem outros obreiros nacionais, que um simples casal de missionários lutando para se fazer compreender, com igrejas espalhadas em várias par-

---

(1) Foreign Mission Board Report, pág. 102

tes do Estado, difíceis meios de comunicação, perseguições severas por tôda a parte, tudo isso punha à prova aquêle irmão que pela sua perseverança, haveria de finalmente estabelecer um trabalho eficiente e bem organizado.

Antes da chegada dos Reno ao Espírito Santo, estava êsse campo sob a direção do campo baiano, ajudado, em parte, no que era possível, pelos missionários do Estado do Rio. Reno chegou à Bahia pelos fins de setembro de 1904 ([2]) e parece que ainda não tinha lugar escolhido onde missionar. Naturalmente ser-lhe-ia indicado um Estado que ainda estivesse sem direção no trabalho do evangelho. A Junta aconselhara os Reno a ficarem na Bahia uns seis meses, porém só ficaram ali os dias necessários para desembaraço da bagagem e logo rumaram para Vitória, aonde chegaram "numa bela manhã de domingo do dia 6 de outubro de 1904", dizia Reno, mais tarde, num folheto que celebrava o 10º aniversário de sua chegada. Veio em sua companhia, para auxiliá-lo, a Srta. Georgina Lima, que estudara com D. Laura Taylor na Bahia, falava um pouco de inglês e assim servia como professôra e ajudadora do jovem casal de missionários por alguns meses, regressando depois à Bahia.

ESTABELECENDO A BASE

A Igreja de Vitória era como as demais da época, — pobre, pequena, sem casa e sem nome. Domiciliada num barracão coberto de zinco, no Distrito de Argolas, em frente à capital, ali a foi encontrar o casal Reno. Logo começaram êles a cogitar da melhoria do trabalho. Depois de muito pesquisar, conseguiram comprar um terreno na Rua General Osório, na capital. Começou então o povo a comentar: "Êles vão mesmo ficar aqui, já compraram terreno." Vieram, a seguir, os preparativos para a construção do templo, a qual correu lenta, como, em regra, acontece com as demais construções de poucos recursos. Pouco dinheiro, muitos planos e muitas dificuldades no fim. Quando as paredes estavam ao meio, acabou o dinheiro. Para terminar a obra, só outro milagre de Deus, o que realmente ocorreu. Concluída a casa e inaugurada em 1909 com a presença do saudoso pastor da Primeira Igreja do Rio, F. F. Soren, iniciou Reno as suas cogitações sôbre as possibilidades de num futuro não muito remoto adquirir os lotes restantes que medeavam entre o templo atual e a esquina da rua, para aí edificar uma grande instituição, tipo de "Igreja Institucional", segundo era o seu primitivo intento. Alguns anos decorreram até que se concretizou êsse plano com a aquisição dos referidos

---

(2) **Reminiscenses, 25 Years in Vitória, Brazil, 1930, pág. 23.**

lotes. Mudaram-se, é verdade, os planos relativos à natureza da construção, e ao invés de uma grande igreja e colégio reunidos, a Primeira Igreja edificava e inaugurava, em 1933, o seu majestoso templo, um dos melhores do Brasil. Releva notar que o primeiro templo acima referido, sofreu em 1914 geral transformação, sendo acrescido de um torreão na frente e amplos departamentos nos fundos, hospedando-se aí, poucos meses depois dessa remodelação, a inolvidável Convenção Nacional de 1915.

Construído o modesto santuário em 1909, urgia agora, pensava o missionário Reno, adquirir um cemitério para os crentes. Graves inconvenientes surgiam então, devido aos preconceitos da época contra os que não faleciam no credo católico, pelo que a aquisição de um cemitério constituiu o ideal dominante de L. M. Reno. Depois de um ano de trabalho, e havendo gasto alguns mil réis com petições, conseguiu o missionário que fôsse doada à Missão, pela Prefeitura de Vitória, uma quadra de 100 x 60 metros em terreno contíguo à Necrópole Municipal. Foi um acontecimento. O povo começou a impressionar-se com a ousadia daqueles que alguns fanáticos supunham possuir "cascos e chifres".

EXPANSÃO EVANGÉLICA

Um dos métodos de trabalho do casal Reno foi a visita domiciliar às melhores famílias. Destarte tem o evangelho gozado até hoje em Vitória de admirável conceito nas altas camadas sociais.

Não obstante estar Reno sòzinho e mal poder expressar-se, não paralisou a obra. *O Jornal Batista* ([3]) em suas correspondências registra farta cópia de notícias dos trabalhos evangélicos no Estado. Cachoeiro, ([4]) Esperança e Rio Nôvo eram os principais centros de irradiação, não obstante, como já se notou linhas atrás, as insistentes perseguições. Nos anos seguintes, com o avanço das Estradas de Ferro Leopoldina e Vitória a Minas, aquela no sul do estado e esta penetrando em Minas, o trabalho se foi estendendo, facilitando as visitas e outras comunicações, de maneira que 25 anos depois o campo vitoriense apareceu como um dos mais promissores na obra batista no Brasil, com um ministério ativo e eficiente. A pobreza de pregadores no princípio dêsse período foi sendo aos poucos suprida com o recrutamento de alguns diáconos, dos melhores, para o ministério da Palavra.

---

(3) «O Jornal Batista», 17-10-1907, — 19-12 e 27-2-1908, — 18-2-1909 e outros.

(4) Anuário Batista.

Fernando V. Drummond, um dos operosos diáconos e das primícias da igreja em Rio Nôvo, e que já vinha trabalhando como evangelista voluntário, foi ordenado ao ministério, e todos que conhecem a sua ininterrupta atividade até o momento atual podem bem avaliar do acêrto dessa medida, certamente inspirada do Alto. O irmão Luiz B. de Almeida, também das primícias em Rio Nôvo e que anos mais tarde seria igualmente consagrado ao ministério, foi por êsse tempo convidado pelo missionário Reno a ajudá-lo no trabalho educativo em Vitória, onde permaneceu algum tempo. Outros tinham entrado no trabalho e já em fins de 1908 havia um bem aparelhado grupo de obreiros no campo. É motivo de gratidão observar que alguns dêstes, passados já 25 anos, ainda se achem na atividade da Causa. Foi tal o progresso que em 1908 o missionário se expressava em correspondência à sua Junta em têrmos de júbilo e alegria. ([5]) No fim dêsse período a Missão mantinha quatro escolas primárias, a saber, Vitória, Cachoeiro, Rio Nôvo e Barra de Itapemirim, havendo simultâneamente nove igrejas espalhadas pelo campo, das quais bem se poderia dizer que tinham sustento próprio, pois só indiretamente recebiam algum auxílio de fora. ([6])

PERSEGUIÇÕES

Foram notáveis as perseguições movidas contra os crentes evangélicos no Estado do Espírito Santo, principalmente as que se fizeram contra os batistas. Neste particular talvez nem mesmo Pernambuco e o Estado do Rio foram muito além.

Rio Nôvo foi o principal centro de desordem ultramontana. No dia 24 de março de 1907 os crentes em Rio Nôvo eram avisados de que por insuflação do padre italiano Salvador de Vita o culto seria acabado a bala. Dito e feito. Terminavam os crentes o cântico da primeira estrofe do hino 139 dos Salmos quando o grupo suspeito que rodeava a casa entrou debaixo de grande algazarra, virando os bancos por cima dos crentes e fazendo mil tropelias. O diácono Luiz B. de Almeida assim relatou o acontecido:

---

(5) Foreign Mission Report, 1907.

(6) Está fora de dúvida que não é possível dar uma breve nota sôbre as atividades de todos os obreiros do campo e nem mesmo dos mais antigos, e é por essa razão que um dos mais antigos obreiros do campo, o Pastor Manoel Balbino Lanes é apenas mencionado de relance e outro pastor bastante antigo, Carlos Leimann, não é mencionado nestas páginas. Não foi falta de vontade de dar mesmo uma breve nota biográfica de cada obreiro, mas isso iria além do escôpo dêste trabalho

> «...Ao começarmos a primeira estrofe do hino 139 dos Salmos já havia diversas pessoas suspeitas defronte da casa, e antes que êste hino fôsse cantado, os desordeiros começaram a fazer grande algazarra batendo nas portas e janelas e virando bancos sôbre nós, de maneira que tivemos de sair, deixando a casa entregue a êles. Então começaram o trabalho de destruição sumária: nada escapou, ficando tudo reduzido a destroços. Coisa digna de nota é que com diversos brasileiros estavam misturados portuguêses e italianos, e todos juntos levaram a sua audácia ao ponto de destruírem a bandeira nacional que lá se achava...» (7)

Já Rio Nôvo havia sido teatro de outra furiosa perseguição: foi a que, talvez uns dois anos antes, se movera contra o saudoso e venerando pastor metodista Rev. Hipólito de Campos, ex-padre católico, que ali fôra a convite dos crentes locais. Por pouco o operoso ministro teria sido vítima, não fôsse a providência divina, despertando no meio social rio-novense alguns elementos liberais que defenderam a Causa contra os seus opressores.

Em Vitória o missionário recebia no dia seguinte vários telegramas em que se pediam providências, mas a Chefatura de Polícia não podia enviar fôrças por não dispor de mais que 30 praças. Desta forma os arruaceiros julgavam-se senhores da situação. Puro engano. Dias depois o *Estado do Espírito Santo* publicava um bem lançado artigo em que era chamada a atenção das autoridades para o delito cometido por um estrangeiro contra a bandeira nacional. (8)

Enquanto êstes fatos vergonhosos se desenrolavam em Rio Nôvo, Reno era perturbado em plena capital, parecendo que um *complot* estava sendo formado "para acabar com os protestantes". Numa notícia lacônica do *O Jornal Batista* de 29 de maio de 1907 lemos:

> «O diabo está exasperado. No sábado último fomos apedrejados durante hora e meia quando fazíamos culto em nossa casa de oração. E no domingo de noite, tendo dois soldados na porta, fizeram tal algazarra que era quase impossível falar e ser ouvido. Propala-se que vão acabar com os protestantes.»

O govêrno tomou medidas sérias, ao que parece, enviando a Rio Nôvo um emissário seu que em presença do missionário Reno inquiriu várias testemunhas, que depuseram declarando terem ouvido do delegado de polícia local a afirmação de que protegia e continuaria a proteger os católicos no seu plano de perseguição. Reno ainda conseguiu apanhar pedaços da bandeira tostados pelo fogo e algumas facas, que trouxe consigo para Vitória. O delegado foi demitido e quatro dos principais

---

(7) «J.B.» de 24-2-1907.
(8) «J.B.» de 11-4-1907.

desordeiros foram processados e condenados a 8 meses e 5 dias de prisão. Nos fins do ano de 1907 os padres realizaram uma *santa missão* em Rio Nôvo, certamente para acirrar de nôvo os ânimos populares contra os crentes, mas, ou porque o terreno já não se prestasse, ou porque temessem as conseqüências, nada de anormal aconteceu, salvo, como era natural, algum despertamento religioso entre os católicos com número regular de crismas, confissões e expressões semelhantes, convindo, todavia, notar que êsse despertamento, como sói acontecer em ocasiões tais, foi benéfico ao evangelho, por isso que alguns católicos fervorosos e sinceros convertiam-se pouco depois ao evangelho e ingressavam na igreja local.

Durante o ano de 1908 notaram-se ainda alguns arrufos clericais de somenos importância. Parece que afinal os padres estavam convencidos de já se terem passado os ignominiosos tempos de Torquemada e Loiola.

Em 1909 ainda Rio Nôvo volta a ser teatro de perseguições fomentadas pela cumplicidade do delegado local, mas a êsse tempo a situação já não era muito favorável aos clericais. Como não pudessem mais queimar a casa ou os móveis, arranjaram um "Zé Pereira" para tôdas as quartas-feiras e domingos perturbar os crentes. O delegado fazia causa comum com os perseguidores, mas ao chegar um telegrama do govêrno proibindo terminantemente êsse divertimento nos dias de culto, foi o delegado censurado por um amigo do Bispo por haver cedido à ordem do govêrno, o qual, parece, lhe arrumou também a demissão "a pedido". Enquanto divergiam as autoridades a Causa descansava.

Afora estas perturbações, que outra coisa não eram senão sintomas da vitalidade da obra, o trabalho no Espírito Santo estava animado e promissor no fim dêste período. Pouco a pouco iam sendo tomados novos redutos, enquanto os antigos postos iam sendo reforçados pela contínua pregação do evangelho. A êsse tempo, operando Fernando V. Drummond, Luiz B. de Almeida, Francisco José da Silva e Reno em vários setores, e recebendo o campo uma vez por outra as visitas de obreiros de fora, o trabalho cresce, novas igrejas surgem e um futuro que hoje bem conhecemos se vai delineando galhardamente. Já por êsse tempo operavam como evangelistas voluntários na zona mineira ou limítrofe do campo os futuros pastôres Manoel Balbino Lannes e José Gonçalves de Aguiar. [9]

---

(9) O Pastor José Gonçalves de Aguiar faleceu em Conceição do Capim, Minas, no dia 6 de agôsto de 1939. Veja-se notícia em «O Jornal Batista», de 21 de setembro e em «O Obreiro», de outubro do mesmo ano.

CAPÍTULO XI

MISSÃO CAMPISTA

Preâmbulo

A Missão Campísta, como era conhecida nesta época, é uma das mais antigas do trabalho batista no Brasil onde laboraram alguns esforçados missionários e brasileiros. Da sua origem não nos ocuparemos porque isso foi feito no I Volume da História dos Batistas no Brasil. Apenas notaremos o fato de que o estabelecimento do centro do trabalho no E. do Rio, em Campos em lugar de Niterói, como era de ordinário seguido, preferindo as capitais para centros, fêz com que o trabalho irradiasse fàcilmente. É certo que Niterói e uma boa parte do Estado do Rio estavam sob a direção da Missão no Rio, e isso, por certo, determinou o estabelecimento do trabalho em Campos em lugar de Niterói.

Geografia. A proximidade e intercooperação da Missão de Campos com a do Rio torna um pouco difícil traçar a linha divisória entre as duas. Já notamos que a Missão do Rio de Janeiro, ou digamos, "A Associação Batista do Rio" trabalhava numa parte do estado deixando a outra parte com a Missão Campista. Mesmo depois da organização da "Associação Batista Fluminense" ainda continuou a mesma orientação. Podemos dizer, se queremos traçar os limites dos dois campos, que traçando uma reta entre Macaé e Cantagalo dividiríamos o Estado do Rio entre as duas missões; para o norte a Missão de Campos, para o sul a Missão do Rio. Anos mais tarde (1918) todo o Estado do Rio veio a constituir lògicamente um campo e o então Distrito Federal outro.

Evangelismo. O período que vai de 1907-1909, inclusive, foi de acentuada atividade evangelística no estado todo. A par destas atividades, corriam também as perseguições, como era de prever, pois que o inimigo da boa causa se agita na proporção da atividade dos crentes. "Era simplesmente edificante", diz o irmão J. F. Lessa, "ver-se o trabalho individual, pelas ruas, pelas casas, nos trens, em tôda a parte enfim. Era a demonstração tácita de um grande avivamento no campo campista, então sacudido por tantas lutas intestinas." [1]

Desta atividade temos farta informação em *O Jornal Batista*. Salomão que andava nesta época (junho de 1907) ex-

---

(1) Subsídios para a História dos Batistas do Campo Batista Fluminense.

cursionando pelo sul, não podia deixar de visitar o trabalho no Estado do Rio, onde êle mesmo tinha sofrido bastante. Visitando várias cidades, pôde aquilatar do progresso feito desde que se despedira do Estado para ir ao norte. Novas igrejas tinham surgido, novos obreiros no campo, uma efervescência batista por tôda a parte. (2)

ASSOCIAÇÃO BATISTA FLUMINENSE

Para coordenar as atividades que se vinham processando e prometiam continuar, foi alvitrada a organização da Associação Batista Fluminense, cuja organização teve lugar a 5 de janeiro de 1907, na Igreja de Aperibé. (3) Admira como os obreiros do Estado do Rio se delongaram tanto nesta organização quando outros campos mais moços já tinham suas organizações e bem pujantes. Parece que o campo sofria de certas convulsões intestinas, umas geradas dentro do próprio organismo batista, outras germinadas pelos vários elementos evangélicos, no Estado, acoroçoados por elementos católicos. "Estamos rodeados", dizia o missionário D. F. Crosland em seu relatório anual à Junta na outra América, "por tôda a sorte de doutrinas, algumas das quais perigosas e corruptas. O povo mais intolerante que temos aqui são os católicos e as outras denominações protestantes." (4)

De qualquer maneira tardava a organização de uma agência que reunisse as simpatias de todos os batistas e coordenasse os esforços dos obreiros do Estado. Assim, no dia acima mencionado, com mensageiros de 9 igrejas no total de 37 era organizada a Convenção. Apenas uma igreja deixou de representar-se. Além do missionário do campo, o Dr. D. F. Crosland, lá estiveram os Drs. A. B. Deter e O. P. Maddox que ajudaram notòriamente nos trabalhos. Parece que desta visita, se é que ela já não foi feita de propósito, nasceu a ida de Christie para Campos, com prejuízo para o campo do Rio que o desejava para secretário-correspondente. Na ausência de colégios e outras organizações, tôda a discussão girou em tôrno da evangelização do Estado.

HOSPITAL BATISTA

Como parte integrante do mister de evangelizar, a Associação incorporou o movimento do Hospital Evangélico Flu-

(2) Foreign Mission Board Report, 1908.

(3) A Diretoria ficou composta de: Lessa, presidente; Alfredo Reis, vice-dito; Crosland, tesoureiro; Kleber Martins, secretário.

(4) Foreign Mission Board Report, 1908.

minense, o qual ocupa notável espaço nas páginas das atas e considerável tempo, nas discussões convencionais.

O ano convencional esgotou-se sob o impulso da atmosfera criada na reunião de Aperibé. Os obreiros daquele tempo eram Kleber Martins, evangelista da Associação, J. F. Lessa, Joaquim Coelho dos Santos, Alfredo Reis, Joaquim Rosa, Leonel Eyer, Carlos de Mendonça e outros.

Em 1908 reunia-se a Associação com a Igreja de Campos para recapitular as maravilhas havidas durante o ano findo. Foi visitante de honra o Dr. Entzminger, que ocupou o púlpito durante os dias convencionais. Em 1909, volta a reunir-se em Aperibé, local de duras pelejas evangélicas pelas perseguições dos católicos. Já agora também os trabalhos da Convenção Batista Brasileira, com suas Juntas de Missões e Educação, estavam influindo na vida batista estadual, alargando-lhe a esfera de ação e distendendo-lhe o campo de cogitações dentro e fora do Estado. O Dr. Shepard, que estêve presente a esta Associação, para lá levou os seus planos de Educação no Brasil, e com êles inflamou o coração dos fluminenses. Já não eram mais só aquêles que se tinham reunido em Aperibé em 1907. Eram uma parcela da grande família batista no Brasil unida por vasto programa de missões e educação. Como conseqüência talvez desta insuflação educacional, foi nomeada nesta Convenção a comissão que deveria estudar as bases do estabelecimento de um colégio da Missão de Campos ao mesmo tempo que se arregimentavam sócios para a Sociedade Educadora Batista, que (veja-se o capítulo sôbre esta sociedade) procurava alistar todos os batistas no Brasil em tôrno de um grande programa educativo. Pouco a pouco vão sendo alargadas as estacas da tenda batista em tôda a parte, de maneira que se vai estabelecendo uma entrosagem de interêsses recíprocos.

Da atividade batista neste Estado podemos concluir pelo número de 379 os batismos, em 1908, enquanto uns 100 mais esperavam ser batizados logo. Com a ida do missionário Christie e espôsa para Campos muito lucrou o trabalho. Bem cedo o campo se emancipou financeiramente da Missão, não se organizando uma igreja sem que pudesse cuidar do pastor, dividindo-se mais tarde o Estado em Associações Regionais. Com o entusiasmo que nasce da independência financeira, prosperavam as igrejas admiràvelmente, e se multiplicavam por tôda a parte, ocupando gradativamente quase tôdas as cidades e vilas.

No relatório enviado à Junta de Richmond em 1909, pelo missionário Christie, destacamos o seguinte, como amostra do

programa que êle lá estabeleceu e que tão sazonados frutos tem dado:

> «Ao mesmo tempo que desenvolvemos o sustento próprio, estamos descarregando a responsabilidade do trabalho sôbre os brasileiros... Temos uma admirável fôrça de obreiros e esperamos ver em breve o dia em que êles façam seu próprio trabalho independente dos missionários e da Junta de Richmond. Espero ver na Missão de Campos, dentro de cinco anos, uma Associação de 25 igrejas pagando suas próprias despesas e dirigindo o seu próprio trabalho...» (5)

Êste pedaço de relatório vale por um programa. Em lugar de centralizar o trabalho em sua mão, êle o distribuía, distribuindo também a responsabilidade, de modo que o trabalho crescia de maneira notável.

Logo depois da Convenção em Aperibé, os antigos perseguidores, exasperados pela vitória do evangelho, tramaram da melhor maneira para acabar com o trabalho. O principal perseguidor comprou a casa de residência do evangelista Kleber Martins para o forçar a mudar-se sabendo que outra casa não lhe seria alugada. No dia aprazado, como êle não se mudasse, foi intimado a sair sob pena de ver os móveis na rua. Humilhado ante tal situação, deu disso conhecimento aos irmãos Crosland e Lessa, e os três retiraram-se para o mato a orar. Dias depois corria a notícia: "O Major Abreu morreu repentinamente esta noite." (6) Pouco depois morreu o Sr. Bragança e por fim, o terceiro morreu assassinado nos braços da espôsa. Isto tudo dentro de poucos dias.

Cesário Alvim foi também teatro de selvagens perseguições aos crentes. Todavia, a Palavra não caiu em terreno estéril e quando ninguém mais esperava poder continuar a pregar ali, um fazendeiro escrevia que não obstante não ter preparo iria fazendo o melhor que pudesse até que lhe fôsse enviado um evangelista, havendo já muitos crentes e interessados. Dirigindo-se ao lugar, Crosland e Lessa, pela mão de um guia incrédulo, conseguiram chegar alta noite junto à casa de José Nunes Amaral que não estava em casa. Com o auxílio de uma vela, segura pelo guia incrédulo, começaram a cantar, mas ninguém apareceu, passando êles a noite no terreiro. Dia claro, conseguiram encontrar a casa de um crente que os recebeu alegre, batizando êles ali umas doze pessoas. De tôdas as perseguições desta época, talvez nenhuma do vulto e conseqüências da de Friburgo, infelizmente promovida pelos luteranos, presbiterianos e outros. Junto a êstes estavam Monsenhor Miranda, capitão de

---

(5) Foreign Mission Board Report, 1910 — Anuário Batista Brasileiro, 1907.
(6) Subsídios para a História dos Batistas do Campo Fluminense, J. F. ....Lessa, pág. 57 (inédito).

uma horda de malfeitores, garotos maltrapilhos, tendo como ajudantes um tal de Bijú, professor do Colégio Anquieta, e o sub-delegado Guilherme Borker, ainda ajudados pelo chefe político local. Durante muitos dias foram os crentes perseguidos e proibidos de pregar na praça pública. Estando mesmo em perigo a vida dos missionários americanos, fizeram uma apresentação ao Ministério do Exterior, ao Presidente da República, ao Chefe de Polícia do Estado e ao Governador do Estado do Rio, para que não sòmente fôssem garantidos no exercício de sua crença, mas garantidos em suas vidas. De nada valeram estas apresentações porque de Friburgo informavam as autoridades que tudo estava em paz, descarecendo-se de fôrças para manter a ordem. Cada dia à chegada do trem era um desapontamento, por não chegarem as providências pedidas. O padre, com uma banda de música de latas velhas e assobios, encarregava-se de desmoralizar os pobres batistas. Finalmente, 12 dias depois de tanto esperar, a 31 de agôsto de 1908, chegava pelo expresso uma fôrça embalada de 50 soldados de infantaria e cavalaria, sendo, como de costume, recebida pelo padre e sua música, com a diferença que as latas velhas não tocaram nem os assobios assobiaram, retirando-se os perseguidores desanimados. Como delegado especial seguiu o Dr. Nascimento Silva tendo como escrivão, Manoel Gomes de Oliveira. Combinada para as 4 horas da tarde a reunião ao ar livre, a autoridade fêz distribuir pelas esquinas das ruas próximas as suas fôrças ao mesmo tempo que mandava afixar pelas paredes uma proclamação ao povo para que não perturbasse a ordem. À hora da reunião chega uma banda de música acompanhada de mil apetrechos para fazer uma retreta na praça em que se ia pregar, tendo mesmo uma senhora portuguêsa o desplante de vir pedir ao delegado licença para a banda tocar. Êste mandou retirar a música e tudo que lhe pertencia, fazendo-se a pregação debaixo do maior silêncio e respeito. Os oradores, A. B. Deter e Joaquim Lessa falaram livremente sem que alguém os perturbasse.

Derrotados na primeira instância, voltaram à carga, os inimigos do evangelho. O delegado tinha sido removido e o padre chegou a ter a mala arrumada para ir a outra freguesia, mas à instância de amigos ficou, depois de lhe terem preparado uma reunião de desagravo. Vencidos neste plano, começaram a fomentar intrigas com os italianos residentes, afirmando que os crentes eram inimigos dos estrangeiros, chegando a surtir certo efeito esta nova forma de perseguição. Depois de muitos sobressaltos foi o trabalho estabelecido, mudando-se para Friburgo o missionário Christie com a família, e dali em diante o trabalho gozou de paz e prosperidade.

Êste período termina no Estado do Rio em verdadeira efervescência evangélica. As grandes perseguições estavam terminadas, e o campo desbravado. Quinze igrejas organizadas nos principais centros do Estado e dois colégios, que pouca vida tiveram, em dois pontos estratégicos do Estado. Estava bem consolidada a obra do Senhor, tendo como seus maiores vanguardeiros, Joaquim Lessa, Carlos de Mendonça, Alfredo Reis, Kleber Martins, Luís Ovídio Firmo, Joaquim Coelho dos Santos, Antônio Corindiba de Carvalho, Leonel Eyer e outros, e dois casais de missionários, A. B. Christie e D. F. Crosland.

CAMPO MINEIRO

O trabalho no Estado de Minas Gerais não pode, nesta época ser estudado à parte, como já vimos, uma vez que não havia direção local pròpriamente dita. Depois da tentativa de evangelização pelo missionário C. D. Daniel, que pouco se demorou no Brasil, onde, aliás, tinha sido criado, retirando-se para sua terra, ficou pràticamente abandonado o campo. Os Drs. Bagby, J. L. Dowing, Soper, J. J. Taylor e S. J. Porter e mais tarde Salomão Ginsburg, tentaram estabilizar o trabalho, mas a falta de trabalhador residente tornou êsses esforços pràticamente inúteis. Não havendo trabalho dirigido pelo próprio campo, compadeceram-se dêle os campos vitoriense e campista, e uma vez ou outra o baiano. Todo êste trabalho, porém, ressentia-se da falta de continuidade.

As igrejas de Belo Horizonte e Juiz de Fora chegaram a desaparecer pràticamente, e outros lugares onde o trabalho tinha sido começado, entravam em estado de agonia.

Em 1909, no fim do período em estudo, houve um grande avanço que se poderia chamar de preparatório. Crosland, da Missão Campista, resolveu levar em conta as oportunidades do Campo Mineiro, e ao mesmo tempo que cuidava do seu Estado, entrava pelo suleste de Minas juntamente com os consagrados irmãos Antônio R. Maia, Joaquim Alves Pinheiro, Arquimedes de Roura, Leonel Eyer, Kleber Martins e outros. São Paulo de Muriaé, Santa Rita do Glória, São Luiz do Carangola, Espera Feliz e Natividade do Carangola (7) receberam o influxo do evangelho estabelecendo bases de um futuro sólido e feliz. Animados com os resultados obtidos por meio dos trabalhadores do Estado do Rio, ajudados pelos do Espírito Santo, que para lá chegou a enviar um pregador residente, ainda que com sacrifício das poucas fôrças evangelísticas do Estado, levaram o problema à reunião da Missão em Campos, por

(7) **Histórico da Denominação Batista em Minas (inédito)**

ocasião da convenção em 1911, pedindo à Junta de Richmond para considerar o Estado de Minas como um campo que devia logo ser ocupado. Com a resposta favorável, para lá se mudou D. F. Crosland indo residir em Belo Horizonte. Estava iniciado em definitivo o trabalho naquele grande Estado de que nos viremos a ocupar no segundo período dêste volume da nossa história.

CAPÍTULO XII

MISSÃO DO RIO DE JANEIRO

Preâmbulo

A Missão do Rio de Janeiro pela sua própria condição política e social, pelo emaranhado de sua vida e complexidade de seus problemas é daqueles que o historiador não pode abordar sem temor, tal a dificuldade em que se encontra para ser fiel a uma infinidade de atividades e interêsses. Era, depois de 1907, o centro de vida cooperativa dos batistas porque ali se encontravam as principais instituições. Tinha, por essa razão, o maior contingente em capitais e homens, e de tudo isso havia de naturalmente resultar uma certa complexidade de vida que mal poderá ser, nesta altura, retratada.

Ali estavam o seu colégio e seminário centrais, pertencentes à Convenção Batista Brasileira; ali estava a Casa Editôra, a Junta de Escolas Dominicais que tinha por função preparar e distribuir a literatura evangélica. Apreciar tôdas as atividades batistas na terra carioca não é tarefa pequena.

Geografia. A Missão do Rio compreendia, nesses bons tempos, o Rio de Janeiro, pròpriamente dito, uma faixa considerável do Estado do Rio, Niterói, Barra do Piraí, Paraíba do Sul, Sapucaia, Barão de Aquino, Anta, Valença e outras igrejas estavam unidas ao Rio e faziam parte da "Sociedade Missionária". O então Distrito Federal tinha apenas duas igrejas em 1907, a Primeira e a de Engenho de Dentro. Mesmo depois da organização da Convenção Batista Fluminense neste mesmo ano ainda algumas igrejas continuaram unidas à organização do Rio.

Evangelismo. As fôrças missionárias, se bem que mais numerosas que em muitos outros lugares, não eram suficientes para as muitas demandas do trabalho. Os missionários eram Entzminger, Deter e Maddox. O Dr. Entzminger adoeceu de lepra e teve de retirar-se para sua terra vindo para a Casa Editôra o Dr. Deter, ficando o Dr. Maddox como missionário-evangelista. No fim de 1907 mudou-se para o Rio o Dr. Shepard, então em Pernambuco, para tomar conta do nôvo colégio e seminário, vindo mais tarde também o Dr. Canadá. Com o restabelecimento milagroso de Entzminger e sua volta a Casa Editôra, ficou o Rio com cinco famílias de missionários. Os

obreiros brasileiros eram o Dr. F. F. Soren, (1) que ao mesmo tempo que servia à Primeira Igreja, era secretário-correspondente da Sociedade Missionária, tendo feito em 1907 quatro visitas às igrejas do Estado do Rio que estavam tôdas sem pastor, por não os haver; Theodoro R. Teixeira, Pedro Barbosa, Ernesto G. Tôrres e alguns outros, consagrados crentes. Em resumo, eram êstes os homens e as atividades dos batistas no princípio de 1907. No fim do período em estudo, as fôrças eram mais numerosas e as várias fases do trabalho mais desenvolvidas.

Na Ilha do Governador havia um bom grupo de 20 crentes que prometiam organizar-se em breve numa igreja o que fizeram a 25 de dezembro de 1909. O problema angustiante, entre outros, era o de casas de culto. Niterói estava pèssimamente acomodada; a Primeira Igreja morava numa pequena e acanhada casa. Neste sentido a Missão do Rio fêz um apêlo à Junta de Richmond para que desse dentro de cinco anos 50.000 dólares na condição da igreja levantar 12.500, um dólar em cada quatro, para compra de terreno e construção da casa. A petição foi bem recebida, mas os anos escoaram-se sem que fôsse deferida.

Em 1908 a Primeira Igreja assumiu o sustento próprio, oferecendo ao Pastor Soren Cr$ 800,00 por mês.

O exemplo influiu no ânimo das outras igrejas e, se pastôres houvesse, certo que seguiriam o modêlo. Infelizmente as igrejas do interior continuavam tôdas sem pastor, recebendo de vez em quando a visita de Soren ou de algum missionário. O missionário Christie, chegado ao Rio no dia 23 de setembro de 1907, estava talhado para tomar conta do trabalho evangelístico do Rio, mas depois mudou de planos, indo para campos, continuando a situação no Rio inalterável. Não obstante a grande falta de trabalhadores, o evangelho ia sendo disseminado, isso graças à índole acentuadamente evangelística dos batistas. O evangelista Pedro Barbosa era o campeão das hostes batistas no interior, onde sofria sérias perseguições, mas sem desanimar.

Escrevendo o relatório anual, em 1909, à Junta de Richmond, dizia o missionário O. P. Maddox: "Os que têm dado seu tempo à evangelização são em número de oito, alguns sòmente parte do tempo. Dêste número dois são pastôres, Soren e eu... Há cinco evangelistas, e uma senhora ajudando no trabalho... Êstes evangelistas têm pouca ou nenhuma educação literária, mas são consagrados e Deus os tem usado maravilhosa-

(1) **Não havia outros pastôres nativos, sendo boa parte do trabalho feito pelos diáconos.**

mente." ([2]) Agora imagine-se 10 igrejas espalhadas no então Distrito Federal e parte do Estado do Rio sòmente com dois pastôres, considerando que destas, duas estavam uma na capital do Brasil e outra na capital do Estado do Rio.

SOCIEDADE MISSIONÁRIA

Sociedade Missionária Batista do Rio tinha por anos sido a agência coordenadora das atividades evangelísticas e missionárias. Tinha servido ao seu tempo. Dela faziam parte, segundo a linhagem do tempo, as igrejas do Rio pròpriamente ditas e as do Estado do Rio mais próximas. Seu programa era puramente local, como aliás era até aqui o programa de tôdas as outras organizações locais. Na ausência de trabalho extra-muros, como fôssem Missões Nacionais e Estrangeiras, educandários com feitio nacional, as Sociedades Missionárias, como eram em geral chamadas as atuais Convenções Estaduais, limitavam-se ao trabalho evangelístico local. Depois da organização da Convenção Batista Brasileira, e o conseqüente ampliamento do trabalho batista, tôdas as organizações locais ou regionais tiveram de adaptar-se à nova situação. Assim também teve de fazer a Sociedade Missionária Batista do Rio. No número de 19 de dezembro de 1907 do "O Jornal Batista", publicava o secretário-correspondente desta sociedade, Dr. F. F. Soren, um artigo bem lançado, mostrando a necessidade de serem refundidos os estatutos da sociedade a fim de acomodá-la ao trabalho batista geral, ao mesmo tempo que pedia às igrejas para enviarem seus mensageiros à reunião a realizar-se em janeiro com a Igreja de Niterói. No dia 14 de janeiro de 1908 reunia-se a Associação que, depois de ouvir os relatórios do ano, deliberou mudar a sua estrutura orgânica. Da notícia publicada em "O Jornal Batista" extraímos os seguintes dizeres: "...O mais importante, porém, foi a mudança orgânica da sociedade para lhe dar um campo mais vasto e de acôrdo com o caráter da nossa convenção (Batista Brasileira, nota do autor). Por proposta unânime foi dissolvida a Sociedade Missionária Batista do Rio e organizada a *Associação das Igrejas Batistas do Rio,* a qual adotou uma constituição provisória que em breve será publicada..." Sua diretoria ficou composta dos irmãos: Dr. F. de Miranda Pinto, presidente; Ernesto G. Tôrres, vice-dito; Américo L. Sena, 1º secretário; Julião Magalhães Passos, 2º secretário; e Francisco de Paulo e Souza, tesoureiro. Foram eleitas as Juntas de Missões Nacionais, Estrangeiras, Publicações e Escolas Dominicais e Educação. Estava organizada a Convenção Batista Federal, como é conhecida atualmen-

---

(2) **Foreign Mission Board Report**, 1910.

te. Teria de ser esta Convenção que havia de assistir ao desenvolvimento maravilhoso dentro de cinco lustros, do trabalho no Rio de Janeiro. A segunda reunião anual teve lugar na Primeira Igreja do Rio sendo reeleita a diretoria. As diversas Juntas deram bons relatórios, e os trabalhos correram bem, não obstante as perturbações que a cidade estava sentindo nesses dias, motivo porque foram diminutas as reuniões.

MUITAS OUTRAS ATIVIDADES

O Rio de Janeiro estava destinado a ser para o sul o que Pernambuco seria para o norte: o grande centro de cultura e liderança batista. Estavam no Rio o colégio e seminário denominacionais, a Casa Editôra Batista, Junta de Educação e Sociedade Educadora Batista. A vida cooperativa seria plasmada nestes centros para dali se irradiar a tôdas as paragens. Por isso, caberia aqui um relato mesmo breve destas instituições, mas isso foi feito em capítulo separado, que o leitor é convidado a ler.

VENCENDO A OPOSIÇÃO

No Rio não se deram as perseguições temíveis que os pernambucanos, os espirito-santenses, fluminenses e outros sofreram, mas assim mesmo, bem perto do govêrno central do país, os elementos clericais não perdiam oportunidade para demonstrar seu espírito ultramontano.

Não foi sem dificuldade que o evangelho entrou nas cidades do E. do Rio, próximas da então Capital Federal, onde os batistas cariocas exerciam as suas atividades. Antes de estabelecer a tenda batista tinha-se, em regra, de aplainar o terreno com graves dificuldades.

O irmão evangelista Pedro Sebastião Barbosa, que era o admirável arauto batista entre as igrejas do Estado do Rio, muito diria se pudesse falar. Em Valença sofreu o irmão Barbosa terrível perseguição promovida por antigo inimigo do evangelho. Como as autoridades locais se negassem a dar-lhe as garantias de vida e trabalho que êle reclamava, pediu aos crentes que orassem enquanto êle vinha ao Rio pedir providências. Antes de embarcar foi procurado pelo principal perseguidor para uma "fala". Êste disse-lhe: "Sr. Barbosa, venha cá, vamos entender-nos; eu tenho sido um grande inimigo seu, mas não quero ser mais, vamos fazer as pazes." O irmão Barbosa, naturalmente, desconfiava da oferta, mas como o homem insistisse em fazer as pazes, disse: "Graças a Deus que o senhor vem falar comigo, e eu também sou de paz. Veja que nenhuma arma trago!" O outro perguntou: "O que quer que

eu faça para lhe mostrar que estou disposto a ser seu amigo para o futuro?" "Nada", respondeu Barbosa, "sòmente a sua palavra." Ao despedirem-se, abraçaram-se efusivamente. Foi assim que Deus respondeu às orações do povo de Valença.

Terminamos êste período com a sensação de uma grande obra esboçada e um futuro explêndido. Um bom colégio, o Seminário, muitas congregações, a Casa Editôra em plena atividade. Sòmente se nota grande falta de pregadores.

CAPÍTULO XIII

MISSÃO PAULISTANA

Preâmbulo

O trabalho paulistano no comêço dêste período era bastante incipiente. Um dos campos mais novos no Brasil não apresentava as características de um trabalho desenvolvido e radicado ao meio. Em parte pelo menos, esta situação era devida também à deficiência de trabalhadores que a terra pródiga ainda não tinha produzido. Enquanto a Bahia, o Estado do Rio e outros campos já tinham arregimentado um bom número de pregadores brasileiros, S. Paulo parece que não tinha nem um a êste tempo, e foi com grande dificuldade que conseguiu preencher esta lacuna nos anos futuros. Sem pregadores além dos missionários, não era de se esperar um grande vulto de atividades.

Os missionários, se bem que poucos para as necessidades, eram muitos em relação a outros campos: W. B. Bagby e espôsa, J. J. Taylor e espôsa, F. M. Edwards (solteiro) e Miss Annie Thomas, descendente de uma antiga família de Santa Bárbara. O casal Bagby dedicava-se ao colégio, e os outros missionários ao evangelismo, sendo que o mesmo Bagby ainda tomava a sua parte nestas atividades, de vez que D. Ana era quem tomava a frente do estabelecimento educativo feminino. É com estas parcas fôrças evangelísticas que temos de contar para as atividades dêstes próximos anos.

Evangelismo. As igrejas do Estado eram no princípio de 1907 a Primeira, Jundiaí, Alto da Serra, Santos, Piracicaba, Limeira e Rocinha, sete ao todo. Ao lado dessas igrejas havia futurosas congregações. Passados os olhos pelo mapa, verifica-se que ainda não tinham os bandeirantes batistas entrado muito para o interior do Estado. Estavam em redor da capital. Daí a certeza de que as igrejas fôssem bem cuidadas mesmo que os pastôres fôssem poucos.

Se é certo que não havia pastôres brasileiros nesta época, (1907-1909) pois que a estatística dada à C. B. Brasileira em junho de 1911 apenas menciona Odilon de Faria como pastor e J. Gresemberg como evangelista, não é menos certo que alguns irmãos estavam dando a sua vida a certas fases de trabalho es-

pecial. Ou como colportores, ou simplesmente como comissionados dos missionários, ou mesmo por iniciativa própria, temos de lembrar os irmãos Antônio Passos, Manoel Felipe Santiago, Bento de Sousa e Silva, José Nigro, Onofre Santos, Herman Gärtner, Samuel de Melo, primeiro missionário paulistano que por sua própria iniciativa, tendo liqüidado o seu negócio em Santos, foi dedicar-se ao trabalho em Paranaguá. Se S. Paulo não tinha pastôres, tinha irmãos que lhes faziam as vêzes.

As atividades poderiam fàcilmente ser conjecturadas, na ausência de dados precisos. A Primeira Igreja procurava desenvolver-se e ao mesmo tempo evangelizar a cidade. Havia um ponto de pregação lá para as bandas da Liberdade que em breve se tornaria numa boa igreja. Com o propósito de organizar uma segunda igreja, voltou para S. Paulo em 1908 o missionário J. J. Taylor, depois das férias, o qual em breve viu, junto com outros batistas, realizados os seus desejos, organizando-se a Segunda Igreja a 30 de abril de 1909. No bairro do Braz também começava a reunir-se um pequeno número de crentes que em breve se tornariam numa igreja. No interior a propaganda era grande, se tomarmos em consideração o número e as possibilidades dos crentes. Campinas, Nova Odessa, Santos e Jundiaí eram os principais centros de propaganda. Junto a estas lides, corria o colégio com o seu crédito firmado entre as melhores famílias, contribuindo com uma boa parte no estabelecimento do Reino de Deus.

Eram mais ou menos estas as condições dos batistas em S. Paulo nesta época memorável dos batistas. Edwards, chegado em 1907, dedicava-se a viagens pelo interior mais próximo, enquanto Taylor se dedicava especialmente ao trabalho na capital. As igrejas distantes, como Piracicaba, com vários pontos de pregação, eram visitadas ora por um missionário ora por um brasileiro.

IGREJA DE CAMPINAS

O ano de 1907 termina com a organização de mais uma igreja na cidade de Campinas, a "Princesa do Oeste" a 18 de agôsto. Não era a primeira tentativa que se fazia para estabelecer o trabalho ali. Últimamente o comerciante Manoel Barbosa Martins alugara uma casa e pregava, ajudado por outros irmãos de cujo trabalho resultou a organização acima com 4 membros apenas.

De 1908 em diante muito melhoram as condições do trabalho em S. Paulo. Para o Estado se mudou o casal Deter, e mais

tarde, ainda que por pouco tempo, Dunstan, ao mesmo tempo que trabalhadores nacionais iam entrando em atividade. Havia agora quatro missionários que certamente haviam de proporcionar a S. Paulo alguns dos melhores dias da sua história batista.

As maiores oportunidades para os batistas neste ano e anos seguintes centralizavam-se em Santos e Campinas, além da capital. Santos era o grande pôrto de mar do Estado, uma espécie de Nova York brasileira, aonde aportava gente de tôdos os tipos e raças. Evangelizar êste povo no ponto de início de sua vida no Brasil era um dever. Infelizmente não havia obreiros que pudessem fazer tal trabalho, e a própria igreja movia-se lentamente à falta de cuidados. Devido à mistura de gente, Santos era considerada uma espécie de Corinto nos tempos de Paulo, e êsse fato afligia os batistas que nada podiam fazer pela cidade. Não sabemos se em abril de 1908 ou 1909 mudou-se para lá o missionário Dunstan e tal era a condição do trabalho que foi julgado conveniente reorganizar a igreja, aproveitando-se dos seus elementos apenas nove membros. Pouco depois, em 1911, Dunstam mudou-se para Pôrto Alegre e lá ficou o trabalho mal amparado de nôvo. A falta de um local próprio também concorria para demorar o estabelecimento da Causa. Eram vários os fatôres que conspiravam contra o trabalho na cidade de Santos. A situação não melhorou muito antes da vinda de T.C. Bagby, em 1915. Daí em diante o trabalho desenvolve-se admiràvelmente por meio da pregação nas ruas, farta distribuição de folhetos e a compra de sua primeira propriedade à Rua General Câmara, depois vendida para ser comprada outra na Praça José Bonifácio, onde foi construído seu majestoso templo.

Campinas também, pela sua importância geográfica, podia constituir-se num grande centro, mas a falta de obreiro importava em retardamento da evangelização local e, por sua vez, geral. Em 1909 a igreja tinha apenas sete membros, três mais que o número da organização, e êstes brigavam entre si. (1) O local em que a igreja estava era afastado e ninguém ia lá, mas depois que se mudaram para melhor lugar, e tomaram mais interêsse no trabalho, a situação mudou. Os crentes animaram-se e consagraram-se ao Senhor e logo as conversões se sucederam. Nos princípios de 1910 já a igreja tinha 31 membros unidos e consagrados.

Os outros lugares onde havia trabalho não apresentavam grande progresso. Santa Bárbara, a primeira igreja batista do

---

(1) Foreign Mission Board Report, 1910.

Brasil composta de americanos, estava pràticamente morta. Pelo menos era impossível reuni-la.

Duas novas igrejas apareceram neste ano: *Nova Odessa* e *Corumbataí*. Há anos funcionava perto da estação dêste nome uma forte congregação composta, dizem alguns relatos, de russos, segundo outros, composta de letos. De russos ou letos, foi no dia 28 de dezembro de 1908 organizada uma boa igreja com 50 membros, ficando como pastor o irmão A. Araiun e como auxiliares, E. Araiun e K. Matsches. A história desta boa igreja daria um alentado capítulo se tivéssemos lugar para êle. Sua atuação não tem sido limitada ao povo de sua própria língua, mas aos brasileiros em cujo solo têm encontrado a riqueza e a tranqüilidade. Possui ao lado do templo uma boa casa pastoral, tem um dos melhores coros do Brasil e coopera com todos os trabalhos da Convenção Batista Brasileira.

Corumbataí. Em dia que não é possível precisar, foi também organizada, neste ano, uma pequena igreja russa no lugar acima. A igreja viveu pouco porque sua vida estava ligada umbelicalmente à permanência de alguns de seus membros fundadores, no lugar. Logo que êstes se mudaram, a igreja desapareceu.

Além dos trabalhos mencionados, o relatório enviado a Richmond apontava uma pequena igreja em Tambaú, mas não foi possível saber o dia ou o mês de sua organização.

As antigas igrejas do Alto da Serra, Jundiaí, etc., continuavam a luta pela existência. Jundiaí, especialmente, lutava muito, porque pequena, numa cidade grande, tinha de enfrentar a oposição que naturalmente lhe fariam os elementos católicos.

Retratar com perfeição o trabalho paulistano no fim do período, não será possível, mas uma vista do conjunto afigura-se fácil. Duas igrejas na capital, o grande pôrto do Estado com uma igreja, Campinas, Limeira, Jundiaí, etc. Pelo menos as bases de um grande trabalho estavam lançadas para o período seguinte.

OUTRAS ATIVIDADES

Pregar e andar era a marca do trabalho daqueles dias. Não havia tipografias nem muitas outras coisas que vieram mais tarde nalguns campos. Todavia, os paulistas mantinham um grande estoque de Bíblias e outra literatura evangélica que enviavam a tôda a parte do Estado. "Centenas de Bíblias,

Evangelhos e outros livros, como hinários, folhetos, têm sido vendidos", dizia o missionário Bagby em seu relatório à Junta. Havia o que êles chamavam "Depósito de Bíblias e Tratados" que era abastecido dos centros de publicações no Rio e na Bahia. Desta farta sementeira nasceu a grande obra atual.

CONVENÇÃO PAULISTANA

A Convenção Paulistana organizada em 20 de abril de 1904, com a Igreja de Jundiaí, era bem fraca naqueles dias; nem era mencionada nos relatórios anuais. "O Jornal Batista" às vêzes dava curso a uma notícia sôbre a reunião anual e outras vêzes nem isso. Poucas igrejas, poucos obreiros nacionais, tudo se resolvia entre os próprios missionários, e as reuniões convencionais eram mais uma satisfação ao programa batista que outra coisa.

Resumo do Período. Começamos êste período com 4.201 crentes, 83 igrejas, 50 pastôres e missionários, 29 casas de culto, 70 escolas dominicais, 87 pontos de pregação e propriedades no valor de Cr$ 229.220,00. A média das contribuições anuais foi de Cr$ 46.365,32. Tínhamos apenas dois pequenos colégios, um em Pernambuco e outro na Bahia. Havia um pequeno seminário em Recife e uma escola teológica na Bahia. Não tínhamos ainda desenvolvido o trabalho de Missões Nacionais e Estrangeiras e o trabalho de publicações estava na infância.

Em 1910 tínhamos 110 igrejas com 7.004 membros, 67 pregadores, 46 propriedades no valor de 317 contos. Tínhamos dois seminários, bons colégios no Rio, S. Paulo, Vitória e Pernambuco, além dos que tínhamos em 1907. As Juntas de Missões faziam um bom trabalho, se bem que de pequeno vulto, as várias missões foram agrupadas em duas gerais, uma com sede na Bahia e outra no Rio.

Ainda não tínhamos propriedades para os colégios e seminários, morando todos em casas alugadas, e os seminários ainda não tinham conseguido preparar convenientemente qualquer pregador, se bem que tivessem ajudado de maneira bem sensível o preparo de alguns. A Casa Publicadora tinha melhorado em alguma coisa o seu material, mas continuava ainda mal alojada e em casa de aluguel. As contribuições para Missões Estrangeiras em 1910 foram de Cr$ 1.183,90, e para Missões Nacionais de Cr$ 1.108,50. Não tínhamos missionário algum em Portugal, ajudando apenas no aluguel da casa da Igreja, e ajudávamos com 50 pesos mensais os obreiros do Chile. Não havia qualquer contribuição para educação.

De um modo geral, o trabalho se desenvolvera bem, mas como o período era curto, apenas de 3 anos, não era de esperar um grande vulto de atividades e um progresso de entusiasmar. O período seguinte, de 1911-1925, foi de um desenvolvimento excepcional, assim como o foi o último período desta parte da história.

SEGUNDO PERÍODO — EXPANSÃO

1910 — 1925

CAPÍTULO XIV

EXPANSÃO DO TRABALHO EDUCATIVO (1)

I — COLÉGIO E SEMINÁRIO DO RIO

Deixamos o trabalho educativo no Rio, no período anterior, em sólidas bases. Se havia ainda falta de equipamento e professorado, havia, contudo, confiança na aquisição de todos êstes elementos, o que se deu neste período.

Logo após a instalação do colégio, a primeira preocupação do Dr. Shepard foi a sua equiparação ao Colégio Pedro II para que, de um modo completo, pudesse servir a seus numerosos amigos. Já naquele tempo os colégios que não pudessem conferir diplomas aceitáveis nas escolas superiores lutavam para poder receber os que lhes davam a preferência. Não devemos admirar-nos de que hoje seja impossível um colégio sem esta faculdade. Shepard era homem de larga visão e queria que seu colégio pudesse concorrer com os melhores da capital. Como fazer isso? Dois impecilhos formidáveis se atravessavam na frente: falta de dinheiro e a oposição. Os outros missionários, pelo menos alguns, não podiam compreender como seria possível igualar o nosso colégio com o do govêrno, sendo que os nossos métodos eram melhores, e nem podiam compreender como seria possível jungir a instituição ao govêrno. Eram duas dificuldades ponderáveis e que levariam tempo a resolver. A parte financeira, entretanto, foi logo atacada. As igrejas começaram a cooperar, e, em pouco, o fator dinheiro estava solucionado. O segundo passo foi mais difícil. As dificuldades chegaram a Richmond, que, menos conhecendo a situação, deu de certo modo ganho de causa aos que se opunham à equiparação.

Em 1910 visitou o Brasil o Dr. T. B. Ray. Êste e outros problemas teriam de ser estudados pelo secretário de Missões Estrangeiras da outra América. Com uma felicidade rara, foram desanuviados os horizontes, e a instituição foi equipara-

---

(1) Ver página 4, nota final.

da; notável conquista, sem dúvida. Logo o ambiente melhorou. Em 1911 o colégio matriculou 200 alunos e já as melhores famílias o procuravam para nêle colocarem os filhos.

A equiparação pedia outra coisa — melhor casa. Desde a fundação do colégio que Shepard tinha caído no *pecado da cobiça,* como êle mesmo dizia, desejando para o colégio a chácara Itacuruçá. Quem poderia esperar que tôda aquela riqueza viesse a pertencer aos batistas? Bonitas mangueiras, bela vista para a cidade, recantos poéticos; mas tudo aquilo era do Barão. Um dia, depois da fundação do colégio, saía um anúncio para venda de alguns lotes desta chácara com frente para a Rua Conde de Bonfim. Com o coração a bater, lá foi o nosso diretor ver os terrenos. Depois, acompanhado do Dr. Soren, visitou o Barão e perguntou-lhe sôbre as condições de venda dos lotes e da chácara. "Os senhores imaginam que lhes vá vender a minha chácara?" disse o Barão. Entretanto, conseguiram logo depois comprar alguns lotes e fincar o marco onde haviam de se erguer os magníficos edifícios que os batistas possuem na então Capital Federal.

De volta da casa do Barão pararam em cima de uma pedra e puseram-se a sonhar. Que grandeza! Uma universidade aqui será uma bênção para os batistas. O Barão estava vivo e orgulhoso de sua propriedade, e mesmo a compra importaria numa riqueza. Dias depois morria o Barão. Estava aplainado o caminho. Faltava o dinheiro, mas para quem tem fé, dinheiro não é muita coisa.

Por êste tempo (1911) foi lançada a Campanha Judson para celebrar o centenário do nascimento dêste grande missionário, e isto coincidiu com a ida de Shepard aos Estados Unidos em gôzo de férias. Naturalmente viajou e arranjou o dinheiro para comprar 10.000 metros quadrados da chácara com frente para a Rua Dr. José Higino, ao mesmo tempo que recebia promessa de 100.000 dólares para a construção do Edifício Judson. Estavam em parte realizados os sonhos de Shepard.

Depois de comprados os primeiros lotes na Rua Dr. José Higino, Deus deparou a felicidade de ser alugado o palacete da Baronesa de Itacuruçá (1911) para onde se mudou logo o internato, continuando o externato à Rua S. Francisco Xavier.

Daí em diante a instituição correria. Tinha terras para nelas edificar e tinha promessas para as outras edificações. Um pouco mais, e o grande problema estaria resolvido.

Em 1916 eram lançados os alicerces do primeiro grande edifício do colégio, o "Judson Hall", que no ano seguinte era inaugurado. Para êle se mudou o departamento masculino enquanto o internato feminino se mudava em fevereiro de 1916 para a Rua do Bispo, 157, com a designação de internato fe-

minino e externato misto. Com o lançamento, na América, da Grande Campanha Batista de 75 milhões de dólares, foram consideradas ainda as instituições do Rio, sendo então comprada a Chácara da Jaqueira, na Rua Conde de Bonfim, para onde se mudou o internato e externato feminino, sendo também construído o edifício do internato na Rua Dr. José Higino, 416. O palacete Itacuruçá, que tinha servido para aulas do colégio, foi, depois de construído o edifício próprio, entregue ao seminário para dormitório. Por fim veio a construção do Edifício Love para completar o número de seis prédios ao serviço das instituições. Nenhum outro educandário no Rio podia contar com tão admirável equipamento como o Colégio Batista. A tudo isto acrescentemos as lindas residências construídas para morada do diretor do colégio e do deão do seminário.

Falamos dos edifícios; digamos duas palavras sôbre os cursos.

Em 1913 foi fundado o Curso Normal para o preparo de professôres e professôras, cujo trabalho foi adotado pela Convenção em 1916, em S. Paulo. Ao mesmo tempo foi fundada a Escola Normal Batista, sendo pedido à Junta de Richmond que enviasse os professôres, o que ela fêz, enviando C. A. Baker, Miss Ruth Randall e outros.

Mais tarde ainda, foi fundada a Escola Teológica para obreiras, sendo escolhida deã a irmã Ruth Randall. Por último foi fundado o Curso Comercial que ótimos serviços prestou à juventude que se dedicava ao estudo das ciências comerciais. Podemos dizer que em tôrno do educandário do Rio funcionavam nada menos de seis departamentos diferentes, incluso o seminário.

No meio de tôda esta febre de progresso não podemos esquecer o seminário. Foi êle o fecundador de tôda essa admirável conquista, de todo êsse idealismo. A educação dos ministros da Palavra, as igrejas pastoreadas por êles, o progresso da Causa, o evangelismo brasileiro, estavam no subconsciente de tudo quanto se processava no Rio em matéria de educação. Sim, desejavam os nossos irmãos influir com o colégio no meio citadino e preparar o terreno para a grande obra missionária. Mas não era, em essência, essa a causa de todos os sonhos de grandeza educativa. Um seminário capaz de dar às igrejas os pastôres de que elas careciam, e que no futuro pudessem continuar a obra, era que promovia todos os empreendimentos em matéria de educação. É, pois, a êle que nós devemos, pelo menos indiretamente, tudo que se fêz no Rio em tôrno do colégio.

Em 1908, o seminário era pequeno. Seis alunos, dois ou três professôres e nada mais. Eram começos. Dois anos de-

pois chegou o Dr. A. B. Langston, que se tornou deão e neste serviço ficou por muitos anos. Outros professôres vieram mais tarde, entre êles os Drs. S. L. Watson, R. J. Inke, C. A. Baker, A. R. Crabtree, W. E. Allen e Manoel Avelino, os quais dividiam o tempo entre o seminário e o colégio.

II — COLÉGIO E SEMINÁRIO DO RECIFE

A situação dos educandários em Pernambuco estava perfeitamente sólida em 1909 dadas as possibilidades da época. O colégio tinha o seu diretor e o seminário também. Cada qual cuidava da sua instituição. Eram pobres ainda, todavia. O patrimônio das duas instituições que tinham tudo em comum, menos a direção, montava a Cr$ 4.000,00.

Em 1911 retira-se para sua terra o diretor do seminário, D. L. Hamilton, assumindo a direção o diretor do colégio, H. H. Muirhead. Em agôsto de 1912, de volta, reassume Hamilton a direção do seminário e prepara-se para substituir o Dr. H. H. Muirhead, no colégio, que, em maio de 1913, se retira para sua terra. Era assim que o trabalho ia. Um substituía o outro e o trabalho continuava a crescer. Devemos dizer que estas substituições não eram puramente no campo educativo. A primeira Igreja que por êste tempo estava sob a direção de um missionário, sofria das mesmas intermitências.

Por êste tempo já as coisas tinham melhorado um pouco. O número de alunos foi a 78 e o patrimônio já estava em Cr$ 4.500,00. Enquanto, na América, o missionário Muirhead completava os seus estudos superiores, dedicava-se também à campanha a favor das instituições, tendo levantado a boa soma de Cr$ 30.000,00 com a qual pretendia fazer as primeiras aquisições de propriedades em Recife. Não era possível continuar para sempre em casa alugada, mal servidas que estavam as duas instituições. O colégio estava abrigado numa velha casa, com algumas salas que serviam para aulas, outras para dormitório e outras para a residência do diretor. O seminário ficava um pouco ao lado, num velho quarto que deveria ter pertencido ao cozinheiro do antigo proprietário, tendo o galinheiro por baixo. As "piadas" dos seminaristas confundiam-se com os "piados" das galinhas. Eram em número de seis, em 1913. Depois, foi o seminário melhorando com a mudança para a antiga estrebaria do prédio onde ficou mais confortàvelmente instalado. As antigas baias serviam de mesas de estudo, e no *salão* que outros hóspedes tinham tido, disputavam-se as glórias dos campeonatos de futebol e volibol. (2)

---

(2) Não é em sentido pejorativo que êste tópico é incluído, muito ao contrário, pois que as experiências do passado ajudam o presente.

Em 1915, em março, retorna o casal Muirhead e logo em junho retiram-se Hamilton e espôsa levados por séria doença desta. Reassumindo a direção do Colégio assume também a do seminário. Começa aqui a fase gloriosa do trabalho em Pernambuco neste período. Durante sua estadia na América, Muirhead não se preocupou só com os seus estudos e com o levantamento de fundos para a compra de propriedades. Cuidou de descobrir outros missionários e isso conseguiu. Em junho dêste mesmo ano chega ao Recife o casal L. L. Johnson e, em dezembro, W. C. Taylor. Aquêle dedicou-se ao evangelismo e educação teológica sendo pouco depois eleito secretário correspondente do Campo Pernambucano, e êste dedicou-se especialmente ao seminário. Em junho de 1916 volta Hamilton a seu trabalho e como agora houvesse no campo outros obreiros, nova orientação foi dada ao trabalho. Hamilton foi eleito diretor do colégio, Taylor deão do seminário e Muirhead de todos os educandários. Em 1915, o casal Terry assumiu a direção do internato na ausência do casal Hamilton, e o Dr. Terry cooperou eficazmente como professor do colégio.

Em começos dêste mesmo ano (1916) realiza-se a primeira compra dos batistas em Recife com a aquisição do antigo solar dos Barões de Soledade, situado bem junto ao prédio onde tinha por todos êstes anos funcionado o colégio e seminário. Foi neste solar que por mais de uma vez se hospedou sua Majestade D. Pedro II, imperador do Brasil. Local servido por meia dúzia de linhas de bondes, num dos bairros mais aristocráticos da cidade, com grande área coberta de mangueiras, altos coqueiros também. Foi um acontecimento. Os padres não gostaram, e soube-se que, às ocultas, fizeram vantajosas propostas aos herdeiros dos barões para fazerem anular a venda feita aos batistas. Naturalmente até aqui esperavam os clérigos que mais dia menos dia os protestantes deixariam o campo, porque não tinham raízes, mas agora com uma das melhores propriedades, tudo mudava de figura. Logo foram mudados para o nôvo prédio alguns departamentos, inclusive o dormitório do seminário que se foi alojar na sala de dormir do imperador. Como a história é irônica! De uma estrebaria como alojamento, veio dar ao seminário um aposento dos mais ilustres na vida aristocrática de Recife. Estava em progresso de plena desenvoltura a vida educativa dos batistas na antiga cidade de Maurício de Nassau. A compra dêsse inigualável imóvel foi efetuada por 65 contos, quantia hoje irrisória para o seu grande valor. Logo a seguir foi construído um prédio nôvo para alojamento do seminário, uma vez que o antigo solar dos barões teria de ser demolido para dar lugar ao edifício principal do colégio. Começava a alargar-se a visão dos batistas e já agora era neces-

sário comprar também o antigo prédio onde principiara o colégio com uma chácara de muitos milhares de metros quadrados e que ficava junto à chácara já adquirida. Era sòmente derribar o muro que as dividia e fazer das duas uma só. A compra foi efetuada em 1919 por Cr$ 65.000,00 pagos a prestações, e dado o prédio em garantia hipotecária. Dentro de mais seis anos foram adquiridas outras propriedades no valor de Cr$ 500.000,00 em volta das duas já adquiridas.

Em 1917 foi fundado o Departamento Normal para môças, sob a direção de D. Graça Taylor, começando com oito, quatro internas e quatro externas. Ainda no fim dêste ano, nova modificação sofre a administração do educandário. Muirhead foi eleito presidente das instituições em geral; Hamilton, diretor do colégio, e Taylor, do seminário. Em novembro, o colégio entrega os primeiros diplomas a cinco jovens que tinham completado o curso de bacharel em Ciências e Letras, sendo o paraninfo o Dr. Oliveira Lima. Em fevereiro de 1918 o nome "Departamento Normal" é mudado para "Training School", escola semelhante às dos Estados Unidos, nome que ainda veio a ser mudado em 1919 para "Escola de Trabalhadoras Cristãs", sendo a êste tempo sua diretora D. Paulina White.

Nada mais faltava ao trabalho em Pernambuco. Prédios, homens habilitados, organizações modelares, tudo que concerne a uma grande instituição.

Entretanto, a situação denominacional do seminário e colégio não estava definida. O colégio e seminário do Rio faziam parte da Convenção Batista Brasileira desde a sua organização, em 1907, enquanto as instituições do Recife continuavam como instituições da Missão do Norte. Esta situação não agradava aos batistas do norte que desejavam para os seus educandários situação igual aos do sul do ponto de vista denominacional. Isto, porém, encontrava alguns obstáculos tanto por parte da Junta de Richmond como de alguns irmãos do sul.

A Convenção Batista Brasileira de 1918 ia reunir-se em Vitória, e de logo se começou a cogitar de pedir à dita Convenção, juntas administrativas para os educandários do norte. Muirhead preparou um relatório para dar à Convenção, e por meio dêsse relatório ser levantada a questão. Reunida a convenção, Deus serviu-se da boa vontade de todos, que desejavam o bom entendimento da família batista, do norte e do sul. Depois de ouvido o relatório e proposto que fôsse aceito, foi nomeada uma comissão para estudar o assunto, e por fim foram nomeadas as duas juntas do colégio e seminário. Foi um dos momentos mais felizes da vida dos batistas daqueles dias. Os

horizontes se aclararam e várias outras desinteligências entre norte e sul desapareceram.

De volta da Convenção, o trabalho foi tomado de notável entusiasmo. Foi o desabrochar da segunda etapa na carreira do ensino teológico e literário em Pernambuco. Os cursos literário e teológico foram mais tarde separados, ficando o seminário como uma instituição superior. Os seminaristas que faziam o curso de letras eram considerados ginasianos, enquanto os que iam completando o curso eram considerados seminaristas, e se mudavam para o prédio próprio do seminário, que tinha sido adquirido do outro lado da rua onde estava o prédio do colégio. Uma boa biblioteca composta do que havia de melhor na língua inglêsa, com algumas obras notáveis em português, ocupava duas boas salas, e era ali que algumas aulas eram dadas.

Em 1919 matriculou o colégio 502 alunos, sendo acrescido o programa educativo com a anexação da Escola Remington, e Instituto Comercial, respeitável na cidade, começando aí o Departamento Comercial que funcionou por vários anos, concorrendo de modo notável para o preparo de especialistas em assuntos comerciais.

Ainda neste mesmo ano, foi dado início à construção da primeira ala do grande edifício central, que ficou pronta em 1920, ficando pouco depois de completo todo o edifício, constando de três corpos: ala direita e esquerda e corpo central. Êste majestoso edifício, que faz frente para a Rua D. Bôsco, ex-Visconde de Goiana, ladeado de altas palmeiras e frondosas mangueiras, com soberbos gramados, tendo mais a um lado o antigo edifício onde o colégio iniciou suas atividades, e nos fundos os vários edifícios espalhados pelo grande sítio (chácara), constantes de salão nobre, refeitório, residência do diretor, residência de professôres, com frente para o Beco do Padre Inglês, edifício da Escola de Trabalhadoras Cristãs, etc., constitui um justificado orgulho dos batistas pernambucanos e quiçá de todos os batistas no Brasil.

Em 1920 chegaram dos EE. UU. o casal R. S. Jones e Miss Essie Fuller e Miss Bertha Hunt. O Dr. Jones foi eleito, em princípios de 1921, deão do colégio, vindo depois em 1922-1923 a ficar como diretor, na ausência do Dr. H. H. Muirhead, posição que ainda voltou a ocupar mais tarde.

Em setembro de 1920 resigna o seu lugar no trabalho do educandário o antigo professor e diretor, D. L. Hamilton. Talvez provocada pelo agravamento da situação cooperativa que nestes últimos anos vinha minando o trabalho, deu-se nova orientação à parte administrativa, vindo o presidente dos vários

departamentos, o Dr. H. H. Muirhead, para diretor do colégio, e o deão do seminário, o Dr. W. C. Taylor, para diretor da mesma instituição que por isso ficou autônoma. Disto resultou que o Dr. D. L. Hamilton ficou sem responsabilidade na administração e como simples professor de matemática. Com isto êle, parece, não se conformou nem os que o desejavam ver à frente do colégio.

Na Convenção Batista Brasileira reunida neste ano em Recife procuraram os elementos que acompanhavam Hamilton, fazer reformar o têrço da Junta do colégio com elementos seus e desta forma exonerarem Muirhead e elegerem Hamilton, mas o plano falhou e Muirhead foi reconduzido.

No meado de 1922, visitando o Brasil o Dr. J. F. Love, secretário da Junta de Richmond, que viera à Convenção B. Brasileira, procurou-se uma fórmula conciliadora para a luta que cada vez se agravava mais. Por tôda uma noite e um dia, estiveram reunidos os pastôres e missionários com a presença do secretário de Richmond. Depois de muita discussão abraçaram-se todos e as dificuldades foram dadas como encerradas. Em verdade, tudo continuou como dantes, pois que as causas não tinham sido removidas. No fim dêste mesmo ano definiam-se os rumos da pendência com o rompimento do movimento do Norte, de que nos ocupamos noutra parte.

III — COLÉGIO PROGRESSO BRASILEIRO, SÃO PAULO

O Colégio S. Paulo pela sua índole regionalista nunca teve grande atuação na vida batista em geral. Nem por isso deixava êle de servir admiràvelmente à sua comunidade. Fundado para educar as jovens da paulicéia, nunca se afastou dessa rota. Desde que êle foi fundado estava nas cogitações dos missionários fundarem outro para rapazes e de ano em ano se faziam tocantes apelos a Richmond para fazer as apropriações devidas a êsse desejo. Entretanto, nunca foi realizado. Continuou, pois, sòzinho o colégio fundado pelos irmãos Bagby.

Em 1911, devido certamente ao papel que o do Rio exercia na vida batista em geral, foi também pedida uma junta administrativa para o de S. Paulo. De 1913 em diante deixou de figurar esta junta nas deliberações da Convenção, sem que isso militasse contra sua obra educativa.

Com a Campanha Judson, nos Estados Unidos, e mais tarde com a grande campanha de 75 milhões de dólares, em que foram admiràvelmente contemplados os colégios do Rio e Recife, também o de S. Paulo foi contemplado com uma boa dotação, sendo construído no bairro de Perdizes um majestoso edifício, inegàvelmente um dos melhores dos batistas no Brasil.

Em 1919 passou novamente a ser dirigido por uma junta da Convenção e com o nome de Colégio Batista Brasileiro. Era seu diretor neste tempo o missionário E. A. Ingran, que ficou na direção até 1927, quando foi substituído por H. A. Zimmermann.

Entre outros cursos dados pela instituição, notamos o de Letras, Belas Artes, Escola Normal oficializada, sob a direção do Prof. Pedro Gomes de Melo, Ciência Doméstica, Odontológico e Comercial. Era uma espécie de universidade em miniatura.

IV — COLÉGIO TAYLOR-EGÍDIO

Meio escondida entre as muitas atividades dos batistas baianos corria a vida dêste antigo educandário, o mais antigo dos batistas. Em 1911 também êle pediu entrada na Convenção Batista Brasileira para se incorporar ao grande sistema educativo esboçado pela junta de Educação e Sociedade Educadora Batista. Depois de 1914 deixou de figurar nas deliberações convencionais para se recolher às atividades puramente locais. Não obstante o seu feitio local, não se pense que não contribuísse, e muito, para ajudar na educação de alguns seminaristas. Foi nêle que começaram os estudos alguns dos melhores pregadores batistas do norte.

Com o desenvolvimento das instituições em Recife, com caráter geral, viu-se que o Colégio da Bahia tinha de servir ùnicamente aos batistas do estado, e para isso seria melhor deslocá-lo da capital para o interior, pois que assim melhor poderia servir aos crentes do sertão. Em Jaguaquara foram-lhe ofertadas vastas áreas de terra, sendo erigidos alguns edifícios mais urgentes e em março de 1922 foi o colégio mudado para lá, onde tem feito admirável trabalho, educando os filhos dos batistas e dos seus amigos. Nesta nova fase, foi dirigido pelos missionários F. W. Taylor e A. J. Tumblim, ajudado por Elias Pereira Ramalho e outros dedicados cooperadores.

Com o advento da grande campanha batista foi êste colégio contemplado com uma boa verba para a compra de uma propriedade que lhe garantisse a manutenção no local para onde tinha sido mudado. Com base neste plano, foi comprada a fazenda "Cana Brava", sendo a importância tomada por empréstimo à Comissão Predial do norte do Brasil. Afinal, a fazenda não deu os resultados que se esperava e a importância da grande campanha também não entrou e o educandário arrostou uma dívida grande por muito tempo. Assim, foi a fazenda vendida, com o assentimento de todos os interessados, paga a dívida à Predial e o educandário aliviado, se bem que com o patrimônio diminuído.

V — COLÉGIO BATISTA DE VITÓRIA

Tendo começado a sua existência numa sala do porão da residência dos missionários, com meia dúzia de crianças, melhorou tempos depois quando pela inauguração do templo se foi alojar em dependências dêste.

O que esta escola tem feito através dos anos pela educação e pelo preparo do ambiente não cabe em poucas linhas, nem mesmo em muitas, pois que ninguém poderia fazer-lhe o devido registro. Na cidade, foi, sem dúvida, o meio de contato com a sociedade como o foram os outros nossos colégios. Da educação em geral no estado foi o paradigma. Realmente foi o único dos nossos colégios que se pretendia reproduzir por todos os centros de evangelismo no E. Santo.

Neste período já o trabalho se tinha desenvolvido bastante e várias escolas paroquiais se tinham aberto, tôdas elas com pretensão à equiparação com o centro de Vitória. Como diretor geral, Reno era a sua alma mater; entretanto quase sempre teve diretores brasileiros, que lhe emprestavam suas habilidades e tino. Entre outros diretores e auxiliares de maior responsabilidade, mencionaremos primeiro D. Hortência Guimarães, depois Luís B. de Almeida, D. Zilda Thompson, José A. de Carvalho, D. Fani S. Gonçalves, Heracledina Lemos, José de Miranda Pinto e outros.

A fase gloriosa com a construção de edifícios ficou para o período de 1925-1935. Entretanto, neste período foram assentadas as suas bases para o futuro, com a aquisição de propriedades. O govêrno do Estado, graças ao prestígio do missionário Reno, chegou a fazer ofertas de terrenos e dinheiro, ofertas de que os batistas não se aproveitaram por estar fora de suas normas qualquer compromisso com o Estado, mas nem por isso deixou de resultar em grandes vantagens para o trabalho, visto que as ditas propriedades foram adquiridas por preços convidativos.

VI — COLÉGIO BATISTA MINEIRO

No dia 1º de março de 1918, na casa do missionário O. P. Maddox dava-se início ao que seria futuramente o Colégio Mineiro, com a abertura de uma escola anexa. Como nos outros lugares, logo o favor público se patenteou para com a escola, forçando em pouco a mudança para umas dependências da Primeira Igreja local. Continuou a crescer e pouco depois recebia a escola a ajuda do missionário J. R. Allen que a ela se dedicou. Isto em 1920, no meado do ano.

Muito mal acomodada estava a escola. Urgia a compra de uma casa que se prestasse ao seu andamento e desse mar-

gem a futuros desenvolvimentos. Estava à venda uma rica propriedade do falecido Dr. Sabino Barroso, e que iria à praça em pouco. Havia um pretendente sério. Os missionários desejavam comprar a propriedade não só pela vantagem do lugar, como do preço. Êles, entretanto, não tinham dinheiro. Telegrafaram para Richmond pedindo respondesse a Junta por cabograma se sería possível fazer a compra. Enquanto vinha a resposta esperavam êles de joelhos diante de Deus. Arranjaram um intermediário de confiança, e prepararam-se para a compra mesmo sem terem a resposta da Junta de Richmond. No dia do leilão a resposta tinha chegado: "SIM." Maddox falou ao intermediário para lançar até certa importância. O outro pretendente que esperava estar sòzinho, viu logo que tinha temível concorrente. A certa altura, o que licitava em nome de Maddox olhou para êle para saber se podia oferecer mais algum lance. Um aceno afirmativo, e mais um lance, outro olhar, e mais um outro lance. O concorrente desanimou e tôda a audiência estava estupefata para saber quem seria êsse endinheirado que assim fazia concorrência ao único homem de dinheiro e interessado. Arrematada a propriedade e entregue um cravo ao arrematante, viram os católicos que tinham sido enganados. Maddox bateu os contos e tomou posse da propriedade bem junto de um grande colégio de freiras. Foi um acontecimento em Belo Horizonte.

Tempos depois, vendia a Missão, ao dito colégio católico, um pedaço de terra por 100 mil cruzeiros, pouco menos da importância que tinha custado a propriedade tôda. Os elementos clericais ficaram furiosos, mas nada puderam aproveitar. Os batistas estavam com o trabalho sòlidamente estabelecido em Belo Horizonte.

Pouco depois outras propriedades foram adquiridas junto a esta, ficando a instituição mineira com mais de 250 mil metros quadrados de terreno, numa elevação de onde se pode descortinar o horizonte em tôdas as direções. Se bem que os prédios não oferecessem o confôrto exigido ao colégio, esperava-se que em breve fôsse possível construir novos edifícios com a venda de alguns lotes, o que se veio a verificar no período seguinte.

VII — INSTITUTO INDUSTRIAL BATISTA DE CORRENTE — PIAUÍ

Depois de três anos no Piauí (1913-1915), o missionário A. J. Terry veio assistir à Convenção Batista Brasileira, reunida em Vitória, em 1915. Foi nesta ocasião que êle se encontrou com o Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá. Muito naturalmen-

te, conversaram sôbre o trabalho no Piauí, e como o Dr. Paranaguá tinha o coração no sertão piauiense, elaboraram planos para a execução de uma grande emprêsa futura. No ano seguinte, quando se reuniu a Missão Batista do Norte, Terry apresentou o seu plano, que consistia em se procurar um local próprio para a sede do trabalho central, em cujo plano entrava a fundação do Instituto Batista Industrial. O dito plano compreendia um departamento educativo em geral, industrial e médico, de maneira a dar ao sertão os homens preparados para as possibilidades econômicas e sociais futuras.

A Igreja de Corrente já tinha uma escola anexa, a que já nos referimos noutro lugar, e o fato de já existir um comêço de trabalho educativo não deixaria de influenciar o ânimo dos demais membros da Missão. Foi nomeada uma comissão composta dos missionários H. H. Muirhead, M. G. White e o casal Terry. Inicialmente, ficou assentado que o Dr. Terry visitasse primeiro a zona do Rio São Francisco, que não tinha tido uma visita desde que Jackson se tinha retirado. Êle fêz esta viagem, visitando as cidades de Barra, Santa Rita, Formosa, na Bahia; Paranaguá e Corrente, no Piauí. Voltou ao litoral e combinou com os outros dois membros da Comissão que se dirigissem ao Piauí, enquanto êle e a espôsa voltavam a visitar os lugares mencionados. Todos se impressionaram favoràvelmente quanto à Corrente como futuro centro do trabalho batista e sede do Instituto, e na reunião da Missão, em 1918, foi dado o relatório que opinava por êste lugar. A Missão aceitou o parecer da Comissão e comunicou-se com a Junta de Richmond que, por sua vez, também aprovou o plano e forneceu os recursos necessários ao estabelecimento do trabalho. Em janeiro de 1920, depois das férias, encontrava-se o casal Terry em Corrente para dar andamento ao plano, e em janeiro de 1922 era aberto o Instituto Batista Industrial, que tão relevantes serviços tem prestado à instituição.

A família Nogueira ofereceu Cr$ 5.000,00 em moeda corrente e uma fazenda de gado com 100 cabeças além do terreno necessário à instituição, terreno êste depois trocado por outro mais adequado.

O plano de estabelecer êste centro educativo encadeava-se a outro plano mais geral de estabelecer educandários no interior dos vários estados de maneira que ao mesmo tempo que auxiliassem a educação dos filhos dos crentes, descobririam e treinariam os que Deus chamasse ao Ministério, enviando-os depois ao Seminário no Recife. O Colégio Taylor-Egídio, mudado da capital para Jaguaquara, obedecia a êsse plano de conjunto. A crise que depois visitou a Junta de Richmond desnorteou o plano, mas assim mesmo muito se conseguiu, e mesmo que não

se tivesse conseguido muito, bastaria o plano para recomendar à nossa admiração os irmãos que o idealizaram.

VIII — SEMINÁRIO UNIDO

Na Convenção de 1920, em Recife, no meio de grande entusiasmo, grandes planos foram considerados em relação ao trabalho geral. Entre êstes estava o que dizia respeito à educação do ministério batista.

Adrião Bernardo, na última sessão da Convenção, apresentara uma proposta em relação aos seminários, assim redigida:

"Reconhecendo a experiência universal de que nenhum seminário se tem desenvolvido material e espiritualmente, tanto quanto deve, se está ligado e subordinado a outro estabelecimento de ensino, pois será sempre sacrificado nos seus mais vitais interêsses; considerando que os dois seminários que temos atualmente poderiam ser fundidos em um só seminário, forte e verdadeiro, que melhor servisse à causa do evangelho no Brasil e unificando e solidificando a denominação; e considerando ainda que foi na Bahia que se organizou a Primeira Igreja Batista Nacional, pedimos que o irmão presidente aponte uma comissão de três irmãos para, em conjunto com as respectivas juntas dos referidos seminários, estudar a possibilidade de sua fusão e apresentar o relatório na próxima Convenção." (3)

Nomeada a comissão, ficou composta dos irmãos J. W. Shepard, H. H. Muirhead e Antônio Ernesto da Silva. O futuro iria falar da oportunidade e não da conveniência da sugestão.

Em 1922 relatava a Comissão, entre outras coisas, o seguinte:

"Considerando que tanto o Seminário do Rio como o do Recife estão pondo em prática o que a experiência tem aprovado, isto é, não subordinam o ensino Teológico ao Ginasial ou de preparatórios..................... Considerando que a fusão dêsses seminários em um só não corresponderá às necessidades atuais e muito menos futuras;

"Considerando que a união dêsses estabelecimentos e conseqüente mudança para a Bahia acarretaria despesas extraordinárias sem nenhum resultado prático; e,

(3) Atas da Convenção, 1920.

"Considerando, finalmente, que a Denominação apresenta um desenvolvimento extraordinário e que muito breve reclamará outros seminários:

"Recomenda que a situação do preparo ministerial fique como está......................" (4)

Os baianos ainda voltaram a insistir, apresentando longo memorial, em que opinavam pela fusão mas a Convenção aceitou o parecer acima e o projeto morreu.

IX — COLÉGIO DE CAMPOS

O trabalho educativo do Estado do Rio começou algo tarde, e isso se explicava pela sua proximidade do Rio onde está o grande centro intelectual, o grande educandário dos batistas. Assim mesmo os batistas não podiam deixar de sentir necessidade de fundar o seu educandário. Friburgo que tanto se tinha celebrizado pelas perseguições ao evangelho foi escolhida para sede do educandário batista. O clima? O espírito ultramontano do povo? Sua proximidade com o Rio? Não sabemos que causas levaram os batistas fluminenses a escolherem esta cidade, quando Campos tinha sido desde o início do trabalho o centro da Missão. Fôsse qual fôsse o motivo, o colégio ou instituto, como era chamado, foi fundado a 11 de janeiro de 1910 sob a direção do Dr. Cánada passando depois a ser dirigido pelo Dr. A. B. Christie.

Da sua fundação até 1913 funcionou êle em Friburgo, mas em meados de 1913, por ocasião da visita da Associação Batista Fluminense à cidade serrana, começou o diretor Christie a planear a mudança para Campos, ou porque fôsse melhor ou porque os padres voltassem a promover desordens e perseguições religiosas. Em 1911, a 13 de março, tinha o saudoso Alípio Dória fundado naquela cidade um pequeno colégio sob o nome de Colégio Brasileiro, mas pouco depois, com a mudança do diretor para o Rio, êle desapareceu. Talvez isso também influísse no ânimo de Christie para mudar o instituto de Friburgo para Campos.

Se a mudança era requerida, não era fácil, todavia. Onde alojar o colégio? Deus, porém, se encarregou de providenciar ótima casa em que era instalado no mês de fevereiro de 1914. O Colégio de Campos matriculou logo 47 alunos externos e 11 internos. (5) As bênçãos continuaram a chegar de maneira que em maio de 1915 era comprada uma linda propriedade

(4) Atas da Convenção de 1922.
(5) J.B. fev. 26-2-1914.

por 55 mil cruzeiros, valendo 100 mil, pagando-se logo 45 mil à vista. [6] Foi uma vitória igual à do Rio e de Pernambuco. Os restantes 10 mil cruzeiros deram trabalho para serem levantados, mas finalmente a propriedade ficou completamente desobrigada de compromissos financeiros.

Não podemos incorporar aqui a parte que êste colégio tem tido na educação dos filhos dos crentes e mesmo dos pregadores. Alguns dos mais hábeis pastôres do E. do Rio beberam ali primeiro as luzes do espírito para depois virem ao Rio.

Com a mudança do Rio para Campos do missionário Mein veio êle a ser diretor para que Christie se devotasse à evangelização para o que tinha raros pendores. Foi ainda mais tarde dirigido pelo Dr. L. M. Bratcher, Alfredo Reis, Alberto Portela, F. A. R. Morgan, Fideles Morales Bentancor, Erodice de Queiroz e no período de 1926 e 1935, por A. B. Christie, J. Elmer Lingerfelt e João Barreto.

O Colégio de Campos tornou-se naturalmente o padrão para outros colégios fluminenses. Em Pádua foi também organizado, a 1º de julho de 1914, um colégio dirigido pelo irmão Leonel Eyer.

---

(6) «Ibid» maio, 13-915.
O palacete Belisário, como era conhecido em Campos, pertencera, segundo se crê, ao grande brasileiro Nilo Peçanha, vendido por parentes seus ao Sr. Domingos da Gama da Firma Santos Moreira e Cia. É coisa notável que muitas propriedades dos batistas têm uma história, e pomposa. As propriedades do Rio pertenceram aos barões de Itacuruçá; as de Pernambuco aos barões da Soledade. Será isto uma profecia da imponência e grandeza do trabalho no Brasil? Por que não?

CAPÍTULO XV

EXPANSÃO DO TRABALHO COOPERATIVO MISSIONÁRIO

I — MISSÕES NACIONAIS

"De um a outro extremo do Brasil" poderia ser o assunto dêste capítulo. A Junta começou suas atividades no Acre por intermédio do irmão Crispiniano Silva. Sem que possamos atinar com os motivos, ela abandonou êste trabalho para virar as vistas para o Rio Grande do Sul. Foi de um a outro extremo do Brasil.

De há muito que os batistas alemães trabalhavam no Rio Grande do Sul, e se bem que êles se dedicassem especialmente ao trabalho entre seus compatriotas, alguns brasileiros foram atingidos pelo evangelho. Esta teria sido a razão por que agora desejava a Junta cuidar do Rio Grande do Sul, visto que não havia trabalho organizado entre os brasileiros.

O irmão Entzminger ofereceu-se para visitar o Estado, mas a Junta de Richmond não consentiu no seu afastamento do Rio, o mesmo se dando com Salomão que também desejava visitar o campo. Em 1910, a Junta custeou as despesas do irmão A. L. Dunstan para ir a Pôrto Alegre.

Desta visita temos as seguintes palavras:

"A 6 de maio, chegou o irmão Dunstan no paquête "Venus". Desde logo fomos visitar a cidade e convidar alguns irmãos para o culto da noite. Houve lugar para tôda a animação e alegria principalmente para aquêles que ouviram pela primeira vez um pregador batista.

"Em constantes trabalhos atinentes ao fim que o trouxe aqui, chegamos ao dia 13, quando, depois do sermão, diante de grande auditório, foi organizada a Primeira Igreja Batista de Pôrto Alegre."

Mais tarde (1911), êste mesmo irmão resolveu mudar-se para o Estado e tomar a frente do trabalho.

Os batistas alemães do Rio Grande do Sul não limitaram suas atividades a êste Estado, mas estenderam-nas à Argentina e estados brasileiros limítrofes: Paraná e Santa Catarina. Havia neste último Estado muitos letos e russos e também alguns brasileiros crentes. O Dr. Bagby fêz uma viagem ao Paraná como enviado da Junta de Missões Nacionais para estudar a situação de uma igreja em Paranaguá que tinha pedi-

do cooperação com a Convenção Batista Brasileira. Depois de estudar a situação doutrinária da igreja foi achado que ela podia ser aceita nesta cooperação, vindo o Dr. Bagby mesmo como seu mensageiro.

O histórico desta igreja é impressionante. O irmão Samuel de Melo, abastado comerciante em Santos, converteu-se e o primeiro impulso de sua alma foi liqüidar o negócio e dedicar-se à propaganda do evangelho. Comprou Bíblias e folhetos e saiu a campo chegando em Paranaguá, onde se estabeleceu como pregador leigo. Por nove anos lutou sòzinho, construiu à sua custa a casa de cultos, liqüidando nestas iniciativas todo o cabedal que obtivera na liqüidação do seu negócio. Foi nesta conjuntura que a Junta começou a ajudá-lo com Cr$ 100,00 mensais. Pouco depois, atacado de pertinaz moléstia, retirou-se, vindo a falecer em Campinas, em 1911.

O trabalho ficou parcialmente abandonado até que a Convenção Batista Brasileira, reunida no Pará, em 1912, recomendou à Junta continuá-lo. Desta resolução nasceu um entendimento entre a Junta e o irmão Petigrew, missionário do campo alagoano e que se tinha estabelecido no Paraná, em 1911, sendo o irmão Manoel Virgínio, ajudado com Cr$ 100,00 mensais. Daqui em diante o desenvolvimento do trabalho no Paraná é maravilhoso sempre sob os auspícios da Junta que historiamos.

PARA O CENTRO

Do sul, a Junta passa a servir os estados centrais. Antes da Convenção em 1911, em Campos, foi recebida uma carta do irmão Gregório Urbieta, de Mato Grosso, cientificando que havia ali um número de 50 crentes, que desejavam ser visitados por um pastor, comprometendo-se êles a pagar as despesas de viagem. Atendendo a êste pedido, a Convenção enviou ali o irmão A. B. Deter, então Sec. Cor. da Junta de Missões Nacionais. A Convenção reuniu-se em junho, e logo, a 14 de julho, partia para lá o secretário, fazendo um rodeio por Buenos Aires e Assunção, chegando a Corumbá no princípio do mês seguinte. A 5 de agôsto principiou o trabalho, pregando por alguns dias e terminando na organização de uma igreja com 57 membros. A novel igreja revelou de logo o espírito de abnegação e trabalho, levantando de uma assentada Cr$ 417,00 para as despesas de viagem do emissário, mais Cr$ 2,00 por membro para a Junta de Missões Nacionais e a mesma importância para a de Missões Estrangeiras. Uma irmã ofereceu o terreno para o nôvo templo. O Sr. Ernesto Vuadens comprometeu-se a construir o templo, dando dois irmãos pedreiros Cr$ 500,00 em trabalho e material, reunindo-se dentro de pouco a importân-

cia de Cr$ 7.000,00 para as obras. Ao mesmo tempo propunham pagar Cr$ 250,00 a um pastor que fôsse tomar conta da igreja.

Ainda neste mesmo ano, 1911, a Junta enviou como missionário o irmão Pedro Sebastião Barbosa, para tomar conta do trabalho de Corumbá indo em sua companhia o irmão Horácio Ladeira. A igreja jubilosa recebeu o enviado e assumiu o compromisso de seu sustento. Dentro de um ano tinham sido batizadas 80 pessoas.

Em 1913, na Convenção, reunida na Bahia, foi pedido que o irmão Barbosa chegasse até Cuiabá, onde havia alguns crentes, e a 22 de outubro, a Junta, agora em S. Paulo, convidou êste irmão a vir ali para ser consagrado ao Ministério da Palavra, reenviando-o como seu evangelista em Cuiabá. Desta cidade o trabalho estendeu-se a outras, sendo Aquidauana pouco depois a sede de nova e florescente igreja.

Na Convenção de 1918, reunida em Vitória, foi resolvido entregar a direção do trabalho em Mato Grosso ao campo paulistano, seguindo para aquêle Estado como superintendente o missionário E. A. Jackson, enquanto a Junta era aconselhada a cuidar de Goiás. Daqui em diante a Causa avança em tôdas as direções, uma vez que a sementeira tinha sido grande e bem feita pelo irmão S. Barbosa que chegou a visitar a Bolívia e o Paraguai com certa regularidade. Desta data em diante o norte passou a cooperar também mais francamente neste trabalho.

VOLTA AO SUL

Vê-se assim que a Junta, tendo começado no Acre e vindo logo ao Rio Grande do Sul, para depois ir a Mato Grosso, estava desobrigando-se galhardamente de sua responsabilidade, assistindo a êstes campos até então pràticamente intocáveis. Já mencionamos que em conexão com o trabalho de Pôrto Alegre se tinham estendido estas atividades aos estados próximos — Santa Catarina e Paraná — onde havia muitos letos. Na Convenção de 1912 foi aceita uma sugestão do missionário J. J. Taylor para que o irmão Carlos Leimann fôsse enviado pela Junta, a pedido da Igreja Batista Leta de Rio Nôvo, para seu pastor; e que ao mesmo tempo se dedicasse à pregação entre os brasileiros. Depois dos entendimentos indispensáveis, foi o irmão Leimann consagrado ao Ministério pela Igreja de Nova Odessa, S. Paulo, e enviado pela Junta, que lhe pagou as despesas de viagens, a fim de tomar a direção do nôvo campo de trabalho. Saíram de Santos, no vapor "Sírio", a 4 de outubro, êle e o Sec. da Junta A. B. Deter. Em S. Francisco encontraram-se com o Sr. Alfredo Stamm que viera de Joinville tratar com êles o trabalho do Estado, e depois de passarem por Or-

leans do Sul, chegaram a Rio Nôvo, onde foram recebidos com festas. Do entendimento entre a Junta, pelo seu Sec. Cor. A. B. Deter e a igreja, ficou assentado que a igreja cooperaria com a Convenção e que esta por meio de sua Junta de Missões Nacionais pagaria mensalmente ao tesoureiro da igreja a importância de Cr$ 100,00 para ajudar as despesas do sustento pastoral. Neste acôrdo ficou estipulado que Leimann se devotaria também à evangelização dos brasileiros naquele Estado, o que todos aceitaram com prazer.

Na Igreja de Rio Nôvo havia alguns brasileiros e para melhor poder ser feito o trabalho entre êstes foi aconselhada a organização de uma igreja batista de brasileiros que teve sua sede em Pedras Brancas, com 20 membros fundadores. Após isso, fizeram êstes dois irmãos uma excursão por vários lugares, visitando Pedras Grandes, Tubarão, Laguna e outros, voltando Leimann a Rio Nôvo e Deter a Santos.

O irmão Leimann correspondeu sàbiamente à expectativa, evangelizando aquêles lugares, onde mais tarde vieram a ser organizadas igrejas. Em seu relatório à Junta, pouco depois desta ocasião, dizia o irmão Leimann: "Já findou mais um mês de lutas e trabalhos, e muitas bênçãos tenho recebido neste mês de oportunidades extraordinárias. Tenho viajado pregando o evangelho em Rio Nôvo e lugares circunvizinhos: Mãe Luíza, Nova Veneza, Campinas, Cedro, Tubarão e Pedras Grandes. A Igreja de Mãe Luíza uniu-se com o nosso trabalho e também com a Convenção Nacional.................." (1)

EM GOIÁS

Bem estabelecido o trabalho no sul, especialmente em Santa Catarina e entregue o trabalho de Mato Grosso à Missão em 1918, a Junta virou as suas vistas para outro Estado até então quase abandonado, Goiás. Não que não tivesse havido desejo de iniciar trabalho ali, mas a falta de obreiros e recursos protelavam a entrada neste nôvo campo. Na Convenção em 1909 a Comissão de parecer da Junta de Missões Nacionais, opinava da seguinte maneira:

"Somos de parecer que os futuros trabalhadores sejam Benedito Profeta, no Estado de Goiás, e Luís Reis para o Vale do Amazonas." (2)

Convém não esquecer que o missionário Jackson já tinha visitado o Estado e disso foi feita menção no relatório à Convenção acima, e o mesmo irmão Benedito Profeta já tinha fei-

---

(1) Ver o Pequeno Manual de Missões, L. M. Bratcher, 1930 e «J.B.» de 1913.

(2) Atas da Convenção de 1909.

to trabalho no Estado, onde se encontravam alguns crentes abnegados. O plano por êsse tempo já era aproveitar para entrar em contato com os indígenas para o que o irmão Profeta mostrava certa inclinação, chegando a visitar a Ilha do Bananal a convite da Junta.

Do trabalho do irmão Luís Reis, no Vale do Amazonas, nada sabemos e parece mesmo que não chegou a executar qualquer plano da Junta porque a êste tempo era êle pastor de uma igreja próxima a Manaus e em 1913 encontramo-lo como pastor da Igreja Batista de Belém do Pará. Do irmão Profeta, porém, temos algumas informações sôbre suas atividades, como adiante se verá.

Durante os anos de 1909-1912 a Junta pouco pôde fazer por falta de obreiros e de recursos para os sustentar. Na reunião da Convenção do Pará, em 1912, foi recebida uma proposta do irmão Simeão Aires, de Goiás, oferecendo-se para contribuir com Cr$ 1.200,00 por ano, pelo espaço de dois anos para a manutenção de um obreiro em Pôrto Nacional. Infelizmente a oferta não pôde ser usada por não haver obreiro. Não sòmente Pôrto Nacional, mas todo o Estado sofreu as conseqüências da falta de obreiros por bastantes anos.

Em 1919, seja dez anos depois da primeira tentativa de evangelização do Estado, o irmão Artur Lins Tavares transferiu sua residência para Catalão e ofereceu-se à Junta para trabalhar. A Junta aceitou a oferta, e em março do ano seguinte o então Sec. Cor. Salomão L. Ginsburg, fazendo uma visita ao lugar, fêz uma série de conferências, e organizou uma congregação. Pouco depois o irmão Lins demitia-se do trabalho e aconselhava o irmão Pascoal de Múzio para o substituir, sendo a sugestão aceita, e vindo o dito irmão Múzio a S. Paulo onde foi consagrado, regressando logo a Catalão onde iniciou seu trabalho.

A 25 de setembro dêste mesmo ano foi organizada a Igreja Batista de Catalão com a presença do missionário F. M. Edwards, continuando o Sr. Múzio até 1923 quando foi dispensado.

No ano de 1923 o irmão Salomão Ginsburg tomou conta do trabalho, fundando a Missão Goiana, sendo esta época uma das mais promissoras.

Durante êstes anos, ou seja desde que a Junta deliberou incentivar o trabalho em Goiás, outros pontos do vasto Brasil foram objeto de consideração, inclusive o território do Acre, de onde, na Convenção de 1909, foi relatado que a correspondência com o irmão Crispiniano Silva tinha sido interrompida, sem que se soubesse porque, causando isso grave reflexo na mente dos batistas. Na de 1910, foi relatado que feliz-

mente tinham chegado notícias ([3]) animadoras do trabalho, o que foi um tônico para os batistas, que julgavam fracassada a tentativa de evangelizar o Brasil. Infelizmente, daqui em diante, cessam as informações sôbre êste trabalho.

O Estado do Ceará estava desde 1912 nas cogitações dos batistas e na Convenção dêste ano, no Pará, foi recomendado que logo se enviasse um obreiro a êste Estado. Entretanto, tal era a pobreza de homens e dinheiro que nada pôde ser feito.

Minas também tinha sido lembrado nas atividades da Junta, e outros estados nordestinos, mas como entrar em novos campos? Todavia, conseguiu fazer alguma coisa em Minas onde sustentou um obreiro por algum tempo.

ENTRE OS ÍNDIOS

Talvez a fase mais entusiástica da Junta de Missões Nacionais seja a que se prende à tentativa de evangelizar os silvícolas. Não pelo muito que se conseguiu, ou se estava conseguindo, mas pela perseverança no meio de tantos naufrágios. No primeiro ano de vida da Junta foi logo considerado êste duro e difícil trabalho com um veemente apêlo do então secretário J. F. Lessa. Em 1908, o missionário L. M. Reno incumbiu o irmão Francisco José da Silva de escrever alguma coisa sôbre os indígenas do Rio Doce. Temos êsses escritos em vários números do *O Jornal Batista* que seriam para aqui transcritos se fôra possível. Em 1908 e 1909, os irmãos Profeta e Simeão Aires fizeram bastante propaganda a favor dêstes brasileiros, sendo que o primeiro chegou a fazer uma visita ao Rio Araguaia, onde entrou em contato com algumas tribos. Continuando a propaganda, conseguiu impressionar os batistas de tal modo que na Convenção, em 1911, foi deliberado enviar um missionário aos índios, ([4]) apresentando-se logo o irmão Alfredo Reis e espôsa para tal trabalho. Entretanto, passado o momento de entusiasmo, *tudo ficou como era antes*. Nos anos seguintes, até 1923, quando a Convenção reunida em S. Paulo deliberou tomar a sério êste trabalho, concedendo licença ao irmão Salomão para fazer a propaganda a favor dos índios, nada se fêz. O entusiasmo foi grande nesta ocasião. Dentro de pouco partia para a Ilha do Bananal o irmão Profeta como emissário da Junta, sendo o Brasil batista empolgado pela iniciativa. Depois de uma penosa viagem conseguiu chegar à Ilha do Bananal a 4 de outubro, tendo gasto na travessia do sertão aproximadamente quatro meses. Ali visitou as tribos dos Carajás, Javaés e Itapirés, demorando-se nas circunvizinhanças

(3) Atas de 1910, pág. 30.
(4) Atas da Convenção.

até 12 de novembro quando partiu de volta para chegar à Bahia a 10 de janeiro de 1924. Esta viagem que foi de resultados práticos quase nulos, conseguiu, entretanto, levantar o ânimo dos batistas a favor da evangelização dos silvícolas, entusiasmo êste que foi aproveitado nos anos seguintes.

A 9 de junho de 1925 partia também o Dr. L. M. Bratcher para outra viagem de inspeção aos índios, tendo-se dirigido ao interior de Goiás, passando por S. Paulo, tocando no Campo dos Xerentes, visitando Carolina, no Maranhão, subiu o Rio Araguaia onde se encontrou com o irmão Alexandre Silva, missionário da Junta. De S. Vicente, desceu o Rio Araguaia e Tocantins até Belém. Desta viagem foram publicadas amplas reportagens no *O Jornal Batista*. (5) Os batistas ficaram mais familiarizados com o trabalho que há tantos anos se planejava fazer, e daí resultou grande animação a favor tanto dos indígenas como dos brasileiros perdidos nos imensos sertões.

Ainda em 1925 foi apresentado à Junta, pelo irmão Ginsburg, o plano de evangelização dos indígenas do Amazonas, sendo convidado a começar êste trabalho o Pastor Manoel Gomes dos Santos, de Itacoatiara. Tudo que conseguiu fazer foi explorar algumas regiões no alto Amazonas, estabelecendo trabalhos aqui e ali, e que tinha de abandonar quando voltava para casa. Por falta de continuidade, tudo desapareceu, destruído pelos inimigos do trabalho, e a Junta, desanimada, e o povo batista, desencorajado, deram por findas as atividades dêste irmão no Amazonas até que um casal aparecesse para ir morar entre os índios e estabelecer definitivo trabalho. Isto foi feito no período de 1925-1935 quando passamos das experiências para um trabalho fecundo e duradouro.

II — MISSÕES ESTRANGEIRAS

TRABALHO NO CHILE — (1910-1918)

As informações dadas no período anterior em relação a êste trabalho são quase tudo que poderemos dizer sôbre a sua história.

Os brasileiros faziam tudo que estava ao seu alcance para não deixarem morrer o trabalho que em boa hora tinham tomado sôbre seus ombros, mas os recursos eram tais que desanimariam os menos entusiastas. As contribuições do segundo ano missionário atingiram a Cr$ 3.394,26, o que mostra ter o povo

---

(5) Esta viagem foi feita por iniciativa particular do Dr. Bratcher. Só depois da Convenção no ano seguinte foi o mesmo irmão eleito Secretário Correspondente da Junta de Missões Nacionais.

acolhido a nova iniciativa com verdadeiro entusiasmo, pois esta importância naqueles dias valia muitos contos hoje.

Na 4ª Convenção reunida em Campos em 1911 foi dado um relatório francamente animador. Entre outras coisas dizia o relatório que o compromisso de 50.00 pesos outro, (Cr$ 150,00) por mês tinha sido enviado regularmente, continuando a auxiliar um seminarista chileno com Cr$ 10,00, no Seminário do Rio.

Era muito o que os batistas estavam fazendo, mas era pouco para as necessidades. Assim a Convenção resolveu interessar outros batistas americanos naquele trabalho. Os argentinos tinham prometido ao irmão Bagby, de sua viagem ao Chile, que ajudariam no trabalho e isso fizeram se bem que um tanto irregularmente. Nas suas férias aos E.U. o irmão Z. C. Taylor conseguiu também interessar os batistas mexicanos que prometeram 30.00 pesos (ouro) por mês e que por algum tempo enviaram para o trabalho.

O trabalho continuava a crescer e com êste crescimento vinham outras necessidades que urgia atender. Cada vez mais os brasileiros se convenciam de que não era possível atender com tão parcos recursos, ao trabalho no Chile e em Portugal. Esperavam êles de ano em ano que a Junta de Richmond os aliviasse pelo menos no Chile para que pudessem atender melhor a Portugal.

As Convenções de 1912 e 1913 continuaram a manter a nota animadora não obstante as tremendas dificuldades financeiras. Havia neste último ano, 19 igrejas com 12 pontos de pregação e 896 membros. Em 1915 havia 21 igrejas e 1.168 membros. Por aí se vê que o trabalho continuava a crescer. Já um outro obreiro tinha sido consagrado ao Ministério enquanto na Argentina e no Brasil três rapazes se preparavam para aquêle trabalho.

De 1915 em diante, vão-se aclarando os horizontes sôbre o futuro do trabalho de Missões Estrangeiras dos Batistas com a esperança de que a Junta de Missões Estrangeiras de Richmond assumisse a responsabilidade do trabalho no Chile para que os batistas brasileiros pudessem melhor cuidar de Portugal que a êste tempo já tinha o seu missionário e que fazia apelos para que melhor auxílio lhe fôsse dado. Finalmente, na Convenção de 1918, reunida em Vitória, foi oficialmente anunciado que a Junta de Richmond tomaria conta do Chile com a condição de os brasileiros cuidarem de Portugal, que ficaria sob a inteira responsabilidade dêstes no sentido de não suporem que a Junta de Richmond viesse a contemplar êste país como seu campo de atividades. Foi uma alegria e um desafôgo, pois que assim ficariam melhor servidos os dois países. Êste acontecimento marcou época em nossas atividades

missionárias porque definiu para os anos futuros a nossa tarefa entre os portuguêses.

TRABALHO EM PORTUGAL — (1910-1925)

Organizado o trabalho em Portugal, como vimos no período anterior, pouco se fêz até 1911. Não havia obreiro lá e nem havia recursos, porque o trabalho do Chile, muito mais urgente, pelo número de igrejas e trabalhadores, absorvia os poucos recursos que a Junta podia ajuntar.

A Convenção de 1909, depois de ouvir o relatório dado pelo missionário Z. C. Taylor, deliberou: "Que um representante batista seja enviado a Portugal para trabalhar naquele campo, organizando e doutrinando os crentes batistas ali, e levando avante a evangelização naquele país." Era uma boa resolução que não poderia, porém, ser aproveitada pelas circunstâncias do momento. No relatório de 1910, dado pelo então secretário S. L. Ginsburg, havia êste tópico: "Por falta absoluta de recursos não nos foi possível fazer ali qualquer coisa, senão remeter, por intermédio do irmão Z. C. Taylor, a quantia de Cr$ 100,00, ao irmão João Jorge de Oliveira para visitar a cidade do Pôrto, onde o nosso irmão Taylor organizou uma igreja batista, e nos informar sôbre o movimento aí. Aguardamos ansiosos o relatório do irmão J. J. Oliveira para tomar algumas deliberações." (6)

Por êste tempo estava estudando na Universidade de Baylor, Texas, o irmão acima mencionado que tinha ido aos Estados Unidos acompanhando a viúva do missionário J. E. Hamilton, que morrera no Pará vítima da febre amarela. Coincidiu essa viagem com um velho desejo de estudar. Rompendo mil dificuldades conseguiu matricular-se na Universidade e fazer o curso. Ao voltar ao Brasil, já ciente do trabalho que se fazia na sua terra natal, começou a cartear-se com a Junta, entrando mesmo em entendimentos sôbre a possibilidade de ali ir a ser aproveitado. Foi nesta altura que a Junta concorreu com Cr$ 100,00 para ajudar nas despesas da viagem ao Brasil, via Portugal. Das informações do irmão J. J. Oliveira à Junta muito dependia o trabalho e por isso era êle aguardado com ansiedade.

João Jorge foi realmente a Portugal e viu o trabalho. De lá dirigiu-se ao Pará onde tinha morado antes de ir aos Estados Unidos. Ou porque lhe parecesse oportuno o pastorado da Igreja, ou porque não o impressionasse muito o trabalho em Portugal, deixou-se ficar em Belém. O ano de 1910 e boa parte de

---

(6) Relatório à Convenção de 1919.

1911 passou-os êle ali, vindo depois assistir à Convenção Batista Brasileira reunida em Campos em 1911. Sua presença não poderia deixar de servir de estímulo aos batistas ali presentes e de lhes avivar a velha aspiração de mandarem alguém a Portugal. Oliveira fêz empolgante discurso sôbre Portugal e suas oportunidades depois do qual a Comissão de Parecer sôbre Missões Estrangeiras consignava no segundo tópico o seguinte: "Enviemos imediatamente o irmão João Jorge a Portugal." Em seguida, de conformidade com uma proposta do irmão Z. C. Taylor, o irmão citado foi consagrado como missionário a Portugal com a imposição das mãos dos membros da Junta, orando o irmão Jackson.

Estava realizado o grande sonho de anos — um missionário para levar aos portuguêses a palavra de fé, pelos seus irmãos do Brasil.

A 11 de agôsto do mesmo ano desembarcava em Leixões o nôvo missionário, acompanhado da espôsa, D. Prelediana Frias Oliveira, natural de Pernambuco e filha de um antigo batista naquele Estado. Daqui em diante, o Senhor tomou a frente do trabalho, pois o sucesso foi esplêndido.

Em 29 de setembro de 1912 a Primeira Igreja do Pôrto recebia o irmão Joseph Jones que com os membros da Igreja Batista Livre que êle pastoreava pediam ingresso nas hostes batistas. Foi uma vitória estupenda.

Para coroar esta vitória, foi logo lançada a campanha para a construção do templo, oferecendo o irmão Jones o terreno. A 3 de abril do ano seguinte foi iniciada a construção do Tabernáculo Batista do Pôrto, comprometendo-se a Convenção Batista Brasileira a levantar para outras obras, Cr$ 3.000,00, importância esta que ultrapassaram em muito. João Jorge veio ao Brasil para cooperar na campanha e animar os crentes, conseguindo entusiasmar bastante os batistas.

Daqui em diante o trabalho expande-se por tôda a parte. Viseu, Tondela, Morelena, Leiria e outros lugares foram ocupados pelos batistas portuguêses.

Em 1918, chegava de nôvo ao Brasil João Jorge de Oliveira, que vinha gozar as férias merecidas; em novembro de 1919 terminava os estudos no Seminário do Rio o irmão Antônio Maurício que, apresentando-se à Junta, foi nomeado missionário, chegando a Portugal a 15 de janeiro seguinte, sendo logo convidado ao pastorado da Primeira Igreja do Pôrto que tinha sido dirigida por todo êste tempo por Oliveira.

Em setembro de 1920 volta Oliveira a Portugal e entra em estudos com Antônio Maurício para a fundação do Seminário Batista Português. A Convenção Brasileira apoiou a idéia que

veio a materializar-se mais tarde, infelizmente com muitas intermitências.

Nos dias 18-24 de novembro de 1920 reunia-se a primeira Convenção Batista Portuguêsa, sendo deliberado em definitivo não só o estabelecimento do seminário, mas também a Casa Publicadora Batista.

Em março de 1922 chega a Lisboa o missionário A. W. Luper da "Baptist Missionary Association of Texas", que, tendo vindo ao Brasil e passado algum tempo no Paraná, entrou, por correspondência, em contato com João Jorge, e resolveu mudar-se para Portugal por ser um campo mais necessitado que o Brasil. Quando chegou a Portugal, pensou-se que o melhor caminho a seguir seria a divisão do campo, indo êle trabalhar em certa parte do país e os nossos obreiros noutra parte. Por fim, concordou-se em que todos trabalhassem juntos sob a orientação da Convenção B. Portuguêsa, dando êle contas à sua Junta e os nossos missionários à nossa.

João Jorge tinha em sua correspondência com Luper insinuado que tanto êle João Jorge como Maurício deixariam a Junta Brasileira para trabalharem com Texas, e logo que se encontraram foi o assunto ventilado, repelindo Maurício a tentativa, declarando que não tinha motivos para abandonar os brasileiros, e só o faria se êstes o abandonassem. Oliveira, depois de muita insistência, terminou declarando, que se Maurício não se passasse, êle já se tinha passado. Esperava êle que mais dia menos dia a Junta de Texas se uniria à de Richmond e então passaria a ser missionário dessa grande Junta com todos os privilégios dos outros missionários no mundo.

Em junho dêste mesmo ano devia reunir-se a Convenção B. Brasileira no Rio, e João Jorge arrumou as malas para vir assistir. Como já viesse comprometido com Texas, sua atuação não foi muito feliz, terminando por declarar, a certa altura, não ser mais missionário dos brasileiros. De volta a Portugal continuou o trabalho no sentido de Texas assumir a direção de todo o trabalho. Por algum tempo, ainda se manteve artificialmente unido o trabalho, até que se deu a divisão em 1924, ficando algumas igrejas trabalhando com a Junta de Texas e outras com a Brasileira. Os obreiros ficaram na maioria com Maurício ao lado dos brasileiros.

Com a divisão ficou o "Cristão Batista" e a Casa Publicadora com os irmãos de Texas, tendo Maurício de iniciar a publicação do *Semeador Batista*.

Ainda em março de 1922 entrava o irmão Antônio Maurício em contato com o Pastor Paulo I. Tôrres, pastor da Igreja Evangélica Nacional seguindo princípios congregacionalistas, e que se mostrava interessado nas doutrinas batistas. Foi uma

luta renhida que êste irmão teve de enfrentar, mas venceu finalmente a verdade. A 20 de agôsto seguinte o missionário Maurício batizava êste pastor e sua espôsa junto com outros 18 irmãos. Logo foi organizada a Primeira Igreja Batista em Lisboa, ficando como pastor o mesmo irmão Tôrres. Estavam agora as duas principais cidades portuguêsas ocupadas pelos batistas.

Em janeiro de 1925 enviavam os batistas brasileiros outro casal de missionários a Portugal, os irmãos Achilles Barbosa e espôsa. Foi grande o regozijo entre os brasileiros porque eram os primeiros missionários brasileiros que enviavam à mãe-pátria; entre os portuguêses era um refôrço bem necessário ao trabalho especialmente ao seminário. Infelizmente foi curta a permanência dêles no país; intrigas tecidas entre Achilles e Maurício breve arruinaram as boas relações que deveriam existir entre ambos, sendo a Junta de Missões Estrangeiras forçada a chamar Achilles ao Brasil. ([7])

Em 1925 o evangelho tinha entrado noutras cidades além das duas principais mencionadas: Morelena, Matosinhos e subúrbios de Lisboa e Pôrto estavam sendo trabalhados pelo evangelho. Os convites de outros lugares choviam para que lhes fôssem levar o evangelho, e nos anos seguintes outras cidades são ocupadas num crescendo notável. Êste período finda com uma admirável situação batista, estando as dificuldades diminuindo pouco a pouco.

---

(7) No período seguinte notaremos mais extensamente as causas desta desinteligência.

CAPíTULO XVI

OUTROS TRABALHOS COOPERATIVOS

I — CASA PUBLICADORA BATISTA

Segunda Fase — (1910 - 1922)

Junta de Publicações (1910 - 1911)
Junta de Publicações e Escolas Dominicais (1911 - 1918)
Junta de Publicações (inclusive 1919 - 1922)

Ao ser criada a Convenção Batista Brasileira foi a Casa Publicadora contemplada com uma junta composta dos irmãos que ao tempo dirigiam o trabalho, e que mais de perto lhe sentiam as necessidades. A esta junta foi dado o nome de Junta da Casa Publicadora. Sentimos certo embaraço em destrinçar os caminhos por que passou a direção da Casa uma vez que em 1908 não mais a junta aparece e sim a Junta de Publicações que cremos era sua sucessora. Não sabemos se à nova entidade couberam os privilégios da junta desaparecida ou não. Antes cremos que sim; todavia, a 20 de junho de 1912 advogava, em editorial, o Dr. Entzminger, a necessidade de uma diretoria composta de 9 pessoas de vários pontos do país de modo que ficassem bem amparados os interêsses da Casa Editôra.

Em 1911 funde-se a Junta de Publicações com a de Escolas Dominicais sob o nome de Junta de Publicações e Escolas Dominicais. Se à antecessora cabia dirigir os trabalhos da Casa certamente cabiam à sucessora êsses direitos. No relatório da Casa dado à Convenção em 1914, Salomão declara que "uma junta" dirigia o trabalho a qual se reunia mensalmente para examinar relatórios e estudar novos planos. "Os gerentes não são os donos", dizia o relatório.

Em 1918 novamente se separam as duas juntas fundidas em 1911, e assim vão até 1922 quando se organiza a Junta de Escolas Dominicais e Mocidade à qual passam os privilégios de direção da Casa Publicadora.

Em 1920 na Convenção realizada em Recife foi a Junta de Publicações chamada a intervir apressadamente na vida da Casa uma vez que sérios problemas adminstrativos estavam afetando a boa marcha dos seus negócios. Nesta ocasião foi eleito diretor geral o Dr. S. L. Watson que se manteve nesta posição até 1934, quando saiu para assumir a direção do Colégio e Seminário do Rio.

Se tivéssemos de acompanhar as mudanças de todo êste

período histórico, teríamos de estudar a Casa Publicadora de 1910 a meados de 1911 sob a direção da Junta de Publicações; de 1911-1918, sob a Junta de Publicações e E. Dominicais novamente, e por fim sob a da Junta de E. Dominicais e Mocidade de 1922-1925, fim dêste período. Para simplificação preferimos deixar à margem estas alternativas que se processavam nas formações das juntas e reunir as atividades em dois períodos; de 1910-1922 que compreende a segunda fase, e de 1922-1925 quando passou a ser dirigida pela Junta de Escolas Dominicais e Mocidade, que é a terceira fase.

No comêço dêste período nada de nôvo se nota no curso das atividades da Casa. O Dr. Entzminger continuava como diretor geral, redator, chefe das publicações, etc.

Entretanto, o vulto do trabalho requeria modificação no mecanismo geral da emprêsa. Assim, a 20 de junho de 1912 advogava êle num artigo de fundo, no *O Jornal Batista*, a necessidade da criação de uma junta administrativa, como vimos antes, para dirigir a Casa, e mais, que houvesse um diretor geral e sub-diretores departamentais cada qual cuidando dos interêsses do seu departamento.

A 11 de julho era organizada a junta pedida, e como a êste tempo estivesse na outra América o missionário Salomão, do campo baiano, foi êle eleito pela Junta de Richmond para diretor de propaganda, com a incumbência de interessar os batistas da América na compra das propriedades necessárias no Rio. Ao mesmo tempo, a Junta aprovava a criação da Junta Administrativa.

Salomão não perdeu tempo. Em companhia do Dr. Shepard, também em férias ali, percorreu todo o sul dos E. Unidos, expondo aos batistas as necessidades da Casa Editôra.

Certo dia, Salomão, Shepard e o secretário da "Foreign Mission Board", Dr. T. B. Ray, foram à cidade de Troy, no Estado de Alabama, a fim de conversar com a senhora J. S. Carroll, a quem pediram se interessasse pelo assunto. Esta senhora ficou realmente comovida ante a exposição, e prometeu responder depois de meditar.

Dias depois, foi Salomão à cidade de Cadiz, em Kentucky, a fim de convencer o Pastor J. Mein, que nos tempos de estudante aprendera a arte de tipógrafo ou encadernador a vir dedicar a vida no Brasil como diretor da Casa Publicadora. Mein ficou bem impressionado e deixou a resposta para depois.

A 5 de julho de 1913 aportava Salomão ao Rio acompanhado do secretário da Junta Americana, o Dr. Quinzemberg que vinha em visita ao trabalho batista na América Latina. Salomão deveria logo assumir o lugar de diretor da propaganda, mas, como o Dr. Entzminger estivesse de viagem para sua ter-

ra, teve de assumir a direção geral da Casa e aguardar o dia da distribuição das responsabilidades. Na Convenção reunida na Bahia, de 21-25 dêste mesmo mês de julho, apresentava Entzminger as suas despedidas aos batistas, lendo um substancioso relatório em que condensava as suas atividades como diretor da Casa durante 12 anos e meio com duas breves interrupções.

Entrementes chega ao Brasil a grata nova de que a viúva do Sr. J. S. Carrol oferecera para a compra da propriedade da Casa a importância de 30.000 dólares (mais ou menos 100 contos naquele tempo). Salomão conclamou os batistas para um culto de ação de graças que se realizou na Primeira Igreja no dia 1º de janeiro de 1914. Agora ia a Casa ser proprietária.

Para o nôvo edifício se mudam em setembro de 1915 o escritório e oficinas que até aqui tinham morado numa loja da Rua Visconde de Itaúna, 33. Salomão também para lá mudou a residência para ficar mais próximo do trabalho e fazer economia de aluguéis.

No seu relatório à Convenção em 1914, Salomão retrata, com exuberância, a vida da Casa Editôra destacando o seu passado romântico e profetizando o seu futuro gigantesco. O movimento do ano findo foi de Cr$ 41.408,71. As publicações do ano, incluindo *O Jornal Batista,* revistas das Escolas Dominicais, folhetos, etc., subiram a 30.000.

A 31 de setembro de 1914 chega dos Estados Unidos o nôvo diretor enviado pela Junta de Richmond, irmão J. Mein, que vinha acompanhado de credenciais de bom administrador. Assumiu logo a posição de administrador, ficando Salomão como diretor do Departamento de Propaganda e o Dr. Entzminger como redator-chefe das publicações.

Em fevereiro de 1916 retira-se da Casa o gerente J. Mein para ir trabalhar no campo fluminense, assumindo estas funções Salomão Ginsburg, continuando Entzminger como redator-chefe até agôsto de 1919.

Não obstante as novas instalações próprias, a Casa estava muito pobre de material tipográfico ao mesmo tempo que os prelos pediam substitutos. Com ofertas vindas da América e outras obtidas no Brasil foi muito melhorado o material. Com o desenvolvimento que tomaram as escolas dominicais, com a adoção de nova literatura, Manual Normal, etc., urgia que o material impressor estivesse à altura dêsse progresso.

O relatório enviado à Convenção de 1918 foi dos mais elaborados até então apresentados, declarando-se que a Casa estava perfeitamente aparelhada para executar qualquer serviço. Os outros evangélicos davam a preferência à Casa para os seus trabalhos, figurando quase todos os grupos em serviços

encomendados. Em dezembro de 1917 o valor da Casa era de Cr$ 150.442,97. O número de obras subiu a 60.000 neste ano, variando entre doutrina, polêmica e instrução.

Em agôsto de 1919, retira-se em gôzo de férias o redator-chefe, Dr. Entzminger, e como Salomão também estivesse para embarcar, o que fêz a 23 de dezembro de 1920, e mesmo não convindo que um só homem ficasse com tôda a responsabilidade, foi convidado o irmão J. Gresemberg, de S. Paulo, para gerente, lugar que assumiu em começos de 1920. [1] Se bem que fôsse sob muitos títulos um homem capaz para o lugar, sérios problemas surgiram, dando a compreender que esta posição devia ser ocupada por um missionário, sob a alegação de que era preciso ter à frente da Casa um homem que mantivesse contato com a Junta de Richmond.

Na Convenção realizada em Recife, em junho de 1920 veio ao plenário o problema, e a comissão nomeada para dar parecer sôbre a Junta de Publicações sentiu-se embaraçada para o fazer devido aos sérios problemas que existiam na Casa; portanto recomendava que a dita Junta fôsse logo eleita para então dar rumo ao trabalho. Eleita a seguir esta Junta, convidou incontinente para diretor geral o Dr. S. L. Watson, consignando a Convenção um voto de louvor aos irmãos Salomão e Gresemberg pelos bons serviços prestados.

A 14 de agôsto de 1922 foi assinada a escritura de compra de um lote de terreno de 700 metros quadrados, à Rua General Câmara, junto à Prefeitura. Foi um acontecimento, e esperava-se começar logo a construção do edifício de três andares. A edificação não foi efetuada, vindo a ser permutado êste terreno por outro na Praça da Bandeira onde iria ser definitivamente erigido o edifício sonhado.

O material tipográfico foi consideràvelmente melhorado e acrescido de novas máquinas, inclusive uma fonte de tipos de música que se tornaria a melhor da América do Sul entre os evangélicos.

Seis meses depois de assumir a direção, ausentou-se para sua terra, em gôzo de férias, o diretor Watson, vindo substituí-lo o irmão L. T. Hites, que durante sua curta administração imprimiu à Casa um bom rumo.

Terceira Fase — (1922 - 1935)

JUNTA DE ESCOLAS DOMINICAIS E MOCIDADE

Na Convenção reunida no Rio de Janeiro em 1922, foi nomeada uma comissão composta dos irmãos W. C. Taylor, L. T. Hites, E. A. Ingran, J. F. Lessa, F. F. Soren, Almir Gon-

---

(1) Atas da Convenção, 1921.

çalves e L. M. Bratcher para estudarem a conveniência de reunir as Juntas de Publicações, Escolas Dominicais e Mocidade numa só, uma vez que os trabalhos destas diferentes organizações mantinham tão íntimas afinidades, e da forma que viviam, dispersavam energias e consumiam muito tempo. Dado parecer favorável, foi criada a Junta de Escolas Dominicais e Mocidade a qual passou a direção da Casa Publicadora.

Sendo a nova junta criada com elementos representativos de todo o Brasil e dos mais conspícuos na denominação, tinha-se, por isso mesmo, a impressão de que reunia a maior soma de interêsses gerais da Denominação tôda. Suas reuniões periódicas eram sempre acompanhadas de grande e justificado interêsse.

Com a volta do diretor geral dos Estados Unidos foi feita nova recomposição administrativa ficando L. T. Hites como vice-diretor, W. E. Entzminger como diretor do Departamento de Livros e S. L. Watson como diretor geral.

Com a chegada do missionário T. B. Stover, entrou em atividade um outro Departamento, o de Escolas Dominicais e Mocidade, a que êste irmão veio dedicar-se e para o qual tinha preparo adequado. Assim estavam as diversas fases do trabalho entregues a irmãos especializados, superintendendo a Casa todos os trabalhos e unificando tôdas as atividades.

Com esta organização, transpomos as fronteiras dêste período e com êle entramos no seguinte e último, com ligeiras modificações que poderão ser notadas depois.

A literatura agora era vasta. No trabalho das Escolas Dominicais havia a *Revista de Adultos* dirigida por R. B. Stanton, a de *Jovens* por Almir Gonçalves, o *Guia da Infância* por D. Alice Reno, *Joias de Cristo* por D. Kate White, *Pontos Salientes,* traduzidos do inglês por Mário de Miranda Pinto. Além destas obras, uma vasta produção de livros para o Curso Normal que levavam a instrução e rumos novos a muitas Escolas Dominicais espalhadas pelo Brasil todo.

O Jornal Batista e a *Revista das Senhoras* tinham também o seu lugar ao sol das atividades batistas; especialmente o *Jornal,* merece, bem como o seu redator, de fato, um destacado lugar na formação da mentalidade batista em geral. Teodoro Teixeira, seu grande colaborador desde o início, tem um lugar saliente no coração dos que apreciam os homens pelos seus trabalhos.

CENTRO DE PUBLICAÇÕES EM PERNAMBUCO

Nesta altura não podemos olvidar a cooperação do norte no campo das publicações. A nossa parca literatura e tam-

bém o fato de que, ou pelas distâncias ou por isto e por outras razões, o norte não era bem servido pela Casa Publicadora, levou os missionários Drs. W. C. Taylor e L. L. Johnson e Muirhead a comprarem uma pequena tipografia para nela serem impressos alguns trabalhos mais urgentes. Logo foram traduzidos do inglês, por D. Alina Muirhead o "Manual Normal" e as "Epístolas Pastorais" de Carroll e publicado o "Cristianismo Através dos Séculos". O Dr. Johnson preparou as revistas da U.M.B. que tiveram boa aceitação em tôda a parte. Pernambuco em breve se tornou um centro de publicações que, sem pretender rivalizar com o sul, ia contribuindo para espalhar a boa literatura. O Dr. Taylor, com recursos próprios e de alguns amigos, fundou mais tarde a Livraria Batista e continuou a obra de publicações, saindo desta modesta tipografia os primeiros comentários em português sôbre o Velho Testamento, Gramática e Dicionário Grego, panfletos, etc.

Ainda com a entrada do Dr. L. T. Hites para a Casa Publicadora a dispersão que existia no campo da produção literária unificou-se. Assim, Pernambuco abriu mão da *Revista da Mocidade* que passou a ser publicada na Casa Publicadora. Coube-lhe também a tarefa difícil de unir o norte e todo o Brasil mais ìntimamente com a Casa, resultando dessa união de vistas, a fusão das três juntas — de Publicações, Escolas Dominicais e Mocidade — numa só, sob o nome de Junta de Escolas Dominicais e Mocidade. Desta época em diante, além da boa inteligência reinante em matéria de publicações, a Casa Publicadora reunia não só a boa vontade dos batistas, mas também o privilégio de tôdas as publicações para uso das Escolas Dominicais e Mocidade.

II — JUNTA DA MOCIDADE BATISTA

Segunda Fase — (1910 - 1914)

Nas ligeiras informações do último período sôbre a mocidade batista vimos que na Convenção de 1908 Salomão renunciara irrevogàvelmente o cargo de Secretário-Correspondente, de vez que não podia visitar os vários campos e animar o trabalho. Entretanto, em 1909 ainda êle se encontrava como Secretário-Correspondente bem como a sede continuava em Recife, sendo que o desânimo era notório, e por isso a Convenção recomendava que se escolhesse uma pessoa entusiasmada por êsse trabalho. Entre espectativas e apreensões correu êste ano sem grande progresso para a mocidade.

Com a mudança de Salomão, de Recife para a Bahia, em 1910, para ali se muda também a sede da União, o que prova que

bem ou mal continuava êste irmão dirigindo o trabalho. Em 1910 havia na Bahia um centro de publicações da mocidade batista no Brasil e daí se pode concluir que alguma coisa estava sendo feita a favor do trabalho. Ao mesmo tempo era aconselhada a mudança da sede da União, de Recife para esta capital, sendo aconselhado que se publicasse uma revista com os tópicos de estudo da juventude.

O ano de 1911 assistiu ainda à discussão de planos, considerando a revista recomendada na convenção anterior e, ao que parece, não chegou a ser publicada como era de se desejar. Por isso foi votado em 1911 que se elegesse uma comissão de tópicos com o encargo de preparar os estudos que deveriam compor a revista desejada. Salomão, Langston e Edwards ficaram encarregados do trabalho.

Em 1912 Salomão não foi à Convenção do Pará e nem houve relatório algum. Reunida no Pará, bem poucos foram os obreiros que lá puderam ir e talvez por isso nada se dissesse dêste trabalho.

Na Convenção de 1913, Salomão faz um breve discurso, lamentando que o trabalho da mocidade batista "tivesse desaparecido por falta de compreensão do espírito e atitude desta União". Todavia, na Convenção de 1914, reunida no Rio, volta Salomão à carga para incriminar o esfacelamento desta fase do trabalho, lastimando que o que existia não representasse de modo algum o idealizado por Z. C. Taylor. Assim propunha a Comissão de Parecer, de que Salomão fazia parte, que o irmão Reno, um entusiasta pela mocidade, recomeçasse o trabalho, escolhendo os "companheiros e organizando uma comissão que possa agir de acôrdo com a Junta da Casa Publicadora, e na Convenção próxima futura nos apresente um plano de ação de acôrdo com as necessidades que êle julgar convenientes." (2)

Terceira Fase — (1914 - 1922)

Entrava a mocidade na sua terceira fase. O que se tinha passado nalgumas igrejas durante êstes anos e de que a mocidade tinha notável responsabilidade não cabe nestas considerações. Por isso não poucos davam de ombros à emprêsa, julgando que não valia a pena insistir num trabalho que havia dado tanto que fazer. Entretanto, outros continuavam a enxergar o sol brilhante através do nevoeiro e julgavam que convinha insistir.

Na Convenção seguinte, Reno dá seu relatório, recomendando, entre outras coisas, a eleição de um secretário geral e um

(2) Atas da Convenção de 1914.

secretário para cada campo designado pelo missionário local e, para cada igreja um secretário, eleito pela mesma igreja, e que deveria ser o presidente da organização. Em seguida era recomendado que se elegesse uma comissão composta dos irmãos A. B. Langston, H. H. Muirhead e D. Genoveva Voorheis para elaborarem os estatutos.

Na Convenção de 1916 foi eleita uma nova junta e designado o Rio de Janeiro para sede. Pelo parecer apresentado averigua-se que os bons ventos estavam agora impelindo a nau da juventude batista. Além da junta eleita foram organizadas comissões para cuidar da literatura e da publicação da desejada revista de que seria redator-chefe o Dr. A. B. Langston.

Em 1918, é transferida a sede da Junta para Vitória, uma vez que era Reno quem mais se esforçava por êste trabalho. A revista tão longamente esperada estava também sendo redigida em Vitória, por Almir Gonçalves, em colaboração com o missionário Reno, e publicada pela Casa Publicadora Batista do Rio.

Quarta Fase — (1922 - 1935)

Na Convenção de 1922, no Rio, foi a novel junta incorporada à de Escolas Dominicais, tanto para unificação do trabalho como para eficiência com o nome de JUNTA DE ESCOLAS DOMINICAIS E MOCIDADE, sob cuja orientação a juventude tem visto os seus mais grandiosos dias. Daqui em diante estudaremos êste ramo de trabalho em conexão com a nova junta. (Ver Junta de Escolas Dominicais e Mocidade.)

III — OUTROS MOVIMENTOS

GRANDE CAMPANHA BATISTA

Em meados de 1919 iniciavam os batistas da América do Norte uma campanha para levantamento de 75 milhões de dólares para o Mestre. Tendo-se esta iniciativa originado entre os batistas que esperavam aplicar boa parte dêstes milhões ao trabalho missionário no estrangeiro, era natural que pedissem aos vários campos missionários para iniciarem movimento análogo. Assim, logo os batistas brasileiros se movimentam no norte e no sul, começando o que sc convencionou chamar a "Grande Campanha". Os batistas do norte chamaram Adrião Bernardo, pastor da 1ª Igreja da Bahia, para tomar a frente do trabalho. Os do sul tomaram providências semelhantes.

Em 1920 reunia-se no Recife a Convenção Batista Brasileira e por essa ocasião foi resolvido unificar os dois movimentos do norte e do sul sob uma só direção. Neste sentido foi eleita uma

comissão composta dos irmãos J. W. Shepard, Adrião Bernardo e Ricardo Pitrowsky. Do relatório desta comissão constava o seguinte tópico: "Que a Grande Campanha Batista seja uma só para todo o Brasil para levantar 2.100 contos de réis até o fim de 1924." Noutro ponto do parecer recomendava que se elegesse uma comissão de cinco membros para estudar o trabalho, a qual ficou constituída dos irmãos Manoel Avelino de Souza, F. M. Edwards, Orlando Falcão, Munguba Sobrinho e E. A. Jackson. Adrião foi eleito secretário-correspondente, viajando neste sentido de norte a sul do país, pregando e animando as igrejas.

Não se pode dizer que a Grande Campanha Batista fôsse um fracasso, pois que provocou um notável despertamento. Não era movimento destinado a perpetuar-se, mas assim mesmo durou menos tempo que era de se esperar. Nem todos compreenderam o alvo e a magnitude do movimento e daí o seu curto período de vida. Em 1922, entrou em declínio o movimento, ficando, entretanto, bons resultados tanto no despertamento espiritual como no financeiro, além de ter dado aos batistas um sentido mais amplo de sua consciência denominacional.

IV — COMISSÃO PREDIAL BATISTA DO NORTE DO BRASIL

"A par da preparação dos pregadores, corre outro problema: o da construção de casas de culto", escrevia certa vez um missionário do norte. De fato o alojamento das igrejas em casas próprias, com algum confôrto, tem sido em todos êstes 50 anos um grande problema. Por isso mesmo, nas várias convenções estaduais e nacionais foi agitado por mais de uma vez o assunto, sem grande proveito, porque isso requeria capitais que não podiam ser obtidos fàcilmente.

Coube a felicidade da iniciativa, na solução do problema, aos batistas do Norte. Em 1916, a pequena Igreja de Vila Natã, no Estado de Pernambuco, viu-se impossibilitada de alugar uma casa para realizar os seus cultos, devido à perseguição. Só a construção de uma casa resolveria a situação. Os missionários quotizaram-se e constituíram um pequeno fundo que foi emprestado à igreja, sem juros, e com êste dinheiro foi edificado um modesto templo. Ao mesmo tempo eram dirigidos apelos a outras igrejas para constituírem seus pecúlios e depois, por um meio mutualista, poderem levantar empréstimos para construções. A êste movimento foi dado o nome de *Comissão Predial Batista do Norte do Brasil*. No ano seguinte, quando se reuniu a Missão do Norte, na Bahia, foi o plano extensivo a todo o norte. Dentro de um ano a Comissão, sem auxílio de um tostão de qualquer fonte, fora das igrejas, dobrou o

número de casas próprias das igrejas e construiu o primeiro prédio em Recife para o seminário. No terceiro ano foram construídas 78 casas de culto e outras foram reparadas. Tinha chegado um dia nôvo para os batistas do norte. O que se afigurava impossível tornou-se real; os sonhos dos primeiros dias dos batistas quanto a casas próprias para adorar o Senhor, tornaram-se realidade, e hoje quem viaja pelas cidades e vilas do norte pode ver lindos templos honrando a Causa e servindo às igrejas.

Em 1925 passou a Comissão Predial por grande remodelação em seu mecanismo, por efeito das modificações que todo o trabalho sofreu com as *Bases de Cooperação* adotadas pela Convenção Batista Brasileira. Tornou-se pessoa jurídica com seis representantes da Missão do Norte e três do Conselho Batista do Norte.

O grande movimento de construções impulsionado pela Comissão deve-se, em parte, às grandes contribuições que a Junta de Richmond lhe fêz posteriormente, aumentando o seu capital, se bem que no início ficasse neutra. Depois de ver o resultado, não só ajudou, mas impulsionou o movimento noutros campos missionários.

Talvez que a fase mais simpática dêste trabalho resida no espírito auxiliador que o norteou desde os primeiros dias. Além dos juros baixos de 6% cobrados, a Comissão reparte os lucros com as igrejas pobres, dispensando-lhe os juros de uma parte do capital.

Estas e outras iniciativas marcaram certas épocas e definiram os motivos do evangelismo brasileiro.

V — JUNTA PATRIMONIAL BATISTA DO SUL DO BRASIL

Desde os primeiros dias dos batistas no Rio de Janeiro que também se sentiu o problema da deficiência das casas de culto e a impossibilidade de as melhorar. Chegou a organizar-se no Rio uma sociedade com êsse fim, reunindo-se algum capital que foi usado na construção do templo da Ilha do Governador. Por falta de continuidade morreu o trabalho, mas ficou a idéia. De 1910 em diante a Convenção Batista Federal não dava tréguas ao assunto, chegando mais tarde a nomear-se uma espécie de Junta que materializasse essa velha aspiração das igrejas. Depois que os batistas do norte lançaram o movimento de construções de templos, a Convenção Batista Federal recomendou que se fizesse coisa idêntica no Rio. Era um tormento ver as igrejas mal localizadas, pagando pesados aluguéis ou sujeitando-se a juros usurários se quisessem construir o seu templo.

Coube o privilégio da realização ao Dr. S. L. Watson,

como chefe de uma comissão de missionários que, auxiliados por diversos irmãos, destacando-se entre êstes o Dr. José Nigro, fundaram a 22 de agôsto de 1919 a Junta Patrimonial Batista do Sul do Brasil. O Dr. Watson ficou como Secretário-Tesoureiro e, por uma tenaz campanha entre as igrejas, em breve começou o fluxo de contribuições para a constituição de quotas a fim de dar o direito a empréstimos.

As bases em que se organizou a Patrimonial foram mais ou menos as mesmas do norte. A Junta de Richmond entrou com Cr$ 320.000,00 para fazer lastro, e com as contribuições das igrejas a Patrimonial tinha, em 30 de junho de 1922, Cr$ 390.000,00 em caixa, e em 1925 um patrimônio superior a Cr$ 500.000,00.

A organização é composta de dois missionários e dois brasileiros de cada campo. Para uma igreja ter direito ao empréstimo deverá possuir dinheiro e imóveis na importância equivalente a 20% da importância a tomar por empréstimo. As propriedades são compradas, em regra geral, em nome da *Associação Evangélica,* por espontânea vontade das próprias igrejas. Neste particular diferem as organizações do sul das do norte; ali são as propriedades compradas em nome da própria Comissão Predial.

Seção II

Missão do Norte — Do Amazonas à Bahia

CAPíTULO XVII

CAMPO AMAZONENSE

Preâmbulo

Seguiremos, no estudo dêste período, a ordem adotada no período anterior. Começaremos, pois, pelo Amazonas, iremos descendo do norte para o sul, passando em revista campo por campo, como se cada um dêles constituísse um setor separado, pois que, não obstante as íntimas afinidades espirituais de cada um, e a unidade orgânica que os unia entre si, cada qual tinha o seu feitio local, refletia as necessidades regionais, e, de certo modo, tinha vida independente. Uma espécie de campos confederados com vida autônoma, mas ligados entre si por interêsses gerais.

Não poderemos perder de vista êste feitio do trabalho batista no Brasil o qual constitui o seu todo fisionômico, realça-lhe a unidade na diversidade e destaca o todo pelas suas várias partes.

Eurico Nelson, bem apelidado de *Apóstolo da Amazônia,* continuava como único missionário a sua faina de evangelizar dois dos maiores estados da federação brasileira, Amazonas e Pará, e como se isso não bastasse, estava de vistas voltadas para o Maranhão, Piauí e Ceará, quase metade do Brasil, conseguindo em todos êles estabelecer o trabalho.

Junto ao missionário, trabalhavam os pastôres Manoel G. dos Santos, Luís C. dos Reis, Ângelo Barros, Manoel Firmino Alves, João Ramos de Castro, João Tôrres Filho e, mais tarde, o evangelista Raimundo Nobre.

As igrejas em número de 14 estavam espalhadas desde o Acre até o Ceará. Uma no Acre, seis no Amazonas, três no Pará, uma no Maranhão, duas no Piauí e uma no Ceará. [1] Cuidar, mesmo mal, de tudo isto, é o que se poderia chamar a "oitava maravilha batista no Brasil."

I — AMAZONAS E ACRE

Tôdas as atividades dêste campo giravam ùnicamente sôbre o evangelismo. Não havia colégios nem agências de publi-

---

(1) Atas da Convenção, 1911.

cações. A moda era pregar e andar, e Nelson recebera de Deus êste dom de não gostar de estar muito tempo parado num lugar ou junto a uma igreja.

Em fevereiro de 1911 era êle esperado em Manaus para assistir à inauguração do templo da Primeira Igreja, a menina dos seus olhos. Êle, porém, não pôde assistir porque outros negócios o retiveram em Belém por mais tempo do que esperava. Mesmo na sua ausência, foi o templo inaugurado sob a presidência do Pastor Tomaz de Aguiar, em cujo pastorado pacífico e fecundo fôra construído. Começada a obra em 1909, foi-se arrastando até ficar concluída na data acima. Templo vasto, construído no Alto de Nazaré, tendo uma bela vista sôbre a "Pérola da Amazônia", tem através dos anos servido de ponto de referência em quase tôdas as grandes atividades da capital. O evangelho em Manaus tem gozado da estima e favor públicos. Os pastôres da igreja são considerados na sociedade como pessoas de alta distinção e conceito, não se processando atividade nova na vida social da cidade sem que seja ouvido o pastor. Esta aura de simpatia vem dos tempos de Tomaz de Aguiar quando a igreja recebeu alguns dos seus elementos de maior influência na cidade.

A 7 de março dêste ano aportava a Manaus o esperado missionário sòmente para ver a nova casa e poder voltar incontinente a Belém onde sérios negócios exigiam sua presença.

Enquanto Nelson subia e descia o Rio-Mar em visita às igrejas em ocasiões de crises, os pastôres iam, da melhor maneira que podiam, cuidando das mesmas igrejas. Êles mesmos seguiam as pegadas do missionário, no evangelismo, de modo que pouco tempo se demoravam num lugar, pela urgente necessidade de atender a tantos outros que pediam a sua presença.

A 11 de setembro, pouco tempo depois de inaugurar a casa de cultos, falecia o Pastor Aguiar, deixando um claro que não pôde ser preenchido senão 8 anos depois, quando Munguba Sobrinho foi chamado ao pastorado da Igreja de Manaus. Com 4 anos de pastorado feliz e mais 25 de professor público, foi descansar Tomaz de Aguiar, tendo também servido por algum tempo, como pastor em Belém.

Se a perda foi grande para a igreja, não foi menor para Nelson que tinha de arcar agora com a responsabilidade do pastorado, se bem que não demorasse muito tempo junto à igreja. Como os diáconos eram homens de alto prestígio e tino, alguns dêles ocupando posição importante nas repartições públicas, Nelson descansava nêles e o trabalho corria em paz.

As igrejas do Carreiro, Santarém, Anamã e outras, iam vivendo e às vêzes morrendo, por falta de cuidados contínuos. Para ajudar neste trabalho publicava-se "O Alfa", jornalzi-

nho da mocidade, que levava a palavra, onde o pregador não podia ir.

O ano de 1912 não foi muito feliz. A mocidade que a êste tempo gozava de regalias de mando por êsses brasis, desmandou-se, admitiu gente de todos os matizes sociais, levou essa orgia de mando para dentro da igreja, criando uma atmosfera de inquietação. Nelson foi chamado às pressas de Belém, onde estava procurando sanar algumas dificuldades da Igreja de Belém e, em chegando a Manaus, aceitou o pastorado interino, moderou uma sessão agitada, e a igreja fêz uma *limpeza,* excluindo 23 pessoas que tinham entrado na igreja indevidamente. A União da Mocidade foi dissolvida, e a calma voltou aos arraiais batistas amazônicos. (2) Aquietadas as coisas, Nelson voltou a Belém, passando pelas igrejas do Baixo Amazonas, ajudando os obreiros com os seus conselhos.

De 1914-1918 sabemos bem pouco do trabalho nesta parte do campo. Nelson mal tinha tido tempo para as suas viagens ao Maranhão (Piauí já estava sob a direção do Terry) porque as condições do trabalho em Belém absorviam todo o tempo com as lutas, que, infelizmente, visitaram esta cidade durante êstes anos. Mesmo as condições em Manaus, por piores que fôssem, em vista da ausência de pastor, eram sempre incomparàvelmente melhores que nos outros lugares, graças à sabedoria e prudência dos diáconos, e à ausência de elementos perturbadores.

Assim Nelson, não se preocupava muito com a igreja, sabendo que ela continuava a crescer sempre. Lá ia, de quando em quando, para batizar e dar a Ceia, trombetear pelas ruas de Manaus e voltar...

Assim foi o trabalho, até que em 28 de janeiro de 1919 assumiu o pastorado da igreja o Dr. Munguba Sobrinho para iniciar um longo e sóbrio pastorado que se estendeu até 1930.

Daqui em diante, com a Igreja de Manaus bem amparada, o Campo Piauíense já entregue ao casal Terry, Maranhão ao casal Parker, podia Nelson dedicar-se ao trabalho de sua paixão. Ora em lancha, ora em navios gaiola, lá ia êle rio Solimões acima, Juruá, Madeira e outros até atingir os países vizinhos, Bolívia e Perú. Por tôda a parte entre civilizados e índios êle pregava a Palavra e levava a salvação a milhares de pobres brasileiros esquecidos da civilização. Por tôda essa imensa área não sòmente semeava, mas recolhia, organizando igrejas que nem sempre prosperavam muito por falta de cuidados adequados. Suas contínuas idas a Iquitos e a outras cidades dos

(1) «O Jornal Batista», fevereiro 5-1914.

países vizinhos dão-lhe o merecido título de evangelista continental.

Nas margens do Amazonas, Itacoatiara e outros lugares estabeleceu êle igrejas, não havendo igarapés, paranás, ou rios que êle não atravessasse e às vêzes vadeasse, levando atrás de si carregamentos de Bíblias para o povo. Seu campo não tinha limites: estendia-se do Acre ao Ceará num total de 3.810.000 quilômetros quadrados, mais de um têrço do território do Brasil. Coisa simplesmente admirável.

Mais tarde, com a compra da poderosa lancha "Búfalo" *transferiu* para ela a sua residência e mais à vontade e a seu jeito, pôde continuar a missão em que se encontrava em 1935, ainda bem forte apesar dos seus setenta e mais anos.

Êste era o panorama do trabalho em 1925. Bem comparado com 1910, poderíamos dizer também: "Até aqui nos ajudou o Senhor." Nelson, como pássaro fora da gaiola, voando de um canto a outro; em Manaus, Munguba; no Pará estava a êste tempo Tertuliano Cerqueira, dando à igreja os mais felizes e calmos dias de sua existência nos últimos anos; tendo no Maranhão e Piauí a causa se desenvolvido grandemente. De um só campo tinham nascido quatro e cada qual capaz de absorver as atividades totais das fôrças batistas no Brasil.

Além do evangelismo, pouco ou nada mais temos a relatar. Não havia colégios, casas editôras, além do jornalzinho "O Batista Amazonense", publicado pela Primeira Igreja, e alguns folhetos filhos das polêmicas geradas com os padres. ([3])

II — PARÁ

Iniciamos êste período com o trabalho da Primeira Igreja sèriamente arruinado, como vimos no período anterior, por motivos da sucessão pastoral em que três pastôres disputavam a honra do lugar.

Depois que a situação se normalizou dentro da igreja, pois que o missionário metodista Justus Nelson continuava, pelo seu jornal, a explorar a triste situação dos batistas, era de se esperar que novos dias viessem para aquela igreja tão necessitada de ordem e paz. Não foi isso o que aconteceu. Vencido um inimigo, outro pior se apresentou e, desta vez, difícil de vencer.

O Pentecostismo no Brasil

Em abril de 1911, aportaram em Belém dois senhores suecos, Gunnar Vingren e Daniel Berg, dizendo-se batistas, que chega-

(3) «O Batista Amazonense» viu a luz em maio de 1919, dias depois de assumir o pastorado o irmão Munguba.

ram a mandar buscar suas cartas. Logo procuraram Nelson seu compatriota para pedirem abrigo algures. O porão do templo lhes foi oferecido e lá se ficaram aprendendo a língua para então *ajudarem* Nelson na evangelização. Êste bom missionário fêz uma de suas muitas viagens ao Piauí, deixando êsses homens na igreja na doce esperança de que, mesmo sem saberem falar, ajudariam o trabalho. Eis que pouco depois, por ocasião das reuniões, começavam êsses *batistas* a tremer e a gritar sendo já, a esta altura, imitados por alguns brasileiros. Que seria aquilo? Que espécie de nova religião seria essa? eram as perguntas. Êles deram para responder que era *batismo do Espírito Santo*. Línguas e balelas tornaram os cultos um horror. Nelson estava fora e à frente dos trabalhos estava o jovem inexperiente, Raimundo Nobre. Tôda a igreja estava sendo contaminada, pois já muitos *falavam* as tais línguas, menos os diáconos que não chegaram a fazer êste *"progresso"*. Que fazer? O evangelista, ajudado por Feli de Barros Rocha organista da igreja, convocou uma sessão extraordinária, declarou fora de ordem os pentecostais que já constituíam a maioria, e com a minoria excluiu os que se tinham desviado das doutrinas. Êles procuravam fazer valer os seus direitos de maioria, mas ficaram excluídos mesmo. Ficou dizimada a igreja. Sem diáconos, uma desolação, êste fim de 1911. Foi o comêço do pentecostismo no Brasil.

Todo o ano de 1912 foi para reparar os estragos feitos pela divisão e pelo pentecostismo. No fim do ano reuniu-se, com a igreja, a Convenção Batista Brasileira que foi um milagre para os batistas. Poucos e pobres, puderam receber seus irmãos de várias partes e por êles serem ajudados.

Começa 1913 com horizontes claros. A igreja convidou para pastor Luís Reis, que por alguns anos tinha trabalhado entre as igrejas do Baixo Amazonas. No princípio, o trabalho progrediu, pois que o nôvo pastor era inteligente, se bem que de pouco preparo. Poucos meses depois começaram as murmurações e as sessões começaram a ser agitadas. Acusações sôbre acusações se faziam ao pastor. Formaram-se os grupos, pró e contra o homem. Depois de uma série infinda de desgostos, o grupo, que o sabia em pecado, retirou-se para a Igreja de Castanhal, pedindo as suas cartas que foram recusadas e todos conseqüentemente excluídos. As igrejas de Castanhal, Santarém e Maranhão desfraternizaram-se; poucos dias depois era o pastor denunciado por uma das vítimas e, como não pudesse ser mais defendido, foi excluído em fins de 1915 e com êle vários culpados. Nelson ainda foi quem moderou esta sessão. O descrédito e a tristeza que visitaram os pobres paraenses são indescritíveis. Só o poder divino pôde de nôvo levantar

aquêle trabalho. Os crentes saídos para Castanhal voltaram, sendo a exclusão anulada.

O ano de 1916 ainda se ressente das lutas dos anos anteriores, mas o trabalho se reanima pouco a pouco. Faltava um pastor, mas a igreja estava tão desconfiada que não tinha coragem de o convidar.

A Providência Divina encontrou um homem talhado para aquela situação no missionário Dr. Downing. Em meados de 1917 assumia êle o pastorado, e de logo, a igreja sentia a benéfica influência daquele santo varão. Calmo, prudente, bom médico, reunia em si as qualidades de homem de que Belém precisava para poder convalescer da grave enfermidade. Foi curta sua estada no Pará. Doença grave na Sra. Downing forçou-o a abandonar o campo, indo aos Estados Unidos para o devido tratamento. Prometeu voltar, e com essa promessa consolou a igreja, mas na volta foi para outro campo, perdendo o Pará um grande homem. Saiu em 29 de setembro de 1917.

Nelson é quem valia à igreja nessas intermitências pastorais, nos intervalos de suas longas viagens pelo norte do Brasil.

Em meados de 1918 convidava a igreja o jovem pastor Tertuliano Cerqueira, que em março de 1919 assumiu o pastorado para dar a Belém uma década de paz e de trabalho.

Desta data em diante o trabalho equilibra-se, libertandose daquele *mau signo* que o tinha perseguido por tantos anos.

As igrejas de Castanhal e a segunda, que se organizou depois na capital, iam concorrendo para difundir o evangelho e dentro de pouco não mais se recordavam os dias tristes do passado.

Aproveitando a fundação da Faculdade de Medicina, Tertuliano entrou como estudante fundador, fazendo o seu curso com brilhantismo depois do qual, ou por fadiga ou por desejar outro campo, deixou o Pará, vindo para Pernambuco, com grande prejuízo para aquela boa cidade.

III — MARANHÃO

Estudamos no período anterior o estabelecimento do trabalho no Maranhão e a inclusão de mais êste Estado no campo do Vale do Amazonas. Nesta altura de nosso estudo continuava êle incluso ao mesmo campo e assim continuou por muitos anos. Por enquanto tôdas as atividades se concentravam na capital com algumas viagens irregulares a lugares fronteiros. É, pois, em tôrno da Primeira Igreja do Maranhão que vai girar também esta breve crônica.

Em princípios de 1910, era pastor da igreja, João Tôrres Filho, em substituição a Manoel Gomes dos Santos. O trabalho estava em franco progresso. A União da Mocidade e a Escola

Dominical tinham sido organizadas, bem como a Sociedade de Senhoras.

Em 22 de fevereiro de 1911 a igreja convidou para o pastorado o irmão João Ramos de Castro que tinha servido na Igreja de Castanhal, Pará, o qual tomou posse a 1º de março seguinte. O irmão Castro era homem de poucas letras, todavia, dirigiu a igreja por bastantes anos com relativo progresso. Em dezembro mudou a sede para rua melhor, a Rua Grande, 114, local em que ficou por muitos anos. A êste tempo já a igreja mantinha animados trabalhos em Bacanga e S. Bento, visando futuras igrejas, o que veio a dar-se pelo menos no último lugar.

Nelson, vez por outra, lá estava para animar com sua presença e palavra os batistas maranhenses. Em agôsto de 1916 estava êle batizando vários crentes no rio, e pregando pelas ruas e praças da cidade. Por êste tempo tinha-se mudado para S. Luís o diácono Anacleto Veloso, da Igreja de Belém. Homem esforçado a quem a fortuna bafejou naquela cidade, muito concorreu para o desenvolvimento da Causa. O trabalho continuou nesta animação e contínuo progresso até 1918 quando se mudou para S. Luís o missionário da "Baptist Missionary Association of Texas", J. B. Parker, que depois passou a missionário de Richmond. Por algum tempo, sua presença foi uma bênção. Depois, algumas coisas desagradáveis que se deram atrapalharam o trabalho por algum tempo, resultando na divisão da pequena igreja. O casal missionário foi removido para sua terra, continuando as duas igrejas a tarefa de evangelizar a cidade.

Anacleto Veloso ficou com a segunda que em pouco se tornou a principal e veio mesmo a eclipsar a primeira. Algum tempo depois veio tomar conta do trabalho o missionário Crouch, que, em 1926, foi substituir Terry em Corrente, ficando o Maranhão desamparado outra vez.

Termina êste período, deixando o trabalho na cidade bastante fraco. Por alguns anos nenhuma das igrejas teve pastor, servindo-se com os elementos de que dispunha cada uma delas.

IV — PIAUÍ

Piauí, no princípio desta época, continuava sendo servido pelos elementos locais e as viagens de Eurico Nelson. As igrejas valiam-se dos leigos tanto para a pregação como para doutrinamento.

Em 1912, abriu-se para o Piauí uma nova era. Em julho dêste ano, embarcava em Nova York o casal Terry para a evangelização dêste Estado. O primeiro ano no Brasil passaram-no

em Pernambuco, aprendendo a língua, para em agôsto de 1913, em companhia de Nelson, darem entrada no grande Estado. Primeiro estabeleceram-se em Terezina. Teófilo Dantas soube pelo "O Jornal Batista" da ida dos missionários e veio esperá-los, mudando-se de Amarante, onde tinha a sua tenda de ourives, para Terezina a fim de melhor poder ajudar os novos missionários como evangelista e colportor.

A tarefa era sôbre-humana. Um estado de 300 léguas de comprimento, com uns 50 crentes espalhados desde Terezina até o extremo sul do Estado e sem um pregador sequer. Requeria-se de muita abnegação e espírito de heroísmo.

De Terezina, êles foram estabelecer-se em Corrente, onde fundaram em 1920 o Instituto Batista Industrial, que admirável contribuição tem dado à evangelização do sertão nordestino. No ano de 1916 viajam os missionários a cavalo mais de 2.000 quilômetros, levando nessas viagens tôda a família e diríamos tôda a casa.

Dormiam onde anoiteciam, e pregavam na primeira casa que encontravam. Desta forma, puderam êles estender de um modo admirável o evangelho em todo o sul do Piauí, estabelecendo igrejas por tôda a parte.

Em 1916 entrou no Estado o primeiro pastor brasileiro, C. Costa Duclerc. Com grande experiência pastoral e bom preparo, muito concorreu para o fortalecimento do trabalho no Piauí. Quem abre *O Jornal Batista* de 1916 em diante pode ver que reboliço ia por lá. Terezina era a sede do seu trabalho como pastor da igreja local. A vasta sementeira de Nelson, Jackson, Coronel Benjamin Nogueira Paranaguá, Teófilo Dantas e outros, encontrou em Coriolano e Terry os bons agricultores.

O Coronel Benjamin Nogueira Paranaguá, legou à Igreja de Corrente uma boa fazenda de gado a fim de que o produto fôsse aplicado na educação local. Em 1920 quando foi organizado o Instituto, a igreja entregou-lhe a fazenda e, como ela ficasse distante da sede, foi permutada por outra mais próxima. O terreno onde foi fundado o Instituto foi doado pelo Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá. Com estas doações foi solidificado o trabalho educativo para o imenso sertão brasileiro.

A ida do Dr. J. Nogueira Paranaguá para o Piauí em 1922 acompanhado da família muito encorajou os trabalhadores do evangelho, porque, tanto pela influência como pela ciência, muito ajudaria no trabalho. [4] As principais cidades e

---

(4) Entre os membros da família Nogueira desejamos destacar o Dr. Augusto Paranaguá que acabava de chegar dos Estados Unidos, onde se formara em Agronomia. Tem dedicado o seu tempo à Igreja e ao Instituto aos quais muito tem ajudado.

vilas tinham recebido o evangelho e um bom número de igrejas pontilhava as caatingas piauienses. Além de Teófilo Dantas cooperava no trabalho geral o Pastor Jonas B. Macedo e Augusto Fernandes. Êste começou as suas atividades na zona do S. Francisco quando Jackson se retirou. Morava na cidade da Barra e dali servia ao trabalho nas imediações. Foi depois dirigir a Escola de Corrente, fundada por Benjamin Nogueira, e quando foi fundado o Instituto Batista Industrial passou a cooperar com êle. Dedicando-se particularmente ao magistério, também tem tido a sua parte nas atividades evangelísticas.

As lutas políticas que infelicitaram êste Estado dariam um dos capítulos mais trágicos sôbre o seu reflexo nas atividades evangélicas. De muito valeram as qualidades pacifistas, o jeito sertanejo do casal Terry, para não ser destroçado o evangelho naquelas regiões onde mais podia o trabuco que a lei. Mantendo-se num terreno neutro, sem demonstrações hostis a qualquer dos partidos em luta, ajudando a uns e a outros no que era possível, não sòmente foi salvo o trabalho, mas estabelecido o prestígio da Causa.

Com a saída dos Terry em gôzo de férias, em 1919, ficou o missionário Parker com a incumbência de visitar o trabalho, mas entrementes deixou o trabalho no Maranhão, voltando a sua terra. Coriolano também tinha saído do Piauí, deixando a Igreja de Terezina sem pastor. Severino Batista que estava também no campo dirigia a Igreja de Floriano, mas também pouco depois saiu para ir ao Maranhão. Para suprir a lacuna deixada por Coriolano foi consagrado ao Ministério o irmão Teófilo Dantas o qual aceitou o chamado da Igreja de Terezina. Jonas Barreiro de Macedo também foi consagrado para dedicar-se às igrejas entre Corrente e Terezina. Ao mesmo tempo que servia a igrejas num raio de centenas de léguas abria novos pontos de pregação. Muito faltava fazer, e mesmo quem sabe se jamais será feito tudo que poderia ser feito, mas o Piauí foi feliz na aquisição do Dr. Terry que de um modo notável assimilou o espírito do sertanejo, podendo entender-se com êle como se pertencessem à mesma *tribo*.

Uma meia dúzia de nomes já mencionados e outros que ficam no olvido fazem as honras de vanguardeiros do trabalho espinhoso do Piauí. O Coronel Benjamin Nogueira, Eurico Nelson, E. A. Jackson, Teófilo Dantas, Terry, Coriolano Duclerc, Severino Batista, Jonas B. Macedo, Augusto Fernandes, Antônio Viégas, Dr. Nogueira Paranaguá e por fim o missionário Crouch junto com outros que chegaram mais tarde constituem a plêiade admirável de infatigáveis trabalhadores.

V — CEARÁ

Graças ao dinamismo de Nelson chegou a ser estabelecida uma igreja, como vimos no período anterior, organizada em Fortaleza, e a Junta de Missões Nacionais chegou a cogitar, por mais de uma vez, de lá colocar um obreiro. Entretanto, o trabalho morreu pouco depois de 1911. Estado ultra clerical, com uma linda capital entregue à idolatria, não sabemos como explicar êste fenômeno. Só muitos anos depois é que, por intermédio do Campo Pernambucano, foi recomeçado o trabalho para nesta data termos duas pequenas igrejas.

Em 13 de maio de 1911, Nelson avisava pelo *O Jornal Batista* que o pastor da igreja, Rev. Firmino Alves, se retirara para Belém e em conseqüência disso, a igreja mudara sua sede para a Rua Senador Pompeu, 227, ficando os trabalhos sob a direção do Dr. Carneiro da Cunha até que Deus mandasse outro pastor. Nelson assistiu a esta transição enquanto se preparava para voltar ao Piauí. Daqui em diante um espesso véu cai sôbre o trabalho batista no Ceará, nada mais se ouvindo dêle. A pequena igreja veio a dissolver-se pouco depois.

Na Convenção Batista Brasileira, reunida em Belém, em 1912, foi decidido que a Junta de Missões Nacionais localizasse logo ali um obreiro, mas a resolução ficou no fundo do tinteiro. Sentimos profundamente êste fato, pois que podendo ser um campo vasto como tantos outros, pouco lá temos atualmente.

CAPÍTULO XVIII

I – CAMPO PERNAMBUCANO (1910 - 1922)

Preâmbulo

A extensão do Campo Pernambucano no período que ora estudamos é mais ou menos a mesma do período anterior. Do Rio G. do Norte até Sergipe, ou estava aos cuidados do centro Leão do Norte ou ainda não tinha recebido o evangelho. De fato, pouco havia no Rio G. do Norte o mesmo se podendo dizer de Sergipe que só mais tarde abre as portas à 1ª Igreja Batista (1913). Era de ver que, residindo em Recife apenas dois casais de missionários que se revesavam na direção do trabalho, e meia dúzia de obreiros brasileiros, não seria possível esperar que êles estendessem suas atividades muito além das fronteiras do Estado. Assim mesmo, como adiante se verá, não ficaram indiferentes à sorte dos estados setentrionais, entrando poucos anos mais tarde o evangelho em Natal, Paraíba do Norte e, para o sul, em Aracajú.

O Campo Alagoano voltou a unir-se ao de Pernambuco com a saída do Missionário Petigrew (1911), para o Paraná. É bem de ver que os trabalhadores pernambucanos teriam de desdobrar-se em atividades para atenderem a tamanho campo, de modo que se não pudessem desenvolvê-lo convenientemente, pelo menos não o deixariam abandonado.

Eram bem minguadas as fôrças evangelísticas. Dos pastôres brasileiros mencionaríamos Manoel da Paz, Jerônimo de Oliveira, Isídoro C. Pereira, Augusto Felipe Santiago, Eloi Correia, Pedro Falcão, em Pernambuco; em Alagoas, R. E. Petigrew, superintendente da Missão, João Borges da Rocha (por pouco tempo), Manoel Virgínio de Souza e Eutíquio de Vasconcelos.

As igrejas de Pernambuco eram entre outras: em Recife, a Primeira, Gameleira, mais tarde Rua Imperial, e Cordeiro; no interior, Nazaré, Goiana, Timbaúba, Bom Jardim, Limoeiro, Ilheitas, Urus, Figueiras, Cabo e Garanhúns. Em Alagoas: na capital, a Primeira; no interior, Pilar, Rio Largo, Atalaia e Penêdo. Comparem-se êstes tempos com os de 1925 e veja-se que progresso se verificou em 16 anos.

EVANGELISMO

Primeira Fase — (1910-1915)

As atividades em Pernambuco, evangelìsticamente falando, dividem êste período em três fases: de 1910-1915 e de 1916-1922 e 1923-1925. Nesta primeira começam a entrar nas liças evangélicas novos obreiros, uns vindos do interior para o seminário, outros vindos de outros estados, desdobrando-se, por êsse motivo as atividades evangélicas e dando ao campo uma nova feição.

Ao mesmo tempo que na cidade de Recife se espalhava a semente e se dilatava o trabalho com a organização de novas igrejas e abertura de pontos de pregação, usando-se neste tempo o contingente que os seminaristas podiam dar ao trabalho, pōr outros estados próximos não era menor a agressividade.

Alagoas que, como já vimos, ficou aos cuidados de Pernambuco, movia-se de acôrdo com o ritmo pernambucano, cultivando o solo virgem e dilatando as fronteiras até penetrar no Estado do Sergipe onde nestes últimos anos tinham entrado os batistas. Numa vista de conjunto, podemos imaginar o que seriam aquêles dias em que num território de 339.000 quilômetros quadrados, com pouquíssimos obreiros, o trabalho se estendia maravilhosamente.

Como resultado destas atividades, temos a organização de igrejas batistas em Sergipe e Paraíba do Norte, para não falar nas que se iam organizando nos outros estados já ocupados pelos batistas.

Os crentes de Aracajú de há tempos vinham dando sinais de vida evangélica, mas como estivessem tão distantes de centro batista, tinham visto protelada a sua organização. Só em 1913 puderam ver realizado o seu sonho. Convidaram o Pastor Horácio Gomes, de Alagoas, para lhes fazer uma visita, pagando êles tôdas as despesas, e desta visita resultou a organização da *Primeira Igreja Batista no solo sergipano* a 13 de setembro de 1913.

Do mesmo modo os crentes paraibanos se movimentavam para organizar o seu trabalho. De quando em quando lá ia um pregador, seminarista ou pastor, em visita, destacado pelos diretores do trabalho em Pernambuco. Pregava, passava dois dias e voltava. Entrementes o trabalho crescia e pedia organização definitiva.

A 21 de janeiro de 1914 para lá seguiam, com o fim de organizar a igreja, os pastôres D. I. Hamilton e João Borges da Rocha. Chegaram, ouviram a profissão de fé de 8 novos irmãos e depois, ao entardecer, foram êles batizados no Rio Ja-

guaribe, após o que todos rumaram para o salão de cultos, onde foi organizada a *Primeira Igreja Batista Paraibana,* com 16 membros, sendo que oito sob promessa de cartas das igrejas de Pernambuco.

O Rio Grande do Norte também pertencia ao Campo Pernambucano se bem que só mais tarde viesse a ser organizada a igreja ali.

De tôdas as atividades fàcilmente imagináveis aos leitores, em todos êstes estados, a de que se guarda indelével recordação nesta época foi a que se processou no Recife entre católicos e batistas. Recife tinha sido um dos teatros sangrentos dos poderes infernais sob a direção da Igreja Católica. Depois de 1905, os padres começaram a desenvolver a sua atividade mais *intra muros,* de vez que o espírito liberal do povo, e o crédito que já gozavam os evangélicos não lhes permitiam arremetidas como as de Bom Jardim, em que dezenas de vidas foram ceifadas e propriedades destruídas, bem como a célebre queima de Bíblias nos adros das igrejas da capital, etc. Agora eram o confissionário e as prédicas domingueiras que serviam para diminuir os evangélicos, especialmente os batistas. Êste método, se bem que mais calmo, não deixou, todavia, de inflamar os sequazes de Loiola e, por meio de pasquins e outras manifestações, foi exaltado o ânimo do povo. Temendo uma repetição dos tempos idos, reuniram-se numa sala do Colégio Batista alguns pastôres para concertarem o plano de defesa e também de ataque. João Borges da Rocha e C. Costa Duclerc foram comissionados para responder aos católicos. Preparados os boletins, uma madrugada não ficou poste, esquina de rua, muro vazio que não tivesse colado um daqueles boletins, ao mesmo tempo que os devotos e curiosos que iam às missas recebiam bem na porta das igrejas católicas um exemplar. Os padres vociferavam e ameaçavam, mas os tempos estavam mudados e nem era muito fácil contestar as duras verdades contidas nos boletins. O resultado foi que êles emudeceram enquanto o trabalho se estendia por tôda a cidade.

EVANGELISMO

Segunda Fase — (1916-1922)

As atividades dos últimos anos com a entrada em campo de outros obreiros, inclusive de alguns novos missionários, fizeram que o Campo Pernambucano sofresse uma profunda transformação tanto em atividades como em métodos. O Colégio e Seminário modificaram a sua fisionomia pelas grandes propriedades que lhes foram dadas. Os métodos educativos, evange-

lísticos e pedagógicos foram completamente modificados para melhor. Uma alteração como se estivéssemos começando de nôvo.

O nôvo missionário L. L. Johnson ficou à testa das atividades evangélicas na qualidade de secretário-correspondente, e nesse trabalho revelou grande aptidão. O outro nôvo missionário, W. C. Taylor, dedicou-se ao trabalho teológico, enquanto os dois veteranos, H. H. Muirhead e D. L. Hamilton, cuidavam do Colégio e ajudavam no Seminário. Destas novas atividades nasceram em breve outras igrejas na cidade enquanto as do interior dos outros estados também se desenvolviam. Não se fazia tudo que era preciso, mas fazia-se o que era possível.

Como complemento a êste admirável ciclo de atividades, organizou-se a 13 de junho de 1919 a primeira Igreja Batista de Natal, Rio Grande do Norte, e com ela fechou-se o circuito do vastíssimo campo regional que tem compreendido cinco estados.

Institutos bíblicos, séries de conferências, congressos regionais da mocidade batista, Convenção Regional das Escolas Dominicais, implantação de novos métodos pedagógicos nas Escolas Dominicais é mais ou menos a soma geral dos trabalhos entre 1916-1922.

"A Mensagem", antigo jornal dos batistas que vira a luz na Bahia e que desde 1916 se publicava em Recife, era o arauto do trabalho. Morreu mais tarde em 1920, outra vez na Bahia, em benefício do "O Jornal Batista" que recolheu os seus assinantes, aparecendo em seu lugar "O Batista Regional" neste mesmo ano.

A 25 de agôsto de 1920 muda-se para Alagoas o missionário J. Mein até êste tempo no Campo Fluminense, e com a sua vinda deu-se naturalmente o desmembramento do Campo Pernambucano para se reorganizar o Campo Alagoano com a inclusão do Estado do Sergipe, ficando os restantes estados do norte (Pernambuco, Paraíba e R. G. do Norte) constituindo o Campo Pernambucano.

Em 1920 chegam a Recife dois casais de novos missionários, os irmãos R. S. Jones e E. G. Wilcox. Êste veio dedicar-se à educação teológica e ao evangelismo, e aquêle veio para o Colégio, sendo pouco depois eleito deão. O crescimento do trabalho requeria êstes reforços que, não obstante a contribuição dada pelo Seminário, ainda carecia de outros elementos.

Em 1920 ainda outro notável acontecimento se verificou em Pernambuco pela organização da Igreja Batista na tradicional cidade de Olinda, velha e ronceira fortaleza ultramontana. Não deixou de ser um acontecimento em vista das muitas tentativas frustradas. A organização verificou-se a 2 de se-

tembro do ano acima, e no meio de mil peripécias pôde radicar-se ao solo sob as mais atrozes perseguições veladas dos padres.

João Borges da Rocha, um dos primeiros pastôres do Campo Pernambucano, dirigiu por anos a Igreja de Nazaré da Mata, passando depois a trabalhar no Campo Alagoano onde pouco demorou. Foi pastor da Primeira Igreja por alguns anos e de outras igrejas no Estado de Pernambuco. Era um dos escritores do seu tempo, de maior fôlego, grande polemista e estadista evangélico. No fim dos seus dias foi pastorear a Igreja de Vitória, Pernambuco, onde morreu em 1922.

União das Igrejas Batistas e Convenção Batista Regional

Desde anos que havia no Estado de Pernambuco uma organização evangelística com o nome de "União das Igrejas Batistas de Pernambuco". Tinha servido bem, mesmo quando Pernambuco batista tinha de acudir a outros estados vizinhos, como Alagoas. Infelizmente são pobres as informações que temos desta organização primitiva. A de 1910 não sabemos onde se reuniu. Em janeiro dêste ano, vimos páginas atrás, reuniu-se no Recife a União de Obreiros, que era uma espécie de guarda da Convenção ou União, melhor talvez, uma Comissão Executiva da União.

Em 1911 reuniu-se no lugar Moganga. Pelas distâncias e dificuldades de transporte parece que foi somenos a reunião. Entretanto, as responsabilidades que iam pesando sôbre a organização não eram pequenas. Alagoas ficara sem missionário residente e conseqüentemente sem direção local, de vez que naqueles dias eram os missionários os diretores forçados de todos os campos. Logo Pernambuco com a sua União teria de cuidar de Alagoas. Paraíba do Norte clamava por um pregador que lhe fôsse levar informes do evangelho, enquanto que outros estados mais distantes se preparavam para fazer o mesmo pedido. Em 1912, não se reuniu a União, ao que parece, porque temos menção de uma oferta da Junta de Evangelização Estadual a uma igreja e nada mais se diz da própria União, 1913 e 1914 também não deixaram notícias destas assembléias. Em 1911 só havia um missionário em Pernambuco, estando o outro na América. Em 1912, com a volta de Hamilton, embarca Muirhead em maio seguinte. Assim um só missionário no vasto campo nem teria tempo de pensar em animar êste trabalho, atarefado como estaria com o Colégio e Seminário e mais a Primeira Igreja que invariàvelmente tinha como pastor o missionário. Assim continua a situação até 1915 quando volta o casal Muirhead e junto a Hamilton preparam o trabalho para

a recepção de novos reforços missionários em 1915. Neste ano (1915) realizou-se a União na Igreja do Cordeiro, havendo alguns visitantes de honra: E. A. Jackson e Dr. Downing, sendo tomadas deliberações de vulto, contemplando o trabalho que em breve começaria pela vinda de novos missionários.

Ainda em 1915 foi mudado o nome da Convenção. De "União das Igrejas Batistas de Pernambuco" para "Convenção Batista Regional", atendendo a que Alagoas e Paraíba faziam parte do Campo Pernambucano. De ano em ano ia a Convenção visitando uma e outra capital para levar o seu calor às igrejas dos estados. Assim em 1916 reuniu-se ela com a Primeira Igreja de Maceió. Foi uma assembléia memorável, segundo a "Mensagem", jornal do campo. Foi convidado um evangelista regional que ia e vinha de um a outro extremo do campo. Não sabemos onde se reuniu em 1917, mas deveria ter sido em Recife, se as vagas informações que temos não falham.

Em 1918, reuniu-se em Vila Natã para dar ocasião a uma grande perseguição. Sob o pretexto de que os protestantes se reuniam na *semana santa* para profanar o catolicismo, estêve ameaçada de morte tôda uma assembléia batista.

A 7 de setembro dêste mesmo ano (1918) foi organizada a primeira Convenção Batista de Escolas Dominicais, organização já existente no Estado, mas de origem e métodos interdenominacionais. Queriam os batistas ter sua própria Convenção e organizaram-na, e bons frutos tem dado até hoje.

Em 1919, foi a Convenção a Rio Largo, Alagoas, para cumprir a sua missão de visitadora de todos os centros batistas.

Em 1920, quase não houve Convenção Regional. Estavam reunidos os obreiros pernambucanos quando começaram a chegar os mensageiros à C. B. B., que êste ano se reuniu em Recife. Por isso ou por outras coisas difíceis de precisar, o trabalho ou foi adiado ou terminado, ficando o que se iria dar na convenção local para ser desaguado na Convenção Batista Brasileira.

Em 1921, reuniu-se a Convenção na Igreja de Cordeiro, subúrbio da capital. As dificuldades que afligiam o trabalho se refletiram nesta Convenção, mas tudo terminou com relativa felicidade.

EVANGELISMO

Terceira Fase — (1923-1925)

As atividades pernambucanas na última fase dêste período têm de ser estudadas em conexão com o "Movimento do Norte", e pela sua importância e complexidade, resolvemos consagrar um capítulo ao dito movimento.

DESMEMBRAMENTO DO VASTO CAMPO REGIONAL

Campo Alagoano

O campo regional tem abrangido desde 1911 os estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba do Norte e Rio Grande do Norte. Em 1920, novembro, reuniu-se a Convenção Regional extraordinàriamente para considerar a conveniência da organização da Convenção Alagoana para êste Estado e o de Sergipe, uma vez que o Campo Alagoano, tendo agora missionário residente, J. Mein, poderia ter o seu trabalho à parte. Votado que foi concordar-se na organização da Convenção Alagoana, reuniu-se esta a 2 de janeiro de 1921 com grande entusiasmo. Ficava assim bastante limitado o vastíssimo Campo Pernambucano, com relativa vantagem para Pernambuco mesmo e para Alagoas.

Campo Paraibano

O missionário E. A. Hayes, que tinha trabalhado nestes últimos anos em Pernambuco, mudou-se para Paraíba do Norte a 26 de setembro de 1923 e a 24 de janeiro de 1924 era organizada a Convenção Paraibana para o Estado da Paraíba e Rio Grande do Norte. Depois de tantos anos, vinha a ficar Pernambuco sòzinho.

Estas organizações marcam um nôvo período na história do trabalho no norte. Cada campo agora com seu missionário residente, sua convenção local, poderia muito cuidar das necessidades locais. O trabalho tanto num como noutro centro desenvolveu-se admiràvelmente, não sofrendo o Campo Pernambucano, ao contrário lucrando, porque agora limitado, poderia ser mais ràpidamente desenvolvido.

Orfanato Batista Pernambucano

Em 1910, a Sociedade de Senhoras da Primeira Igreja resolveu começar a levantar fundos para a organização dum orfanato. Da iniciativa pouco ficou além da idéia e por anos nada mais se fêz e pouco se disse. Em 1919, tendo Hamilton deixado a direção do trabalho que tinha no educandário, como diretor do Departamento Literário, dedicou-se à idéia de orfanato. Para isso, chegou a organizar, em bases rudimentares, uma Sociedade Orfanológica, para Pernambuco e Paraíba do Norte. Ou porque a iniciativa fôsse mal encaminhada, ou porque a época fôsse imprópria, devido às desinteligências reinantes entre êle e outros missionários, a idéia não logrou vitória. Alistou alguns sócios, recolheu algumas contribuições. Com o rompimento do Movimento do Norte a iniciativa morreu.

II — CAMPO ALAGOANO

(1910 - 1920)

A história do Campo Alagoano, como os leitores já notaram está entrosada na de Pernambuco. Assim, apenas diremos duas palavras para não passar em silêncio sôbre um dos campos mais antigos do Brasil, o segundo na ordem cronológica.

O ano de 1910 começa, pois, pressagiando belas conquistas espirituais. João Borges da Rocha, antigo obreiro pernambucano, foi chamado ao pastorado da Igreja de Penêdo, no princípio de março. Homem experimentado nas lides, muito havia de ajudar Alagoas. Petigrew continuava à frente da pequena escola literária, ajudando na evangelização no que podia, e Eutíquio de Vasconcellos e Manoel Virgínio cuidavam de outras igrejas.

Em junho de 1910 retira-se para a América o missionário Petigrew, voltando o Estado a unir-se a Pernambuco. Esta circunstância criou outra: a divisão do Campo Pernambucano em Seções: Pernambuco e Paraíba, uma seção; Alagoas e Sergipe, outra, mas tudo sob uma só orientação. Aproximava-se o tempo da volta de Petigrew, e como êste não mais fôsse para Alagoas, e sim para o Paraná, foi Manoel Virgínio, seu antigo companheiro, induzido a segui-lo para onde se mudou em 23 de novembro de 1912.

De 1913-1918, temos um período nôvo que se caracteriza por um grande surto de progresso. Durante êste período o Campo Sergipano que, como vimos, pertencia ao Campo Pernambucano, passou a cooperar com a Convenção Interestadual da Bahia (1917), entrando também nesta cooperação a Igreja de Penêdo, ficando as demais ainda filiadas a Pernambuco até 1920.

Em junho de 1916 encontramos Eutíquio de Vasconcellos dirigindo a Igreja de Aracajú; Carlos Barbosa, a Primeira de Maceió; Pereira Sales, a de Rio Largo, onde também mantinha um bom colégio, enquanto que Eloi Correia trabalhava como evangelista. Foi bom período para o trabalho alagoano. Pereira Sales revelou-se um grande admirador da juventude, concorrendo, com o seu colégio, para o despertamento de uma mocidade estudiosa e promissora. Dali saíram alguns bons obreiros que o norte tem dado à denominação: Munguba Sobrinho, C. Costa Duclerc e outros, inclusive várias môças que se dedicaram ao trabalho, indo estudar também em Recife.

Pelos fins de 1918 o evangelho gozava de real prestígio no

Estado todo, sendo recebido pelo povo com agrado. Em virtude dêsse favor, vários novos pontos foram tomados e algumas igrejas foram organizadas: Viçosa, Quebrângulo, Atalaia, Mangabeira de Cima e outros lugares viram igrejas batistas fazendo parte de sua vida local e outros recebiam alegremente a abertura de pontos de pregação.

Na capital, mau grado as lutas entre Pereira Sales e Carlos Barbosa, que disputavam entre si a supremacia na direção do trabalho geral, fôra organizada mais uma igreja, a do Farol, no alto da cidade, que junto à do Poço e à Primeira faziam o número de três igrejas na capital.

Temos assim três igrejas na capital, nesta época, e várias outras espalhadas pelo interior, uma em Sergipe, cooperando com a Bahia, um bom número de estudantes no Colégio e Seminário de Recife, e alguns pastôres abnegados no Estado.

Além dos elementos locais devemos considerar a ajuda que os obreiros pernambucanos davam ao trabalho em virtude da União dos dois campos.

1920-1925

Com a mudança do missionário J. Mein do Campo Fluminense para o Campo Alagoano foi organizada em 1921, a 2 de janeiro, a *Convenção Batista Alagoana,* ficando destarte o Campo Pernambucano limitado aos Estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Foi uma época nova para aquêle campo.

A primeira Convenção Alagoana reuniu-se na Primeira Igreja de Maceió, sendo, como era de prever, uma convenção histórica. A de 1922 reuniu-se ainda em Maceió. A de 1923 reuniu-se em Rio Largo e a de 1924 em Atalaia, a de 1925 voltou a Maceió.

Em março de 1923 era dado à publicidade o primeiro número de "O Batista Alagoano", que daqui em diante tomou notável parte no desenvolvimento do trabalho.

Em janeiro de 1923, "O Batista Alagoano" publicava a notícia da fundação do Colégio Batista Alagoano, instituição que vinha dar ao trabalho geral a contribuição que os crentes alagoanos havia muito desejavam para o seu campo. Pereira Sales tinha mantido um bom colégio em Rio Largo o qual prestara relevantes serviços à instrução em geral e dos crentes em particular.

Estabelecido como ficou o trabalho nesta seção do antigo Campo Pernambucano, com as suas instituições, organização e direção local, muito se poderia esperar quanto ao futuro.

CAPÍTULO XIX

CAMPO BAIANO

Preâmbulo

O Campo Baiano encontrava-se no comêço dêste período na mesma situação em que o deixamos no fim do período anterior — dividido em duas partes: o Campo Baiano, sob a direção do missionário Salomão Ginsburg como superintendente, e o campo Sta. Rita, a noroeste, com irradiação para os estados de Sergipe e Goiás, sob a direção de Jackson. Esta situação continuou até princípio de 1912, quando, pela saída de Salomão, em gôzo de férias, teve de ir substituí-lo, como superintendente da Missão, E. A. Jackson. Cremos que êste arranjo fôsse provisório, mas o fato é que Salomão, na volta das férias, não retornou à Bahia, indo para a Casa Publicadora do Rio, e conseqüentemente Jackson não voltou também a Sta. Rita, ficando em seu lugar o Pastor Augusto Fernandes, homem cheio de boa vontade, mas sem os recursos de que dispunha o missionário, pouco, bem pouco, pôde fazer.

As fôrças missionárias na Bahia, além de Salomão e Jackson, incluíam mais C. F. Stapp, recém-chegado, que dirigia o pequeno colégio desde a saída de Z. C. Taylor em 21 de março de 1910.

A êstes vieram juntar-se em 1914, M. G. White e espôsa, e o Dr. Downing (viúvo). Logo no ano seguinte retira-se o Dr. Downing em companhia do casal Stapp em gôzo de férias. Em 1916 voltava o Dr. Downing, casado, mas pouco se demorou na Bahia, retirando-se para o Pará, que a êste tempo estava sem missionário ou pastor na capital. Logo no ano seguinte teve de deixar aquêle Estado por doença da espôsa, retirando-se para sua terra. Na volta, foi para Corrente, Piauí, voltando à Bahia, onde pouco se demorou. Em 1923 encontrava-se em Pernambuco procurando estabelecer um hospital. Nada conseguindo, voltou à sua terra para ainda retornar ao Brasil em 1927 na qualidade de médico missionário dos irmãos presbiterianos. Não foi longa a sua permanência na Bahia, retirando-se para seu país, onde veio a falecer. Era um homem piedoso e de grande poder no púlpito. Teve a felicidade de ajudar a fundar o trabalho em S. Paulo e noutros lugares. Não demorava muito em parte alguma, mas assim mesmo, conseguiu deixar fundos traços de sua personalidade em todos os lugares por onde passou.

Em maio de 1915 deixa também o Estado o missionário E. A. Jackson em gôzo de férias, e na volta ao Brasil não retornou à Bahia indo cooperar com o missionário Reno, no Estado do Espírito Santo.

Em 1922 chegavam dois novos missionários, J. A. Tumblim e F. W. Taylor; êste, para o colégio em Casca, e aquêle, para o evangelismo.

As fôrças brasileiras eram: João Isídoro de Miranda, Sócrates Pais Coelho, Alexandre de Freitas, Bernardo Marino, Firmino de Oliveira, Antônio T. de Queiroz, Laurindo Malta, João Martins de Almeida e Isídoro C. Pereira. Alguns leigos notáveis como Severo M. Pazo, T. L. Costa e outros, davam boa ajuda à Causa.

As 30 igrejas do campo estavam assim distribuídas: De Rua do Colégio, Rua Dr. Seabra, Cruz do Cosme e Plataforma na capital; Alagoinhas, Olhos d'Água, Jequié, Guandú, Conquista, Felícia, Valença, Genebra, Duas Barras e as duas da Missão Interestadual com sede em Sta. Rita e que abrangiam em suas operações os estados do Piauí, Goiás e parte da Bahia. Outras, não deram relatório à Convenção.

Visto desta forma o panorama do trabalho na Bahia, podemos entrar na apreciação geral da Causa, num dos mais difíceis campos do Brasil.

Na qualidade de superintendente, estava à frente do evangelismo o missionário Salomão, que, em 1909, deixara Pernambuco para vir tomar a direção do trabalho baiano, uma vez que Z. C. Taylor, doente, teria de retirar-se em breve para sua terra.

Logo que chegou, pôs em prática os seus antigos métodos administrativos, dividindo o Estado em distritos, cada qual com sua direção e centro. (a) A capital, com seis igrejas, dirigidas por Salomão; (b) Sto. Antônio de Jesus, com sete igrejas e um grande número de pontos de pregação, sob a direção de um evangelista; (c) Sta. Inês com quatro igrejas e 30 pontos de pregação, sob a direção de Alexandre de Freitas; (d) Alagoinhas, com três igrejas, sob a direção de Sócrates P. Coelho; (e) Canavieiras, com três igrejas sem diretor por falta de obreiros e sustento. Por êste arranjo, o grande campo seria mais ou menos bem cuidado. Naturalmente, cabia a Salomão a direção geral e em verdade era êle quem dirigia tudo, visitando uma ou duas vêzes por ano êstes centros e dando a orientação que os obreiros seguiam à risca.

Logo no princípio do ano (1910), partia Salomão para uma destas longas e costumeiras excursões pelo interior do Estado. *O Jornal Batista* de janeiro e fevereiro dêste ano traz abundante reportagem das mil atividades dêsse homem notável.

De distrito em distrito visitava as igrejas, dava ordens, marcava as atividades dos obreiros até nova visita, e tomava providências pedidas pelas condições do trabalho.

Em agôsto aportava à Bahia o Dr. T. B. Ray, secretário da Junta de Richmond e logo no dia seguinte partia em companhia de Salomão para a segunda excursão do ano, visitando tôdas as igrejas do interior. O Dr. Ray, na qualidade de secretário da Junta que custeava as maiores despesas do trabalho, e também o fato de ser visitante ilustre, davam-lhe uma importância excepcional, de maneira que por tôda a parte era recebido pelos crentes, autoridades e público com as mais vivas demonstrações de aprêço. Desta visita continuaram a vir ecos durante os anos seguintes.

Em começos de 1912 deu-se a alteração no trabalho já aludida no início dêste capítulo. Salomão ia partir para os Estados Unidos em gôzo de férias, e como a sede do trabalho não pudesse ficar sem missionário, veio Jackson, de Sta. Rita, substituí-lo com o pomposo nome de Superintendente da Missão Batista Baiana. As igrejas da Rua do Colégio (Primeira) e da Rua Dr. Seabra prestaram a Salomão sentida homenagem, oferecendo um pergaminho com expressiva dedicatória. Em janeiro de 1911 chega à Bahia o Pastor Almeida Sobrinho, que por alguns anos tinha servido como pastor da Primeira Igreja de Belém, no Pará.

Sua chegada à Bahia foi festejada com demonstrações de alegria, pois todos o conheciam como bom pregador, acima mesmo de sua cultura, e a Primeira Igreja muito iria lucrar com o seu trabalho. Jackson agora se daria ao evangelismo, enquanto A. Sobrinho cuidaria do trabalho na capital, como pastor da igreja da Rua do Colégio, e naturalmente ajudando na da Rua Dr. Seabra.

Os primeiros dias foram de felicidade, como era de praxe com A. Sobrinho. Logo depois, vinha o dissídio. Aí pelos meados de 1913 esboçava-se na Primeira Igreja o prelúdio de um curto drama eclesiástico. O pastor, devido à sua qualidade de viúvo, não gostava de visitar, alegando que os maridos estavam fora de casa e não lhe convinha visitar famílias com o chefe ausente. Nisto devemos louvá-lo. Os diáconos, porém, insistiam em que êle visitasse à noite ou em momentos próprios. Irritaram-se os ânimos e A. Sobrinho, vendo as coisas mal paradas, começou a campanha entre os crentes para a formação de outra igreja, onde não houvesse aquelas exigências. Disto logo vieram a saber os diáconos que se puseram em campo para obstar a organização. O mal já ia longe e não era mais possível fazê-lo parar. Assim aconselharam ao grupo descontente a sair munido de suas cartas e organizarem uma igreja

regular para não repetir a última tragédia da Rua Dr. Seabra com a Primeira Igreja.

A sugestão foi aceita e no dia 7 de setembro dêste mesmo ano (1913) era organizada a Igreja da Rua Cruz do Pascoal com os ditos membros sob o nome de Segunda Igreja Batista da Bahia. A. Sobrinho, que naturalmente estava indicado para o pastorado, não assumiu êste lugar, tendo antes pedido exoneração do pastorado da Primeira Igreja, pedindo também sua carta demissória para se unir a uma igreja batista em Fall River, na América do Norte, para onde pretendia seguir em breve.

Organizada a igreja, ficou esta sem pastor, ao que parece. No ano seguinte assumiu o pastorado o irmão Isídoro C. Pereira, que pouco depois o deixou, continuando a igreja meio segregada das demais, e sem cooperar com elas até tempos recentes, quando entrou em comunhão cooperativa.

Entrementes, A. Sobrinho unia-se por carta, à Igreja da Cruz do Cosme, e partia para Manaus.

A Causa continuava a avançar, porque êstes tropeços logo são esquecidos e Deus continua a mostrar a Sua graça ao povo que permanece fiel.

Em 1914, com a chegada dos novos missionários, White e Downing, abriu-se uma nova era para o trabalho do Estado. Foi nesta época que todo o trabalho do norte passou por profundas modificações.

Infelizmente, White, logo a 1º de julho de 1915, adoeceu de febre amarela, acontecendo o mesmo com o Dr. Downing, dois dias depois. Vencida a crise, retornaram às atividades interrompidas, mas logo a companhia missionária passava por outro colapso em setembro, com a saída dos casais Stapp e Jackson, em gôzo de férias, juntamente com o Dr. Downing. Jackson, de volta ao Brasil não veio para a Bahia, indo ao Espírito Santo ajudar Reno na evangelização.

M. G. White, sòzinho, mal podendo expressar-se em português, viu-se repentinamente responsável por todo o trabalho do Estado e mais a antiga Missão Interestadual. Além das responsabilidades pròpriamente evangelísticas, havia as de ordem educativa, para não recordarmos os infindáveis problemas que tinham afligido o trabalho desde o seu início, e que teriam de receber um nôvo exame ordenado pelas circunstâncias do próprio ambiente atual.

A Igreja da Rua do Colégio (a êste tempo o nome de Primeira Igreja não era muito mencionado talvez para não ferir a da Rua Dr. Seabra) era servida pelo missionário e pelos diáconos.

A da Rua Dr. Seabra estava em pior situação depois da morte de Thomas Joyce. O diácono Pedro Borges, ao que pa-

rece, ambicionava o pastorado, mas não conseguindo ganhar o favor dos irmãos, formou o próposito de arranjar um grupo e sair para formar outra igreja, o que fêz, organizando a da Rua do Garcia, com um programa todo especial, contra Missões Estrangeiras e mesmo Nacionais, propondo-se a evangelizar apenas a Bahia. Essa igreja conseguiu viver e organizar outras no interior, recusando sempre a entrar em harmonia com as demais. Anos depois, em 1923, saiu desta igreja um pequeno grupo, com tendências mais moderadas, indo organizar-se no Pepino, arrabalde da capital.

Por orientação de White e pelo reconhecimento de que as duas igrejas da capital fariam melhor trabalho unidas, e mesmo pela fraqueza em que ficou a Primeira com a saída dos crentes para formação da Segunda, em 1913, foi feita a fusão da Primeira com a da Rua Dr. Seabra, acontecimento que se deu em 1915, ficando a Igreja do Seabra com o nome registrado de Primeira Igreja. Desaparecia, por êste arranjo, a antiga Primeira Igreja que tinha acompanhado o desenvolvimento da Causa no grande Estado, e que dias tão difíceis tinha atravessado.

A propriedade da Rua do Colégio, 32, foi vendida, a 13 de fevereiro de 1917, por consentimento da Associação Evangélica e da Junta de Richmond, e o produto da venda juntamente com os juros apurados até 31 de agôsto de 1918 na importância de Cr$ 21.305,80 foi aplicado na Primeira Igreja (Rua Dr. Seabra), Igreja Batista de Plataforma, Igreja de Filadélfia e na Congregação dos Mares. (1)

A 1 de novembro de 1916 chega à Bahia, Adrião Bernardo convidado para pastor da Primeira Igreja e logo assume o pastorado. Adrião começara os seus estudos em Pernambuco indo terminá-los em Texas onde se formou em Ciências e Letras. Sua vinda foi como sangue nôvo no trabalho da capital. Môço, cheio de idealismo, muito animou o trabalho, tanto na capital baiana como em todo o norte, onde era convidado a fazer conferências. Os ventos favoráveis que sopravam a êste tempo em todo o norte, muito ajudados foram pela cooperação de Adrião, especialmente na capital baiana, que muito lucrou. A Comissão de Evangelização estadual, organizada e orientada por Salomão tinha a êste tempo criado um ambiente de má vontade devido ao modo como alguns trabalhos seus eram encaminhados e podia ver-se que os antigos métodos seriam mudados. Do Seminário do Recife já alguns moços tinham vindo para a Bahia e naturalmente tinham também ajudado a mudar certos

---

(1) A discriminação destas despesas encontra-se perfeitamente esclarecida em documentos em mãos de White. Veja J.B. de 26 de setembro de 1918.

usos e costumes. A tudo isso acrescente-se a boa vontade do nôvo missionário White que desejava ver a Bahia em novos rumos e concluiremos que o trabalho entrava em um nôvo estágio. (2)

Em 1917, Jackson deixa o trabalho para ir juntar-se a Reno, em Vitória, deixando White sòzinho, visto que também o Dr. Downing ia sair para Belém. Ao nôvo missionário iam caber pesadas responsabilidades e ia-lhe ser pedido muito tino e jeito para alinhar as fôrças batistas.

Pelos princípios de 1919, Adrião tinha atingido o ápice da sua carreira na Bahia, e parece que começava a declinar a sua estrêla pastoral. Tinha pretendido entrar na política, e tinha também mudado velhos usos na Primeira Igreja. Isso custou-lhe amargas decepções. Uma coisa e outra concorreram para que êle se sentisse deslocado. Alguns dos membros da igreja, alegando conveniência do trabalho, pediram suas cartas e foram organizar-se em igreja para as bandas de Itapagipe sob o nome de Igreja Batista dos Mares, em 1º de setembro de 1918, convidando White para pastor. A saída dêstes irmãos desafogou um pouco a situação na primeira Igreja, deixando campo livre a Adrião.

A êste tempo era lançada a grande campanha do norte (a do sul foi lançada na mesma época, mas em separado) e na reunião efetuada no Colégio do Recife, a 17 de novembro de 1919, foi unânimemente escolhido Adrião para tomar a frente. A escolha recaiu nêle pela simpatia que desfrutava e que serviria para um trabalho daquela natureza. Assim, depois de alguns anos de animação e progresso, voltou a Primeira Igreja a ficar sem pastor até que convidaram C. Costa Duclerc, que a êste tempo pastoreava a Primeira Igreja de S. Luís do Maranhão, assumindo o pastorado em junho de 1920.

Não obstante estas alterações no trabalho, a situação na capital era boa, comparada com a de anos anteriores. No interior, não era pior. Durante os últimos anos tinha sido feito um grande trabalho de colportagem que tinha levado a Palavra a novos lugares. Do seminário do Recife tinham saído alguns novos pastôres que se encontravam à frente de algumas igrejas. De tudo isso resultara grande estímulo e crescimento do trabalho. Igrejas que tinham estado moribundas ganhavam novas fôrças e antigas congregações eram organizadas em igrejas.

---

(2) **Por ocasião da Convenção, em 1917, reunida em Santo Antônio de Jesus, foi remodelado todo o mecanismo do trabalho, passando a Convenção a denominar-se de Convenção B. Interestadual. Foi um passo de grande alcance e de notáveis resultados para o trabalho em geral, compreendido da Bahia até Sergipe.**

Im memoriam — Tendo Isaías C. de Carvalho feito com brilho os seus estudos no Colégio e Seminário do Rio, foi logo convidado ao pastorado da Igreja Batista dos Mares, quando foi inexplicàvelmente chamado à presença de Deus aos 27 de janeiro de 1919. Estava no sul do Estado, quando foi picado por uma cobra, vindo a morrer poucos dias depois. Sua sentida morte, exatamente quando começava a vicejar o seu culto espírito, foi uma rude surprêsa. Homem de quem todos davam bom testemunho, tendo estudado com grandes sacrifícios, pois era casado e isso lhe acarretava problemas maiores que os atinentes a um simples estudante, constituía uma esperança para o trabalho na Bahia. Insondáveis são os caminhos do Senhor!

Z. C. Taylor. Em setembro dêste mesmo ano, pereceu tràgicamente numa tempestade em Corpus Christi, Texas, o antigo missionário baiano, Z. C. Taylor. Há anos em seu país, retido pela moléstia, suspirava poder voltar ao Brasil, inda que fôsse para aqui morrer. Colhido na própria casa por um maremoto, pereceu juntamente com a espôsa e uma filha.

O Colégio Taylor-Egídio que desde a sua fundação tinha funcionado na capital, mudou-se para Casca, em 1922. Não era que a sua atuação se julgasse desnecessária na capital, mas sim que há tempos se cogitava da fundação de um colégio no interior de maneira a proporcionar aos filhos dos crentes a educação que êles não podiam vir a obter na cidade. As últimas convenções tinham agitado a idéia e cada dia se avolumava mais a necessidade de tal instituição, e como não fôsse julgado conveniente fundar outra, foi mudada a sede da existente. Em Casca, foram ofertadas grandes áreas de terras, onde seriam edificados os prédios, bem como foi oferecida uma grande fazenda de café para seu sustento, de molde a tornar a instituição garantida quanto à sua manutenção. À frente da instituição ficou o nôvo missionário F. W. Taylor.

Esta iniciativa forçou naturalmente nova adaptação do trabalho do Estado, uma vez que em Jaguaquara, vila perto de Casca, se estabelecia junto ao colégio, um nôvo centro de trabalho evangelístico que veio a ser o segundo em importância. Por isso foi o campo dividido em três distritos cada qual com um missionário, residente como diretor geral. (a) A capital e o Estado fora da zona da Estrada de Ferro Nazaré ficou com M. G. White. (b) Jaguaquara com o nôvo missionário J. A. Tumblim e (c) Sergipe com o antigo diretor do colégio, C. F. Stapp, que há uns três anos se mudara para o Estado e o unira a Convenção Batista Interestadual.

Esta descentralização de atividades inaugurou os rumos do trabalho baiano até o presente. O campo jaguaquarense de-

senvolveu-se admiràvelmente, penetrando pelo sertão a dentro, onde vieram a ser organizadas várias igrejas. O Campo Sergipano com um missionário à frente haver-se-ia de desenvolver também enquanto que o da capital se sentiria mais desafogado para cuidar melhor de suas oportunidades.

Na Primeira Igreja da Capital, Coriolano ia fazendo bom trabalho, dado o seu espírito agressivo. Poderíamos dizer que a igreja tinha-se adaptado aos novos rumos do trabalho, perdendo aquêle feitio provinciano dos tempos de antanho, ao mesmo tempo que as outras igrejas da cidade procuravam acompanhar-lhe o ritmo.

Respirava-se, pois, uma atmosfera de confiança e animação a que não faltava o jeito jovial dos missionários White e D. Kate, e que se não fôssem as dificuldades que vieram em 1923, e que mudaram muito a feição do trabalho, talvez a situação atual fôsse ainda melhor, pois, se é verdade que o crescimento não parou, é também que foi agravada a situação de dissidências de que a Bahia tanto tem sofrido.

Em princípios de 1923 rompe o movimento "Radical Construtivo" em Pernambuco, a que já demos ligeiro esbôço em conexão com o trabalho em Pernambuco, dispensando-nos de repetir aqui o que foi dito lá.

Não obstante as dificuldades no fim dêste período, o número de igrejas aumentou consideràvelmente na Bahia e em todo o norte em resultados das atividades partidárias. Havia em 1922, 121 igrejas em todo o norte em cooperação com a Convenção Batista Brasileira; em 1926 depois de aceitas as Bases de Cooperação havia, em cooperação com a mesma Convenção, 188, havendo um número superior a 70 cooperando com a Associação Batista Brasileira. Houve, pois, um acréscimo de 67 igrejas mais ou menos em três anos. Em matéria de finanças, as igrejas que se viram privadas de auxílio de Richmond aprenderam a contribuir para ressarcir a falta de auxílio.

Nosso período finda deixando o trabalho na Bahia com uma fisionomia bastante mudada, no que concerne à cooperação e administração. Se havia muita gente amargurada, havia muita atividade também, e as igrejas de parte a parte trabalhavam para levar a mensagem da vida eterna aos pecadores.

CONVENÇÃO BATISTA BAIANA

A Convenção foi organizada em 1909, sendo, portanto, uma das mais novas em todo o Brasil.

De 1910-1912 a direção geral do trabalho estêve a cargo de Salomão, juntamente com T. L. Costa, Severo Miguez Pazo e outros. Com a saída de Salomão ficou Jackson, que, mais liberal, era

o homem adequado à nova situação em esbôço nesta época. Assim corriam os trabalhos convencionais e cooperativos até 1917 quando se inicia uma era nova nas atividades cooperativas baianas com novos métodos e um programa mais dilatado.

A Convenção em novembro de 1917 revelou essas novas diretrizes bem nìtidamente. O trabalho de Sergipe, que tinha estado durante êsses últimos anos unido a Pernambuco, veio unir-se à Bahia incluindo também as igrejas de Penêdo, em Alagoas fronteiriça ao Estado, a de Petrolina, em Pernambuco e a de Corrente, no Piauí, e, para expressar bem essa nova situação, o nome de Convenção foi mudado para *Convenção Batista Interestadual*. Como já notamos, o casal Stapp foi mais tarde para Sergipe, formando um grande setor do vasto campo. Foi esta organização que presidiu a um dos períodos mais construtivos do trabalho da Bahia. Os planos para construções de casas de cultos, por intermédio da Comissão Predial do Norte, expandia-se notadamente por tôda a parte.

É com êste tom de animação que o trabalho convencional atravessa os anos até 1923, quando é ressuscitada a antiga Convenção Batista Baiana para arregimentar as fôrças que ficaram ao lado dos missionários, continuando a Interestadual a reunir as outras fôrças. Dêste ano em diante temos duas convenções no Estado.

Em 1925, com a aceitação das Bases de Cooperação pela Convenção Batista Brasileira, não foi muito modificada a situação, porque os irmãos que cooperavam com a Interestadual recusaram as ditas Bases, continuando com o trabalho separado, vindo a organizar-se também a Convenção Batista Sergipana, em harmonia com as bases mencionadas, ficando a Interestadual circunscrita à Bahia. É nesta situação que termina êste período. Duas convenções na Bahia e uma em Sergipe, aliás organizada pouco depois de 1925.

Publicações: A Bahia foi o nosso primeiro centro de trabalho e também o primeiro centro de publicações. As primeiras obras de nossa já vasta literatura nasceram ali. O nosso hinário nasceu lá; os primeiros jornais evangélicos nasceram lá. "A Mensagem", "A Luz", a primeira literatura para a mocidade, tudo que hoje evoca um passado remoto e glorioso, teve seu berço na terra de Rui Barbosa. Com a fundação da Casa Editôra, em 1900, a Bahia cedeu o lugar ao Rio, continuando ainda em pequena medida a trabalhar pela difusão da boa literatura.

Em 1910, Tomaz Costa organizou um pequeno almanaque batista, com o título de "Anuário Batista Brasileiro", onde condensou variadas notas sôbre a história do trabalho. Infeliz-

mente não pôde continuar, perdendo-se, por isso, um bom meio de preservar a nossa história.

Em matéria didática, também a Bahia fêz bom trabalho. A Sra. Z. C. Taylor dedicou a isso alguns anos, preparando livros infantis que eram editados em Nova York.

No domínio das letras não podemos olvidar a D. Arquimínia Barreto autora da "Mitologia Dupla", livro que tem feito sucesso por longos anos. Esta saudosa irmã foi um baluarte em todos os setores da inteligência, valendo-se de *O Jornal Batista* e de outros periódicos para escalpelar o romanismo.

Com a saída de "A Mensagem" para Pernambuco, onde se tornou o jornal oficial para o norte, apareceu o "Batista Interestadual" para acompanhar a vida dos baianos no seu período mais notável. Em 1923, apareceu "O Batista Baiano" para continuar na liça das antigas pelejas. Devemos muito à "boa terra" pela difusão da literatura batista.

III — O MOVIMENTO DO NORTE (3)

(1922 - 1925)

Origens

O movimento apelidado de "Radicalismo" e "Construtivismo" teve suas raízes em atos e fatos muito antigos, anteriores mesmo a 1910.

Os anos de 1910-1918 foram relativamente calmos e pacíficos. Os missionários eram dedicados e bons companheiros. Muirhead e Hamilton revezavam-se na direção dos educandários e dirigiram bem o trabalho geral. Em 1915, chegaram novos missionários que logo se identificaram com a vida do trabalho e ninguém diria que dentro de tão pouco tempo havia de lavrar tamanho incêndio.

Sem que possamos precisar as causas, surgiu séria desavença entre o Dr. D. L. Hamilton e os outros missionários, desavença esta, agravada pela distribuição dos cargos na administração do colégio e seminário. A princípio a desinteligência processava-se *intra-muros*, mas logo ela veio para o do-

(3) Seria interessante aos que amam a história completa um relato circunstanciado do Movimento do Norte. Todavia, pareceu melhor ao autor dar apenas alguns apontamentos. Na opinião de muitos irmãos, nada deveria ser dito sôbre o citado movimento, mas passar em claro por uma fase importante do trabalho geral não nos pareceu acertado. Especialmente, é suspeito o autor para escrever sôbre esta quadra histórica, tomando parte ativa como tomou em alguns de seus lances. Os apontamentos que aí vão representam um esfôrço de síntese tão imparcial quanto é possível ser-se imparcial. A outros fica a incumbência de relatar futuramente o que foi essa fase de lutas no trabalho do norte.

mínio público e criou o partidarismo fora do círculo missionário. (Veja o leitor as informações dadas no capítulo sôbre o Campo Pernambucano.)

Os anos de 1919 e 1920 assistiram à cristalização destas dificuldades e conseqüentemente à formação definitiva de dois grupos que se formaram um em tôrno de Hamilton e outro em tôrno do Dr. H. H. Muirhead e seus companheiros missionários. Nesta altura, já as dificuldades afetavam a própria harmonia do trabalho em geral, dividindo os próprios pastôres brasileiros.

Para atenuar as dificuldades ou para definir a situação, ou pelos dois motivos, foi dada nova forma administrativa às instituições, ficando o Dr. Muirhead como diretor do colégio e o Dr. Taylor presidente do seminário, cabendo ao Dr. Hamilton o lugar de simples professor. Êle, que tinha sido por tantos anos diretor, não se conformava com a diminuição, e os pastôres que o acompanhavam também não. Por isso mesmo em 1920 exonerava-se do lugar de professor de matemática e dedicava-se ao trabalho do campo em geral. Daqui em diante a crise marcha aceleradamente para um desfêcho trágico que nada poderia evitar.

Em 1922, por ocasião da Convenção Batista Brasileira, visitou o Brasil o lamentado Secretário da Junta de Richmond, Dr. J. F. Love. Depois da Convenção, foi êle em visita aos vários campos, chegando também a Recife, onde estava o centro da discórdia. Reunidos numa sala do colégio, o dito secretário, os missionários e os pastôres brasileiros, passaram tôda uma noite e um dia procurando um entendimento. Depois da reunião todos se abraçaram e as dificuldades foram dadas por findas. Em verdade tudo continuou como antes.

Pelos fins dêste mesmo ano ninguém mais tinha dúvidas a respeito da insegurança do trabalho cooperativo batista.

Aproximava-se a data da Convenção Batista Regional, a reunir-se em Gravatá, em novembro, e foi logo concordado entre os pastôres que se dirigisse um "memorial" aos missionários, expondo o ponto de vista dos mesmos pastôres e pedindo para êle a atenção dos mesmos missionários. Em fins de outubro dirigiram-lhe o seguinte memorial, redigido por Adrião Bernardo:

Memorial dos Pastôres Batistas do Campo Regional aos Missionários Batistas da Região

«Os pastôres batistas desta região em reunião efetuada para tratar dos interêsses da evangelização do campo regional na qual estão vivamente interessados como servos das igrejas, que têm o propósito do evangelho e a

responsabilidade de proclamá-lo, resolveram unânimemente submeter fraternalmente o seguinte aos irmãos missionários cooperadores na mesma obra;

Considerando as grandes oportunidades que o campo oferece para a evangelização notadamente no vasto interior dos estados;

Considerando que tais oportunidades estão sendo negligenciadas, especialmente as do interior, por falta de uma orientação adequada e pela deficiência de planos;

Considerando a urgência de uma cooperação mais ampla, cordial, inteligente e imparcial, de que resulte o aproveitamento de todos os recursos e esforços;

Considerando, finalmente, a contraproducência de centralizar a direção desta fase primária do trabalho batista nos missionários, como tem sido a tendência iniludível até aqui, com prejuízo de uma divisão eqüitativa de responsabilidades;

São de parecer:

1. Que a direção do trabalho evangelístico fique afeta exclusivamente à Junta Executiva da Convenção Batista Regional;

2. Que tanto os fundos contribuídos pelas igrejas como os contribuídos pela Junta de Richmond para evangelização, sustento pastoral, viagens, etc., sejam entregues à mesma Junta para os administrar;

3. Que, atendendo à Grande Comissão que dá lugar proeminente à evangelização do mundo, nos pedidos de aprovação feitos à Junta de Richmond para o norte do Brasil, a causa da evangelização nesta região, seja contemplada numa proporção justa com a causa da educação;

4. Que o presente memorial seja apresentado à próxima Convenção Regional para consideração.»

Seguem as assinaturas de 15 pastôres.

Logo a seguir os missionários respondiam da seguinte maneira:

Aos Pastôres Batistas do Campo Regional

«Prezados irmãos no Ministério do Evangelho.

Vossa carta digna, tratando de assunto de vital interêsse recíproco e de sério momento para o reino de nosso amorável Salvador, nos chegou às mãos na noite de sábado de 28 de outubro. Com cordial estima apressamo-nos a dar uma resposta a tão grande manifesto.

O mesmo problema que vossa carta encara já foi bem estudado por vossa Junta de Missões Estrangeiras aqui no Recife na sua última reunião. Igual pedido veio dos representantes dos batistas em Portugal, pedindo que à Convenção Batista Portuguêsa fôsse entregue a quantia com que os batistas brasileiros contribuem para o sustento do trabalho ali, para ser gasta segundo a orientação nacional. A vossa Junta respondeu que não podia aceitar êsse plano; que cabe aos batistas brasileiros dar certa orientação aos missionários e aos fundos contribuídos para ali, que o representante dos batistas brasileiros seria vosso próprio missionário, ou missionários, e que não achou nem prudente nem justo que a Junta Brasileira de Missões Estrangeiras abandonasse a responsabilidade que as igrejas lhe deram para dispensar sàbiamente os fundos para a evangelização do povo lusitano. Nessa deliberação tomaram parte diversos dos assinantes (signatários) da vossa carta.

Não é nosso propósito discutir se vossa Junta fêz bem ou mal, porém simplesmente chamar a atenção ao fato de que os mesmos princípios regem a vasta emprêsa de missões estrangeiras por tôda a parte, quer nos campos ao cuidado de vossa Junta em Recife, quer nos ao cuidado de nossa Junta de Richmond.

Nossas relações para com a Junta de Richmond são as mesmas que existem entre vosso missionário e a Junta de Recife. Esta Junta até agora tem mantido o mesmo plano de cooperação na evangelização do Brasil que vós determinastes manter em Portugal. Claro é que a voz que terá de ser ouvida não é a dos missionários, mas sim a da Junta que os sustenta e dirige.

Todos nós assinamos um contrato com nossa Junta, como vosso missionário com a vossa Junta. Êste contrato nos torna os agentes da Junta, os representantes dos três milhões de batistas que nos sustentam, e os dispenseiros dos fundos que êles mandam para o trabalho de evangelização aqui, conforme os planos de cooperação que foram combinados entre os dois povos batistas.

Não nos resta a menor opção sôbre êste plano. É o mesmo que a Junta segue por setenta e cinco anos, em dezoito países, na evangelização dos seus novecentos milhões de habitantes.

Naturalmente êste plano não se modifica fàcilmente de um dia para outro. Também não é um problema local, por tão meritórias que sejam as idéias que possam surgir do estudo regional do problema. Certamente a Junta não terá um plano para Pernambuco e outro diverso para a Bahia e Rio de Janeiro.

É inteiramente possível que o projeto que desejais ver adotado possa ser aceito de boa vontade pelos irmãos em Richmond.

A decisão necessàriamente terá de ser feita por êles. Vós tendes homens competentíssimos em vosso número para expressar vossos desejos perante a Junta, e o Dr. J. F. Love vos assegurou a mais cuidadosa atenção da Junta da qual é secretário. Nós vos declaramos por nossa parte que se a Junta apoiar a modificação que vossa carta sugere nos métodos de cooperação no trabalho comum, entraremos no nôvo regime com tôda a lealdade fraternal. E, entretanto, consentimos de bom grado em estudar o problema convosco e a ajustar quaisquer injustiças ou inconveniências na administração de fundos que porventura se manifestem. Chegando a nós vosso convite, sòmente às sete e meia horas da noite de sábado, tendo diversos de nós compromissos para segunda-feira de manhã, de tarde e de noite, e sendo que o assunto proposto não é da nossa jurisdição, mas sim da Junta de Missões Estrangeiras de Richmond, aguardamos a vossa deliberação em reuniões oportunas, ou na Convenção Regional, representante competente das igrejas desta região, onde contribuiremos com nossa pequenina parte para que cheguemos a uma compreensão mútua de planos satisfatórios e eficientes.

Laços sagrados e preciosos nos unem no trabalho do Senhor e nós nos declaramos, com tôda a estima e amor cristão, vossos irmãos, amigos e camaradas na fé.»

Assinado por treze missionários

O teor amistoso da resposta dos missionários bem poderia dar uma trégua ao problema, mas infelizmente isso não se deu.

Recebido o documento, reuniram-se logo os pastôres para concertar a posição a ser tomada na Convenção que viria nos primeiros dias de novembro.

A Convenção veio, e de logo se notou o retraimento entre pastôres e missionários. O estudo do problema na Convenção definiria os rumos do futuro porque se acreditava que o resolvido pela Convenção constituiria matéria vencida para ambos os lados. A discussão foi ampla e pormenorizada. Os missionários falaram pouco e não se mostraram hostis. Por unani-

midade foi votado agir de acôrdo com o memorial dos pastôres. Logo se reuniu a nova Junta Executiva, que elegeu para secretário-correspondente Adrião Bernardo.

De volta a Recife foram dispostas as coisas para uma agressiva campanha evangelística, especialmente no interior. Fizeram-se os planos como se tudo fôsse correr como se votara. Em breve, porém, se descobriu que o votado na Convenção não encontrava apoio por parte dos missionários, por estar em desacôrdo com o memorial por êles enviado aos pastôres.

A Luta Levada Dentro do Seminário

Fim de ano, era tempo de se cuidar dos planos para abertura do seminário em março. As dificuldades que tinham surgido em tôrno do plano cooperativo regional foram levadas para dentro da Junta do Seminário. Injustamente alguns membros da Junta queriam negar ao diretor Dr. W. C. Taylor o privilégio de elaborar o orçamento e propor ordenados, etc. No auge destas lutas o Dr. Taylor renunciou a direção do seminário e preparava-se para embarcar para o Rio e dirigir *O Jornal Batista,* para o que havia sido convidado. Ninguém concordava com esta saída. Finalmente, um imprevisto retardou a partida e a persuasão fêz com que ficasse. Todos se alegraram. (4)

A trégua imposta pela continuação do Dr. Taylor durou pouco. Os ânimos estavam exaltados e se um queria ser mais prudente, os outros o incendiavam. A questão do orçamento do seminário, voltou à baila e desta vez mui desagradàvelmente. Nôvo estremecimento entre a Junta e o diretor complicou lamentàvelmente a situação.

Ao tempo do seminário reabrir as aulas a situação estava de tal forma que não foi possível a reabertura por falta de prédio.

Para a Junta de Richmond

Pode-se ver, por esta breve resenha, a que extremo tinham chegado os batistas em Pernambuco. Perdidas as esperanças de uma aproximação com os missionários, resolveram os pastôres dirigir-se à Junta de Richmond e assim fizeram, enviando-lhe um memorial. Nêle eram consubstanciadas as suas exigências e queixas, e se fazia um apêlo para que a Junta atendesse aos reclamos dos batistas em luta. A Junta respondeu logo, em têrmos muito amistosos, fazendo um veemente apêlo,

---

(4) O Dr. Taylor enviou uma longa carta ao presidente da Junta, exonerando-se do cargo que exercia como Diretor, dando amplas razões desta sua atitude. Não é possível publicar êste documento, pela sua extensão.

para que todos voltassem a cooperar. A Junta declarava não poder atender de pronto ao pedido, pois reclamava estudo sério, de vez que a própria Junta se considerava também serva das igrejas americanas, etc. (5)

Exclusões de Missionários

O ponto mais triste desta controvérsia é que o assunto tinha já sido deslocado do campo dos "princípios" para o terreno pessoal. Já a êste tempo era claro que as relações pessoais entre vários irmãos estavam sèriamente abaladas, e o respeito por velhas amizades estava sèriamente comprometido. Nesta altura é fácil de ver que os rumos seriam desastrados para ambas as partes. Exclusões partidaristas mais agravavam a situação ainda.

Reunião Extraordinária da Convenção Regional

No mês de fevereiro de 1923, após ser verificada a impraticabilidade das resoluções da Convenção Regional, a mesa da dita Convenção convocou uma reunião extraordinária para os dias do carnaval, reunião esta que se efetuou na Primeira Igreja, a fim de saber se a Convenção ratificava o votado na última reunião regular ou não. Foi uma Convenção grandemente concorrida. Só compareceu da parte dos missionários, E. A. Hayes que ainda tentava medear entre as duas facções. A Convenção ratificou o votado na última reunião regular deixando na consciência de todos que não havia mais jeito a menos que a Divina Providência operasse um milagre. Alguns pastôres a quem uma divisão parecia coisa horrenda, começaram a ficar apavorados, e começaram a intervir mais desassombradamente a favor da paz. Era impossível conseguir qualquer resultado em virtude da má vontade dos dois lados.

Os Seminaristas em Ação

As coisas foram-se agravando e já não podia haver batista em Pernambuco que não tivesse de tomar posição de um lado ou de outro. A divisão parecia inevitável.

Os seminaristas e as môças da Escola de Trabalhadoras Cristãs logo se pronunciaram a favor do *lado* dos brasileiros e como isso militasse contra a disciplina da instituição foram

---

(5) **Tanto o documento enviado pelos pastôres como o recebido da Junta deveriam ser publicados, mas a sua extensão não o permite. A tradução do enviado pela Junta pode ser lido no «Correio Doutrinal» de 6 de abril de 1923, e o enviado pelos pastôres encontra-se no arquivo do Departamento de História e Estatística.**

chamados a ordem, não se submetendo. Alguns rapazes eram exaltados, e alguns dos líderes não o eram menos. Aproveitando-se dessa exaltação da mocidade, na manhã de 20 de fevereiro, saíram os seminaristas, tendo ficado dois apenas. Reunidos êles com alguns pastôres num dos salões da Primeira Igreja, ali mesmo foram assentadas medidas de emergência para a continuação dos estudos. Ficou combinado que se organizassem classes literárias e teológicas para que os rapazes não ficassem prejudicados nos estudos, cujas classes funcionariam nas dependências da mesma igreja. Mas, o sustento e a dormida? Uma situação desesperadora. Não eram uma nem duas as pessoas que careciam de pousada, mas uns trinta rapazes. Foi feita a distribuição pelas casas de famílias, ficando uma com dois, outra com três, segundo as suas posses.

Agora que os rapazes estavam na rua, as môças da Escola de Trabalhadoras Cristãs queriam também sair. Por fim elas foram tiradas sob a responsabilidade de Adrião, Pereira Sales e outros que as receberam e distribuíram por casas de famílias crentes, como tinham feito com os rapazes. A situação que se criou não pode ser descrita em poucas palavras.

O Colégio Batista Brasileiro e o Seminário

A Junta do Seminário, a braços com o problema da abertura das aulas reuniu-se para recompor a situação e estudar os meios de continuar o trabalho. Foi eleito diretor o Prof. Mesquita e presidente o Pastor Pereira Sales. A 23 de março (1923) expedia ela uma circular a tôdas as igrejas do norte, pedindo ofertas urgentes e liberais para que o trabalho continuasse até que a próxima Convenção Batista Brasileira, que devia reunir-se em janeiro, decidisse o problema, pois que a muitos parecia que a reunião convencional decidiria a pendência e a calma voltaria ao coração do povo aflito pela discórdia.

Trinta e tantos rapazes e quase o mesmo número de môças, todos espalhados pelos quatro ângulos da cidade, não podiam ter nas dependências da Primeira Igreja, as aulas projetadas. Urgia dar um jeito. Orlando, Adrião, Mesquita, Pereira Sales e outros saíram à procura de uma casa para nela continuarem o trabalho educacional dos rapazes e môças. Encontraram uma na Rua Visconde de Goiana, bem perto do Colégio Americano Batista, por Cr$ 800,00 por mês. Sem meios de espécie alguma, sem equipamento, procurou-se um fiador que foi encontrado na pessoa de Menandro Martins proprietário da "Casa Menandro" e influente membro da Primeira Igreja. Compraram-se algumas cadeiras e camas à prestação e tratou-se de fazer a mudança e instalação do colégio e seminário para

o dito prédio. As môças continuariam ainda nas casas de famílias onde estavam. Dentro de poucos dias estavam funcionando regularmente as aulas, sendo recebida a nova instituição com muitas mostras de simpatia por parte do povo batista. Estava fundado o "Colégio Batista Brasileiro".

Correio Doutrinal

A 23 de março dêste mesmo ano, saía à luz o primeiro número do "Correio Doutrinal", periódico fundado pelo Dr. Taylor para responder ao "O Batista Regional", órgão da Convenção do mesmo nome e que tinha ficado com os pastôres.

Viagem a Richmond

Mesmo com as coisas neste pé, procurava-se um meio de dar por terminada a contenda. A ninguém agradava, salvo a um ou outro sem responsabilidade. Pensou-se em enviar alguém a Richmond entrevistar a Junta, expor a situação e ver se ela derimia a pendência. Quem iria? Foi finalmente acordado que fôsse o Mesquita. Não havia dinheiro para nada, menos ainda para custear as despesas de uma viagem como esta.

Numa manhã chegava êle à sede da Junta, sendo recebido pelo secretário adjunto o Dr. T. B. Ray, que tinha sido avisado da sua chegada. Muito bem recebido, foi no dia seguinte apresentado à Comissão da Junta para a América Latina diante da qual foi feita longa exposição da situação e feito apêlo para que se desse um melhor rumo aos negócios em Pernambuco. Depois de bastante estudo, a Junta ofereceu uma solução razoável que foi aceita por Mesquita a fim de ser apresentada aos seus companheiros em Recife. [6] Feito o acôrdo, voltou a Nova York onde se encontraria com o Dr. H. H. Muirhead que voltava ao Brasil e era portador da parte da Junta da mesma solução para os missionários.

Logo que chegou a Pernambuco notou o desinterêsse por parte dos pastôres em qualquer acôrdo. Durante a sua ausência, a crise tinha-se agravado de tal modo que ninguém mais sentia desejo de cooperação com os missionários. Reuniu-se a Junta para examinar o documento e depois de muita discussão foi votado dirigir aos missionários o seguinte documento:

«À Missão Batista do Norte do Brasil. Caros irmãos em Cristo.

Cordiais saudações:

A Junta Executiva da Convenção Batista Regional, juntamente com alguns irmãos mensageiros das igrejas desta região, resolveram a pedi-

---

(6) Êste documento, já referido páginas atrás, não é dado aqui pela sua extensão. Pode ser lido no «O Correio Doutrinal» de 6 de abril de 1923 e o original encontra-se no arquivo do Departamento de História dos Batistas.

do do Dr. H. H. Muirhead, apresentar à Missão as Bases de Cooperação abaixo mencionadas e aceitas pela Junta de Missões Estrangeiras de Richmond em sua última reunião com o nosso mensageiro ali. A Junta Executiva declara ter grande desejo de que a paz e a concórdia voltem a reinar no campo regional, visto que êste sempre foi o seu desejo, e também porque deseja corresponder ao apêlo daquela Junta de Missões Estrangeiras. Ela, como nós, reconhece que para conseguir o máximo devemos unir as nossas fôrças numa cooperação perfeita e cordial, apresentando destarte uma frente sólida ao inimigo comum.

Eis as bases do acôrdo:

1. **Sustento pastoral e evangelismo.** Na base dos pedidos dirigidos pelas igrejas à Junta Executiva para sustento pastoral e das necessidades e oportunidades evangelísticas do campo regional, esta Junta formulará o seu pedido de apropriação anual para os fins acima mencionados o qual com o pedido de cada igreja será apresentado à missão local para consideração e para ser por ela enviado a Junta de Richmond.

A verba de tal apropriação virá para as mãos do tesoureiro da Missão local o qual entregará mensalmente ao tesoureiro da Junta Executiva a importância a ser enviada às igrejas para auxílio pastoral bem como a destinada a trabalhos evangelísticos.

As igrejas farão os seus pedidos para auxílio pastoral à Junta Executiva que os examinará e uma vez aprovados enviará aos seus tesoureiros as respectivas importâncias para que elas mesmas possam pagar a seus pastôres.

O ardente e sincero desejo desta Junta é que os irmãos missionários tenham oportunidade ampla de exercer os seus talentos evangelísticos e para isso aqui declaramos que não só o missionário do campo mas qualquer outro que deseje ser útil à causa da evangelização terá a mais cordial cooperação da parte das igrejas e dos obreiros em geral. Também é desejo das igrejas representadas nesta junta que os direitos de elegibilidade para o cargo de tesoureiro e secretário-correspondente sejam iguais para missionários e brasileiros, assim como os direitos de elegibilidade para membros, e que o maior número possível de missionários faça parte da mesma.

2. Visto que todos desejamos, sem prejuízo ou humilhação de ninguém, e sendo desejo da Junta de Richmond que nem brasileiro nem missionário sofra por causa destas questões e ainda baseado na caridade cristã que pede relevemos as faltas uns dos outros, pedimos que todos os professôres e alunos que desejarem sejam convidados a voltar às instituições na mesma base e condições em que estavam quando saíram.

3. Para evitar dificuldades futuras, e para a boa ordem dos trabalhos do nosso campo, todos os missionários excluídos se reconciliem com as igrejas, bem assim todos os demais irmãos em idênticas circunstâncias, que entraram na organização das igrejas por êles organizadas, e que as ditas igrejas sejam reorganizadas, caso seja julgada conveniente sua organização.

4. Pedimos que a direção e administração das instituições, para satisfação geral do povo de Deus, seja confiada exclusivamente a pessoas crentes membros das igrejas batistas. Que até onde fôr possível, o corpo docente seja composto de pessoas crentes.

5. Que o prédio da Escola de Trabalhadoras Cristãs seja passado em nome da Convenção Batista Regional se esta fòr a vontade das convenções responsáveis pelo resto do pagamento.

6. Que as bases dêste acôrdo sejam executadas logo que sejam aceitas por ambas as partes. No que diz respeito à Escola de Trabalhadoras

Cristãs poderá ser tomado o tempo que fôr necessário, para a sua execução.

Pela Junta Executiva da Convenção,

Antônio Mesquita — Presidente

A resposta dada pela Missão a êste documento foi a seguinte:

Recife, 17 de agôsto de 1923.

À Junta Executiva da Convenção Regional.

Prezados irmãos em Cristo:

Saudações cordiais.

Ninguém mais do que nós, lastima a falta de harmonia e cooperação que atualmente reina no meio de irmãos e igrejas neste campo. Por isso, ficamos desapontados ao receber as propostas desta Junta Executiva, as quais não traduzem tôda a boa vontade da mesma Junta, em ceder alguma coisa em prol da harmonia desejada.

Entretanto, é necessário e imprescindível mesmo que tenhamos uma cooperação perfeita, cordial e livre de quaisquer preconceitos para conseguirmos êxito feliz e duradouro no nosso grande propósito à Causa do Mestre.

A Junta Executiva da Missão Batista do Norte do Brasil juntamente com os demais missionários residentes nesta capital reuniram-se em a noite de 16 de agôsto e depois de muitas orações e discussões, votaram unânimemente — não poder ser tomada em consideração a proposta apresentada, uma vez que os documentos que lhe foram enviados pela Junta de Richmond, bem como os documentos que lhe foram enviados pela mesma ao irmão Mesquita e ao secretário da Convenção Nacional, documentos que, por cópia, se acham em poder desta junta, não se referem absolutamente aos itens 2, 3, 5, e 6 da vossa proposta.

Além disso, não nos compete resolver a questão da volta dos ex-professôres e ex-alunos do colégio, porquanto essa é função da diretoria respectiva, nem tampouco agir por conta das igrejas organizadas que são elas livres e gozam de suprema autonomia.

Quanto à entrega do prédio da Escola de Trabalhadoras Cristãs à Convenção Batista Regional, a Junta de Richmond já decretou conforme consta do documento enviado não só ao irmão Mesquita como também ao secretário da Convenção Nacional que os prédios das instituições constituem ainda propriedade da Missão.

Quanto ao item 4 sempre tem sido o ideal e a prática da diretoria do colégio o ser governado por crentes e quanto possível possuir crentes em seu corpo docente. Atualmente mais de 85% são crentes ativos e todos os demais amigos da Causa. Cremos que nenhum outro colégio missionário no Brasil poderá dizer o mesmo.

Sôbre o item 1 diremos aos irmãos que presentemente 13 igrejas dêste campo estão trabalhando em franca cooperação com os missionários e há outras que mantêm neutralidade nas questões atuais. Portanto, antes que possamos aceitar qualquer proposta quanto ao sustento pastoral e evangelização teremos de ouvir a opinião daqueles, pois, qualquer base para harmonia deverá ser aceita por todos e não por um grupo.

Convencido de que os irmãos acharão justas as nossas ponderações, subscrevo-me como sempre, vosso irmão em Cristo.

H. H. Muirhead,

Secretário da Junta Executiva da Missão

Pelo teor da resposta ficou evidente que o progresso feito era pràticamente nulo.

A DENOMINAÇÃO DIVIDIDA

Convenção Pernambucana

Não obstante os estragos fraternais que a dissidência tinha causado, ainda se aguardava um resto de esperança de que as coisas voltassem ao *Statu quo ante,* ou fôsse por interferência da Junta de Richmond, ou da Convenção Batista Brasileira para a qual os pastôres *brasileiros* apelavam no que concernia ao seminário, ou por qualquer imprevisto. Estas esperanças dissiparam-se na reunião da Convenção de Escolas Dominicais, a 7 de setembro de 1923, quando se reunia uma Convenção na Igreja da Rua Imperial e outra na de Olinda, e nesta última era lançado um manifesto para que os batistas que estavam cooperando com os missionários organizassem a sua Convenção. Foi a ruptura definitiva das relações eclesiásticas entre as duas facções. Organizada outra Convenção nada mais restava que pudesse dar esperança de harmonia ao campo. A dita organização ficou marcada para os dias 1 e 2 de novembro na Igreja de Capunga, recentemente organizada com membros saídos da Primeira Igreja. Recebeu ela o nome de Convenção Batista Pernambucana.

NOVA VIAGEM À AMÉRICA

Isto feito, restava ao outro lado virar-se para qualquer parte em busca de recursos que se tornavam cada dia mais urgentes à manutenção do trabalho.

Da América continuavam a chegar promessas de auxílio financeiro enviadas por intermédio de Hamilton, mas o trabalho não podia viver de promessas. Eram 50 rapazes e môças que precisavam de tudo, inclusive despesas pessoais, para não falar em Cr$ 1.450,00 de aluguéis por mês. Pôsto que o Colégio Batista Brasileiro seguisse bem, suas rendas não davam para tudo isso. Surgiu a necessidade de outra visita aos Estados Unidos para um entendimento direto com um grupo de batistas do Texas. Quem poderia fazer essa viagem e com que recursos? Novamente recaiu a incumbência em Mesquita.

Na América, teve novamente ímpetos de voltar a Richmond, (7) mas desesperançado de conseguir qualquer coisa imediata, visto o fracasso da primeira viagem, e mesmo sendo o propósi-

(7) Em carta particular a Mesquita, muito lastimou o Dr. Love não ter a Junta de Richmond sido novamente procurada, antes de procurar auxílio noutras fontes. Disto se evidencia a boa vontade da Junta em solucionar a questão.

to de todos não buscar mais a Junta de Richmond, telegrafou para Hamilton pedindo dinheiro para a passagem. Pouco depois chegavam 100 dólares e imediatamente tomou o trem para Texas.

Recebido pelo velho missionário, dirigiram-se ambos poucos dias depois a Dallas onde estavam os escritórios da B.M.A. (Baptist Missionary Association) e ali fêz ampla exposição da situação criada no norte do Brasil. Depois de ser ouvido com grande atenção, foi votado que Mesquita ficasse empregado pela citada Junta a fim de viajar entre as igrejas e levantar os recursos necessários ao trabalho, ao mesmo tempo que eram logo enviados 500 dólares para Pernambuco para acudir às maiores necessidades. Neste trabalho passou seis meses levantando dinheiro e animando os batistas para que tomassem a iniciativa de sustentar um grande trabalho que estava financeiramente desamparado. Depois de viajar entre as igrejas durante seis meses, voltou ao Brasil tendo assegurado regular sustento para o trabalho.

REFLEXOS NO SUL — APELOS À CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA.

No ânimo de muitos a situação, se bem que razoàvelmente boa, não era o que se podia desejar. Não pode haver satisfação quando há brigas, especialmente entre irmãos. Era uma situação triste ver irmãos que outrora se amavam, desentenderem-se agora, mormente não havendo, como não havia, doutrinas envolvidas na pendência; simples modos de administrar o trabalho tinham dado causa a uma luta infeliz.

Logo no princípio da contenda tinha-se apelado para a Convenção Batista Brasileira para que esta se pronunciasse sôbre o caso da Junta do Seminário em Pernambuco. Tinha-se a impressão de que uma vez reunida a Convenção esta daria ganho de causa ao credo dos pastôres. No subconsciente de todos, ou pelo menos da maioria, tôda aquela situação era transitória, sendo aguardada a Convenção como sendo a instância suprema a se pronunciar sôbre o movimento.

No sul tinham ecoado fortemente as desinteligências do norte, e como não quisessem os sulistas intervir, propenderam para o adiamento da reunião convencional que deveria reunir-se a 18 de janeiro de 1924. (8) O adiamento da reunião convencional talvez fôsse providencial. Deu tempo a que esfriassem um pouco os ânimos e se começassem a ver as coisas por um prisma desapaixonado. Todavia, deu tempo também a que se fizesse a propaganda no sul e se procurasse envolver tôda a de-

---

(8) «Correio Doutrinal» de 11 de janeiro de 1924.

nominação na contenda. Adrião fêz uma ou mais viagens ao sul, chegando a pregar nalgumas igrejas e nas praças do Rio e naturalmente fêz a propaganda a favor dos ideais dos brasileiros do norte. Alguns seminaristas do Rio chegaram mesmo a deixar o seminário e foram para Pernambuco.

Ao que corria, muitos obreiros no sul não viam com bons olhos a pendência nortista. Isso concorreu para amortecer os ímpetos da campanha em Pernambuco. Chegou mesmo a haver uma reunião no Rio em que foi concertada a ida a Pernambuco de uma comissão com o fim de mediar na contenda, mas a boa iniciativa não foi levada adiante.

Em São Paulo as simpatias pelos pastôres eram profundas. Silas Botelho e outros desposaram as idéias do norte, usando as páginas de "O Batista Paulistano" em bem lançados artigos. O "Correio Doutrinal" de um lado e "O Batista Paulistano" do outro, pelas penas do Dr. W. C. Taylor e Silas Botelho, animavam a discussão.

Infelizmente a campanha que nunca deveria ter sido deslocada do norte atingiu o sul. Criou-se um ambiente de má vontade sôbre qualquer coisa em que operassem os missionários, e neste espírito, começou a dispensar-se a literatura batista preparada pela Casa Publicadora. Pelo mês de novembro de 1923 era nomeada uma comissão composta dos pastôres Antônio Mesquita, Adrião Bernardo e Djalma Cunha para prepararem as lições dominicais para o primeiro trimestre de 1924, uma vez que já tinha sido fundada a EMPRÊSA BATISTA BRASILEIRA. Esta emprêsa de publicações com o capital de Cr$ 30.000,00 tinha como sócios os irmãos Oscar e Tiago de Araújo e a Junta Executiva da Convenção Regional. Foi alugada uma loja no centro da cidade, comprados os prelos e aberta uma livraria e tipografia que se propunham a substituir as publicações do Rio: O próprio "Cantor Cristão" passou a ser mal visto e já se pensava em fazer uma edição em Pernambuco.

BALANÇO

No fim do primeiro ano de lutas tinha sido fundado o Colégio Batista Brasileiro, continuado o trabalho da Junta do Seminário, se bem que muito irregularmente, e o da Escola de Trabalhadoras Cristãs e fundada a Emprêsa Batista Brasileira de Publicações.

Isto tudo feito no meio de atrozes lutas e com os recursos das igrejas e as ofertas da Associação Batista do Texas. Do lado dos missionários tinha sido organizada a Convenção Batista Pernambucana, continuado também o trabalho do seminário, organizadas várias igrejas com elementos que tinham saído das

existentes e fundada a Livraria Batista. O progresso tinha sido notável de ambos os lados. Era uma luta de métodos e de propaganda. Ninguém queria ficar atrás. Nunca se fêz tanto num ano em todo o Estado. Esquecidas as faltas de ambos os lados, recordemos os progressos do evangelho como uma coisa que deve ser lembrada nestes dias tristes dos batistas pernambucanos.

O MOVIMENTO NA BAHIA

Os laços que unem a Causa em todo o norte, por motivo da cooperação em certas fases do trabalho educativo, não poderiam deixar de ser afetados pela controvérsia em Pernambuco. Julgava-se a princípio, circunscrever as desinteligências ao Leão do Norte, e isso mesmo desejavam os líderes dos outros estados próximos. Nesse sentido, a Junta Executiva da Convenção Batista Interestadual da Bahia reuniu-se em abril de 1923 e deliberou aconselhar a tôdas as igrejas do campo a mais perfeita neutralidade na confusão pernambucana. Para tornar mais eficiente a dita neutralidade, resolveu também adiar a reunião convencional de junho de 1923 para fevereiro de 1924. Reunir a Convenção numa época daquelas seria trazer para o plenário infalìvelmente a questão, pois ninguém poderia evitar que o assunto aparecesse. Circunscrita a contenda a Pernambuco, fácil seria vê-la morta ou pelo menos de efeitos limitados.

O que se desejava não aconteceu. Havia íntimos laços de camaradagem entre os obreiros pernambucanos e baianos, de modo que tôda a boa vontade de se manterem à distância na controvérsia não prevaleceu. Em pouco, as igrejas começavam a sentir os efeitos do partidarismo, e os ânimos começavam a ficar exaltados. Na Primeira Igreja, onde os membros mais influentes sinceramente desejavam ver continuar a paz, deu-se o que já se tinha dado em Pernambuco e noutros lugares. Formou-se um grupo em tôrno do missionário White e outro em tôrno de C. Costa Duclerc, pastor. As sessões naturalmente tinham de sentir os efeitos do partidarismo. O trabalho na Bahia estava dividido também. As igrejas da capital foram as primeiras a sentir os efeitos da contenda. Na primeira formou-se um pequeno grupo que por bastante tempo se manteve na arena até que alguns foram excluídos. Êstes e outros ainda em comunhão deliberaram organizar-se em igreja para cooperarem com os missionários e a Missão do Norte. A 21 de novembro, no prédio na Rua do Areal de Cima, 36, era organizada a Igreja Batista Dois de Julho com 8 membros, número êste que logo foi acrescido com 7 outros que trabalhavam na congregação de Itaparica, enquanto outros foram re-

cebidos a seguir. Havia mais uma igreja na capital e outras viriam em breve.

Na Igreja dos Mares, uma das mais prósperas, o mesmo fenômeno se verificou, sendo que aqui, além dos motivos própriamente partidários, havia outros de natureza interna.

Com os crentes saídos dos Mares foi organizada, a 15 de novembro, outra igreja na Calçada do Bonfim, 210, com o nome de Igreja de S. Salvador, que mais tarde foi mudado para o de Igreja de Itapagipe.

No interior, verificava-se o mesmo fenômeno. As igrejas iam definindo-se. Umas tomavam posição ao lado dos brasileiros, outras ao lado dos missionários. Onde havia divergências, saía o grupo desavindo e formava outra igreja. Foi assim que se dividiram as igrejas de Sto. Antônio de Jesus, Casca e algumas outras.

Nesta altura dos acontecimentos, a Convenção estava dividida. Tinha sido deliberado que sua reunião seria em fevereiro de 1924 em lugar de junho de 1923, mas diante do fato consumado, nada impedia que se tomassem outras providências. Parte da diretoria e muitas igrejas ficaram com a Convenção Interestadual, organização que compreendia os campos Baiano, Sergipano e Sertanejo. As igrejas que ficaram ao lado dos missionários e outras que se organizaram por motivo de contenda, tiveram de reorganizar a antiga Convenção Batista Baiana.

O Campo Sergipano tinha tomado posição ao lado dos pastôres; o Sertanejo, além de ficar distante, tinha-se desligado também, de maneira que foi resolvido voltar ao plano de 1917, reorganizando a Convenção Batista Baiana para cooperar com a Junta de Richmond e a Missão do Norte. Esta organização efetuou-se nos dias 5-6 de dezembro com a Igreja de Caldeirão. A julgar pelo "O Batista Baiano" e por informações outras, a Convenção foi animadora.

Entre muitas resoluções boas da Convenção, nasceu "O Batista Baiano", jornalzinho que se tem mantido através dos tempos.

A Convenção Interestadual continuou também o seu trabalho, comprendendo as igrejas da Bahia que lhe ficaram fiéis e as de Serpige. Sua próxima reunião foi bastante animada. "O Batista Interestadual" continuou também a sua obra de informação.

Passados os momentos de maior luta ficou a situação mais ou menos assim: as igrejas cooperantes com a Convenção Baiana continuaram a manter cooperação com as instituições de Pernambuco ao lado dos missionários; as que ficaram com a

Interestadual cooperavam com as instituições ao lado dos pastôres no Recife.

O ano de 1924 foi muito mais calmo na Bahia que em Pernambuco, o centro da contenda. Ajustaram-se os trabalhos às novas necessidades e cada grupo cuidava de aumentar no que podia. A Primeira Igreja continuou muito animada, o mesmo se dizendo da dos Mares e das outras. No interior, além das dificuldades dos primeiros momentos, tudo corria sem maior atropêlo. Se não fôssem antigos problemas agora agravados, podíamos dizer que o estrago não tinha sido muito sensível.

Em 1924 começaram a circular os primeiros rumores de que alguns missionários propendiam para um acôrdo que deveria processar-se na Convenção Nacional. Nesse sentido, por ocasião da Convenção Batista Baiana reunida em outubro com a Igreja de Jabaquara, onde estiveram missionários do Rio e Recife, foi concordado em linhas gerais que se convidasse o Dr. J. F. Love, secretário da Junta de Richmond para vir assistir à próxima Convenção Batista Brasileira a reunir-se com a Primeira Igreja do Rio em princípios de 1925.

O MOVIMENTO EM ALAGOAS

Alagoas, a princípio, ficou simpática ao movimento em Pernambuco, mas depois de apuradas as coisas, acharam melhor os obreiros não intervirem nos acontecimentos, esperando que o tempo se encarregasse de curar as feridas abertas.

No dia 31 de março de 1923, na reunião da Junta Estadual, foi votado que tôdas as ofertas do campo fôssem doravante enviadas ao Colégio Batista Brasileiro. Como o secretário-correspondente do campo era o missionário J. Mein, foi votada a sua exoneração do cargo, ficando como tesoureiro, posição que êle rejeitou.

Passados os primeiros momentos, veio a reação. As igrejas do interior que nada sabiam dêsses negócios recusaram mudar de posição, e os próprios obreiros foram pouco a pouco amortecendo o entusiasmo, talvez devido ao jeito do missionário Mein que não tendo tomado posição agressiva no caso ganhou a simpatia de todos, finalmente, e os fêz tomar posição contrária.

Na Primeira Igreja, porém, a semente estava lançada e daria o seu fruto. Na sessão de 17 de dezembro de 1923, depois de algum barulho, um grupo de 30 pessoas saiu da sessão e foi excluído, indo unir-se à Igreja Batista do Poço que a 24 de janeiro de 1924 lhes concedeu cartas demissórias para se organizarem em Segunda Igreja Batista de Maceió. Além desta divisão, nenhuma outra se deu no Campo Alagoano.

CONSELHO BATISTA DO NORTE

Em 1924 reunia-se em Maceió um bom número de irmãos para estudarem o trabalho geral. Desta reunião saíram diversas deliberações que se cristalizaram na organização do Conselho Batista do Norte, espécie de organização técnica, composta de representantes de tôdas as convenções em cooperação com os missionários. Desta nova entidade saiu a Assembléia Batista, espécie de Chautauqua, que se reune todos os anos em junho, à qual afluem crentes dos estados mais próximos. Sempre um irmão mais notável na denominação é convidado como orador oficial. De tudo que o movimento nos legou, pouco será tão aproveitável como a Assembléia.

O MOVIMENTO NA PARAÍBA E RIO GRANDE DO NORTE

Na Paraíba do Norte, cindiu-se a Primeira Igreja, e com os crentes que saíram organizou-se a Primeira Igreja Batista Brasileira, em fins de 1923. Já era notório nesse tempo que as coisas tinham resvalado para o nacionalismo, por parte de alguns crentes mais exaltados, e daí o nome desta novel igreja, o único, que saibamos, em todo o território atingido pela controvérsia. Em Natal também a pequena igreja se dividiu, mas os crentes que saíram logo se dispersaram, restando poucos em fins de 1923.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

A resolução tomada na Bahia a fim de ser levado o assunto à Convenção Batista Brasileira foi logo comunicada telegràficamente a Richmond, insistindo na vinda do secretário. Logo se espalhou que os missionários promoviam um entendimento. Alguns brasileiros ficaram alegres, outros desapontados, porque no pé em que estava o seu trabalho com um bom colégio, seminário, etc., não era possível voltar a cooperar se isso importasse na morte das suas instituições. Depois, esperavam alguns que o tempo se encarregasse de consolidar a sua posição e levar os crentes simpáticos pelo Brasil a tomar a mesma posição, dando ao trabalho um caráter nacional. A outros, porém, um entendimento era sempre bem-vindo, de vez que, por melhores que fôssem as condições do trabalho, estávamos divididos. Mesmo havia um ponto a elucidar sôbre o seminário em Pernambuco, e isso só a Convenção decidiria. Da parte dos missionários dava-se o mesmo. Alguns eram favoráveis a um acôrdo, outros não.

De S. Paulo vieram apelos de Silas Botelho para que fôssem todos à Convenção, enviando êle dois contos, mais ou menos para ajudar nas despesas de viagens dos que fôssem.

Nos dias 16-20 de janeiro de 1925, reunia-se com a Primeira Igreja do Rio a Convenção Batista Brasileira. Tudo que havia de mais expressivo nas arraiais batistas lá estava. Sob um calor carioca, acotovelava-se no pequeno templo da Rua de Sant'Ana uma enorme multidão. Irmãos que não se tinham encontrado durante os últimos três anos lá estavam respirando a mesma atmosfera de ansiedade.

Ao ser dado o parecer da Comissão de Nomeações, foi sentida a necessidade de uma comissão para estudar as Bases de Cooperação entre a Convenção e a Junta de Richmond, sendo proposto que o parecer voltasse à Comissão, com inclusão do Dr. Watson, para escolher a comissão que deveria estudar o assunto. Voltando ao plenário o parecer, era apontada a seguinte comissão: S. L. Watson, H. H. Muirhead, Antônio N. de Mesquita, J. W. Shepard, J. F. Lessa, Casimiro de Oliveira, F. F. Soren, L. M. Reno, Abraão de Oliveira. O Dr. Love, presente, foi convidado a tomar parte nestes debates, visto como era parte implicada no assunto, como representante que era da Junta de Richmond. Para seu intérprete foi convidado Salomão Ginsburg.

Esta comissão reuniu-se logo para trabalhar. O Dr. Muirhead representava o lado dos missionários e Antônio N. de Mesquita o dos brasileiros, sendo os únicos representantes do norte. Isso não foi pròpriamente estabelecido, mas subentendido. Depois de dois dias de intenso labor, estudando o intrincado problema a Comissão apresentou o seguinte parecer, assinado integralmente por todos os membros:

BASES DE COOPERAÇÃO DESTA CONVENÇÃO E DA JUNTA DE MISSÕES ESTRANGEIRAS DA CONVENÇÃO BATISTA DO SUL DOS ESTADOS UNIDOS (9)

Tendo revisto, não só em sub-comissão como em sessão plenária, a questão de planos de cooperação eficientes e aceitáveis por esta Convenção e a Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, a Convenção Batista Brasileira, resolve:

Estamos plenamente convencidos de que não há dificuldades insuperáveis para uma cooperação harmônica entre a Convenção Batista Brasileira e as igrejas que ela representa de um lado, e a Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos de outro. Quaisquer erros que se tenham cometido e quaisquer mal-entendidos que conseqüentemente se tenham levantado, nós mesmos temos tido parte nêles, mas é natural que êsses mal-entendidos se dêem em um trabalho grande e crescente e não devem ser atribuídos a um desejo ou desígnio, por parte de qualquer de nós, de ser desonesto ou injusto para com outrem. Passando em revista a história do nosso longo período de comunhão deliciosa e de cooperação com a Junta Americana e seus missionários, somos obri-

---

(9) Êste documento Convencional no que concerne à doutrina cooperativa está baseado no que a Junta de Richmond enviou aos missionários e pastôres por mão de Mesquita e Muirhead, na primeira viagem daquele à América do Norte.

gados a registrar o nosso reconhecimento da devoção desinteressada dos mesmos aos nossos próprios interêsses e aos do nosso país. Esta revista abrange os meses recentes desta história de cooperação, com todos os seus tristes incidentes e mal-entendidos.

O Secretário-Correspondente da Junta Americana expôs franca e plenamente à Comissão a atitude, atos e sentimentos da mesma Junta em relação a nós, e respondeu cabalmente, sem rodeios ou evasivas, a tôdas as perguntas que lhe fizeram, e conquanto a Junta não pretenda eximir-se ou eximir os seus missionários de erros, estamos plenamente convencidos de que a Junta se tem esforçado leal e pacientemente para alcançar um entendimento e um acôrdo pleno e satisfatório com tôdas as nossas igrejas e com o nosso povo, e tem procurado seguir um curso de modo a atender aos interêsses e aspirações das igrejas brasileiras, e a promover em favor delas maiores contribuições das igrejas batistas do sul dos Estados Unidos. A evidência e o espírito exibidos nesta investigação convencem-nos de que a Junta Americana tem seguido um curso, através de tôdas estas dolorosas experiências de todo conforme à prática comum e espírito dos batistas, e se alguns de nós ou outros bons irmãos têm julgado mal a Junta nestas questões é porque nós e êles não temos bem compreendido todos os fatos. Estamos satisfeitos em registrar esta conclusão a que êste exame nos levou; e exprimimos a crença e a esperança de que os mal-entendidos que se têm interposto entre nós e que nos têm levado a esta investigação concorram para uma bênção maior sôbre todos nós e para que mais fortes se tornem os laços que tão longo tempo nos têm unido aos nossos irmãos batistas norte-americanos.

Achamos também que os princípios e o modo de agir que a Junta aplica ao seu trabalho no Brasil são os mesmos que aplica a todos os campos vastos e numerosos em que ela opera e em que tem recebido riquíssimas manifestações das bênçãos de Deus e está conseguindo resultados maravilhosos.

Aprovamos, pois, os seguintes princípios gerais de cooperação entre esta Convenção e a Junta Americana, e os recomendamos às nossas igrejas batistas brasileiras:

1. A AUTONOMIA DAS IGREJAS

A cooperação destas duas organizações, — a Convenção Batista Brasileira e a Junta de Missões Estrangeiras de Richmond, — precisa necessàriamente basear-se em um princípio batista geralmente aceito, a saber: — a autonomia das igrejas. Nem esta Convenção, nem a Junta Americana, pode arbitràriamente forçar as igrejas a fazerem qualquer coisa. A coparticipação das igrejas nos planos comuns desta Convenção e da Junta Americana é de livre aceitação por parte das mesmas igrejas; isto é, plena e francamente reconhecido por todos que entram neste convênio.

2. A AUTONOMIA DAS JUNTAS

Êste convênio visa a cooperação de tôdas as Juntas desta Convenção com os planos desta mesma Convenção. Precisa ficar bem entendido, sem dúvida, que as Juntas Brasileiras e a Junta Americana são organizações criadas para servirem às mesmas igrejas, respectivamente no Brasil e nos Estados Unidos, e que a autonomia das juntas está dentro de funções que lhes são designadas na sua criação. Nem a Junta Americana nem nenhuma Junta desta Convenção é uma criação própria, independente de limitações. Contudo, o princípio que reconhecemos é êste: que as Juntas Brasileiras e as Juntas da Convenção do Sul dos Estados Unidos são, no limite de suas atribuições, inteiramente autônomas.

3. CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Do mesmo modo que as Juntas, as Convenções, dentro dos limites que lhes são fixados, são corpos autônomos, cujo fim é executar a vontade das igrejas, e estão sujeitas às igrejas. Isto se aplica tanto à Convenção Batista Brasileira quanto à Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos.

4. COOPERAÇÃO

Procurando planos de cooperação entre esta Convenção e a Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos de um lado, e entre as Juntas desta Convenção e a Junta Americana do outro, é necessário que tomemos em consideração as definições dadas acima, como a expressão da autonomia das várias organizações dentro da vida denominacional. Cada uma destas organizações precisa, a fim de promover cooperação cordial, reconhecer êstes princípios, que devem ser aplicados em pé de igualdade a cada uma das unidades cooperativas, isto é, não deve haver violação alguma dêstes princípios em nossos planos ou em nossas atividades, quer sejam tratados pela Convenção Brasileira, Junta e Igrejas Brasileiras, ou tratados pela Junta Americana, ou pela Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos.

Cada um deve respeitar a autonomia própria e legítima do outro. Por conseqüência, aventuramo-nos a sugerir a aplicação dêstes princípios em pontos onde essas definições de autonomia precisem ser cuidadosamente estudados e respeitados, a menos que uma ou outra das Convenções ou das Juntas no exercício da sua autonomia não infrinja a autonomia da outra.

As igrejas, na sua cooperação, permanecem de plena posse da sua legítima autonomia. Por exemplo, as igrejas tem o direito de chamar os seus próprios pastôres e administrar os seus negócios locais por votação expressa da maioria dos seus membros. Nenhum indivíduo ou organização se acha revestido de autoridade para interferir em tais questões. A cooperação, contudo, como a não cooperação exige o exercício do princípio de voluntariedade que governa uma igreja batista. Uma igreja tem tanto direito de exercer a cooperação e entrar em comunhão de serviço com outras Igrejas com Juntas Estaduais e Convenções, como tem de declinar. Sem dúvida alguma, cooperação é em si mesma um princípio ensinado pelas Escrituras. As afirmações e negações de uma igreja por si sós declaram a sua independência e o seu direito de seguir o curso que bem lhe pareça.

Além disto, quando igrejas, juntas ou convenções entram em cooperação com outras igrejas, juntas e convenções, precisam não sòmente garantir a sua própria liberdade e autonomia, mas também de respeitar a liberdade e autonomia das demais com as quais cooperam.

Também estas juntas e convenções devem reconhecer que outras juntas e convenções, como elas próprias, são criações das igrejas e têm o seu propósito determinado e suas ações limitadas dentro da esfera prescrita pelas igrejas.

Aplicando-se êste princípio, ver-se-á que nenhuma junta ou convenção brasileira pode tocar na esfera ou prerrogativas pertencentes às convenções e juntas brasileiras. A Convenção Batista Brasileira tem juntas que ela mesma governa e que são responsáveis perante ela segundo os regulamentos que ela estabelece; e a Junta Americana tem agentes que são responsáveis perante ela sòmente, e além dos quais não pode ir a sua autoridade, mas deve chegar até êste ponto.

Na cooperação que esta Convenção do sul dos Estados Unidos, e que as juntas desta Convenção gozam com a Junta Americana, há coisas em que cada uma destas juntas condescende com o fim de cooperar, mas condescende voluntàriamente; enquanto que há outras coisas

que nem as juntas brasileiras nem a Junta da Convenção Batista do sul dos Estados Unidos pode ceder, por causa das responsabilidades que têm perante os seus constituintes, responsabilidades estas que não podem ser delegadas e não podem ir além do «contrôle» dessas juntas e da possibilidade de uma mordomia fiel exercida por essas juntas para com as igrejas que elas servem. Por exemplo, o dinheiro que as juntas destas convenções levantam nas igrejas do Brasil é uma questão entre estas juntas brasileiras e as igrejas brasileiras. E esta Convenção responsabiliza estas juntas pelo emprêgo dêste dinheiro, e não pode permitir que a administração vá além do seu «contrôle». Da mesma maneira a Junta Americana, como uma criação da Convenção Batista do sul dos Estados Unidos, precisa administrar seus fundos por meio de agências que lhe sejam responsáveis, a fim de que ela por sua vez possa dar devidas contas à Convenção de que ela é mandatária.

Não devem, pois, ser recebidas com suspeição ou desagrado as exigências de qualquer junta, no exercício de suas atribuições, que só têm como causa o dever que ela tem de exercer fielmente a sua mordomia. É necessário frisar que o dinheiro não compra qualquer direito ou prerrogativa sôbre igrejas ou indivíduos, e nenhum batista de verdade alguma vez pretendeu que o fizesse. Por outro lado, nenhum batista de verdade ou agência batista pode pretender controlar dinheiro pelo qual outro batista ou agência é responsável. Isto é, uma criação das igrejas ou de uma convenção não ousará assumir prerrogativas além das que lhe foram traçadas, e ir além de seus limites na distribuição fiel do dinheiro, ficando assim incapacitada de prestar contas dêsse dinheiro àqueles a quem é peculiarmente responsável. A autonomia das Igrejas e Convenções Batistas Brasileiras, que proibe que uma junta ou convenção norte-americana as governe de qualquer maneira, ou faça responsáveis, implica que a Convenção ou Junta Americana deve conservar a administração financeira nos campos missionários debaixo do govêrno daqueles que por acaso possam ser chamados a prestar contas da sua mordomia sem infringir esta autonomia. Isto não quer dizer que negamos a autoridade das nossas igrejas brasileiras se reclamarmos para aquela Junta o direito de administrar o dinheiro contribuído pelas igrejas norte-americanas, do qual precisa prestar contas perante a Convenção que as representa.

Examinemos cuidadosamente êstes princípios fundamentais e veremos que êles se aplicam tão bem aqui quanto lá; e são tão necessários à nossa própria autonomia como à autonomia das agências norte-americanas.

Muitos pormenores há, sem dúvida, no avanço do trabalho no Brasil e na direção das muitas instituições que servem a esta Convenção, debaixo de condições e circunstâncias um tanto variáveis, aos quais êstes princípios terão de ser aplicados, pormenores êstes em que êste relatório não pretende tocar. Por muitos anos têm estado em operação planos para a maioria das nossas escolas. As condições em que a Junta Americana nos quer auxiliar a promover algumas destas escolas já foram estudadas pela Junta Americana e estão sendo executadas pelas escolas. Em alguns casos, embora poucos, principalmente em algumas das nossas escolas menores, pode surgir a necessidade de uma definição mais explícita de planos para a conduta destas escolas. Não achamos, porém, que o relatório desta Convenção precise ir além dêstes princípios com tais sugestões para sua aplicação como temos feito. Mantemos a esperança de que nossos irmãos ficarão satisfeitos com o pronunciamento inequívoco desta Convenção sôbre os princípios batistas a que nos temos referido no meio do nosso mal-entendido, e que uma vez satisfeitos relativamente a estas questões êles aplicarão o próprio espírito cristão, bem como êstes princípios referidos, a qualquer particular que possa

atrair a atenção, na direção destas escolas. Exprimimos confiança semelhante na Junta Americana e nos seus missionários.

Queremos que a ênfase principal dêste ato da Convenção Batista Brasileira recaia no espírito e não na letra, nas nossas relações de cooperação. Os mesmos princípios batistas não poderão ser postos em boa ordem de operação sem o óleo do amor cristão e do espírito de Cristo nos indivíduos que compõem a nossa irmandade. Imploramos, pois, que os nossos irmãos, a quem nós como uma Convenção representamos, se exercitem diligentemente em muita oração e meditação em nome do Senhor que todos nós adoramos. Enviamos, pois, esta declaração desta Convenção a tôdas as igrejas batistas do Brasil, com uma oração fervorosa para que a mais íntima comunhão cristã exista em nossas igrejas, entre nossas igrejas, os membros de nossas igrejas e entre os batistas brasileiros e missionários por tôda a parte, e que possa haver em um tal espírito e comunhão, uma nova atividade para redenção do Brasil que produza ótimos e abundantes frutos, para nosso gôzo e para a glória de nosso Senhor.

(Assinados): **S. L. Watson**, Relator; **A. J. Oliveira, Casimiro G. Oliveira, F. F. Soren, H. H. Muirhead, Loren M. Reno, J. Lessa, A. N. Mesquita** e **J. W. Shepard.**

O Parecer suscitou viva discussão e alguns irmãos que se tinham reunido na noite anterior na residência do Cel. Antônio Ernesto (Djalma Cunha, Silas Botelho, Adrião Bernardo e outros), apresentaram o seguinte documento que consubstanciava os pontos capitais exigidos para harmonia perfeita entre ambas as partes, e que desejavam fôsse lido.

Foi dada a palavra ao irmão Djalma Cunha para ler o seu trabalho que é o seguinte:

BASE DE COOPERAÇÃO

Meus irmãos:

Prezado irmão Presidente:

Desde 1922, os batistas, infelizmente, estão divididos em duas correntes divergentes que engrossam à medida que o tempo transcorre, com prejuízo da causa que nos é comum; divergências essas de métodos e de sistemas, que têm tomado tal vulto, a ponto de nos trazer o Dr. J. F. Love, cuja visita recebemos com tanto maior alegria quanto mais confiança no seu critério, ponderação e espírito de justiça.

Representantes de uma das correntes, vimos apresentar em traços ligeiros o nosso ponto de vista, a fim de que esta Convenção ao tomar conhecimento do parecer da comissão encarregada de estabelecer uma base de cooperação, possa deliberar com pleno conhecimento de causa, e da maneira que melhor consulte o desenvolvimento do Reino do Mestre, por amor de Quem estamos prontos a sacrificar tôdas as nossas preocupações pessoais, mas para honra de Quem, havemos de ser fiéis aos princípios que julgamos necessários à causa do evangelho no Brasil.

Infelizmente, a Comissão não procurou ouvir os grupos em divergência, preferindo elaborar uma base que poderá ser muito boa e justa, mas que não representa um acôrdo de partes adversas, que não contém concessões recíprocas e que, por isso, corre o risco de ser ineficaz, por excessivamente vaga e teórica.

Apressamo-nos, portanto, a vir espontâneamente declarar que estamos de acôrdo com a fórmula de cooperação, proposta pela Comissão

isto é, que as instituições custeadas pela Junta de Richmond serão administradas por uma comissão de quinze (15) membros, dos quais seis representantes da Convenção Batista Brasileira e nove (9) representantes daquela Junta, ou melhor por batistas brasileiros e estadunidenses, unidos pelos laços do fim comum e sob a égide da confiança mútua e do mútuo respeito. Aceitamos, agradecidos, esta prova de confiança e estamos de acôrdo em eleger, em nome da Junta de Richmond, os missionários que devem compor as comissões administrativas, convindo acrescentar, que estamos em pleno acôrdo que as Juntas Regionais ou Estaduais, apresentem anualmente seu orçamento à respectiva missão, declarando qual o auxílio esperado da Junta de Richmond para fins de evangelização, auxílio êsse que poderá vir por intermédio da missão para a Junta Estadual ou Regional.

Entretanto, pedimos vênia para juntar a essa base as nossas condições:

1. Que haja apenas quatro (4) juntas: Missões Estrangeiras, Missões Nacionais, Publicações e Propaganda e Beneficência.
2. Que em vez de juntas administrativas, sejam comissões administrativas.
3. Que a Convenção Batista Brasileira se reuna de 3 em 3 anos.
4. Que cada uma dessas juntas tenha em cada campo um representante eleito pelas respectivas Convenções Regionais ou Estaduais.
5. Que se elejam comissões administrativas para o Colégio e Seminário do Rio, Colégio e Seminário do Recife e Colégio Batista Brasileiro de S. Paulo, de acôrdo com a Base de Cooperação.
6. Que para o Seminário Batista Brasileiro do Recife, se faça plano idêntico ao estabelecido para as relações com a Junta de Richmond, isto é, que também essa instituição seja administrada por uma comissão composta de quinze (15) membros, dos quais seis (6) representantes da Convenção Batista Brasileira e nove (9) da Convenção Batista Regional.
7. Que com os elementos das comissões administrativas seja constituída, com sede no Rio, uma Comissão Central de Educação para traçar e superintender o programa educacional dos batistas, sendo considerados membros ex-ofício, os diretores de tôdas as instituições de educação.
8. Que o número de mensageiros à Convenção Batista Brasileira fique limitado a cinco (5), a fim de não provocar um desequilíbrio injusto na representação de vários campos.
9. Que as convocações extraordinárias e as mudanças de lugar e tempo da Convenção Batista Brasileira sejam autorizadas por três (3) das quatro (4) juntas executivas.
10. Que se adote como critério para a escolha do local para a Convenção a facilidade dos transportes.
11. Que «O Jornal Batista» seja entregue a um corpo de redatores nacionais, diretamente responsável à Junta de Publicações, que manterão relações puramente comerciais com a Casa Publicadora e enquanto assim convier.
12. Que haja confraternização das igrejas do norte do Brasil.

Protestamos defender oralmente os vários artigos desta mensagem.

Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1925.

Djalma Cunha, Relator; **Adrião O. Bernardo**, **Antônio Ernesto da Silva** e **Silas Botelho**.

Depois de lido, foi proposto e apoiado que a petição apresentada fôsse entregue à mesma comissão que apresentou o documento de cooperação das juntas. Foi por votação unânime,

aceita a proposta com a seguinte emenda: que fizessem também parte da Comissão os irmãos Djalma Cunha e Salomão L. Ginsburg.

A Comissão trabalhou dia e noite e às 11 horas da noite do último dia da Convenção apresentou no meio de expectativas gerais, ansiedades e dúvidas o seguinte parecer: (10)

RELATÓRIO DA COMISSÃO SÔBRE AS BASES PARA COOPERAÇÃO

Vossa Comissão, à qual foi apresentado o memorial trazido perante a Convenção pelo irmão Djalma Cunha, assinado por êle e pelos irmãos Adrião O. Bernardo, Antônio Ernesto da Silva e Silas Botelho, intitulado «Bases de Cooperação», deu a êste relatório cuidadosa atenção. A Comissão, nas suas discussões, não sòmente teve o auxílio dos irmãos Djalma Cunha e Salomão L. Ginsburg, que pela Convenção foram acrescentados à comissão original sôbre cooperação, como também o dos irmãos Adrião O. Bernardo, Antônio Ernesto da Silva e Silas Botelho. Devemos dizer que o Dr. J. F. Love também assistiu aos trabalhos da comissão e contribuiu grandemente para as resoluções dêste parecer.

A vossa comissão relata o seguinte:

1. Sentimo-nos satisfeitos em relatar à Convenção que tivemos bastantes evidências da presença do Espírito de Cristo nas nossas deliberações, e conquanto a discussão fôsse franca e tôdas as questões contidas no documento a que nos referimos tivessem a nossa maior consideração, houve perfeita comunhão e união entre todos os batistas do Brasil. Talvez não possamos comunicar a êste relatório o espírito que prevaleceu em nossas sessões, mas, por meio dêle, enviamos a todos os irmãos e igrejas, que acharam por bem assistir e representar-se nesta Convenção, nossas saudações, e apresentamos êste relatório como uma demonstração de nosso amor mútuo, como incentivo a amor e comunhão entre êles mesmos.

2. O relatório que a Convenção já adotou por voto quase unânime, e que trata de certos princípios fundamentais na vida organizada batista, torna desnecessário que êste relatório inclua qualquer nova declaração dêles.

3. Demais disto, descobrimos em nossas deliberações que muitos pormenores relativos à aplicação dêstes princípios ao trabalho e instituições desta Convenção, terão de ser postos em prática mais tarde, de sorte que uma definição exata para êstes casos não procuramos tentar aqui. Cremos, porém, que as definições que aqui damos e sugerimos, provar-se-ão um bom auxílio aos que estão encarregados do trabalho minucioso, a uma cooperação harmônica de tôdas as nossas fôrças em todo o trabalho da Convenção.

4. Além disto, algumas coisas contidas no memorial que nos apresentaram, foram, no decorrer das nossas conferências, eliminadas com aprovação de todos os presentes. Não encheremos, pois, êste relatório com elas, mas limitar-nos-emos a uma declaração dos pontos em que concordamos nas questões que ficaram para nossa consideração depois das eliminações a que nos referimos.

---

(10) A impressão era que se não houvesse um meio de pôr fim à contenda, a denominação estaria dividida, pois ambos os lados contavam com fundas simpatias no sul. Tinha-se sàbiamente protelado a reunião convencional, mas se o acôrdo não fôsse estabelecido, acabaria a neutralidade em que se tinha mantido muitos para tomar posição.

Vimos agora relatar à Convenção alguns itens em que nós todos concordamos, e recomendá-los à Convenção para adoção, conservando-nos prontos, porém, para responder a quaisquer perguntas que por acaso queiram fazer à Comissão.

ESCOLAS

No memorial que nos foi trazido, os irmãos que o escreveram exprimiram-se favoráveis à administração das instituições educativas desta Convenção por comissões compostas de quinze membros, dos quais fôssem seis representantes da Convenção Batista Brasileira, e nove da Junta Americana, etc. Neste ponto via a Comissão que as escolas são presentemente administradas por juntas com proporções que variam quanto ao número de membros brasileiros e missionários, e crê que deve ser delineado para todos os colégios desta Convenção um plano tão uniforme quanto possível; e onde não fôr possível haver uniformidade, deve-se dar uma definição para cada colégio, de modo que a Convenção possa saber exatamente como cada colégio é dirigido. Recomendamos, pois, que, tomando a proporção acima de irmãos brasileiros e missionários, como uma espécie de guia, se reconheçam ou criem juntas para todos os colégios da Convenção, sendo compreendido por nós e pela Convenção que onde não fôr achado praticável observar-se a proporção acima, essa proporção de brasileiros e missionários possa variar de um modo ou de outro, e segundo a necessidade criada pelas circunstâncias locais ou quaisquer outras. E recomendamos ainda mais que esta questão de definição de membros de juntas para as escolas seja apresentada à Junta de Educação desta Convenção, e que com esta apresentação a Junta de Educação seja também encarregada de quaisquer passos necessários para melhor coordenação do nosso programa educativo, e da relação dessas instituições para com a Convenção e a Junta Americana, ficando compreendido que o «contrôle» da Convenção sôbre os colégios deve ser exercido por meio dessas juntas.

AUXÍLIO ÀS IGREJAS

Sugerimos que, quando uma igreja desejar obter o auxílio da Junta Americana, sem de forma alguma comprometer a sua autonomia ou independência, que ela faça o pedido ao Secretário da Convenção Estadual ou Regional por uma forma que haverá especial para tal fim, e na qual a igreja declarará claramente a quantia que deseja, especificando o objetivo para o qual pede a proporção da quantia total que será contribuída pelos seus próprios membros, e o que ela espera receber de outras fontes, indicando quais essas fontes e que proporção pede da Junta Americana.

Os fatos acima mencionados devem ser apresentados por alguém escolhido pela igreja à Missão ou à Comissão Executiva da Missão, a qual por sua vez discutirá livremente com os representantes da igreja, fazendo e recebendo sugestões, fazendo e respondendo perguntas; mas, no caso em que se considerar mais sábio ou mais conveniente, os pedidos, podem ser feitos a uma junta competente da Convenção Regional ou Nacional, e depois ser transmitidos à Missão na qual a igreja que faz o pedido esteja situada; e o mesmo será transmitido à Junta Americana pelo secretário da Missão, com os acordos e recomendações que existirem de ambas as partes.

No caso de apropriações de terrenos em que se proponham erigir templos, ou apropriações para templos em terrenos que já tenham sido adquiridos, a Junta Americana seguirá o costume adotado pelas suas próprias Juntas de Missões nos Estados Unidos, e fará um contrato com a igreja que ela auxilia a obter terreno ou edifício; o dinheiro que a Junta Americana empregar em terreno ou edifício reverterá para a mesma

Junta em caso que a igreja assim auxiliada deixe de existir ou deixe de existir como uma Igreja Batista Missionária. Êste acôrdo é para o interêsse do trabalho e de outras igrejas do Campo Missionário. Se por acaso houver exemplo de uma igreja perder o direito a uma apropriação, êsse dinheiro deve, sem ser devolvido aos Estados Unidos, ir para uma outra igreja ou serviço evangélico no campo, e os irmãos brasileiros, e não os americanos, gozarão o benefício dêle. Enquanto uma igreja assim ajudada pela Junta Americana preservar a sua identidade como uma Igreja Batista Missionária, êste contrato de maneira alguma afetará sua independência.

EVANGELISMO

Sugerimos que haja uma comissão, ou junta, nomeada pela Convenção Batista Regional ou Estadual sôbre as atividades evangelísticas nesse campo. Esta comissão, ou junta, pode, segundo opção da Convenção, compor-se inteiramente de irmãos brasileiros ou parte de irmãos brasileiros e de missionários membros de igrejas brasileiras, os quais naturalmente, por conseguinte, poderão ser chamados membros elegíveis de comissões com seus irmãos brasileiros. Esta comissão deverá tomar em consideração as necessidades do campo, fazer recomendações às igrejas quanto às quantias que elas devem levantar para o trabalho evangelístico da Convenção, e fazer recomendações à Missão quanto à quantia que essa Missão deverá pedir à Junta Americana para apropriar para o trabalho evangelístico dentro dos limites da Convenção Estadual ou Regional.

A Missão tomará em consideração êsses pedidos, neste caso como nos casos de pedidos das igrejas; conferenciará com a Comissão de Evangelismo e fará recomendações à Junta Americana segundo ela achar que a Junta Americana está em condições de fazer em tais circunstâncias, incluindo nas suas considerações as necessidades que forem apresentadas, e a provável capacidade da Junta Americana satisfazer a essas necessidades.

O tesoureiro da Missão entregará essas apropriações que forem feitas pela Junta Americana diretamente aos evangelistas, individualmente, ou ao tesoureiro da Comissão Brasileira de Evangelização, segundo acôrdo feito entre a Comissão Brasileira e a Missão.

O tesoureiro da Missão e o tesoureiro da Comissão Brasileira deverão exigir um recibo em forma prèviamente combinada para cada pagamento, e êsses servirão como saídas de caixa por ocasião do exame dos livros da Missão.

Nós recomendamos que os seguintes itens contidos no memorial que nos foi entregue sejam referidos à Comissão sôbre Modificações dos Estatutos:

«8. Que o número de mensageiros à Convenção Batista Brasileira fique limitado a cinco (5) de cada igreja, a fim de não provocar um desequilíbrio injusto na representação de vários campos.»

«9. Que as convocações extraordinárias e as mudanças de lugar e tempo da Convenção Batista Brasileira sejam autorizadas por três (3) das quatro (4) Juntas Executivas, exceto as dos colégios.»

Considerando a undécima recomendação do memorial a nós submetido, a qual é o seguinte: «Que 'O Jornal Batista' seja entregue a um corpo de redatores nacionais, diretamente responsável à Junta de Publicações, que manterá relações puramente comerciais com a Casa Publicadora»... os irmãos que apresentaram o dito memorial retiraram a estipulação de que o redator responsável fôsse ùnicamente um brasileiro, deixando assim a Comissão livre para eleger brasileiro ou americano. Então a Comissão concordou em que esta seção seja referida à mesa da Convenção, e que êstes irmãos deverão considerar a recomendação do memorial a

nós submetido, incluindo, também, nas suas responsabilidades o problema de manutenção financeira do jornal e trazer o seu relatório à próxima Convenção, com as recomendações a respeito que a sua mais madura ponderação ditar, tendo estudado todos os fatos.

Com relação ao Seminário Batista Brasileiro, que é mencionado no memorial, sôbre que damos aqui o nosso relatório, temos a dizer o seguinte:

Não desejamos fazer uma recomendação arbitrária no tocante a esta escola, mas exprimimos a esperança da Comissão de que os planos para união que têm ocupado a atenção da vossa Comissão e da Convenção durante êstes dias possam, dentro de breve tempo, trazer como um dos seus abençoados frutos a cessação da duplicação no trabalho educativo em Pernambuco; e a união de esforços neste ramo de trabalho, como em todos os outros, de modo a reservarem-se para os fins mais importantes os dinheiros que se forem apropriando para os batistas brasileiros, para a salvação e educação do povo.

A recomendação do memorial de que trata a vossa Comissão é que «Haja fraternidade entre as igrejas do norte do Brasil.» A êste pedido, aliás muito próprio, a vossa Comissão dá o mais sincero amém, e recomenda às igrejas, não sòmente do norte, mas de todo o Brasil, que procurem até o máximo da sua capacidade e com orações intercessantes, a direção e aprovação do Espírito Santo, e procurem também diligentemente estender êsse amém às nossas igrejas.

Finalmente vossa Comissão recomenda que o parecer aprovado ontem e êste memorial que agora vos submetemos, se fôr aceito pela Convenção, juntamente com uma declaração feita à Comissão pelo secretário-correspondente da Junta Americana (11) e que foi pedida para publicação, seja impresso pela Junta de Escolas Dominicais e Mocidade em forma atraente, e que êste documento seja colocado nas mãos do maior número possível de membros das nossas igrejas batistas.

Recomendamos, ainda, e imploramos, que esta Convenção faça soar por tôdas as igrejas estas evidências da nossa fraternidade em Cristo, e o nosso desejo de harmonia e união entre os nossos irmãos em oração, e que os mensageiros desta Convenção convoquem reuniões especiais de oração nas suas respectivas igrejas, para que esta união possa ser perfeitamente selada, e que com esta união cada vez mais crescente possa haver maiores bênçãos de Deus sôbre as igrejas; que haja uma revivificação do cristianismo do Nôvo Testamento e, conseqüentemente, conversões de pecadores em tôda a nossa terra.

(Assinados): **S. L. Watson**, Relator; **F. F. Soren, Abraão de Oliveira, J. W. Shepard, A. N. Mesquita, Salomão L. Ginsburg, J. F. Lessa, H. H. Muirhead, Casimiro G. Oliveira, Djalma Cunha e Loren M. Reno.**

Aceito por unanimidade, celebrou-se com o cântico de um hino a paz e harmonia restabelecida entre os batistas. O resto da Convenção foi para dar expansão à alegria que ninguém podia ocultar.

Pelo *O Jornal Batista* todos os mais influentes pastôres deram as suas impressões e a ninguém restava dúvida de que estava morta a questão.

---

(11) Por falta absoluta de tempo, o ilustre Secretário da Junta Americana não pôde escrever esta declaração, mas prometeu exprimir por carta os mesmos conceitos, carta essa que seria logo publicada neste Jornal, e apenas às Atas da Convenção, se chegar em tempo para isso. Nota da Redação.

Restava acertar medidas que dispusessem as coisas em Pernambuco de maneira que a paz fôsse estabelecida, pois julgava-se com acêrto, que o ponto nevrálgico da questão estava lá, sendo mesmo aventada a ida de uma comissão do sul para ajudar, visto como os ânimos estavam bastante exaltados e havia muita gente que não podia ver como missionários e brasileiros desavindos poderiam entender-se.

Muirhead e Mesquita tomaram o compromisso de, em chegando a Pernambuco, reunirem as igrejas e apresentarem as Bases de Cooperação para que estas as aceitassem ou rejeitassem. Isso fizeram logo que chegaram.

Convocadas as igrejas para uma reunião no templo da Primeira Igreja ficou desde logo patente que a harmonia não seria muito fácil. Os ânimos estavam exaltados havendo mesmo alguns crentes que não podiam admitir a hipótese de um congraçamento. Por outro lado, alguns pastôres que tinham subscrito o acôrdo no Rio enfraqueceram enquanto outros que lá não tinham ido não se mostravam muito entusiasmados. Depois de umas três horas de discussão foi aventada a nomeação de uma comissão para estudar as bases da confraternização e depois convocar outra reunião das igrejas. Ficou composta a comissão dos seguintes pastôres: José Vital de Freitas, Djalma Cunha, H. H. Muirhead, W. C. Taylor, Orlando Falcão, Manoel da Paz, Manoel Valentim e Antônio N. de Mesquita. Reunida logo a seguir, começou os estudos procurando encontrar uma fórmula que pudesse satisfazer a ambos os lados, sem, entretanto, enfraquecer qualquer ponto doutrinário ou eclesiástico. Depois de longos estudos foi redigido para ser enviado às igrejas o seguinte documento:

RECOMENDAÇÃO APRESENTADA ÀS IGREJAS DA CONVENÇÃO BATISTA REGIONAL E DA CONVENÇÃO BATISTA PERNAMBUCANA

«A comissão nomeada na noite de 3 de fevereiro de 1925 pelo presidente da Assembléia reunida no salão da Primeira Igreja Batista do Recife e composta dos obreiros e alguns membros das várias igrejas pertencentes às Convenções Batistas Regional e Pernambucana, reuniu-se no dia seguinte num departamento da mesma igreja para estudar a maneira de pôr em prática a recomendação da Convenção Nacional no sentido de restaurar a fraternidade no seio da família batista desta região. Depois de haver discutido longamente o assunto, considerando: que o nosso campo atravessou uma época de anormalidades que lhe trouxe desavença e desarmonia; que muitas destas irregularidades praticadas entre as igrejas durante êste período foram o resultado desta mesma desarmonia; que todos nós estamos convencidos de que a perpetuação dêste estado de coisas só pode concorrer, como está concorrendo, para desonra do nome do nosso Redentor; que cada igreja agiu de acôrdo com a sua própria soberania; que no uso de tal soberania estas mesmas igrejas podem deliberar voluntàriamente e restaurar o primitivo período de fraternidade por que todos os fiéis servos de Cristo anelam;

que, finalmente, existe boa vontade da parte de tôdas as igrejas em ver a família batista unida nos santos laços do amor cristão neste campo e em todo o Brasil; recomenda que tôdas as igrejas que neste período anormal não têm mantido esta fraternidade com suas co-irmãs neste campo, por causa das lutas que causaram tal anormalidade, estendam sua fraternidade recìprocamente e que esta ação por parte de cada igreja inclua a restauração à sua comunhão de quaisquer membros que porventura hajam sido excluídos por causa dêste movimento e que atualmente se encontram fazendo parte de outras igrejas, cabendo a cada igreja o dever de zelar por sua pureza moral nos casos em que à mesma estejam afetos.

Reconhecemos que esta é uma medida que visa solucionar a gravidade do problema oriundo de uma época anormal e que, portanto, só pode ser resolvido de uma forma especial.

Reconhecemos ainda, que esta recomendação, no caso de ser aceita pelas igrejas, deixa intata a soberania de cada uma delas, mesmo daquelas que excluíram ou receberam membros durante esta época por causa destas dificuldades.

Finalmente, recomendamos que tôda a cortesia seja restaurada e mantida de ora em diante em tôda a sua plenitude e por tôdas as igrejas, principalmente no sentido de conceder e receber cartas demissórias.

É nossa firme confiança que, se a presente recomendação fôr aceita, será isto um passo honroso que dará por findas as desinteligências havidas até agora.»

Êste documento foi enviado a tôdas as igrejas por mão de mensageiros especiais, juntamente com a recomendação da Convenção Batista Brasileira, pedindo-se que as igrejas respondessem o mais breve possível. Dias depois, reunia-se a Comissão novamente para ouvir os relatórios enviados pelas igrejas, verificando-se que 30 tinham aceito o pedido de confraternização e apoiado as Bases de Cooperação aceitas e recomendadas pela Convenção Batista Brasileira, umas 10 ou 12 fizeram restrições quanto à reconciliação de certos irmãos excluídos durante o movimento; e um pequeno número rejeitou *in limine* a proposta de pacificação. As que tinham feito restrições pertenciam à Convenção Regional bem como as que rejeitaram totalmente a proposta, e dentro de poucos dias, tanto umas como outras, abriram de nôvo fogo cerrado na velha questão, azedaram-se de nôvo os ânimos, e o que tanto se desejava — a paz — não chegou a vingar.

Daqui em diante oficializou-se a divisão, uma vez que até esta data todos confessavam que se esperava a Convenção Batista Brasileira para decidir a pendência e que sua voz seria acatada por todos. Eram agora duas as Convenções no Estado. Algumas igrejas que até esta data tinham cooperado com a Convenção Regional desligaram-se dela por terem aceito o acôrdo, vindo engrossar as fileiras da Convenção Pernambucana. Para a denominação batista em geral o movimento era uma questão liqüidada, e os irmãos e igrejas que preferiram continuar sepa-

rados, usaram apenas da liberdade que cada um tem de preferir o que melhor lhe pareça. Todavia, o sentimento geral foi desapontador, pois que ninguém supunha ser êste o desfêcho de uma Convenção tão notável como a de 1925. Seriam precisos mais 10 anos para cicatrizar as feridas abertas no acesso da luta. Foi isso que impediu o apaziguamento da família batista. Em 1935, como havemos de notar, sem qualquer esfôrço, sem mediação de qualquer agência de fora, tôdas as igrejas voltaram a se confraternizar, e algumas a cooperar mesmo.

Decidida a questão, cada lado virou-se para os seus próprios problemas. As igrejas da Convenção Pernambucana declararam sua fraternidade com tôdas as igrejas do Estado e continuaram como se nada mais restasse da luta. As da Convenção Regional procuraram recompor-se dos abalos recebidos pelo movimento pacificador e continuaram o seu programa como se a divisão nunca houvesse acabado. A mesma coisa se deu com as instituições. O colégio e seminário em cooperação com a Convenção batista brasileira abriram as suas aulas no tempo normal, e o Colégio Batista Brasileiro e o antigo Seminário da Convenção, agora naturalmente desligado dela, procuraram também continuar o trabalho sob a direção da Associação Batista Brasileira, tendo Mesquita se exonerado do cargo de diretor do Seminário e Escolas de Trabalhadoras Cristãs.

Em março, reaparece o *Correio Doutrinal* não mais como "orgão construtivo", mas como "órgão de doutrinamento cristão" sob o govêrno de uma comissão composta de professôres do seminário. *O Batista Regional* cedeu lugar ao *Batista Brasileiro* que de vez em quando vinha à luz.

Nos primeiros meses de 1926 voltou da América o antigo missionário D. L. Hamilton. Voltou por conta da Junta de Texas. Coube-lhe a tarefa de continuar com as instituições da Convenção Batista Regional, dando-lhes o resto dos seus dias e vigor. Mais tarde, muito doente, teve de voltar à sua terra, morrendo em boa idade e com bons serviços ao Brasil.

Durante 9 anos, de 1926-1935, continuaram as duas Convenções em Pernambuco, as duas na Bahia, e igrejas nos estados próximos cooperando com um e outro lado. Os chamados radicais organizaram a sua convenção geral com o nome de Associação Batista Brasileira e procuraram estender o trabalho a todo o Brasil, chegando a organizar uma igreja em Vitória, duas no Rio, uma em S. Paulo. Pouco a pouco foi morrendo o calor da contenda, e ambos os lados procuravam estender o Reino de Deus.

Pelos fins de 1935 eram claros os horizontes. Já se falava abertamente em harmonia, continuando cada lado com o seu

trabalho. A Associação Batista Brasileira dêste ano resolveu recomendar o restabelecimento da troca de cartas demissórias que em 1926 tinha deliberado recusar às igrejas da Convenção Pernambucana, bem como a permuta de púlpitos. Aquilo que não se tinha conseguido em 1926 com tanto esfôrço, veio naturalmente em 1936 sem esfôrço algum. O fator tempo bastou para resolver tudo. As "Novas Bases de Cooperação" votadas pela Convenção em 1936 abriram a porta à volta de tôdas as igrejas da Associação, sendo esta dissolvida, e restabelecida a harmonia entre os batistas do norte do Brasil.

SEÇÃO III

Missão do Sul — De Vitória ao Rio Grande do Sul

CAPíTULO XX

CAMPO VITORIENSE

Preâmbulo

O Campo Vitoriense continua desde o seu início com a mesma extensão territorial, salvo ligeiras modificações, tais como a passagem de Barra de Itabapoana e Bom Jesus para o Campo Fluminense, transferência esta ditada pelas conveniências do trabalho de parte a parte. Desde os primeiros anos êsse Campo missionário se prolongou para as regiões mineiras das zonas limítrofes, e essa não pequena região continua como parte integrante do Campo Vitoriense, pelo desejo das próprias igrejas ali existentes e porque os representantes do Campo Mineiro não acharam prudente a transferência quando se cogitou do assunto. Quer dizer que o Campo Vitoriense abrange assim todo o Estado do Espírito Santo, e, em Minas, umas 20 e poucas igrejas que se encontram nos municípios de Ipanema, Manhuaçu, Mutum, Aimorés e Caratinga, parcialmente ou totalmente, e ainda, possìvelmente, outros municípios.

Ali por 1910 eram bem escassas as fôrças evangélicas no Campo: o casal Reno, que como missionários tinham sob os seus cuidados a educação e a evangelização; Fernando V. Drummond, operoso pastor e evangelista estadual; Francisco José da Silva, o apóstolo do Estado do Espírito Santo; o evangelista Manoel Balbino Lannes e José Gonçalves de Aguiar; provàvelmente mais algum cujo nome nos escape. Poucos, na verdade, bem poucos para tanto trabalho. Em 25 de novembro de 1911 chegava um nôvo missionário para o evangelismo estadual, Dr. G. W. Kerschner, que pouco depois regressava à sua pátria. Poucos dias depois de Kerschner chegar a Vitória, também ali chegava o jovem Almir S. Gonçalves, que desde quase a sua conversão estivera em Cachoeiro do Itapemirim a reger uma escola primária paroquial e que agora, a convite do missionário Reno, ia ajudá-lo no Escritório e ao mesmo tempo iniciar o seu preparo. Era com êstes poucos elementos, todavia fiéis e abnegados, que se haveria de criar um trabalho dos mais bem organizados e eficientes. Reno teria de ser tudo: orientador, educador, evan-

gelista, etc., e foi essa feição de liderança e autoridade que lhe valeu o título de "bispo batista", com que alguns o mimosearam.

As igrejas existentes nesse tempo eram, salvo engano, Vitória, Rio Nôvo, Cachoeiro, Castelo, Esperança, Firme, Natal e José Pedro (hoje Ipanema), estas duas no Estado de Minas.

Evangelismo — Começamos o nosso estudo recordando o número de 8 igrejas com 488 membros e calculando em que atividades teriam de desdobrar-se os poucos obreiros, num meio assaz hostil, para evangelizar o Estado. Os principais centros de evangelização eram a Capital, Cachoeiro, Barra do Itapemirim, Barra de Itabapoana (Estado do Rio), Castelo e outros menos notáveis. Dêstes núcleos irradiava tôda a propaganda aguerrida, tendo à frente o missionário Reno, logo depois Kerschner, Fernando V. Drummond e alguns evangelistas voluntários. O evangelista Drummond visitava êsses pontos com a possível regularidade, uma vez por mês aproximadamente. Poucos obreiros, porém fiéis, supriram a carência de homens.

A visita do Dr. T. B. Ray ao Estado, em 1910, foi, como nos outros Campos, uma oportunidade de pôr em movimento as pequenas fôrças locais e salientar o valor do trabalho. Nos anos seguintes ainda podia perceber-se o valor da visita dêsse ilustre representante dos batistas norte-americanos.

No princípio de 1911 sofria o Campo uma perda sensível com a morte do abnegado obreiro Francisco José da Silva, que, residindo em José Pedro, Minas, veio a falecer em região longínqua, fora do lar, a saber, em Natal, no Município de Caratinga. Foi inhumado no pequeno cemitério da Igreja do mesmo nome. Convertido ao evangelho na Bahia, mudara-se logo depois para o Espírito Santo, onde fundou igrejas e congregações várias e descobriu alguns dos melhores obreiros atuais, razões por que a sua morte foi muito sentida.

O ano de 1912 correu sem anormalidade. O evangelista visitava com a possível regularidade as igrejas e congregações sem pastor, de maneira que se pode dizer que o trabalho estava bem cuidado. Reno por sua vez, sempre que lhe era possível viajava e nutria as igrejas com o doutrinamento e os conselhos de que muito necessitavam. Neste ano e no seguinte foi lançado um vasto programa de que *O Jornal Batista* de 1º de janeiro de 1914 deu a resenha: 5 obreiros mantidos no trabalho ativo, 7 escolas, 3 casas de culto construídas e 7 em construção, 38 escolas dominicais em diversos lugares, 3 institutos bíblicos, sociedades de senhoras, uniões da mocidade organizadas em vários lugares, 14 mil folhetos publicados e distribuídos, etc. Era uma vasta sementeira.

Esta febril atividade no trabalho do Senhor levou Reno a sentir a necessidade de descanso, e em novembro de 1916 par-

tia para sua terra natal. Enquanto êle vai descansar, os pastôres e evangelistas continuam a santa faina evangélica. Em Vitória, Almir S. Gonçalves, que desde 1911 vinha servindo como secretário particular do missionário, fazia, com José de Miranda Pinto e José Pinto Santos Neves, as vêzes da direção local. O irmão Almir S. Gonçalves, ganho pelo evangelho na sua juventude, tornou-se um elemento de real valor e prestígio no Campo, ocupando, no trabalho organizado, as posições mais salientes, vindo a ser convidado posteriormente para co-pastor da 1ª Igreja, lugar que ocupou por mais de um lustro até que foi convidado para seu pastor efetivo e eleito unânimemente em 31 de dezembro de 1929. Não se pode estudar o trabalho vitoriense sem incluir Almir Gonçalves. O evangelismo, a educação e a literatura cristã muito lhe devem.

Com a volta de Reno em 2 de novembro de 1917 e a vinda, de Jackson, da Bahia para Vitória em fins dêsse mesmo ano, o trabalho evangelístico sofreu um grande impulso. *O Jornal Batista* de janeiro de 1918 publicou um esbôço de programa em que, entre muitas outras escolas, estava incluída a iniciativa da fundação de escolas agrárias no Estado, iniciativa que, infelizmente, por circunstâncias imprevistas, não foi adiante. Todavia, o Dr. Day, engenheiro agrônomo da Leopoldina Railway, chegou a visitar neste sentido uma das convenções vitorienses, fazendo aí preleções sôbre o assunto. Dêsse vasto programa fazia parte a organização de uma instituição nos moldes da A.C.M., em Vitória, a qual chegou a ser organizada, transformando-se mais tarde numa associação de moços da 1ª Igreja, que ainda existe. Também fazia parte do plano a organização de escolas noturnas, e diversas chegaram a funcionar em Vitória e no interior.

Êste sistema federado de escolas estaduais com o Colégio de Vitória como padrão levaria, par a par com o evangelho, a luz da inteligência ao povo, contribuindo para o cultivo simétrico dos crentes em geral. Assim, enquanto o evangelho ia ganhando novos adeptos, as escolas os preparavam para as grandes atividades do futuro, de maneira que fôssem aproveitados os talentos que até ali tinham estado latentes na longa noite de ignorância e pecado. E assim, com um pequeno número de igrejas e mesmo com poucos obreiros, seria possível descobrir elementos com que o trabalho mais tarde viesse a contar para sua estabilidade e firmeza.

Foi por êsse tempo que se deu uma nova organização geral ao trabalho, que foi dividido em "associações distritais", à semelhança do que já se fazia nos Estados Unidos e mesmo no Estado do Rio. O Campo foi dividido em nove distritos ou zonas, cada qual com o seu centro, sua junta administrativa escolhida

pelas próprias igrejas do respectivo distrito. Estas juntas reunir-se-iam regularmente para estudo dos problemas locais: — evangelismo, educação e outros. Havia, além disso, a grande Junta Estadual, que tinha naquele tempo 25 ou 30 membros escolhidos de todo o Campo e cuja sede estava em Vitória.

Inegàvelmente essa norma administrativa haveria de dar excelentes resultados, salvo em alguns casos, pois distribuía as responsabilidades, criava sentimento próprio e aproveitava elementos que de outro modo provàvelmente não seriam utilizados. Era o treinamento em sustento próprio. Um grupo de igrejas pode fazer o que uma só não pode. No relatório do ano seguinte à Junta de Missões em Richmond, Reno louvava ardentemente os resultados da nova organização. (1)

Durante o ano de 1919 duas novas igrejas foram organizadas, perfazendo o total de 18 no Campo. Animados institutos se realizaram nos vários distritos.

Considerando-se as atividades evangelísticas nestes centros, as escolas paroquiais em vários pontos e as atividades em Vitória, mediante o Colégio, a Igreja e a sede do trabalho, bem podemos dizer que todo o trabalho ia bem.

A Grande Campanha Batista organizada para todo o Brasil como reflexo de movimento semelhante nos Estados Unidos por êsse tempo, ecoou mui favoràvelmente nesse Campo, de onde vieram ao Rio, para a reunião central do movimento, dois mensageiros. O Campo Vitoriense foi um dos mais ativos na realização do plano.

Em 1920 Reno considerava o Campo em sustento próprio, salvo as congregações em número de 70 e uns 100 pontos de pregação, que ainda necessitavam de ajuda.

Para prejuízo do trabalho o saudoso missionário E. A. Jackson deixou o Campo em julho de 1919 para ir tomar conta do trabalho em Mato Grosso, que estava sob os auspícios da Junta de Missões Nacionais.

A saída dêsse irmão, que tinha dado tanta promessa ao trabalho, foi grandemente sentida. Todavia, o bom número de obreiros no Campo amparava de maneira especial a situação.

Os lotes de terra a que já nos referimos algures e onde seria edificada a futura igreja, foram adquiridos em 1920. Mais ou menos pela mesma ocasião começaram as negociações de compra das propriedades da atual Chácara Batista, onde se acha instalado o Colégio Americano. Os edifícios do colégio e da igreja, respectivamente, são dos melhores e mais belos edifícios da capital capichaba.

---

(1)Foreign Mission Board Report, 1920, pág.226.

O crescimento do trabalho por tôda a parte e a deficiência de obreiros fêz que o trabalho evangelístico fôsse entregue com grande felicidade ao Pastor Almir S. Gonçalves, recém-consagrado, e que se tornou o Secretário de Evangelização do Campo. Com a organização levada a efeito em 1918, de associações distritais, cada qual com a sua junta regional e estas por seu turno relacionadas com a Junta Estadual, esperava-se que o trabalho prosseguisse admiràvelmente, e não houve equívoco nessa presunção, pois que em 1922 havia já no Campo 24 igrejas, quase tôdas pràticamente com sustento próprio.

Já por vêzes nos referimos à boa vontade do Govêrno do Estado para com os batistas, e disso é prova o que se passou em 1922. Várias municipalidades ofereceram auxílio financeiro aos batistas e o Govêrno Estadual continuava a oferecer seus préstimos, sendo mesmo votada, pelo Congresso Estadual, avultada importância para auxiliar a Missão na execução dos seus planos educativos, tornando-se necessário ao Dr. Reno não só recusar como bem explicar os motivos por que, segundo os princípios batistas, não lhe era possível aceitar a generosa dádiva.

Lisonjeiro era o progresso pelos fins dêsse período. O trabalho do Estado desenvolvia-se satisfatòriamente. Almir S. Gonçalves na Secretaria de Evangelização e L. M. Reno na de Educação, cooperavam harmoniosamente e o trabalho crescia. As igrejas sustentavam-se, bem ou mal, não dependendo, para sua existência, de auxílio de fora. Os dedicados pastôres e as suas igrejas procuravam atingir a meta de sua vocação, radicando-se no meio em que operavam. As 22 escolas paroquiais disseminadas pelo Estado como ramificações do sistema escolar de que o Colégio em Vitória era o tronco, estavam fazendo valioso trabalho educativo, servindo às igrejas e às suas comunidades. Seis colportores em atividade iam e vinham, espalhando a boa semente por todos os cantos. O evangelista geral, em cooperação com o Secretário de Evangelização não deixava que ficassem por muito tempo sem a devida assistência as igrejas e congregações sem pastôres. Era esta a invejável condição dos batistas vitorienses nessa ocasião. É verdade que o próximo período assiste ainda a grandes operosidades, pois nós não paramos e o trabalho não cessa de crescer, mas, sem dúvida alguma, o trabalho tinha atingido sensível desenvolvimento e lançara já fundas raízes.

CONVENÇÃO BATISTA ESTADUAL

A Convenção Estadual realizou a sua primeira reunião em 1909, em Vitória. Era, portanto, uma nova fase de trabalho, no comêço dêste período. Nasceu ela quando eram ainda bem po-

bres as condições gerais dos batistas capichabas, mas foi ela que assistiu a um desenvolvimento notável dentro de poucos anos, como órgão coordenador, que era, de todo o trabalho cooperativo.

Em 1910 reunia-se a segunda Convenção em Rio Nôvo, o grande centro de antigas perseguições e que agora já figurava entre os melhores centros evangélicos. A reunião coincidiu com a inauguração da casa de cultos nos dias 28 a 30 de janeiro. Estiveram presentes entre outros, o missionário Salomão L. Ginsburg, da Bahia, e que foi o presidente da Convenção, Benedito Profeta, de Vitória, e alguns outros irmãos, das igrejas, poucos em número. Eram poucas as igrejas e, além disso, nem tôdas mandaram mensageiros. Não obstante, a Convenção cuidou da evangelização, da educação e de outros ramos do trabalho, tendo pedido à Junta de Richmond que providenciasse a equiparação do Colégio do Rio. Telegrafou também ao Presidente da República e aos principais jornais do Rio, apelando para que fôsse feita legislação especial no sentido de acabar com o vêzo antigo, dos padres, de menoscabar do casamento civil. Nestas deliberações bem pode ver-se o "dedo do gigante", Salomão. Reno estava nessa ocasião nos Estados Unidos.

De 1910 a 1918 as reuniões convencionais não iam muito além de ajuntamentos coordenativos do trabalho normal, tendo havido anos em que não foi possível realizar-se a Convenção. Entretanto, de 1918 em diante avoluma-se o trabalho, com a volta do missionário Reno, de suas férias, e a entrada no trabalho do missionário E. A. Jackson e família. Inegàvelmente êste ano marcou época em todo o Brasil e bem poderíamos dar-lhe o favor de iniciar com êle um nôvo período da nossa *História*.

Nos dias 9 a 13 de janeiro de 1918 realizou-se em Vitória a grande Convenção Estadual dêsse ano. Foi nessa ocasião que se estudou o plano de escolas agrárias, tendo visitado a Convenção o Dr. Day, engenheiro da Leopoldina Railway, que fêz exposições sôbre o assunto.

Nessa Convenção acentuou-se carinhosamente o treinamento dos crentes nas doutrinas batistas, ventilaram-se vários problemas de evangelização e tomaram-se outras medidas de não pequeno alcance. A crônica publicada em *O Jornal Batista* de 24 de janeiro do mesmo ano dá-nos a impressão de animação, cultura e aproveitamento da reunião convencional.

Era, naturalmente, pelas suas condições estratégicas, muito mais fácil reunir essas convenções em Vitória que em qualquer outro ponto do Campo, razão por que quase tôdas estas reuniões anuais se efetuavam em Vitória, produzindo êste plano bons resultados, muito embora, pela falta devida de compreensão, tivesse soado mal a alguns, que nisso viam uma centralização do

trabalho numa determinada sede. Reno chamava à Vitória os representantes das igrejas e os obreiros, que, com visitantes vindos do Rio não só realizavam os trabalhos próprios de uma Convenção como ainda se levava a efeito trabalho de treinamento e cultura cristã, de modo que às convenções se misturava um pouco do elemento de instituto bíblico ou seminário. Reuniões estas, práticas, inspiradoras e educativas, e que foram de muita significação na solidificação da obra para o futuro.

Outros Trabalhos: Além de evangelização e educação, pouco mais podemos dizer do trabalho no Espírito Santo. Poderíamos mesmo dizer que outra atividade não houve no Estado além da evangelística, por isso que educação cristã não passa de "educação evangelística".

Há um ponto, todavia, que merece especial menção. É a atividade, embora indireta, do Campo Vitoriense na literatura batista. Efetivamente, embora não tenham sido ali editadas obras, ali foram, pelo menos, e continuam de algum modo a ser, preparados valiosos trabalhos para a utilidade da Causa. Da pena de L.M. Reno, de D. Alice W. Reno e de Almir S. Gonçalves saíram livros, folhetos e artigos, originais ou traduzidos, e que eram publicados na Casa Publicadora Batista. D. Alice foi por longos anos redatora da *Revista de Juniores* e Almir continuou, de longos anos a esta parte, a redatorar a *Revista de Intermediários*. Ali também se redatorou por algum tempo a *Revista da Mocidade Batista,* e foi em Vitória que renasceu o trabalho das Us.M.B. sob a inspiração de Reno e seus auxiliares. L.M. Reno foi um grande batalhador em prol da reorganização geral no Brasil, das Us.M.B. (2)

---

(2) Veja-se nota na página 421.

CAPÍTULO XXI

CAMPO FLUMINENSE

A situação do Campo Fluminense ou Campista, como era conhecido nessa época, geogràficamente falando, continuava como a deixamos no período anterior. A Baixada estava unida ao Campo do Rio de Janeiro; Minas continuava sendo servida em parte pelos obreiros do Estado do Rio e em parte pelos de Vitória.

Depreende-se fàcilmente a grandeza do trabalho e do Campo, tomando em consideração a insuficiência numérica de obreiros para atender a um estado quanto mais a dois.

As fôrças missionárias eram: D.F. Crosland, A.B. Christie, W. W. Canada. Os pastôres J. F. Lessa, Kleber Martins, A. Campos, Joaquim Coelho dos Santos, Alfredo Reis, Carlos de Mendonça, Manoel de Brito, Corindiba de Carvalho e vários cooperadores que eram usados como evangelistas e colportores.

EVANGELISMO

O trabalho batista desenvolvia-se ao longo de várias frentes, se quisermos usar de linguagem bélica. Neste tempo, porém, a primazia era dada ao evangelismo, pois que nem mesmo colégio possuíam os irmãos fluminenses. A época era mesmo evangelística e os crentes tinham de ser ativos. Eram tempos de dura prova e quem não estivesse disposto a jogar a vida nas pugnas, teria de retirar-se do campo. Isso era verdade tanto com os obreiros pròpriamente ditos como com os crentes em geral. A entrada do evangelho numa cidade, vila ou lugarejo, era, invariàvelmente, acompanhada de episódios em que se punha à prova o destemor e consagração dos crentes. Eram tempos heróicos!

As 17 igrejas do campo, distribuídas pelos principais centros, eram colunas avançadas do evangelismo, enquanto as congregações, em número três vêzes maior, prometiam para breves anos outras tantas igrejas. Era, em linhas gerais, esta a situação dos irmãos fluminenses.

Com êste admirável número de igrejas e um bom pugilo de obreiros já afeitos às lides evangélicas, podemos prognosticar para o campo um grande triunfo. As organizações eram ainda rudimentares, mas dentro de pouco seriam postas em condições de bem servirem às maiores necessidades do trabalho geral.

Como já notamos, continuavam os irmãos campistas a ajudar o Estado de Minas Gerais, mantendo lá alguns de seus trabalhadores. Conjugavam assim seus esforços juntamente com

o Campo Vitoriense para que aquêle estado não continuasse abandonado pelos batistas.

Em 1911, por ocasião da Convenção Batista Brasileira, reunida em Campos, foi a situação do trabalho mineiro estudada carinhosamente. A Missão do Sul reuniu-se ali por alguns de seus membros mais representativos e depois de várias considerações sôbre a mudança para Minas, do missionário D.F. Crosland, foi votada a mudança. Richmond concordou, e pelos fins dêste mesmo ano fazia êste irmão a mudança com grande alegria para todos. Com o nôvo campo ficaram cooperando os pastôres Antônio Rodrigues Maia, que por todos êstes anos tem trabalhado em Minas, Antônio Costa Júnior e Joaquim Alves Pinheiro. Era mais um campo que nascia do progresso da Causa e reajustava uma situação transitória até aqui.

Uma sensível perda teve o Campo Fluminense com a saída de Canada que se tinha dedicado à educação, à frente do Instituto Batista Fluminense, fundado a 11 de janeiro de 1910 na cidade de Nova Friburgo. Desencaixotando sua bagagem, teve a infelicidade de ser atingido numa vista por uma farpa de aço, ficando incapacitado para o trabalho. Foi à sua terra em busca de melhoras, mas, como estas não viessem, teve de apresentar o pedido de exoneração à sua Junta em 1912. Naturalmente alguém deveria ir tomar o lugar vago e ninguém melhor que A. B. Christie que se mudou com a família para Friburgo.

Na quarta reunião da Associação Batista Fluminense reunida em Pádua a 7 e 8 de janeiro de 1910 foi eleita uma comissão para dar parecer sôbre a criação da "Junta Missionária" cuja finalidade seria recolher e distribuir as contribuições das igrejas para os vários fins evangelísticos. Na 5ª reunião em Bom Jardim, esta comissão apresentou seu relatório, sendo eleita a desejada Junta, composta dos irmãos J. F. Lessa, Alfredo Reis, Carlos de Mendonça, Kleber Martins, Joaquim Coelho e Leonel Eyer, recebendo o nome de Junta Missionária Estadual. [1] Com esta iniciativa ficaram perfeitamente distribuídas as funções dos missionários e pastôres. Escrevendo à Junta de Richmond, dizia o missionário Christie: "Crendo na possibilidade e dever dos nativos dirigirem o trabalho, organizamos uma Junta para dirigir e se responsabilizar pelo trabalho. Tem sido um sucesso. Por êste arranjo, o missionário não recebe um vintém das igrejas (dos nativos) e do mesmo modo os nativos não manejam o dinheiro que vem da Junta de Missões de Richmond. Nisto tem havido a mais íntima harmonia". [2]

Podemos, pois, inferir da sorte futura do trabalho fluminense, em vista dêste passo. Entretanto, esta confiança consoli-

---

(1) Subsídios para a História dos Batistas, C. Fluminense, pág. 78.
(2) Foreign Mission Board Report, 1912.

da-se pelas próprias informações que temos do trabalho geral. De ano em ano novas igrejas sempre fundadas na base anteriormente estabelecida de que nenhuma igreja seria organizada sem poder sustentar-se com seus próprios recursos.

Possìvelmente impulsionados por êste espírito, foram os irmãos fluminenses levados a usarem de medidas algo exageradas no tocante ao sustento próprio, votando a Convenção de 1911 que a "igreja que não se sustentasse não poderia enviar mensageiros às convenções".

O número de igrejas aumentava de 5 em média por ano. Em 1912 foram organizadas 6 e nos anos seguintes êste número foi respeitado com tendências para mais.

Todo êste progresso geraria muito naturalmente alguns problemas, notadamente pela falta de obreiros para cuidarem das numerosas igrejas. Foi assim que em 1915 o campo lutava com o fenômeno natural de carência doutrinária. As igrejas tinham de conjugar seus esforços para que fôssem educadas nos grandes princípios da fé, e nos variados deveres eclesiásticos. Por isso lançaram mão de pregadores leigos, havendo neste ano 27.

O progresso numérico das igrejas era acompanhado com o da aquisição de casas de culto. Ao mesmo tempo que se organizava uma igreja, providenciava-se logo para que tivesse sua própria casa. Por exemplo, as 5 igrejas organizadas em 1911, tôdas tinham casa própria, e em 1915 bem poucas pagavam aluguel. Duas coisas notáveis: sustento próprio e casa própria. Em 1916 foram organizadas 7 novas igrejas e, destas, 4 tinham casas próprias e tôdas sustentavam o seu trabalho sem auxílio de fora.

"Em 1911 foram lançados planos, contemplando o futuro, e em 1916 bons resultados tinham sido alcançados. Êstes planos visavam o sustento próprio em tôdas as igrejas, um grande número de novas organizações e pastôres nacionais..." (3) Era êste o relatório enviado à Junta pelo missionário Christie. Das 33 igrejas do campo em 1916, 28 não recebiam auxílio de fora para seu sustento.

Em tudo, estava o Estado do Rio bem servido, menos em número de missionários que eram grandemente necessários. Em julho de 1916, J. Mein, deixou a gerência da Casa Publicadora e foi para Campos dirigir o Colégio. Não ficou lá por muitos anos, mas durante o tempo que estêve no estado não só dirigiu o Colégio, mas tomou parte saliente na evangelização. Poderíamos considerar terminada a primeira fase dêste período em 1917, tanto do ponto de vista da expansão como da organização, e concluir por afirmar de nôvo que a segunda fase (1918-1925) seria ainda mais gloriosa, se não pelo aumento numé-

---

(3) Foreign Mission Board Report, 1917.

rico de igrejas, que não obstante continuou sendo animador, pelo menos no fortalecimento dos trabalhos estabelecidos. As diretrizes do trabalho estavam estabelecidas. Cada qual, missionário ou brasileiro, cuidava do seu trabalho sem perder sono, pensando no dos outros. Os laços de camaradagem, afigura-se-nos, eram os mais estreitos possíveis, e a visão do futuro a todos empolgava. Olhamos as atas das convenções, os relatórios enviados a Richmond, as notícias do *Escudeiro* e ouvimos os ecos que nos vêm daqueles dias pela confissão dos que ainda vivem, e, de todo êsse conjunto. Vê-se que o Estado do Rio se desenvolvia maravilhosamente no evangelho.

A primeira etapa dêste período termina também por um natural reajustamento evangélico-cooperativo. As igrejas que cooperavam com a Associação Batista do Rio de Janeiro uniramse à Associação Fluminense, e desta combinação o campo recebeu mais nove igrejas. Niterói, Maricá, Sapucaia, Barra do Piraí, Entre-Rios, Valença, Aparecida, Paraíba do Sul e Barão de Aquino.

Com esta aquisição ficou o Campo Fluminense com 46 igrejas e com alguns outros obreiros de valor que muito iriam influir na vida batista do estado.

A ida do Dr. L. M. Bratcher para Campos, em 1918, para assumir a direção do Colégio, a fim de libertar o Dr. Mein para a evangelização, deve ser considerada um grande acontecimento para o trabalho do estado. Se bem que pouco tempo Mein ficasse no estado, porque em 1920, depois das férias, êle se muda para Maceió, assim mesmo êstes dois anos foram de grande valor, especialmente por causa da extensão territorial do trabalho.

A falta de relatórios enviados à Junta de Richmond, em 1919, deixa-nos um tanto vago o trabalho dêstes anos, mas pela informação que temos noutras fontes o trabalho progredia admiràvelmente. Não passava ano sem que novas igrejas surgissem, obedecendo tôdas ao velho plano de sustento próprio, que se ia realizando na medida do possível.

Em 1921, já havia no campo 60 igrejas. Era o maior Campo Batista no Brasil. Naturalmente compreende-se que juntamente com o progresso na organização de igrejas corressem outros problemas correlatos, como escolas dominicais, escolas anexas, etc., para não mencionar, nesta altura, o Hospital Batista que entrava nas cogitações dos batistas. Para ter-se uma idéia do contínuo progresso do trabalho, basta considerar que a média da organização anual de igrejas ùltimamente era de 4, havendo em 1922, 64 igrejas com 7.101 membros, 228 pontos de pregação, 100 escolas dominicais, 15 escolas diárias com 888 alunos

e uma contribuição de 284 contos, sabendo-se que todo êste trabalho era sustentado exclusivamente pelas igrejas do Campo. (4)

Não era sòmente no campo evangelístico que o trabalho se desenvolvia como já temos notado. Das 67 igrejas, em 1923, 62 tinham casas de culto no valor de 753 contos, sendo que de todos êstes edifícios sòmente dois receberam algum auxílio da Junta de Richmond. (5)

In Memoriam. Pastor Leonel Eyer. O Pastor Leonel Eyer, um dos primeiros obreiros do Estado do Rio, fundador de colégios naquele campo, foi encarregado pelos batistas fluminenses de promover o levantamento de recursos para a fundação do Hospital Batista. Evangelizando e propugnando pelo ideal que animava os irmãos do estado, veio ser colhido pela morte antes de ver consolidada a obra a que dera boa parte de sua vida.

A Sociedade Construtora que muito tinha concorrido para estas edificações, a Sociedade Beneficente para auxílio dos pastôres velhos, o trabalho dividido em Associações Regionais entrosando na Convenção Fluminense, tudo isto havia de redundar no admirável trabalho dos irmãos fluminenses.

O período termina, deixando o Estado do Rio no mais franco desenvolvimento e gozando de ótima harmonia entre todos os elementos cooperantes. As 78 igrejas espalhadas por todo o território, 8.255 crentes batizados, 241 pontos de pregação prometendo para breve outras igrejas, 32 pastôres e 16 evangelistas completamente ocupados nesse grande trabalho, 63 edifícios próprios, tudo junto, poderia bem ser considerado como a maior vitória ganha pelos batistas no Brasil num setor de suas variadas atividades.

ASSOCIAÇÃO BATISTA FLUMINENSE

Segundo a praxe, a Associação visitava de ano em ano os grandes e pequenos centros batistas. Crê-se, e com fundadas razões, que as convenções trazem certo brilho ao lugar que visitam. Ali vão os elementos mais representativos, e o vulgo, que nada sabe de nós, tem que admirar os nossos oradores, o nosso número, programa e influência.

Em 1910, reunia-se ela em Pádua, notável cidade, sendo seu presidente o irmão Alfredo Reis. Os assuntos giravam em tôrno do sustento dos obreiros, e do dever e oportunidade de as igrejas escolherem os ditos obreiros. Puxado por êstes assuntos, veio naturalmente o sustento próprio. A tal ponto foi levado êste espírito que o Pastor Lessa propôs e foi aceito que

(4) **Foreign Mission Board Report, 1923.**
(5) **Idem, 1924.**

a igreja que não tivesse sustento próprio, em 1911, não poderia enviar mensageiros à Associação. Foi nesta altura que se nomeou a comissão para dar parecer sôbre a criação da Junta Missionária. Não ficou esquecida a educação, discutindo-se os métodos e a extensão.

A Convenção do ano seguinte mudou um pouco a nota de evangelismo para tornar a Convenção mais intelectual. É que estiveram presentes, idos do Rio, Shepard e Entzminger que naturalmente encaminhariam a discussão para o terreno educativo e literário. O Estado do Rio não tinha trabalho educativo de vulto, como não se preocupava com a produção de literatura, visto que o Rio próximo se encarregava de preencher essas lacunas. Êste mesmo tom se verificou ainda na Convenção seguinte, em que também estiveram representantes das instituições do Rio.

Nas convenções, até esta data, simples em seus programas, podia notar-se a preocupação exclusiva de evangelizar. Da Convenção de 1913 em diante as sessões tornam-se elaboradas com um pesado mecanismo de comissões para atender a vários trabalhos que até aqui estavam afetos ùnicamente à Junta de Evangelização. Além da preocupação de cuidar melhor das Escolas Dominicais, Educação e Missões (fora do estado), os batistas continuavam de vistas viradas para a evangelização do estado. Clamavam por mais obreiros e como prepará-los, e para atingir êste desiderato chegaram a aconselhar a abertura de escolas por tôda a parte para que elas fôssem descobrindo os futuros pregadores. Preocupava-os também, a êste tempo, o seu futuro hospital que dentro de poucos anos ocupou êstes irmãos de um modo notável.

O trabalho crescia em condições favoráveis. A União das Senhoras, criada em 1913, ao que parece, ia-se tornando uma leal cooperadora da Convenção e se havia problemas no campo eram de natureza evangelística.

Na reunião de 1918, em Campos, o trabalho tomou um nôvo impulso com a vinda das nove igrejas que até aqui tinham estado unidas à Convenção do Rio de Janeiro.

Se 1918 foi notável, não o foi menos 1920. Além dos grandes problemas evangelísticos e beneficentes que vinham absorvendo as atividades dêstes irmãos, apareceram outros de não pequena monta, a Grande Campanha Batista e a Junta Patrimonial do Sul do Brasil. Presente estêve o Dr. Watson que falou sôbre êste último empreendimento.

Os batistas do Estado do Rio já tinham a sua organização construtora e continuaram com ela, mas dadas as superioridades financeiras da Patrimonial, seria a esta nova organização que iria competir a grande tarefa de construir os templos para

o serviço do Senhor, sempre que a Associação Estadual não o pudesse fazer.

Niterói, em templo nôvo, recebeu a Associação em 1921. Pela proximidade do Rio lá estiveram vários missionários que levaram aos irmãos fluminenses os planos de cooperação nacional. A Grande Campanha Batista que agitava todo o Brasil mereceu alguns discursos, a favor e contra. [6]

Outro problema que agitou o plenário foi a sorte dos pastôres e de suas famílias em caso de morte. Não é de hoje que os batistas em vários lugares se preocupam com o problema que um dia será resolvido com mais amplitude, se bem que algo já se tenha feito. [7]

Para desenvolver êste trabalho, foi nomeada uma comissão composta de irmãos dedicados, à qual ficou afeto o desenvolvimento do trabalho de beneficência.

Já notamos que o Hospital Batista vinha de contínuo preocupando os batistas, e agora outro problema beneficente os agita.

Também a História do Campo preocupava os crentes. Além disso a mocidade ocupava agora um nôvo lugar nas atividades gerais.

De 1923 em diante, como que se estabilizam as iniciativas dos anos anteriores. O hospital chegava ao seu clímax no tocante à propaganda e estabelecimento. As várias comissões ou juntas ficaram subordinadas à Junta Estadual. Os Estatutos foram reformados para se adotarem à nova situação. Os obreiros, já em grande número, e alguns dêles saídos do Seminário, viviam unidos em tôrno do seu grande programa. Os problemas eram resolvidos dentro de um ambiente de cordialidade e altruísmo admiráveis.

HOSPITAL BATISTA

A 19 de julho de 1925 foi inaugurado o Hospital Batista em Niterói. Foi, sem dúvida, um acontecimento, pois que era o segundo hospital evangélico no Brasil e em tôda a América do Sul. Nas despesas de sua instalação foram gastos muitos contos de réis exclusivamente levantados pelos batistas no Estado do Rio. A história futura desta instituição poderia revelar um fracasso da iniciativa, mas qualquer que seja o juízo que se tiver ao passar sôbre ela, ninguém poderá recusar que os batistas fluminenses eram nestes dias, um grupo abnegado e de vasto programa

---

(6) Lessa fêz um discurso sôbre os prejuízos da Campanha, Avelino falou a favor e, depois de longos debates, prevaleceu o ponto de vista de que a Campanha trazia às igrejas muitas bênçãos.

(7) Ao serem escritas estas notas ainda não tinha tomado o impulso que tomou em 1938 e 1939, a Junta de Beneficência.

com iniciativas além de qualquer comparação. Naturalmente os pesados compromissos assumidos custaram anos de imensos sacrifícios e não poucos sobressaltos, porque um hospital não se sustenta com facilidade, sendo talvez a iniciativa de mais problemáticos resultados, pois que, não obstante não faltarem doentes, nem sempre êstes podem pagar, e as despesas não esperam por enfermos endinheirados. Foi assim que o hospital teve de fechar anos depois, mas ficou a idéia para mostrar o arrôjo dos batistas, cujo louvor, por esta e por outras grandes iniciativas, não desejamos ocultar. A História no Brasil está cheia dêsses lances de heroísmo!

Ao lado do Hospital era mantida a Caixa de Pecúlios em duas séries para os benefícios dos crentes em geral, especialmente de pastôres, trabalho que tem sido mantido durante os últimos anos com geral aceitação. Por meio de módicas contribuições para a formação de pecúlios, todos os crentes associados podem legar um pecúlio para os seus descendentes.

Já mencionamos ligeiramente a tentativa de oferecer aos pastôres por sua morte um pecúlio que chegou a ser calculado em Cr$ 10.000,00, reconhecendo que, dando êstes homens a sua vida ao trabalho do evangelho e, portanto, impossibilitados de agenciarem, como os outros, a formação de quaisquer reservas materiais aos seus, cabia às igrejas êste dever. Com a entrada, no Campo Batista, da Junta de Beneficência, foi cessada esta atividade no Estado do Rio, dando-se tôda a cooperação à nova Junta. Quase todos os pastôres se inscreveram, mostrando destarte o interêsse criado em tôrno do problema da beneficência. Ao irmão Joaquim Rosa coube uma boa parcela das atividades neste trabalho particular.

CAPÍTULO XXII

CAMPO DO RIO DE JANEIRO

O Rio de Janeiro, grande centro batista desde 1907, com as suas magníficas instituições, sede da Missão Batista do Sul, então capital da República, tinha credenciais para ser um dos mais bem servidos campos batistas do Brasil. Entretanto, se tomarmos em consideração as várias atividades cooperativas que tinham sua sede na capital, podemos dizer que não tinha muitos trabalhadores. Quatro casais de missionários e Maddox dedicado ao evangelismo; Entzminger, diretor da Casa Publicadora; Shepard e Langston, dedicados ao Colégio e Seminário. Os pregadores brasileiros eram: F. F. Soren, pastor, Américo Sena, Roberto de Azevedo, Alonso Fernandes Silva, Joaquim Mariano Pereira, Ernesto Araújo, evangelistas. (1)

As igrejas eram: A Primeira do Rio, Engenho de Dentro, Ilha do Governador, no então Distrito Federal. No Estado do Rio: Paraíba do Sul, Anta, Sapucaia, Valença, Barão de Aquino, Niterói e uma outra que não pudemos identificar. O número de crentes era de 1.019.

Vê-se bem que o Rio de Janeiro era mais pobre em trabalhadores que alguns dos outros estados.

EVANGELISMO

Parte do Estado do Rio continuava unido ao então Distrito Federal, pela proximidade, ficando as restantes igrejas daquele estado unidas à Convenção Batista Fluminense. Dos obreiros entregues ao evangelismo, Soren e Maddox eram os únicos bem preparados, uma vez que os outros tinham poucas letras. Como Sec. Correspondente atuava Maddox e, na sua ausência, Soren.

Tomando em consideração a grande capital e a boa parte do estado próximo, tudo pràticamente por evangelizar, cremos que os nossos irmãos daqueles dias tinham de trabalhar por muitos. No meio dessa pobreza de trabalhadores, o campo tinha os seus sérios problemas. Com o cisma que se deu na Igreja de Engenho de Dentro anos antes, algumas igrejas cortaram suas relações com as demais e alguns obreiros foram sacrificados para o trabalho harmônico e cooperativo. Felizmente, no princípio dêste período, as coisas estavam voltando à normalidade.

---

(1) Êstes dados tiramo-los da Estatística de 1911.

Escrevendo à sua Junta em Richmond assim se expressa Entzminger: "O ano de 1910 tem sido coroado de ricas bênçãos dos céus na Estação do Rio... A Igreja em Santa Cruz, que voltou à Missão há um ano mais ou menos, tem se mostrado digna e fiel... Também a Igreja de Pião se reconciliou com a Missão em novembro passado, e está alegre e feliz. Há quatro anos passados estas igrejas foram levadas numa revolta. Tôdas têm voltado e poucos (crentes) estão espalhados fora do campo." [2]

Podemos ver assim que 1910 começa bem para o Rio, recompondo-se dos estragos feitos em 1906, com um pequeno cisma batista.

Em 1910, Maddox fêz cinco viagens e em 1911 quatro. Em tôdas elas realizava batismos e doutrinava os crentes. Estas viagens eram uma espécie de circuito missionário em que tôdas as igrejas eram contempladas. Gastava de dez a quinze dias em cada uma. Naturalmente alguns obreiros iam cuidando do trabalho na ausência do Secretário Correspondente. Em fins de novembro de 1911 mais duas igrejas surgiram: Catumbi e Madureira.

Em 1 de janeiro de 1912 era lançada a pedra fundamental do templo da Igreja do Engenho de Dentro. Era a primeira casa própria de cultos, nesta cidade. Por isso o acontecimento foi realizado entre festas e flôres, falando vários oradores. A inauguração foi planejada para junho seguinte, se bem que houvesse dúvidas, por falta de recursos para completar a obra. Foi de fato solenemente dedicado ao Senhor o primeiro templo próprio, no dia 12 de junho dêsse mesmo ano, e que durante muitos anos têm testemunhado do florescimento do trabalho na metrópole brasileira.

Daqui em diante o trabalho avança. Começam a chegar os primeiros seminaristas vindos do novel Seminário, sendo, ao que parece, o primeiro, Américo Sena, consagrado em agôsto de 1912. Outros foram chegando e com êles um melhor cuidado para o trabalho.

No Estado do Rio iam-se operando maravilhas. Novas igrejas iam surgindo entre as montanhas, cada qual mais agressiva contra o pecado.

Em outubro de 1913 foi criada a União dos Pastôres Batistas, sendo eleito presidente o missionário Salomão Ginsburg. Propunha-se, como é praxe, a coordenar as fôrças evangelísticas e manter unidos os obreiros em tôrno de um mesmo programa.

Parte de 1913 gastou-a Maddox em férias, ficando Soren servindo como secretário do campo. Nesse tempo já as fôrças

(2) **Foreign Mission Board Report, 1911.**

batistas tinham melhorado com a vinda de J.J. Taylor, de S. Paulo para o Seminário, J. Piani para o Colégio e a Igreja de Catumbi. Êstes elementos notáveis tinham desafogado os poucos obreiros de 1910. O trabalho estende-se, as igrejas desenvolvem-se, sentindo-se subirem os andares dêsse majestoso edifício que nós hoje contemplamos. Já havia nesse ano 13 igrejas com 1.450 membros. A Igreja de Niterói já possuía o terreno onde seria edificado o templo, e a Primeira tinha alargado o salão para acomodar os crentes. Uma necessidade continuava sendo sensível: a falta de casas de culto. Nesse sentido os missionários dirigiam tocantes apelos à sua Junta, apelos que não tinham resposta, por falta de meios.

O ano de 1914 assiste a um grande desenvolvimento. Novos métodos e mais eficientes organizações tinham sido postos em movimento, graças também aos novos obreiros chegados; S. L. Watson, S. L. Ginsburg, J. Mein, Miss Ruth Randall e Miss Annie Thomas eram os novos combatentes nas fileiras do Rio de Janeiro. Juntos aos já existentes, podemos ver que não era demais esperar-se um trabalho triplicado. O número de 365 batismos no campo indica que tudo corria bem.

Em 1914 havia 16 igrejas. Muitas delas tinham sido levadas a organizar escolas diárias e isso tinha influenciado sobremodo os descrentes. Nota-se que os crentes passam a ser sentidos e o seu trabalho a tornar-se notável. O Colégio muito teria contribuído para isso. O trabalho de escolas dominicais era simplesmente animador.

Maddox continua como secretário do campo e nessa capacidade serve tanto ao Rio pròpriamente como ao Estado do Rio.

Passa-se assim 1916 sob o entusiasmo que as novas conquistas tinham ganho. Bem servidos o Colégio e a Casa Publicadora, com seus novos edifícios, obreiros novos e bem preparados, ia fornecendo o Seminário admiráveis contingentes que se iam infiltrando pelo interior.

O Seminário que tinha concorrido extraordinàriamente para a formação intelectual do ministério batista e que tinha enviado os seus alunos a várias partes do Sul do Brasil vê dois dêles assumirem a direção das duas maiores igrejas do campo, exceto a Primeira. R. Pitrowsky tinha ido trabalhar no Sul da Bahia, e de lá foi chamado ao pastorado da Igreja do Engenho de Dentro, em 16 de setembro de 1917. Manoel Avelino de Souza, antes de acabar o curso, também foi chamado ao pastorado da Igreja de Niterói, ali pelo mês de setembro do mesmo ano.

Maddox, que por tantos anos tinha servido a êste campo, teve de retirar-se para Minas por motivo de moléstia em pessoa da família. Com esta saída as igrejas do Estado do Rio, que ti-

nham estado unidas a êste campo, passaram à Associação Batista Fluminense, ficando o Rio com as 10 igrejas do então Distrito Federal.

O ano de 1918 nada de notável apresenta. O número de igrejas era menor e por isso os cuidados seriam menores também. Não podemos saber quem ficou no lugar de Maddox, como secretário do campo.

Inegàvelmente o ano de 1918 termina para o Rio de Janeiro a primeira etapa dêste período. Com a união das igrejas da Baixada ao Campo Fluminense, outros teriam de ser os métodos e o curso a seguir nos anos futuros. Isso mesmo reconheciam os trabalhadores daqueles dias. Entzminger, referindo-se à nova situação, escrevia à Junta de Richmond: "Para fazer face à nova situação criada com a saída de Maddox, foi decidido reconstituir a Associação do Rio em diferentes bases e utilizar todos os recursos disponíveis. As sete igrejas do interior uniram-se ao Campo Fluminense e o Rio ficou limitado às 10 igrejas do então Distrito Federal. O escritor (Entzminger) foi eleito presidente da nova organização." ([3])

Assim que as atividades no Rio de Janeiro deveriam ser daqui em diante muito mais intensas e minuciosas. Pelas atas das convenções seguintes nota-se claramente esta intensidade de ação, às vêzes com tendências para o hipertrofiamento de que mal se puderam libertar.

Entre as muitas atividades assim contempladas, com a evangelização em primeiro plano, foi em 1918 delineada a criação do Orfanato Batista do então D.F. que anos depois entrou a ser uma das instituições mais queridas dos batistas cariocas.

Entre 1918-1920 foram organizadas mais 4 igrejas, enquanto que os pontos de pregação se multiplicavam por tôda a cidade. Daí veio êsse bom número de igrejas que os batistas contemplam nesta época. O ano de 1920 foi em muitos sentidos favorável ao Rio de Janeiro, especialmente no tocante a propriedades, da mesma forma que foi favorável a S. Paulo com a compra do terreno para o Colégio, a Minas com a compra de grandes áreas e também em Vitória, onde foram comprados os primeiros lotes. Estas aquisições davam importância ao trabalho e criavam o sentimento da grandeza que não deixava de influir no ânimo do povo. Assim deliberaram os obreiros incentivar o sustento próprio nas igrejas, obter maior número de pastôres, entregar a alguns seminaristas, pontos de pregação, abrir novas escolas paroquiais, incentivar as escolas dominicais com os novos métodos e literatura agora em uso. A chegada de J. J. Cowsert e família, que vieram dedicar-se em boa parte à evangelização, foi uma boa ajuda ao trabalho.

---

(3) Foreign Mission Board Report, 1919.

Revendo os relatórios enviados à Junta de Richmond e as muitas notícias d'*O Jornal Batista* tem-se a impressão de uma grande cruzada no Rio de Janeiro. Em 1921 já havia 15 igrejas, o que significava terem-se organizado em três anos cinco novas igrejas. Os novos missionários recém-chegados, entre outros o casal A. R. Crabtree, certamente vieram incrementar as atividades.

Não podemos de todo ignorar a celebração do centenário da Independência do Brasil no ano de 1922. Para todo o Brasil batista foi uma grande oportunidade êste acontecimento nacional. mas especialmente para o Rio de Janeiro. A exposição que fizemos por essa ocasião do nosso trabalho por meio de fotografias, literatura, conferências e outras maneiras foi o meio de nos colocarmos em contato com o meio. Salomão foi escolhido para diretor da propaganda e informações na Exposição Geral e nós sabemos como êle saberia aproveitar a ocasião para dar aos milhares de visitantes uma impressão do nosso trabalho. *O Jornal Batista* deu uma edição de 104 páginas onde, além de históricos do trabalho nos vários campos do Brasil, havia fotografias de templos, obreiros, colégios e mil outras informações úteis e preciosas. Quem assistiu a êsses admiráveis repositórios do trabalho batista teve a inconfundível impressão de que nós éramos naqueles dias um povo de vida própria, com um programa glorioso e de que se poderia orgulhar qualquer geração.

O trabalho continuava a crescer. Em 1922 foram organizadas mais três igrejas, fazendo o total de 18, estando à frente do evangelismo, como secretário, o irmão J. J. Cowsert que se ia desobrigando a contento da pesada tarefa. Sentia-se que a falta de pastôres para um trabalho crescente era cada vez maior.

A "Grande Campanha" de que falamos noutro capítulo continuava a entusiasmar os batistas por todo o Brasil e, como o Rio era a sede do movimento no Sul, teriam os batistas desta cidade de sentir mais de perto a sua grande influência. Adrião Bernardo fêz uma ou mais visitas ao Rio, demorando por algum tempo, pregando nas igrejas e procurando alistar a todos na causa da salvação do Brasil.

A ENTÃO CONVENÇÃO BATISTA FEDERAL

Naturalmente a Convenção do então Distrito Federal deveria ter um papel bem relevante na vida batista carioca. Centro de cultura batista do país, para ali deveriam convergir os melhores e mais abalizados elementos. A Convenção teria de refletir êste estado de coisas e assim foi.

A Convenção do então D.F. começou a sua existência mais ou menos nos moldes da Convenção Batista Brasileira. Cada fase

de trabalho tinha a sua Junta, de maneira que a Associação, como era chamada nesse tempo, vivia pejada de juntas que, não tendo o que fazer pela pequenez comparativa do trabalho, não se reuniam muitas vêzes. Assim o primeiro esfôrço da Convenção em 1910 foi aliviá-la de uma parte da carga, reformando os Estatutos de maneira que a Associação pudesse ter caráter mais inspirativo. Todos pensavam que daqui em diante a situação se modificaria.

Aí por 1914 nota-se um certo movimento no sentido de avivar a Convenção. A "carga ao mar", em 1910, tinha aliviado um pouco a Convenção, mas atribuía-se ainda ao pesado mecanismo a causa da pequena influência ou interêsse que ela exercia. Piani e J.J. Taylor parece que ajudaram a melhorar as coisas, mas logo no ano seguinte, mesmo sem se modificarem os Estatutos, foi novamente retomado o costume de se elegerem juntas, havendo neste ano umas seis, incluindo a Diretoria que era a Junta Estadual de evangelização. Logo se convenceram de que não daria muito certo a emenda e no ano seguinte dissolveram as juntas e elegeram uma Diretoria que se encarregaria de dirigir todo o trabalho juntamente com um "Conselho" de 10 irmãos, a que chamaríamos hoje vogais da Diretoria.

O problema das construções de casas de cultos afligia os crentes e para resolver o assunto foi criada uma junta nos moldes da Patrimonial do Norte.

Na Convenção de 1917, nova tentativa foi feita para melhorar as reuniões. Dr. Miranda Pinto alvitrou um escritório central que recebesse tôdas as informações e expedisse todos os conselhos de modo a animar as igrejas. Ao mesmo tempo decidia-se que daí em diante a Associação seria denominada "Associação de Igrejas", pois assim estas se interessariam mais por ela. Foi um êrro de observação. Mais tarde, em 1934, deu trabalho para se fazer voltar a Associação ao que ela sempre deveria ter sido, simples ajuntamento de mensageiros das igrejas e nada mais.

Durante os anos seguintes, continuou-se a notar como até aqui que alguma coisa emperrava a marcha da Convenção e de ano em ano eram alvitrados meios de pôr o trabalho em marcha segura. Finalmente, em 1922, todos estavam convencidos de que, entre outras coisas, se impunha a medida de aliviar de uma vez o mecanismo convencional, simplificando-o. Assim foi resolvido que em lugar de várias juntas houvesse uma só, com o nome de JUNTA EXECUTIVA da então Convenção Batista Federal e que a ela ficassem afetos todos os trabalhos dos batistas no então Distrito Federal. Os Estatutos foram reformados para se adaptarem à nova forma cooperativa e na mente de todos estava

arraigada a convicção de que finalmente tinha sido achado o ponto fraco do trabalho. Assim foi.

Com bem poucas alterações futuras, tem a Convenção continuado o seu grande trabalho. O que de fato atrapalhava era o excessivo e pesado mecanismo. Diminuído êste, o trabalho continuaria a ser feito e com a maior eficiência.

No fim de 1925, a Convenção, além dos trabalhos normais de evangelização, educação e missões, tinha desenvolvido o plano do estabelecimento do orfanato, da Junta de Construção de Templos, que tinha sido absorvida pela Junta Patrimonial. Era um trabalho forte, bem organizado e eficiente.

ORFANATO BATISTA

Em princípios de 1919 esboçava-se um movimento de alcance excepcional entre os batistas cariocas. Desejava-se fundar o Orfanato Batista do então Distrito Federal.

A princípio a idéia parecia um sonho, dadas as precárias condições financeiras dos batistas e o seu pequeno número, relativamente. Assim mesmo os inspiradores da obra não desanimaram e logo se constituiu uma Comissão composta das irmãs D. Jane Soren, Alice Baker, Foe Langston, Maria Flôres Teixeira e Eugênia Pitrowsky. Com esta Comissão, trabalhando sob os auspícios da Convenção do então D.F., foi logo aventado arranjar-se um pequeno cofre em cada igreja, para nêle serem depositadas as ofertas de aniversários das crianças e outras, cofres êstes que ainda existem em algumas igrejas.

Já havia em pouco alguns recursos, e os batistas não descançavam enquanto não vissem o seu orfanato a funcionar, nem que fôsse em casa alugada.

Na Convenção de 1923, realizada na Igreja do Engenho de Dentro, foi votado reformarem-se os Estatutos para que a Convenção perfilhasse o movimento orfanológico. Melhor amparada a idéia, esperava-se para breve a inauguração, mas como estas coisas pedem recursos nem sempre disponíveis, teve-se de esperar um pouco mais ainda.

Em 1924 a Sociedade Beneficente do Rio promoveu uma grande reunião por ocasião do seu aniversário, a 3 de outubro, no templo da Primeira Igreja e nessa noite memorável foram dados dois grandes passos na consecussão do ideal: (1) levantou-se uma coleta que rendeu Cr$ 1.143,00 e (2) combinou-se outra reunião a que fôssem convidadas tôdas as igrejas, para estabelecer planos para o estabelecimento do orfanato o mais breve possível. Três dias depois a Junta da Convenção convocava as igrejas para essa reunião.

Nessa mesma reunião foi eleita uma comissão composta dos

irmãos S. L. Watson, J.J. Cowsert, Francisco Nascimento para descobrirem quanto antes uma casa ou terreno para ali ser instalado o orfanato. Esta comissão logo se pôs em movimento à procura da casa e depois de algum tempo encontrou uma que lhe pareceu boa. Posta ao par dos acontecimentos a Junta, esta comunicou-se com as igrejas, e numa reunião levada a efeito, foram êstes passos dados a conhecer a todos os batistas ao mesmo tempo que se pedia aos Drs. Miranda Pinto e Soren para ajudarem a comissão. Feita uma vistoria na casa, verificou-se que era velha e o terreno foreiro. Não servia. Outras propriedades foram examinadas e na então Convenção Federal em fevereiro de 1925, com a Igreja do Méier, foi resolvido que as igrejas levantassem Cr$ 20.000,00 em duas campanhas, sendo que a primeira se efetuaria em março seguinte. Foi um sucesso.

Na primeira reunião da nova Junta da Convenção, foi reeleita a antiga comissão para continuar a busca da casa desejada. Pôs-se logo em campo e em princípios de abril descobrira uma casa na Rua Ana Silva, 124, em Jacarepaguá.

Dado disso conhecimento à Junta, foi dado à comissão poder para entrar em entendimentos sôbre a compra, fechando-se o negócio por Cr$ 40.000,00 pela casa, terreno e móveis existentes. A importância de Cr$ 10.000,00 que tinham sido levantados na primeira campanha foi usada para êste fim e o restante tomado por empréstimo. A escritura de compra e venda foi passada a 5 de maio de 1925 em nome da Associação Evangélica do Rio, e a propriedade dedicada a 13 de maio do mesmo ano. A inauguração oficial teve lugar a 7 de setembro seguinte perante uma multidão de batistas computada em mais de 1.000.

Anos depois, foi a casa remodelada, gastando mais de uma dezena de mil cruzeiros, estando tudo quase pago em 1935.

Durante êstes dez anos os batistas chegaram à conclusão de que a casa não satisfazia aos ideais da Instituição, visto que os terrenos, além de poucos para agricultura e outros misteres, não se prestavam a êste fim. Daí, a necessidade de procurar outra localização para o orfanato, onde se pudesse dar, aos meninos, oportunidade de aprenderem algumas coisas essenciais à vida prática, e também promover o sustento da própria Instituição. Como isso importa em pesadas somas, além das dificuldades de encontrar tal propriedade dentro do então Distrito Federal, tem sido protelada a mudança.

CAPÍTULO XXIII

CAMPO MINEIRO

Preâmbulo

Minas batista tem um pedaço de história gloriosa, como muitos outros estados brasileiros, a qual não mais podemos repetir aqui, mas desejamos pelo menos assinalar, para, ao entrarmos no período de 1910-1925, termos sempre as vistas voltadas para os heróis do passado e rendermos-lhes nosso preito de admiração e saudade. Depois dos primitivos esforços para evangelizar o Estado, veio esta tarefa a caber aos obreiros do E. Santo e da Missão Campista, até onde lhes seria possível. Em 1910, o E. Santo procurava entrar pelo este, enquanto Crosland com Antônio R. Maia, Joaquim A. Pinheiro, Arquimedes Roure, Kleber Martins e outros atacavam o sudeste. São Paulo de Muriaé, Santa Rita do Glória, Santa Luzia do Carangola e outros lugares estavam tomados pelas hostes evangélicas. Mas isso era uma gôta dágua no vasto oceano. Minas era grande demais para ser evangelizado por pequenas doses que os estados vizinhos lhe podiam dar. Urgia dividir um plano nôvo que desse vida ao trabalho em Minas. Isso de há muito vinham cogitando tanto os missionários como os brasileiros.

A 24 de junho de 1911, por ocasião da Convenção Batista Brasileira em Campos, tempo em que se reuniu também a Missão Batista do Sul do Brasil, a cidade de Campos assistiu a uma das mais notáveis resoluções levadas a efeito pelos missionários.

Convencidos que estavam, de que deviam dar a Minas outra orientação, foi votado pedir à Junta de Richmond permissão para que um casal de missionários se mudasse, sem detença, para Belo Horizonte, escolhendo-se o incansável trabalhador, D. F. Crosland. A resposta da Junta foi favorável e a 1 de outubro do mesmo ano era reaberto o trabalho na capital mineira. Estava terminada a etapa das intermitências para começar a época da estabilidade e segurança, de cujos frutos não podemos deixar de alegrar-nos.

Chegando a Belo Horizonte, encontrou Crosland uma congregação, resultado dos primeiros esforços para evangelizar Minas, sob os cuidados do diácono João Tibúrcio Alves. Eram os remanescentes da igreja fundada em 1896 pelos missionários J. J. Taylor e W. B. Bagby. Naturalmente Crosland havia de querer continuar êste trabalho, dando-lhe apenas nova orientação: mas pouco depois verificou que o material estava demasiado ar-

ruinado para com êle erigir uma grande obra. Assim foi resolvido reorganizar o trabalho o que se verificou, a 31 de março de 1912, com 10 membros, retirando-se os demais para irem continuar o trabalho em caráter independente na Rua Diamantina, 586, [1] trabalho que pouca duração teve. A igreja ficou estabelecida na R. Guarani, de onde se mudou para a R. Tupinambás, 527.

Estabelecido, em boas bases, o trabalho da capital, urgia estendê-lo para o interior, notadamente onde já havia começos. Já a êste tempo havia algumas igrejas no estado que dariam bom subsídio para a formação de outras. No norte do estado verificaram-se neste mesmo ano algumas conversões, começando o trabalho a alastrar-se por várias cidades, especialmente à margem da E.F.O. de Minas, Montes Claros, Miraí, Santa Rita, Água Limpa e muitos outros lugares começaram a receber o evangelho levado pelos abnegados trabalhadores Crosland, A. R. Maia, Joaquim A. Pinheiro e Arquimedes de Roure.

Em 1913 organizam-se algumas igrejas em Itaúna, Natividade (estas no Estado do Rio), Caparaó, depois transferida para Santo Antônio da Alegria. A par destas novas organizações, um sem número de congregações se iam abrindo por tôda a parte, graças a êsse notável espírito dos batistas de não dormirem sôbre os louros conquistados. Os que têm alguma noção dos processos de crescimento do nosso trabalho sabem que uma vez lançadas as bases de um trabalho não haveria dúvida sôbre seu crescimento.

Em 1914, no dia 28 de dezembro, recebeu o campo um obreiro de valor na pessoa do irmão H. E. Cockell, do Campo Paulistano, onde tinha servido como pastor da 1ª Igreja. Veio pastorear a Igreja de Belo Horizonte. A êste vieram juntar-se outros trabalhadores, os irmãos Manoel da Cunha Morais e Domingos Novais. Êstes trabalhadores na sua constante faina, disseminaram por todos os cantos o evangelho no que eram ajudados pelo missionário.

Os anos de 1915-1916 não apresentam notabilidades evangelísticas. O trabalho estendia-se, prometendo para breves dias algumas novas igrejas. A vinda do irmão José Martins Monteiro para Minas, onde comprou uma fazenda no Município de Cataguazes, em Miraí, foi de incalculável bênção. O irmão Monteiro era feliz nos seus negócios como fazendeiro, e, essa felicidade, êle a repartia com o trabalho do Senhor. Logo em sua fazenda se organizou uma congregação que a 31 de janeiro de 1916 foi organizada em igreja. Esta breve notícia histórica não pode olvi-

---

(1) História dos Batistas em Minas Gerais, MS. e «O Jornal Batista», número especial do Centenário da Independência do Brasil.

dar o nome dêste irmão que muito fêz pelo trabalho em Minas, e especialmente em Portugal, tendo tomado à sua conta a educação do missionário Antônio Maurício quando no Seminário do Rio.

Em 1917 recebeu o campo outro missionário na pessoa de O. P. Maddox, que por muitos anos tinha trabalhado como Secretário do Rio. Era uma aquisição de alto valor, graças aos dotes evangelísticos e pessoais que o têm caracterizado sempre. Entra também no cenário batista o Pastor Florentino Ferreira, logo no princípio do ano, cujo ministério tem sido abençoado. O norte de Minas, desde 1912, quando se converteu o irmão Domingos de Novais, estava sendo trabalhado pelo evangelho, mas como êste irmão se tivesse retirado para o Seminário, o trabalho ficou pràticamente abandonado sem meios de prosseguir, até que em 1917 apareceu o homem talhado para tão árduas pugnas na pessoa do irmão Jurandir Freire. Poucos meses depois, a 19 de fevereiro de 1918, era organizada igreja naquelas paragens. A êste trabalho, como sede na Malhada Grande, está associado o nome do veterano Joaquim C. dos Santos e D. F. Crosland. Ainda neste mesmo ano foi organizada a Igreja de Sarandi.

O ano de 1918 marca o princípio da terceira etapa do trabalho em Minas: 1888-1911; 1911-1918; 1918-1925. A vinda de Maddox com sua longa experiência no trabalho do Rio viria mudar bastante a fisionomia do trabalho geral. Êstes primeiros anos tinham sido gastos no estabelecimento do trabalho. Não seria possível ir além. Agora, com novos obreiros, novas possibilidades, outras iniciativas seriam tomadas. O trabalho estava estendido de este a sudoeste e bem radicado no norte. O tempo se encarregaria de o levar a outras partes. Urgia darlhe uma organização geral que, como nos outros campos, o mantivesse unido. Assim foi organizada a Convenção Batista Mineira para manter esta unidade, e o Colégio Batista Mineiro para lhe ministrar na medida do possível a inteligência cultivada.

O ano de 1918 foi um ano feliz para os mineiros. Além das grandes iniciativas mencionadas, organizaram duas novas igrejas, fazendo o total de oito no Estado, com trinta e oito pontos de pregação ou congregações. Além disso, outros acontecimentos notáveis fizeram dêste ano um ano histórico. "Três coisas" dizia Maddox no seu relatório à Junta de Richmond, "fizeram êste ano um ano histórico para os batistas do Estado de Minas." A organização da Escola que depois seria o Colégio Mineiro, a organização da Convenção Batista Mineira, e a compra da grande propriedade para a Primeira Igreja Batista com a oferta de 7.500 dólares. Sem dúvida, havia motivos de satis-

fação por tão notáveis acontecimentos que radicavam de uma vez o trabalho batista no solo mineiro.

Não precisaríamos de muita imaginação nem de substanciais fontes de pesquisas para construirmos mentalmente o arcabouço do trabalho daqui em diante. Para só mencionarmos um fato depois das grandes iniciativas de 1918, a compra das grandes propriedades para o Colégio sabemos que foi a mais expressiva. Quando foi da compra do terreno para a igreja os católicos disseram que se a compra não tivesse sido feita em segrêdo não se faria. Êste aviso serviu, e quando se planejava comprar as grandes áreas à venda, para o Colégio, usaram do mesmo estratagema. Depois da compra feita a cidade clerical ficou aterrada.

Em 1920 havia 13 igrejas no Estado, tendo sido organizadas duas em 1919 e três em 1920. Destas igrejas, onze tinham terreno para suas edificações e cinco já tinham bons templos. Divinópolis acabava de construir um dos mais lindos templos que temos no Brasil, tipo gótico, e a Primeira Igreja cuidava dos planos para a construção.

Um fato curioso vale ser mencionado aqui. Depois da compra das grandes propriedades para o Colégio, o governador chamou Maddox ao palácio para lhe *pedir* que vendesse ao colégio de freiras, bem junto à propriedade, sete metros ao longo da propriedade. Maddox amàvelmente respondeu que os terrenos não eram para vender. O dedo do gigante podia ver-se neste pedido, mas a resposta não foi menos agigantada.

A Grande Campanha Batista chegou em boa ocasião em Minas, aliás em todo o Brasil. Possuídos como estavam os crentes das suas oportunidades certo se entregariam a um esfôrço maior e daí vieram grandes bênçãos materiais e espirituais a todo o trabalho.

Para reforçar as hostes mineiras acabavam de instalar-se no grande Estado montanhês os missionários J. R. Allen e F. A. R. Morgan. Êste dedicou-se ao Colégio e aquêle ao evangelismo. Assim ficava o Estado bem servido, considerando-se que também continuava ativo o missionário D. F. Crosland.

Tinha chegado o tempo da expansão. Do Triângulo Mineiro, de S. Miguel dos Cunhais e de outros lugares vinham tocantes apelos para lhes levarem o evangelho, mas onde obter pregadores para tamanhas dimensões territoriais? Ao lado dos apelos evangelísticos vinham os de educação. Boa Vista dos Matos pedia insistentemente um professor para a pequena escola que funcionava na fazenda de um abastado crente, membro da igreja local. Vê-se que a maior necessidade dessa época era de homens, necessidade esta geral entre os batistas. Era difícil preparar pregadores na proporção do avanço do traba-

lho e daí o fato singular de que crescemos desproporcionalmente em muitos lugares.

Com poucos obreiros, poucos mesmo para sete milhões de almas, e um território imenso, o trabalho avançava. É que cada um que podia ia levando a mensagem aos outros. Os batistas brasileiros são todos pregadores, fenômeno êste incompreensível aos que acham que só os oficializados podem pregar. Assim, a falta de pregadores pròpriamente ditos era suprida pelos leigos também pregadores. Dezessete igrejas pontilhavam o grande Estado em 1922 cada uma com várias congregações. A proporção de três igrejas novas por ano não caía.

O que a êsse tempo preocupava a 1ª Igreja era a construção do templo. Entretanto, os recursos não tinham aparecido e a igreja continuava a sua luta de oração, pedindo que do céu viessem os meios.

Das dezessete igrejas do campo, 13 igrejas tinham seus templos próprios.

Nos últimos dois anos não houve organização de novas igrejas, mas em compensação novos lugares foram ocupados. Os 11 pastôres, 5 pregadores leigos, 3 missionários e 2 môças missionárias tinham que ser diligentes para cuidarem de um tão vasto e disperso trabalho. Tão certo era como êles bem cuidavam do trabalho que de todos os cantos vinham apelos para novos pregadores e professôres. Uma cidade do sul de Minas escreveu a Maddox, pedindo um professor, porque as autoridades não mais queriam o padre; semelhante pedido veio também de uma cidade do oeste do Estado. Não eram sòmente pregadores que o povo pedia, eram também professôres.

Temos feito alusão à entrada de novos obreiros no campo de quando em quando nos últimos anos; mencionaremos alguns nominalmente agora apenas para não deixarmos em branco esta página notável, pois que os obreiros mineiros, por circunstâncias bem conhecidas dos leitores, tinham de reviver em muitos pontos o tipo dos pioneiros de outros estados.

Gasparino Soares, já falecido, consagrado a 29 de fevereiro de 1920. Duque P. de Carvalho, vindo do E. do Rio em abril, e Casimiro G. de Oliveira, para a Primeira Igreja de B. Horizonte em abril de 1921. Mariano Costa e Augusto Pereira Magro, neste mesmo ano entraram como evangelistas. Augusto T. de Melo, em 1922, Alfeu Melo, Sebastião F. de Souza, Munelar Maia e os evangelistas Deocleciano Doca e Antônio V. de Barros em 1923. Higino F. de Souza em 1924 e o nôvo casal de missionários David Appleby. Êste último irmão pouco tempo teve para dar a Minas. Sendo operado de uma úlcera no estômago sucumbiu com grande pezar para todos os batistas, não só pelas propaladas qualidades pessoais, como pelo fato de de-

saparecer logo após sua chegada ao Brasil. A viúva Appleby tem continuado no Brasil, dedicando-se ao trabalho da estatística dos batistas e obras literárias.

In Memoriam

Pastor Gasparino Soares. Antigo obreiro do Campo Mineiro, onde ajudou a estabelecer algumas igrejas, foi chamado à presença do seu Galardoador em 1922.

A CONVENÇÃO BATISTA MINEIRA

Como já foi notado, deu-se nesse período a organização da Convenção e do Colégio. Dois complementos indispensáveis a um trabalho que tem de viver, e viver bem. A primeira reunião realizou-se no dia 19 de julho de 1918 na sede da Primeira Igreja, situada na Rua Tupinambás. Fizeram-se representar seis igrejas com uns 20 mensageiros. Como convidados de honra, estiveram presentes os Drs. W. E. Entzminger, da Casa Publicadora e A. B. Langston, do Seminário. A Diretoria ficou assim constituída: H. E. Cockell, presidente; Augusto J. F. Bretas, vice-presidente; Jurandir Freire, secretário e Gasparino Soares, tesoureiro. Podemos imaginar o contentamento dos batistas mineiros por êste acontecimento. Todos os trabalhos do campo, bem como da cooperação com o trabalho em geral, foram carinhosamente tratados, nada escapando às iluminadas discussões do momento.

Foi criada a Junta Estadual, para coordenar e dirigir os trabalhos da Convenção nos seus interregnos. A ela ficaram afetos todos os movimentos do campo, inclusive o Colégio que tem sido através dos anos dirigido por esta Junta com admirável harmonia.

No ano seguinte à sua organização, visitou a Igreja de Caparaó. Foi nessa ocasião elaborado um plano qüinqüenal para todo o Estado incorporado à Grande Campanha Batista que também empolgava os mineiros.

Divinópolis foi o lugar, a seguir, visitado pela Convenção. Lá estiveram alguns missionários do Rio, Drs. Shepard e Watson, que, juntos ao nôvo missionário J. R. Allen, deram grande vida ao trabalho. Os grandes problemas gerais foram enfeitados com as mais lindas promessas de êxito. Outra fase importante da Convenção era a venda de livros e outras literaturas pelos irmãos Antônio Joaquim Penido e Adolfo Antônio Kaiser. Ao lado dêstes, outros dois irmãos fizeram também bom trabalho: Augusto Bretas e Carlos Sarapu.

Belo Horizonte hospedou a Convenção em 1921, de 20 a 28 de julho. O nôvo colégio ocupava agora grande parte das ati-

vidades dos mineiros. O regozijo das conquistas neste terreno abafou outros grandes acontecimentos do ano.

Buenópolis foi o lugar em 1922. Colégio, Grande Campanha Batista, e novos campos evangelísticos absorveram os convencionais. Nesta ocasião verificou-se também a organização da União das Senhoras. Várias escolas anexas foram consideradas no plano de atividades gerais.

Em 1925, foi a Convenção a Sarandi. Não teve coisa de maior monta a reunião dêste ano. Os vários trabalhos prosseguiam o seu curso normal pelo que a reunião convencional foi comum.

Belo Horizonte recebe êste aglomerado de crentes em 1924. O relatório do irmão Maddox sôbre a Grande Campanha foi talvez depois do Colégio a nota do dia. Era o fim da Campanha no Brasil e para os mineiros ela terminava admiràvelmente. Antes isso.

Miraí, foi a sede da Convenção em 1925. Sem outras coisas que as conhecidas, a Convenção foi mais inspirativa que agressiva.

Não é o histórico da Convenção Batista Mineira que damos nessas linhas que aí ficam. Do mesmo modo ficamos em débito com outras atividades batistas em Minas e por tôda a parte. Nas entrelinhas, porém, os batistas podem ler muita coisa. Nossa história tem de ser vista panorâmicamente, na impossibilidade de um relato completo.

PUBLICAÇÕES

Em janeiro de 1920 saía à luz na capital de Minas o *O Batista Mineiro,* idealizado em 1915. Êle nasceu nas circunstâncias naturais do trabalho. Colégio, Grande Campanha Batista, igreja e muitas outras atividades careciam de um meio de contato com os crentes tão espalhados entre as montanhas. Ao irmão H. E. Cockell, neste tempo em Divinópolis, coube a honra de dar à publicidade êste jornalzinho. Logo depois, pedindo dispensa do encargo, foi escolhido redator o irmão Dr. Antônio Vilas Boas, mudando-se, por isso, o jornal, para Belo Horizonte. Vieram mais tarde outros redatores, Casimiro de Oliveira, Jurandir Freire e ainda mais tarde Aquiles Barbosa. A vida dêste jornalzinho tem sido acidentada como, aliás, a da maioria dos nossos periódicos. Assim mesmo é que Deus tem operado as maravilhas que temos visto no Brasil.

Além dêste jornalzinho, pouco ou nada mais tem sido feito em matéria de publicações. Prepararam os mineiros a sua história cuja tarefa confiaram ao saudoso Herval S. Rangel, e que muita luz jorra sôbre as lutas e labôres dos irmãos mineiros.

CAPÍTULO XXIV

CAMPO PAULISTANO

A geografia do Campo Paulistano no princípio dêste período era a mesma do anterior. As igrejas ficavam nos arredores da capital e cidades vizinhas, com exceção das de Tambaú, Corumbataí e Nova Europa, e por isso podiam fàcilmente ser cuidadas pelos poucos pregadores de que dispunha o campo.

O número de missionários era bem razoável comparado a outros estados. O casal W. B. Bagby, que se dedicava ao Colégio; Deter, Edwards e Taylor que dedicavam-se ao evangelismo e pastorado. Por algum tempo Dunstan dedicou-se ao pastorado de Santos até sua mudança em 1911 para o R. G. do Sul. Miss Kate Carrol e Annie Thomas ajudavam no Colégio.

Se o número de missionários era bom, não diríamos o mesmo quanto a pregadores brasileiros, cujo número não tinha aumentado na proporção do próprio trabalho. Entretanto, Edwards e Deter eram especialmente evangelistas e isso resolvia em grande parte o problema. Mesmo naquela época, todos os missionários tinham de ser evangelistas. Registram os documentos à mão um único pastor brasileiro, em 1910, o irmão Odilon A. de Faria, e o evangelista José Gresenberg. Entretanto, havia outros cujos nomes não foram incluídos na estatística dada à Convenção em 1911.

As igrejas eram: A Primeira, a Segunda (Liberdade), Alto da Serra, Campinas, Corumbataí, Jundiaí, Nova Europa, Nova Odessa (leta), Santos e Tambaú.

EVANGELISMO

É com estas agências divinas, e com êsse pequeno número de obreiros que começamos um dos mais ricos períodos da história dos batistas bandeirantes.

Alguns pontos de pregação que prometiam para breve novas igrejas, como Braz, Valinhas, etc., estavam cuidadosamente cultivados. Os missionários eram os pastôres das igrejas, dirigindo a Primeira o irmão Bagby, a Segunda, J. J. Taylor, e Deter Jundiaí e Campinas. As outras igrejas eram servidas pelo missionário Edwards, e as letas por elementos seus. Rocinha, em Tambaú, era dirigida pelo irmão Odilon de Faria em cujo cargo ficou até 1915, quando a deixou e quando a igreja deixou de existir, ao que parece.

A Primeira Igreja era ainda, neste tempo, e mui naturalmente, a que absorvia a maior soma de cuidados. Era dela que

se tinha começado a irradiar a propaganda no estado e era do seu prestígio que muito dependia o trabalho. Sempre foi assim com as primeiras igrejas das capitais e não seria diferente em S. Paulo. Em princípio de 1910, transferia ela a sua sede da Rua Timbiras para a Travessa S. João, 2, onde ficou estabelecida até 1915, quando se mudou novamente para a sede da Associação Cristã de Moços, de onde saiu para a sua definitiva sede, na Praça Princesa Isabel, em julho de 1918.

As notícias que temos do missionário Edwards, espalhadas pelo *O Jornal Batista* bem como pelos relatórios enviados à Junta de Richmond, dão-nos a impressão de pequeno exército escalando um despenhadeiro, cada qual se firmando da melhor maneira que pode. Não esperam uns pelos outros. Pregar e andar é a norma. (1)

Em 1911 foram agregados ao Campo Paulistano outros campos, trazendo essas adições maior soma de atividades e cuidados. O missionário Petigrew, de Alagoas, mudara-se para o Paraná, onde já havia um bom comêço de trabalho promovido pela Junta de Missões Nacionais e pelo saudoso irmão Samuel de Melo, de Santos. Como a Junta continuasse a dirigir o mesmo trabalho, e como o secretário correspondente fôsse um missionário paulistano, A. B. Deter, foi assente que S. Paulo perfilhasse o dito trabalho e também o Estado de Mato Grosso. Desta forma o trabalho considerado paulistano abrangia a êste tempo quatro grandes Estados: Paraná, Sta. Catarina, Mato Grosso e o próprio S. Paulo. Se pudéssemos recompor a situação mais ou menos bem, diríamos que Deter, ao mesmo tempo que ia e vinha entre as igrejas paulistanas, estendia as suas vistas aos estados sob a jurisdição da Junta de Missões Nacionais; Taylor cuidava da Igreja da Liberdade; Bagby da Primeira e do Colégio; e Edwards era o missionário viajante.

Enquanto isso, outros núcleos iam aparecendo. Há tempos que no populoso bairro do Braz havia uma congregação da Segunda Igreja em casa do irmão Benjamim Iglésias. Em breve, tal foi o progresso do trabalho que foi combinada a organização da igreja, o que se realizou a 8 de junho dêste mesmo ano (1911), sob a direção do irmão F. M. Edwards, com 28 membros, numa sala da Avenida Celso Garcia, 320, ficando como pastor o missionário W. B. Bagby. Em breve a igreja se tornou uma das mais promissoras, graças à natureza do bairro, populoso e operário.

Enquanto na capital era de progresso o trabalho, não era menor o interêsse no interior. Em princípios de 1910, a Missão Paulistana empregara o irmão João Batista Júnior como evangelista. Logo êle começou a visitar alguns crentes em Capoeiri-

---

(1) J.B. 6-1, 4-8 e 22-9-910. Foreign Mission Board Report, 1911, pág. 108.

nha e Sabaúna, e numa dessas visitas visitou também Mogi das Cruzes, dirgindo logo um culto na casa da família Adão Simão Pedroso; tal foi a aceitação que as visitas se repetiram. Pouco depois era alugada uma sala na Rua Municipal, 113, estabelecendo-se um ponto de pregação que ficou pertencendo à Igreja da Liberdade. Todos os domingos lá ia alguém de S. Paulo pregar. Logo vieram os batistas. Em 15 de novembro de 1910, J. J. Taylor batizava 12 crentes. João Batista transferiu para lá sua residência e outros batismos se seguiram de modo que a 12 de junho de 1911 era organizada a igreja com 34 membros.

O trabalho era, pois, empolgante. Escrevendo à Junta de Richmond, dizia o nosso Bagby: "Um ano de frutos visíveis no Sul do Brasil nunca vistos, fechou-se em nosso trabalho nesta divisão, S. Paulo, e estados vizinhos. Fomos abençoados com o maior número de batismos na história do trabalho, chegando a perto de duzentos os que foram recebidos, enquanto cinco novas igrejas foram organizadas."

Devido certamente ao vulto dessas operações foi alvitrado um reajustamento do trabalho, ou uma divisão de atividades, de modo que cada missionário tivesse a sua parte definida. Edwards deixou a Igreja de Santos, Campinas e Alto da Serra para aceitar as de Mogi, Braz e Liberdade com as regiões correspondentes. Bagby deixou a Primeira para aceitar a de Santos e possìvelmente Alto da Serra, ao mesmo tempo que cuidava ou ajudava no Colégio, J. J. Taylor deixou os paulistas para vir ensinar no Seminário do Rio, e talvez por isso mesmo foi feita a modificação no trabalho geral.

As muitas mudanças de obreiros, não raro, afetaram fundamente o trabalho, de modo que quando nós esperávamos uma situação sólida e permanente, eis que nôvo arranjo se fazia para fechar uma lacuna aberta com essas mudanças. Entretanto, no caso vertente, a situação não era má para S. Paulo.

A distribuição que se fêz neste ano parece que não correspondeu perfeitamente à situação, ou foi pelo menos incompleta. Assim é que, logo no comêço de 1912, nova modificação se fazia, e desta vez mais completa. Santos, Alto da Serra e o Colégio continuaram com Bagby; A Primeira e Jundiaí, com Deter; Campinas e o trabalho do interior ao longo da Linha Paulista, com Gresenberg que fôra consagrado ao pastorado; a Segunda e o trabalho ao longo da Central com Edwards e João Batista Jr., que também fôra consagrado ao ministério. Boa divisão e que evitaria conflitos jurisdicionais.

Em junho, a Primeira Igreja convida H. E. Cockell para pastor, aliviando o missionário desta responsabilidade.

As atividades evangelísticas de 1911 deviam ter culminado num crescendo animador por tôda a parte. Com alguns mem-

bros da Primeira, Bogi e Liberdade, foi organizada em 1912 a pequena Igreja de Bom Jesus, composta de lavradores, que tempos depois se dissolveu, pela mudança de seus membros.

Ainda neste ano foi organizada a Igreja de Córrego Grande, perto da Estação de Catanduva, por ocasião de uma visita que ali fêz o Pastor Gresenberg. A Igreja ficou instalada na Fazenda pertencente ao irmão Axel Anderson.

Com êstes trabalhos como núcleos, ia-se alastrando o evangelho por tôda a parte e era uma questão de tempo quando igrejas novas haviam de pontilhar o amigo solo paulista pelo alto sertão.

Vários outros trabalhos foram começados neste ano. Da visita que Gresenberg fêz a Córrego Grande foi levado pelo colportor sueco, o irmão João Selleberg a Viradouro em visita a um grupo de batistas espanhóis. Êste irmão, não obstante velho e surdo, fazia um grande trabalho. Outras visitas se sucederam, sendo depois feitos alguns batismos e arrolados os novos crentes como membros da Igreja de Campinas. Outros imigrantes foram chegando e mais tarde foi organizada a igreja (1913). Daqui foram-se espalhando os crentes para outros lugares, principalmente Potirendaba, onde também foi organizada uma igreja mais tarde. É assim que maravilhosamente cresce o evangelho.

A Igreja de Jundiaí preparava-se, em 1912, para construir o seu belo tempo ao mesmo tempo que outras sentiam a mesma necessidade. Olhando uma notícia e outra, mirando os vários relatórios, temos a impressão de gloriosos dias vividos por nossos irmãos paulistas, alguns dos quais já estão vivendo outra melhor vida na mansão dos justos.

É com esta impressão que chegamos a 1913. Novos pastôres brasileiros iam entrando em campo, engrossando destarte as hostes do Senhor. Mogi tinha agora um pastor local, o irmão João Batista Jr., e outras igrejas iam sendo servidas à medida que obreiros iam aparecendo, entre êles o irmão José Gresenberg que estava prestando bom serviço ao trabalho, especialmente no interior. A inauguração do templo de Jundiaí, em 7 de setembro, atraiu vários obreiros do Rio; Salomão Ginsburg, Soren e outros, como se a solenidade fôsse invulgar. De fato o era. A ereção de uma casa nova para a adoração ao Senhor, naqueles tempos, era um acontecimento. O ano termina e Edwards e Gresenberg viajam por entre as igrejas, começando a entrar mais para o interior. Vários lugares foram visitados pelo fim do ano, encontrando por tôda a parte a mais calorosa recepção.

O ano de 1913 foi bastante favorável aos irmãos paulistanos, que viam o seu trabalho crescer dia a dia. Certo que por

outro lado lhes foi desfavorável. Deter e Bagby tiveram de ir para sua terra descansar, deixando Edwards sòzinho com um pugilo de obreiros brasileiros, que por isso tinham de redobrar as atividades. As 16 igrejas atualmente no Campo constituíam um pesado patrimônio a cuidar. Felizmente, Edwards, como Gresenberg, Onofre dos Santos e outros, não corria das dificuldades.

O trabalho começado no ano anterior, em Bragança, pelo batismo, em Jundiaí, de uma família bragantina, tinha-se desenvolvido de tal forma que os irmãos acharam por bem organizar uma igreja ali, o que se efetuou neste mesmo ano sendo consagrado ao Ministério pela Igreja de Jundiaí o irmão Onofre dos Santos para o pastorado. Mais tarde, em 1918, foi dissolvida a igreja para vir renascer no dia 7 de setembro de 1935 com alguns novos bragantinos, membros da Igreja de Susano. A semente lançada na terra não mais desaparece, ainda que aparentemente tenha morrido.

Passamos a vista por um estendal admirável de idas e vindas dos poucos obreiros em 1914. Os alvores eram auspiciosos. Deter e Bagby voltavam das suas férias e traziam consigo um nôvo missionário, L. W. Langston.

Neste ano três novas igrejas se organizaram. *Nova Europa*: Em 1908 foi organizada esta igreja composta de alemães e letos. Como não soubessem falar português e estivessem sujeitos às flutuações da vida imigrante, debandaram, ficando u'a meia dúzia no lugar. Em 1911 ainda a igreja era dada como existente, mas parece que estava mais morta que viva. Neste ano (1914) alguns brasileiros começaram a pregar em português e houve vários batismos realizados pelos pastôres J. R. Inke e Gresenberg e com êles foi reorganizado o trabalho. Segundo as informações dadas à Junta de Richmond, a igreja foi reorganizada neste ano, mas segundo outras informações, só em 1919 é que o trabalho voltou a funcionar como igreja.

Guarujá. Já aludimos ao trabalho feito nesta cidade sob os auspícios da Igreja de Santos. Em 1914, foi organizada uma pequena igreja com 19 membros que talvez devido à pequenez do lugar e ao seu caráter aristocrático, pois é uma praia das mais aristocráticas de São Paulo, com um magnífico hotel, agora meio em decadência, não se desenvolveu muito.

Pariquera-assú. Foi esta a outra igreja dêste ano. Por algum tempo floresceu sob a direção do Pastor João Batista Jr., mas depois, pela contínua mudança dos crentes, desapareceu, restando ali atualmente alguns crentes apenas.

A 17 de dezembro dêste mesmo ano perde o campo paulistano um valioso obreiro na pessoa de H. E. Cockell, que, deixando o pastorado da Primeira Igreja, foi para o Campo Mineiro. Por sua vez o missionário Edwards teve de ir descansar das suas

lutas, desfalcando bastante o número de obreiros, que cada vez lutavam mais para acudir aos apelos que choviam de tôda a parte. A chegada de T. C. Bagby desafogou um pouco a situação, assumindo êle a direção do trabalho de Santos.

Não temos muitas notícias das atividades em 1915. Deter encontrava-se à frente da Primeira Igreja na ausência de Edwards; Bagby estava na Igreja da Liberdade; T. C. Bagby em Santos; Gresenberg em Campinas e Jundiaí, de onde estendia suas atividades aos lugares mais distantes do interior, enquanto Inke se dedicava especialmente ao trabalho entre russos e letos. O trabalho do Paraná e Mato Grosso continuava sob os cuidados do Campo Paulistano, tendo W. B. Bagby servido como secretário correspondente durante a ausência de Deter. No Paraná, Manoel Virgínio e Petigrew; em Mato Grosso, Pedro Sebastião Barbosa, que muito já havia feito na Missão do Rio, cuidavam de adiantar a obra do Senhor. Não temos, pois, dúvida do contínuo progresso dêste Campo.

Langston, que já ia podendo dizer duas palavras em português, teve de voltar à sua terra, doente, morrendo alguns anos mais tarde; felizmente J. J. Taylor volta para S. Paulo no fim do ano numa ocasião propícia.

Pouco a pouco o trabalho entra num período de estabilidade, tendo casas de culto próprias, pastôres efetivos, recursos próprios, que vão aumentando sempre. A Junta Estadual, já de há muito vinha coordenando o trabalho das igrejas, recebendo delas contribuições regulares para custear as diversas despesas. Êste ano ficou assinalado na História dos Batistas pela aquisição de prédios, para o Colégio e a Casa Publicadora no Rio, templos em S. Paulo e noutros lugares. O Colégio de S. Paulo também comprou um pedaço de terra com recursos providos pelo "Fundo Centenial Judson" em que se havia de erguer, anos depois, um dos mais majestosos edifícios escolares dos batistas no Brasil.

O ano de 1917 se outra notabilidade não oferecesse, bastaria a da construção do templo da Primeira Igreja. O missionário A. B. Deter, a êsse tempo pastor da Igreja, junto a J. J. Taylor e W. B. Bagby tinha contraído um empréstimo, e os crentes assumiram quase nominalmente compromissos pesados, e desta forma foi possível adquirir um terreno, parte por compra, parte sob hipoteca, no Largo dos Guaianases, hoje Princeza Isabel, em 1916. Comprado o terreno, foram iniciadas as obras mesmo sem estarem à mão os fundos necessários. Os crentes, animados pelo pastor, lutando no meio de mil peripécias, conseguiram com pequenos auxílios que vieram de fora, inclusive da América do Norte, ver a casa concluída modestamente em julho de 1917. Os crentes rejubilaram com o seu templo, e os que julgavam tran-

sitória a permanência dos crentes na Paulicéia ficaram convencidos de que estavam bem fincadas as estacas.

Enquanto a Primeira Igreja assim se radicava ao solo amigo, a Segunda (Liberdade) não queria ficar atrás. Assim, adquiria também o lote de terra, onde pouco depois se construiria um edifício dos mais imponentes que temos no Brasil.

Esta boa situação na capital havia de animar os crentes para as grandes campanhas fora. Foi assim que o trabalho no Paraná, sob os auspícios da Junta de Missões Nacionais, mas sob a imediata direção do Campo Paulistano, foi agora entregue ao missionário Petigrew, ficando S. Paulo ainda dirigindo o trabalho em Sta. Catarina.

Em Mato Grosso, do mesmo modo, se faziam notáveis progressos. O Pastor Urbieta, a serviço da Junta de Missões Nacionais, procurava estender a influência por tôda a parte junto aos outros batistas apostólicos mato-grossenses. Corumbá, Campo Grande e Mato Grosso começavam também a ser assediadas pelas hostes batistas sob a inspiração de Deter, incansável secretário da Junta.

No estado, Santos era agora o segundo centro batista. T. C. Bagby vinha revelando-se um grande trabalhador, tendo conseguido elevar bastante o nível do entusiasmo entre os crentes.

Nesta altura do nosso estudo parece convir uma recomposição do trabalho do estado, mesmo porque parece que 1918 destinou ao trabalho batista no Brasil um reajustamento geral. Assim também S. Paulo teve de sentir os efeitos dêsse esfôrço de acomodação.

Tinham trabalhado no Campo durante os últimos anos as famílias Bagby, J. J. Taylor, A. B. Deter e Edwards. Em junho de 1918, T. C. Bagby, que pastoreava a Igreja de Santos, foi nomeado missionário, ficando assim cinco famílias missionárias no estado.

Em outubro dêste mesmo ano, Deter muda-se para o Paraná a tomar conta do trabalho no estado e Sta. Catarina que até aqui tinham sido dirigidos pela Junta de Missões Nacionais, desde 1911, por intermédio de R. Petigrew e que estava de mudança para sua terra, via S. Paulo.

As igrejas prosperavam admiràvelmente sob a orientação dos trabalhadores locais. Havia uma ardente ansiedade na construção de templos que melhor pudessem servir ao trabalho. A Primeira Igreja já tinha sua boa casa e a Liberdade lançava também neste ano os fundamentos do seu templo. A Primeira Igreja Leta de Nova Odessa, a êste tempo com 150 membros, também edificou o seu templo. O Templo da Liberdade foi

construído em terreno ofertado pelos irmãos Antônio Ernesto da Silva e espôsa sob a condição da igreja pagar-lhes, enquanto vivessem, a importância de Cr$ 100,00.

A Igreja de Santos, que crescia dia a dia, também se alinhava para comprar a sua casa. Sete, das 16 igrejas do estado, tinham seus templos próprios.

Pelo fim do ano (1918) chega o missionário E. A. Ingran que vinha cooperar com o Colégio Batista Brasileiro.

Êste progresso acentuou-se de ano em ano; apenas quanto ao número de pregadores continuava fraco. Em 1920, entra nas atividades batistas o irmão A. Ernesto da Silva, que assumiu o pastorado da Liberdade na saída de Taylor. Era um nôvo e valioso elemento que vinha contribuir com a sua experiência para o progresso da Causa. Convertido do presbiterianismo tem mostrado no curso dos anos que a sua convicção doutrinária foi alicerçada em firmes bases.

Ao lado dêste nôvo pastor vinha figurar também Sebastião de Souza, recentemente chegado dos Estados Unidos e que tinha sido convidado ao pastorado de Campinas.

Com êstes novos pastôres vieram também novas igrejas: Rio Claro, Ribeirão Prêto e Bauru. Para Ribeirão Prêto foi o nôvo missionário R. B. Stanton. Descobre-se fàcilmente que agora o evangelho está penetrando no vasto interior, onde já tinham sido feitas várias visitas pelos antigos missionários.

Os grandes centros de trabalho eram, em 1920, Santos, Campinas e a capital. Em Campinas a igreja tinha duplicado em número de membros e o sempre desejado templo estava em vias de conclusão. Sebastião deu bons dias àquela igreja que depois deixou para assumir o pastorado de Rio Claro, assumindo o missionário W. B. Bagby o pastorado de Campinas.

Edwards, agora casado, continuava a sua infatigável atividade como pastor da 1ª Igreja, acumulando também as funções de secretário da Junta de Missões Nacionais, a qual tendo mudado a sede para o Rio, depois da saída de Deter, teve de voltar a S. Paulo, onde tinha visto alguns dos melhores dias de sua existência.

Edwards era pastor de igrejas, mas isso fazia a contragosto, desde que êle julgava que os missionários não deviam prender-se a pastorados. Escrevendo à sua Junta, dizia êle: "É uma pena que um missionário tenha de gastar seu tempo pastoreando igrejas, mas, enquanto não tivermos homens preparados, os missionários têm de fazer êste trabalho". (2)

O pastorado de Edwards na 1ª Igreja foi daqueles que Deus coroou de bênçãos, e a que êle mesmo deu não só a vida, mas

---

(2) Foreign Mission Board Report, 1921.

também boa parte de seus recursos. Em 1921, a igreja adquiriu um terreno contíguo ao templo, onde foi ereto um elegante edifício para a Escola Dominical e sociedades da igreja. A importância de 70 mil cruzeiros gastos nas obras foi em grande parte ofertada por êle mesmo, se bem que seu nome não aparecesse na lista dos contribuintes. Em 1922, oferecia o casal à igreja o mobiliário composto de 250 cadeiras confortáveis, um lindo púlpito acompanhado de duas confortáveis poltronas e rica mesa de entalhe para a Santa Ceia, tudo na importância de 25 mil cruzeiros. Por aí se pode ver que êle dava não sòmente boa parte do tempo à igreja mas também repartia com ela a fartura de bens temporais de que era possuidor.

Em 1921, podia notar-se algum melhoramento no trabalho geral, no que diz respeito a pregadores brasileiros. Já havia cinco pastôres e dois evangelistas, enquanto no Seminário do Rio estudavam 13 jovens que reuniam as esperanças do futuro. Entretanto, que era isto para tantas e tão urgentes necessidades? Em 1922, havia 8 pastôres brasileiros e 6 missionários, sendo de 18 o número de igrejas. Se não fôra o contínuo apêlo que vinha de pontos diversos no estado para que trabalhadores lá fôssem enviados, estaria a Causa sofrìvelmente amparada. Mas esta época foi de notável penetração no interior do estado e por isso o número de pregadores era insignificante. Muito se perdeu em S. Paulo e noutros estados por falta de homens preparados.

Em matéria de construção de templos, S. Paulo emparelhava-se ao E. do Rio e a qualquer outro campo que melhor servido estivesse neste sentido. Das 18 igrejas, em 1923, 16 tinham templos próprios e alguns ofereciam não só o confôrto desejado, mas beleza de linhas arquitetônicas. Algumas das melhores edificações que os batistas possuem no Brasil encontram-se em S. Paulo, podendo destacar-se hoje, além da 1ª, Liberdade, Braz, Santos, Mogi, Campinas e outros lugares. Os batistas paulistanos não se contentavam com uma casa qualquer; um templo que honrasse o Senhor entrava nas conjecturas de suas construções evangélicas.

Em 1924, S. Paulo perdeu dois de seus mais antigos e mais abnegados obreiros. J. J. Taylor foi chamado à glória a 15 de janeiro, nos Estados Unidos, onde se encontrava em descanso. Depois dos primeiros anos gastos no Rio, foi a S. Paulo e lá ficou ao lado de Bagby, Edwards e Deter e de seus companheiros brasileiros. A não ser por um curto espaço de tempo que estêve no Rio, depois de 1911, dirigindo uma cadeira no Seminário, tôda a sua vida foi semeada no grande Estado Bandeirante.

E. M. Edwards: Na noite de 7 de dezembro dêste mesmo ano, presidia êste irmão uma reunião de diáconos, por êle mesmo convocada, estando também presente o missionário Ingran.

Depois de serem discutidos vários assuntos a serem levados à próxima sessão da igreja, Edwards declarou que tinha chegado a hora de deixar o pastorado. Sua retirada impunha-se, dizia êle, como medida de prosperidade para a igreja. Há seis anos que era pastor nada recebendo, como missionário que era, e entendia que estava retardando a vida da igreja, que deveria ter seu próprio pastor e sustentá-lo. Além disso, era estrangeiro, e sendo a igreja de brasileiros devia ter um pastor que lhes falasse mais na sua própria língua e fôsse por ela prestigiado. Amava a igreja, mas desejava vê-la desenvolver-se nos seus grandes deveres e privilégios, pois era partidário fervoroso do sustento próprio e do ministério nacional.

Terminada a comunicação, seguiu-se profundo silêncio. Nenhum dos presentes teve coragem para articular palavra. Enquanto esperava que alguém falasse, êle rodopiava na mão um molho de chaves, costume que lhe era peculiar. De repente as chaves caem e o braço esquerdo pendia. O irmão Rodrigues notou algo de anormal e correu a segurá-lo, enquanto os outros diáconos lhe ministravam o auxílio de emergência. Inquirido, declarou que lhe doía o lado direito da cabeça.

Diante do ocorrido cuidaram logo de o transportar a sua residência, mas antes disso êle pediu para orar e orou, como nunca antes, a favor da igreja e do trabalho. Pedia especialmente que Deus deparasse um pastor brasileiro para a sua amada igreja. Finda a oração meteram-no no automóvel do Pastor Ingran e levaram-no para casa. Chamado o médico constatou grave mal pelo que foi incontinente recolhido ao Hospital Samaritano, onde, repetindo-se os derrames cerebais veio a falecer a 11 do mesmo mês, 4 dias após ser acometido do mal.

Bem se pode imaginar a dor que atingiu a todos. Era homem querido não sòmente pelos seus grandes serviços à Causa, mas pela bondade de coração.

Após o desenlace, foi o corpo trasladado para o templo, e exposto à visitação pública. Foi uma romaria rara vista em S. Paulo.

No Cemitério do Redentor descansam os restos mortais dêste amigo do Brasil e um dos que muito fêz pelo engrandecimento espiritual do seu povo. ([3])

Parece que o Senhor tinha antecipadamente preparado os que haviam de tomar êstes dois difíceis lugares. Paulo C. Porter, que, desde 1922, se encontrava no Brasil, (além de Staton e Ingran, que também tinha chegado nestes últimos anos) herdou grande parte das qualidades dêstes varões assinalados.

---

(3) Breve histórico fornecido pelo Campo e que temos seguido fielmente através destas informações.

Falando de missionários não queremos ignorar Miss Mattie Baker, Miss Lúcia M. Rodwell, Miss Ara Dell Fitzgerald e W. W. Jones. Alguns dêstes pouco demoraram no Brasil.

Devido à morte de Edwards, com certeza, são bem pobres os relatórios enviados daqui em diante à Junta de Richmond, uma de nossas fontes de informações. Entretanto, das coligendas feitas aqui e ali, lobriga-se a grandiosidade do trabalho paulista nos fins de 1925. O número de igrejas tinha ascendido a 21, com 10 pastôres brasileiros e alguns evangelistas. Estas igrejas tinham vida própria no que concerne ao sustento e casa, e se mais obreiros houvesse, mais podiam ser sustentados. Felizmente, a prosperidade do estado dava margem a essas possibilidades num sentido muito diferente de outros campos, porque o sustento próprio aqui significava o que a palavra expressa. São Paulo batista estava perfeitamente desenvolvido nesta época, talvez menos mesmo que outros campos, pelas circunstâncias apontadas aqui e ali, mas o que tinha estava sólido e o futuro era seguro e garantido.

Os que lerem estas crônicas notarão que levamos à conta dos missionários a maior parte das atividades evangelísticas. Nisso não há lisonja. Pela natureza das coisas não se poderia esperar outro caminho. Êles eram os líderes do trabalho, os pastôres, os diretores, tudo. Foi a custo que o Campo conseguiu elevar o nível pastoral numèricamente falando, de modo que, a contragosto dêles mesmos, tinham de ser pastôres, professôres e tudo mais que concerne às atividades evangelísticas.

O próximo período pertencerá à liderança nacional, pois que já o número de pastôres era maior e de preparo bem acabado.

A CONVENÇÃO BATISTA PAULISTANA

A Convenção Batista Paulistana foi organizada em 1904, ano em que tudo ressumbrava heroísmo, abnegação e fervor. Havia naquele ano 4 igrejas que constituíam a grande promessa do futuro; foi com elas que a Convenção foi organizada.

A Convenção de 1911 foi notável. Fêz parte como mensageiro da Igreja de Paranaguá o irmão Samuel de Melo, que foi elevado à presidência. As teses sôbre o trabalho em geral, ao que parece, consideravam mesmo traçar um grande trabalho futuro. Se tivéssemos de rebuscar um adjetivo para estas reuniões dar-lhe-íamos o de "progressista".

De quando em quando havia um grande instituto bíblico para os obreiros, precedendo às vêzes de poucos dias a Convenção. As grandes doutrinas, os grandes problemas, eram ali discutidos de modo que ao vir a Convenção só se pensaria nas coisas que antes tinham sido postas na mente do povo e dos obreiros.

A estas convenções eram quase sempre atraídos cooperadores de fora, especialmente do Rio. Assim, na de 1914, em Mogi, estiveram presentes Salomão e Shepard, os quais levaram aos batistas paulistanos os grandes problemas gerais: Educação, Missões e outros, de modo que as dificuldades do trabalho local seriam assim afogadas nessas grandes emoções que sempre nascem dos momentos de contemplação e abstração nas grandes verdades divinas. Referindo-se a êste acontecimento anual, disse Edwards: "Não houve uma só divergência manifestada, um só voto contrário. Parece que todos estavam de perfeito acôrdo". (4)

Depois da Convenção, foram os visitantes a S. Paulo e lá continuaram a semear nas igrejas da capital os mesmos germes de amor e cooperação que tem feito magnífico o nosso trabalho por todo o Brasil.

Depois da de 1911 cremos que a mais notável foi a de 1916. Um nôvo missionário no Campo, L. W. Langston, a volta de R. J. Inke, dos Estados Unidos, a presença de T. C. Bagby, também agora pastor do Campo (Santos). Inke foi eleito secretário correspondente em substituição de Edwards, que tinha saído em férias. Foi uma convenção de promessas. Os que assistiram e os que lêem as crônicas assim entendiam e entendem. Entretanto saiu tudo muito diferente. Inke breve deixou o evangelismo paulistano para vir ao Seminário com grande desapontamento para sua Igreja de Nova Odessa; Langston em pouco voltou à sua terra, sòmente Bagby ficou.

A Convenção de 1918 dá-nos a impressão de uma mentalidade nova. "A julgar pela animação", disse Silas Botelho, no *Jornal Batista,* "que reinou nas sessões, pelo gôsto e interêsse com que vários problemas foram discutidos, teremos em 1918 um ano de gloriosas bênçãos, neste importante e difícil campo."

Estiveram também presentes os Drs. Entzminger e Watson, do Rio e J. J. Taylor, que tinha voltado à terra. Os jovens Juvenal Ricardo Meyer e Silas Botelho pertenciam à nova geração de batistas, que, com outros, havia de fazer fulgurar o trabalho no futuro. Começava o trabalho a receber sangue nôvo que lhe traziam os novos pregadores atraídos ao Campo, com os maiores recursos que começavam a circular, vindos de fora e das igrejas com as novas edificações na capital com a Primeira Igreja e a Liberdade, o Colégio e outras. O fim da Grande Guerra foi auspicioso para o mundo todo e até para o trabalho batista. As grandes doações ao trabalho feitas pela Junta de Richmond, por meio da "Campanha de 75 milhões de dólares" deram-nos uma consciência própria de segurança e estabilidade, quer em matéria

---

(4) J. B., janeiro, 29-1914.

de construção como de evangelismo mesmo. Por todo o Brasil, desde Pernambuco até Rio Grande do Sul, não houve estado que não fôsse beneficiado.

As convenções dos últimos anos dêste período têm sido grandes e modelares. À parte as dificuldades naturais a um trabalho grande e crescente, tôdas as reuniões foram inspiradoras e norteadas por um alto espírito democrático.

Reunião de Obreiros: Uma das boas iniciativas paulistanas foi a organização da "União de Obreiros", de cuja existência temos notícia pelo *Jornal Batista* de setembro de 1912, quando se reuniu na cidade de Santos. De sua continuidade temos informações de que tem atravessado os anos em crescente e notável atividade.

Publicações: S. Paulo nunca foi centro de publicações batistas. Foi isso reservado à Bahia, Rio e Recife. Não obstante isso, não poderiam os batistas bandeirantes prescindir de seus jornais locais. Em 1910, aparecia *A Pequena Voz* que depois deu lugar ao *Batista Paulistano,* jornal que tem acompanhado a marcha gloriosa do trabalho através dos últimos anos. Além dos jornais locais, que merecem aqui um lugar que não lhes podemos dar, pouco mais se publicou em S. Paulo.

Problemas Gerais: Não podemos deixar de registrar o fato de que as muitas raças que procuravam S. Paulo constituíam um problema. Como atingir êste povo de tão variadas línguas sem os pregadores poliglotas necessários? Abandoná-los não seria possível. A Providência encarregou-se de prover os próprios evangelizadores. Dentre os próprios imigrantes Deus levantou homens para o trabalho de modo que S. Paulo apresenta o notável acontecimento de haver em seu solo várias igrejas de nacionalidades diferentes, com sua vida organizada, ministério próprio, culto em sua própria língua. Poucas são as raças ali representadas que não tenham o seu próprio culto. Os brasileiros tiveram o cuidado de, desde o início, ajudarem êstes irmãos de outras terras, e dessa felicidade, ninguém, nem mesmo o govêrno, aprecia tanto como nós.

CAPÍTULO XXV

POR OUTROS CAMPOS

I — PÔRTO ALEGRE

Na primeira parte desta obra devem ter notado os leitores o trabalho feito no Rio Grande do Sul por intermédio dos batistas alemães. Como *substractum* ao nosso trabalho não podemos deixar de lhes dar a devida atenção, pois foram aquêles irmãos que, embora trabalhando entre seus próprios compatriotas, lançaram a semente que veio a germinar entre os próprios brasileiros.

No primeiro período da segunda parte, ou seja entre 1907-1909, nenhum trabalho organizado havia entre os brasileiros, continuando, todavia, os líderes de então a pensar em estabelecer trabalho neste estado. O Dr. Entzminger chegou a oferecer-se para visitar alguns batistas que lá havia, e que de contínuo pediam a visita de algum pregador, e o mesmo fêz Salomão. Entretanto, nem um nem outro puderam ir lá. Assim se foram passando os anos sem estabelecer o trabalho, muito a contragosto dos batistas.

Em princípios de 1910, o missionário A. L. Dunstan, então estabelecido em Santos, ofereceu-se à Junta de M. Nacionais para visitar o estado, e, como a dita Junta tivesse a êsse tempo suas vistas viradas para o Sul, de vez que o trabalho no Acre estava pràticamente morto, foi a oferta aceita, e, a 6 de maio dêsse mesmo ano, Dunstan chegava a Pôrto Alegre, entrando logo em contato com os batistas esparsos que lá havia. Depois das primeiras atividades, arregimentaram-se os crentes, e, a 13 do mesmo mês, era organizada a Primeira Igreja Batista de Pôrto Alegre. Mais alguns dias de trabalho, de doutrinamento da novel igreja, e Dunstan retornava a seu campo em Santos com o propósito, parece, de mudar-se, em breve, para Pôrto Alegre, o que de fato se deu.

A situação dos crentes em Pôrto Alegre, agora, e a antiga necessidade de abrir um trabalho permanente no extremo sul do país levaram a Missão do Sul a pedir à Junta a mudança de Dunstan para lá. No dia 10 de março de 1911 lá chegava êste irmão para estabelecer a sua tenda e dedicar-se por longos anos a um dos mais difíceis trabalhos do Brasil.

Os primeiros tempos foram gastos na instrução dos crentes e no fortalecimento da pequena igreja; depois começou Dunstan a estender as atividades para os subúrbios e o interior. Em 16 de

abril era organizada a Igreja de Invernadas com um reduzido número de crentes.

Em 1912, escrevia êle à sua Junta, queixando-se das dificuldades que a Junta Alemã criava ao trabalho. O trabalho alemão, antigo como era, e padecendo de falta de orientação segura nos primeiros tempos, havia de gerar a outro trabalho semelhante, algumas dificuldades.

A 16 de abril de 1912, foi organizada outra igreja, a da Linha II ao mesmo tempo que perto de Ijuí se preparava outra organização.

Em 1915, já o trabalho se apresentava solidificado, não obstante as terríveis perseguições que se fazia nessa época aos crentes. Nesse mesmo ano foi erigido o templo da pequena Igreja de Pôrto Alegre com as ofertas dos crentes, e isso valeu por um acontecimento. Nesse ano havia 5 igrejas no estado e no ano seguinte mais duas foram organizadas: Alto Uruguai e "Linha 25", fazendo o total de sete.

Na evangelização do Rio Grande do Sul não esqueçamos as dificuldades naturais que haviam de surgir devido também à mistura de raças, não havendo talvez povo algum na face da terra que ali não tivesse representantes. Isso seria, sem dúvida, um sério tropêço. Pois é no meio destas dificuldades que em sete anos se estabeleceram sete igrejas no estado. Para conseguir isso que aí fica relatado, temos de considerar a exigüidade de obreiros, pois que, além de Dunstan, só havia em 1918 três pregadores brasileiros, e nos anos futuros êste número não foi muito modificado. Além dêsse reduzido número de obreiros, ajuntemos o seu isolamento dos demais irmãos batistas. Distantes dos centros de atividade, sem poderem assistir a uma convenção, sem poderem receber alguma ajuda dos seminários, sem terem oportunidade de rever os métodos de trabalho, temos de convir que êles não podiam ir muito depressa.

Em 1921, o trabalho recebeu mais um casal de missionários, o irmão R. A. Clifton, e, em 1922, lá se encontrava também o casal Petigrew, antigo trabalhador no norte e no Paraná. Estas novas aquisições muito concorreram para adiantar a causa, mas criaram outros problemas inexistentes até então, problemas de cooperação entre missionários. Dunstan parece que não sabia cooperar muito bem com os outros, ou os outros com êle, e, daí, desinteligências que muito mal fizeram ao trabalho, além dos outros males de que êle já padecia. Dunstan, por essas razões ou pelas requeridas pelo trabalho, mudou-se para Pelotas, onde veio a estabelecer-se um outro campo de trabalho com direção separada do estado, e ali permaneceu por muitos anos. Ali fun-

dou um pequeno colégio, que serviu bastante para despertar a educação entre o povo.

O missionário Clifton pouco tempo se demorou no R. G. do Sul, indo substituí-lo outro missionário, A.C. Duggar, que parece também não demorou muito no estado. Eram estas intermitências em parte que dificultavam a marcha ascendente do trabalho. Mais tarde, veio o casal Smith, que, filhos de uma nova época missionária, (ela filha do veterano W. B. Bagby), vieram entreter novos ideais para o futuro, e com êles não sòmente começa um período nôvo na história do trabalho, mas um período construtivo.

Não obstante as falhas apontadas aqui e ali o trabalho desenvolveu-se havendo no Campo, em 1925, 11 igrejas, 27 pontos de pregação ou congregações, 13 escolas dominicais, 503 crentes batizados.

II — PARANÁ — SANTA CATARINA [1]

O trabalho no Estado de Santa Catarina teve a sua origem nas atividades dos batistas alemães do Rio Grande do Sul, e também a entrada de crentes letos que lá foram procurar o pão e consôlo que sua terra natal não lhes pôde dar. A 4 de outubro de 1911, por proposta do irmão J. J. Taylor, na reunião da Junta de Missões Nacionais, sendo o irmão A. B. Deter, Sec. Corr. da Junta, foi votado começar-se o trabalho em Santa Catarina. W. B. Bagby e J. J. Taylor tinham visitado, havia anos, a Igreja de Rio Nôvo, porém esta igreja não tinha cooperado com os batistas brasileiros até o comêço das atividades da Junta de Missões Nacionais. O Sec. da Junta correspondeu-se com a Igreja de Rio Nôvo sôbre a necessidade de começar trabalho entre os brasileiros daquela zona. A pedido das igrejas, a Junta mandou Carlos Leimann para pastorear as duas igrejas de Rio Nôvo e Mãe Luzia, e evangelizar os brasileiros em redor. Em outubro de 1911, seguiram o irmão Deter e Carlos Leimann com a sua família para iniciar êste futuroso trabalho. Depois de duas semanas de glorioso serviço, ficou instalado o Pastor Leimann como missionário da Junta e pastor das duas igrejas; Rio Nôvo e Mãe Luzia, sendo seu ordenado pago, uma parte pela Junta e uma parte pelas igrejas.

Por alguns anos o trabalho prosperou admiràvelmente e o arranjo entre as duas igrejas e a Junta deu ótimos resultados. Em pouco tempo organizavam-se duas novas igrejas em Pedras Grandes e em Orleans do Sul, sendo a Igreja de Orleans organizada de um grupo que saiu da igreja mãe de Rio Nôvo. Depois

---

(1) Publicamos o histórico que o Campo nos ofereceu, com ligeiras modificações quanto à forma.

de alguns meses de pastorado, o irmão Leimann preferiu dedicar-se ao trabalho evangelístico, e assim continuou até 1914, quando terminou a sua ligação com a Junta. Foi pena que um tão bom comêço não pudesse ser continuado.

Além da igreja em Pedras Grandes, o Pastor Leimann abriu pontos de pregação em Braço do Norte, na casa do irmão Onofre Régis, e em Tubarão, onde foi perseguido ferozmente pelo padre do lugar, e em Cabeçuda, onde houve muitos batismos, e em Cresciúma e Urusanga e vários outros lugares. Os irmãos da Igreja de Rio Nôvo e da de Mãe Luzia ajudaram ao irmão Leimann em muitos lugares onde êle pregava.

Desde a visita do Secretário Correspondente da Junta de Missões Nacionais, e a instalação do seu primeiro missionário ali, as igrejas letas têm cooperado lealmente com a Convenção Batista Brasileira, pelas suas contribuições e por meio de mensageiros enviados às reuniões anuais da Convenção. A Igreja Leta de Rio Branco teve a honra de contribuir mais para a Junta de Missões Nacionais do que qualquer outra igreja no Brasil durante o ano.

A falta de obreiros não permitiu mandar obreiros depois do trabalho do irmão Leimann. O esfôrço para evangelizar o sul de Santa Catarina tem sido esporádico, porém nunca abandonado. Os secretários da Junta de Missões Nacionais visitaram estas igrejas, batizando os novos crentes, celebrando a ceia e disciplinando, enfim serviram de pastôres até que as igrejas se uniram com a nova Convenção Batista do Paraná.

O irmão Guilherme Butler pastoreou as duas igrejas por 5 anos, dirigindo uma boa escola para os filhos dos crentes em Rio Nôvo, sòmente deixando êste bom serviço quando se mudou para Curitiba, em 1920. A Igreja de Rio Nôvo despediu-se do Dr. Butler com tristeza. Sendo a educação dos filhos dos crentes e dos de seus vizinhos uma boa parte do trabalho dêste nobre educador da mocidade, a sua saída deixou uma lacuna grande no trabalho desta zona, lacuna esta que foi preenchida com a vinda do irmão Carlos Stroberg, no ano de 1924. Êste jovem ficou como pastor das igrejas de Rio Nôvo e Mãe Luzia pelo espaço de um ano. Em 1925, veio a Curitiba, onde estudou por dois anos, pregando em diferentes igrejas. Em 1927-28, voltou a Rio Nôvo para pastorear aquela igreja e Mãe Luzia. Êle fundou uma boa escola anexa no edifício da igreja; começou trabalho em Laguna, que continuou até que uma igreja foi organizada pelo pastor Abraão de Oliveira. Em 1929, foi organizada a Igreja de Pôrto União no norte de Santa Catarina, da qual igreja o irmão Carlos Stroberg era então o pastor, ao mesmo tempo, pastoreando as igrejas de Rio Nôvo e Mãe Luzia e Rio Branco. Em Pôrto União fundou uma escola anexa com mais de 50 alunos. Durante os dez anos de pastorado do irmão Carlos, a Igreja de Pôrto União tem cres-

cido constantemente. De 10 membros, com que foi organizada, alcançou em 1935 o número de 50. O Pastor Carlos Stroberg tem sido Sec. Corr. da Junta Interestadual e ao mesmo tempo tomando conta de várias igrejas brasileiras e letas. (2)

Uma Convenção Histórica. No dia 17 de maio de 1920, reuniu-se na Igreja de Rio Nôvo na Segunda Convenção Paraná-Sta. Catarina, sendo presidente o irmão Guilherme Butler. Houve representantes de Curitiba, Antonina, Cedro, Assungui e Paranaguá, igrejas estas tôdas do Paraná. O irmão S. L. Watson veio do Rio para prestar grande auxílio à Convenção. Foi posta em movimento a obra de educação, que teve resultados ótimos. Inauguraram-se escolas anexas em grande número de igrejas. Havia no campo, por muitos anos, de 300 a 500 alunos nestas escolas. Havia escolas anexas em Rio Nôvo, Assungui, Bucuera (tendo mudado o nome mais tarde para Eufrasina), Maria Luíza, Cedro, Antonina, Itaqui, Pôrto União, Rio Branco e muitas outras.

Pequeno Comêço em Florianópolis. Sendo Florianópolis a capital do estado, e por isto mais difícil por causa do custo do aluguel, etc., demorou-se muito em começar êste trabalho. As igrejas do Campo receberam pouco menos de Cr$ 500,00 por mês durante êsses anos magros da crise mundial, da Junta em Richmond. Sendo as igrejas tôdas novas, tornou-se impraticável começar trabalho na capital de Sta. Catarina.

O Tenente Manoel Neves mudou-se para Florianópolis e na Rua José Jaques, 29, começou a pregação e organizou uma escola dominical, que teve uma média de 50 alunos até a vinda do Pastor Egídio Gióia. Os Pastôres A. B. Deter e Carlos Stroberg dirigiram várias séries de conferências na casa dêste irmão, e umas sete pessoas pediram batismo. A escola dominimal mudou-se depois para a casa da família Reis. Êstes irmãos leigos, no seu grande entusiasmo, tiveram vários pontos de pregação, levando a Palavra de Deus muitas vêzes às praias, onde costumavam pregar aos pescadores. Grande é o valor de pregadores leigos no trabalho do Senhor em tôda a parte do Brasil.

Paraná

O trabalho Batista no Paraná deve a sua origem ao irmão Samuel Melo, paulista, comerciante em grande escala, que, convertido, liqüidou todos os seus negócios e, debaixo dos auspícios da Igreja Cristã de São Paulo, foi estabelecer-se em Paranaguá. Com seus próprios esforços e um pequeno auxílio de fora, sustentou a igreja por êle organizada, pregou até aos fins de

(2) Os últimos parágrafos desta página excedem um pouco os limites do período em estudo, mas os leitores dispensarão esta e outras falhas em benefício da continuidade de certa fase do trabalho narrado.

1910. Calcula-se que a soma gasta por êle neste serviço sacrificial atingiu a mais de 75 mil cruzeiros. O sec. da Junta de Missões Nacionais, A. B. Deter, convocou uma reunião da Junta para tomar em consideração o pedido do Pastor Melo, pois êle queria unir-se, juntamente com sua igreja, ao trabalho Batista. Por proposta de J. J. Taylor, o irmão W. B. Bagby foi enviado pela Junta para visitar Paranaguá, estudar as condições do trabalho, e ver se era possível a sua ligação com o trabalho Batista. Depois de uma sessão entusiástica, a igreja votou unir-se à Convenção Batista. O Dr. Bagby, tendo estudado bem as doutrinas pregadas pelo Pastor Melo, achou que a Igreja de Paranaguá era uma Igreja Batista em todos os pontos principais, e êle mesmo foi eleito como mensageiro, junto à Convenção Nacional. No ano seguinte, esta igreja entrava a cooperar com o Campo Paulistano, contando a êsse tempo mais de 240 membros.

Infelizmente, o irmão Melo adoeceu pouco depois, retirando-se para Campinas, onde veio a falecer a 1 de junho de 1911. (3)

Mesmo depois da retirada do irmão Melo, a igreja continuou a cooperar com a Convenção, sob os auspícios da Junta de Missões Nacionais, por meio do Sec. da Junta, A. B. Deter e F.M. Edwards. Êstes irmãos visitaram repetidas vêzes a Igreja de Paranaguá, fazendo os batismos, dirigindo sessões, e tratando de questões de disciplina. A igreja ficou debaixo da direção exclusiva da Junta de Missões Nacionais, até a vinda do missionário Petigrew, quando passou a ser dirigida pelo missionário, até a vinda do irmão Pastor Manoel Virgínio de Souza no dia 12 de dezembro de 1912. O irmão Petigrew, em correspondência com a Junta de Missões Nacionais, e pela deliberação desta Junta, decidiu chamar o Pastor Manoel Virgínio de Alagoas, para fixar a sua residência em Paranaguá, sendo Cr$ 100,00 pagos pela Junta e o resto do ordenado pago dos fundos administrados pelo missionário Petigrew. Em breve o Pastor Manoel estendeu as suas atividades a tôdas as partes à beira-mar. O campo ficou ainda sendo dirigido pelo missionário Petigrew até a sua retirada em 1918. Os secs. da Junta de Missões Nacionais visitavam muitas vêzes o campo no Paraná, e continuaram a patrocinar o trabalho da Junta no Estado.

De 1911-1918 várias igrejas nasceram no estado, entre as quais se encontra a de Assungui. Além disso, várias congregações foram também organizadas como resultado dos trabalhos de Petigrew e Manoel Virgínio.

A terceira e maior época nas atividades do trabalho para-

(3) Veja-se o capítulo sôbre Missões Nacionais.

naense começou em outubro de 1918 com a chegada, ao Campo, do missionário Deter, por muitos anos missionário no Estado de São Paulo, o qual veio substituir o missionário Petigrew que se retirara para a sua terra.

Deter entrou no Campo com idéias próprias e já provadas nas suas antigas labutas. Entre estas, mencionamos a de que o "missionário é simplesmente um pastor batista entre os outros pastôres batistas, e que os fundos vindos de fora devem ser sempre administrados pela coletividade batista e não pelo missionário". (4)

Com esta idéia em mente, decidiu-se organizar uma convenção que veio a tomar o nome de CONVENÇÃO PARANÁ-S. CATARINA com a cooperação das igrejas dos dois estados. Pôs-se em contato com as igrejas de Santa Catarina, e tôdas elas concordaram em enviar mensageiros a esta convenção. O irmão Brook representou a Igreja de Rio Branco com os seus 80 membros, o Pastor Guilherme Butler e Roberto Klavin representaram a de Rio Nôvo com os seus 15 membros, o irmão Jacob Klawa veio da Igreja de Mãe Luzia com os seus 15 membros. Tôdas estas igrejas têm cooperado harmoniosamente com as igrejas brasileiras desde os primeiros dias de atividade até hoje.

Entre os planos do Dr. Deter estava, além de uma convenção interestadual, a publicação de um jornal que em breve veio à luz, *O Batista,* e a construção de templos para as igrejas, esperando que Paranaguá logo começasse a construção, incluindo a compra de uma lancha para viagens. Êstes planos, importa dizer, foram executados magistralmente. A Convenção logo veio, o jornal também e as construções não demoraram, possuindo as igrejas do estado alguns edifícios majestosos. Certo de que as igrejas ficaram em precárias condições financeiras, com estas construções, menos a Primeira de Curitiba, que fêz a construção grandiosa que possui com grande ajuda de Richmond.

Nos relatórios seguintes, entram as Igrejas de Santa Catarina, Mãe Luzia, Rio Nôvo, Rio Branco e letas. Era agora o campo um dos bem cuidados do Brasil.

O progresso do trabalho requeria novos obreiros, vindo a ser pastor da Primeira Igreja de Curitiba o Dr. William Buttler, Abraão de Oliveira, diretor do Colégio Batista Brasileiro em Paranaguá. A êstes, acrescentemos a vinda de W. Luper, da "Baptist Missionary Association of Texas", que, se bem que independente, ajudou no trabalho, por um ano, durante as férias de A. B. Deter.

Durante os anos seguintes, o trabalho não só se desenvolveu, mas ampliou o seu mecanismo cooperativo. Assim, em

(4) As aspas são do autor da História.

1923, a Junta Estadual mantinha uma Junta de Educação, de Escolas Dominicais, Sociedades de Senhoras, etc. O fim, como dizia o relatório à Junta de Richmond, era colocar a responsabilidade do trabalho sôbre as igrejas e seus pastôres. (5)

Em 1923, W. B. Berry abriu um colégio na capital com prospectos de um grande futuro, mas pouco depois, por falta de recursos, com a mudança dêste irmão para outro campo, a iniciativa enfraqueceu, porque não havia suficientes trabalhadores para cuidarem dela.

Pelo fim dêste período, Paraná-Sta. Catarina, figuravam como um dos bons campos no Brasil e com admirável futuro. O colégio continuava a sua faina de educar a juventude e, das 21 igrejas do campo, 13 tinham suas casas de oração e que representavam um programa executado. O campo abrangia, agora, também uma parte do Estado de S. Paulo, onde, pelas distâncias, a cooperação com o Paraná era mais fácil. Carlos Leimann teve a primazia na evangelização dêsse último setor.

III — MATO GROSSO (6)

Em fins de 1910, um ex-membro da Igreja Batista de Rio Largo, Alagoas, residindo em Corumbá, sendo informado de que em Pôrto Murtinho havia um pregador do evangelho, dirigiu-lhe uma carta convidando-o a visitar Corumbá. Esta visita não se fêz esperar por muito tempo. Assim, em breve encontrava-se em Corumbá o Sr. José Correia Brasil, ex-membro da Igreja Batista de Paranaguá, então pastoreada pelo Rev. Samuel Melo. O Sr. Brasil deu logo início à pregação em casa do Tenente (Episcopal) Joaquim de Queiroz. No princípio de 1911, foram imersas, pelo Sr. Brasil, no Rio Paraguai, 18 pessoas.

O Sr. Brasil escreveu um folheto contra o fumo, no qual se assinou como "Pastor", não sendo êle, todavia, consagrado. Isto serviu de base à justiça local para oferecer denúncia contra êle. Obrigado a fugir de Corumbá, deixou muitos interessados como ovelhas sem pastor.

Foi nessas circunstâncias aflitíssimas, acrescidas ainda com a intimação a todos os crentes para prestarem depoimento em juízo, que providencialmente chegou às mãos do irmão João Gregório Urbieta, um exemplar de *O Jornal Batista,* cuja existência, e dos batistas no Rio de Janeiro foi uma gratíssima surprêsa! Imediatamente êste irmão dirigiu uma carta ao Reda-

---

(5) Foreign Mission Board Report, 1923.

(6) O histórico do Campo de Mato Grosso também nos foi oferecido pelo missionário W. B. Sherwood, o qual é publicado com bem ligeiras alterações.

tor, Dr. Entzminger, explicando-lhe a situação, e pedindo urgentemente a ida de um ministro batista para Mato Grosso.

O resultado da carta foi a ida do irmão A. B. Deter a Corumbá, aonde chegou no dia 5 de agôsto de 1911. No dia 20 do mesmo ano foi organizada uma igreja com 4 membros, portadores de cartas demissórias da Igreja de Rio Largo, Alagoas. A igreja assim organizada recebeu logo 30 candidatos para o batismo. Antes da sua saída, o irmão Deter batizou 53 (sendo os 18 batizados pelo Sr. Brasil incluídos neste número, pois "êles não ficaram satisfeitos com um batismo administrado por pessoa que nem era pastor nem membro de qualquer igreja batista.") Assim, o irmão Deter deixou a igreja com 57 membros e o irmão Solidônio Urbieta encarregado do trabalho.

Em princípio de 1912, veio o irmão Pedro Sebastião Barbosa para substituir ao irmão Urbieta.

Em fins de 1913, o irmão Solidônio Urbieta transferiu-se com sua família para Aquidauana, e logo começou a pregação do evangelho. Em 1914, o irmão Barbosa veio intensificar o trabalho e batizou os convertidos. Em 17 de janeiro de 1915, foi organizada uma igreja, ficando o irmão Barbosa como pastor e o irmão Solidônio Urbieta como encarregado. De Aquidauana o trabalho estendeu-se até Miranda e Campo Grande, sendo organizada uma igreja em Campo Grande em 29 de dezembro de 1917. Havendo, em todo o estado, só um pastor, que era o irmão Pedro Sebastião Barbosa, residente em Corumbá, foram consagrados os irmãos Francisco Correia de Araújo, como pastor da Igreja de Aquidauna e Solidônio Urbieta para pastorear a Igreja de Campo Grande.

Na Convenção Batista em Vitória, em 1918, foi assentado que êste trabalho fôsse desligado da Junta de Missões Nacionais e entregue ao Campo Paulistano, sendo escolhido o irmão E. A. Jackson, a êsse tempo missionário em Vitória, para tomar a direção.

Esta deliberação convencional estava naturalmente condicionada à anuência da Junta de Richmond, de vez que o missionário não poderia mudar-se para lá sem o consentimento da referida Junta. Esta concordou. Em julho de 1918, Jackson mudou-se para São Paulo, e em agôsto fazia êle a primeira viagem ao nôvo campo. O relatório enviado à Junta neste ano é amplo e animador.

In memoriam. O Pastor Pedro Sebastião Barbosa foi evangelista do Campo Fluminense, passando depois a trabalhar como evangelista no Estado de Mato Grosso, por conta da Junta de Missões Nacionais. Depois de uma longa vida de serviços passou à eternidade cheio de obras boas.

No comêço dêste nôvo trabalho, Jakson ficou morando em São Paulo, fazendo viagens de vez em quando ao seu campo. Em dezembro de 1920, mudou-se com a família para Campo Grande. Infelizmente algumas dificuldades tinham surgido ùltimamente, havendo uma divisão na igreja dêste lugar. Isto talvez fôsse o resultado da falta de ministério treinado.

Com a mudança do irmão Jackson para Mato Grosso, êle fez largos planos para o trabalho, abrindo uma escola e pedindo à Junta de Richmond a vinda de um agrônomo para fundar e dirigir uma escola agrícola. Para êste fim chegaram a Campo Grande, em outubro de 1921, George E. Goodman e espôsa. Goodman, não achando recursos para fundar a escola agrícola e não podendo apoiar a idéia de ter uma escola dessa natureza, resolveu mudar para São Paulo (março de 1922) para esperar a decisão da Missão e da Junta de Richmond. Em junho (1922) Dr. Love visitou o Brasil e foi resolvido não se fundar a escola. O irmão Goodman e espôsa embarcaram em agôsto para os Estados Unidos.

W. B. Sherwood, nôvo missionário na Bahia, foi, em setembro de 1921, para os Estados Unidos para casar-se. De lá voltou com a espôsa, indo diretamente para Mato Grosso, chegando a Campo Grande em 19 de janeiro de 1922.

No mesmo ano, em junho, o irmão Jackson, devido à saúde da espôsa, fechou a escola e foi para os Estados Unidos, deixando Sherwood cuidando do trabalho. Nesse tempo havia as Igrejas de Corumbá, Aquidauana e Campo Grande e congregações em Miranda e Três Lagoas.

Em janeiro de 1923, o trabalho estendeu-se por tôda a parte, e foi muito abençoado. O período de 1923-1925 foram anos de muito trabalho e muitas bênçãos.

Em 15 de março de 1925, a Igreja de Três Lagoas foi organizada com 18 membros, 15 dêstes sendo batizados no mesmo dia. Os irmãos José de Luís e família, Austiclínio de Abreu e Horácio Ladeira foram os instrumentos nas mãos de Deus para principiar o trabalho.

Em setembro de 1925, foi organizada a Igreja de Ponta Porã, com 6 membros, sendo a nova casa de cultos inaugurada um dia antes. O Senhor utilizou-se do irmão Florêncio Ramos, um carpinteiro da Igreja de Campo Grande, que foi a Ponta Porã para trabalhar na construção dos quartéis do exército. Êle não podendo ler a Escritura, cantava alguns hinos e pregava o evangelho para o povo onde tomava as refeições. Não demorou muito em receber a cooperação dum bom trabalhador, Manoel Avelino de Oliveira, telegrafista, membro da Igreja de Aquidauana. Foi um irmão inteligente, fiel e leal. Êle dirigiu a igreja até que foi chamado à eternidade em 27 de abril de 1927.

Em 14 de setembro de 1925, a Igreja de Aquidauana foi organizada com 20 membros, sendo ela o fruto do trabalho dos irmãos Clemente Luís Marcolino, Benedito Bonfim, os nossos convertidos, e as visitas dos missionários.

IV — GOIÁS

Ainda na Convenção de Vitória, em 1918, foi deliberado cuidar-se do trabalho no Estado de Goiás. Desde 1909 que a Junta de Missões Nacionais planejava abrir trabalho no estado, e para tanto chegou a Convenção a indicar o trabalhador Benedito Profeta para ir tomar conta. Mais tarde novas tentativas foram feitas, mas com poucos resultados.

Entretanto, sòmente 10 anos depois é que o trabalho foi iniciado no sul do estado, quando o irmão Artur Lins Tavares se mudou para Catalão e ofereceu seus serviços à Junta e com êle foi começado o trabalho.

Em 1920, Salomão Ginsburg, então Secretário da Junta, fêz uma visita a Catalão, onde pregou com bastante favor, apresentando por essa ocasião sua dispensa do trabalho o irmão Lins, o qual apresentou para seu substituto o irmão Pascoal de Muzzio e que foi aceito pela Junta, e consagrado, em S. Paulo, ao ministério.

A 26 de setembro dêsse mesmo ano (1920) foi organizada a Igreja Batista de Catalão com a presença de F. M. Edwards, de S. Paulo, que estava substituindo Salomão durante as férias.

Entre incertezas e desapontamentos, foi-se arrastando o trabalho, até que, em 1923, Salomão estabeleceu a Missão Goiana, havendo, nesse ano, 4 igrejas no estado. Salomão, não podendo mudar-se para Goiás como era seu desejo, mudou-se para S. Paulo, de onde dirigia o trabalho ao mesmo tempo que ajudava no que podia os irmãos paulistas.

Em 1925, havia no estado 4 igrejas com 111 membros, sendo que 50 tinham sido batizados durante o ano.

RESUMO DO PERÍODO (7)

Havia, em 1910, nove campos ou missões como eram mais geralmente chamados. (1) A Missão Amazonense, abrangendo do Amazonas ao Ceará; (2) a Pernambucana, incluindo os Estados da Paraíba do Norte e R. G. do Norte; (3) a Missão

---

(7) Damos estas informações sôbre os campos Paraná-Sta. Catarina, M. Grosso e Goiás, não sòmente como suplementares ao capítulo sôbre Missões Nacionais, mas especialmente para salientar os ditos campos depois que se emanciparam. Fica assim entendido que além dos antigos campos batistas, vieram mais tarde três, em 1918 perfazendo o total de 14: (1)

Alagoana estendendo-se até Sergipe; (4) a Missão Baiana; (5) a Missão Sertaneja, com sede em Sta. Rita, Bahia; (6) a Missão Vitoriense; (7) a Missão Campista (Fluminense); (8) a Missão do Rio e (9) a Missão Paulistana. Em 1911, uniu-se Alagoas a Pernambuco, e, em 1912, a de Sta. Rita morreu, ficando a Baiana com o seu território.

O número de igrejas era nesta época de 110 com 7.004 membros. Havia 46 propriedades no valor de 317 mil cruzeiros.

Havia 46 pastôres, incluindo 3 alemães no R. G. do Sul e 21 missionários, fazendo um total de 67 pregadores batistas.

O Campo Amazonense tinha 7 pastôres e 11 igrejas, o Pernambucano tinha 11 pastôres e 24 igrejas, sendo 19 em Pernambuco e Alagoas; o Baiano tinha 12 pastôres e 32 igrejas, incluindo o sertanejo; o Vitoriense com 8 igrejas e 2 pastôres e 1 evangelista; o campista 15 igrejas e 7 pastôres e 4 evangelistas; Rio de Janeiro, 10 igrejas, 1 pastor e 4 evangelistas; o Paulistano, 2 pastôres e 1 evangelista e 10 igrejas, e o Rio Grande do Sul, 3 igrejas e 3 pastôres (alemães).

Nos estados do Sul, Rio G. do Sul, Paraná e Sta. Catarina não havia trabalho organizado entre brasileiros, além da Igreja de Paranaguá, de iniciativa do irmão Samuel de Melo; nos estados centrais nada tínhamos também. Em Minas havia apenas algumas igrejas sob a direção do trabalho de Campos e Vitória. No norte, não havia trabalho em Paraíba, Rio G. do Norte e Sergipe, havendo uma pequena igreja em Fortaleza e outra no Maranhão e duas no Piauí, sem direção local, servindo-se apenas das visitas de Nelson.

Em 1910, as várias missões ou campos foram agrupados em duas Missões. a do Norte, da Bahia até ao Amazonas; a do Sul, de Vitória ao R. G. do Sul. Por êste arranjo ficou o trabalho, no que concerne ao trabalho missionário, sendo dirigido pelas duas organizações compostas ùnicamente de missionários, tendo cada uma a sua diretoria com duas reuniões anuais. Nestas reuniões estudam-se os problemas gerais e dá-se conta à Junta de Richmond.

Os batistas não possuiam, em 1910, um palmo de terra para os seus colégios e seminários. No Rio de Janeiro, Pernambuco, Vitória, S. Paulo e outros lugares os colégios estavam instalados em casas alugadas. Excepção ao colégio da Bahia, que tinha

---

Vale do Amazonas, incluindo Pará e Maranhão; (2) Piauiense. (3) Pernambucano. (4) Alagoano. (5) Baiano. (6) Vitoriense. (7) Mineiro. (8) Fluminense. (9) Paulistano. (10) Rio de Janeiro. (11) R. G. do Sul. (12) Paraná-Santa Catarina. (13) Mato Grosso. (14) Goiano.
O estudo das atividades dêstes 14 centros com vida própria, direção própria, oferecem uma pesada tarefa ao historiador.

casa própria. A grande maioria das igrejas estavam instaladas em lojas de aluguel.

Não tínhamos professôres preparados, não tínhamos pregadores educados. Nossos seminários ainda não tinham preparado ninguém.

As Juntas de Missões Nacionais e Estrangeiras estavam na infância. Só havia um obreiro trabalhando em parte por conta da Junta de Missões Nacionais. Em Portugal não tínhamos missionário e no Chile ajudávamos os irmãos com ofertas mensais. As contribuições para Missões Estrangeiras foram nesse ano de Cr$ 1.183,10 e Missões Nacionais Cr$ 1.108,50. Para educação não havia contribuição alguma, além de pequenas importâncias recebidas pela Sociedade Educadora Batista.

DESENVOLVIMENTO

Em 1911, nasceram dois novos campos: Mineiro e Rio Grandense do Sul, indo para aquêle o missionário Crosland e para êste Dunstan. Em 1913, criava-se o Campo Piauiense que até esta época era servido por Nelson, do Amazonas, indo tomar conta do trabalho o casal Terry. Em 1918, três novos campos se projetam: o Campo Paraná-Sta. Catarina que nesse mesmo ano começou suas atividades sob a direção do missionário Deter, o Mato-Grossense sob a direção de E. A. Jackson e o Goiano sob a direção de Salomão, sendo que êste só em 1923 teve sua vida realmente autônoma. Todos êstes campos resultaram das atividades da Junta de Missões Nacionais de que Deter tinha sido grande secretário. Em 1920, organizava-se o Campo Alagoano, abrangendo também Sergipe, com a ida, para Alagoas, do missionário J. Mein; em 1924, fundava-se o Campo Paraibano sob a direção de E. A. Hayes, abrangendo Rio G. do Norte e Ceará. No Pará e Maranhão esboçou-se, em 1917 e 1919, um comêço de direção local com a ida do Dr. Downing para aquêle estado e para êste do Sr. J. B. Parker. A curta permanência dêstes irmãos nesses lugares não logrou promover a fundação de trabalho com direção local, voltando a ficar sob as vistas de Nelson.

Em 1925, tínhamos trabalho pelo menos nas capitais dos estados e na maioria dêles havia organizações locais que superintendiam as várias atividades. A maior parte dêsses estados viu nascer um admirável número de igrejas, apenas alguns do norte pararam no meio do caminho por falta de alguém que tomasse a frente.

A nossa pobreza material de 1910 foi transformada numa admirável riqueza. Em 1915, comprava-se a primeira propriedade denominacional no Rio de Janeiro para a Casa Publicadora Batista, com a dádiva de 30.000 dólares oferecidos pela viúva

J. S. Carrol. Daqui em diante novas adições vieram ao nosso patrimônio. No Rio foram compradas as grandes propriedades do Colégio e Seminário em 1916 e anos seguintes, avaliados hoje ([8]) na importância de Cr$ 3.000.000,00. Em Pernambuco na importância de Cr$ 2.000.000,00, na Paulicéia de .... Cr$ 1.000.000,00, Campos Cr$ 300.000,00, Piauí Cr$ 250.000,00, tudo num total superior a Cr$ 9.500.000,00.

As igrejas também foram enriquecidas com admiráveis templos durante êsses 16 anos. Em S. Paulo, Pernambuco, E. do Rio e noutros estados erigiram-se lindas casas de culto no valor de Cr$ 2.000.000,00. Verificado que em 1910 tínhamos propriedades das igrejas no valor de Cr$ 317.000,00 para .... Cr$ 2.062.000,00, em 1925, o crescimento foi admirável.

Nesse período organizaram-se as duas agências cooperativas de construções: no norte a Comissão Predial, em 1917, e no sul, a Patrimonial, em 1919. Por meio delas foi possível fazer o milagre de dar a tantas igrejas casas condignas.

O número de igrejas passou de 110 com 7.004 membros a 324 com 30.000 membros. O número de pastôres passou de 46 a 99. O crescimento numérico de pastôres foi desproporcionalmente pequeno e isso acarretou sérios embaraços ao trabalho, mas a qualidade quanto à educação melhorou em muitos por cento. Vários campos não deram, como sempre acontece, estatísticas completas, de modo que o número dado não representa a realidade. ([9])

Os colégios, sem projeção em 1910, tornaram-se paradigmas de educação no fim do período. O mesmo diríamos dos seminários, que se desenvolveram de um modo admirável.

As Juntas de Missões Nacionais e Estrangeiras viram os seus dias melhores dentro dêsses anos. Em 1918, entregou-se o trabalho do Chile à Junta de Richmond a fim de concentrarmos nossos esforços em Portugal, para onde tínhamos mandado o primeiro missionário J. J. Oliveira, em 1911. Em 1910, as contribuições para Missões Nacionais foram de Cr$ 1.108,50 e para Missões Estrangeiras, Cr$ 1.183,10. Em 1925, as Missões Nacionais receberam Cr$ 12.425,00 e as Missões Estrangeiras Cr$ 17.544,70.

A Casa Publicadora deixou de pagar aluguel de uma acanhada loja na Rua Visconde de Itaúna para ir morar numa grande chácara no Riachuelo, e o seu programa de publicações foi de tal modo transformado que nem semelhança pôde oferecer ao de 1910.

---

(8) Em 1936.

(9) Êstes algarismos não incluem os pastôres de S. Paulo, E. Santo, Goiás, Paraná-Santa Catarina, Mato Grosso, E. do Rio, Sergipe e Ceará. Podemos calcular em 150 o número de pastôres em 1925.

A mocidade batista, que estava desorganizada e em franca decadência, viu talvez os melhores dias de sua longa história depois de 1918, especialmente em 1922, quando sua Junta se fundiu com a de Escolas Dominicais, tendo sua própria literatura e programa.

O trabalho da Junta de Escolas Dominicais foi refundido de 1916 em diante, com a publicação do Manual Normal que se tornou livro-modêlo dêste trabalho.

A Denominação criou nome e forte consciência com a desenvoltura de suas várias agências, apresentando-se, em 1925, como a mais forte e bem cuidada de tôdas as que operam no Brasil. Nenhum outro ramo de trabalho evangélico no Brasil tomou tais proporções, podendo-se dizer que atingiu o período de sua expansão e maturidade. Os batistas podem sentir-se ufanosos do trabalho realizado em tão poucos anos.

TERCEIRO PERÍODO — CONSOLIDAÇÃO

1926 — 1935

SEÇÃO 1

CAPÍTULO XXVI

COSOLIDAÇÃO DO TRABALHO EDUCATIVO

I — JUNTA DO COLÉGIO E SEMINÁRIO DO RIO

Bem pouco de notável pode esperar-se do trabalho educativo neste período. As instituições solidificaram-se durante o período anterior, ganharam nome e atingiram o cume do seu expansionismo. Os grandes edifícios estavam ou prontos ou em vias disso; as grandes chácaras constituíam o orgulho de todos nós. Os nossos clientes não nos poupavam elogios tanto pelo bom equipamento como pelo tino pedagógico. Estávamos perfeitamente senhores da situação. Manter o terreno conquistado seria a única coisa notável a ver nesta década final do nosso estudo.

1. *Colégio do Rio*. Continuando o Dr. Shepard na presidência da Instituição é de esperar que sejam continuados os grandes planos que se vêem desabrochando desde 1908. O grande Edifício "Ray" para dormitório do Colégio tinha ficado pronto havia pouco, mas já o "Judson Hall" se mostrava pequeno, especialmente o salão nobre, para o grande número de 490 alunos matriculados em 1925. Ativava-se o acabamento do Edifício "Love", cujo salão nobre fàcilmente comporta 1.500 pessoas e cuja construção se vinha arrastando nestes últimos meses. Os vários orçamentos feitos tinham mostrado estar aquém das necessidades, e a Junta de Richmond não podia dar o necessário para o complemento das obras. *O Jornal Batista* abriu a campanha a favor do prédio e a Junta do Estabelecimento fêz o orçamento de 130 mil cruzeiros a serem levantados entre as igrejas do sul. Infelizmente, em 1936, as obras estão longe do acabamento e nem outros 130 mil cruzeiros bastarão para as acabar.

Os vários departamentos do Colégio estavam nesta época assim distribuídos: (1) Externato misto na Rua José Higino, 416; (2) Internato e Externato feminino na Rua Conde de Bon-

fim, 743; (3) Externato feminino na Rua Haddock Lôbo, 296. Êstes três departamentos, para não falarmos agora do Seminário e seus departamentos, constituíam uma boa célula universitária.

Em 1925, viu-se o Colégio na contingência de requerer bancas examinadoras para os seus alunos de vez que as novas leis de ensino tinham anulado o antigo regime de equiparação. A média de aprovação na primeira banca foi confortadora e isso trouxe ao Colégio boa soma de crédito. Em 1930, com a nova reforma do ensino na administração Francisco Campos, voltou o regime da equiparação e sem detença ainda o nosso Colégio requereu inspeção provisória para pouco depois ser reconhecido equiparado permanentemente.

2. *Seminário*. O Seminário tinha na pessoa do diretor um bom amigo e conselheiro. O corpo docente relativamente numeroso foi acrescido, em 1925, com o Prof. L. M. Bratcher para a cadeira de Missões e Religiões. O número de 50 alunos em média por ano era pequeno, pois que os professôres poderiam ensinar muito maior número. Mais ou menos bem instalado na Chácara Itacuruçá, [1] tendo, além do seu diretor, o deão que nesta época continuava a ser o Dr. A. B. Langston.

De ano em ano ia o Seminário oferecendo à Causa um bom número de moços futurosos que por todos êstes anos têm enriquecido as igrejas com a sua cultura e consagração.

O curso oferecido de Bacharel em Teologia foi, em 1930, estendido a Doutor em Teologia, já na administração do Dr. H. H. Muirhead.

3. *Escola para Obreiras e Escola Normal*. Ao lado do Seminário, ia a Escola de Obreiras que visava preparar as môças para o trabalho nas igrejas, como ao lado do Colégio ia a Escola Normal que visava preparar professôres e professôras para as escolas batistas. D. Bernice Nell, D. Ruth Randall e o Dr. C. A. Baker dedicavam-se a êste trabalho. A Escola Normal foi desaconselhada mais tarde, por dispendiosa e pouco compensadora, uma vez que as próprias obreiras, assim como os seminaristas, supririam as vêzes dos normalistas.

4. *Escola Comercial*. Ampliando o vasto programa educativo, foi criada a Escola Comercial anexa ao Colégio que em 1925 estava em franco florescimento. Nos anos de 1925-30 prestou relevantes serviços não sòmente aos filhos dos crentes, mas a muitos moços e môças que a procuravam. Com o aparecimento e desenvolvimento de muitas outras escolas similares mais centrais foi julgada desnecessária a nossa, acabando aí por 1930.

---

(1) Era plano do Dr. Shepard a construção de um grande edifício para o Seminário, coisa que não chegou a realizar.

5. *Escola de Verão*. Adicional ao trabalho regular do Seminário, funcionava, em 1925, esta escola que pretendia arregimentar pastôres e outros irmãos, que, por condições diversas, não se poderiam matricular no Seminário. Por algumas semanas vinham êles de vários pontos do vasto sul do Brasil beber os conhecimentos que tanto bem lhes fariam nas suas atividades nas igrejas. Dêste trabalho dava-se ao fim do curso que compreendia vários anos, um diploma, atestado do trabalho feito. Alguns hábeis pastôres se valeram dêste serviço e têm prestado às suas igrejas bom trabalho como conseqüência dêle.

Além dos cursos mencionados, dava ainda o educandário o Curso de Artes Industriais, o Curso de Ciências e Artes Domésticas, especialmente às môças obreiras, estenografia, datilografia, etc. Um pouco mais, e teríamos a sonhada Universidade Batista.

Por anos, o Dr. Shepard desejou publicar uma Revista de Professôres que consubstanciasse o saber e visão pedagógica da congregação, mas como êste trabalho requeria vastos recursos e tempo que não se podia conseguir fàcilmente, foi de pouca duração.

A Chautauqua, espécie de assembléia popular, semelhante à Assembléia Batista do Norte, reunia uma elite intelectual todos os *verões* e seu trabalho era de certo modo complementar aos demais trabalhos educativos teológicos e literários do ano. Infelizmente, depois de 1930, não mais foi continuada, cabendo-nos lamentar êsse fato, pois que muito bem poderia continuar a fazer ao povo da grande cidade de *S. Sebastião*.

NOVAS ADMINISTRAÇÕES

Tudo neste mundo tem um fim. O Dr. Shepard, fundador e inspirador da grande obra educativa no Rio e no Sul, teve muitos admiradores, mas como homem de valor, teve também os seus opositores. Ou por esgotamento físico, como se dizia, ou por êsse e outros motivos foi levado a deixar o lugar que por tantos anos ocupara.

Em 1930, por ocasião da Convenção Batista Latino-Americana, estava no Brasil o Secretário da Junta de Richmond, Dr. T. B. Ray. Foi o momento propício para acertar êsse passo da vida do Diretor Shepard. A Junta do Colégio e Seminário reuniu-se por diversas vêzes com a presença do secretário aludido e depois de vários estudos, o Dr. Shepard renunciava ao lugar, retirando-se pouco depois para seu país. (2)

(2) É hoje catedrático no Baptist Bible Institute, Nova Orleans, Estado de Louisiana, E.U.A. (1936).

Para o lugar de diretor interino foi logo eleito o Dr. A. B. Langston, antigo Deão do Seminário e que gozava de real prestígio entre missionários e brasileiros.

Com a saída do Dr. Shepard, urgia encontrar o nôvo diretor efetivo e para isto carecia-se de um homem experimentado. Logo as vistas de muitos convergiam para o diretor do Colégio e Seminário do Recife, o Dr. H. H. Muirhead, que, também diretor dos estabelecimentos pernambucanos, quase desde o início, tinha-se firmado no conceito de todos como homem de capacidade e visão dos problemas educativos. Convidado, relutou naturalmente em deixar um pôsto em que estava sobejamente firmado, para assumir outro que envolvia tão complicados problemas. Depois de várias *demarches,* anuiu em aceitar o pôsto, exonerando-se do Colégio e Seminário do Recife, e chegando ao Rio aí pelos fins de 1930, para logo tomar conta da direção no próximo ano letivo.

O ano de 1931 foi, pois, um período de transição e de experiências novas tanto para o próprio Colégio e Seminário como também para o nôvo diretor. (3) Com a vasta experiência obtida nos muitos anos de trabalho não lhe foi muito difícil adaptar-se à nova situação, e as muitas lições aprendidas nesses anos lhe serviram para essa adaptação.

Os anos de 1931-1932 foram bons para o nosso educandário. Em 1933, o diretor adoeceu e teve de retirar-se por um mês para descansar no Recife.

De volta, verificou-se que as melhoras eram precárias e que seu estado de saúde não suportava os problemas decorrentes de um grande estabelecimento, agravados ainda com outros problemas. Foi então aconselhada a concessão de umas férias mais longas para ir descansar na Argentina, onde tinha uma filha casada, assumindo a direção interinamente o diretor do Ginásio, Dr. A. J. Terry. N princípio de 1934, voltava o diretor das férias, mas tal era a sua situação que êle teve de apresentar o pedido de exoneração do cargo. Como estivesse à frente o irmão Terry, foi-lhe pedido que continuasse até que fôsse normalizada a situação.

O Dr. Terry, bem afeito aos trabalhos educativos, pois dirigiu por muitos anos o Instituto Batista Industrial do Piauí, foi eleito pela Junta a pedido do Dr. Maddry e aceitou o lugar até que fôsse escolhido o diretor efetivo. Logo depois caiu doente de grave enfermidade e isso apressou a necessidade da eleição do nôvo diretor efetivo, vindo essa escolha recair na pessoa do Dr. S. L. Watson, antigo diretor da Casa Publicadora Batista, e que já tinha sido diretor interino, em 1918, por ocasião

(3) Atas da Convenção Batista Brasileira, 1932.

das férias do então diretor Dr. Shepard. Eleito em meados de 1934, logo assumiu a direção debaixo de expectativas gerais. Bem conhecido e radicado ao meio sulino, todos receberam a escolha de boa vontade. Depois de passados os dois primeiros anos de atuação verifica-se que a nova direção se consolida. Alguns melhoramentos de vulto foram efetuados, tais como o preparo do campo de esportes, construção do ginásio, etc.

II — JUNTA DO COLÉGIO E SEMINÁRIO DO RECIFE

O ano de 1925 inicia a terceira etapa da vida dos educandários em Recife. De 1902-1909 tivemos o período das experiências e ensaios quanto aos diretores. Com a chegada de Muirhead ao Brasil, em 1907, e sua conseqüente chamada à direção do Colégio, e Hamilton ao Seminário, em 1909, estava finda a primeira etapa. De 1909-1918 as instituições atravessaram o período de grande progresso com a compra das propriedades. Vivendo cada uma com a sua própria direção, desenvolveram-se simètricamente, não sendo uma absorvida pela outra. Em 1918, com a entrada das ditas instituições para a Convenção Batista Brasileira, inicia-se a terceira etapa que vai até 1925, quando depois de aceitas as Bases de Cooperação foram as instituições unidas sob uma só Junta, tendo como diretor geral o Dr. H. H. Muirhead; inicia-se aí a quarta etapa.

É, pois, o "Educandário Unido" que temos de estudar neste período. Eleita a nova Junta na Convenção do Rio de Janeiro de 1925, foi muito naturalmente eleito diretor do Colégio e Seminário e outras escolas o Dr. H. H. Muirhead. O Dr. W. C. Taylor passou a deão do Seminário.

O Dr. Taylor, como deão, continuava a ser o diretor *de fato,* do Seminário, de vez que o diretor geral, nem tinha tempo nem precisava ocupar-se com esta parte do educandário tão bem servida estava. Talvez mais uniformidade financeira viria da unificação das instituições, mas mesmo aí pequena seria a alteração visto que o Seminário tinha seu próprio orçamento. sua escrita separada.

O Educandário Unido estava composto das seguintes unidades: (1) Colégio, (2) Seminário, (3) Escola de Trabalhadoras Cristãs, (4) Colégio da Bíblia, (5) Escola Normal, (6) Curso Comercial, (7) Escola Doméstica e (8) Escola de Música. Cada unidade obedecia ao seu próprio *curriculum* e tinha sua própria faculdade.

1. *Colégio*. A parte central do Educandário, quanto ao movimento, já vimos que era dirigida pelo irmão H. H. Muirhead. Depois de 1925, a matrícula caiu um pouco devido à crise geral e ao banditismo no interior dos estados próximos de onde se abastecia o Colégio quanto a alunos.

2. *Seminário*. Já vimos que à frente dêste ramo importante de trabalho estava o acatado Prof. W. C. Taylor. Os cursos de Bacharel em Teologia e Mestre em Teologia eram oferecidos de ano em ano a novas turmas. Os estragos causados pelo Movimento iam pouco a pouco desaparecendo e a confiança e o esquecimento das lutas passadas encarregavam-se de preparar um grande futuro. Em 1927, na ausência do deão em férias, assumiu a direção do cargo o Prof. Mesquita.

O Seminário funcionando em prédio próprio, do lado oposto da rua em que estava o Colégio, com amplos dormitórios, salas de aulas, área para recreio, biblioteca escolhida, constituía um cenáculo invejável e propício à cultura dos alunos. Privados que estavam do convívio com os colegiais, quanto à vida espiritual, pois tinham suas horas de culto, suas reuniões regulares para cultivo intelectual, muito lucravam. Podiam mesmo criar e desenvolver o espírito de compreensão de sua tarefa e destino na denominação. Era em verdade uma faculdade superior com sua vida própria e definida. Em comum com o Colégio tinha apenas o refeitório e as aulas dos preparatorianos. Tem sido neste ambiente que se têm escoado os últimos anos.

3. *Escola de Trabalhadoras*. Esta Escola significa para o norte o que a Escola para Obreiras significa para o sul. Para ali são enviadas as môças vocacionadas para trabalhos especiais e sua entrada está cercada das mesmas precauções que a de um seminarista no Seminário. Às reuniões gerais do Seminário elas compareciam acompanhadas de sua diretora, e partilhavam de muitas das atividades intelectuais e espirituais do mesmo Seminário. Com o seu dormitório em prédio próximo do Colégio recebiam a mesma educação que os próprios seminaristas.

4. *Colégio da Bíblia*. Em 1924, foi organizado êste departamento com o fim de se dar especial preeminência ao estudo da Bíblia por parte dos seminaristas. Assim, todo o candidato ao Ministério que não tivesse ainda o curso exigido para entrar no Colégio, faria um estágio nas aulas literárias do C. da Bíblia, ao mesmo tempo que fazia alguns estudos preliminares ao Curso Teológico. Uma espécie de curso Pré-Seminário. Em 1930, foi dado como dispensável êste trabalho em virtude do grande esfôrço que requeria dos professôres, passando as aulas a serem ministradas dentro do próprio período escolar.

5. *Escola Normal*. Esta escola que visava o preparo de professôres e professôras para o magistério entre as igrejas era em geral aproveitada pelas môças da E.T.C. que a um tempo recebiam o treinamento literário e religioso para seu futuro trabalho. Foi diretora por vários anos D. Essie Fuller.

6. *Curso Comercial*. O Curso Comercial do Batista era um dos mais acatados na cidade, onde eram requisitados os alunos para muitas casas de grande movimento. Alguns dos mais destacados postos no comércio foram ocupados pelos nossos alunos. Os alunos faziam o curso em comum com os demais alunos, tendo as aulas especializadas à parte.

7. *Escola Doméstica ou de Arte Culinária*. Em meados de 1927, a Pernambuco Tramways (a Light do Recife) transferiu para o Colégio a sua escola de Arte Culinária, concedendo especiais vantagens tais como gás gratuito, prêmios em fogões às alunas mais destacadas, etc.

8. *Escola de Música*. Com esta Escola completamos o circuito de atividades intelectuais e artísticas do Educandário do Recife. Não era nem nunca poderia ser um conservatório de música, mas assim mesmo era uma pequena faculdade que ensinava alguns dos principais instrumentos. A êste trabalho deu especial realce o casal Zimmermann que tinha especial pendor para a música. O Seminário muito lucrou com o irmão Zimmermann.

Mudanças de direção — As mudanças que se processaram no Rio afetaram o Educandário do Recife. Com a saída do Dr. Muirhead, foi convidado o irmão J. Mein, do Campo Alagoano. Recebido com gerais simpatias em breve se mostrou à altura da posição. Foi curta a sua permanência à frente das instituições, pois, saindo em gôzo de férias, em 1933, foi substituído pelo missionário R. E. Johnson.

III — JUNTA DO COLÉGIO BATISTA BRASILEIRO, S. PAULO

O Colégio Batista Brasileiro voltou a fazer parte do sistema educativo da Convenção em 1922. Pelo relatório de 1926, nota-se que mantinha os seguintes cursos: (1) Primário, (2) Secundário, (3) Ginasial, (4) Comercial e (5) Normal. Além disso, tinha vários cursos de lingüística em inglês, árabe, bem como cursos de pintura, desenho, canto, violino, etc. Suas 360 alunas nesse ano vinham das mais variadas nacionalidades existentes em S. Paulo, sendo por isso de alcance notável a influência que o Colégio exercia entre as mesmas raças.

Ao lado das disciplinas literárias e artísticas, mantinha um bom curso de religião ministrado às alunas em geral. Esta orientação e administração atravessou os anos dêste período.

Na direção continuava o missionário E. A. Ingran e como diretor da Escola Normal e cursos secundários o Pastor Pedro Gomes de Melo. O missionário Salomão Ginsburg, desde a sua ida para S. Paulo em 1923, ocupou o lugar de diretor de propaganda.

Mudança de direção. — Com a saída do Diretor Ingran, de férias, ficou responsável pela direção o missionário Paulo C. Porter até a chegada do missionário H. A. Zimmermann, que se mudara do Recife para S. Paulo, em 1927, o qual logo foi aproveitado na direção da casa, pois que Porter, mais dado ao evangelismo que à educação, desejava ser substituído. Chegadas as férias de Zimmermann, novamente voltou à direção o irmão Porter. Foi o tempo em que, por circunstâncias financeiras, a Junta não podia fàcilmente fazer retornar a seus campos os missionários em férias, e por essa circunstância ficou Zimmermann na outra América. Porter sentia-se contrafeito na direção uma vez que sendo também secretário evangelístico do Campo Paulistano eram requeridos os seus serviços para as igrejas.

Entrementes, F. A. R. Morgan deixava a direção do Colégio Batista Fluminense em Campos e era convidado a lugar idêntico em S. Paulo, posição que aceitou e tomou posse em dezembro de 1932. Em 1934, foi adquirida a mobília do salão nobre composta de 629 poltronas confortáveis, mobiliário para o refeitório, sendo ainda paga a dívida que pesava sôbre a instituição.

Ainda em 1934, foi mudado o nome do Colégio para "Colégio Batista Brasileiro D. Ana Bagby", em reconhecimento pelos serviços prestados por esta irmã através de longos anos.

Atendendo às exigências da lei do ensino no país foi também requerida a sua equiparação em 1935, o que lhe veio trazer uma nova época.

IV — OUTROS COLÉGIOS

1. *Colégio Batista de Campos.* O Colégio Batista em Campos tem sido administrado por uma Junta Estadual de nomeação da Convenção Batista Fluminense. Nunca pretendeu nivelar-se a outros colégios como os de S. Paulo, Rio ou mesmo de Recife. Sua atuação nem por isso tem sido inferior no âmbito de suas oportunidades, preparando os filhos dos crentes do estado, e outros que o têm procurado, ao mesmo tempo que tem ministrado o curso fundamental a muitos seminaristas.

Nesta época vamos encontrar o colégio sob a direção do Prof. Alberto Portella, que depois é substituído pelo Pastor Fideles Morales Bentancor e a seguir pelo Dr. Christie em cooperação com J. E. Lingerfelt, de 1933-1937, e de 1938 em diante com João Barreto.

As contínuas reformas do ensino oficial refletiram sèriamente sôbre o Colégio, que, não podendo requerer equiparação por deficiência de recursos, não tem podido ir além do curso de admissão. Limitado assim, não tem podido expandir o seu

campo de ação como era de desejar. Sua contribuição, especialmente aos seminaristas, é incalculável. Cada ano vários dêles buscam o Colégio e Seminário do Rio para completarem seus estudos. (4)

2. *Colégio Batista Taylor-Egídio, Casca, Bahia (Jaguaquara)*. — Como vimos no período passado, foi mudado da capital da Bahia para Casca, em Jaguaquara, o educandário que por muitos anos ministrou a luz aos filhos dos baianos. No seu nôvo domínio, bem estabelecido e com algumas fontes de renda constituídas por fazenda de café, etc., atravessou alguns anos relativamente bem. O Diretor F. W. Taylor continuava como diretor ao iniciarmos êste período. O nosso Colégio em Casca tem feito notável trabalho e muito melhor teria sido se não fôra a instabilidade de direção. Em 1926, ausentou-se para sua terra o diretor, vindo substituí-lo o missionário Stapp, ajudado por Elias Ramalho. Mais tarde, novamente se ausenta o diretor, sendo substituído por J. A. Tumblin, e por fim, em 1934, com a saída dêste irmão em férias, voltou à direção de Elias Ramalho. Assim o Colégio Taylor-Egídio está, no fim dêste período, carecendo de melhores condições financeiras e administrativas, segundo informações prestadas neste sentido.

3. *Colégio Batista Americano, Bahia*. Na capital do estado, tentou-se recomeçar o trabalho educativo no meado do ano de 1925, a princípio por iniciativa particular dos missionários e depois por apoio da Missão do Norte e da Convenção Batista Baiana. Ficou evidente que a mudança do velho colégio satisfazia a uma necessidade, mas abria uma lacuna. Reconhecido êste fato, foi continuado o trabalho que tem dado bons resultados. O diretor desde o início foi o missionário M. G. White, ajudado pela espôsa. Anos depois veio cooperar no mesmo colégio a antiga educadora D. Paulina White que ao terminar êste período se encontra a postos. (5)

4. *Colégio Batista Alagoano*. Com a ida do Dr. Mein para Maceió, em 1920, logo se movimentaram os crentes para que lhes fôsse dada uma escola para os seus filhos. Foi assim que, em abril de 1921, era começada uma escola no templo da primeira igreja. No ano seguinte mudou-se a escola para um prédio da Igreja à Rua S. José, 4, onde passou o ano. Em 1923 mudou-se a escola com o nome de "Colégio Batista Alagoano" para o prédio da Missão no Farol. No ano seguinte alugava o

---

(4) Em 1938 foi requerida inspeção preliminar e passou a gozar de todos os privilégios dos colégios oficializados. Seu progresso em conseqüência disso foi notável.

(5) Na data da publicação da presente história, ela se acha em Belo Horizonte, prestando bons serviços no trabalho das Senhoras.

missionário Mein um grande prédio ao lado por Cr$ 250,00. Foi daí em diante que o nôvo colégio começou a sua vida de projeção. Com amplos cômodos e já um bom nome, foi logo perfilhado pela Convenção Estadual que lhe deu 30% do seu orçamento, vindo também a Junta de Richmond ajudá-lo com os aluguéis. Assim atravessou os anos até que a Junta de Richmond lhe comprou a propriedade em que presentemente se encontra.

Com a saída do missionário J. Mein para a direção do Colégio e Seminário do Recife, veio tomar-lhe o lugar o missionário J. B. Bice que se tem mantido na direção até expirar êste período. (6)

5. *Instituto Batista Industrial, Piauí*. Seria bastante romântica se pudesse ser escrita a história do Instituto Batista Industrial do Piauí. Distante dos centros movimentados, com a sua vida dedicada ao rincão sertanejo, mal lhe podemos sentir o pulso. Por isso, informações gerais e nada mais.

Por motivo de moléstia foi forçado a retirar-se, em 1927, o antigo diretor e fundador A. J. Terry, vindo substituí-lo provisòriamente o missionário E. H. Crouch, a pedido daquele. Com a volta de Terry, em 1928, Crouch dedicou-se ao trabalho evangelístico, cooperando também no Instituto. Em 1930, chegava ao Brasil por conta própria o irmão Foreman. Encontrando-se com o Dr. Terry, que veio assistir à Convenção Latino-Americana, foi por êste convidado a ir dedicar a sua vida ao trabalho do Piauí. Acompanhou Terry ao Piauí, onde, depois de uma breve viagem ao Rio, ficou como diretor do Instituto.

O raio de ação desta escola está longe de ser calculado. Do seu projeto inicial constava a irradiação pelos estados do Maranhão, Mato Grosso e Goiás. De todos êstes pontos vêm os seus alunos e até os índios Craôs, onde trabalham os missionários da J. M. Nacionais, têm sido postos em contato com ela, por meio de visitas de alguns dos seus elementos. Feitio industrial-agrícola, vai ministrando, além das letras, o ensino necessário ao amanho da terra e à criação do gado.

Possuindo grandes áreas de terra para criação, doadas inicialmente pela família Nogueira, pode assim viver sòbriamente de sua própria renda, sendo que a Junta de Richmond concorre com auxílio para ajudar onde é preciso.

A influência do Instituto, sob o ponto de vista social mal pode ser conjecturada. Por iniciativa do Diretor Terry que bem cedo soube adaptar-se à vida do sertão e acamaradar-se com os sertanejos, foi conseguida a extensão da linha telegráfica até Corrente, sede do Instituto. Melhoramento de alcance indescritível para um lugar longe da civilização, concorreu, por sua vez,

(6) Foi oficializado em 1938 e disso resultou grande desenvolvimento.

para atrair outros melhoramentos. Antes, eram precisos quinze dias ou mais para levar uma palavra ao centro mais próximo. Agora custa um momento. Quando da incursão das hostes revolucionárias pelo sertão brasileiro, em 1924, Corrente foi teatro de cenas dantescas entre fôrças legalistas e revolucionárias. A família Terry, com os seus companheiros, não tinham meios de comunicação com o mundo culto, e, se não fôra o tato admirável dêsses *matutos,* quem sabe o que teria acontecido ao trabalho ali. Dando água ao cangaceiro, e lume para o cachimbo do soldado do govêrno ao mesmo tempo que dava um boi para as hostes revolucionárias, puderam poupar o trabalho e salvar a vida de muitos de nossos irmãos.

6. *Colégio Batista de Vitória.* Os grandes planos dos anos anteriores quanto ao estabelecimento do Colégio de Vitória em seus edifícios definitivos realizaram-se neste período. Com as generosas ofertas vindas dos irmãos norte-americanos foram construídos espaçosos edifícios de modo a tornarem o Colégio um educandário modelar.

Pelos fins dessa época, veio para a direção do estabelecimento, a princípio como sub-diretor e mais tarde como diretor, o Dr. Alberto Stange, em cuja posição tem revelado capacidade e talento para o árduo mister. O departamento ginasial foi oficializado e isto lhe trouxe grande afluência de matrícula, a qual tem estado sempre no limite máximo.

O Colégio, que continuava prosperando, estava sob a direção de uma junta eleita pela Convenção Vitoriense, nos mesmos moldes das instituições congêneres da Convenção Batista Brasileira.

7. *Colégio Batista Mineiro.* O que foi dito sôbre êste educandário no período passado, podia ser repetido aqui. Pouca coisa nova se poderia esperar dêste trabalho, além do desenvolvimento do programa traçado. O problema realmente angustioso era a construção de edifícios que abrigassem o número cada vez maior de alunos que procuravam o nosso colégio. Com o produto da venda de alguns lotes da grande chácara foi construído um lindo dormitório masculino, esperando-se para breve a construção do edifício central. A necessária equiparação também se deu e isso colocou o colégio em plano igual aos melhores da cidade montanhesa. O Prof. Antônio Silva foi convidado para dirigir o departamento ginasial, enquanto o Dr. O. P. Maddox continuava como diretor geral.

Todos os colégios dos batistas, no fim de 1936, rivalizavam com os melhores institutos do país, todos oficializados, com edifícios amplos e adequados. Os grandes centros da vida brasileira não podem deixar de sentir os efeitos desta notável obra dos batistas.

CAPÍTULO XXVII

CONSOLIDAÇÃO DO TRABALHO MISSIONÁRIO

I — JUNTA DE MISSÕES NACIONAIS

Vimos no período anterior a expansão do trabalho missionário doméstico, que, tendo começado no Acre, se foi irradiando depois pelo Sul e Centro de modo a fechar o circuito evangelístico na grande pátria brasileira. Alguns dos campos abertos pela Junta de Missões Nacionais, Mato Grosso, Goiás, Rio G. do Sul, Sta. Catarina e Paraná eram ao fim do período, campos autônomos e assim têm continuado através dos anos. As tentativas, muitas vêzes frustradas, de evangelizar os silvícolas, tinham também cedido lugar a um programa definido, e a consciência batista estava perfeitamente senhora da situação. Era tempo, pois, de consolidar na mente e na ação a grande obra idealizada em 1907. O trabalho doméstico de Missões ocupa um lugar formado no programa geral dos batistas, prometendo para o futuro a tomada de vastas regiões intocáveis através dos nossos 28 anos de esfôrço missionário.

Por ocasião da Convenção B. Brasileira, realizada em Recife, em 1926, apresentou-se para o trabalho entre os índios um môço do Seminário em Recife, Zacarias Campêlo, para trabalhar entre os índios no norte de Goiás e Sul do Maranhão. Foi dali que êle veio e lá tinha a sua gênese. A decisão do môço empolgou os batistas pernambucanos, especialmente a Igreja da Capunga que, na noite da sua consagração ao Ministério, subscreveu quase integralmente o salário do jovem missionário. Em março de 1927, partia êle para o seu campo de ação acompanhado da jovem espôsa, D. Noemi Campêlo. Estava iniciado em caráter permanente o trabalho entre os nossos índios, trabalho que veio trazer ao povo notável despertamento e interêsse.

Chegado a Carolina, no Maranhão, pôs-se em demanda da aldeia de Pedra Branca, por êle denominada Craonópolis, localidade distante uns 50 km de Carolina. Os índios vieram receber o nôvo casal de missionários e ajudaram a fazer o transporte.

A princípio, o trabalho foi assaz difícil. Os índios, afeitos à vadiagem, ao roubo e à vida dispersiva, esperavam do missionário comida sem trabalho. O missionário teve de ensiná-los a ganhar o pão com o suor do rosto. Ensinou-lhes os rudimentos da agricultura, assalariou-os para certos trabalhos, pagando-lhes

mais do que mereciam, para os ensinar a trabalharem e a serem homens. Dentro de pouco, as roças vicejavam pelas cercanias da aldeia e já todos tinham o que comer. O vício do roubo foi desaparecendo pouco a pouco e a compreensão da honestidade entrando naquelas mentes fechadas multissecularmente. "Antes de os evangelizar, tinha de os ensinar a serem homens", dizia Zacarias.

No meio desta luta contra a própria natureza bruta, perde Zacarias a companheira, dois anos depois. Foi um abalo profundo, não só para o môço missionário, mas para todos os batistas, que, penalizados e condoídos, temiam pela sorte do trabalho. Zacarias não desanimou. Enterrou a espôsa e sôbre a sua sepultura esperou que nascessem novas esperanças. De fato, a morte de Noemi foi como um sôpro vivificador na alma batista, chegando ao ponto de se lhe dar o título de primeira mártir missionária brasileira. D. Stela Câmara escreveu-lhe a biografia em traços vivos, e o livro correu o Brasil, incendiando o coração do povo.

Em 1928, veio Zacarias assistir à C.B.B. realizada na Bahia, e ali êle se revelou um estadista compreendedor dos problemas sociais e morais do índio. Se alguém tinha dúvidas sôbre Zacarias, abandonou-as depois disso. Explicou que o trabalho de evangelização do índio era lento. "Tinha antes de procurar fazer um crente, fazer um homem", visto que aquelas criaturas perdidas para a civilização tinham apenas traços de humanos. Isso interpretou para sempre a obra do trabalho entre os indígenas, que carece de gerações para aparecer.

De volta à sua tenda, contraiu novas núpcias com D. Orfisa Campêlo e através dos últimos anos tem continuado a sua obra de civilização e cristianização.

Estudava no Colégio e Seminário do Recife um môço do E. do Rio, por nome Francisco Colares. Entusiasmado com o trabalho de Zacarias, ofereceu-se à Junta para ir ajudá-lo. Aceito, foi consagrado, e, em março de 1929, partia acompanhado da espôsa, D. Beatriz Colares. Chegando lá, arregimentou outro grupo de índios e fundou a aldeia de Indianópolis um pouco distante da de Zacarias. Seguiu o método iniciado pelo antigo missionário e ambos têm procurado fazer uma obra que só poderá ser apreciada no futuro.

AO NORTE DE GOIÁS E SUL DO MARANHÃO

O trabalho entre os índios não consubstanciava o programa batista para êste período. Entrar em contato com os civilizados que nunca tinham ouvido o evangelho fazia também parte do

nosso programa. Isso especialmente quanto ao sertão nordestino e o vasto Amazonas.

Em S. Vicente do Araguaia converteu-se um môço há anos, o qual depois foi convidado pelo Sr. Frederico Glass para colportor da Sociedade Bíblica. Vindo a Belém para tratar dêste trabalho, descobriu que o mesmo irmão Glass estava na Inglaterra. Conheceu o trabalho batista em Belém e foi batizado e voltou para S. Vicente. Ali foi ajudado pela Missão Goiana durante algum tempo, conseguindo organizar uma pequena igreja no lugar. Em 1929, foi êle nomeado evangelista da Junta e enviado para Pôrto Franco, no Maranhão. Assim o irmão Alexandre G. Silva tem tido como seu campo de trabalho o Baixo Tocantins e Araguaia.

Ainda nesse mesmo ano (1929) foi por êle e por Zacarias organizada a Igreja de Carolina.

Ainda do Colégio do Recife saía, em 1932, u'a môça dedicada para o trabalho em Pôrto Franco, Maranhão. D. Marcolina Magalhães fêz o curso da Escola de Trabalhadoras Cristãs e revelou-se no trabalho das igrejas uma môça consagrada. Foi trabalhar em Maceió e de lá se ofereceu à Junta, indo estabelecer uma escola em Pôrto Franco. Em 1934, recebeu ela propostas vantajosas do Govêrno de Goiás para ser professôra pública, mas declinou da proposta para não abandonar o seu trabalho vocacional. Cabe ao educandário de Recife o privilégio de fornecer os primeiros missionários para o segundo ciclo missionário no norte.

A Junta entrava na sua fase mais notável tanto em obreiros como em recursos e seria de esperar que se avolumasse o seu trabalho cada ano. Os anos de 1934 e 1935 deram esta satisfação.

Em 1934, entravam para o trabalho da Junta os irmãos Josias Batista e espôsa, indo estabelecer-se em Pedro Afonso, no Estado de Goiás. Aquelas regiões que nunca tinham visto a luz do evangelho começaram a ser tocadas por essa graça.

Neste mesmo ano, passaram ao serviço da Junta os irmãos Normando e Alaíde Langue. Êste irmão de nacionalidade inglêsa há muito que trabalhava no Maranhão como evangelista por conta própria. Com a sua vinda para a Junta foi dirigir a Igreja Batista de Carolina, no Maranhão.

O sul devia entrar também neste concêrto missionário, de vez que o norte estava contribuindo tão liberalmente no fornecimento de missionários. Em 1935, ofereciam-se à Junta, depois de completarem os seus estudos no Departamento Feminino do Colegio do Rio, as irmãs Srta. Beatriz Rodrigues da Silva e Srta. Lígia Martins de Castro. Os batistas cariocas festejaram êste acontecimento, associando-se a êle tôdas as igrejas. Em

princípios de 1936 partiam elas para os seus campos de trabalho, fazendo a imprensa carioca, pelo vespertino "O GLOBO", eco do acontecimento. Lígia foi dirigir uma escola em Carolina ao lado da Igreja Batista, e Beatriz foi para Piabanha, no Estado de Goiás. Pregadores e professôres vão, aos poucos, tomando para Cristo êsse vastíssimo norte esquecido da civilização.

Pernambuco, em 1935, voltou a dar nôvo casal de missionários nos irmãos Davi Bueno Teixeirense e Margarida de Oliveira Teixeirense. Êle é filho de Santa Rita, Bahia, e ela de Corrente, Piauí. A escolha dêste campo representa de certo modo a continuação do trabalho que Jackson fêz em Santa Rita e com o qual esperava ligar a Bahia aos outros campos do norte através do sertão.

Os índios Xerentes, desde 1902, pedem aos batistas professôres para ensinar aos seus filhos. Êstes índios, na opinião de vários exploradores do seu *habitat,* são progressistas e dados às boas influências. Quando por ali andaram Benedito Profeta e L. M. Bratcher fizeram êles novas súplicas para que não os abandonássemos. Como o trabalho entre os Craôs não pudesse dispensar os missionários foi acordado que Zacarias se mudasse para êste nôvo campo em meados de 1935, indo depois ajudá-lo a missionária Beatriz R. da Silva. Quem sabe se os Xerentes não virão cedo quebrar o encantamento da dureza de coração dos Craôs?

MAIS PARA O NORTE

O primeiro trabalho feito entre os índios foi realizado no alto Amazonas pelo Pastor Manoel Gomes dos Santos. Por não residir no local, pouco de estável conseguiu fazer, vindo a Junta mais tarde a abandonar o trabalho para recomeçá-lo entre os Craôs. Lembremos ainda que foi no Acre que a Junta de Missões Nacionais começou o seu trabalho em 1907.

Em 1934, entrava para o trabalho da Junta outro obreiro pernambucano, o irmão Aminadab Coutinho, que foi enviado para Maici, no Rio Madeira, Amazonas, para trabalhar entre os índios Parintintins e também os civilizados das cercanias. Môço simples e dedicado, prestava-se ao trabalho rude que se lhe exigia. No pouco tempo que lá está, conseguiu captar a simpatia dos fazendeiros locais, fundou uma boa escola, mantém trabalho evangélico animado e dá grandes promessas para o futuro. [1]

O trabalho, em 1935, entre civilizados, localizava-se em Barreiras, Natividade, Pôrto Nacional, S. Vicente do Araguaia, Carolina, Pôrto Franco, Piabanha, Pedro Afonso, Nova Aurora,

---

(1) Em 1938, falecia o missionário Aminadab Coutinho, deixando paralisado o bom trabalho que iniciara.

Bom Jesus e, em parte, em Maici. Alguns dêstes centros estão ligados entre si pelos rios S. Francisco e Tocantins, podendo ser feita a ligação com os centros por via terrestre. Quando os batistas celebrarem o seu primeiro centerário, o sertão nordestino deve estar evangelizado.

TRABALHO ENTRE OS IMIGRANTES

Uma das preocupações da Junta foi cuidar dos que procuram as nossas riquezas, vindos de outros países. Neste trabalho a Junta tem usado vários irmãos já mencionados noutros lugares. Nos últimos anos do atual período apenas pôde manter o Pastor Dr. Pedro Tarsier entre os imigrantes do Rio G. do Sul. Os que entram nos outros portos brasileiros ficam fora do nosso contato e muitos irão mais tarde trabalhar contra o país que os abrigou.

O progresso nos dez anos dêste período, tomando em conjunto tôdas as atividades, pode bem receber o batismo de *consolidação* ou maturidade. As ofertas para êste trabalho, em 1925, foram a Cr$ 12.425,00 e, em 1935, subiram a Cr$ 45.757,20, ou seja quatro vêzes mais. Naquela época havia apenas um obreiro no alto Amazonas, com um trabalho indefinido; ao findar o ano de 1935, tinha a Junta trabalhos em Maranhão, Goiás, Bahia, Amazonas e R. G. do Sul.

O secretário L. M. Bratcher tem-se dedicado a êste serviço e, com as facilidades com que conta como missionário da Junta de Richmond, tem podido viajar por tôda a parte, pondo-se assim em contato com o trabalho e trabalhadores. A última parte de 1935 foi gasta numa longa viagem pelo Amazonas, chegando a Maici em visita ao trabalho de Aminadab. Fica aí patente a vantagem de um trabalho continuado com um programa vasto.

II — JUNTA DE MISSÕES ESTRANGEIRAS

Ao entrarmos neste período, o trabalho em Portugal apresentava-se normalmente bem. Seminário, Colégio, Casa Publicadora e outras agências do reino de Jesus estavam em franco desenvolvimento. A cooperação entre a Junta Brasileira e a do Texas, por meio da Convenção B. Portuguêsa, continuava dando bons resultados, mas todos conheciam que as bases não eram muito sólidas.

Por ocasião de se discutir a maneira de assegurarem as propriedades, nos começos de 1926, segundo deliberara a Convenção Batista Brasileira, ressalvando os interêsses do Texas, do Brasil e de Portugal, João Jorge discordou da criação de uma entidade jurídica em Portugal com essa finalidade, e daí se avolumou o dissídio que minava subterrâneamente. Em setembro de 1926,

por ocasião da Convenção B. Portuguêsa, foi decidido interromper a cooperação existente entre as duas Juntas, a Brasileira e a do Texas. Foi uma catástrofe, que Tomaz Costa tinha previsto em 1922, quando foi acordada a dita cooperação. Parte das igrejas ficou com Texas e outra parte com a nossa Junta. A Casa Publicadora, o *Cristão Batista,* o prédio do Seminário, etc., ficaram com Texas também. Os nossos missionários tiveram de reorganizar o trabalho e criaram o *Semeador Batista.*

Devido à situação em que ficou o trabalho, os obreiros portuguêses pediram à Junta que enviasse a Portugal uma Comissão para estudar o trabalho e aconselhar medidas necessárias. Foram nomeados os irmãos Reno e Manoel Avelino de Souza, juntamente com o Sec. Cor. Tomaz Costa. Por motivos vários não foi possível a ida.

Enquanto tão graves ocorrências se processavam no trabalho em geral, as relações entre Aquiles e Maurício iam de mal a pior.

A 21 de junho de 1926 recebia a Junta uma circular enviada pelo missionário Aquiles, que, depois de apreciada, resultou na chamada e na exoneração do mesmo irmão do serviço em Portugal, a 12 de dezembro do mesmo ano.

A Convenção de 1927, reunida em São Paulo, teve de encarar o problema criado em Portugal e para isso elegeu uma Comissão numerosa ([2]) para dar parecer. Entre outras coisas, aconselhou a dita Comissão que fôsse aceita a deliberação da Junta, chamando Aquiles ao Brasil, nomeasse uma Comissão composta dos irmãos Manoel Avelino e O. P. Maddox para irem estudar *in loco* a situação em Portugal e dar relatório na próxima Convenção. Ao mesmo tempo recomendava que, em virtude de não haver nenhuma falta consignada contra o caráter do missionário Aquiles e espôsa, fôssem êles calorosamente recomendados à comunidade batista e convidados a tomar parte na próxima Convenção, pedindo ao mesmo tempo que fôssem canceladas do relatório do Sec. Tes. as expressões desairosas que havia contra o dito irmão.

A 26 de fevereiro de 1927, chegava a Comissão a Lisboa e lá ficou até 2 de abril do mesmo ano. Fêz um exame criterioso da pendência, ouvindo em inquérito ambas as partes bem como a todos que podiam fazer qualquer luz sôbre o incidente. Depois de um penoso trabalho a Comissão terminou por sumariar as acusações contra Aquiles, da seguinte maneira:

---

(2) A Comissão foi composta dos irmãos: O. P. Maddox, Zeferino Neto, J. L. Bice, W. B. Sherwood, A. B. Christie, F. Drummond, A. B. Langston, S. L. Ginsburg, Abraão de Oliveira, Souza Marques, Silas Botelho, Carlos Kraul, José Martins Monteiro, João Gutemberg, Edésio Guerra (Ver Atas da Convenção de 1927.)

1. Que êle não consultava Maurício sôbre o trabalho.
2. Que se deixava influenciar por João Jorge.
3. Que não obedecia às deliberações da C.B.P.
4. Que se fazia íntimo de crentes de outras denominações, com desprêzo dos crentes batistas, etc.

As acusações feitas a Maurício eram:

1. Insuflação dos seminaristas contra Aquiles.
2. Que não prestava contas periòdicamente à Junta Executiva.
3. Que tinha sentimento de Aquiles por não ser êle o diretor do Seminário Português.
4. De não pagar o salário do casal Aquiles em tempo.
5. De manter com os outros companheiros idéias fortes de nacionalismo, etc.

Estas acusações, de parte a parte, foram cuidadosamente estudadas pela Comissão, ouvindo ambas as partes em separado e depois conjuntamente. Aconselhou ambas as partes a darem por findas as desinteligências, ao que anuíram alegremente.

De volta ao Brasil, a Comissão deu relatórios minuciosos à Junta da situação em geral, cujo relatório foi levado depois à Convenção Batista Brasileira.

Recomposta a situação criada pela separação, e a volta ao Brasil do casal Aquiles Barbosa, o trabalho continuou a sua marcha normal. O missionário Luper voltou à sua terra, e João Jorge depois de algum tempo foi também para os E.U. As igrejas e trabalhadores, que, na separação ficaram com Texas, voltaram a cooperar com a C. B. P. de modo que no fim dêste período nenhuma igreja há fora desta cooperação.

O Pastor Paulo I. Tôrres fêz, em 1928, uma longa excursão pelo Brasil, angariando donativos para a construção do templo da 1ª Igreja de Lisboa, que foi inaugurado pouco tempo depois.

O Seminário, que desde a saída de Aquiles havia deixado de funcionar, voltou a iniciar os seus trabalhos em 1 de novembro de 1935, com a chegada dos missionários William L. Hatcher e espôsa que de *motu* próprio deliberaram ir ajudar o trabalho em Portugal.

Em 23 de maio de 1934, a Junta viu-se na contingência de aceitar a renúncia do cargo de secretário correspondente do irmão T. L. Costa, que por vários anos vinha dando a sua vida ao trabalho, e que agora, por motivo de doença, tinha de o abandonar. Sem qualquer remuneração, sempre com entusiasmo, viu Tomás Costa nos anos de sua administração desenvolver-se de um modo notável a obra de missões em Portugal. Para o lugar foi eleito interinamente o Pastor Ricardo Pitrowsky, que mais tarde foi efetivado no cargo.

No meado de 1934, algumas modificações bem notáveis sofreu o trabalho. O pastorado da 1ª Igreja do Pôrto foi entregue ao Dr. Manoel Cerqueira, que acabara de concluir com grande brilho o seu curso na Universidade de Coimbra, indo Antônio Maurício para Leiria, tomar conta da igreja que tinha voltado a cooperar com a C. B. P. e onde o casal Parreiras tinha construído um majestoso templo a expensas próprias no valor de 210 mil cruzeiros. Êstes fatos trouxeram ao trabalho geral grande dose de confiança, uma vez que o trabalho de Leiria era o único que ainda se encontrava fora da Convenção. As propriedades de Leiria e Vizeu foram registradas em nome da Junta de Richmond, assegurando para o tempo seu uso ao trabalho batista.

As 12 igrejas batistas no continente e uma em Angola, (trabalho do casal Pedras), com os seus 8 pastôres entregues exclusivamente ao trabalho, eram, no fim de 1934, uma forte agremiação. As propriedades, no valor de Cr$ 1.144.000,00, distribuídas pelas principais cidades do país, davam a certeza e a confiança de um trabalho seguro e forte. No Pôrto estava em vias de construção "O Lar Batista" com asilo para velhos, creche, seminário e outras dependências, incluindo uma estação emissora que levava a Palavra falada a vários pontos da República.

Em 25 anos de trabalho, para não falarmos dos primeiros 4 anos em que quase nada foi feito, estabeleceu-se admirável trabalho batista. A Denominação mais nova no país era também a mais forte. Mais 25 anos e Portugal estará ganho para Cristo.

Em meados de 1935, é convidado, pela Assembléia Batista do Recife, o missionário Maurício, o qual depois iniciou longa excursão por todo o Brasil. Começando por Manaus, foi visitando campo por campo, trabalho que lhe tomaria boa parte de 1936, e no qual levantou o ânimo dos batistas a favor de Missões em Portugal.

O movimento financeiro da Junta de Missões Estrangeiras neste período acompanhou o progresso feito pelo trabalho. De uma contribuição de Cr$ 17.544,70, em 1925, foram levantados para o trabalho Cr$ 60.000,00, em 1935. (3)

---

(3) Em 1937, renunciava o cargo de secretário correspondente o Pastor Ricardo Pitrowsky, sendo eleito em caráter interino o Pastor Francisco Nascimento, que, em 1939, continuava prestando os seus serviços a esta Junta.

CAPÍTULO XXVIII

OUTRAS JUNTAS DA CONVENÇÃO

I — JUNTA DE ESCOLAS DOMINICAIS E MOCIDADE

CASA PUBLICADORA BATISTA

O histórico da Casa Publicadora Batista de tal modo se encontra fundido no histórico de algumas Juntas que difìcilmente se pode separá-lo.

Neste período faremos o estudo conjuntamente da Casa e da Junta que a dirige, incluindo o trabalho da Mocidade, de vez que as duas entidades representam um mesmo interêsse. São três almas num só corpo.

A fase mais notável dêste trabalho data de 1922, como notamos no período anterior, com a centralização de diversos trabalhos sob u'a mesma direção, e mesmo porque foi dali em diante que muito se expandiu o trabalho de publicações em geral.

Como uma grande emprêsa, a Junta de Escolas Dominicais e Mocidade dividiu os trabalhos sob sua direção em vários Departamentos:

(1). Departamento da Casa Publicadora sob a direção do Dr. S. L. Watson.

(2). Departamento de Escolas Dominicais e Mocidade sob a direção de T. B. Stover.

(3). Departamento de Livros, sob a direção do Dr. W. E. Entzminger.

(4) Departamento de Literatura Periódica, sob a direção de T. R. Teixeira.

(5). Departamento de Escola Popular Batista sob a direção de W. W. Enete, e, em 1927, foi criado o Departamento de História e Estatística e ainda mais tarde o de Propaganda, êste depois sob a direção de J. J. Cowsert e aquêle de D. Rosalee Appleby. Como diretor geral continuava, em 1926, o Dr. Watson. Muito naturalmente caberia à Casa Publicadora (em memória a J. S. Carroll) a coordenação geral, e até certo ponto a direção geral mesmo, pois que não obstante a autonomia de cada departamento, todos se deveriam conformar a um padrão geral administrativo.

Resta-nos apreciar separadamente cada departamento durante os 10 anos dêste período.

1. *Casa Publicadora Batista.* Para demonstrar a diferença existente entre êste Departamento e os outros, o Dr. S. L. Watson o definiu no relatório na Convenção, em 1926, como "o departamento de negócios dos trabalhos da Junta de Escolas Dominicais e Mocidade, isto é, escritório, propaganda e literatura".

A produção literaria dêste ano foi um índice do vulto dos trabalhos realizados. As vendas subiram entre livros, Bíblias, tratados etc., a 22.101 obras num total de 6.411.422 páginas, com uma receita de 170 mil cruzeiros. A produção das oficinas foi a 230 mil cruzeiros.

Além dos trabalhos normais da Casa, muitas outras atribuições lhe eram dadas, de quando em quando, visto como era, sem dúvida, ali o centro da vida denominacional. Nenhum batista podia vir do norte, do sul ou do centro, sem ir à Casa Publicadora. Era e continua sendo o ponto de convergência dos batistas. Além dos seus negócios próprios, na mesma sede se encontram estabelecidas outras agências do trabalho, tais como Missões, Beneficência, etc., e sempre que uma nova iniciativa se projetava, era na Casa Publicadora que tinha seu início.

A produção literária aumentava cada ano. Em 1931, foi ela calculada em 10 milhões de páginas.

Em 1932, entrou para a Casa, como Diretor do Departamento de Propaganda, o irmão J. J. Cowsert sob cuja atuação tôda a literatura entrou numa época mais popular, especialmente *O Jornal Batista* que passou a ser vendido a 20 centavos nas igrejas, facilitando assim aos que não podiam pagar assinaturas de Cr$ 10,00.

Em 1933 perdeu a Casa um grande auxiliar na pessoa do irmão Ismail Gonçalves, seu gerente por vários anos. Com a sua saída o Diretor Watson acumulou as funções de diretor geral e gerente.

A sede da Casa, por alguns anos na Rua do Carmo, 61, se bem que central, não era própria. De há muito que os vários diretores abrigavam o sonho de uma sede própria. Quando Salomão Ginsburg comprou a casa da Rua Conselheiro Magalhães Castro, 99, no Riachuelo, pensava-se que o problema estava totalmente resolvido. Verificou-se depois que ficava muito distante do centro e que era preciso ter uma casa, onde a literatura pudesse ser exposta à venda. Foi assim que se alugou uma boa loja na Rua São José, 22, que depois se mudou para a Rua do Carmo, 61, ficando a casa do Riachuelo para as oficinas. Eram, porém, sedes provisórias. Em 14 de agôsto de 1922, foi assinada a escritura de compra de duas casas sitas na Rua

General Câmara, junto à Prefeitura, casas estas, que depois foram permutadas com a mesma Prefeitura por espaçoso lote de terreno na Praça da Bandeira. O lote lá ficou por todos êstes anos à espera dos recursos para nêle ser construído o prédio definitivo. Em 1º de janeiro de 1936 era solenemente colocada a pedra angular com a presença de grande assistência, incluso dos missionários fundadores do trabalho batista no Brasil, W. B. Bagby e espôsa, que de passagem para o seu campo de trabalho assistiram à solenidade. O edifício encontrava-se já quase em meio com projeto de quatro pavimentos e bases para mais 6 andares a serem elevados futuramente, de acôrdo com as necessidades da Casa. A Praça da Bandeira era considerada por muitos urbanistas como o futuro centro da cidade do Rio de Janeiro, ponto convergente de várias linhas de ferro e cruzamento de meia dúzia de linhas de bondes. O prédio não só fica em bom lugar, mas acomodará os serviços de escritório, podendo locar a parte que não precise ser ocupada. Para êle se mudaram as oficinas e todos os departamentos que ficam unidos sob as vistas do diretor geral.

Em 1934, foi comprada a Livraria Batista do Recife e estabelecida ali uma agência da Casa Publicadora para servir às igrejas do norte.

Mudança de direção — Em 1934, sendo convidado a tomar a direção do Colégio e Seminário Batista do Rio o antigo diretor da Casa Publicadora, o Dr. S. L. Watson, foi convidado para o lugar de diretor o chefe do Departamento de Escolas Dominicais e Mocidade, Dr. T. B. Stover. Já por outra vez dirigira interinamente a Casa; bem imbuído que estava de todos os seus problemas, a sua vinda à difícil posição não envolvia solução de continuidade administrativa.

Foi a êle que coube o privilégio de dar andamento à construção do edifício e a êle coube também a honra de inaugurá-lo.

2. *Departamento de Publicações Periódicas*. Por êste título entendemos *O Jornal Batista* e tôda a literatura das Escolas Dominicais. Era sob as vistas de T. R. Teixeira que estas páginas se preparavam, e era a êle que cabia a tarefa de coordenar todo o pensamento educativo da juventude das igrejas.

Em 1925, a nossa literatura compreendia neste período *O Jornal Batista, Revista de Adultos,* com 11.000 exemplares, *Revista de Jovens,* com 3.200 exemplares; *Guia da Infância,* com 4.500 exemplares, *Jóias de Cristo,* com 3.300. A esta literatura foi acrescentado *O Mensário Dominical Batista,* revista para professôres que veio preencher sensível falta. Se alguma denominação se pode orgulhar de sua literatura, poderá fazê-lo, porém não mais que os batistas.

No ano de 1934, várias mudanças tiveram de ser feitas na redação dêstes periódicos para satisfazer às exigências constitucionais do país. Declarado o texto Constitucional que só brasileiros natos podem dirigir periódicos, foram convidados os irmãos Moisés Silveira para diretor e Manoel Avelino para redator-chefe, ficando Teodoro como redator-executivo.

3. *Departamento de Livros*: Como figura simbólica, ficou depois da organização da Junta de Escolas Dominicais e Mocidade, o lembrado Dr. W. E. Entzminger. Já bastante alquebrado, pouco poderia fazer, mas a sua pena só parou quando foi colhido pela morte. Foi assim que a êste veterano coube a responsabilidade de dirigir obras duradouras e de maior fôlego. Sua mente que já se havia dispersado pelas mentes de milhares de batistas continuaria a sua obra benéfica.

O grande impulso que tomou o trabalho batista nas igrejas requeria contìnuamente nova literatura e por isso novos livros, especialmente didáticos, tinham de ser traduzidos ou produzidos. No ano de 1926, publicou 10 livros pela primeira vez, outros em novas edições. As publicações, em 1927, foram em livros a 20.000 volumes e em panfletos a 1 milhão e dez mil. Esta farta produção aumentava de ano em ano e se houvesse verba, muitas outras obras seriam dadas à luz. Para facilitar estas publicações, o casal Hatcher ofereceu à Junta a importância de 35 contos.

In Memoriam. A 18 de janeiro de 1930 fechava os olhos para esta vida êsse varão que tanto fêz pela obra batista no Brasil, W. E. Entzminger. Se bem que sua ida fôsse esperada, dado o seu estado de saúde, nem por isso se pôde deixar de sentir-lhe a falta, pois tendo sido o fundador da Casa Publicadora e do *O Jornal Batista,* fundador da literatura batista, e orientador da mesma literatura, numa época em que ainda não tínhamos brasileiros preparados, deve-se-lhe reconhecer saliente papel na formação e amadurecimento da nossa mentalidade.

De tôdas as iniciativas desta época talvez nenhuma tivesse o alcance do Cantor Cristão com música, obra há muito esperada.

4. *Departamento de Escolas Dominicais e Mocidade*. Coube ao irmão T. B. Stover dirigir êste Departamento, o que êle fazia com bom gôsto e jeito.

Depois da tradução no Recife do *Nôvo Manual Normal,* urgia preparar outros livros que completassem um curso breve para professôres. Estava pronto êste curso e os livros também ao comêço desta época. Incrementar o seu uso era o que urgia.

No trabalho da Mocidade, o mesmo progresso se pode verificar nestes 10 anos. Os trabalhos feitos nos Institutos Bíblicos contemplavam a um tempo as Escolas Dominicais e a Mocidade. Cada livro tinha a sua finalidade, e os certificados ou selos eram distribuídos de acôrdo.

Em 1932, foi publicado o Manual da U.M.B. intermediária e sua introdução nas igrejas marcou época. Os meninos e meninas que eram muito velhos para ficarem nas Sociedades Juvenis e muitos jovens para entrarem nas U.M.M. podiam ter agora as suas organizações com felicidade.

5. *Departamento de Escola Popular*. Em agôsto de 1925, a Junta de Escolas Dominicais, atendendo a que um grande número de crianças poderia ser atraído durante as férias às igrejas e por meio de programas especiais ser interessado nas coisas do evangelho, criou êste Departamento e nomeou para dirigi-lo o irmão W. W. Enete. Durante os últimos anos de tal modo se popularizou êste trabalho que nas principais igrejas do Brasil se encontra um grupo capaz de dirigir eficientemente uma E.P.B. Consoante, foi deliberado pela Junta, o diretor preparou literatura adequada, constante de livros de instruções para os vários departamentos, músicas, brinquedos, etc.

A primeira Escola Popular Batista realizada no Brasil, teve lugar em Vitória, promovida pelo missionário L. M. Reno, e revelou-se logo um sucesso, e a segunda foi realizada na Igreja de Catumbi, no então D. Federal, e foi também uma revelação do quanto pode conseguir, entre os meninos, um trabalho desta natureza.

6. *Departamento de Propaganda*. É bem antigo êste departamento nas atividades da Casa. Por algum tempo estêve à sua frente Salomão. Viajando de norte a sul, arregimentava o povo para uso das publicações da Casa e promovia concomitantemente o interêsse em todos os seus empreendimentos. Com a saída dêste obreiro, o departamento entrou em colapso, sendo reavivado de tempo em tempo, quando uma pessoa disponível aparecia. Na ausência de um encarregado especial, era o trabalho feito pelos diretores de outros departamentos.

Em 1932, o diretor geral organizou o nôvo Departamento de Propaganda e o entregou ao irmão J. J. Cowsert.

7. *Departamento de História e Estatística*. A Convenção de 1927 resolveu em boa hora confiar à Junta de E. D. e Mocidade os dois ramos do trabalho que sempre viveram dispersos e mal amparados, a História dos Batistas e a Estatística. Para dirigir êste trabalho foi nomeada a irmã. D. Rosalee Appleby.

Desde a primeira Convenção que se começou a tratar de

Estatística, mas a ausência de uma pessoa que imprimisse a êste trabalho a continuidade necessária impossibilitava de prosseguir êste trabalho. Anos houve em que não foi possível apresentar um trabalho aceitável.

Desde cedo também se começou a pensar na História Geral. Outra necessidade que o tempo se encarregaria de tornar cada vez mais urgente. Unidos êstes dois ramos em 1925 sob a direção de uma comissão permanente e, em 1927, confiados a uma pessoa dedicada a êles, outros viriam a ser seus rumos. De fato, logo a Junta comprou um grande cofre para guardar documentos, enquanto a diretoria se comunicava com todos os campos pedindo históricos, biografias e outras informações afins. Para cada estado foi nomeado um historiador que se encarregasse de preparar a História Local para, em futuro próximo, preparar-se a História Geral. Alguns estados logo responderam. A história de Pernambuco foi escrita pelo Dr. Antônio N. de Mesquita; a de Alagoas pelo missionário Dr. J. Mein; a do E. do Rio pelo Pastor J. F. Lessa; a de Minas pelo Pastor Herval Rangel ao mesmo tempo que outros estados iam enviando dados. *O Jornal Batista,* e as atas da Convenção dos Batistas do Sul dos EE.UU. foram colecionados e uma infinidade de informações e fotografias obtidas.

O Jornal Batista. O órgão da Convenção Batista Brasileira e principal coordenador da vida batista no Brasil tem sido mencionado em conexão com as várias atividades da Casa Publicadora. Êle, porém, merece um capítulo à parte. A sua vida, como a dos outros periódicos evangélicos, tem sido acidentada e se mais o não foi deve-se ao amparo que lhe tem sempre dispensado a Casa, que desde o seu aparecimento em 1900 orienta, dirige e em parte custeia. Deficitário na sua renda, como sói acontecer com publicações desta ordem, eram as suas dívidas cobertas pela Casa Editôra.

A contribuição do maior jornal dos batistas à formação mental e cultural do povo leitor e à orientação de todo o trabalho cooperativo de missões, educação, beneficência, etc., vai muito mais longe do que um breve bosquejo histórico permite. Tem sido êle através dos seus longos anos o repositório da inteligência batista, para lá se escoando o que de melhor e mais brilhante tem sido produzido. Por lá passaram com desusado brilho as penas de Entzminger, seu criador, Salomão, Deter, D. Arquimínia Barreto e muitos outros para só falar dos mais antigos. Não há em tôda a América Latina periódico tão bem feito e de porte tão atraente.

Entre os seus diretores não se pode esquecer o nome de Teodoro R. Teixeira, ora ao lado do redator ora o diretor *de fato,* desde o dia do seu nascimento, dia 10 de janeiro de 1901.

Êsse irmão, através dos altos e baixos da vida dos batistas, tem sido forte sustentáculo do *Jornal* a contento, e de um modo excepcional. Os vendavais que o têm batido, vez por outra, em que os nossos métodos e maneiras de ação tinham de refletir-se nas suas colunas, encontravam em Teodoro um timoneiro maneiroso.

II — JUNTA DE BENEFICÊNCIA BATISTA

É difícil precisar a data quando se levantou o primeiro brado a favor dos pastôres velhos ou inválidos. Sabemos que rara era a Convenção em que o assunto não vinha ao plenário, enquanto no subconsciente dos obreiros ia em crescendo assustadora a idéia do desamparo em que viviam os mesmos obreiros.

Na Convenção de 1926, em Recife, foi tomada uma boa hora debatendo o problema, mas tais eram os óbices, que a Convenção debandou sem poder resolver o problema. O Pastor Ricardo Pitrowsky, nomeado na Convenção anterior para dar parecer sôbre o assunto, não pôde fazer o trabalho. O Pastor Manoel Avelino chegou a sugerir que a Convenção aproveitasse um trabalho análogo no C. Fluminense. O Dr. Watson sugeriu que a Junta Patrimonial fôsse usada para depósito destas organizações que lá quisessem depositar seu dinheiro. Tal foi o calor das discussões que ficou nomeada uma Comissão composta dos irmãos S. L. Watson, Joaquim Rosa e E. A. Jackson para dar parecer na próxima Convenção.

Na Convenção de 1927, reunida em S. Paulo, esta Comissão deu um bom parecer, opinando pela oficialização da Caixa Beneficente dos obreiros do C. Fluminense, ao mesmo tempo que marcava o escopo do trabalho que seria filantrópico e mutualista, com dois fundos respectivos, recomendando ainda a nomeação de uma junta ou comissão para se encarregar do trabalho futuramente. Entrando em discussão o dito parecer, foi tal a discussão que se resolveu adiar tudo até a próxima Convenção.

Finalmente, em 1928, na Convenção do Rio de Janeiro, era apresentado um parecer opinando pela nomeação da desejada Junta, ficando composta dos irmãos S. L. Watson, Joaquim Rosa, Manoel Avelino, F. F. Soren, Salvador Farina Filho, A. N. Mesquita, Vitorino Moreira, Sebastião A. de Souza e O. P. Maddox.

A Convenção reuniu-se em janeiro e logo a propaganda começou, dirigida pelo Dr. Watson. Os Estatutos foram confeccionados, e no mês de agôsto seguinte eram recebidas as primeiras inscrições e ofertas de modo que em 31 de dezembro a Junta já possuía Cr$ 1.993,00. Em 1929, tinha Cr$ 6.575,80.

Foi crescendo de modo que, em 1935, teinha ela um patrimônio de Cr$ 83.865,50.

No primeiro ano (1928) inscreveram-se dois obreiros: F. F. Soren e D. F. Crosland; no ano seguinte, 42 e no terceiro, 94. Em 1935, tinha ela inscrito 135 sócios.

Ainda em 1935, regulamentava a Caixa de Aposentadorias e Pensões dos pastôres e fazia registrar os seus Estatutos depois de os ter feito passar por sensível reforma. Aos pastôres deviam ser prestados os mesmos benefícios que o govêrno e a sociedade em geral prestam aos seus trabalhadores.

Ao Dr. Watson coube a honra de iniciar o trabalho da mais nova e mais difícil Junta da Convenção na qualidade de Sec.Cor. Nesse trabalho valeu-se do seu prestígio como diretor da Casa Publicadora e de crente bem conhecido e estimado na denominação.

Em 1932, começou a cooperar diretamente neste trabalho o Pastor Antônio N. de Mesquita, vindo a tornar-se secretário-correspondente, em 1935, com a saída do secretário em exercício.

III — JUNTA PATRIMONIAL BATISTA

Se bem que não seja uma Junta de Convenção, o seu trabalho está de tal modo unido às igrejas que não é possível passar além, sem uma palavra sôbre seus negócios.

Organizada em 22 de agôsto de 1919 com insignificantes recursos, foi recebendo das igrejas depósitos que mais tarde davam direito ao levantamento de empréstimos. Por meio do são mutualismo e com a ajuda da Junta de Richmond, que lhe fêz valiosas ofertas, tem a Junta podido ajudar dezenas de igrejas por todo o sul do país.

Em 1935, tinha ela efetuado negócios com 141 igrejas no total de Cr$ 3.427.824,00, e 19 instituições com o total de Cr$ 1.607.748,40. O seu álbum é uma página fascinante da História dos Batistas, vendo-se nêle templos de todos os tamanhos e estilos, nas grandes capitais, pelas roças e vilas. O problema de casas de culto se não está totalmente resolvido, tem pelo menos recebido o máximo de cuidados que as condições têm permitido.

Em cooperação com a Patrimonial trabalha a Associação Evangélica Batista, que em regra geral serve de depositária das propriedades compradas com os empréstimos da Patrimonial. Mesmo outros imóveis dos batistas também, como colégios, seminários, etc., estão em via de regra em nome da Associação.

IV — COMISSÃO PREDIAL DO NORTE

Mesmo sem o caráter cooperativo geral, desejamos incluir no capítulo sôbre estas agências batistas, a Comissão Predial do norte. Organização semelhante à Patrimonial do sul, tem a Predial consignado na vida das igrejas um capítulo inspirador. Na sua segunda fase, depois de 1925, muito maiores têm sido as suas atividades, servindo a igrejas do distante Amazonas e do imenso sertão do norte. Viajar pelo interior de qualquer dêstes estados é encontrar sinais do serviço desta agência batista. Os maiores templos do norte, com bem raras exceções, são o resultado da iniciativa feliz dos missionários em Pernambuco, que, sem qualquer recurso além de pequenas ofertas que êles mesmos fizeram, iniciaram um trabalho padrão para todo o Brasil.

O número de templos novos ou casas remodeladas por intermédio da Predial era, em 1935, de 78 e a importância invertida nestes imóveis de Cr$ 686.200,00.

Ao lado da Predial trabalha também a Missão do Norte, que, ao tempo em que aquela não era pessoa jurídica, recebia como depositária alguns imóveis adquiridos. A Missão do Norte faz o mesmo papel que a Associação Evangélica faz no sul, sendo que nesta época ambas têm existência legal.

V — CONVENÇÃO BATISTA LATINO-AMERICANA

Na Convenção notável de 1918, reunida em Vitória, foi nomeada uma comissão composta dos irmãos Salomão Ginsburg, F. F. Soren, L. M. Reno, W. C. Taylor e Adrião Bernardo para tratarem da promoção de um congresso pan-americano. O assunto empolgou os batistas naquela ocasião que, vislumbrando a grandeza do seu trabalho continental, desejavam uma aproximação maior com os batistas de outros países latino-americanos. Nas convenções seguintes pouca coisa se fêz além de um relatório e às vêzes nem isso. Em 1926, foi o assunto entregue à J.E.D.M. para que convocasse, para 1928, os ditos países ao certame batista. Embaraços de várias ordens vieram retardar bastante o acontecimento. Não havia, ao tempo, um templo no Rio que pudesse receber tão solene assembléia e, ao mesmo tempo, um evento de tal magnitude levava tempo para ser concretizado. Todavia, a Junta, pelo seu secretário executivo e também diretor da Casa Publicadora, o Dr. S. L. Watson, começou a dar os primeiros passos e, em 1927, anunciava que os preparativos estavam em andamento.

Em 1930, era consagrado ao serviço divino o templo da Primeira Igreja Batista do Rio e já a êsse tempo as coisas esta-

vam dispostas de modo tal que se julgou oportuno conjugar os dois acontecimentos. Foi assim que o Dr. Watson entrou em correspondência com as várias convenções batistas latinas, obtendo dos seus elementos representativos a promessa de vinda ao Rio. Feito o convite à Junta de Richmond para se fazer representar e também a Aliança Batista Mundial responderam afirmativamente e, em junho de 1930, estavam presentes no Rio, representantes batistas mexicanos, platenses e outros, estando também os Drs. T. B. Ray, de Richmond, e J. H. Rushbrook, de Londres, além do Dr. G. W. Truett, de Dallas, visitante especial. O que foi aquêle acontecimento para o alargamento da visão das possibilidades batistas, o congraçamento de irmãos da mesma fé, está bem longe de ser retratado aqui. A Casa Publicadora fêz editar em bem acabado volume as atas e pareceres da notável Convenção. Os irmãos platenses publicaram um histórico geral do trabalho nas Repúblicas compreendidas na Convenção Platense, trabalho que foi distribuído nessa mesma ocasião.

SEÇÃO II

Pelo Vasto Norte

CAPíTULO XXIX

I — CAMPO AMAZONENSE

Preâmbulo

O trabalho no Amazonas, afastado como é dos grandes centros batistas, nunca foi afetado pelos problemas cooperativos que aqui e ali têm surgido várias vêzes, mantendo, todavia, leal cooperação com tôdas as fases do trabalho em geral, tanto em missões como em educação.

No comêço dêste período, pois, nada de especial temos a notar. Na Primeira Igreja de Manaus, continuava Munguba Sobrinho o seu pastorado calmo e profícuo. Se bem que as "linhas de frente" permanecessem na mesma posição dos anos anteriores, não havendo novas igrejas surgido na cidade dos Barés, a Primeira gozava de notável prestígio na cidade, onde alguns de seus membros ocupavam elevadas posições.

O missionário Nelson tinha adoecido de beribéri e tinha-se ausentado do trabalho. As contínuas viagens pelo interior acarretaram-lhe o empobrecimento orgânico, e daí a doença que o fêz encostar-se por um pouco. Os outros pastôres brasileiros iam servindo às igrejas com devoção e carinho.

Recentemente tinha entrado no Campo mais uma Junta, a "Amazon Valley Faith Mission" — "A missão da Fé do Vale do Amazonas", junta organizada no Estado de Kentucky pelo pastor Boyce Taylor, e que tinha por fim praticar no Brasil o que há muitos anos se pratica noutros campos missionários. Os missionários não contam com salário certo, dependendo das ofertas que forem feitas para o mesmo trabalho. É o trabalho de fé. A nova junta logo mandou alguns missionários, que, não obstante o trabalho independente que vinham fazendo, ajudaram a desenvolver o evangelismo no extenso e negligenciado estado. Infelizmente, alguns dêles, com pouco preparo e um tanto extremados em certos costumes eclesiásticos, de logo geraram problemas entre as igrejas. Conseguiram, todavia, entrar em lugares antes abandonados, para logo os abandonarem também, uns para voltarem à sua terra, outros para irem a outros lugares, não conseguindo estabelecer trabalho firme e duradouro. Anos de-

pois, pela morte do fundador do trabalho, e pelos insucessos da emprêsa, veio a boa iniciativa a naufragar. Em 1935, pouca coisa restava da "missão da fé", como era vulgarmente conhecida.

CONVENÇÃO DO VALE DO AMAZONAS

Em dezembro de 1926, era reorganizada a Convenção Amazonense, desaparecida em 1908, depois de dois anos de vida. Compreendia a Convenção os estados do Amazonas e Pará, união que pouco durou devido às imensas distâncias, vindo a organizar-se mais tarde a Convenção Pará-Maranhão para os estados do Pará e Maranhão.

A novel Convenção trouxe ao trabalho um nôvo impulso pela arregimentação das poucas fôrças dispersas, criou um sentimento de unidade e firmeza desconhecidos, e preparou-se para entrar no evangelismo denodadamente. Elegeu o seu secretário-correspondente que logo começou a viajar pelo Baixo Amazonas. Começou de fato um período nôvo no evangelismo amazônico.

O ano de 1928 foi um dos melhores dêste período. Nelson voltou das férias restabelecido e trouxe a espôsa que há muitos anos estava na América, educando os filhos. Vieram dispostos para um trabalho de anos, e que seria a última etapa do feliz casal que consagrara a sua vida aos estados do norte. Assim o Amazonas tinha agora, além da sua organização geral, o seu missionário para continuar as infindáveis viagens acima e abaixo, na sua poderosa lancha. A história dos serviços de Nelson ao Amazonas difìcilmente poderá ser contada. É trabalho um tanto dispersivo pela dificuldade de cultivar devidamente a semeadura feita. As igrejas organizadas em vários lugares nem sempre sobreviveram muito à sua organização, e daí o pouco que se pode ver de tantas atividades.

Na reunião da Missão do Norte, em junho de 1928, foi eleito o missionário Dr. L. L. Johnson para missionário do Baixo Amazonas, ou seja do Pará, fazendo a mesma provisão para o Campo Maranhense, com a escolha do Dr. W. C. Taylor. Êstes missionários residiam em Pernambuco, fazendo apenas uma viagem por ano aos seus novos campos. Não era ideal o plano, mas supria em certa medida a falta de missionário residente.

Na Convenção do Vale do Amazonas, reunida em dezembro de 1928 com a Primeira Igreja de Belém, estêve presente o missionário Johnson, sendo bastante animadora a perspectiva do futuro.

Em fins de 1929, deixava Munguba o seu longo pastorado para vir ocupar lugar no Colégio e Seminário do Recife. Sua saída, foi bastante sentida pelo afeto que lhe consagravam os

crentes e pela dificuldade de se encontrar outro pastor que o fôsse substituir. Entrementes, a Segunda Igreja que tinha convidado o Pastor Benício Leão para o pastorado, cedeu-o à Primeira, e destarte ficou o trabalho amparado. A princípio tudo correu bem, para depois aparecerem as primeiras dificuldades. Depois de uma série de lutas, Benício teve de deixar o pastorado, saindo com vários irmãos, sem carta demissória, para organizarem a Terceira Igreja na cidade. Como o trabalho fôsse feito irregularmente, não pararam aí as dificuldades. A Primeira Igreja ficou sem pastor e dizimada, estabelecendo-se certa rivalidade entre as duas organizações, rivalidade esta que não pôde ser fàcilmente desfeita. Em fins de 1935 a igreja conseguiu ver interessado no seu pastorado o Pastor Alberto Augusto, formado pelo Seminário do Rio, que depois de séria meditação rumou para Manaus. Recebido com as mais vivas esperanças de um pastorado longo, logo foram estas esperanças desfeitas pouco depois pelo anúncio de sua retirada para o sul, por motivo de moléstia. Sua saída era esperada para maio de 1936.

As dificuldades existentes continuaram depois de findo êste período e com mostras de enraizamentos, o que muito desanimava os crentes acostumados como estavam a ver o trabalho correr em paz.

As demais igrejas do campo continuavam a sua vida monótona. A de Itacoatiara tinha construído o seu templo no pastorado de Emídio Bento Alves e a de Santarém inaugurara o seu em fins de 1935, construído também no pastorado de Emílio. Quando se preparava para esta última inauguração foi colhido pela morte êste antigo obreiro, cabendo a Nelson o privilégio da inauguração.

II — CAMPO PARAENSE

Os dois estados do Amazonas e Pará mantinham vida batista em separado em 1925. Mesmo depois de 1926, quando foi organizada a Convenção do Vale do Amazonas, que unia os dois grandes estados nortistas, os trabalhos, pode-se dizer, continuaram separados. Não seria fácil a união de tão vasto território sob um só dirigente de maneira que a Convenção não fazia mais do que refletir o espírito de boa vontade entre batistas amazonenses e paraenses. Mesmo, temos de convir que não havia elementos e meios que pudessem imprimir uma orientação única ao território abrangido pela Convenção. Assim, Manaus continuaria a ser o centro do trabalho no Amazonas, e Belém, o centro do trabalho no Pará. Por essa razão separamos os dois estados em campos à parte.

A Primeira Igreja de Belém estava sendo servida pelo Dr. Tertuliano Cerqueira, recém-graduado pela Faculdade de Medi-

cina de Belém. A de Castanhal, de que também era pastor, continuava a sua vida de igreja do interior, e a de Santarém ressentia-se da falta de cuidados pastorais contínuos. As outras, poucas e fracas, mantinham-se da melhor maneira que podiam.

Nas grandes concessões "Ford", perto de Santarém, nasceu um dos mais promissores trabalhos do Baixo Amazonas. À igreja foram doadas terras e facilitados meios, pela companhia, para o fim de se construir um bom templo que veio recolher, dentro de pouco, os crentes que de vários lugares eram atraídos pelas vantagens da companhia. A igreja fortaleceu-se e hoje a Igreja Batista da "Fordlândia" é talvez a mais forte e animada de tôdas as do grande vale. O pastor de Santarém, de ordinário, era quem cuidava desta igreja pela dificuldade de ela obter um pastor só para si.

Com a saída do Dr. Tertuliano Cerqueira, de Belém, em fins de 1927, foi chamado ao pastorado da Primeira Igreja o Pastor João Daniel, filho da igreja, e que se tem mantido no pastorado, através dos últimos anos.

A Segunda Igreja, dirigida pelo farmacêutico Neemias Castro, e que se tinha mantido afastada de tôda a cooperação estadual ou nacional, ficou libertada, quando o dito pastor foi exonerado, dando-se o mesmo com a Terceira, dirigida por um dos missionários da "Missão da Fé". Estas igrejas têm cooperado nos últimos anos com o trabalho geral.

CONVENÇÃO DO BAIXO AMAZONAS

As dificuldades das distâncias fariam com que fôsse mais tarde ou mais cedo organizada uma Convenção no Pará. Em 1928, dava-se êsse passo, sendo incluído o Maranhão na mesma organização. Como missionário do campo, funcionava o missionário L. L. Johnson, de Pernambuco, que visitava o trabalho de ano em ano, especialmente durante estas reuniões anuais, porque eram precisos mais de 15 dias para ir e voltar. Assim mesmo, a estas reuniões iam irmãos de Santarém e outros lugares do Baixo Amazonas. Bastaria a presença de irmãos de longe para merecer uma ida a estas reuniões convencionais. A visão do trabalho geral era avivada, missões, educação e filantropia vinham à tona das discussões, e isso servia para incutir no espírito dos paraenses o desejo de progresso. Foi daí que nasceu a idéia de se estabelecer um colégio em Belém, antigo sonho e velha necessidade dos batistas, iniciativa que veio a materializar-se mais tarde sob a orientação do pastor da Primeira Igreja. Os poucos meios e a falta de professôres nunca permitiram um grande avanço a êste trabalho.

Na capital organizou-se mais uma boa igreja no populoso Bairro da Pedreira, trabalho da iniciativa do irmão Joaquim Mesquita e que ao ser organizado em igreja foi escolhido o mesmo irmão para pastor. Colocada num bairro operário, viu desenvolverem-se os seus trabalhos notàvelmente. Uma pequena casa que tinha sido usada pela congregação foi desapropriada pela Prefeitura e com a indenização foi começado um bom templo, que, sem auxílio de fora, foi acabado em 1933, sendo um dos melhores da cidade. Esta igreja está destinada a ser uma das mais fortes do estado.

Durante o período de 1925-1935 o progresso foi pequeno no tocante a novas igrejas, mas o trabalho tomou uma forma definitiva sob o ponto de vista de organização e cooperação geral, o que lhe desenha um futuro prometedor. Poucos pastôres, poucos recursos, sem um missionário residente que além da sua cooperação pessoal lhe ministrasse os recursos que de ordinário possuem êstes irmãos, não seria possível esperar muito mais do que tem sido feito.

III — CAMPO MARANHENSE

Deixamos o trabalho no Maranhão bastante abalado no fim de 1925. Os problemas prolongaram-se até o meado dêste período. Com a ida do casal Crouch para Corrente, em substituição ao casal Terry, ficou o Maranhão sem pastor em qualquer das igrejas, recebendo uma ou outra visita de pastor brasileiro ou missionário que lá podia chegar. O trabalho foi-se arrastando assim vagarosamente. A Segunda Igreja gozava de alguma influência e tinha à sua frente alguns elementos valiosos, incluindo o diácono Anacleto Veloso, que lhe emprestava a sua longa experiência e os seus regulares recursos. A Primeira, desfalcada como ficara depois da divisão, mantinha-se com dificuldade.

Em 1928, a Missão do Norte elegeu para missionário do campo o Dr. W. C. Taylor, que mesmo à distância influiu poderosamente nos destinos do trabalho. Novos pastôres entraram no estado e as poucas igrejas ficaram sendo melhor servidas. E. Calheiros, estudante do Seminário, Idalino Sampaio, leigo dedicado, e depois o Pastor Juvêncio Auzier vieram trazer ao trabalho algum despertamento. Os dois primeiros foram trabalhar no interior e o último ficou como pastor da Primeira. Infelizmente, a sua condição social não o ajudava muito e poucos anos depois teve de deixar o trabalho de uma vez. O Pastor Raimundo Nobre que tinha trabalhado em Santarém e viera depois para o Maranhão, muito ajudava tanto a uma como a outra igreja, enquanto se dedicava ao magistério. A ida de Zacarias Campêlo para o trabalho entre os índios do Maranhão trouxe certo ânimo aos batistas locais, que sentiram algum entusiasmo com o acon-

tecimento. Em 1932, havia no estado 8 igrejas (sendo duas na capital) e apenas três pastôres.

CONVENÇÃO MARANHENSE

Em 1933, as igrejas do estado, lideradas pelos pastôres e alguns leigos, organizaram a Convenção Maranhense, desligando-se assim da Convenção do Baixo Amazonas. Era o espírito de coordenação tão próprio dos batistas, talvez mesmo o espírito de conservação própria, que gerava estas iniciativas. Da data de sua organização até o presente, tem a Convenção lutado contra os naturais impedimentos, mantendo-se viva e corajosa. O seu secretário, irmão Wanik, tem sido talvez a *alma mater* dêste trabalho.

Aí por 1933, também foi feita a mudança de missionário do campo, sendo eleito o missionário L. L. Johnson, de Alagoas, em substituição de W. C. Taylor. Com esta alteração atravessou o campo os últimos anos até 1935. As igrejas da capital, depois de muitas lutas, fundiram-se numa só, dando por findas as dificuldades antigas, aguardando o dia da chegada de um pastor. Podemos calcular em que condições estava o trabalho do norte em 1935, sabendo que não havia na capital do Maranhão um pastor, dois apenas em Belém e dois em Manaus. Não havia um missionário residente em nenhum dêstes estados, nem mesmo Nelson que não tinha tempo para dar ao trabalho da capital do Amazonas. A mesma coisa se poderia dizer dos outros estados do setentrião. De Paraíba do Norte até Manaus só havia um casal de missionários, em Corrente, Piauí.

IV — CAMPO SERTANEJO

Quando em princípios de setembro de 1908, Nelson foi ao Piauí, a convite de D. Orminda Teixeira, de Colônia, para pregar o evangelho e batizar as 4 primeiras pessoas a 19 de outubro, no rio Gurgéia, mal sonhava que 23 anos depois alguém, escrevendo a história do trabalho, poderia dizer que o Piauí tinha-se tornado um estado em que o evangelho gozava de grande prestígio e influência. Os esforços do Cel. Benjamin Nogueira e do missionário E. A. Jackson, agora unidos aos de Nelson, iniciaram o avanço pelo norte e sul do estado. Como todo o norte do Brasil, o Piauí tem lutado com a falta de obreiros, vindo receber o primeiro casal de missionários em 1913 para daí em diante tomar a vanguarda entre todos os outros estados nordestinos, com o seu Instituto Batista Industrial, várias igrejas pelo interior e um futuro promitente.

Em 1926, encontrava-se à frente do trabalho o missionário Crouch que substituíra os Terry durante as férias. Quem mais

sofreu com esta substituição foi o trabalho do Maranhão, que ficou pràticamente abandonado.

Como o único missionário no estado, teria de dirigir o Instituto e mais os trabalhos evangelísticos. Cooperavam com êle os veteranos Antônio Viégas, Teófilo Dantas, Jonas B. de Macedo e outros. O trabalho estendia-se pelo imenso sertão, rasgando-o em tôdas as direções. As igrejas eram visitadas de ano em ano. Sòmente a de Corrente tinha pastor, nesta data, e êle era o missionário.

In Memoriam. Em 1926, foi chamado à eternidade o grande batista Dr. Joaquin Nogueira Paranaguá, alma e gênio do trabalho no Piauí. Depois de ter ocupado os mais elevados postos na política, chegando a representar o seu Estado no Senado Federal, retirou-se para Corrente para dar o restante dos seus dias à Causa que êle tanto amara. Não sòmente êle, mas os seus filhos, têm amado o sertão nordestino e lhe têm dado sua cultura e influência. Foi uma família que nunca se prendeu às fascinações dos grandes centros. Obtida a educação necessária, voltavam ao torrão onde nasceram, para ali cultivarem as virtudes da notável família Nogueira. Ninguém poderia separar o trabalho da influência que lhe emprestou esta família, a começar pelo Cel. Benjamin Nogueira Paranaguá, o fundador do trabalho até aos atuais descendentes.

CONVENÇÃO BATISTA PIAUIENSE

Em 1926, foi organizada a Convenção Batista Piauiense. Foi iniciativa do Pastor Jonas Macedo, com o fim das igrejas do estado se arregimentarem e sustentarem os seus obreiros. Mais tarde, as igrejas de Terezina e Caxias, com o Pastor Teófilo Dantas, vieram engrossar as fileiras convencionais.

Aí por 1932, outro missionário foi atraído ao sertão piauiense, o irmão Blonnye Foreman, vindo ao Brasil por conta própria. Junto aos Crouchs tem repartido entre si as maiores responsabilidades. Foreman dedicou-se ao trabalho do Instituto para que Crouch ficasse com o evangelismo. Cremos que a situação geral, em 1932, era esta: Foreman, diretor do Instituto; Crouch evangelista geral; Jonas B. Macedo, pastor de sete igrejas (Remanso, Corrente, Nova York, Macaúba, Solidão, Jeromenha e Floriano); Oliveira Filho, pastor de seis igrejas (Caxias, 2ª de Terezina, Cocal, Belém, Amarante e Papagaio). Por esta disposição pode ver-se que pobreza de obreiros havia no campo; todavia, ainda era o estado mais bem servido em todo o extremo norte.

Em 1929, D. Lulu Terry iniciou um movimento com a mocidade da Igreja de Corrente, cuja iniciativa resultou na criação do Acampamento que atrai os crentes de todo o sertão adjacente.

Em 1932, lá foram o missionário White, da Bahia, e o missionário Zacarias Campêlo, acompanhado de alguns índios Craôs. Já agora o empreendimento constitui uma fôrça no trabalho geral.

Na Convenção de 1934 apareceram quatro novos colégios, um dirigido pela Profª Mariamélia Cunha, "Colégio Rio Branco", o "Colégio Roial do Brejo", dirigido pelo nôvo obreiro Paulino R. da Silva, o "Colégio Batista de Macaúba" dirigido pela Profª Else Macedo e o "Colégio Batista de Água Branca", dirigido pelo Prof. Waldec de Araújo Nogueira. O aparecimento de quatro colégios na Convenção foi sintomático, tanto assim que se nomeou uma comissão para estudar estas instituições educativas para dar parecer na convenção seguinte, ao mesmo tempo que se consignavam 13% da verba orçamentária do Campo para auxílio aos mesmos. Neste mesmo ano havia 14 igrejas no estado, havendo três em Terezina, a 1ª dirigida por Teófilo Dantas, a 2ª por Oliveira Filho e a 3ª organizada pouco depois, convidou o ex-Padre Emílio Ferreira, convertido no Rio de Janeiro (que não tinha sido ordenado por falta de idade). O trabalho em geral estava em sólidas bases. (1)

V — CAMPO CEARENSE

Em 1908, por ocasião de visitar o Piauí, chegou ao Ceará o missionário Nelson, e depois de batizar 4 pessoas organizou a igreja que ficou sendo dirigida pelo Pastor Firmino Alves, que fôra consagrado por essa ocasião. Logo depois, Nelson voltou à sua "base" no Maranhão e dentro de poucos anos Firmino voltava ao Pará, de onde viera, e o trabalho morreu de uma vez. Em 1912 a C. B. B. pediu à Junta de Missões Nacionais que enviasse ali um obreiro, mas êsse pedido nunca foi atendido. Passaram-se os anos, foram mandados homens aos índios do Amazonas, aos do Maranhão e Mato Grosso e não se mandou um homem aos cearenses.

Com a organização do Campo Paraibano, em 1923, foi o Ceará, bem como o Rio Grande do Norte, incluído no nôvo campo, e era de se esperar que um nôvo dia tivesse vindo ao Ceará, mas a doença do missionário Hayes, em 1927, e sua retirada para os EE. UU., levou a Missão do Recife, em dezembro, a separar o Ceará do Campo Nordestino e colocá-lo sob a direção de um missionário do Recife.

Em 1923, o missionário do Campo Paraibano fêz uma viagem a Fortaleza, em companhia de um pastor, e conseguiu arrebanhar um pequeno grupo de batistas, que eram o resultado da se-

(1) Emílio Ferreira voltou ao catolicismo de onde viera, ao serem publicados êstes informes.

mente lançada em 1908; organizou uma pequena igreja e voltou a Paraíba. A falta de cuidados pastorais em breve reagiu sôbre o pequeno rebanho e êste entrou em colapso. Em 1927, a Missão do Norte manifestava à sua Junta na América o desejo de enviar ao Ceará um pastor e pouco depois enviava o Pastor Juvêncio Auzier, que pouco tempo lá permaneceu por ter ido ao Maranhão.

Em 1930, o missionário E. G. Wilcox enviou, por conta da Missão, o Pastor João Rodrigues, que foi dar ao trabalho meio vivo, meio morto, um surto de progresso. Os primeiros meses foram de animação, mas alguns elementos antigos logo atrapalharam a marcha da novel igreja, e esta cindiu-se, indo organizar-se a 2ª Igreja Batista num outro ponto da cidade.

Com recursos insignificantes, mal podendo manter o pastor e a família, nada lhe foi possível fazer no interior do estado. Cidades boas e próximas da capital estão abandonadas pelos batistas.

CAPÍTULO XXX

AO REDOR DO LEÃO DO NORTE

I — CAMPO PERNAMBUCANO

Êste capítulo abrangerá quatro campos: (1) Paraíbano, (2) Pernambucano, (3) Sulino e (4) Alagoano. Começaremos por Pernambuco quando deveríamos começar pela Paraíba, mas damos a preeminência a Pernambuco por ter sido o centro do trabalho durante muitos anos.

A situação do Campo Pernambucano, em 1925, era bem complexa. Disso demos bastantes informes no capítulo sôbre o "Movimento do Norte". Foi ali que se processaram as grandes lutas que envolveram os batistas de 1922-1925. Mesmo depois desta data, quando a questão foi decidida por apoio unânime da Convenção Batista Brasileira, ainda os restantes pruridos continuaram a abalar os batistas, se bem que num sentido muito diferente dos anos anteriores.

No começo do ano, tinham aportado a Pernambuco os novos missionários A. H. Zimmerman e Jessie Early Zimmerman que se identificaram de maneira louvável com as hostes pernambucanas. Ambos vieram dar boa contribuição à música e ao evangelismo para o que propendiam admiràvelmente.

Novas igrejas e novos pastôres foram surgindo como resultado do espírito nôvo que animava os batistas.

Nos primeiros meses do ano, Adrião Bernardo renunciou a direção do Colégio Batista Brasileiro, ficando apenas dirigindo a Primeira Igreja e pouco depois mudou-se para S. Paulo, onde foi chamado ao pastorado da Primeira Igreja.

D. L. Hamilton, que fôra destituído pela sua Junta, retornou a Pernambuco, enviado pela Associação Batista do Texas. Como o Colégio B. Brasileiro estivesse sem direção, foi convidado a assumir o lugar, continuando Pereira Sales como o tesoureiro. O Dr. Hamilton nunca se pôde conformar com a pacificação por não acreditar nas suas bases. Todavia, não fêz guerra a ninguém, limitando-se a lutar para manter o Colégio que dirigia e a classe teológica. Foi nesta intensa luta que êle esgotou o resto das fôrças físicas, tendo de voltar anos depois à sua terra, para lá morrer.

Em junho, reunia-se pela primeira vez, depois da pacificação, a Assembléia Batista e o Conselho Batista do Norte do Brasil. Já eram entidades de fundas raízes no sentimento batista, sendo que neste ano apresentavam-se com os novos elementos que tinham vindo da Convenção Regional.

Em novembro, reunem-se as Convenções Pernambucana e Regional, salientando ambas o desejo de progredir e fazer avançar o Reino.

IN MEMORIAM

Em princípios de 1926, falece na cidade do Recife o veterano Pastor Manoel da Paz. Homem de algum preparo, e de rara inteligência e bom senso. Poucos o puderam igualar no trabalho do evangelho. Como pregador, era admirável. Eloqüente, poderoso argumentador. Era uma voz respeitável ao lado da Convenção Regional, sendo um dos que mais pêso fizeram contra a aceitação das Bases de Cooperação. Era sincero nas suas convicções. Ao seu sepultamento compareceram pastôres e missionários e todos choraram a sua partida. Pastoreou várias igrejas e morreu como pastor da Igreja do Cordeiro.

A 22 de dezembro dêsse mesmo ano passa à eternidade o Pastor Mello Lins o mais antigo pastor batista do Norte e um dos primeiros em todo o Brasil. Suas atividades datavam dos primeiros dias do evangelho em Alagoas e Pernambuco, sendo o primeiro crente batista em Pernambuco. Tomou parte na organização da 1ª Igreja do Recife e acompanhou o seu trabalho por alguns anos. Passou depois a trabalhar em Alagoas, voltando ainda ao Recife. Morreu aos 68 anos de idade.

O EVANGELHO NO ALTO SERTÃO

A entrada do evangelho no alto sertão pernambucano foi um acontecimento para os crentes pernambucanos. Até 1925 jamais se conseguira entrar nas regiões afastadas da capital, a não ser nas cidades e vilas de fácil acesso. Os batistas neste tempo acharam que não era possível deixar por mais tempo entregue ao cangaço o sertão pernambucano. Assim, aproveitando a influência de uma família presbiteriana em Rio Branco, que pouco depois se ausentara da cidade, foi o pastor da Igreja de Gravatá àquela cidade e, dentro de poucos meses, foram batizadas 4 pessoas. Foi a ocasião para se cogitar de levar o evangelho definitivamente àquele povo. Em maio de 1926 chegava a Rio Branco o primeiro evangelista missionário, enviado pela Convenção Pernambucana, o irmão José Feitosa. A 24 de outubro organizava-se a Igreja de Rio Branco, o que constituiu motivo de grande regozijo. Daqui em diante, o trabalho se estendeu a outras vilas e fazendas, chegando até a cidade de Floresta dos Navios, o ponto mais central do alto sertão.

Muito naturalmente, os frades ficaram inquietos e pretenderam acabar de vez com os cultos, e o teriam feito se no go-

vêrno do Estado não estivessem homens de envergadura e espírito liberal, especialmente o chefe de Polícia, Dr. Eurico de Souza Leão, homem culto e grande defensor da liberdade de consciência, que logo tomou as providências necessárias, ordenando ao delegado de Rio Branco dar as mais completas garantias sob pena de assumir a responsabilidade por qualquer fato desagradável que ocorresse. Para que as ditas garantias fôssem completas, enviou o mesmo chefe de Polícia um delegado especial com alguns praças, os quais assistiram ao batismo de vários novos crentes no Rio do Mel com uma enorme assistência de curiosos. Dali em diante estava aberta a porta a tôdas as arremetidas batistas. Os frades não tiveram outro jeito senão convencerem-se de que os tempos estavam mudados.

Com a saída do irmão José Feitosa, foi substituí-lo José Jacinto da Silva, que, em 1935, viajava em tôdas as direções, muitas vêzes indo depois de Lampião passar, ou indo antes dêle chegar.

Encorajados, entraram os batistas noutros pontos do território pernambucano em distantes paragens, onde atualmente florescem diversas igrejas.

Se era grande o interêsse evangelístico no sertão, não era menor o progresso na capital e lugares próximos. Foi uma grande época. Esquecidas as lutas dos últimos anos, os batistas viraram-se com grande entusiasmo para a sua tarefa de evangelizar o povo.

Êstes anos foram de notável progresso em todo o norte e quiçá em todo o Brasil. As 149 igrejas do norte em cooperação com a C.B.B. fizeram, em 1930, 836 batismos, e as 253 no sul fizeram 2.000. A última década tinha também sido de um extraordinário progresso. Em 1920, havia no norte 120 igrejas e 142 no sul, havendo assim um aumento de 29 no norte e 11 no sul, dentro de 10 anos. Não esqueçamos que, além das 149 igrejas do norte, havia talvez umas 50 que tinham deixado de cooperar com as nossas Convenções. Acrescentando estas 50, temos um crescimento para o norte, em 10 anos, de 79 igrejas.

No campo do evangelismo foi sempre num crescendo animador o trabalho em Pernambuco. Em 1934, já havia em cooperação com a Convenção Pernambucana 46 igrejas, havendo um número quase igual cooperando com a Convenção Regional. As igrejas promoviam periòdicamente conferências evangelísticas e institutos bíblicos por meio dos quais atraíam novos elementos. Foi assim que Recife se tornou o maior centro evangélico da América Latina. Os seminaristas eram sàbiamente aproveitados nas igrejas e, por seu intermédio, eram abertos pontos de pregação que, em via de regra, se tornavam

igrejas. Não há ponto estratégico na "Veneza Brasileira" que não esteja tomado.

RESTABELECIMENTO DA HARMONIA

Durante o ano de 1935, sensível modificação se operou no ânimo dos batistas que cooperavam com a Convenção Regional e Associação B. Brasileira, no sentido de dar por findas as desavenças, não sòmente em Pernambuco, mas em todo o norte e até mesmo noutros pontos do Brasil, onde tinham algumas igrejas. Na reunião da Associação Batista Brasileira, em 1934, foi deliberado, depois de longas discussões, que tinha chegado o tempo de ser restaurada a fraternidade com as igrejas da Convenção Batista Brasileira. Desde 1926, tinha esta Associação deliberado oficialmente recusar qualquer relação fraternal com as igrejas da C.B.B. e se bem que a medida se afigurasse violenta a muitos batistas, foi, todavia, aceita e praticada invariàvelmente durante a década seguinte. O tempo, porém, encarregou-se de modificar o ambiente espiritual, e, em 1934, muitos estavam convencidos de que nada justificava essa atitude. As bases em que a fraternidade foi votada consistiam na troca de cartas demissórias e permutas de púlpito, continuando, todavia, cada lado onde estava no tocante à cooperação. Em Pernambuco, o maior centro de divergências, verificou-se logo o restabelecimento da harmonia, vindo os pastôres Sales, Vidal de Freitas e outros assistir à Assembléia Batista, em 1935, realizada no Colégio Americano. Na Bahia, no Rio e noutros lugares, medidas idênticas foram tomadas e a tão desejada fraternidade foi restabelecida.

CONVENÇÃO PERNAMBUCANA

A Convenção Pernambucana, durante esta última década da nossa História, nada de especial forneceu que possa ser levado à conta de novidade. A de 1926 teve a destacá-lo o fato de que nela se originou a idéia da fundação de um hospital de que nos ocuparemos adiante. A de 1927 primou pelo evangelismo sertanejo, dando ênfase especial ao trabalho, com sede em Rio Branco, onde laborava o Pastor José Feitosa, depois sucedido por José Jacinto da Silva.

A de 1929, em Garanhuns, cristalizou a antiga idéia de dar aos pastôres o amparo merecido depois de não poderem mais trabalhar. Estêve presente o Dr. S. L. Watson, secretário-correspondente da Junta de Beneficência, por cujo intermédio foram inscritos quase todos os pastôres do Campo.

Era sempre nota de animado destaque o relatório do evangelista do Campo, durante alguns anos, o Pastor Severino Batista.

O secretário do Campo, E. G. Wilcox, até 1934 também se desobrigava bem da tarefa de visitar as igrejas.

As bases sólidas em que se assentava o trabalho fizeram com que se escoassem êstes 11 anos na mais perfeita harmonia entre todos.

ASSEMBLÉIA BATISTA

Esta nova entidade batista nasceu das dificuldades do campo de 1922-24. A 11 de junho de 1924, fazia *O Correio Doutrinal* uma proclamação aos crentes batistas do norte para que nos dias 24 e 25 de setembro se reunissem em Maceió, a fim de deliberar sôbre a organização da Assembléia Batista do norte do Brasil. Nos dias aprazados lá estavam muitos dos irmãos de Pernambuco, Bahia, e Alagoas para depois de largas discussões, aprovarem os Estatutos e marcarem para junho de cada ano as reuniões inspirativas no edifício do Colégio Americano de Recife. Cada ano, na segunda quinzena de junho, ali se tem congregado batistas de todo o norte, sendo sempre convidado um irmão notável na denominação para orador oficial. Mesmo da outra América têm vindo irmãos famosos, tais como o Dr. Truett e Dr. Sampey, aquêle pastor da Primeira Igreja Batista de Dallas e êste presidente do grande Seminário de Louisville. Além dos discursos inspirativos, uma parte do dia é tomada para o estudo das matérias do Curso Normal, estudos bíblicos, etc. A Assembléia Batista está justificada entre as necessidades cooperativas dos batistas. Não sabemos de outra agência que tenha contribuído tanto para unir, inspirar e impulsionar os batistas do norte como esta.

CONSELHO BATISTA DO NORTE DO BRASIL

Filho da mesma ocasião em que nasceu a Assembléia, tem tido por função coordenar certas atividades gerais, estudar problemas e oferecer conselho sempre que alguma coisa séria se antepõe ao trabalho. É uma iniciativa nova no trabalho batista que muito pode fazer.

HOSPITAL BATISTA

Na Convenção de 1926, os batistas pernambucanos deram um notável passo para resolver um dos sérios problemas que dizem respeito ao tratamento dos doentes. Devido ao fato de serem os hospitais ordinàriamente dirigidos por freiras, nem sempre caridosas, os crentes pobres têm horror aos hospitais da cidade. Para atenuar ou resolver êste fato, o Pastor Antônio N. de Mesquita, entendeu-se com o médico Dr. A. C. Vieira da Cunha, e, por ocasião da Convenção, levou êste médico a uma das sessões, pedindo-lhe que dissesse duas palavras.

De sua breve palestra, nasceu uma Comissão Hospitalar, presidida pelo mesmo pastor para tratar dos meios de resolver o sério problema. Na falta de recursos suficientes, ficou estabelecido que o Dr. Vieira daria consultas baratas aos crentes e faria tratamentos ligeiros na sua casa de saúde. Todos êstes gastos seriam cobertos por uma pequena verba votada pela Convenção. No caso de operações de vulto, o mesmo médico promoveria o internamento em hospitais da cidade, ficando os doentes sob a sua proteção ou de seus colegas conhecidos, de maneira que as freiras não tivessem coragem para os perseguir. Foi assim que em breve os crentes pobres puderam ser tratados convenientemente, sem grandes ônus. Os médicos que faziam as operações recebiam uma pequena gratificação apenas.

Poucos anos depois era organizada a Sociedade do Hospital Batista, que se propunha a associar os crentes em geral, fundar uma enfermaria que pudesse esperar pela fundação do hospital desejado.

CONVENÇÕES DAS ESCOLAS DOMINICAIS

Pelos anos a fora, o movimento de convenções de escolas dominicais em Pernambuco foi um sucesso. Iniciativa interdenominacional, depois apropriada pelos batistas, nunca mais desapareceu das suas atividades. Mesmo depois da divisão, continuaram os dois lados promovendo no dia 7 de setembro as suas Convenções. A inspiração e o entusiasmo que êstes ajuntamentos traziam ao povo, era igual ou superior ao das Convenções promovidas pelas próprias igrejas.

II — CAMPO SUL DE PERNAMBUCO

Por alguns anos florescera na linda cidade sertaneja de Garanhuns, uma igreja. Depois, desapareceu. Escoaram-se os anos, vindo a reaparecer um grupo de crentes aí pelo ano de 1926. Depois de algumas visitas, foi combinada a organização da nova igreja ao mesmo tempo que se cuidava de estabelecer um nôvo campo missionário que se encarregasse do sul dos estados e do sertão. No mês de dezembro de 1927, mudava-se para aquela cidade o missionário L. L. Johnson, e a 28 do mesmo mês organizava-se a igreja com 40 membros. No ano seguinte erguia-se um lindo templo e o trabalho expandia-se pelas circunvizinhanças.

Alguns anos depois, foi L. L. Johnson para Alagoas, indo substituí-lo, em 1931, o missionário C. F. Stapp, que lá se demorou pouco, indo em setembro de 1933 para o Campo Paraibano em substituição de A. E. Hayes, e sendo substituído por

E. G. Wilcox, de Recife. [1] Em 1935, havia apenas um pastor na cidade de Garanhuns sem meios de viajar e desenvolver o trabalho naquela grande parte de Pernambuco.

III — CAMPO PARAIBANO — RIO GRANDENSE DO NORTE

A 26 de setembro de 1923, mudava-se para a capital da Paraíba do Norte o missionário E. A. Hayes, e nos dias 24 e 25 de janeiro seguinte organizava-se a primeira convenção batista do nôvo campo. Desmembrara-se, assim, o velho Campo Regional que abrangera o Rio G. do Norte até Sergipe durante alguns anos.

A êste tempo havia três igrejas na cidade, sendo que uma, a 2ª, saíra da Primeira Igreja por motivos do Movimento do Norte. No interior havia umas três. Em 1927, havia 8 cooperando com a Convenção Paraibana e duas com a Convenção Regional. Logo duas outras se organizaram, passando o número a 10.

A pequena Igreja de Natal tinha vivido sem pastor residente desde o tempo de sua organização a 13 de maio de 1917. E, em 1926, mudou-se para lá o Pastor Rodolpho J. Bentemuller que lá se tem conservado através dos últimos anos dêste período. Pouco a pouco ia sendo servido o vasto território da Convenção.

Em fins de 1923, logo após sua entrada em campo, foi ao Ceará o missionário Hayes e pôde organizar ali uma pequena igreja que, por pequena, pobre e sem pastor, passou alguns anos, entre a vida e a morte. [2] Com a organização da Convenção Paraibana foi o Ceará considerado campo desta Convenção, mas pelas distâncias, a falta de homens e recursos, pouco progresso pôde ser feito. Eram três estados unidos pela jovem Convenção.

Em 1927, adoeceu sèriamente o missionário Hayes, retirando-se para sua terra. Devido a isso, parece, a Missão do Norte, na sua reunião de dezembro de 1927, considerou o Ceará um campo à parte sob a direção de um missionário do Recife. O Pastor Juvêncio Auzier lá estêve algum tempo, retirando-se depois para o Maranhão, indo substituí-lo o pastor João Rodrigues, em 1930, em cuja posição tem continuado por alguns anos.

De volta da América, Hayes voltou a seu campo para em breve se convencer de que a Paraíba não lhe oferecia o clima desejado, mudando-se para Campina Grande, que passou a ser a sede do campo. Ali ficou até meados do ano de 1933, quando

---

(1) Veja Foreingn Mission Board Report, 1933, 1934.

(2) As informações que temos à mão oferecem alguma ambigüidade sôbre a organização da igreja nesta ocasião. F.M.B. Report, 1926.

se mudou para o Recife para cooperar com o Seminário. C. F. Stapp, que a êste tempo estava em Garanhuns, veio substituí-lo em setembro, em cujo cargo se encontrava em 1935.

Durante êstes anos alguns pastôres foram atraídos ao Campo Paraibano, entre êles, Zacharias de Barros, Lívio Lindoso (logo voltou ao Recife), Arlindo de Araújo e outros. Campina Grande tornou-se um grande centro batista com duas fortes igrejas, recebendo a cooperação de seminaristas do Recife e pastôres. Ao findar esta época, é um dos bons campos do norte, e os missionários usufruem a cooperação leal dos pastôres.

Durante os últimos anos o evangelho estendeu-se também ao sertão paraibano por intermédio de evangelistas leigos, estabelecendo um bom centro em Souza, com irradiação para o Ceará.

Em 1935, a Primeira Igreja Batista Brasileira (2ª igreja), nascida da divisão, confraternizou-se com as demais do estado e isso trouxe grande alívio à situação geral pelo acabamento das desinteligências no campo.

IV — CAMPO ALAGOANO

O Campo Alagoano, em princípios de 1925, apresentava-se admiràvelmente bem organizado e com um futuro promitente. O missionário J. Mein, juntamente com alguns pastôres brasileiros, dirigia as hostes evangélicas na "terra dos marechais".

O trabalho em geral constava de 11 igrejas espalhadas pelos pontos principais do estado, sendo que a Primeira da capital estava em franco progresso e animação, com o seu templo próprio, sustento próprio, escola dominical modêlo, etc. O Colégio Alagoano a êste tempo já tinha ganho o favor do público e se encontrava num bem instalado prédio no Farol; o *Batista Alagoano,* jornal bem feito, a Convenção Alagoana e outras tantas atividades, tais como institutos bíblicos nas igrejas e o grande instituto bíblico anual promovido pelas fôrças batistas, encontravam-se na capital do estado.

O número de pastôres era diminuto para o já grande número de igrejas, pois constava de três apenas, mas as deficiências eram supridas por meio de visitas evangelísticas do missionário e outros auxiliares do estado e de fora mesmo.

Em 1926, Mein mudou-se para a Bahia para tomar o lugar de White que se ausentara em férias; para Alagoas, a fim de tomar o lugar de Mein, foi o missionário J. L. Bice. Mais tarde, em 1930, com a vinda do Dr. Mein para o Colégio e Seminário do Recife, foi J. L. Bice eleito diretor efetivo do Colégio.

Pelos anos a fora, continuou o trabalho a mover-se de acôrdo com o ritmo geral que as condições permitiam. Em 1929,

havia no campo 10 igrejas, tendo, portanto, desaparecido uma, desde 1925. Ao lado destas igrejas havia 17 congregações.

Com a mudança do missionário L. L. Johnson do Campo Sul-Pernambucano para Maceió, o trabalho recebeu um nôvo impulso. O Campo Sergipano, a êste tempo sem missionário residente, uniu-se ao Alagoano, vindo o Pastor C. Costa Duclerc assistir à décima segunda Convenção Alagoana, reunida em Penêdo em outubro de 1931, pedindo ingresso na Convenção para a Primeira Igreja de Sergipe. Conseqüentemente foi mudado o nome do campo para "Campo Alagoas-Sergipe". (3)

A última etapa dêste período foi boa para o campo. Johnson, com o seu bom feitio de missionário evangelista, ia e vinha de estado a estado, embrenhando-se pelo interior em visita às igrejas distantes. Alguns pastôres recentemente atraídos ao trabalho davam-lhe forma e animação.

Mais tarde, com a saída de Johnson, em férias, para sua terra, voltou a dirigir o trabalho o missionário Bice, como missionário do campo. Com a saída de alguns professôres do Seminário do Recife, foi Johnson, na volta das férias, em 1935, convidado a vir para o Recife, deixando o trabalho bom que estava fazendo em Alagoas.

CONVENÇÃO BATISTA ALAGOANA

Os dois períodos em que se poderia dividir o histórico desta Convenção, 1925-1931 e 1932-1935 não apresentam muita novidade. Reunindo cooperativamente poucas igrejas e movimentando poucas fôrças, esforçava-se por manter o trabalho estável pelo menos. Na Convenção de 1931, surgiu um nôvo movimento em tôrno do hospital batista, sendo nomeada uma comissão para estudar o assunto.

Os demais anos foram apenas demonstrações do trabalho cooperativo geral, como é de molde das convenções batistas. Problemas, se os havia, eram os naturais a qualquer trabalho, de maneira que as sessões convencionais corriam no ritmo normal da vida batista do estado.

V — CAMPO BAIANO

As condições do trabalho batista na Bahia, no princípio deste período, eram tanto ou mais precárias que as do Recife, devido ao rompimento cooperativo no norte e aos antigos problemas de que o trabalho sempre sofreu.

Não vamos de nôvo recapitular êstes acontecimentos, de vez que o fizemos no histórico do Campo Pernambucano, e se bem que haja diferenças entre os dois campos, as origens e mé-

---

(3) Atas da Convenção Alagoana, 1931.

todos seguidos tanto no rompimento como na confraternização foram de tal modo similares que, estudando um, teremos estudado o outro. Portanto, apenas o que diz respeito aos esforços feitos na Bahia para a pacificação da família batista no norte é o que se impõe neste bosquejo.

Bem poucos obreiros da Bahia em cooperação com a Convenção Interestadual vieram ao Rio assistir à Convenção que iria estudar e resolver o problema criado pelo "Movimento". Todavia, alguns vieram e foram tocados do espírito de amor e camaradagem cristã que reinavam na Convenção, e, de volta à "boa terra", puseram mãos à obra para, em comum com os irmãos da Convenção Baiana, darem por findos os dias de desavença e briga. O missionário White fêz publicar n'*O Batista Baiano* as "Bases de Cooperação" com uma bem alinhada síntese dos acontecimentos para que a ninguém restasse dúvida sôbre a sobriedade do resolvido, e o sincero desejo de dar por findas as lutas, sem diminuição para qualquer das partes.

Não obstante os bons ofícios de irmãos de um lado e do outro, havia irmãos irredutíveis e que não podiam ver possibilidade de fraternidade sem a satisfação de exigências feitas logo nos primeiros dias de luta. A 1ª Igreja, sob o pastorado de C. Costa Duclerc, chegou a ficar bem impressionada com a maneira como tinha sido resolvida a pendência, mas havia alguns irmãos que não desejavam de modo algum voltar a cooperar com os missionários. Coriolano ausentou-se da capital a serviço evangelístico e na sua ausência o grupo mais exaltado apoderou-se da moderadoria, exonerou o pastor sob a alegação de que êle era favorável às Bases de Cooperação. Disso resultou que 35 irmãos que não concordaram com a violência feita ao pastor, na sua ausência, retiraram-se e planejavam organizar-se noutra igreja. Sabedor do ocorrido, o missionário White veio ao encontro dêstes irmãos e mostrou-lhes a inconveniência de outra igreja ser organizada por motivo da cooperação e os aconselhou a se unirem à Igreja Dois de Julho, até poderem decidir melhor o rumo que haviam de tomar. Êles aceitaram a sugestão e no dia 10 de maio de 1925 eram recebidos pela igreja supra com a declaração de que os que desejassem ficar deveriam declará-lo dentro de algum tempo, e os que desejassem sair deveriam fazer a mesma coisa. Pouco depois, todos declararam que ficariam nesta igreja e assim foi evitada mais uma divisão na Bahia.

Restava saber que posição tomaria a Convenção Batista interestadual, se bem que não se alimentasse dúvidas a respeito de sua inclinação pela continuação da luta. Reunida ela na Igreja dos Mares, deliberou não tomar em consideração qualquer resolução tomada pela C.B.B. Isto feito, estava homolo-

gada a continuação da luta na Bahia, cabendo aos obreiros e às igrejas individualmente escolher a que lado iam ficar. Várias igrejas vieram unir-se à Convenção B. Baiana aceitando destarte o resolvido na Convenção do Rio; outras continuaram onde estavam, negando fraternidade eclesiástica às demais do outro lado. Seriam precisos mais 10 anos para amadurecer na mente de todos que brigas entre batistas são brigas de família e que mais dia menos dia acabam.

Para a Frente. O missionário White e os obreiros que o acompanhavam na consolidação da obra criada pela Convenção do Rio lançaram um bem elaborado programa evangelístico na capital, convidando missionários de fora e outros pastôres para virem cooperar, procurando, por meio dêste avivamento, esquecer as feridas dos anos passados. Coriolano ficou por algum tempo cooperando na capital com a Igreja Dois de Julho até que foi para Sergipe como evangelista geral da Convenção Sergipana.

A 2ª Convenção das Escolas Dominicais reuniu-se êste ano com a Igreja da Cruz do Cosme, sendo convidados vários irmãos de fora. De Pernambuco veio o Pastor Mesquita, e de alguns pontos do estado vieram outros irmãos. Animação e desvêlo eram notáveis entre todos os irmãos e para os baianos como para os pernambucanos que tinham aceito "As Bases de Cooperação" não havia mais igrejas "radicais" ou "construtivas", mas igrejas batistas. O espírito de guerra tinha morrido para êstes irmãos e daí a felicidade que todos sentiam.

Reajustando. Naturalmente os abalos por que passou o trabalho da Bahia neste ano exigiam um reajustamento dos antigos moldes do trabalho cooperativo.

No período anterior vimos que o Estado de Sergipe se constituíra um setor do trabalho no Campo Baiano. As nuances que o dito trabalho sofreu provocaram outro arranjo que veio dar, ao mesmo, direção local. Para a 1ª Igreja de Sergipe tinha ido no princípio de 1925 o Pastor Djalma Cunha, e depois da saída de Coriolano da 1ª Igreja da Bahia, foi êste também para Sergipe, como evangelista geral. Era natural que êstes obreiros experimentados desejassem dar ao trabalho uma orientação local e assim fizeram, organizando a Convenção Batista Sergipana. O Campo Baiano ficou agora composto dos dois distritos — Jaguaquara, com A. J. Tumblin, e a capital e grande parte do interior fora da zona da E. F. Nazaré, com White, como missionários. O período de 1925-1935 conservou esta distribuição de responsabilidades.

O ano de 1926 foi normal em acontecimentos. A retirada de White para sua terra por motivo de molestia da espôsa, e a vinda de J. Mein, de Alagoas, para o substituir por um ano,

foram, na capital, as principais modificações que o trabalho sofreu. Havia apenas dois pastôres na cidade do Salvador e bem poucos no interior, para tantas necessidades, mas cada qual se desobrigava da incumbência da melhor maneira que podia.

ASSOCIAÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Pelo meado do ano reuniu-se com a Igreja da Rua Dr. Seabra a Primeira Associação Batista Brasileira, organização rival da Convenção Batista Brasileira. Não sabemos muito de suas deliberações senão que foi ali assentado não dar nem receber cartas demissórias das igrejas "americanas", cortando-se assim uma das melhores formas de identificação entre irmãos da mesma fé e ordem. Recusaram cooperar em missões e tudo mais que estivesse sendo feito sob os auspícios da C.B.B., separando-se cooperadora e fraternalmente.

As Convenções de Escolas Dominicais e Estadual reuniram-se, como de costume, e suas deliberações foram recebidas com entusiasmo pelo povo batista. Institutos bíblicos e conferências acompanhavam o ritmo das atividades dos baianos.

Os dois distritos — Capital e Jaguaquara — estendiam o trabalho a todos os pontos, destacando-se o de Jaguaquara com a entrada do evangelho em novas fazendas e vilas, atraindo outros obreiros de fora, especialmente de Pernambuco. Algumas cidades importantes, como Nazaré, perto da capital, receberam o evangelho, fundando-se igrejas fortes e animadas.

Nova feição do trabalho. O reajustamento que o trabalho sofreu precipitou algumas mudanças de métodos. Por isso que a Convenção de 1927 deliberou que dentro dos dois distritos gerais se organizassem associações distritais com o fim de melhor arregimentar os crentes e as igrejas. Era uma velha norma noutros campos (especialmente no E. do Rio), que se desejava para a Bahia. Em março de 1938, convidava o missionário White as igrejas próximas da capital para uma reunião preparatória, a fim de dar andamento ao resolvido na Convenção. Não sabemos em quantas associações foi dividido o campo, mas conhecemos a do centro, a de Jaguaquara, e a do sul com sede em Ilhéus, cooperando com a Associação B. Brasileira. A organização do trabalho em pequenos centros, dá-lhes mais cultivo e atenção. A do centro se reuniu a 25 de abril e a de Jaguaquara nos dias 24-26 de maio.

A visita do Prof. Dr. J. R. Sampey à Assembléia Batista do Norte em 1928 foi sàbiamente aproveitada pelos baianos que o convidaram a ir à Bahia, tendo pregado em várias igrejas e visitado os trabalhos dos principais centros.

JUBILEU DO TRABALHO BATISTA NO BRASIL

Aos 15 dias de outubro de 1882, organizava-se a Primeira Igreja Batista no Brasil. Cinqüenta anos depois seria justo que se celebrassem as bodas de ouro dêste evento notável para a vida espiritual do Brasil. Tanto os batistas da Convenção Baiana como os da Associação celebraram o acontecimento com regozijo. Na Igreja Dois de Julho, em conjunto com a Convenção Estadual, celebrava-se a data entre flôres e discursos, rememorando as infindáveis peripécias por que passara a Causa durante 50 anos, mas dando glória a Deus pelas vitórias alcançadas. O acontecimento deveria ter sido celebrado por todos os batistas, mas não o foi. Cinqüenta anos! Que progresso, que diferença! A Convenção Baiana relatou estarem nessa data em cooperação 49 igrejas, tendo sido organizadas 5 durante o ano e 4 tinham abandonado a luta e voltado a cooperar com a Convenção B. Baiana.

O Pastor Emygdio de Miranda foi um dos antigos pioneiros do trabalho na Bahia. Ajudou a fundar um grande número de igrejas e pastoreou algumas delas. Numa de suas últimas viagens a cavalo, sentiu-se mal, morrendo pouco depois. Seu passamento se deu aos 14 de julho de 1930. A espôsa foi pensionada pela Junta de Beneficência, de acôrdo com os direitos que tinha, como sócio, o irmão Miranda.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Em janeiro de 1928, devia reunir-se na capital baiana a grande Convenção Batista Brasileira. Não possuindo as igrejas da Bahia, em cooperação com a mesma Convenção, um templo espaçoso, dirigiu-se a Comissão de Programa à 1ª Igreja, pedindo o privilégio de serem efetuadas as sessões no seu templo. Uma carta amistosa foi dirigida neste sentido à igreja e em resposta veio outra, cujos têrmos, entre outras *considerando,* dizia: "Não podemos atender o que delicadamente solicitais, pelo motivo de que a referida Convenção Nacional está agindo em cooperação com igrejas irregularmente organizadas, pois grande parte de seus membros acham-se em disciplina por parte desta Igreja e da Igreja Batista dos Mares."

Certamente o que levou a Comissão a fazer o pedido não foi tanto a necessidade de um local adequado, mas o desejo de demonstrar boa vontade para com a dita igreja e irmãos, e assim dar outra prova de que a desinteligência continuava sendo movimentada apenas por um lado.

A Convenção reuniu-se no salão nobre da Associação dos Empregados do Comércio e foi uma boa Convenção. Foi nela que se deu vida à nova Junta de Beneficência, que tão relevantes serviços vai prestando aos obreiros.

CONVENÇÃO B. BAIANA

A Convenção de 1925 foi, como tivemos ocasião de ver, importante por ser a primeira depois da Convenção B. Brasileira no Rio no mesmo ano. Reuniu-se a 22 de outubro, muito tempo depois dos esforços pró pacificação; portanto, estava tudo decidido. Teve apenas de tomar conhecimento das igrejas que iam cooperar com ela. Representaram-se 29 e uma deixou de enviar mensageiros. Foi sobretudo uma Convenção espiritual.

A de 1926 reuniu-se na capital com a Igreja Dois de Julho e teve a destacá-la a mensagem enviada aos batistas em geral a propósito da sugestão da Convenção Paulistana de serem organizadas duas convenções gerais, uma para o norte e outra para o sul, velha nota já debatida. A idéia morreu ao nascer e os batistas continuaram unidos em tôrno de uma convenção geral.

Em 1927, em Jaguaquara, foi entusiàsticamente votado que se criassem as Associações Distritais, deliberação que recebeu o aplauso de todos os convencionais. Com a inovação, tem atravessado a Convenção os anos seguintes, retocando e melhorando sempre as normas cooperativas.

A antiga Comisão de Evangelização agora batizada com o nome de Junta Geral da Convenção, renova o têrço de ano em ano, dando assim a todos a oportunidade de cooperar. A dita Junta organiza por seu turno, dentre os seus membros, as várias comissões que se encarregam de dar andamento às deliberações anuais, de modo que a responsabilidade é distribuída por muitos com vantagens reais para o trabalho.

Na Convenção de 1932 foi dirigido um apêlo à 2ª Igreja da capital, organizada em 1913, com irmãos saídos da Igreja da Rua do Colégio, para que entrasse em cooperação com as demais igrejas da Convenção de que tinha estado afastada durante todos os anos de sua existência. O apêlo foi aceito e assim se eliminou mais um motivo de tristeza para o trabalho cooperativo. Pouco a pouco, vão desaparecendo as amarguras dos anos passados e dentro de pouco tempo só haverá um "rebanho e um pastor".

Publicações. Além d'*O Batista Baiano,* nascido em dezembro de 1923 talvez por causa do "Movimento", poucas outras publicações eram feitas na Bahia uma vez que em Pernambuco havia, ao tempo, um grande centro de publicações de onde saíam alguns livros produzidos pelos professôres do Seminário, folhetos, panfletos, etc. Assim mesmo os baianos aprestavam-se para a compra de uma tipografia, onde fôssem impressos, além do seu jornal, outras menores publicações de

feitio local. Era o vêzo antigo de que onde houver um batista, ali estará um centro de publicações.

IV — CAMPO SERGIPANO

Da organização do Campo Sergipano, vimos no período anterior quando se mudou para Sergipe o antigo diretor do Colégio Egídio. Até 1925, estêve êste estado unido à Bahia por meio da Convenção Interestadual. Com a ida dos pastôres Djalma e Coriolano para Sergipe, em princípios de 1925, sentiram êles a conveniência de dar ao seu trabalho uma organização local e assim o fizeram. Depois de um instituto bíblico na 1ª Igreja, resolveram organizar a Convenção Batista Sergipana com as cinco igrejas do estado. Djalma foi eleito presidente da Convenção e o missionário Stapp presidente da Junta Executiva da mesma Convenção.

Os dias que se seguiram a êste acontecimento foram de sensível despertamento e fraternidade cristã. Djalma fôra um dos que aceitaram "As Bases de Cooperação" e com êle a 1ª Igreja, o mesmo acontecendo com C. Costa Duclerc, que, tendo deixado o pastorado da 1ª Igreja da Bahia, foi ser evangelista geral da Convenção. Havia perfeita harmonia entre todos e boa camaradagem cristã.

Em viagens contínuas pelo sertão do estado, o evangelista levava a palavra da vida ao povo e, quando na capital, cooperava com o pastor no alevantamento do trabalho. Os batistas gozavam de grande prestígio na cidade e no interior, prestígio que os atuais obreiros sàbiamente aproveitavam.

Por motivo de moléstia da espôsa, Djalma teve de procurar outro clima e aceitou o pastorado da 1ª Igreja de Curitiba. O missionário Stapp saiu para ir tomar conta do trabalho no Campo Sul de Pernambuco, com sede em Garanhus; só Coriolano ficou para arcar com as tremendas responsabilidades de um trabalho nascente. Com a saída do missionário, foram-se os recursos com que o novel trabalho contava para sua expansão, ficando tôda a responsabilidade do evangelismo no estado com a 1ª Igreja, de vez que as outras, poucas e pobres, pouco podiam fazer.

Anos depois, em 1931, o trabalho uniu-se à Convenção Batista Alagoana (ver o histórico de Alagoas) e o então missionário daquele campo, L. L. Johnson, ajudou bastante em Sergipe. Com a saída dêste missionário para outro campo, entrou em agonia a cooperação dos dois estados, vindo Sergipe a desligar-se da Convenção para continuar a sua vida só. A Coriolano coube uma tarefa difícil. Quase sòzinho, sem meios monetários, atirou-se ao trabalho para não o deixar morrer ao abandono. Tendo de cuidar da 1ª Igreja e das outras, com viagens

longas e penosas, sem recursos para viajar, atravessou os últimos anos dêste período sustentando uma luta de vida ou morte. Para cúmulo, a 1ª Igreja cindiu-se, indo organizar-se a 2ª Igreja de Sergipe, mas em circunstâncias algo anormais para as relações fraternais. Com a igreja diminuída e diminuídos os poucos recursos que já havia, foi Coriolano obrigado a pensar em mudar-se por falta de sustento. Mas a sua mudança importava no abandono do trabalho e sua possível decadência. Assim arrostou êle com as maiores dificuldades através do resto dêste período.

SEÇÃO III

CAPÍTULO XXXI

REVENDO CAMPOS FELIZES

I — CAMPO VITORIENSE

A situação no sul do país, do ponto de vista batista, era bem diferente da do norte nessa época. As lutas que tinham afligido os nortistas nos últimos anos do período passado, não tinham afetado os sulistas de nenhum modo, pelo que o trabalho tinha continuado o seu ritmo costumeiro. Todavia, foram bem avisados alguns dêstes Campos que, aproveitando as lições dos fatos, puseram em prática outros métodos cooperativos, se é que já os não tinham antes. Em Vitória, por exemplo, a organização estadual era o que se poderia desejar para o trabalho. No Estado do Rio de há longos anos que o trabalho havia sido pôsto numa base de sustento próprio e direção nativa. O mesmo diríamos de Minas, São Paulo e outros Campos. Igrejas, pastôres, meios de sustento eram os grandes movimentos das atividades batistas no sul.

EVANGELISMO — Vitória, ou melhor, o Campo Vitoriense tinha sido especialmente privilegiado em matéria de continuidade administrativa. Reno tinha conseguido o milagre de uma cooperação inalterável por parte dos pastôres e outros obreiros, ao ponto de se tornar essa coadjuvação uma espécie de emblema que todos adotavam em suas atividades evangelísticas e educativas.

Talvez o máximo problema do Campo fôsse o do sustento próprio. Não eram tanto as deficiências de verbas vindas de Richmond, porque a grande crise da Junta ainda não tinha chegado, mas o desejo de ver o trabalho realizado com os próprios recursos. Na Convenção de 1925 foi votado que até janeiro de 1926 se aceitasse tudo o que a Junta de Missões pudesse dar; de janeiro a junho só se aceitaria a metade, e de julho a dezembro seria dispensado o auxílio. Isto para aliviar a Junta de Missões e ao mesmo tempo para treinar as igrejas no sustento próprio. Desnecessário é dizer com que júbilo os pastôres votaram essa medida, que certamente lhes traria novas dificuldades e também novas possibilidades e oportunidades. O desapêgo dos pastôres aos auxílios de fora tem sido um dos fatôres mais significativos e comprovantes de sua dependência divina. Os batistas nunca foram castigados com um ministério mercenário; pelo contrário, os seus obreiros são geralmente homens de grande consagração do tipo apostólico.

O zeloso secretário evangelístico do Campo, Pastor Almir S. Gonçalves, era um dos inspiradores dêstes grandes movimentos. O trabalho era feito sob moldes perfeitamente discriminativos de responsabilidades, cabendo ao irmão Almir a Secretaria de Evangelismo e a Reno a de Educação. Era êste o ponto de partida para uma boa administração geral do Campo. Outras agências estaduais traziam para o plano valioso coeficiente de sua cooperação, concorrendo tudo para a consistência e continuidade da obra.

A divisão do trabalho em regiões, cada qual com a sua pequena convenção e junta, seu evangelista às vêzes e outros elementos, entrosava-se de modo admirável na direção geral. Não ficavam assim desamparados trabalhos distantes da sede ou centro de direção. Juntamente com estas reuniões vinham também as dos pastôres e obreiros, onde eram estudados os problemas e as necessidades do trabalho. Pontos de vista harmônicos, atividades combinadas, inteligência recíproca em tudo, faziam do trabalho no Campo Vitoriense um dos bons campos batistas do Brasil.

Algumas igrejas florescentes tinham tido a felicidade de encontrar no Seminário do Rio pastôres dedicados que lhes levaram o calor da sua juventude e o amor pelas almas perdidas. Vitorino Moreira, que foi por anos tesoureiro do Campo, Samuel Scheidegger, Abelar Siqueira, Antônio Bernardes da Silva são alguns dos jovens que foram dedicar ao trabalho do Espírito Santo a sua mocidade culta e vigorosa. Entrando num campo bem cultivado e bem ordenado, assimilaram êsse mesmo espírito de ordem de tal maneira que os obreiros do Campo Vitoriense não só têm uma larga visão das coisas denominacionais, mas constituem uma plêiade unida e coesa em tôrno dos grandes interêsses do Reino no Campo.

Estas considerações vagas encontram-se amparadas pelo relatório que Reno deu à Junta de Richmond, em 1928, em que dizia: "Nossas 38 igrejas aumentaram em 436 batismos, nossas 26 escolas contam com 1.130 alunos, 17 pastôres, 89 escolas dominicais, 26 U.M.B. são indícios de um salutar e promissor futuro... Nossos 17 pastôres e evangelistas organizam suas igrejas e 192 pontos de pregação de tal maneira que, com o auxílio dos diáconos, prega-se o evangelho em todos êstes lugares pelo menos uma vez por semana." (1)

O evangelista do Campo, irmão Fernando V. Drummond, continuava a sua faina de muitos anos, visitando as igrejas distantes e sem pastor, bem assim as futurosas congregações. Desta maneira não havia igrejas nem congregações desamparadas. Um só homem fazia o trabalho de vários, ou pelo menos

(1) Foreign Mission Board Report, 1928.

supria a falta dêles. Nas suas viagens de meses a cavalo e em trem de ferro, varando o Campo de um extremo a outro, não só no Estado do Espírito Santo como no de Minas, na parte em que o Campo Vitoriense mantém trabalho, levava a todos, crentes e amigos, animação e confôrto. Poucos homens, se algum outro, se têm mantido no mesmo gênero de trabalho durante tantos anos. Poucos, se algum outro, têm batizado tanta gente e alimentado espiritualmente tantos crentes. Foi o tino da continuidade que fêz estas coisas.

Queremos abranger numa boa síntese, tudo o que se fazia no Campo. Um evangelista geral, o secretário de evangelização, o de educação, convenções regionais e a estadual, a Junta Estadual, composta de 35 membros que representavam os vários setores do trabalho, e as várias juntas regionais.

Nos relatórios que Reno enviava à sua Junta de ano em ano fazia apelos insistentes por auxílio para abrir novos trabalhos e especialmente para cuidar adequadamente das instituições com sede em Vitória. Os pastôres, embora sofrendo, não raro, dificuldades pecuniárias, viviam de certo modo tranqüilos no tocante a possíveis cortes da Junta de Richmond em suas apropriações, uma vez que dela nada recebiam. Geralmente os novos obreiros convidados para o Campo eram chamados não exclusivamente para uma igreja, porém para um grupo das mesmas no sistema de organização distrital. Êstes pastôres por sua vez desenvolviam as congregações, que passavam ulteriormente a noveis igrejas, promovendo êles mesmos a vinda de outros obreiros seus conhecidos e às vêzes ex-colegas do Seminário para essas novas igrejas, pois os que saíam do Seminário no Rio deixavam atrás os futuros candidatos ao trabalho vitoriense. Não obstante êsses esforços, sente-se ainda a escassez de obreiros, embora haja igrejas e sustento para os mesmos.

Os últimos anos desta etapa histórica foram naturalmente o corolário das sólidas bases dos anos anteriores. As igrejas aumentavam ano após ano em animadora proporção, havendo, em 1934, um total de 58, quase tôdas fortes e mantendo em média cada qual 4 pontos de pregação do evangelho.

As grandes perseguições dos primeiros dias tinham servido para estender bem fundas as raízes do evangelho no coração do povo, e, por isso, onde não havia trabalho estabelecido, encarregavam-se de o estabelecer os crentes residentes e até amigos do evangelho. Em 1935 as igrejas pontilhavam os principais centros, abrangendo, como já por vêzes dissemos, todo o Estado do Espírito Santo e boa região limítrofe mineira. Dentro de mais uma década é de esperar-se que não haverá cidade ou vila que não tenha trabalho evangélico. Aliás, êste parece ser o feitio de alguns dos principais campos do sul, e

quando houver de ser revista esta crônica poderemos dizer que ganhamos o Brasil para Cristo.

CONVENÇÃO E JUNTA ESTADUAL

Durante os últimos anos as convenções se realizaram quase sempre em Vitória, devido à sua posição estratégica como sede do Campo e situação geográfica privilegiada. Isto se fazia no propósito de aproveitar os melhores talentos para instrução e doutrinamento dos obreiros em geral. Era uma espécie de Meca batista. Antes ou depois da Convenção havia um bem organizado instituto bíblico onde eram ministradas disciplinas doutrinárias e de edificação cristã e de pedagogia do trabalho. Todos os obreiros eram atraídos à capital e aí juntos concertavam os planos para o ano.

Estas reuniões eram sempre beneficiadas com a presença de líderes batistas do Rio que, a convite, visitavam-nas e ajudavam com a sua palavra de experiência. Uma família não poderia reunir-se mais harmônicamente em tôrno da mesa doméstica do que êstes pregadores, diáconos, superintendentes, professôres e outros irmãos se reuniam em volta dos problemas vitais da bendita Causa, estudando-lhes a estrutura e rasgando-lhes novos horizontes.

A Convenção, diga-se outra vez, não tinha problemas outros que os do próprio trabalho. Se não se tornou notável por iniciativas novas e porventura originais, é porque os planos já estabelecidos no período anterior chegavam para uma geração. Uma ou outra vez, naturalmente, houve aqui ou ali alguma coisa a acertar e, se assim não fôra, não haveria vida. Por exemplo, surgiram algumas vêzes desinteligências sôbre as relações da Convenção e da Junta para com as igrejas "vitorienses que se achavam, em território mineiro. Mas êsses ligeiros atritos logo se dissipavam diante da lealdade com que eram encarados os pontos de vista e, de certo tempo para cá, nunca mais se repetiram". (2)

A Junta Estadual, como antes dissemos, foi reorganizada por ocasião da Convenção com 35 membros e na sua estrutura bastante ampla entravam irmãos de tôdas as partes do Campo. Dez dêstes compunham a Mesa Local, que se reunia mensalmente, ao passo que a Junta se convocava semestralmente. Continuou servindo por algum tempo como secretário de evangelização o irmão Dr. Almir S. Gonçalves, enquanto Reno era o secretário de educação dos batistas. (3)

---

(2) Êste campo é chamado «vitoriense» porque êste nome vincula o trabalho todo à sede, Vitória. Chamar-lhe «espírito-santense» seria incorreto, devido a estender-se até Minas, como já foi explicado.

(3) Esta organização acha-se atualmente modificada.

UMA INICIATIVA ORIGINAL

A Reno não escapavam também os grandes problemas sociais, os quais êle encarava como aspectos de evangelização, uma vez bem orientados os seus trabalhos. Foi assim que êle idealizou um serviço de assistência doméstica por meio de enfermeiras que iam de casa em casa visitando os doentes, dando-lhes remédios, ensinando as coisas elementares da saúde e evangelizando na razão das oportunidades que para isto se oferecessem. Algumas môças inteligentes foram enviadas ao Rio, onde fizeram o curso de enfermagem na Escola Alfredo Pinto ou Ana Nery e, de volta, eram usadas nessa altruística obra social. Convém aqui lembrar os nomes de algumas dessas abnegadas servidoras: Maria Moreira, Geni Nascimento, Iná Brito, Pérola Bigler e possìvelmente outras, no princípio, e, mais tarde, Carrie H. Reno. É possível que tenhamos omitido nomes que aqui mereciam figurar.

O povo ficaria assim reconhecido por essa iniciativa beneficente e a Causa se tornaria respeitável e querida. Não foi, portanto, sem servir ao seu semelhante que Reno se tornou essa figura simbólica, admirada e querida.

UM DUPLO SONHO QUE SE REALIZA

A construção de um edifício condigno, em Vitória, para templo da 1ª Igreja, juntamente com as construções do Colégio, era um velho sonho de Reno e seus auxiliares. O antigo templo com a sua tôrre de estilo medieval já não acompanhava airosamente o progresso atual e o favor público. Foi então construído o majestoso edifício da Rua General Osório e dedicado ao culto no dia 9 de outubro de 1932. Dia notável e inolvidável para a Causa em Vitória. No dia da inauguração, o templo estava à cunha do que havia de mais seleto no meio social vitoriense. O Prefeito Municipal saudou os batistas, em nome dos podêres públicos, congratulando-se com êles pelos grandes melhoramentos trazidos à capital, concorrendo, além disso, para o seu embelezamento. Seguiu-se uma série de conferências proferidas pelo Pastor F. F. Soren, do Rio, que havia sido convidado para orador oficial.

Quanto ao Colégio, foi, em 2 de fevereiro de 1932, colocada pelo Exmo. Interventor Federal, Capitão João Punaro Bley, a placa de esquina do edifício e no seu acabamento foi solenemente inaugurado, em 7 de setembro de 1933, com magnífico programa assistido pelo mesmo Sr. Interventor e por altas autoridades federais, estaduais e municipais, além de numerosa assistência, que enchia o salão. Foi outro grande dia para os batistas vitorienses. Orou o Dr. Francisco Ataíde, velho republicano e patriota espírito-santense. O edifício prin-

cipal faz frente para a Rua Washington Pessoa, próximo à Praça do Quartel.

O levantamento dêsses edifícios foi talvez ainda um resultado remoto da Campanha dos Cem Contos, de anos atrás; todavia, cremos que em grande parte se deve a uma oferta dos irmãos norte-americanos. Releva notar que a 1ª Igreja já tinha quase 60 mil cruzeiros em depósito quando recebeu o auxílio e iniciou a construção de sua casa de culto.

PUBLICAÇÕES — Reno foi um dos grandes inspiradores da juventude, devendo-lhe os batistas o ressurgimento do trabalho da Mocidade no período anterior. Daí temos de concluir que êle desejava escrever. Não produziu obras volumosas, mas foi um panfletista fecundo sôbre assuntos doutrinários, evangelísticos e educativos.

Sua dedicada companheira, D. Alice, também escreveu algumas obras, entre outras "O Livro das Mães", boa coletânea de assuntos domésticos e sociais. As revistas de *Juniores,* e de *Intermediários* têm sido preparadas, por muitos anos, por D. Alice e o Pastor Almir, respectivamente.

O irmão Almir, môço culto e de acentuado pendor literário, traduziu várias obras entre as quais "Heróis e Mártires da Obra Missionária" do pastor batista argentino João C. Varetto.

O jornalzinho estadual *O Obreiro,* fundado em 1917, e que continua a prestar bons serviços ao Campo como órgão de informação e orientação, vem fechar a série de boas atividades literárias dos irmãos vitorienses. (4)

IN MEMORIAM

Loren M. Reno. Em 4 de março de 1935 findava as suas atividades nesta vida, o insigne varão que tanto ilustrou o trabalho batista no Espírito Santo e que tanto relêvo tem dado a estas notas históricas — Loren M. Reno.

---

(4) **Principais trabalhos da pena de L. M. Reno:** O Problema da Infância e Juventude **em colaboração com D. Alice W. Reno**; Guia dos Bereanos, **em colaboração**; A Igreja e Suas Cerimônias; Estudos Bíblicos; **vários volumes de lições da E.D.**; Lições de Evangelismo; Reminiscenses, **em inglês; e uma longa série de opúsculos e folhetos sôbre evangelização e educação cristã.**

Trabalhos de D. Alice W. Reno: Além do acima citado em colaboração com seu espôso, uma excelente série sôbre As Nossas Mulheres, Crianças de todo o Mundo, O Livro das Mães **e muitos folhetos, além de colaborar no citado** Reminiscenses.

O Pastor Almir S. Gonçalves, além de redator já muitos anos da Revista de Intermediários, **traduziu do espanhol** Heróis e Mártires da Obra Missionária, **e do inglês,** Treinamento dos Membros da Igreja, Oração, **de McConckey,** Autobiografia de Hudson Taylor, A Igreja no Lar, **de Roberto Speer,** O Individualismo em suas Expressões Doutrinárias, **de Langston e** A Pessoa de Cristo, **de Schaff, além de artigos e folhetos.**

Quando da sua última visita ao Rio, por ocasião da Convenção Batista Brasileira, em janeiro de 1935, já se sentia bastante adoentado, mas, dada a sua resistência física, ninguém supunha estivesse tão perto o seu fim. Voltando a Vitória, agravaram-se-lhe os padecimentos, vindo a falecer no regaço dos seus, entre lágrimas e lamentos de inúmeros amigos, — batistas, católicos e ateus. Todos admiravam a figura dêsse homem que soube impôr-se ao respeito e à estima do mundo social, político e religioso de Vitória, para não falar dos crentes evangélicos. ([5])

O seu sepultamento foi uma consagração, havendo comparecido o mundo oficial e social da cidade e raríssimas vêzes se presenciou em Vitória entêrro mais concorrido. Sua biografia, quando fôr estampada, dirá melhor do seu caráter e de quanto valeram para a coletividade espírito-santense e do Brasil os seus 30 anos de serviço à nossa pátria.

Mais três obreiros terminaram a sua carreira neste mesmo período: Zeferino Cardoso Neto, em Rio Nôvo, José A. Drummond, em Curitiba e Manoel Gomes de Oliveira, no sul do Espírito Santo.

Zeferino Cardoso Neto. Fêz o curso do Seminário no Rio, indo depois trabalhar no Estado do Rio. Passando ao Espírito Santo, foi dirigir a Igreja em Rio Nôvo, uma das maiores do Brasil e de grande recurso. Ou por viagens longas que houvesse feito, ou por sua constituição física, foi um dia decepcionado com a revelação que lhe fazia o raio X de que estava com um pulmão arruinado. Removeu-se para Campos do Jordão e ulteriormente para Belo Horizonte, sempre sustentado pela igreja, mas foram debalde todos os esforços e a 15 de janeiro de 1928 sucumbia aqui para aparecer na presença de Jesus. Era um talento brilhante. Corajoso na exposição das suas convicções, não era menos intenso no seu fervor pelos grandes problemas do trabalho de Cristo no Brasil. Sua morte foi assaz sentida pela Igreja de Rio Nôvo e pelos batistas em geral.

José A. Drummond. Filho do Pastor Fernando V. Drummond, tantas vêzes mencionado neste histórico, o Pastor J. A. Drummond estudou no Colégio e Seminário do Rio, tendo trabalhado nas igrejas da então Capital Federal, de onde saiu, a convite do Campo Vitoriense, para trabalhar na extensa zona limítrofe Minas e Espírito Santo. Môço, cheio do impulso natural da idade e de temperamento arrojado e corajoso, viajava a cavalo grandes distâncias, não podendo dispensar sempre, é de presumir-se, o devido cuidado na alimentação e nou-

(5) Pouco depois do falecimento dêsse abnegado educador a Municipalidade dava à rua lateral do Colégio o nome de Rua Loren Reno.

tras necessidades naturais. Semelhantemente ao caso do Pastor Zeferino, adoeceu quase inesperadamente, sendo obrigado a deixar o trabalho daquele grande Campo. Tentou ainda fazer o pastorado de uma igreja no Estado do Rio. Mudou-se depois para Curitiba, mas ali veio a falecer em 19 de outubro de 1931.

Sua família (espôsa e duas filhinhas) foram os primeiros a ser contemplados com o pecúlio da nossa Junta de Beneficência.

Manoel Gomes de Oliveira. Filho do Seminário do Rio, pastor da Igreja Batista de Muqui, sucumbiu afogado num rio no sul do Espírito Santo, a 30 de agôsto de 1933. Jovem, tendo dado apenas alguns anos ao trabalho, era uma esperança que não chegou a realizar-se perfeitamente.

Nosso tributo à memória de todos êstes servos do Senhor dos senhores, que já nos precederam na posse do galardão!

II — CAMPO FLUMINENSE

O Campo Batista Fluminense, antiga Missão Campista, tornou-se, durante o último período, o maior campo batista do Brasil. Desde cedo adotou a prática do sustento próprio, não se organizando igrejas sem que estivesse assegurada a sua própria existência financeira, dando aos obreiros a consciência de que seu sustento dependia do seu labor, tendo, portanto, de o tirar do próprio solo espiritual que cultivavam.

A continuidade de direção missionária, nos tempos em que a liderança nacional não era possível, foi outra contribuição que não se pôde esconder. O casal Christie para ali foi nos primeiros anos do período findo e ao meio se radicara de tal modo que passou a ser considerado parte essencial à estabilidade da obra. Os métodos que adotaram os membros do casal puderam também desenvolver, e a silhueta de seu perfil moral e espiritual passara a ser uma espécie de emblema. Não havia atividade a que não fôssem chamados, e a brandura de modos, a democracia dos princípios, os tornaram o ídolo dos batistas fluminenses.

EVANGELISMO — Em 1925, apresentava-se naturalmente êste trabalho com as mais lisonjeiras e seguras promessas de continuidade e progresso para o futuro, sendo o trabalho mais volumoso de quantos campos batistas há no Brasil. Suas 78 igrejas, 241 pontos de pregação, 8.255 crentes, 32 pastôres e 16 evangelistas eram bastantes para nos prometerem um futuro ainda mais empolgante. (6)

A doutrina do sustento próprio, ensinada e praticada no estado desde os seus primórdios, tinha atingido quase o clí-

(6) Ver atas da C. B. F.

max neste ano, havendo apenas 11 igrejas que recebiam pequeno auxílio, não sabemos se da Junta do Estado ou da Missão. Junto a êste grosso volume de trabalho, seguiam as construções para as igrejas em número de 63 sem contar a do Colégio de Campos e a do Hospital em Niterói. (7)

A situação ligeiramente esboçada neste parágrafo podia ser repetida de ano em ano. As notícias do *Escudeiro,* os relatórios enviados anualmente à Junta de Richmond, as atas das Convenções, etc., dão invariàvelmente a mesma nota animadora. Em 1927, dizia o Dr. Christie no seu relatório: "Não precisamos orar para que Deus nos abra mais portas de oportunidades, mas apenas para que possamos entrar nas que estão abertas." Podíamos parafrasear a notícia, dizendo que não precisavam orar para que se abrissem mais portas, pois tôdas elas estavam abertas. Nos primeiros anos foi rude a peleja; depois, como sempre, abriram-se as estradas reais e os batistas entraram por tôda a parte. Ainda em 1927, procurando definir a situação batista no estado, dizia Christie: "Mais de 200 comunidades batistas esperam por um pastor ou evangelista... e dez a vinte mil crianças de batistas esperam por instrução... enquanto a imensa irmandade batista precisa de instrução e doutrina. O tamanho da nossa oportunidade é de 1.600.000 pessoas, a quanto monta a população do Estado do Rio." (8)

O número de pastôres era aparentemente bom para o tempo, mas a verdade é que era insignificante para as necessidades. Há tanto perigo em não progredir, como há em progredir e não cultivar. O Seminário do Rio, de onde o Campo se *abastecia,* não dava bastante pregadores, e disso resultou que muitos leigos nobres e consagrados tiveram de entrar no Ministério. Se bem que isso tinha de ser feito, não se pode negar as vantagens de um ministério culto e consagrado. Deus chamava êstes homens, mas faltavam os recursos para que pudessem vir ao Rio preparar-se.

Para suprir a carência de estudos teológicos, eram facultados anualmente, por ocasião das convenções gerais ou distritais, institutos bíblicos, onde se ensinavam alguns livros elementares. À Escola de Verão no Rio também vinham dêstes irmãos e por estas variadas formas iam sendo supridas as falhas da educação de muitos pastôres consagrados ao trabalho. No mês de dezembro de cada ano há um animado instituto bíblico em Campos onde vão alguns professôres do Seminário do Rio, trabalho de grande valor para o estado.

---

(7) Foreign Mission Board Report, 1926.
(8) Relatório inédito, enviado à Junta de Richmond (cópia) 1927.

O grande número de congregações que o Campo tinha e a sua sábia distribuição pelos pontos estratégicos daria o inevitável resultado, já por nós bem conhecido, da multiplicação de igrejas. Em princípios de 1928, já havia no Campo 81 igrejas com centenas de pontos de pregação e, em 1931, 84 igrejas divididas pelas cinco associações distritais assim distribuídas: — Norte Fluminense, 21; Centro Fluminense, 20; Baixada, 15; Paraibana, 12 e Macaéense, 16.

Tomando em consideração não ser o estado muito grande, comparado com outros da federação, recolhemos a impressão de que pouco mais restava fazer para o ter evangelizado.

Pelo relatório enviado à Junta de Richmond, em 1932, todo êste grande trabalho estava sob a direção dos pastôres brasileiros com a inteligente ajuda do missionário. Eram êles que pastoreavam as igrejas, custeavam as despesas das mesmas, apenas recebendo seis dêles dois dólares e meio por mês. Tinham fundado e dirigido o seu Hospital, o primeiro da América Latina custeado por batistas de um estado; dirigiam o seu colégio em Campos, tinham um orfanato em perspectiva e administravam tôdas as atividades que naturalmente nasceriam de um trabalho de tal vulto. ([9])

Não se poderia dizer que tinha uma liderança improvisada, porque ela já vinha de longos anos. As informações enviadas de ano em ano à Junta de Richmond, refletiam exatamente êste ponto de vista de um Campo com independência financeira, direção própria e de grande soma de atividades evangelísticas.

Por todos êstes anos, tinha servido como secretário geral da Convenção, o missionário Christie que no desempenho da sua missão visitava, aconselhava e coordenava o trabalho. Numa de suas férias, veio ocupar êste lugar o Pastor Joaquim Rosa que não lhe deslustrou as pegadas. Quando Christie voltou ao lugar, o fêz forçado pelos insistentes apelos dos irmãos fluminenses, que não desejavam perder a cooperação inteligente do seu missionário de tantos anos.

Do ponto de vista evangelístico, não precisamos dizer mais, a não ser que queiramos repetir, de ano em ano, o que já foi dito.

As outras atividades serão estudadas a seguir para darmos a cada uma o seu devido destaque.

IN MEMORIAM — O Pastor Cândido Inácio da Silva, um dos trabalhadores do Campo Fluminense pastoreou as igrejas de Correntezas, Taquaruçu, Araruama, Imbaú, Cachoeiras de Macacu e outras. Foi chamado à presença divina em 26 de fevereiro de 1928. No dia 25 pregou o seu último sermão na con-

---

(9) Foreign Mission Board Report, 1932.

gregação de Jaconé, às 11 horas da noite, para morrer no dia seguinte. Não possuía curso de colégio ou seminário. Tendo aproveitado os cursos da Escola de Verão, era, contudo, um pregador que conhecia a Bíblia e amava o evangelismo. Nasceu em 1860, no Município de Macaé.

CONVENÇÃO BATISTA FLUMINENSE

A Convenção Estadual, organizada no princípio da segunda parte da nossa história (1907), veio servir à antiga Missão Campista, como era ao tempo conhecido o trabalho. Dali em diante, coube-lhe a glória de acompanhar o progresso das muitas igrejas que iam aparecendo anualmente na média de 4 por ano.

A Convenção, como era de praxe desde o início, sempre tinha a visita de um irmão do Rio, que ali ia no interêsse de outras causas cooperativas, mas ao mesmo tempo concorria para dar relêvo às discussões e concorria para dar ao trabalho êsse cunho tão nosso, de cooperação. Havia um verdadeiro caldeamento de interêsses, inteligência e ação.

Com o correr dos anos, também a Convenção se tornou senhora de um maior patrimônio moral e material, pelas muitas iniciativas em que os batistas fluminenses foram férteis, fazendo-a uma convenção de raro relêvo. Bastaria ver o número de comissões eleitas cada ano para as várias fases de trabalho para ter-se a idéia do conjunto. Comissões de Escolas Dominicais, Educação, Beneficência e outras, compunham o mecanismo bem ajustado do trabalho.

Algumas das iniciativas que no decorrer dos anos se tornaram denominacionais, como a Junta Patrimonial, de Beneficência, etc. tiveram a sua gênese em parte pelo menos no E. do Rio. Daí, o natural valor das ocasiões convencionais.

Veremos melhor estas atividades, destacando-as uma a uma e examinando-as ligeiramente para que, no final, não nos falte a noção real do trabalho tão consciente ao historiador.

BASES DE COOPERAÇÃO

Devido, talvez, à influência das "Bases de Cooperação" votadas pela Convenção Batista Brasileira, em 1925, os irmãos fluminenses também adotaram coisa similar para govêrno dos diversos trabalhos no Campo. Se lhe dessem o nome de Regulamento interno das atividades do Campo, ficaria melhor. Pelas ditas Bases, ficavam delimitados os deveres e obrigações de cada atividade, bem como a relação entre o diretor de um trabalho e seus companheiros. Descobre-se, nesta inovação, um

desejo de cada um fazer o seu trabalho sem atritos ou interferências na seara alheia. (10)

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES

Em 1930, criava-se o Departamento de Publicações, História, Estatística e Colportagem, sendo nomeado para o dirigir, o irmão J. F. Lessa.

Era um trabalho de grande alcance, pois coordenava trabalhos que andavam dispersos e que, se tivessem encontrado o seu diretor com boa saúde, teriam sido uma bênção. Infelizmente isso não existia, e êle limitava-se a fazer o que as fôrças permitiam. Em 1932, deu um alentado relatório por onde se vê o programa vasto que abrangia o Departamento. Ainda chegou a preparar a História do Campo, até 1915, ou um pouco mais, tendo coligido muitas notas para o seu acabamento. A doença, e por fim a morte, em 1935, levaram a oportunidade de maiores serviços. Os últimos anos foram gastos, numa bem merecida aposentadoria, pelos relevantes trabalhos de tantos anos.

O irmão Lessa foi um dos obreiros nacionais de grande projeção nos tempos antigos. Eram êle e Soren. Foi presidente da C.B.B. por mais de uma vez, da C.B.F. várias vêzes, e uma voz sempre ouvida com satisfação.

UNIÃO DOS OBREIROS

Em 1930, era formalmente organizada a União dos Obreiros, e suas primeiras reuniões realizaram-se por ocasião da reunião da Junta Executiva, nos dias 13-16 de janeiro, em Campos. Não era a primeira vez que os obreiros se reuniam para o estudo dos problemas do Campo, mas era a primeira vez que êles o faziam de modo formal. Por suas discussões, sem caráter deliberativo, passaram os magnos problemas do trabalho em geral, trocando-se pontos de vista gerais e habilitando os obreiros a u'a maior e mais adequada compreensão do trabalho dentro do estado e fora dêle. A camaradagem que resultava dêsses encontros tonificava o espírito de todos os que participavam das reuniões.

HOSPITAL BATISTA

A 19 de julho de 1925, organizavam os irmãos fluminenses o seu hospital, o segundo hospital evangélico no Brasil e na América do Sul, sob a direção do Pastor Dr. Leobino da Rocha Guimarães. Para êsse propósito, foi adquirida uma grande

---

(10) Ver as Atas da Convenção de 1927, onde se encontram as Bases de Cooperação e outras informações úteis a respeito.

chácara em Niterói e adaptada ao seu fim. A campanha para aquisição de fundos tinha empolgado os batistas por muitos anos e a inauguração foi um grande acontecimento.

Os primeiros anos, como tudo mais, foram de grande entusiasmo, não se levando mesmo em conta as grandes despesas que uma instituição destas acarreta, contraindo-se outros débitos além dos originalmente existentes, com a aquisição da propriedade, instalação, etc. Entretanto, a capacidade financeira da instituição entrou a periclitar e as igrejas chamadas em seu socorro, tudo fizeram para salvar a instituição, mas sobrecarregadas com outros compromissos também, não lhes foi possível arcar com tôdas as responsabilidades que a emprêsa lhes trazia. Assim, depois dos mais ingentes esforços e sacrifícios, o Hospital teve de cessar as atividades, aí por 1932, deixando os batistas do estado com uma pesada herança em dívidas, que os acabrunhou por vários anos. A Junta Patrimonial do Rio recebeu a propriedade em pagamento da dívida, ou em parte, e os débitos na praça foram pagos pontualmente pelas contribuições das igrejas. A tentativa foi algo amarga, mas os batistas ganharam experiência, e o seu nome em nada sofreu perante o comércio e o público. Em parte pelo menos, o fracasso da instituição deve-se ao local em que foi estabelecida. Longe do centro e sem meios fáceis de comunicação, não podia competir com as outras instituições congêneres. Os sócios do Hospital e que estavam em dia com os seus deveres, tiveram os seus direitos assegurados por meio de um contrato que a diretoria ou comissão sucessora fêz com o Hospital Evangélico do Rio ao qual foram vendidos alguns dos móveis e utensílios.

ORFANATO BATISTA

Outra instituição antiga dos batistas fluminenses é o seu orfanato. Talvez um pouco desamparado, por efeito dos gastos vultosos do Hospital, tem passado os últimos anos limitado a um programa ou ideal. O antigo diretor, Pastor Alfredo Reis, teve de arcar quase só com as responsabilidades da efetivação da idéia, comprando propriedades, mantendo uma pequena oficina de ferraria, para, logo que haja os necessários recursos próprios da instituição, dar entrada aos muitos orfãos que aguardam oportunidade. Pode ver-se que um trabalho dêstes requer muito tempo e perseverança. Esta última qualidade não tem faltado a Alfredo Reis, que no meio do ceticismo de uns, da incredulidade de outros e do encorajamento de muitos, tem permanecido fiel ao ideal, desejando fazer do orfanato a sua própria família. Havia, uma valiosa propriedade, que logo que es-

tivesse completamente paga, daria o bastante para sustentar alguns orfãos. Deus sempre nos dá homens de ideal.

CAIXA DE AUXÍLIOS MÚTUOS

Antes mesmo da existência material do Hospital já os batistas tinham criado uma Caixa de Auxílios Mútuos, anexa à Associação do Hospital, que se interessava tanto pelos obreiros do Campo como pelos crentes em geral. A parte que dizia respeito aos obreiros desapareceu quando foi criada a Junta de Beneficência da C.B.B., à qual passaram a pertencer os sócios que o desejaram. A parte que dizia respeito especialmente aos crentes em geral, continuou sob os auspícios da Convenção e sob a direção do Pastor Joaquim Rosa. (11) Por meio de um são mutualismo, cada crente pode legar aos seus um pequeno pecúlio que é pago *post mortem*, depois do rateio que se faz entre os sócios. Assim têm sido beneficiadas dezenas de famílias que doutra forma não o seriam.

SOCIEDADE PATRIMONIAL BATISTA

Mesmo antes de existir a Junta Patrimonial do Sul do Brasil, já os batistas fluminenses tinham a sua agência imobiliária. O sistema adotado era o mesmo que se adotou nas organizações do norte e do sul. As igrejas depositam suas quotas e depois constroem seus templos, passando as propriedades ao patrimônio da Associação. Esta organização é dirigida pela Convenção B. Fluminense, que elege anualmente os membros que a compõem, e todos os imóveis denominacionais no estado, por efeito do Art. 15 dos Estatutos da Junta Executiva da Convenção devem ser passados em nome da mesma Sociedade. Foi desta forma que se tornou possível erigir um tão grande número de templos no estado.

CONVENÇÃO DA MOCIDADE

Conjuntamente com as reuniões da Convenção reune-se a da Mocidade a qual tem o papel de inspirar e coordenar os esforços da juventude batista para as grandes atividades futuras. Bem poucos campos têm estas organizações.

ASSOCIAÇÕES DISTRITAIS OU REGIONAIS

Continuava durante êste período a antiga organização do trabalho em associações regionais. As ditas organizações são

(11) Atualmente é seu secretário o Pastor Ismail Gonçalves.

uma miniatura da Convenção Geral e nesse sentido espelham o próprio modêlo. A elas são presentes os vários representantes das causas gerais, missões, educação e beneficência, os quais são beneficiados no trabalho que dirigem por um melhor entendimento de suas necessidades, e beneficiam os crentes pela sua palavra encorajadora. Os que têm assistido a algumas destas associações sabem-lhe o valor cooperativo e inspiracional. ([12])

PUBLICAÇÕES

Além do *Escudeiro Batista,* pouco ou nada se publica no E. do Rio. Perto como está do centro de publicações do Rio de Janeiro, não precisa manter despesas com êstes serviços. Assim mesmo tem a sua pequena tipografia, de onde saem o jornal estadual, as atas das convenções e outros pequenos trabalhos. Campos, antiga sede ou centro do trabalho, tem permanecido com estas prerrogativas, devido talvez a que a capital está muito perto do Rio.

Ficam aí algumas das várias atividades do notável trabalho do E. do Rio. Sua História está escrita até 1915 e cremos que dentro de poucos anos estará completa. Certamente ela compreenderá mil outras minúcias que não lhe podemos dar aqui.

III — CAMPO MINEIRO-GOIANO

Nós nunca pudemos dar, nesta breve crônica histórica, lugar bastante amplo às descrições das maravilhas divinas no desenvolvimento do trabalho batista. Se o pudéssemos ter feito, teríamos escrito romances e não história. Minas, nem por ser um dos campos mais novos, foi o menos aquinhoado nestas demonstrações da Providência. A compra de grandes áreas de terra, em 1922, no meio de geral estupefação, levou alguns a morder os lábios de raiva, a chamarem Maddox de ladrão, demônio e tudo mais, por ter, sem que o esperassem, arranjado 140 mil cruzeiros para comprar uma das melhores propriedades, em Belo Horizonte. Foi um dêsses prodígios só explicáveis à luz da Providência. Daí em diante, continuou Deus a abençoar o trabalho de mil maneiras. Maddox interpretava as ocorrências em Minas justamente desta forma, sempre que escrevia sôbre o trabalho.

---

(12) As convenções regionais ou, como melhor são chamadas, associações, são cinco: Norte Fluminense, Centro Fluminense, Macaéense, Baixada e Paraibana do Sul. Cada qual tem a sua junta regional, secretário cor., às vêzes um evangelista, etc. Verdadeiras células, onde se plasma a vida geral.

EVANGELISMO

No princípio dêste período, o trabalho de Goiás, continuava sob a direção de Salomão Ginsburg; mas com a morte dêste, veio unir-se a Minas, o estado mais próximo, partilhando assim da boa sorte dêste. O número de igrejas neste estado, em 1925, era de 4, enquanto que em Minas havia 17 e 66 pontos de pregação.

Tôda a história dêstes dois estados poderia ser fàcilmente construída em tôrno das duas personalidades dirigentes do trabalho. Minas, tendo Maddox como missionário dirigente, depois de ter gasto bastantes anos no Rio como missionário evangelista, estava garantido; Goiás, tendo Salomão, o grande propagador da fé com 40 anos de trabalho no Brasil, conhecido de um extremo a outro do país, não faria menos pelo trabalho.

Os pastôres nestes estados, alguns com longa experiência, tais como Cockell, Crosland, Antônio R. Maia e alguns outros, seriam verdadeiros bandeirantes após Cristo Jesus. O que os afligia era a extensão imensurável do Campo. Minas e Goiás absorveriam bem tôdas as fôrças batistas espalhadas pelo Brasil. Maddox dizia à sua Junta que Minas era um desafio divino à coragem dos batistas. Dos 168 municípios, só 15 tinham sido tocados pelos batistas, em 1926, e, dos seus 6.000.000 de habitantes, talvez só 2% tivessem algum conhecimento do evangelho.

Às pequenas fôrças evangelísticas tinha vindo ajuntar-se recentemente o casal Appleby cujas esperanças para o trabalho se firmaram nos primeiros dias de contato com o povo. Infelizmente, logo a 15 de outubro falecia êste esperançoso irmão, vítima de uma úlcera no estômago. Na esperança de melhorar, submeteu-se a uma operação, não resistindo aos estragos da doença. Sua espôsa, mesmo desolada pela perda do companheiro, ficou no Brasil, à frente do Departamento de História e Estatística, da Junta de E. Dominicais e Mocidade.

O ano de 1926 teria sido um dos grandes anos do trabalho mineiro, pela vinda de obreiros novos para o Campo, mas o corte de 36% nas apropriações da Junta de Richmond deixou muitos em condições precárias de vida, enquanto outros tiveram de dedicar-se ao comércio e agricultura ao mesmo tempo que continuaram fazendo o que podiam no trabalho. Êstes cortes muito naturalmente tinham o efeito de provocar ajustamentos entre os obreiros, mudanças de um lugar para outro, substituições e outras coisas, com prejuízo para o trabalho. O ano de 1927 caracterizou-se por estas anormalidades. Não obstante isso, o número de igrejas crescia de ano em ano, tendo-se organizado três neste, e nos anos anteriores três novos pas-

tôres (Ernesto Lima, Miguel Damiani e outro, cujo nome não pudemos obter), vieram cooperar no trabalho.

A coisa mais notável no trabalho, depois da compra das propriedades do Colégio, foi a construção do templo da 1ª Igreja na Av. Amazonas. Não era templo definitivo, mas edifício espaçoso para E.D. e Mocidade, devendo o templo próprio ser construído na frente, depois. O Colégio tinha vendido neste tempo uma faixa de terra a um colégio católico bem junto, medindo 24 de frente por 100 de fundos, pela importância de 100 mil cruzeiros, ou seja dois têrços da importância total que a propriedade tinha custado seis anos antes. Com esta importância foi pago um pequeno débito do Colégio, e o restante foi emprestado à igreja que, junto com algo que já possuía, pôde erigir um edifício de três pavimentos. Deus deu aos batistas uma propriedade por 140 mil cruzeiros, sendo mais de cem vêzes a parte que foi vendida por 100 mil cruzeiros. Uma pequena talhada deu para construir uma casa de três andares e pagar uma dívida da compra da mesma propriedade. Não seria isso uma outra multiplicação dos pães? Tôdas as propriedades dos batistas no Brasil, se fôssem vendidas poucos anos depois de compradas, para não dizermos agora, dariam o cêntuplo do que custaram. A inauguração da casa realizou-se solenemente a 31 de março de 1928 com geral desapontamento para os católicos, que juravam por todos os seus santos, que os batistas não fincariam o pé em Belo Horizonte.

A saída de Morgan, da direção do Colégio, em agôsto de 1927, para ir descansar em sua terra, quase deu por terra com o pequeno Colégio e trouxe a todo o trabalho sérias dificuldades. A princípio ficou sem direção, tendo de vir pouco depois o missionário Allen para o dirigir, lugar que pouco depois deixou em mãos de Miss Jennie Lu Swearingen, indo êle residir no Triângulo Mineiro. Para o Colégio, veio depois o missionário W. B. Berry, que mais tarde também o deixou, tendo de voltar ao lugar o irmão Allen. Era assim no meio de contínuas mudanças e substituições que o trabalho se ia fazendo.

Com a morte de Salomão mais se veio agravar a situação do trabalho, porque parecia natural que os obreiros de Minas perfilhassem o trabalho de Goiás pela sua contigüidade. Entretanto, se não era possível cuidar de Minas, como se poderia cuidar de Goiás? No princípio, foi difícil saber como amparar o trabalho, mas com a mudança do Pastor Crosland para o Estado, ficou a situação razoàvelmente amparada. Assim também os outros centros do trabalho. Não havia ainda as organizações regionais do E. do Rio e E. Santo, mas assim mesmo eram colocados em certos centros, missionários ou pastôres que se encarregavam de dirigir o trabalho nas respectivas re-

giões. Aí por 1929, considerava-se razoàvelmente estabilizada a situação, e o trabalho prosseguiu com firmeza.

Em 1932, novamente Allen é roubado ao trabalho da sua paixão, o evangelismo, para vir substituir Berry, que tinha deixado o Colégio. Aí ficou por algum tempo, mas não descansou enquanto não o entregou a Maddox para se dedicar ao evangelismo geral. Nesta posição tem êle estado nos últimos anos dêste período, viajando milhares de léguas de trem, a cavalo, tanto em Minas como em Goiás. As 24 igrejas do Campo, em 1933, exigiam um esfôrço sôbre-humano dado as imensas distâncias que as separavam umas das outras. Algumas tinham pastor, mas outras nem isso.

Foi nesta imensa atividade que se esgotaram os últimos anos dêste período. Uma coisa, porém, tinha concorrido para o bem do trabalho: a estabilidade.

O trabalho ia correndo normalmente. Alguns dos obreiros já se tinham radicado ao meio, tinham ganho o favor público, tinham assimilado o espírito essencial do trabalho que era vitalmente missionário, viajando êles também milhares de quilômetros por conta das suas igrejas. Era assim que cada igreja se havia constituído um centro missionário. Se não fôra essa a qualidade dos obreiros de Minas e de outros lugares o Brasil nunca teria sido evangelizado. Em regra, cada pastor gasta metade do seu tempo em trabalhos fora das igrejas que dirige.

IN MEMORIAM

Diácono José Martins Monteiro. Incluímos o nome dêste irmão mesmo que não fôsse pastor, pelos seus inestimáveis serviços à causa do evangelho. De nacionalidade portuguêsa, cedo veio para o Brasil, onde se radicou no E. do Rio. Passando a Minas, tornou-se abastado fazendeiro, em cuja vila, Miraí, se fundou uma igreja. Foi êle quem ajudou na educação do missionário Antônio Maurício. Sua bôlsa sempre aberta aos apelos da Causa, era bem uma prova de que êle tinha consagrado a vida e a bôlsa ao seu Senhor. Morreu aos 6 de outubro de 1934, em Miraí.

Herval S. Rangel. Filho do Colégio e Seminário do Rio, terminou o seu curso em 1926, seguindo depois para Belo Horizonte, em cujo Colégio foi cooperar. Passou depois a trabalhar em Goiás com as igrejas de Cristalina, Goiás, e de Araguari, em Minas. Dentro de um tão grande raio de ação êle desenvolvia sua admirável atividade. Faleceu aos 16 de março de 1933, deixando viúva a irmã D. Ester da Silva Rangel.

OUTRAS ATIVIDADES

Curso Prático de Teologia. O grande problema da instrução dos pregadores batistas tem sido encarado de vários modos. Os dois seminários, em Pernambuco e Rio, não têm podido preparar o número de obreiros que a Causa tem reclamado no transcurso dos anos. O número de igrejas tem crescido além do número de homens preparados para as dirigir. Muitos dêsses irmãos não mais podiam vir ao Seminário por já serem casados uns e velhos outros. Tinha-se, pois, de improvisar um sistema rápido de lhes ministrar alguma instrução. Já vimos que, em S. Paulo, Vitória e outros Campos, havia institutos bíblicos depois ou antes da Convenção Local para instruir os pastôres nas doutrinas fundamentais da fé. Foi esta mesma necessidade que levou Maddox, em 1927, a criar o Curso Prático de Teologia, ou melhor, um curso por correspondência. As distâncias a vencer, o mau serviço postal, o pouco preparo de alguns dos obreiros, não sabendo como estudar ou como responder às perguntas feitas, breve deu por terra com o plano. De fato, para que um curso dêstes seja feito com alguma vantagem, requerem-se outros fatôres, e entre êstes algum traquejo por parte dos alunos. Interrompido o curso, foi aproveitada a ocasião das convenções para o clássico instituto bíblico de alguns dias, no qual eram dadas, pelo menos, ligeiras informações sôbre doutrina e métodos missionários.

Convenção Batista Mineira. A Convenção Batista Mineira tem a distingui-la a sua característica de convenção evangelística. Na ausência de outros grandes problemas além do Colégio, era do evangelismo que ela sempre cuidava. O irmão Herval Rangel, que escreveu o histórico do campo até 1929, e que já se encontra na glória, disse a certa altura: "O relatório do secretário do Campo não tem outro cunho além do evangelístico." Nós podíamos repetir a frase. Suas reuniões sempre inspirativas, primavam pela idéia de como evangelizar Minas.

O problema, difícil como era, trazia outro: o melhor aproveitamento dos obreiros. Os poucos que havia e as muitas mudanças, faziam com que se complicasse mais a situação. Em 1927, especialmente, houve tantas idas e vindas que se teve a impressão de um completo reajustamento. Florentino Ferreira voltou a Minas, aceitando o pastorado da Igreja de Divinópolis; Cockell, que servia esta igreja, foi para Belo Horizonte; Manhumirim recebeu Alberto Lessa; Duque P. de Carvalho foi para o Rio; F. A. R. Morgan saiu doente; Allen teve de deixar o seu trabalho evangelístico, para vir tomar conta do Colégio; Miguel Damiani, de Inconfidentes, foi para S. Paulo; Munelar Maia deixou Boa Vista dos Matos e veio para a Igre-

ja de Barro Prêto, na capital. Para um trabalho pequeno, estas mudanças eram alguma coisa. As convenções constituíam, na maioria das vêzes, a ocasião para acertar muitas destas dificuldades.

O sustento próprio era outro assunto sempre em foco nas ditas convenções. Os grandes cortes feitos pela Junta de Richmond, nas apropriações para o trabalho, tiveram a virtude de fazer com que pastôres e missionários descobrissem outras fontes de sustento entre as igrejas. As convenções mineiras são sempre ocasiões de inspiração e evangelismo.

Publicações. Pouco ou nada além d'*O Batista Mineiro* se têm publicado em Minas. Não havia necessidade. O Rio está bem próximo e pode servir o estado montanhês a tempo. Dos jornais regionais, poucos têm tido o porte de *O Batista Mineiro*. Em 1935, especialmente, recebeu êle novas energias pela ajuda que lhe vieram dar irmãos vindos de outras partes. O Prof. Antônio Silva, diretor do departamento ginasial do Colégio, foi eleito diretor e deu-lhe nova feição e maior atualidade. Respirando as verdadeiras necessidades dos mineiros, faz êle, por sua vez, o trabalho da causa em geral no que interessa a Minas.

CAPÍTULO XXXII

PELO CORAÇÃO DO BRASIL

RIO DE JANEIRO E S. PAULO

I — RIO DE JANEIRO

Neste capítulo, reunimos os dois maiores centros da federação, Rio e S. Paulo, realmente o coração do Brasil. O Rio de Janeiro, então capital do Brasil, com uma população acima de dois milhões; S. Paulo, o grande centro industrial. Não são os maiores centros batistas, do ponto de vista evangelístico, se bem que ao Rio caiba a primazia em tamanho de atividades denominacionais, pelas suas instituições, Colégio, Seminário, Casa Publicadora, etc., além de ser o ponto de concentração de atividades para todo o sul, mas são os maiores centros, política e econômicamente falando.

EVANGELISMO

O trabalho no Rio de Janeiro, em 1925, apresentava-se em franco progresso. As suas 18 igrejas com 2.033 membros, o seu grande Colégio e Seminário, Casa Publicadora, Orfanato, etc., davam bem a idéia do que seria o trabalho dentro de mais uma década. Todavia, continuava pobre de pregadores, lacuna que temos sentido desde o início dêste histórico. Apenas 8 pregadores consagrados para 18 igrejas e 27 pontos de pregação. Nem por ser o centro de cultura teológica no Sul, era o campo melhor servido. Ao lado dêstes 8, havia 19 pregadores leigos. Dez anos depois, não obstante o admirável progresso feito, os batistas permaneciam estacionários na proporção de crentes para incrédulos. Em 1925, havia 750 descrentes para cada batista; em 1935, a proporção era de 585 incrédulos para cada crente. Infere-se daí que não obstante o progresso em número de igrejas e crentes, não crescíamos muito na proporção do aumento da cidade que era de 100.000 pessoas por ano. Construíam-se 30 casas por dia, e nada chegava para essa imensa massa humana. Imagine-se se não morressem 12 tuberculosos por dia e um têrço das crianças até a idade de 5 anos! Estaríamos na proporção de 1 x 1.000.

Isso serve para mostrar que, por maior que tenha sido o nosso crescimento, não acompanhávamos o crescimento do povo nas grandes metrópoles, o que devia constituir para nós um incentivo a maiores esforços.

Convém acentuar, todavia, que nosso crescimento não tem sido apenas numérico. Temos crescido em eficiência individual, importância social e financeira, de modo que um batista, em média exerce hoje maior influência que dois há dez anos passados.

Daí o fato de que os batistas, como os outros evangélicos, vão pesando fortemente na balança das atividades socias. Mesmo em organizações, estamos atualmente mais capazes que há dez ou vinte anos passados. Passando-se os olhos pelas atas das convenções anteriores, descobre-se logo que a nossa mentalidade, escopo de atividades, alcance de raio de ação, são muito maiores hoje, pelo que não devemos considerar fracassada a nossa capacidade de acompanhar a vida da grande capital. Financeiramente, o Rio tem levado à palma a todos os demais campos e ainda conservava esta vitória em 1935. Em 1925, o relatório do Sec. do campo acusou uma receita geral das 18 igrejas na importância de Cr$ 222.022,50; em 1935, subiu a Cr$ 393.453,20, ou seja quase o dôbro. A média de Cr$ 111,00 por membro tem sido mantida, com tendência a subir.

A Grande Campanha tinha atingido, em 1925, o seu último ano. Nalguns campos tinha ela sido um fracasso financeiramente falando; todavia, espiritualmente foi uma bênção por tôda a parte. No Rio, tinha ultrapassado o limite. Os 170 mil cruzeiros orçados pela C.B.B. para o Rio tinham sido ultrapassados, atingindo a 276, importância esta gasta em missões, educação, evangelismo, templos, etc. Os batistas cariocas não são mais ricos que os de outras partes, a não ser que tenham certas vantagens em salários, abundância de trabalho às vêzes, mas inegàvelmente contribuem muito, especialmente para as causas gerais. As missões nacionais e estrangeiras encontram nos batistas do Rio a sua principal fonte de sustento. Seu orçamento, além de ser o maior, é invariàvelmente atingido ou ultrapassado.

Em templos, era o Rio assaz pobre. Havia uns 8 templos em 1925, ou melhor, casas próprias adaptadas. A situação não estava muito modificada no fim dêste período, sendo que algumas igrejas que tinham construído, estavam na iminência de demolir ou vender para construírem outros, mais de acôrdo com o crescimento das igrejas. Os próximos dez anos darão uma feição inteiramente nova ao trabalho neste particular e noutros, quando o coração da grande cidade estiver marchetado de igrejas combatendo contra o pecado, contra o vício e contra a dissolução dos costumes.

A Primeira Igreja do Rio ainda continuava em casa improvisada e a nota diária era a esperança de, em breve, ser inaugurado o majestoso templo que seria para todos os batistas um motivo de regozijo. Desde vários lustros que o desejado plano se vinha arrastando, servindo de *refrain* em tôdas as notícias e re-

latórios. Uma construção de milhares de cruzeiros não se faria de pronto.

Era esta, em geral, a situação batista em 1925.

Em 1928, já o número de igrejas tinha passado de 18 a 21 e os crentes tinham quase duplicado. Grandes avivamentos se tinham processado, movidos em parte pelas visitas de irmãos ilustres da outra América, tais como os Drs. Sampey, Love, etc. Especialmente o primeiro fêz mais de uma visita ao Brasil com fins evangelísticos. O Colégio promovia, de tempos em tempos, a vinda de pregadores notáveis, do país, os quais estimulavam, por sua vez, as próprias igrejas. A presença do Dr. Truett, em 1930, foi um acontecimento tanto para o Colégio como para as igrejas, especialmente para a Primeira.

Um dos grandes passos dados nestes anos no Rio foi o sustento próprio das igrejas. Mesmo os obreiros que ainda recebiam auxílio da Junta Cooperadora, em 1925, não o recebiam mais diretamente, mas sim por intermédio das suas igrejas. Alguns eram assalariados como evangelistas e isso estava perfeitamente direito, de vez que, não estando o obreiro diretamente responsável por uma igreja, deve estar por qualquer agência do Reino. A emancipação financeira trouxe maior soma de trabalhos, maior responsabilidade local também. Os grandes cortes feitos pela Junta de Richmond neste período afetaram fundamente os planos educacionais, mas não os evangelísticos.

O ano de 1930 foi especialmente favorável aos batistas cariocas. A Reunião da Convenção Latino-Americana trouxe ao Rio um escol batista dos dois hemisférios americanos. Da América do Norte veio um grupo de irmãos e irmãs, juntamente com o notável pregador Dr. Truett. Da Argentina e outras repúblicas platinas, o que de mais seleto e erudito o evangelho tem produzido, e, diga-se, igual ao melhor em qualquer sentido. Da Inglaterra veio o Sec. da Aliança Batista Mundial, o Dr. Rushbrooke. O espaçoso templo da 1ª Igreja teve talvez os melhores dias de sua história naquele tempo. A Convenção Latino-Americana tinha estado nas cogitações dos batistas por mais de dois lustros e sua reunião era suficiente para marcar uma época. Cremos que êste foi o sentimento de tantos quantos assistiram ao acontecimento. Se nós quisermos ter uma impressão real da fôrça batista, é só promovermos o ajuntamento do elemento de escol no Brasil e fora dêle.

Durante os últimos cinco anos, o progresso numérico das igrejas não tinha sido grande, talvez pelo fato de que o Rio se tornava cada dia mais divertido, distraído das coisas religiosas. Isso junto ao fato de que alguns obreiros estavam ocupados com as instituições educativas e de publicações, deixando aos restantes o encargo do evangelismo. Todavia, o crescimento de membros

era maior de ano para ano. A média tirada dos diversos relatórios enviados a Richmond e das atas da Convenção é de 250 por ano. Enquanto isso, o crescimento intelectual e doutrinário tinha sido admirável.

O acontecimento mais notável dêste ano foi, sem dúvida, a inauguração do templo da 1ª Igreja. Havia mais de 20 anos que ela e todos os batistas aspiravam por um templo no Rio, que fizesse honra ao grande trabalho. Se bem que isso não espelhasse materialmente qualquer grandeza para os batistas fora do Rio, assim mesmo todos desejavam ver a realização dos sonhos da igreja. A construção, que andou beirando pelos Cr$ 2.000.000,00, não estava completa e talvez tivesse de esperar mais uma década para ficar completa. A Sra. Bottoms, de Texacana, ofereceu a maior parte da importância necessária. O Dr. Soren, que durante o seu longo pastorado tinha almejado um templo digno da Causa, viu realizados os seus sonhos.

Entre 1928 e 1932, sòmente uma igreja fôra organizada na imensa cidade do Rio de Janeiro, e esta, devido a uma luta que se processou na Igreja da Tijuca. Foi a Igreja do Engenho Nôvo.

TENDA BATISTA

O fato de que nos últimos anos poucas igrejas tinham sido organizadas no então D. Federal, quando o desejado seria ver meia dúzia por ano, não deveria ter deixado de influir no ânimo dos líderes. Assim, foi conseguida por doação uma grande tenda para com ela se levar o evangelho a lugares onde não havia trabalho organizado. Êste gênero de trabalho tão comum na outra América não tinha sido praticado ainda entre nós. O plano era estabelecer a tenda num centro suburbano e ficar ali até que um bom número de crentes se convertesse e se pudesse organizar nova igreja. Durante alguns anos visitou ela Irajá, onde havia um grande trabalho da Igreja de Pilares, mudando-se depois para outras partes. Para dirigir êste difícil gênero de evangelismo foi escolhido o Pastor Mateus Guedes, que prestou bons serviços aos batistas. Algumas igrejas nasceram direta ou indiretamente dêste trabalho, como, por exemplo, Irajá e Cascadura, sendo que não poucos crentes, fruto do mesmo trabalho, se uniram a igrejas noutros lugares.

Depois de uns 4 anos de serviço, a tenda rasgou-se e o dirigente desgovernou-se, e as duas coisas juntas deram por terra com o trabalho. Se houvesse dinheiro, teria sido comprada outra tenda, mas uma tenda custa muito e não é fácil se encontrar uma pessoa para tal trabalho.

Na falta dêste meio, a Junta Cooperadora virou-se para outros meios de pregação, talvez mais difusores do evangelho, lan-

çando mão de seminaristas hábeis para com êles e, em conexão com uma igreja, começar o trabalho em lugares abandonados pelo evangelho. Especialmente de 1934 em diante, foi êste o método seguido com reais vantagens. Por uma pequena ajuda financeira, um seminarista podia assumir a responsabilidade de uma congregação, visando-se uma futura igreja. Em 1935, foram usados 6 estudantes nestes trabalhos e tudo parecia indicar sucesso neste nôvo método de evangelismo das massas.

Outras iniciativas foram também tentadas, tais como: pregação pelo rádio, pregações ao ar livre nas praças da cidade, preparo de folhetos em grande abundância, além de um grande estímulo nas próprias igrejas. O Pastor José de Miranda Pinto foi o orientador dêste trabalho, em 1935, conseguindo levantar o entusiasmo na pregação às massas. Deparou-se, assim, aos batistas, uma responsabilidade sem paralelo, de levar ao povo da rua a mensagem da vida, procurando contrabalançar as fôrças do mal com as do bem. Milhares de milhares têm ouvido a pregação desta forma e, se nem todos vieram a congregar-se nas igrejas, muitos irão entrar no Reino de Jesus Cristo.

Balanceando as atividades dos últimos 11 anos, podemos dizer que grande foi o progresso. As 18 igrejas aumentaram para 26 e o número de crentes também subiu. A média de batismos nos últimos anos tinha sido de 300. Algumas igrejas fizeram grande progresso nos últimos anos, com a aquisição de pastôres com o tempo quase todo dedicado às mesmas igrejas.

A ENTÃO CONVENÇÃO BATISTA FEDERAL

Esta Convenção tem tido movimentada vida, não sòmente pelo vulto dos trabalhos que lhes estão afetos, visto ser ela, como acontece entre os batistas, que orienta tôdas as atividades evangelísticas, educativas, beneficentes e missionárias no que concerne ao trabalho cooperativo do Rio, e também no sentido de se colocar em condições de satisfazer às suas magnas responsabilidades. Os problemas que tinha de enfrentar, nasciam sempre de seu próprio trabalho.

Como órgão coordenador, estava no comêço dêste período em situação de orientar um trabalho de vastas proporções, visto a harmonia e cooperação que reinavam entre as igrejas e os irmãos em geral.

A sua Junta Executiva (depois Junta Cooperadora), estava também desembaraçada de uma porção de juntas miúdas que a tinham sobrecarregado por alguns anos. Os 15 membros da Junta compunham as cinco comissões que promoviam as várias atividades do trabalho. As Comissões de Evangelismo, Educação, Beneficência, Missões, Escolas Dominicais, E.P.B., como

sistema de distribuir responsabilidades sem criar um mecanismo pesado, eram o que melhor se podia esperar. Cada uma destas comissões se movia dentro do âmbito de suas atribuições, dando mensalmente relatório à Junta.

O relatório apresentado cada ano à Convenção pelo secretário do Campo, o Dr. J. J. Cowsert, que por muitos anos ocupou esta posição, era uma boa peça informativa, condensando não sòmente as atividades, mas também as necessidades. Era um estudo sintético dos muitos e complexos problemas do trabalho, que constitui um monumento histórico para o futuro. De 1928 em diante, cada comissão apresentava o seu relatório parcial, dos trabalhos executados, sendo, no conjunto, mais representativo, porém mais fracionado na apresentação do trabalho como um todo.

Não conhecemos todos os estatutos das Convenções Batistas, mas cremos que em nenhuma outra parte do Brasil os ditos estatutos sofreram contìnuamente tantas modificações como os da Convenção do Rio de Janeiro. Já no período anterior notamos as dificuldades encontradas para fazer com que a Convenção correspondesse à sua verdadeira finalidade. Neste período (1936) novamente sofrem os ditos estatutos várias modificações.

Na Convenção de 1927, realizada no mês de março de 1928, foram mudados alguns artigos e refundidos outros, entrando nestas alterações linguagem de séria significação. Até esta data a Convenção era composta de mensageiros das igrejas. Feita a reforma, ficou que a Convenção seria composta de igrejas. Mais tarde, aí por 1932, já as interpretações desta linguagem estavam acarretando sérios embaraços ao trabalho, crendo alguns que a Convenção devia decidir de certos negócios pertinentes ùnicamente às mesmas igrejas, recusando outros tal interpretação. Só uma coisa resolveria o impasse: modificar novamente os Estatutos. Os anos de 1933 e 1934 deram suficiente trabalho aos batistas para fazer mudar a linguagem. Dois grandes grupos se colocavam em posição oposta. Finalmente, venceu a corrente de que os Estatutos deviam rezar que a Convenção era composta de mensageiros das igrejas.

ORFANATO BATISTA

Relatamos, no período anterior, o estabelecimento do Orfanato Batista. Durante os anos dêste período continuou êle a sua obra benemérita, recolhendo os orfãos dos batistas do Rio. As condições em que foi estabelecido não têm permitido o recolhimento de um grande número, porque não sendo possível produzir nada nos terrenos da instituição, tudo tem de ser comprado. Nos últimos anos tem-se procurado mudá-lo para um local me-

lhor, mas a mudança custará tanto ou mais que a própria fundação. Assim, êle continuará ainda em Jacarepaguá por mais algum tempo. A irmã D. Antonieta Costa tem sido a alma do trabalho. Durante um pequeno espaço de tempo em que não pôde ficar, foi eleito o casal Xavier Assunção. Inexperiências naturais a quem começa um trabalho, fizeram com que não pudessem continuar, voltando D. Antonieta. O orfanato reúne grande soma de simpatias dos batistas do Est. da Guanabara, que lhe dedicam, além de uma grande parte da verba orçamentária do ano, muitas outras ofertas. O dia 1 de maio, "Dia do Orfanato", sempre prova o aprêço em que é tida esta instituição de caridade.

INSTITUTO DOS CEGOS

Na Convenção realizada em 1928, foi apresentado à consideração da assembléia um parecer que pedia fôsse dado ao diácono Ângelo Manzollilo permissão para visitar as igrejas a favor de um grupo de cegos que a Igreja do Engenho de Dentro tinha abrigado e que desejava ver cada dia melhor amparado. Através dos anos, tem continuado o pastor desta igreja a dedicar uma boa parte do seu tempo à manutenção dos cegos, que de várias partes do país buscam êste abrigo. Em correspondência com irmãos inglêses, tem dali recebido não sòmente boas ofertas, mas apetrechos para os próprios estudos. Um trabalho feito sem alarde, e sob as responsabilidades de uma só igreja, tem sido, todavia, de uma incalculável bênção. Correspondem-se com outros cegos no Brasil, por meio de sua correspondência no sistema Braile, atingindo-os com o evangelho. É um dêsses trabalhos que o tempo mal pode revelar.

CONVENÇÃO DAS UU.M.B.

Em separado da Convenção do Est. da Guanabara, reúne-se a Convenção da Mocidade para o treinamento e inspiração da juventude batista. Não tem faltado entusiasmo e coragem nestas reuniões, atraindo não sòmente a juventude, mas outros batistas simpáticos ao trabalho da mocidade. Articulados com outras Convenções Estaduais, têm os moços a sua assembléia geral por ocasião da Convenção Batista Brasileira, onde são planejados os programas de todo um ano. A Revista da Mocidade, publicada pela C.P.B., reúne os ensinos e doutrinas que cultivam a juventude nos seus arrojos e idealismos. É uma parte do nosso grande trabalho.

UNIÃO DAS SENHORAS

No primeiro período desta obra, incluímos um breve capítulo sôbre a origem e principais atividades das senhoras no

Brasil. Depois disso, não lhes temos dado o reconhecimento que elas merecem, pelas naturais dificuldades do trabalho a percorrer. O Rio, por ser a sede da União, não poderia ser ignorado neste particular. Daqui se ramificam várias atividades, que vão encontrar perfeita consonância pelo Brasil a fora. Miss Minnie Landrum, enquanto secretária geral, soube ampliar o âmbito das atividades das senhoras por tôda a parte, e as levou a tomar parte em tôdas as atividades cooperativas. Missões e educação têm sido essencialmente beneficiadas por elas. O trabalho das senhoras tem a sua própria literatura, orienta o trabalho das môças e crianças por todo o Brasil e coordena todos êste elementos bons na grande obra cooperativa.

ASSOCIAÇÃO DOS PASTÔRES

Coube a Salomão, em 1914, organizar uma sociedade composta dos pastôres do então D. Federal. Nos primeiros anos, soube ela compreender o seu valor e os pastôres consideravam que não podia haver melhor meio de cultivar a camaradagem e estudar os problemas, que interessavam a todos em comum. Depois, foi morrendo pouco a pouco. Ressurgiu outra vez, para de nôvo morrer. Em 1932, devido a uma série infinda de problemas que surgiram no trabalho, tomou o Dr. F. F. Soren a iniciativa de fazer voltar à vida a Sociedade. Alguns, sentiram-se bem com a ressurreição da organização; mas outros ainda desejavam que ela fôsse uma espécie de tribunal para discutir casos afetos ùnicamente ao fôro das igrejas. Assim mesmo, ela teve alguns dias de vida, vindo a desaparecer mais tarde novamente, para de nôvo ressurgir e com promessa de longa vida.

MUITAS OUTRAS COISAS

Não seria possível esquecer que além das atividades pertencentes pròpriamente ao Est. da Guanabara, corre um mundo de outras bem caras aos batistas. No Rio estão as sedes de várias Juntas: de Educação, Missões Nacionais e Estrangeiras, Beneficência, etc., juntamente com uma infinidade de outros trabalhos, que nem sempre podem ser vistos. O que importa reconhecer é que os batistas do Rio representam um papel saliente no desenvolvimento da Causa, por tôda a parte. Cabe-lhes uma grande parte das honras e das censuras, em todo o nosso grande mecanismo denominacional. Uma boa soma dêstes trabalhos é prestada gratuitamente à Causa, por homens que têm de trabalhar para prover o seu sustento. Há pastôres e leigos que fazem parte destas juntas, assistindo a suas sessões, gastando dinheiro em

passagens, gastando tempo, sem que materialmente lhes seja feita qualquer compensação. Sirvam estas palavras de reconhecimento e louvor.

II — CAMPO PAULISTANO

Fazer um debuxo perfeito ou mesmo aproximado do trabalho de um determinado Campo é coisa só possível por meio de comparação. Recapitular as atividades no Campo Paulistano, de período em período, seria inconveniente, mas comparando o trabalho de 1935 com o de 1900 conclui-se que em 35 anos, tempo assaz curto, se processou o desenvolvimento de um grande e eficiente trabalho.

Se recordarmos que em 1907 não havia um pastor brasileiro, e sòmente umas seis igrejas à roda da capital, um pequeno colégio sem casa, uma Convenção pequena e sem agressividade, por falta de fôrças, não havia um tijolo, a que os batistas chamassem seu, um palmo de terra em que pusessem o pé, diríamos: eram bem pobres!

Em 1935, possuíam uma Convenção animada, o melhor edifício colegial batista, lindos templos evangélicos e um grande número de pastôres ocupados no ministério das igrejas, uma entidade social e intelectual como as melhores, 42 igrejas espalhadas pelo vasto hinterland, (1) dois evangelistas ùnicamente ocupados no evangelismo. Podemos dizer: que riqueza!

Leve-se em conta ainda, que, além dos algarismos acima dados, há outros que poderiam ser ajuntados e que dizem respeito às várias igrejas e organizações de estrangeiros. Não há raça na superfície da terra que não tenha ali o seu representante no Reino de Deus. Igrejas russas, letas, húngaras, italianas, alemãs, etc., e crentes de todos os tipos e côres raciais. S. Paulo tem crescido em riqueza e importância política e social, tem-se tornado o grande empório comercial da América do Sul, e os batistas têm-lhe acompanhado o ritmo de vida e progresso. É, pois, com esta sensação de progresso e grandeza, de que bem nos podemos orgulhar, que faremos a nossa digressão histórica através dos últimos 11 anos.

EVANGELISMO (2)

Em 1925, já o Campo Paulistano se apresentava como um dos mais notáveis entre os vários campos batistas. As suas 21 igrejas, com mais de 2.500 membros, constituíam um sólido bloco

(1) O número de igrejas no solo paulistano vai além de 50, mas só contamos as que cooperam no trabalho denominacional.

(2) De todos os campos batistas no Brasil, nenhum menos provido de informações históricas que o Campo Paulistano. N m por têrmos pedido e insis-

de fôrça espiritual. Entretanto, durante os 11 anos dêste período os batistas viram a sua causa crescer como em nenhum outro período anterior. Nos 16 anos do período anterior a Causa solidificou-se, criou nome e começou a etapa expansionista. Mas a êste período ficou reservado o seu grande desenvolvimento. O número de igrejas nos 16 anos, de 1910-1925, passou de dez para vinte e uma; nos 11 anos dêste período, passou de 21 para 42. Crescimento notável. Mas não foi sòmente o crescimento numérico das igrejas e crentes, como já fizemos notar, mas crescimento em todos os demais aspectos do trabalho. Talvez o desenvolvimento da personalidade moral e espiritual dos batistas seja o que mais nos deva admirar.

Ao lado dêste progresso no estado pròpriamente dito, leve-se ainda em conta a sua valiosa cooperação aos estados vizinhos: Mato Grosso e Goiás, Paraná-Sta. Catarina e ainda a direção do trabalho de Missões Nacionais que coube a S. Paulo durante os anos de sua incipiência e estabelecimento. Foi assim que os paulistanos entraram para o nosso trabalho cooperativo com uma considerável soma de serviços.

Parece-nos que o trabalho da capital não acompanhou o progresso que se fêz no interior. Como no Rio de Janeiro, os batistas bandeirantes não acompanharam a evolução material da sua cidade, organizando um número de igrejas proporcional ao crescimento da cidade. Se podemos bem compreender o fenômeno, parece-nos que a deficiência partiu da falta de pastôres dedicados ao trabalho. Com a morte de Edwards, a 1ª Igreja ficou sendo servida ora por missionários, ora por pastôres com outras ocupações. Seria ela a fomentadora de progresso espiritual na cidade, mas sem um ministério que lhe devotasse o tempo, não cumpriria a sua missão. Algumas das outras igrejas sofriam do mesmo mal, tendo os seus pastôres ocupados noutras coisas. A Igreja da Liberdade que se tinha constituído um grande centro de trabalho, não teve a felicidade de um pastorado contínuo, o mesmo acontecendo à do Braz.

Em 1927, a 1ª Igreja convidou ao pastorado, o Pastor Adrião Bernardo, antigo líder batista no norte e grande orador. Sua vinda para S. Paulo e para uma igreja tão necessitada de continui-

---

tido junto aos mais bem informados trabalhadores do Campo para que nos emprestassem os seus arquivos, nos ministrassem algumas informações sôbre o trabalho, conseguimos coisa alguma. Não temos uma só ata da Convenção Paulistana, uma coleção d'«O Batista Paulistano», nada além de informações preciosas que nos enviou o irmão Gresenberg e essas informações não foram além de 1915. Tivemos de nos valer d'«O Jornal Batista», dos relatórios enviados à Junta de Richmond e uma ou outra informação esparsa. Fazemos esta declaração para varrer a nossa testada contra os que depois acharem o histórico incompleto, mesmo nos pontos essenciais, os únicos que interessam a êste trabalho.

dade administrativa, foi um acontecimento. Infelizmente, dificuldades pessoais terminaram prematuramente o pastorado. Depois de algumas amargas peripécias, foi êle exonerado, indo para o interior do estado como professor, cessando a sua vida ativa no Ministério.

Com a sua exoneração do pastorado, voltou a 1ª Igreja a ficar desamparada até que em 1929 veio dirigi-la outro obreiro do norte o Dr. Tertuliano Cerqueira. Formado pelo Seminário do Recife e pela Faculdade de Medicina de Belém, onde dirigiu por alguns anos a Primeira Igreja, com um largo tirocínio pastoral, veio dar à igreja um longo e sóbrio pastorado. A igreja tem progredido bastante e tem mesmo concorrido para a organização de outras igrejas. A de Vila Pompéia e Casa Verde são filhas desta boa igreja durante êste pastorado. Outras congregações esperam o dia de sua organização.

Em 1927, veio engrossar as fileiras dos paulistas, o casal Zimmerman, que, com a saída do diretor Ingran, veio assumir a direção do Colégio. Veio de Pernambuco, onde tinha contribuído muito para o desenvolvimento evangelístico, especialmente na música vocal e congregacional, para o que ambos tinham especiais dotes. Nas suas férias, deixaram o trabalho, não mais voltando ao Brasil, se bem que o norte os tenha solicitado por mais de uma vez.

Entre 1925 e 1927 o trabalho na capital estêve mais ou menos estacionário. Não ocorria o mesmo no interior, onde 9 igrejas tinham sido organizadas.

Êste progresso deve-se ao bom número de pastôres e ao missionário Porter, que se havia dedicado ao evangelismo, preferindo-o à direção do Colégio. Por mais de uma vez foi chamado a dirigir o Colégio em S. Paulo na falta de outro homem, mas de uma feita êle chegou à dizer à sua Junta que abandonaria de uma vez a Instituição se não lhe fôsse dado outro diretor, e chegou mesmo ao ponto de a entregar a um de seus auxiliares, visitando-a apenas de tempo em tempo, para se entregar ao evangelismo.

IN MEMORIAM

No dia 31 de março de 1927, entrava no seu repouso o incansável batalhador Salomão L. Ginsburg. Dirigia um instituto bíblico na Igreja do Braz, e, depois dos trabalhos da noite, retirou-se para sua residência para não mais voltar ao seu lugar naquele trabalho. Das suas múltiplas atividades no Brasil, poderão os leitores saber na sua autobiografia "Um Judeu Errante no Brasil".

Descança ao lado de F. M. Edwards no mesmo cemitério em S. Paulo. Quando a trombeta soar e os mortos ouvirem a sua

voz, levantar-se-ão do pó da terra, no mesmo lugar, dois dos mais assinalados varões batistas do Brasil.

A média de novas igrejas por ano era de duas, e o número de crentes batizados subia a 350. Anos houve em que foram organizadas três ou quatro igrejas. O número de obreiros também tinha melhorado consideràvelmente, atraindo os de outros estados além dos que já mencionamos noutra parte. Pelo fim dêste período ainda outros entraram nas atividades do Campo, entre êles, Djalma Cunha, do Paraná, que veio substituir Pedro Gomes na Igreja da Liberdade, e Manoel Valentim, também do Paraná, (ambos nortistas) que veio ao pastorado da Igreja de Casa Verde. Outra aquisição boa foi a do Dr. José Nigro para o pastorado de Santos. Os primeiros anos de atividade dêste irmão foram passados em S. Paulo. Depois veio para o Rio, onde se dedicou ao comércio por algum tempo, e serviu na E. Ferro Central do Brasil por alguns anos, e depois voltou ao ministério, ao serviço da Igreja mencionada. Sua principal atuação nesta igreja foi a construção do majestoso templo construído com dinheiro ofertado pelas senhoras batistas dos E.U.A.

Os pastorados mais notáveis desta época foram, além do de Santos, os de Liberdade, Campinas, Paulistana, igreja organizada com crentes da Liberdade a cujo pastorado veio Gióia Martins, ex-padre católico, e mais para o interior, Rio Claro, com Luiz de Assis, Baurú, com Axel Anderson, Ribeirão Prêto, Antônio de Oliveira e outros.

O ano de 1931 apresentou a notabilidade da conversão do Dr. Gióia Martins. Não é a conversão simples e pura de um homem, mas o fato de ter sido êle padre em Campinas e noutros lugares, bem como professor do Seminário católico, que deu relêvo ao fato. Deixou a batina por considerações do coração, vindo a converter-se depois, juntamente com a espôsa. Aproveitado logo como evangelista do estado, fêz viagem em tôdas as direções, levantando o ânimo do povo e interessando os católicos no evangelho. S. Paulo, liberal, não podia deixar de atender à palavra de um homem como Gióia. Em 1932, foi assistir à C. B. Brasileira em Maceió, e, a seguir, fêz uma *tournée* pelo norte em visita a algumas das principais igrejas. Recife, Maceió e Bahia viram as maiores congregações da sua história. Outros padres foram interessados no problema da salvação, convertendo-se também Emídio Pinheiro e Oliveira, ambos paulistas, Frei Alberto Valadares, da Bahia, enquanto um bom número de outros ficou sèriamente confuso com a sua crença.

Depois destas longas viagens pelo norte e sul, foi Gióia chamado ao pastorado da Igreja Paulista, ao tempo servida por Emílio Kerr, onde tem feito grande trabalho.

Neste mesmo ano houve o batismo de 800 pessoas no es-

tado. As 45 igrejas batistas receberam um grande refôrço para as pugnas evangelísticas.

De todos os trabalhos batistas do estado, o mais empolgante seria o da Colônia Varpa, onde havia uma igreja de 1.200 membros, na quase totalidade letos. Enquanto algumas igrejas de estrangeiros têm recusado cooperar com a Convenção Batista, êstes irmãos têm cooperado em tudo para a extensão da Causa. O mesmo espírito tem mantido, através dos anos, a Igreja Leta, de Nova Odessa. Na estação dêste lugar foi pelos fins dêste período ereto um magnífico templo, especialmente para os brasileiros, enquanto o da Fazenda Velha continuava servindo especialmente aos letos.

No dia em que se conseguir a cooperação de tôdas estas fôrças batistas, S. Paulo será o maior empório de fôrças evangelísticas na América Latina. Será uma conquista espiritual e também nacional, pois que êstes elementos estrangeiros identificados com os brasileiros e seus problemas espirituais, tornar-se-ão uma parcela mais nossa e mais consoante com as realidades do meio.

Desta análise, descobre-se o vulto majestoso do trabalho batista entre o povo bandeirante. Como referimos no início destas notas, o número de igrejas duplicou ou triplicou, se quisermos contar as muitas igrejas que não mantêm trabalho cooperativo. A eficiência denominacional desenvolveu-se atingindo o seu zênite. Uma elite intelectual, com projeção no meio social, sem superior em qualquer parte. Os imensos recursos financeiros do grande povo deram também ao trabalho a vida própria e segura que só a independência financeira pode dar. Isto do ponto de vista evangélico; de outros pontos de vista, não foi menos completo o progresso.

CONVENÇÃO PAULISTANA

Os primeiros anos de existência da Convenção Paulistana foram de fraca projeção devido ao reduzido número de obreiros no Campo. No período ora em estudo, a dita Convenção foi invariàvelmente uma nota animadora, mau grado as discussões acaloradas que, vez por outra, tiveram lugar.

Uma Convenção que reúne um grupo de obreiros como Antônio Ernesto da Silva, José Gresenberg, Tecê Bagby, Paulo C. Porter, Emílio Kerr, José Nigro, Silas Botelho, Tertuliano Cerqueira, Juvenal Ricardo Meyer e outros não podia deixar de ser uma ocasião de interêsse evangélico e intelectual. As eleições para os vários cargos, tanto da Convenção mesma como da Junta Executiva, processam-se dentro do mais rigoroso escrutínio secreto, sendo algumas vêzes disputada a eleição por mais de um candidato. A posição de secretário-correspondente e de pre-

sidente da Junta, especialmente, constituíam o ponto de atração das eleições, por onde se evidenciava o brilho que sempre davam aos cargos os que os iam ocupar.

O evangelismo, depois benevolência hospitalar e orfanológica eram os pontos cardeais de tôdas as cogitações convencionais. A extensão que o trabalho abrangeu nestes últimos anos obrigava o secretário a dedicar todo ou grande parte do seu tempo a êste labor. O Dr. Paulo C. Porter ocupou por várias vêzes êste pôsto e com o gôsto que se lhe reconhece para o evangelismo, o tato para andar entre as igrejas, a diplomacia necessária para tratar com batistas de tão variadas procedências, indicavam-no quase sempre ao pôsto. Outros como o Pastor Antônio Ernesto da Silva, Dr. Jaime de Andrade, Silas Botelho também serviram com proveito geral nesta posição.

Além do secretário, a Convenção ocupava um, e às vêzes dois evangelistas, como aconteceu em 1936, em que serviram os irmãos José Gresenberg e Luiz de Assis. O Dr. Gióia Martins, logo ao ser batizado em 1931, foi aproveitado neste serviço importante, chegando a ser cedido aos outros campos no norte e no sul para série de conferências.

A Junta Executiva é uma organização de corpo e nome. Pessoa Jurídica, assim como a Convenção mesma, composta das expressões mais vivas do trabalho dirige tôdas as fases de atividades batistas com superioridade e sabedoria. O ambiente elevado em que se processam tôdas as resoluções, a paixão que a todos domina pela expansão do trabalho são de tal ordem que as dificuldades que muito naturalmente aparecem em todos os trabalhos não chegam a deslustrar o brilho da devoção. S. Paulo tem uma elite intelectual e social entre os batistas, que se faz sentir em tôdas as atividades.

Em matéria de cooperação, tem S. Paulo cooperado bem nos últimos anos, não obstante as somas que o seu próprio trabalho absorve. Missões Estrangeiras e Nacionais sofreram um pouco no passado devido à incompreensão de seus problemas, mas as visitas de Antônio Maurício e Francisco Colares, aquêle missionário em Portugal e êste missionário aos índios, serviram para aclarar algumas dificuldades e preparar o dia para melhor cooperação.

ASSEMBLÉIA BATISTA

Por iniciativa do missionário Tecê Bagby funcionou, por alguns anos, a Assembléia Batista, vazada nos moldes da congênere de Recife. Dos vários pontos do estado vinham irmãos participar das aulas e estudos bíblicos, e as reuniões noturnas serviam para dar expressão ao nosso entusiasmo e consagração por meio dos discursos sôbre as várias atividades denominacio-

nais. Sempre acontecia ser convidado um ou outro irmão de fora, que ia levar aos paulistas a sua palavra de doutrina e inspiração. Infelizmente, a iniciativa não foi levada para diante, sendo de crer que a sua importância haja de fazê-la voltar à vida.

REUNIÃO DE OBREIROS

Outra coisa que os paulistas não têm descurado tem sido a reunião de obreiros. Informal como é, nem por isso suas reuniões perdem de importância, porque os pastôres têm sabido dar-lhe valor. Na maioria dos casos, os pastôres olham displicentemente para estas reuniões sem autoridade de mando, mas os paulistas têm sabido calcular os valores morais de tais iniciativas. Ora no salão das sociedades da 1ª Igreja, ora nos do Colégio, êles se reúnem mensalmente para estudo dos problemas gerais e ministeriais. Ao serem escritas estas linhas, parecia que êste trabalho gozava do mais alto prestígio.

HOSPITAL BATISTA

Velha aspiração dos paulistas tem sido o seu Hospital. Como tal iniciativa seja coisa de difícil realização, valeram-se êles dos bons ofícios de alguns médicos dedicados para estabelecerem um dispensário, onde os crentes pobres podem receber tratamentos ligeiros. Com a construção do templo da Igreja Paulistana foi dedicada uma sala a êste serviço que ficou sob a direção do Dr. Juvenal Ricardo Meyer ajudado pelo Dr. Tertuliano Cerqueira. Tanto um como outro, servindo gratuitamente a seus irmãos, têm podido satisfazer às necessidades clínicas mais urgentes. Especialmente o Dr. Juvenal tem sido a alma desta atividade nos últimos anos. No orçamento do estado há uma boa verba para as despesas do dispensário.

ORFANATO BATISTA

A fundação do Orfanato Batista, em 1926, foi dada como um acontecimento notável e profético da fundação do Hospital. De sua vida, durante êstes anos, pouco sabemos, mas mesmo que não tenha sido muito longa e frutífera, o seu início mostra que os batistas por tôda a parte não são indiferentes à sorte dos pequeninos orfãos.

ESCOLAS DE PROFETAS

Para auxiliar no preparo dos pregadores, o missionário T. C. Bagby idealizou uma escola teológica, onde os que não pudessem vir ao Rio recebessem o preparo indispensável para a pregação. Nos primeiros tempos o trabalho correu com entusiasmo e chegou mesmo a atrair de outros estados alguns prega-

dores. Depois, por coisas difìcilmente verificáveis, desapareceu a boa iniciativa. Ficou, todavia, a semente, e os paulistas têm continuado a desejar ver no seu território um Seminário ou coisa que lhe fizesse as vêzes.

VARPA

O grande trabalho da Colônia de Varpa, já mencionado noutro lugar, também sustenta um pequeno seminário para instrução dos pregadores letos e brasileiros. Dois professôres dedicam o seu tempo a esta notável tarefa e disso tem resultado que o número de pregadores tem aumentado e com êles novos trabalhos se têm aberto em zonas distantes.

III — PELOS MAIS NOVOS CAMPOS

Paraná-Sta. Catarina, R. G. do Sul e Mato Grosso.

Abrangemos, neste breve capítulo, os estados sulinos, onde os batistas entraram por último, exceto o Rio Grande do Sul, onde começaram em 1911 e onde os batistas alemães tinham começado muitos anos antes. Além de serem campos novos, tiveram de lutar com a falta de obreiros e recursos, para não falarmos noutras dificuldades próprias do trabalho em muitos lugares. Se não fôra a história que estamos procurando escrever e que por isso nos obriga a ser frios e precisos, poderíamos escrever um bom romance sôbre as lutas do trabalho no Rio Grande do Sul e em Mato Grosso, onde as condições, por tudo adversas, pediam dos nossos irmãos muito zêlo e amor à Causa. Colhamos as poucas informações que aí damos com uma promessa de que o futuro se incumbirá de exibir o muito que foi feito com os poucos elementos disponíveis.

1. PARANÁ-SANTA CATARINA

O trabalho nestes dois estados estava afeto à Junta de Missões Nacionais, como vimos no período anterior, até ao fim de 1918, quando se mudou de São Paulo para Curitiba o missionário Deter, organizando o Campo Paraná-Santa Catarina. Os anos de 1918 até 1925 seriam, naturalmente, de organização, e foi isto, realmente, o que aconteceu. Neste período temos apenas de acompanhar o desenvolvimento destas bases.

O casal Berry, que se encontrava no princípio dêste período ajudando ao irmão Deter, ausentou-se para o Rio de Janeiro, porque não havia recursos da Junta de Richmond para educação.

Depois veio o irmão Carlos Stroberg, em 1924, e pastoreou as igrejas em Rio Nôvo e Mãe Luzia. Não sendo consagrado no ministério, trabalhou mais como evangelista do que como pastor.

Em 1925, o irmão Stroberg mudou-se para Curitiba, onde estudava com os missionários Deter e Berry, voltando, em 1927, para tomar conta das igrejas em Rio Nôvo e Mãe Luzia, tendo sido consagrado ao ministério em Curitiba. Em 11 de abril 1926, tornou-se pastor de fato destas duas igrejas. Na Igreja de Rio Nôvo fundou uma escola anexa, tão abençoada, que chamou estudantes de diferentes pontos em Santa Catarina do Sul para estudar como interno com o Pastor Stroberg e com a sua espôsa, D. Griselda. Mais tarde êle mudou-se para Pôrto União como o centro das suas atividades. Com o auxílio do irmão Deter, organizou a igreja de Pôrto União. Tendo sido eleito pastor da igreja em Rio Branco, ficou, assim, como pastor de cinco igrejas: Rio Nôvo, Mãe Luzia, Rio Branco, Pôrto União e Rio Negro.

Durante êste período, pelo esfôrço de Frederico Janosky e Sebastião Portela, ambos leigos, levantou-se uma boa igreja em Itaperiú, umas léguas distantes de Itajaí. O Pastor Carlos Stroberg trabalhou com esta igreja, visitando êste fervoroso grupo de crentes, que ficou, na ausência do Pastor Stroberg, aos cuidados do irmão Frederico Janosky.

O Pastor Artur Leimann tem ajudado muito no trabalho de Itaperiú e, afinal, ficou como pastor daquela igreja. Esta igreja tem um bonito templo com grande terreno em redor, e não tem dívidas. O Pastor Leimann recebe da Junta Interestadual um pequeno auxílio. O Pastor Leimann é formado no ginásio e no curso do seminário de Buenos Aires e veio prestar ao campo o seu valioso concurso.

Depois veio o Pastor Djalma Cunha para pastorear a Igreja de Curitiba e, a seguir, o Pastor Manoel Valentim, para Paranaguá. Em 1934, saíram ambos para São Paulo. O pastor Djalma deixou grande lacuna nos corações dos paranaenses. O trabalho dêste irmão é básico; êle sabe cavar os alicerces para o futuro do trabalho. O Pastor Valentim, depois de sete anos de pastorado, mudou-se para S. Paulo.

Em Santa Catarina, durante êste período, cresceu o número das igrejas de 3 para 9, sendo Rio Nôvo, Mãe Luzia, Itaperiú, Rio Branco, Pôrto União, Santa Leocádia, a igreja alemã em Joinville, Urubici e Laguna. Durante a crise mundial, as finanças ficaram reduzidas tanto que foi impossível começar trabalho na capital do estado, porém o êrro publicado de que nada foi feito durante êste período no Estado de Santa Catarina não é culpa dos que o publicaram mas simplesmente porque não souberam dos fatos. Ùltimamente, os pentecostistas estragaram a Igreja de Santa Leocádia, e a igreja alemã em Joinville, e o seu pastor, Gottlob Fetzer, mudaram-se para Rio Grande do Sul. Agora (1936), porém, a Igreja de Santa Leocádia está voltando aos batistas. O pentecostismo, geralmente falando, é fogo de palha.

Pela iniciativa da Soc. de Senhoras da Igreja de Assungui, Estado do Paraná, o irmão Eleotério Lopes Pereira foi enviado, a pedido de Guilherme Redhead, que tinha mudado para um lugar chamado Lavras, no Sul de São Paulo, para começar o trabalho de evangelização naquele lugar. O trabalho foi abençoado de tal maneira que, quando o Pastor Carlos Leimann visitou êste lugar pela primeira vez, no ano seguinte, houve 50 batismos. Numa outra visita, foi organizada uma igreja ali, sendo Arthur S. Deter o secretário da mesa na ocasião da organização. Em 1927, o missionário A. B. Deter visitou a zona e organizou as duas igrejas, de Guaraú e de Pindaúba, tendo elas 32 e 27 membros, respectivamente. O Pastor José Cascão visitou esta parte do Campo nos anos de 1928 e 1929. Logo depois da organização destas igrejas, de Guaraú e de Pindaúba, Arthur S. Deter passou três meses visitando as igrejas e evangelizando. Ao fim dêste período, o irmão A. B. Deter visitou Lavras e batizou 28 pessoas. Nesta ocasião o irmão Wilson Serrão foi começar o seu trabalho de educação em Lavras, ficando seis meses, como diretor duma escola com mais de 50 alunos. Em 1931, no mês de março, o Pastor José Lúcio Pereira foi mandado pela Junta Interestadual, para fixar a sua residência no Município de Jacopiranga, já tendo feito êle duas visitas no ano anterior. Nestas três igrejas êle achou 222 membros. No ano de 1933 foi organizada a Igreja de Bananal Pequeno, e no seguinte ano a de Batatal e, em 1935, a de Lagoa Nova. Em 1 de janeiro de 1936 foi organizada a Igreja de Betel, com 18 membros. Houve por alguns anos uma igreja em Pariquerassú, composta quase totalmente de pessoas letas. O Pastor João Batista trabalhou aqui por algum tempo, sendo enviado pela Junta de Missões Nacionais. Os irmãos letos mudaram-se para a Colônia de Varpa, por qual motivo estacionou o trabalho desta igreja. A última igreja organizada nesta zona é a do Rio Jacopiranguinha, no dia 1 de janeiro de 1939, com 46 membros. Tôdas estas igrejas têm os seus templos próprios, construídos por êles mesmos, sem auxílio de fora.

O Pastor José Lúcio fundou uma escola em Guaraú, com 30 moços internos, que deu ótimos resultados. Pode-se atribuir o trabalho em Lagoa Nova em grande parte ao serviço dum aluno desta escola. Em 1932, o Pastor José Lúcio mudou-se para Lavras, onde também fundou uma escola que cresceu até que atingiu o número de 72 alunos. O irmão João Alves de Almeida auxiliou ao irmão Lúcio no Colégio de Guaraú e, mais tarde, em Lavras. O Pastor Lúcio conseguiu, por intermédio desta escola, interessar o inspetor de ensino do Estado de S. Paulo, que visitou o lugar, de tal maneira que êle mesmo conseguiu a funda-

ção duma escola estadual neste lugar. Esta escola funciona num edifício que é de propriedade da igreja.

No tempo da sua estada neste campo, o Pastor Lúcio tem batizado 486 pessoas. Existem ali 8 igrejas com vários pontos de pregação. Com tôdas estas igrejas e pontos de pregação tem trabalhado muito o incansável irmão João Alves de Almeida.

Uma das atividades dêste campo durante êstes anos foi a construção de casas de culto. Era plano do irmão Deter construir uma casa de culto e casa pastoral para cada igreja. No ano de 1925, contava-se com 13 novos templos construídos. Seis dêstes prédios foram conseguidos por intermédio de empréstimos da Junta Patrimonial; os outros foram construídos pelas próprias igrejas. A Junta de Richmond concorreu com US$5.000,00 para comprar terreno para a igreja em Curitiba. Êsses 13 templos foram valorizados a US$40.000,00 (quarenta mil dólares).

Em três casos, os pastôres ficaram recebendo ordenado das próprias igrejas para que os fundos da Junta de Richmond ajudassem a pagar a construção de seus respectivos templos. O dinheiro que veio da Junta de Richmond para evangelização foi todo empregado na evangelização mesma. O dinheiro que foi recebido para aluguéis foi todo empregado em pagar as prestações da Junta Patrimonial. Os pastôres alegraram-se com esta iniciativa, porque sempre foi com agrado que êles aceitaram a viver junto à pobreza de suas igrejas. O trabalho de evangelização nunca foi negligenciado, porque foram batizadas cêrca de 3.500 pessoas nestes 20 anos.

A Igreja de Ponta Grossa ocupa um lugar estratégico no campo. A necessidade de uma casa própria para os cultos tornou-se urgente. A igreja, sendo uma das mais novas, não podia arcar com um empréstimo da Junta Patrimonial, porque tinha de pagar o ordenado do seu pastor e foi necessário reformar a propriedade para servir bem aos fins do trabalho. Esta reforma custou mais do que Cr$ 15.000,00. No intervalo da compra e pagamento da dívida à Junta Patrimonial, a igreja acrescentou um terreno à propriedade, no valor de Cr$ 10.000,00, sendo a sua contribuição mais de Cr$ 25.000,00 e o ordenado do seu pastor. Nunca houve anormalidade entre as relações da igreja com a Junta, mais do que existia no caso de outras igrejas no sul do Brasil, cujos empréstimos da J. Patrimonial foram pagos pelo dinheiro de aluguéis vindo de fora. Apesar de pagarmos muitos juros, o empréstimo foi vantajoso porque pagamos menos juros do que teríamos pago em aluguéis durante o prazo de cêrca de 10 anos em que pagamos juros.

Estas iniciativas sempre geram grandes entusiasmos e por isso o trabalho, especialmente do Paraná, atravessou anos de admirável progresso e animação. Curitiba constituíra-se o centro

coordenador de evangelismo, servindo mesmo Djalma por algum tempo de secretário correspondente. Institutos bíblicos, séries de conferências e mil outras coisas despertavam o povo para Deus. Se não fôra o caldeamento de raças e o natural indiferentismo do povo, muito mais teria sido feito porque era boa a direção e grande o entusiasmo.

Não seja esquecido o casal Deter nesta agressiva atividade. Não sòmente êle fazia a sua parte, mas estimulava e ajudava com a sua palavra os outros obreiros.

Cada ano novas igrejas. Em 1928, já havia 24 com 1.197 membros e um grande número de pontos de pregação. Um bom colégio um pequeno jornal local e outras atividades próprias de um campo em progresso.

A 1ª Igreja de Curitiba chamou o Pastor João Emílio Henc, que construía nos firmes alicerces do irmão Djalma de tal maneira que a Escola Dominical duplicou em freqüência e uma nova igreja foi organizada pela 1ª Igreja, a qual se acha em Cajurú, um dos bairros de Curitiba. Na ocasião da saída do Pastor Manoel Valentim do pastorado da Igreja de Paranaguá, o irmão Deter foi chamado.

Convenção Interestadual. Depois da organização da Convenção Interestadual, efetuando assim a mais íntima cooperação entre tôdas as fôrças do Campo, o trabalho tem crescido constantemente cada ano, sem recuar por causa de grande ou pequeno número de obreiros, porque 85% da pregação tem sido feito por leigos que não mudam. Começando com 25 batismos, em 1918, houve quase 300 batismos em um ano. Desde o comêço de 1919, houve muito mais do que três mil batismos neste Campo. Nos últimos anos, as 9 igrejas de Santa Catarina e as 8 do sul de São Paulo mandavam as suas contribuições e o seu apoio ao trabalho comum da Convenção Interestadual, havendo 3 pastôres no sul de São Paulo e de 3 a 4 no Estado de Santa Catarina. O missionário, se bem que encanecido, continuava a dar as últimas reservas da sua personalidade ao trabalho, viajando em tôdas as direções; e Djalma, ora como secretário do Campo, ora na qualidade de pastor, também viajava, às vêzes, e sempre era uma rocha de fôrça para o irmão Deter e os outros obreiros.

Outras atividades. O colégio começado pelo irmão Berry, com a sua mudança para o Rio de Janeiro, continuou sendo dirigido com eficiência pelo irmão Luiz Roslindo e D. Sofia, sua senhora, por alguns anos até que a Junta de Richmond retirou os fundos para o aluguel da casa em que funcionava o colégio; e, mesmo depois, foi dirigido, em escala menor, pela irmã Rubinita de Souza. Acabou por falta de dinheiro e pessoa idônea para dirigi-lo.

"O Batista" era o viajante de animação entre as igrejas.

Em 1935, houve uma grande atividade no Campo, na evangelização, sendo batizado um número maior do que em muitos outros anos, sendo o total de 191. Havia, em comunhão com as 33 igrejas, cêrca de dois mil membros. Três novas igrejas foram organizadas durante o ano. Êstes resultados foram, em grande parte, devidos às atividades do abnegado e eficiente secretario-correspondente do Campo, Carlos Stroberg, e a mais íntima cooperação de todos os pastôres e evangelistas.

O trabalho no sul de São Paulo foi especialmente abençoado. O velho amigo e irmão metodista em Xiririca, engenheiro Charles Giddings, ofereceu 2.500 alqueires de terra para a construção de um hospital em honra de sua espôsa; oferta esta que, por ser impraticável o projeto, não foi aceita.

Êste ano de 1935 foi destacado também na história do nosso Campo pela vinda do Dr. A. Ben Oliver e sua senhora para fixar residência em Curitiba e começar as suas gloriosas atividades no Campo da Convenção Interestadual.

Trabalho entre as senhoras. Em 1919, havia duas sociedades de senhoras no Campo com cêrca de 30 sócias. D. Luíza Mattheus, que durante 20 anos trabalhou sem receber um vintém de remuneração, foi incansável no serviço das escolas populares e das sociedades de senhoras em todo o Campo. Não há quase uma igreja ou congregação que não tenha visitado. Andou por anos, ao sol, debaixo de chuvas, viajando a cavalo, em canoas, lanchas e a pé. Uma vez ficou dois anos em uma viagem no Campo do sul de São Paulo. Ela aumentou o número de sociedades de senhoras de duas para vinte e uma, de umas 30 sócias para 409. D. Luíza foi sempre apoiada e secundada por um número crescente de senhoras, como D. Grizelda Stroberg, D. Janete Cunha, D. Aga Henck, D. May Deter, D. Isabel Camargo, D. Sofia Roslind, D. Edith Oliver e muitas outras senhoras abnegadas. (3)

2. MATO GROSSO

Em setembro de 1925, o missionário Sherwood retirou-se para os Estados Unidos em gôzo de férias, deixando as igrejas ao cuidado dos seus membros fiéis, não havendo nenhum pastor no estado.

Logo após a volta do missionário, em princípios de 1927, conseguiu-se dois pastôres; Américo de Araújo para a igreja em Corumbá, e João Gregório Urbieta para Três Lagoas.

(3) Publicamos o histórico que nos foi enviado do Campo, como fizemos no período anterior.

Êste último dirigira o trabalho em Três Lagoas durante, talvez, dois anos e a igreja, crendo que êle fôra chamado por Deus para o ministério, pediu a sua consagração. Êle continuou o seu fiel pastorado até 1937, quando se mudou para o Estado de São Paulo.

Em 1924, Vitor Gutirrez morador em Camapuã foi batizado. Logo visitou a sua família em Coxim, levando as boas novas para o seu povo. O resultado foi a organização de uma igreja, em 12 de outubro de 1927.

Em 1931, o missionário retirou-se para os Estados Unidos, deixando o Pastor Severino de Araújo em Corumbá, João Urbieta em Três Lagoas, Augusto de Melo em Ponta Porã, Lindolfo de Arruda em Aquidauana e Egídio Gióia em Campo Grande. Os três últimos tinham ido há pouco para Mato Grosso.

Logo os pastôres Araújo e Arruda mudaram-se para o Estado de São Paulo, e o irmão Orestes Cardoso veio para a Igreja de Corumbá, onde serviu até outubro de 1936, quando transferiu-se para Ponta Porã.

O missionário foi retido nos Estados Unidos até o princípio de 1934, devido à crise financeira da Junta de Richmond. No princípio de 1935, o Pastor Egídio Gióia retirou-se para o Rio, tendo feito um bom trabalho na Igreja de Campo Grande.

Em 1935, uma igreja evangélica em Bela Vista, fundada pela "South American Inland Mission" ingressou na denominação batista. O irmão Fausto Vasconcelos continua como o pastor.

Logo depois, a Igreja de Três Barras, fundada pela mesma Missão, com membros de Bela Vista, seguiu o exemplo da igreja-mãe, unindo-se com os batistas. O mesmo irmão Fausto é o seu pastor. Com a vinda destas duas igrejas, os batistas receberam bons elementos para a evangelização do estado. Um dêstes é o atual dirigente das igrejas: de Aquidauana, Miranda e Altino Vasconcelos.

O trabalho batista até o presente é limitado ao sul do estado, onde temos igrejas ou congregações em quase todos os centros. As distâncias são grandes e a população espalhada. Êste fato, com a falta de obreiros, explica em parte porque o estado não tem mais igrejas.

O norte do estado nos convida e gostaríamos de ter obreiros para entrarmos.

É cedo para escrever a história dum trabalho que esperamos ver conquistar o estado todo, de norte a sul.

3. RIO G. DO SUL

Os leitores devem recordar-se das dificuldades dêste Campo nos anos passados, nascidas das diferentes raças batistas e das

criadas entre os próprios obreiros. O trabalho desenvolveu-se não obstante isso, mas parece-nos que a melhor época veio realmente depois de 1925. Os mal-entendidos entre os missionários amorteceram e alguns brasileiros hábeis impuseram-se à consideração dos irmãos de modo que a Convenção Batista local, que tinha, por muitas vêzes, sido um foco de dificuldades, tem sido, nos últimos anos, de animação e paz.

Os batistas alemães continuam o seu trabalho em separado com as suas próprias organizações, mas em sentido muito amistoso com os irmãos brasileiros, a não ser em um ou outro caso.

Por muitos anos Dunstan lutou sòzinho; depois vieram Petigrew, Duggar e Smith. Pettigrew envelheceu cedo e, em 1933, foi retirado para seu país; Duggar também não demorou muito. Só Smith ficou por algum tempo mais, encontrando-se ainda à frente do Colégio em 1935.

Em 1926, apenas 11 igrejas eram registradas no Campo e o número de batismos foi de 33, havendo um total de 571 batistas brasileiros no estado. Pode ver-se que o trabalho não se tinha desenvolvido como nos outros Campos. Dêste ano em diante foram melhorando muito as condições, do ponto de vista evangelístico, surgindo novas igrejas de ano em ano. Em 1927, foram organizadas quatro e o número de batismos subiu a 79.

Em 1929, encontrava-se em Pôrto Alegre o veterano Dr. Bagby, que se mudara de S. Paulo, seu velho Campo de trabalho. Se bem que cansado, ainda podia contribuir com a sua parcela de animação para o melhoramento do trabalho.

Em 1931, Dunstan encontrava-se em Pelotas, onde tinha aberto um nôvo trabalho, fundado um pequeno colégio e arregimentado 4 igrejas das 17 que faziam parte da Convenção do estado. Com esta mudança, criaram-se dois campos no estado; Pôrto Alegre e Pelotas eram os centros. Harley Smith, não sòmente dirigia o colégio em Pôrto Alegre, mas superintendia o trabalho geral em cooperação com os obreiros nacionais. A nova situação desafogou um tanto o trabalho e começou uma nova era.

A 1ª Igreja de Pôrto Alegre foi feliz na escolha de um pastor que lhe dedicasse a maior parte do tempo. Outras também tinham conseguido pastôres entre os quais Davi Carvalho Moura, Orestes de Andrade, Paulo Mancha, Dr. Pedro Tarsier e outros. Com êstes novos obreiros, era justo que se processasse nova mentalidade e nova inteligência no trabalho cooperativo.

Especialmente entre os imigrantes, fazia-se bom trabalho por intermédio da Junta de M. Nacionais com o concurso de Pedro Tarsier, seu representante.

Em 1932, já o número de igrejas tinha crescido a 18, enquanto 25 outras, compostas de alemães e outras raças, também trabalhavam para evangelizar o estado. É um fato que estas misturas raciais criam sérios problemas ao trabalho, especialmente pelas inclinações de cada uma delas, não sendo fácil unir estas fôrças num sentido comum. Além de não ser fácil a união, é muito fácil a discórdia. Por outro lado, o elemento católico nem estava senhor da situação. Eram, pois, três grupos religiosos, nem sempre amistosos, que disputavam o domínio das almas.

Consideramos o trabalho do Rio G. do Sul em estado de incipiência; não atingiu a maturidade como na maioria dos outros Campos. Isso, devido a ter começado tarde (1911), e não ter contado com elementos suficientes logo no princípio, de maneira a darem-lhe o feitio definido que receberam outros trabalhos. Todavia, parece-nos, à distância como estamos, que o futuro é mais promissor agora que em qualquer outro tempo. Cremos que a inteligência môça dos seus atuais líderes pode já garantir êsse futuro.

Convenção Batista. A vida da Convenção Batista Rio Grandense não tem sido das mais felizes. Aliás, por infelicidade, foi êste o signo do trabalho por alguns anos. Algumas dificuldades já mencionadas atrapalharam a marcha do espírito cooperativo, gastando-se muito tempo em esforços em coisas mais humanas que evangélicas. Depois de 1933 as condições melhoraram muito, entrando a dominar uma melhor inteligência no trabalho cooperativo. O casal Smith conseguiu harmonizar os vários obreiros e com êles traçar um grande programa. Cremos que nos próximos anos o trabalho melhorará muito.

Colégio Batista. Não temos incluído o Colégio de Pôrto Alegre entre as instituições batistas. Sua recente (1936) fundação e vida incerta nos levaram a deixá-lo para estas notas. A compra da propriedade acarretou sérios embaraços aos missionários que arcaram pessoalmente com a responsabilidade dos mesmos empréstimos. O tempo das grandes aquisições tinha passado, e qualquer coisa que se tentasse nesse sentido era de caráter precário, quanto aos recursos. Parece que depois da sua volta das férias, em 1934, a situação melhorou, não podendo-se dizer em que pé está. [4]

---

(4) Tempos depois a Junta de Richmond aliviou a situação, apropriando a verba para liqüidar a dívida resultante da compra.

CAPÍTULO XXXIII

RESUMO GERAL

CRESCIMENTO GERAL
1907-1935

O crescimento do trabalho batista no Brasil durante os anos de 1907-1935 só pode ser visto quando comparados os dois extremos. Tão maravilhoso tem sido o seu desenvolvimento, que só os algarismos nos poderão dar uma noção mais ou menos perfeita do conjunto.

A estatística incompleta, dada à Convenção em 1907, complementada com informações colhidas noutras fontes, dava o seguinte:

Número de membros	4.201
Igrejas	83
Pastôres e missionários	50
Templos	29
Valor das propriedades (em 1908)	Cr$ 229.220,00
Sociedades de Senhoras	0
U.M.Bs.	5
Pontos de Pregação	87
Sociedades de Homens	0
Sociedades de Môças	0
Escolas Dominicais	70
Média das contribuições anuais	Cr$ 46.365,40
Colégios	2

Nota: Os algarismos dados são o máximo que se poderia dar para os vários itens. Para alguns pontos não pudemos obter qualquer informação. Cremos mesmo que alguns dêstes trabalhos não existiam.

Em 1935, segundo a Estatística dada à Convenção no Recife, em 1936, temos o seguinte movimento:

Membros de igrejas	43.306
Igrejas	539
Pastôres e missionários	250
Evangelistas	78
Templos	315
Valor das propriedades	Cr$ 9.121.341,20
Sociedades de Senhoras	352

U.M.Bs.	215
Pontos de pregação	1.178
Sociedades de Homens	59
Sociedades de Môças	96
Escolas Dominicais	759
Colégios	10
E.P.B.	143

Dêstes algarismos depreende-se que o crescimento em 28 anos foi de 500%. A proporção foi de 1 igreja para 6½, isto é, cada igreja aumentou para mais de 6 outras igrejas. O número de membros subiu de 4.201 para mais de 43.306, ou seja um aumento de mais de 1 para 10. Foi maior a proporção de membros de igrejas que de igrejas mesmo.

Continuando a crescer nesta progressão, teremos, daqui a 28 anos, 500.000 batistas e 3.000 igrejas. Talvez não seja demais pensarmos em 5.000 igrejas e 1.000.000 de batistas, de vez que os elementos de progresso são muito maiores agora que há 28 anos passados (1936).

CRESCIMENTO POR PERÍODOS

O crescimento por período não foi de molde a desencorajar êstes prognósticos.

De 1907-1910 passamos de 83 igrejas e 4.201 membros a 110 igrejas e 7.004 membros.

De 1911-1924 passamos de 110 igrejas para 324, e de 7.004 membros para 27.000. (1)

De 1925-1935 crescemos de 324 igrejas para 539. Daí se pode ver que o crescimento vem acentuando-se de ano em ano. Tirando a média dêste crescimento anual, teremos, daqui a 28 anos, o número de igrejas e membros previsto acima e certamente ultrapassado.

CRESCIMENTO POR CAMPOS

Campo Amazonas: Incluindo o norte até o Ceará. Em 1907: havia 5 igrejas e 402 membros.
1935: 51 igrejas e 1.606 membros.

Campo Pernambucano: Incluindo os Estados do Rio G. do Norte até Sergipe.
1907: igrejas 16, membros, 1.006
1935: igrejas 86, membros 5.255

Campo Baiano: 1907: igrejas 24, membros 1.605
1934: igrejas 54, membros 4.014

---

(1) Êstes algarismos são aproximativos, visto que a estatística dêste ano foi omissa neste ponto.

Campo Vitoriense:	1907: igrejas 6, membros	400
	1935: igrejas 59, membros	6.785
Campo Fluminense:	1907: igrejas 11, membros	955
	1935: igrejas 101, membros	16.716
O então Distrito Federal:	1907: igrejas 8, membros	365
	1935: igrejas 30, membros	3.557
S. Paulo:	1907: igrejas 7, membros	325
	1935: igrejas 62, membros	5.534

Nos Estados do Sul:

Minas-Goiás:	1907: não havia trabalho. (2)	
	1935: igrejas 32, membros	1.850
Mato Grosso:	1907: não havia trabalho. (2)	
	1935: igrejas 10, membros	363
Paraná-Sta. Catarina:	1907: não havia trabalho. (2)	
	1935: igrejas 33, membros	2.097
Rio G. do Sul:	1907: não havia trabalho. (2)	
	1935: igrejas 20, membros	933

Por êstes dados, verifica-se que os estados em que o progresso foi maior, foram o E. do Rio, que passou de 11 igrejas e 955 membros, para 101 igrejas e 16.716 membros; S. Paulo que passou de 7 igrejas para 62 e 325 membros para 5.534; E. Santo que passou de 6 igrejas para 59, e de 400 membros para 6.785. Depois vem Pernambuco e os estados que estavam incluídos no Campo que passou de 16 igrejas para 86 e de 1.006 membros para 5.255. Bahia também se desenvolveu bastante, ainda que muitas igrejas não aparecem nestes dados por não cooperarem com a Convenção Batista Brasileira. De 24 igrejas passou a 54 e de 1.605 crentes para 4.014 crentes. (3)

O Campo Amazonense, com os estados que o compunham, cresceu, se bem que não tanto como alguns outros, isso devido às enormes regiões a percorrer e os poucos obreiros que sempre teve. Passou de 5 igrejas para 51 e de 402 membros para 1.606.

Todo o trabalho cooperativo nasceu e se desenvolveu durante os anos desta segunda parte. Além dos colégios de S. Paulo, Bahia e Pernambuco, bem pequenos naquele tempo, nada mais tínhamos. Depois surgiram colégios em quase todos os

---

(2) O Estado de Minas tinha algumas igrejas, mas como não havia trabalho organizado no estado, estas igrejas estavam filiadas à organização da Missão Campista e Vitoriense. No Paraná e Santa Catarina havia trabalho entre os letos de Santa Catarina. No Rio G. do Sul havia batistas alemães e uns quantos brasileiros, mas não havia pregador batista brasileiro nem igreja de brasileiros.

(3) Tudo isto por volta de 1936.

Campos. O número de alunos em todos os colégios era, em 1907, de 150. Em 1935, êste número subia de 2.600 alunos.

Não tínhamos nenhum pastor preparado; presentemente temos mais de 150 pastôres saídos de nossos colégios e seminários.

O trabalho de Missões Nacionais e Estrangeiras, nascido também em 1907, representa um elevado coeficiente nas atividades gerais. As contribuições do primeiro ano de trabalhos missionários foram de Cr$ 1.988,10; em 1935, subiram a Cr$ 91.838,30.

PROGRESSO MATERIAL

Não podemos olvidar o nosso progresso material. Em 1907, não possuíamos mais que Cr$ 229.220,00 de propriedades pertencentes a igrejas. Em 1935, possuíamos Cr$ 9.658.008,00.

Em propriedades denominacionais, não tínhamos nada. Os colégios, salvo o da Bahia, estavam situados em casas alugadas. Não tínhamos um palmo de terra no Rio e nem mesmo qualquer instituição além da pequena Casa Editôra. Não possuíamos nada em Pernambuco, S. Paulo, Minas e outros estados, onde agora possuímos milhares de cruzeiros de imóveis. Em 28 anos compramos as propriedades do Rio, as de Pernambuco, Minas, S. Paulo, Alagoas, R. G. do Sul e Campos. Ao todo, possuíam os batistas em 1935, a considerável soma em imóveis denominacionais de Cr$ 10.077.000,30 e as propriedades das igrejas subiam a Cr$ 9.658.008,00.

CAMPOS NOVOS

Os estados do Sergipe, Paraíba, Rio G. do Norte, Ceará, e Maranhão, ao norte, e os de Mato Grosso, Goiás, Paraná, Sta. Catarina e R. G. do Sul, ao sul, não tinham trabalho organizado e nem mesmo qualquer igreja. Em todos êles há agora futurosos campos com regular número de igrejas.

Se em 28 anos pudemos entrar em todos êstes estados e estabelecer o trabalho, ao mesmo tempo que os campos existentes naquela época se desenvolveram do modo que sabemos, podemos esperar coisas muito maiores no futuro, com os alicerces que temos presentemente.

CAPÍTULO XXXIV

APÊNDICE

Das notas que aí ficam registradas, ressalta à primeira vista o admirável progresso feito pelos batistas através dos últimos anos. Dêste progresso resultaram as Bases de Cooperação votadas pela Convenção Batista Brasileira, em 1926, de acôrdo com a Junta de Richmond, pela pessoa ilustre de seu Secretário Executivo, o Dr. J. F. Love. Estas Bases, conquanto admiráveis, satisfaziam a uma época e a um limitado período de tempo. Disso resultou que, em 1935, nomeava a Convenção Batista Brasileira uma comissão para se entrevistar com o Secretário da Junta de Richmond, Dr. Charles E. Maddry, e com êle estudar outra base de cooperação entre a mesma Convenção e a Junta de Richmond. Dêsse entendimento resultou o que se convencionou chamar de NOVAS BASES DE COOPERAÇÃO que, *data venia,* transcrevemos abaixo, juntamente com a reforma dos Estatutos da Convenção Batista Brasileira para que se ajustassem à nova situação.

NOVAS BASES DE COOPERAÇÃO

Relatório da Comissão nomeada em 1935 *para estudar as novas bases de cooperação, apresentado à Convenção Batista Brasileira reunida no Recife, em* 1936.

Prezados irmãos em Cristo:

A Comissão que elegestes na Assembléia Anual de 1935, para recepcionar o Exmo. Sr. Dr. Charles E. Maddry, D.D. Secretário-Executivo da Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos da América do Norte, e entender-se com o mesmo sôbre a reforma das bases de cooperação entre esta Convenção e aquela Junta, tem a honra de submeter à vossa esclarecida apreciação o relatório do seu trabalho.

Apraz-me informar-vos que não poupamos esforços no exame minucioso dos problemas da Denominação Batista no Brasil, contando para tanto com a direção do Espírito Santo de Deus, sempre invocado fervorosamente, nas nossas várias reuniões.

Releva assinalar, também, que os nossos irmãos da missão do sul, interessados na solução satisfatória do problema, acompanharam nossos estudos sôbre o assunto, fazendo-se representar, em algumas reuniões, por uma comissão composta dos irmãos: Drs. A. B. Cristie, A. R. Crabtree, W. E. Allen e H. H. Muirhead, ficando destarte, inteirados dos nossos nobres propósitos e dos motivos porque adotamos os pontos que vos propomos para modificação das supracitadas bases de cooperação em vigor.

Já em setembro do ano p.p., a Comissão, tendo firmado os pontos principais dêste relatório, levara-os ao conhecimento do Exmo. Snr. Dr. Maddry, então na América do Norte, dando conhecimento à Denominação, por intermédio das colunas do «O Jornal Batista», de 18 de setembro de 1935.

Ciente de que o Dr. Charles E. Maddry só estaria no Brasil em junho dêste ano, a Comissão solicitou à mesa da Convenção Batista Brasileira se dignasse consultar as juntas da mesma Convenção sôbre a conveniência do adiamento da Assembléia de 1936, de janeiro para esta data, reconhecendo a grande significação da presença do Dr. Maddry, para os seus trabalhos.

Convocadas as quatro Juntas Gerais a se pronunciarem sôbre o assunto, julgaram elas procedentes as razões apresentadas, para votarem pelo adiamento sugerido nos têrmos do art. 13, parágrafos 1º e 3º dos Estatutos desta Convenção em vigor, conforme é do vosso conhecimento.

A Comissão cumpriu o seu dever, adotando as medidas necessárias para proporcionar uma recepção condigna ao ilustre Dr. Charles E. Maddry, chegado ao Rio, com sua comitiva no dia 4 do corrente. Foi recebê-lo a bordo do «American Legion» uma Comissão composta dos irmãos pastôres: J. Souza Marques, Presidente da Convenção Batista Brasileira e da Comissão Especial; Manoel Avelino de Souza e Antônio N. Mesquita, também da Comissão Especial; e o irmão diácono Leopoldo Feitosa. Grande número de irmãos, representando as igrejas do então D. Federal e Niterói; os corpos docente e discente do Colégio e Seminário Batista; Diretores e membros das diversas instituições; pastôres das várias igrejas do então Distrito Federal e Estado do Rio e muitas outras pessoas de nossa sociedade aguardavam, no cais, a chegada do ilustre visitante e sua comitiva. Formou-se, após os cumprimentos de boas-vindas, um grande cortêjo de numerosos automóveis, que os acompanhou à sede do Colégio Batista, havendo uma ligeira parada à frente do templo da Primeira Igreja Batista, onde foram saudados por uma comissão da referida igreja.

Aos dez dias dêste mês, às 10 horas da manhã, com audiência prèviamente marcada, foi a Comissão incorporada recebida pelo Dr. Maddry, na residência do Diretor do Colégio Batista, onde se encontrava o mesmo hospedado, para desempenho da tarefa que lhe cometestes. Declinando o Dr. Maddry de presidir a reunião, o presidente da Comissão, depois de pedir ao Dr. W. C. Taylor para dirigir uma prece a Deus, fêz ao Dr. Maddry uma exposição de motivos sôbre as providências consubstanciadas nos itens que a Comissão vinha submeter à sua apreciação. Terminando o Presidente, faz uso da palavra o Dr. Maddry, que, com singular elevação moral e espiritual, desenvolve apreciáveis considerações favoráveis a cada um dos artigos apresentados pela Comissão, para concluir com a sua palavra de franca aprovação a todos êles, por julgá-los justos, acertados e necessários ao desenvolvimento do Trabalho Batista no Brasil. Ainda fala o Presidente, manifestando o seu contentamento pela atitude fraternal, independente e superior com que o Dr. Maddry acabava de se pronunciar sôbre o apoio que a Junta de Richmond, por seu intermédio, empresta aos batistas do Brasil. Seguiram-se com a palavra outros membros da Comissão que se exterminavam de modo semelhante. O presidente confia, então, ao Dr. Taylor, que atuara como intérprete, o encerramento da reunião, o que se verifica, em seguida, depois de algumas palavras dêste irmão e do Dr. Scarborough, com oração pelo Presidente Souza Marques.

Firmados os princípios da reforma das bases de cooperação, em plena harmonia entre o ponto de vista da Comissão e do Dr. Maddry, resolveu aquela ratificar as suas deliberações anteriores, resumindo-as nas

conclusões, que aqui submete à aprovação desta ilustre Assembléia, como segue:

1º) — CONSTITUIÇÃO DAS JUNTAS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Considerando que o critério adotado na constituição das Juntas desta Convenção, que estabelece percentagem de brasileiros e missionários, tem motivado sérios embaraços ao desenvolvimento do Trabalho Batista no Brasil, que exige maior fraternidade, ao lado de leal entendimento e cordial cooperação; considerando que os membros das Juntas devem ser escolhidos democràticamente pela Convenção, devendo os preconceitos de raça ceder lugar às virtudes dos caracteres verdadeiramente cristãos; considerando que o critério para a escolha dos membros das Juntas desta Convenção deve consultar o preparo dos seus componentes para as especialidades a que cada uma se destina; **a Comissão propõe que seja eliminada, doravante a percentagem entre missionários e brasileiros, na constituição das Juntas da Convenção Batista Brasileira; ficando automàticamente dissolvidas as Juntas atuais, a fim de que sejam eleitas as novas, na base da presente resolução.**

2º) — AUTONOMIA DOS SEMINÁRIOS

Considerando a relevante missão destinada aos nossos seminários de preparar um ministério idôneo, para a evangelização do Brasil; considerando que o grande desenvolvimento da cultura brasileira exige que os nossos pastôres tenham um preparo muito sólido, de modo a colocá-los à altura de sua nobre missão, no seio da sociedade brasileira; considerando que os seminários, como faculdades superiores de nossa denominação, perdem muito do seu merecimento pela sua situação de dependência dos colégios a que se acham anexados; considerando as grandes vantagens, para o aprimoramento do trabalho das próprias faculdades com o ensêjo que se lhes oferece e aos professôres de realizarem trabalhos mais eficientes dentro de suas especialidades; considerando o bem que trará para o confôrto moral, espiritual, dos próprios seminaristas a separação dos seminários dos colégios; considerando que os nossos seminários constituem, depois das nossas igrejas, as instituições mais importantes dos batistas no Brasil; **a Comissão propõe que sejam separados os seminários dos colégios, devendo ser constituídas, pela Convenção, Juntas e Diretorias próprias, para administrá-los.**

Esta separação não significa, de modo algum, quebra das relações de amizade e cooperação que deve haver entre os seminários e os colégios e os respectivos diretores; pois ambas as instituições pertencem à Convenção.

3º) — DIREITOS DE PROPRIEDADES

Considerando, finalmente, o espírito louvável da Junta de Richmond de ver usados, para os fins de servirem à causa de Deus, as propriedades que fêz construir em nosso país; e atendendo a que, conforme consignam as bases que se vão reformar e as declarações do Dr. Maddry, a Junta de Richmond não espera qualquer vantagem das suas propriedades, no Brasil, além de vê-las usadas para o serviço do Mestre, na educação e evangelização dos brasileiros. **A Comissão julga-se no dever de declarar, para que esta Convenção possa ratificar, que as alterações porque o trabalho batista no Brasil vai passar com as medidas aqui propostas, não modificam a situação relativa aos legítimos direitos de propriedade dos imóveis, ocupadas com as instituições da Convenção Batista Brasileira; direitos êsses, que continuarão, como até agora, com a Junta de Richmond.**

4º) — REFORMA DAS BASES DE COOPERAÇÃO

Propõe ainda a Comissão que seja constituída por esta assembléia uma Comissão representativa das várias atividades denominacionais para estudar, com o Dr. Maddry, a reforma das bases de cooperação, de acôrdo com o que prescrevem os três primeiros artigos das conclusões dêste relatório e dar parecer na sexta sessão desta assembléia, conforme assinala a letra «b» da respectiva ordem do dia.

Julga a Comissão, no seu entender, que êsses são os pontos essenciais e fundamentais para conduzir a Denominação Batista no Brasil em bases sólidas; realizando um trabalho verdadeiramente eficiente; inspirado e dirigido pelo Espírito Santo de Deus e apoiado na verdadeira fraternidade e no amor de Cristo.

O mesmo achou o Exmo. Sr. Dr. Charles E. Maddry, D.D. Secretário-Executivo da Junta de Richmond, que, na qualidade de representante daquela entidade, os aprovou.

Rio de Janeiro, 12 de junho de 1936.

José de Souza Marques, Presidente; **Pedro Gomes de Melo**, Secretário; **José de Miranda Pinto**; **Antônio N. Mesquita**; **Manoel Avelino de Souza**; **João Soren**; **Francisco M. Simas**; **Walfrido Monteiro**.

AS NOVAS BASES COMO FORAM APROVADAS

Prezados irmãos convencionais:

Havendo a vossa Comissão se reunido, depois de invocar as bênçãos de Deus, pedindo-lhe a sabedoria do Divino Espírito Santo e considerando o relatório apresentado a esta Convenção pela «Comissão Especial», constituída pela assembléia de 1935, para se entender com o Dr. Charles E. Maddry, D. D. Secretário-Executivo da Junta de Richmond Va., EE. UU. da América do Norte, quando de sua estada no Brasil, sôbre a reforma das Bases de Cooperação, entre essa Convenção e aquela Junta e de acôrdo com as vossas instruções dadas por voto unânime, na tarde de 23 dêste, após amistoso e fraternal entendimento com o ilustre Secretário, submete-vos o seguinte parecer:

1. Achamos por bem reafirmar o princípio fundamental da autonomia das igrejas, constante das antigas Bases de Cooperação, aprovadas na sexta sessão da décima quarta Convenção Batista Brasileira, realizada no templo da Primeira Igreja Batista, no Rio de Janeiro, no mês de janeiro do ano de 1925;
2. Não obstante haver esta Convenção assumido maiores responsabilidades, firmando o nôvo Pacto, pedimos que continue a franca e eficiente cooperação da Junta de Richmond.
3. Recomendamos no tocante às Juntas do Colégio do Rio e do Colégio do Recife; às Juntas do Seminário do Rio e do Seminário do Recife; à Junta do Colégio «D. Ana Bagby» e bem assim à Junta de Escolas Dominicais e Uniões de Mocidade:
   a) que sejam compostas de 15 (quinze membros cada uma, eleitos pela Convenção, sem distinção de nacionalidade, não podendo fazer parte de qualquer destas juntas as pessoas que trabalham sob a direção das mesmas.
   b) que estas Juntas sejam constituídas dos elementos mais representativos possíveis no território servido por elas.
   c) que sejam incluídas duas senhoras nas Juntas dos colégios.
   d) que seja escolhido o número suficiente de membros locais para formar **quorum** com que deve funcionar cada junta.

e) que cada junta tenha anualmente uma reunião geral para elaboração dos seus orçamentos, eleições e os demais interêsses a elas afetos.

4. As Juntas dos colégios e dos seminários elegerão os seus diretores e professôres, fixando os seus ordenados.
5. As funções de diretor dos educandários, serão ocupadas por qualquer batista competente e de conhecida cultura, sem distinção de nacionalidade.
6. Os princípios aqui empregados a respeito das juntas dos colégios e seminários são extensivos em tôda a sua aplicação à Junta de Escolas Dominicais e Mocidade, devendo «ipso fato» proceder-se à reforma dos seus respectivos estatutos.
7. A Comissão declara que o ideal é que as escolas de treinamento de môças venham a ficar sob a direção das juntas dos seminários, continuando, entretanto, como estão, isto é, sob a direção dos colégios, até que se torne viável êste ideal.
8. Recomendamos mais, que seja eleita sob a indicação da Comissão de Renovação de Juntas, uma Comissão Executiva da Convenção Batista Brasileira, composta de 11 (onze) membros, para se entender com as Missões Batistas do norte e do sul do Brasil, apresentando-lhes os pedidos que devem ser enviados à Junta de Richmond, no tocante à vinda de novos missionários, sendo declarados nestes pedidos o lugar e o trabalho para os quais deverão ser destinados, podendo esta mesma Comissão Executiva, encarregar-se de quaisquer outros negócios que a Convenção lhe queira entregar.
9. Êste Convênio durará pelo tempo de 10 (dez) anos.

Respeitosamente:

Djalma Cunha, Orlando R. Falcão, Manoel Avelino de Souza, Antônio N. de Mesquita, Erodice Fontes de Queirós, Higino Teixeira de Souza, João Emílio Henck, J. Daniel do Nascimento, Elias P. Ramalho, João Norberto da Silva, Carlos Dubois, Alberto Augusto, H. H. Muirhead, A. J. Terry, João F. Soren, Charles E. Maddry, W. C. Taylor.

Da Ata VII lê-se: «Lido por duas vêzes o parecer citado, foi o mesmo unânimemente aceito pela Convenção conforme fôra redigida.»

Em virtude da aceitação do parecer sôbre as novas bases de cooperação foi votada unânimemente a alteração dos Estatutos, ficando o artigo quinto (5º) assim redigido:

Art. 5º — A Convenção elegerá as seguintes Juntas: Missões Estrangeiras, Missões Nacionais, Escolas Dominicais e Mocidade, Colégio Batista do Rio, Colégio Americano Batista do Recife, Colégio Batista Brasileiro «D. Anna Bagby», de São Paulo, Seminário Batista do Rio, Faculdade Teológica do Norte, Junta de Beneficência Batista e tantas outras quantas forem consideradas necessárias ao seu trabalho e elegerá a comissão executiva.

§ 1º — «A Convenção, para boa ordem dos seus trabalhos, poderá nomear para as juntas irmãos ausentes, não podendo uma pessoa fazer parte simultâneamente de mais de duas juntas.

§ 11º — Cada junta fixará o salário de seus empregados, não podendo qualquer pessoa que trabalhe sob a direção da Junta fazer parte da mesma.

§ 12º — (nôvo parágrafo) — A Comissão Executiva, cuja sede será no Rio de Janeiro, será composta de 11 pessoas e terá por fim encaminhar à Junta de Richmond, por intermédio das missões do norte e do sul do Brasil, qualquer pedido de novos missionários, com a declaração da sua especialidade e lugar onde devem ser localizados, bem como dar andamento a quaisquer resoluções da Convenção. Esta Comissão elaborará o seu Regimento Interno.